

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

LILIANE DUTRA BRIGNOL

**MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS E USOS SOCIAIS DA INTERNET:
IDENTIDADES E CIDADANIA NA DIÁSPORA LATINO-AMERICANA**

SÃO LEOPOLDO

2010

LILIANE DUTRA BRIGNOL

**MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS E USOS SOCIAIS DA INTERNET:
IDENTIDADES E CIDADANIA NA DIÁSPORA LATINO-AMERICANA**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Cogo

SÃO LEOPOLDO

2010

LILIANE DUTRA BRIGNOL

**MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS E USOS SOCIAIS DA INTERNET:
IDENTIDADES E CIDADANIA NA DIÁSPORA LATINO-AMERICANA**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Cogo

Aprovado em 23 de fevereiro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mohammed Elhajji (UFRJ)

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho (UFC/ UECE)

Profa. Dra. Suely Dadalti Fragoso (Unisinos)

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado (Unisinos)

Profa. Dra. Denise Cogo (Unisinos - orientadora)

Para todos aqueles que atravessam fronteiras e ousam a vida em um lugar diferente do que nasceram. Em especial, aos entrevistados que colaboraram com esta investigação. Que eles possam ser verdadeiros cidadãos de um mundo melhor.

Uma tese é um processo individual, de fazer-se pesquisador, e coletivo, de aprendizado e de troca.

Neste período, agradeço a oportunidade de ter cruzado pelo caminho de colaboradores tão especiais.

Aos colegas e professores do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, especialmente a Efendy Maldonado, Suely Fragoso, Jiani Bonin, Christa Berger, Antonio Fausto Neto, José Luiz Braga e Ronaldo Henn.

À orientadora, Denise Cogo, com quem muito aprendi nestes anos, pelo espírito solidário, pelo incentivo e por mostrar que a pesquisa é sempre construção e cooperação.

À Capes, pelas bolsas que tornaram o processo de doutorado possível.

Aos colegas do grupo de pesquisa Mídia, Cultura e Cidadania.

Ao grupo que integrou o Programa de Cooperação Internacional Brasil-Espanha, tanto na Unisinos quanto na Universidade Autônoma de Barcelona.

Ao professor Nicolás Lorite, orientador no estágio de doutorado sanduíche na UAB, e à equipe do Migracom.

Às professoras Amparo Huertas e Maria Gutiérrez, grandes apoiadoras no período em que estive como pesquisadora visitante na UAB.

Aos colegas e alunos da Unifra, sobretudo a meus orientandos, com quem dividi algumas das inquietações aqui trabalhadas.

Ao Cibai-Migrações e a todas as entidades de migrantes que colaboraram com a pesquisa em Porto Alegre e Barcelona.

Aos professores Adair Caetano Peruzzolo e Veneza Mayora Ronsini, pela iniciação no universo da pesquisa.

“Hay que investigar, no aquello que nos haga ser optimistas, sino aquello que nos dé esperanzas”.

Martín-Barbero

RESUMO

A pesquisa busca compreender as dinâmicas dos usos sociais da internet por migrantes latino-americanos, de maneira a refletir sobre o modo como questões identitárias atravessam usos da rede mundial de computadores, demandando apropriações de seus ambientes comunicacionais e configurando estratégias para o acesso a condições diferenciadas de cidadania. Para isso, são discutidos os conceitos de identidade, cidadania e usos sociais da internet, a partir da aproximação ao cenário múltiplo e complexo da América Latina e da dinâmica das migrações transnacionais contemporâneas. A investigação parte da compreensão de que vivemos em uma sociedade em rede, marcada por uma lógica de interações não-hierárquicas, flexíveis, interdependentes, e organizada pela mediação das tecnologias da informação e da comunicação, o que é estudado, na pesquisa, em relação às especificidades ligadas ao fenômeno migratório. Para a investigação empírica dos usos sociais da internet é construído um percurso metodológico a partir de uma perspectiva etnográfica, que se baseou na combinação de técnicas como observação, análise de ambientes comunicacionais na internet, aplicação de questionários e realização de entrevistas em profundidade de relatos de histórias de vida com 16 entrevistados, oito em Barcelona e oito em Porto Alegre. Os dois cenários, marcados pela presença de migrantes latino-americanos, em uma dinâmica urbana, social, cultural e econômica diversa, são escolhidos pela riqueza das migrações transnacionais e pela possibilidade de explorar múltiplas experiências migratórias. Com a análise, a partir das trajetórias pessoais, vivências identitárias e questões de cidadania implicadas em modos de posicionamento dos migrantes, traçamos um mapeamento das principais apropriações da internet e discutimos sobre sentidos construídos para a internet através de usos relacionados com a experiência da migração. Quatro aspectos centrais são levantados pela pesquisa: a produção e o protagonismo assumido pelos sujeitos na internet, a organização de redes sociais marcadas pela experiência da diáspora, a construção de sentidos para a identidade latino-americana possíveis de serem apreendidos pelos usos da internet e o modo como todos esses movimentos de múltiplas apropriações da internet atuam na construção da cidadania dos migrantes.

Palavras-chave: Internet. Usos sociais. Migrações transnacionais. Identidades. Cidadania. Redes. Diáspora. América Latina.

ABSTRACT

The research aims to understand the dynamics of the social uses of the internet by Latin American migrants, in order to reflect on how identity issues cross uses of the world-wide web, demanding appropriations of their communication environments and setting strategies to access different conditions of citizenship. To do so, the concepts of identity, citizenship and social uses of the internet are discussed, through the approach to the multiple and complex Latin America landscape and to the contemporary transnational migrations dynamics. The investigation stems from the understanding that we live in a networked society, marked by a logic of non-hierarchical, flexible, interdependent, and organized interactions through the mediation of information technology and communication, which are studied in the survey in relation to the specificities of the migration phenomenon. For the empirical investigation of the social uses of the internet, it is made a methodological approach from an ethnographic perspective, which was based on a combination of techniques such as observation, analysis of communicative environments on the internet, questionnaires and in-depth reports on stories of life with 16 respondents, eight in Barcelona and eight in Porto Alegre. The two scenarios, characterized by the presence of Latin American migrants in different urban, social, cultural and economic dynamics, are chosen by the riches of transnational migration and the possibility of exploring multiple migration experiences. Through the analysis of personal stories, identity experiences and citizenship issues involved in migrants ways of thinking, we drew a map of the main appropriations of the internet and discussed the meanings constructed for the internet through uses related to the migration experience. Four core issues are raised by the research: the production and the role assumed by the subjects on the internet, the organization of social networks marked by the experience of diaspora, the construction of meanings for the Latin American identity which can be seized through the internet and how all these movements of multiple appropriations of the internet act in the construction of migrants' citizenship.

Key words: Internet. Social uses. Transnational migrations. Identity. Citizenship. Networks. Diaspora. Latin America.

RESUMEN

La investigación propone comprender las dinámicas de los usos sociales de internet por migrantes latinoamericanos, de manera a reflejar sobre el modo como cuestiones identitarias atraviesan usos de la red mundial de ordenadores, demandan apropiaciones de sus ambientes comunicacionales y configuran estrategias para el acceso a condiciones distintas de ciudadanía. Para tanto, son discutidos los conceptos de identidad, ciudadanía, usos sociales de internet, a partir de la aproximación del escenario múltiple y complejo de las migraciones transnacionales contemporáneas. El estudio parte de la comprensión de que vivimos en una sociedad en red, marcada por una lógica de interacciones no jerárquicas, flexibles, interdependientes, y organizada por la mediación de las tecnologías de la información y comunicación, lo que es estudiado en relación a las especificidades del fenómeno migratorio. Para la investigación empírica de los usos sociales de internet es construida una metodología fundamentada en la perspectiva etnográfica, que combina técnicas como observación, análisis de espacios comunicacionales en internet, cuestionarios e entrevistas en profundidad de historias de vida con 16 entrevistados, ocho en Barcelona y ocho en Porto Alegre. Los dos escenarios, con fuerte presencia de migrantes latinoamericanos y una dinámica urbana, social, cultural y económica diversa, son elegidos por la riqueza de las migraciones transnacionales y por la posibilidad de explotar múltiples experiencias migratorias. Con el análisis, a través de las trayectorias personales, vivencias identitarias y cuestiones de ciudadanía implicadas en modos de posicionamiento de los migrantes, desarrollamos un mapeo de las principales apropiaciones de internet y presentamos sentidos construidos para internet a través de usos relacionados con la experiencia de migración. Cuatro aspectos centrales son apuntados por la investigación: la producción y el protagonismo de los sujetos en internet, la organización de redes sociales marcadas por la experiencia de la diáspora, la construcción de sentidos para la identidad latinoamericana aprehendidos por usos sociales de internet y el modo como todos esos movimientos de múltiples apropiaciones de internet actúan en la construcción de la ciudadanía de los migrantes.

Palabras-clave: Internet. Usos sociales. Migraciones transnacionales. Identidades. Ciudadanía. Redes. Diáspora. Latinoamérica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: Mapa da Espanha por comunidades autônomas	148
ILUSTRAÇÃO 2: Mapa de Barcelona por distritos	149
ILUSTRAÇÃO 3: Fotos de comércios étnicos	153
ILUSTRAÇÃO 4: Fotos de locutórios	154
ILUSTRAÇÃO 5: FotoS da Feira “Vive Latinoamérica!”	156
ILUSTRAÇÃO 6: Foto de um dos locutórios observado	159
ILUSTRAÇÃO 7: Fotos de produtos encontrados em lojas latinas	161
ILUSTRAÇÃO 8: Fotos da loja de roupas brasileiras	162
ILUSTRAÇÃO 9: Fotos de apresentação do grupo Alma Peruana	163
ILUSTRAÇÃO 10: Fotos da <i>Fiesta de la Merced</i>	164
ILUSTRAÇÃO 11: Fotos da festa pelo Dia Internacional do Migrante	165
ILUSTRAÇÃO 12 - Mapa do RS no MERCOSUL	188
ILUSTRAÇÃO 13: Convites para eventos de migrantes	198
ILUSTRAÇÃO 14: Mapa da América Latina com locais de nascimento dos entrevistados.	208
ILUSTRAÇÃO 15 Site Sikuris.cl	327
ILUSTRAÇÃO 16: Perfil de Juan no MySpace.....	328
ILUSTRAÇÃO 17: Vídeo do grupo de danças <i>Saihua</i>	330
ILUSTRAÇÃO 18: Sites dos jornais voltados a migrantes	337
ILUSTRAÇÃO 19: Capa do boletim <i>A Família da Pompéia</i>	339
ILUSTRAÇÃO 20: Blog de Juan	343
ILUSTRAÇÃO 21: Comunidade da <i>Asociación Sociocultural de la Comunidad Dominicana en Cataluña no Facebook</i>	346
ILUSTRAÇÃO 22: Site do Centro Cultural e Social Chileno	347

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: População de Barcelona por distrito	157
TABELA 2: Nacionalidade da população de Barcelona por distritos	158
TABELA 3: Gênero por país de nascimento	166
TABELA 4: Atividade profissional por país de nascimento	167
TABELA 5: Distribuição dos entrevistados por distritos, bairros e cidades	169
TABELA 6: Presença de computador em casa	170
TABELA 7: Presença de internet em casa	171
TABELA 8: Visita a páginas da Espanha e Barcelona	175
TABELA 9: Visita a páginas do país de nascimento	176
TABELA 10: Visita a páginas sobre migrações	177
TABELA 11: Lista de ambientes comunicacionais na internet relacionados com as migrações	179
TABELA 12: Município de Porto Alegre	187
TABELA 13: Presença migratória no RS	190
TABELA 14: Presença de latino-americanos no RS	191
TABELA 15: Apresentação dos entrevistados	205
TABELA 16: Condição de cidadania jurídica dos entrevistados	283
TABELA 17: Local de acesso à internet	289
TABELA 18: Consumo de televisão, rádio e mídia impressa	303
TABELA 19: Usos gerais da internet	310
TABELA 20: Tempo de acesso à internet	312
TABELA 21: Usos de sites do país de nascimento	320

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 LATINO-AMERICANOS PELO MUNDO E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	20
1.1 Contextualização: tecnologias e diásporas entre globalização e hibridismos	20
1.1.1 As migrações transnacionais como contexto desafiador	30
1.1.2 Por que estudar migrações, internet, identidades e cidadania	38
1.2 Os Estudos Culturais como eixo teórico da investigação	41
1.2.1 Como falar de recepção na internet	47
1.2.2 Aproximação aos usos sociais e à perspectiva da cidadania	52
2 USOS SOCIAIS DA INTERNET E CIDADANIA NA SOCIEDADE EM REDE	62
2.1 Da sociedade das mídias para a sociedade em rede	62
2.1.1 Redes sociais, redes migratórias e TICs	66
2.1.2 Da mídia de massa para a mídia em rede.....	77
2.2 Redefinindo o papel da internet	82
2.2.1 Caráter democrático da internet e questão do acesso	86
2.2.2 Novo lugar do sujeito no processo de comunicação na internet	92
2.2.3 Usos cidadãos da internet	98
3 PENSAR A AMÉRICA LATINA DESDE AS MIGRAÇÕES, AS IDENTIDADES E A CIDADANIA	102
3.1 Colonização, imperialismo, globalização	102
3.2 Mirada ao espelho: maneiras de narrar uma história plural	113
3.3 América Latina na diáspora: da impossibilidade de falar de uma só identidade latino-americana	121
3.4 Justiça, pertença, visibilidade e participação: a construção do conceito de cidadania	124
4 DOIS CONTEXTOS, DOIS MOMENTOS, MÚLTIPLAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS	133
4.1 Perspectiva etnográfica para o estudo de usos sociais da internet	133

4.2 Migrantes latino-americanos em Barcelona e usos da internet	139
4.2.1 Abordagem metodológica	143
4.2.2 Cenários urbanos e latino-americanidade	148
4.2.3 Perfil dos migrantes usuários da internet	165
4.2.4 Principais usos apontados	170
4.3 Migrantes latino-americanos em Porto Alegre e usos da internet	180
4.3.1 Cenário da migração transnacional em Porto Alegre	187
4.3.2 Percurso metodológico no contexto das migrações em Porto Alegre	193
5 RELATOS DE VIDA NA COMPREENSÃO DAS MIGRAÇÕES, IDENTIDADES E CIDADANIA	200
5.1 A importância da experiência singular	200
5.2 Migrantes latino-americanos em Porto Alegre	209
5.2.1 Hector	209
5.2.2 Arturo	210
5.2.3 Roberto	212
5.2.4 Freddy	213
5.2.5 Klaus	214
5.2.6 Maria	215
5.2.7 Marcela	216
5.2.8 Pablo	217
5.3 Migrantes latino-americanos em Barcelona	218
5.3.1 Luci	218
5.3.2 Cleunir	219
5.3.3 Veneranda	220
5.3.4 Monica	222
5.3.5 Sara	225
5.3.6 Ana	226
5.3.7 Fernando	226
5.3.8 Juan	228
5.4 Narrativas de identidade	229
5.4.1 Autoconstrução identitária: por onde são contadas as histórias	230
5.4.2 Condição migrante e identidade	239
5.4.3 Vínculos com as identidades nacionais e étnicas	251

5.4.4 A construção transnacional da latino-americanidade	261
5.4.5 Nova forma de ser migrante: entre o transnacional e o cosmopolita	275
5.4.6 Condição de cidadania do migrante latino-americano	282
6 USOS SOCIAIS DA INTERNET POR MIGRANTES LATINO-AMERICANOS EM BARCELONA E PORTO ALEGRE	288
6.1 Questão de acesso	288
6.2 Histórias com a internet	293
6.3 Mapa dos principais usos dos meios de comunicação e internet	300
6.4 Sentidos construídos para a internet através de seus usos	313
6.4.1 Projeto de migração	313
6.4.2 Família e relações transnacionais	315
6.4.3 Vínculos informativos com país de nascimento	320
6.4.4 Consumo e produção cultural	326
6.4.5 Aprendizado de idiomas	332
6.4.6 Cidadania jurídica	333
6.4.7 Usos de mídias de migração	336
6.4.8 Companhia e ócio	340
6.4.9 Participação política	341
6.4.10 Associativismo	345
6.5 Leitores-produtores em web diaspóricas	348
6.6 Diáspora, redes sociais na internet e múltiplas formas de viver o território	352
6.7 Construção da América Latina nos usos da internet	357
6.8 Internet e cidadania: conquistas e limites	360
CONCLUSÃO	365
REFERÊNCIAS	373
APÊNDICES	387
APÊNDICE A – Tabela com sites de migração	388
APÊNDICE B – Modelo de questionário	397
APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas	398
APÊNDICE D – Tabela de apresentação dos entrevistados de Porto Alegre.....	400
APÊNDICE E – Tabela de apresentação dos entrevistados de Barcelona	403

INTRODUÇÃO

Quando propusemos um projeto de pesquisa para ingressar no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em 2006, não imaginávamos todo o envolvimento que aquela ideia iria demandar, o quanto de nós mudaria ao longo do desafio de estudar a relação entre migrações e internet e quanto a própria realidade dos fluxos migratórios seria transformada neste tempo. Estudar movimento, deslocamento, identidades, culturas, cidadania, redes, a partir do foco dos usos de tecnologias da informação e da comunicação (TICs) exige incorporar uma dinâmica de fluidez, velocidade e hibridação como parte do processo investigativo.

Desde que iniciamos a pesquisa pelo menos um grande acontecimento mundial trouxe novas implicações para o fenômeno migratório. A crise econômica iniciada nos Estados Unidos em 2008 foi responsável por consequências que levaram a uma tematização mais ampla das migrações pela mídia em função do aumento das taxas de desemprego e preocupação em relação aos sistemas de previdência social, principalmente no contexto europeu. Essa mudança foi responsável pelo endurecimento das políticas migratórias na União Europeia e, conseqüentemente, na Espanha, que nos últimos anos registrou grande aumento de sua população estrangeira, deixando de ser um país de emigrantes para receber um forte incremento migratório pela chegada de latino-americanos, africanos, e, mais recentemente, europeus dos países do leste. A população migrante passou de 719.647 pessoas, em 1998, para cerca de quatro milhões, em 2008, com um acréscimo de mais de 20%.

O Brasil, com sua história atravessada por constantes processos migratórios desde a colonização, também transformou-se em um cenário importante para as migrações contemporâneas, renovando-se, nas últimas décadas, como um polo de migrantes de várias nacionalidades, entre eles latino-americanos que buscam no país diferentes oportunidades de vida, de trabalho e de estudo. Como marco das mudanças no fenômeno migratório no contexto brasileiro, na contramão das políticas restritivas à migração presente na maioria dos países do mundo, em 2009 foi assinada a Lei de Anistia Migratória, que permitiu a regularização da situação de milhares de migrantes que há muitos anos viviam e trabalhavam no país em condições desiguais pela falta de documentação.

Para a realização da pesquisa, optamos por delimitar o estudo das migrações e usos sociais da internet a partir da aproximação a dois contextos diferentes: a cidade de Barcelona, capital da Catalunha, na Espanha, e Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no Brasil. Ambas são marcadas pela presença de migrantes latino-americanos, em uma dinâmica urbana,

social e econômica diversa, em que pode ser percebida a confluência de diferentes culturas. A escolha se deve à riqueza do cenário da migração transnacional encontrado nas duas cidades, à oportunidade de nos valermos do conhecimento construído por pesquisas anteriores sobre mídia e migrações nos dois contextos e à possibilidade de contrapor experiências migratórias de modo a melhor entender como se relacionam com usos sociais da internet. Também destacamos as relações estabelecidas entre as duas cidades, marcadas por iniciativas que buscam a participação popular, inclusive com projetos de cooperação entre elas, e o importante papel que assumem inseridas nas dinâmicas migratórias da Espanha e do Brasil.

Em Porto Alegre, a pesquisa empírica aconteceu durante os anos de 2008 e 2009, enquanto que em Barcelona o trabalho de campo foi desenvolvido no ano de 2007, durante estágio de doutorado sanduíche vinculado ao Programa de Cooperação Internacional Brasil-Espanha, assinado entre a Unisinos e a Universidade Autônoma de Barcelona. Voltamos à Espanha em dezembro de 2008, na oportunidade da participação em um evento, o que permitiu uma segunda etapa do trabalho de campo.

A possibilidade de morar e pesquisar durante um ano em Barcelona, graças à bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), trouxe uma vivência que ampliou as reflexões que vinham sendo feitas para a tese de doutorado. A experiência como migrante, ainda que sob uma condição diferenciada de estudante, aliada aos antecedentes como pesquisadora das migrações e da mídia no grupo de pesquisa Mídia, Cultura e Cidadania e no Programa Brasil-Espanha, foram responsáveis por uma nova dimensão que foi sendo incorporada ao estudo, o que levou a uma compreensão melhor do processo migratório enquanto uma forma de viver e participar do mundo.

Ser migrante hoje significa assumir um posicionamento múltiplo de vinculação a diferentes culturas e territórios sociais e simbólicos, assim como implica no estabelecimento de relações e sentidos de pertença que transcendem fronteiras geográficas. Apesar das inúmeras barreiras construídas para limitar o livre fluxo dos cidadãos, a constante circulação de sujeitos com suas experiências singulares e marcadas por vivências culturais diversas, coloca mais fortemente em contato nossas diferenças, o que, ao mesmo tempo em que pode levar a conflitos, oportuniza um maior diálogo entre modos de entender o mundo.

O migrante, que antes tinha mais dificuldade para manter a comunicação com quem havia ficado longe, pois o fazia por cartas que demoravam a chegar ou através de recados mandados por outros viajantes, incorporou o uso das tecnologias da informação e da comunicação como parte do processo migratório. O barateamento do custo das passagens aéreas, aliado à maior facilidade de acesso ao computador, à internet, ao telefone celular e a

outras tecnologias ampliou a dimensão transnacional das migrações contemporâneas, tornando possível a experiência de estar aqui e lá ao mesmo tempo, senão fisicamente, ao menos através da mediação tecnológica.

Neste contexto, os cibercafés, as *lanhouses*, os locutórios, as mídias de migrantes, as associações culturais e ONGs, as redes de transferência internacional de dinheiro, os comércios étnicos nos países de migração configuram-se como novos agentes, entre outros que exploramos ao longo da pesquisa, que facilitam, ampliam, apoiam e redesenham o cenário das migrações contemporâneas. O que percebemos é que as TICs, sobretudo a partir de diferentes apropriações da internet, assumem um papel importante no cotidiano dos migrantes – latino-americanos no caso da nossa investigação.

Os usos sociais da internet aparecem demandados por experiências de identidade, ao mesmo tempo em que atuam no modo como são construídas diferentes posições identitárias para os migrantes. Assim também os usos da internet são percebidos como responsáveis por um modo de atuação social, de busca de informações, de lógica de interação, de visibilidade de demandas, de organização em redes de relações que podem ser entendidos como uma renovada forma de cidadania.

Assim, a pesquisa foi construída a partir da necessidade de entender o papel da internet tanto nas vivências identitárias quanto em experiências de participação cidadã de migrantes. Dessa forma, se fez necessário aprofundar o conceito de usos sociais, em sua relação a questões de identidade e cidadania, a partir da aproximação ao contexto empírico e explicativo das migrações.

A partir dessa problemática central, buscamos compreender as dinâmicas dos usos sociais da internet por migrantes, de maneira a refletir sobre o modo como questões identitárias atravessam usos da rede mundial de computadores, demandando apropriações de seus espaços comunicacionais e configurando estratégias para o acesso a condições diferenciadas de cidadania. O que requer saber, é como diferentes coletivos migrantes organizam suas apropriações da internet de modo a construir relações, assumir o protagonismo da produção de informação, participar de redes sociais, dar visibilidade a suas questões, estabelecer vínculos com familiares e amigos e dinamizar atividades transnacionais, entre outras tantas possibilidades.

O interesse central foi de conhecer, portanto, usos sociais da internet por migrantes latino-americanos, de maneira a refletir sobre a relação entre essas dinâmicas com o exercício de participações cidadãs e a experimentação de identidades (em suas diferentes perspectivas: migrante, étnica, nacional, latino-americana, cosmopolita), que conduzem à construção de

modelos plurais de cidadania, o que vai muito além de um conjunto de direitos civis, políticos e sociais.

Também buscamos refletir sobre posicionamentos a partir do compartilhamento de experiências relacionadas à migração e com a vivência de questões relacionadas à experimentação de versões da identidade latino-americana. Quisemos, assim, entender as imbricações entre a diversidade cultural vivida com mais intensidade a partir da migração, sua dinamização por meio dos usos sociais da internet e a construção, a partir da experiência de deslocamento, de sentidos que ajudam a configurar uma *latino-americanidade*, entendida enquanto a construção de um conjunto de sentidos compartilhados pelos países da América Latina, que mais do que uma delimitação geográfica, demarca um pertencimento identitário.

Para tal desafio, construímos uma pesquisa de caráter qualitativo, com um percurso metodológico que compreende três grandes eixos. No primeiro deles, desenvolvemos uma pesquisa teórica, a partir do aporte dos Estudos Culturais em aproximação a outras vertentes teóricas, por meio do diálogo com autores como Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, entre outros, em que propomos uma aproximação ao universo das migrações (ou das diásporas, nos termos de Hall) e da reconfiguração das identidades. São também os pesquisadores dos Estudos Culturais latino-americanos, juntamente com outros autores, que ajudam a entender o cenário múltiplo e complexo da América Latina.

A pesquisa teórica inclui o debate em torno do conceito de cidadania, em suas várias acepções e a partir de contribuições diversas, além da busca pela compreensão da lógica de redes como articuladora de um modo de organização próprio das interações contemporâneas. Como conceito articulador de toda a investigação, partimos da ampliação da ideia de usos sociais dos meios de comunicação, pensados neste caso especificamente em relação à internet, como um modo de apropriação de suas potencialidades, em uma dinâmica de simultâneo consumo e produção, que traz um novo lugar para o sujeito no processo da comunicação.

No segundo eixo do percurso metodológico qualitativo, desenvolvemos uma pesquisa documental, através do levantamento de materiais de apoio sobre questões relacionadas às migrações e às TICs, o que permite situar melhor os contextos em que realizamos a investigação. Por último, a pesquisa empírica foi proposta a partir de uma perspectiva etnográfica, que se baseou na combinação de técnicas como observação, análise de ambientes comunicacionais na internet, aplicação de questionários e realização de entrevistas em profundidade de relatos de histórias de vida com 16 entrevistados, oito em Barcelona e oito em Porto Alegre. Tal percurso, explicitado no capítulo quatro, permitiu conhecer trajetórias pessoais muito ricas e entender os sentidos construídos para a internet através de seus usos

demandados pelas pertencas identitárias dos sujeitos que participaram como colaboradores da investigação e responsáveis pela construção de versões próprias da experiência de migração tematizada em sites, blogs, fóruns de discussão, emails e sites de redes sociais, entre outros ambientes comunicacionais na internet.

No capítulo 1, apresentamos o mapa teórico da investigação, partindo de uma contextualização maior do tema e problema de pesquisa e relacionando com alguns dos conceitos fundamentais trabalhados, de modo a situar os entrelaçamentos entre migrações, internet, identidades e cidadania. Baseamos a construção do primeiro capítulo nos Estudos Culturais, em uma aproximação a outros aportes teóricos, e desenvolvemos uma discussão sobre os estudos de recepção associados ao universo da internet e a opção por empregarmos o conceito de usos sociais. Pela complexidade de nosso objeto de estudo, uma série de outros conceitos secundários, como interculturalidade, transnacionalismo, multiterritorialidade e cosmopolitismo, precisam ser discutidos de modo a situar nosso posicionamento teórico.

O conceito de rede é discutido no capítulo dois, em que propomos a ideia de uma sociedade em rede, em que a ambiência organizada pela mediação das tecnologias e das mídias torna-se responsável por uma interconexão em escala antes inconcebível e a partir de uma participação coletiva. Abordamos as especificidades das redes migratórias relacionadas aos usos das TICs e discutimos sobre o papel da internet enquanto mídia e ambiente de comunicação e de interação, a partir de características como interatividade, hipertextualidade, multimídia, além da ampliação do acesso à esfera da produção, limitada por questões de acesso, que também são discutidas como implicações do caráter democrático da internet. Por último, falamos sobre o novo lugar do sujeito no processo de comunicação na internet e sobre usos cidadãos da rede mundial de computador.

O terceiro capítulo é dedicado à reflexão sobre o contexto da América Latina, desde o marco do processo de colonização até os dias de hoje, como espaço social, cultural, político e ideológico marcado por profundas diferenças, imensos contrastes e uma história compartilhada de mesclas e hibridações, tomados como caminhos para reconhecer a diversidade e a mistura como constitutivas das identidades na América Latina, com o cuidado de não confundi-las nunca com uma ideia de essência ou pureza. Partimos do entendimento da latino-americanidade como um processo discursivo que permite múltiplas versões, de modo a repensar os conceitos de identidade e cidadania inseridos na realidade latino-americana e ressignificados na diáspora.

O percurso metodológico, como dissemos, é apresentado no capítulo 4, onde situamos os contextos de construção da pesquisa e a realidade migratória encontrada tanto em

Barcelona quanto em Porto Alegre. No quinto capítulo, apresentamos a análise baseada nos relatos de história de vida dos entrevistados, de modo a explorar suas trajetórias, suas vivências identitárias e situar as questões de cidadania que implicam em modos de posicionamento assumidos pelos sujeitos. Finalizamos, no capítulo seis, com a análise dos usos sociais da internet observados entre os migrantes, partindo da descrição das formas de acesso, das histórias de vida relacionadas com a inserção da internet e de um mapeamento das principais apropriações da internet e dos meios de comunicação em geral. A análise dos dados segue com o debate em torno de sentidos construídos para a internet através de usos relacionados com a experiência da migração e termina com a reflexão sobre quatro aspectos centrais levantados ao longo da pesquisa: a produção na internet, a organização de redes sociais marcadas pela diáspora, a construção de sentidos para a identidade latino-americana possíveis de serem apreendidos pelos usos da internet e o modo como todo esse movimento de múltiplas apropriações das tecnologias atua na construção da cidadania dos migrantes.

Ao longo da pesquisa, principalmente no capítulo seis, trazemos algumas citações e referências a músicas de artistas, muitos deles também migrantes, que nos fazem pensar sobre os temas estudados. Na análise dos dados, mantemos os relatos dos entrevistados o mais fiel possível do modo como foram narrados, transcrevendo-os e apresentando-os em espanhol, português ouportunhol. Isso nos fez optar por deixarmos as citações em seu idioma original, sem tradução. Muitas são as referências de obras publicadas em espanhol que ajudaram a tecer a pesquisa, desenvolvida, até mesmo pelo trabalho de campo e pelo contato com autores espanhóis, entre os dois idiomas, em uma aproximação da própria lógica de hibridações em que nos envolvemos ao estudar as migrações transnacionais.

Destacamos, ainda, que todo o processo de doutorado foi possível graças à obtenção de bolsa Capes-Prosop, concedida pelo governo brasileiro. Pelo apoio recebido, pelo crescimento oportunizado ao longo da trajetória de quatro anos, pela dedicação empreendida e na expectativa de compartilhar parte do aprendizado, esperamos que as páginas que seguem tragam reflexões que possam impactar de algum modo na compreensão da internet em sua aproximação ao fenômeno migratório.

1 LATINO-AMERICANOS PELO MUNDO E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

1.1 Contextualização: tecnologias e diásporas entre globalização e hibridismos

O melhor que o mundo tem é a quantidade de mundos que o mundo contém (Eduardo Galeano).

A pesquisa parte de um contexto que envolve, pelo menos, três grandes eixos. Em primeiro lugar, buscamos uma aproximação a um coletivo social, cultural e identitário multifacetado, marcado por uma história de tensões, mesclas, aproximações e conflitos. Não é fácil falar sobre latino-americanos sem nos colocarmos, desde o primeiro momento, em uma posição questionadora sobre os próprios sentidos construídos a partir dessa identidade.

Inserimos essa discussão em um contexto ainda mais desafiador quando o interesse volta-se aos latino-americanos em diáspora. Isso faz com que as questões identitárias passem a ser tensionadas por outras vivências, o que demanda novas políticas de posição, atravessadas pela experiência das migrações contemporâneas¹ e seu universo de sentidos sociais, políticos, legais, culturais e de modos de vida. Em uma complexificação da questão, esses migrantes latino-americanos são pensados desde suas relações estabelecidas com as tecnologias da informação e da comunicação, mais especialmente a internet.

O fenômeno das migrações não é novo, sendo a mobilidade uma marca constituinte da própria história da humanidade, entretanto, desde a última década do século XX, é percebida uma intensificação e reconfiguração dos fluxos migratórios. Estima-se que existam mais de 200 milhões de migrantes no mundo: 24 milhões a mais do que em 2000². O que os dados não revelam, no entanto, é que o crescimento do número de migrantes é acompanhado pelo aumento de países envolvidos nas redes migratórias transnacionais, pela diversificação do tipo de migrações ou dos motivos que levam a deslocar-se, assim como pela ampliação das

¹ Nesta pesquisa, optamos pelo uso do termo *migração*, no lugar de emigração ou imigração, por entendermos que ele pode ser mais adequado para dar conta da dinâmica fluída dos múltiplos fluxos migratórios, muitas vezes transitórios e feitos de múltiplos destinos. Da mesma forma, é usado o conceito de *migrante* para identificar o sujeito que vive a experiência do deslocamento. *País de nascimento* e *país de migração* são os termos que consideramos mais adequados para referir o local de partida do migrante (e não país de origem, por exemplo) e o local para o qual escolheu migrar (ao invés de termos como sociedade de acolhida ou sociedade receptora). Nas citações literais respeitamos, contudo, o emprego do termo migrante ou imigrante, conforme utilizado por cada autor.

² Segundo dados do “Informe sobre las Migraciones en el Mundo en 2008: Encauzar la Movilidad Laboral en una Economía Mundial en Plena Evolución”, obtidos no site da Organização Internacional para as Migrações (<http://www.iom.int>).

consequências sociais, econômicas e culturais dos fenômenos migratórios, como lembra a pesquisadora Cristina Blanco (2006).

A intensificação da mobilidade humana insere-se em um panorama de transformações maior, no qual emergem conceitos como os de globalização, multiculturalidade, interculturalidade e hibridismo cultural, para os quais tanto a intensificação do fluxo de pessoas quanto o de informações, sem desconsiderarmos a supremacia da livre circulação de capitais, parece central.

García Canclini (2007) fala da globalização como um objeto cultural não-identificado, ou seja, não é um objeto de estudo claramente delimitado, nem um paradigma que possa ser postulado como modelo único de desenvolvimento:

Devemos aceitar que existem múltiplas narrativas sobre o que significa globalizar-se, mas, sendo seu aspecto central a intensificação das interligações entre as sociedades, não podemos observar a variedade dos relatos sem nos preocuparmos com a sua compatibilidade dentro de um saber relativamente universalizável. Isso pressupõe a discussão das teorias sociológicas e antropológicas, a par do estudo das narrativas e metáforas que vêm sendo construídas para dar conta do que escapa às teorias e às políticas, que se oculta em suas brechas e insuficiências (GARCÍA-CANCLINI, 2007, p. 11).

Ao considerar essas múltiplas narrativas do processo de globalização, é preciso, em primeiro lugar, abandonar qualquer tentativa de pensá-lo enquanto homogêneo e linear, ou como uma etapa superior inevitável do capitalismo, e, portanto, um fenômeno irreversível e no qual todos precisam ser adequados do mesmo modo – discurso, de certo modo, abalado pela crise econômica que atingiu o sistema financeiro mundial em 2008. Também parece redutora a polarização entre o local e o global, como se um prescindisse do outro. Muitos são os autores (a exemplo de BAUMAN, 1999; SANTOS, 2002; SOUSA SANTOS, 2002) que têm chamado a atenção para a complexidade do fenômeno e para o fato de que o sistema global não pode ser limitado ao olhar sobre o capital financeiro, embora esta tenha sido a perspectiva prevalente.

É possível falar, inclusive, que o desenvolvimento de uma economia globalizada não tem sido acompanhado pelo desenvolvimento de uma sociedade global. Tal consideração reforça a necessidade de nos distanciarmos de uma matriz que toma o conceito sem uma reflexão efetiva de seus significados. Pela difusão irrefletida e usos imprecisos, segundo crítica Mattelart (2004), o termo corre o risco de transformar-se em uma “nova banalidade”.

Estamos diante de um fenômeno multifacetado e com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas (SOUSA SANTOS, 2002), que, em uma leitura inicial, poderia ser resumido à formação de um mercado mundial, com livre circulação de capital, subordinação do Estado ao mercado, com a formação de novas desigualdades e a prevalência do conceito de consumidor sobre o de cidadão, além de uma tendência à homogeneização cultural. Mas tal caracterização apenas reforça a compreensão linear e hegemônica, da qual tentamos nos afastar. Só para contrapor um dos aspectos mais mencionados, a formação de um mercado comum encontra barreiras às vezes de ordem burocrática e organismos supranacionais como Nafta e Mercosul, talvez com exceção da União Europeia, enfrentam dificuldades para colocar em prática seus projetos de integração.

Na tentativa de afastamento dessa concepção banalizada, buscamos um panorama do que se discute sobre a globalização de modo a pensar o papel desempenhado pelas migrações contemporâneas e as tecnologias no processo. Como bem aponta Scherer-Warren (1999), existem diferentes facetas do fenômeno que coexistem nos mesmos territórios, o que causa tensões, contradições e conflitos. A homogeneização da cultura, pelo viés do consumo de produtos por comunidades transnacionais ou desterritorizadas, pode conviver com o hibridismo cultural e de identidades, ou, mesmo, com a afirmação fundamentalista de identidades vistas em perigo pelo confronto com culturas hegemônicas (SCHERER-WARREN, 1999).

Como uma das mais discutidas características do fenômeno da globalização, diretamente relacionada às dinâmicas migratórias, podemos apontar as mudanças nas relações de tempo e espaço. A tal ponto que se chega a falar da dissolução das fronteiras, do fim dos limites geográficos, do encurtamento das distâncias, ao mesmo tempo em que é referida a ideia de anulação do espaço pelo tempo, marcado pela velocidade. Todos estariam juntos desde que compartilhem um mesmo tempo, o tempo real, o tempo do aqui e agora, o *online*, uma nova dimensão de tempo possível graças à mediação das tecnologias da informação e da comunicação (TICs).

Este processo social pelo qual fenômenos se aceleram e se difundem globalmente é, sem dúvida, sedutor, mas esconde uma assimetria. Há diferenças que marcam quem pode e de que forma é possível participar: “Ainda que aparentemente monolítico, este processo combina situações e condições altamente diferenciadas e, por esse motivo, não pode ser analisado independentemente das relações de poder que respondem pelas diferentes formas de mobilidade temporal e espacial” (SOUSA SANTOS, 2002, p. 64). Para o autor, temos, de um lado, uma classe capitalista global, que efetivamente controla a compressão de tempo e

espaço, e, por outro, grupos subordinados, entre eles trabalhadores migrantes e refugiados, que, apesar da movimentação transfronteiriça constante, não assumem o controle do processo de compressão espaço-temporal³.

Milton Santos (2002) busca apoio em Octavio Ianni para falar das ideias de aldeia global e contração das relações de tempo e espaço como algumas das fábulas construídas em torno do fenômeno da globalização, um modo encontrado de ocultar o lado perverso do processo. Ele também lembra as desigualdades de acesso à velocidade, responsável pelo encurtamento das distâncias e pela aceleração do tempo. “Aldeia global tanto quanto espaço-tempo contraído permitiriam imaginar a realização do sonho de um mundo só, já que, pelas mãos do mercado global, coisas, relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre continentes, raças, línguas, religiões” (SANTOS, 2002, p. 41).

Em outra reflexão, Bauman (1999) chama atenção para a diferença entre o que ele define como *turistas* e *vagabundos*. O autor parte da premissa de que hoje estamos todos em movimento, seja pelo deslocamento efetivo entre lugares diferentes ou pelo uso de tecnologias que permitem uma aproximação com produções estrangeiras – embora aí seja preciso observar as diversidades entre os dois movimentos. Segundo o autor, as diferenças sociais podem ser expressas hoje pelo grau de mobilidade a que cada um tem acesso, ou seja, a liberdade de escolher onde estar: “o acesso à mobilidade global foi elevado a mais alta categoria dentre os fatores de estratificação” (BAUMAN, 1999, p. 95-6). Há os que desejam partir, os que estão presos a um único lugar, os que são expulsos, mesmo querendo ficar. O que ele faz pensar é que todos – de fato ou em sonho – podem ser andarilhos, mas há uma distância difícil de transpor entre as experiências que cada um pode ter.

Para o primeiro mundo, o mundo dos globalmente móveis, o espaço perdeu sua qualidade restritiva e é facilmente transposto tanto na sua versão “real” como na versão “virtual”. Para o segundo mundo, o da “localidade amarrada”, daqueles impedidos de se mover e assim fadados a suportar passivamente qualquer mudança que afete a localidade em que estão presos, o espaço real está se fechando rapidamente (BAUMAN, 1999, p. 96).

Assim, para o autor, os turistas seriam os que se deslocam por desejo, vão e voltam conforme as oportunidades surgem, enquanto que os vagabundos seriam aqueles que não se mantêm muito tempo em um lugar porque sabem que não são bem-vindos. “Os turistas se

³ Essa distinção faz com que Boaventura de Sousa Santos (2002) trabalhe com as noções de *localismo globalizado* (quando determinado fenômeno local é globalizado com sucesso) e *globalismo localizado* (causado pelo impacto específico nas condições locais produzido pelas práticas e imperativos transnacionais).

movem porque acham o mundo a seu alcance (global) irresistivelmente atraente. Os vagabundos se movem porque acham o mundo a seu alcance (local) insuportavelmente inóspito” (BAUMAN, 1999, p. 101).

Para turistas e vagabundos, classe capitalista global e grupos subordinados, migrantes qualificados e pobres migrantes, no entanto, embora de forma desigual, as mudanças nas relações de tempo e espaço vão gerando impacto no modo de vida em sociedade hoje, possíveis tanto pelo barateamento do acesso aos meios de transporte, quanto pela criação de um imaginário de sociedade global, que oportuniza o contato com diferentes culturas, em grande parte construído a partir do uso de tecnologias da informação e da comunicação e, de modo geral, pela crescente democratização de acesso aos meios de comunicação.

Boaventura de Sousa Santos (2002) fala do cosmopolitismo como um movimento de resistência diante dos limites e desigualdades da globalização imposta de cima para baixo. Em sua concepção, as atividades cosmopolitas incluem os movimentos e as organizações no interior da periferia do sistema mundial, redes de solidariedade transnacional, redes de trabalhadores e de assistência jurídica internacional, organizações não governamentais (ONGs), organizações ambientalistas, movimentos artísticos, entre outros. Ou seja, trata-se da chance de aproveitar as possibilidades de interação transnacional criadas pelo sistema mundial, incluindo as decorrentes das tecnologias da informação e da comunicação, como movimento de resistência e criação de alternativas de desenvolvimento e participação.

O cosmopolitismo, sem dúvida potencializado pela aproximação entre as comunidades humanas e pela formação de uma rede única de comércio e uma rede global de informação (APPIAH, 2007), só é viável quando podemos conjugar o interesse pelo universal e o respeito às legítimas diferenças. O que faz com que o ideal de “cidadão do mundo”, postulado pelo cosmopolitismo, longe de ser uma solução, converta-se hoje como um grande desafio, como discutiremos ao longo da pesquisa.

O que percebemos é que novas dinâmicas vão sendo estabelecidas entre o que antes costumava ser resumido como primeiro e terceiro mundo, o que faz que características de um ou outro possam ser encontradas em diferentes partes do globo. Mais ainda, o crescente fluxo de pessoas entre os países é um dos movimentos responsáveis por novas ordens no modo como podemos pensar o próprio território. Dessas transformações foram surgindo conceitos que tentam explicar o fenômeno a partir de aportes da filosofia, da sociologia, além da geografia e de outras ciências, chegando ao debate sobre “fim dos territórios”, “desterritorialização”, “reterritorialização” e “enfraquecimento da mediação espacial”.

Haesbaert (2004), numa cuidadosa discussão teórica, fala dos problemas de tais discursos, em função, primeiramente, de uma construção difusa e pouco clara sobre o sentido do território⁴. Segundo o autor, a desterritorialização é quase sempre referida como um processo genérico, dicotômico e pouco articulado com o processo que representaria a sua contraparte, a reterritorialização.

Não é nossa intenção aprofundar o debate sobre o conceito de território, mas situar nossa compreensão em virtude da importância que assume diante da experiência migrante. Para isso, adotamos a construção feita por Haesbaert (2004), ao pensar o território em sua dimensão material e simbólica, como fruto de interações sociais e de controle do espaço, definido sempre com vínculo às relações sociais e ao contexto histórico a que está inserido. O autor fala da necessidade de entender o território como um híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e ideal, em uma complexa interação de tempo e espaço, como mais contemporaneamente vem se propondo.

Nesse entendimento, também entendemos a ideia de desterritorialização como um mito, pois a dinâmica das migrações transnacionais mostra a vinculação simultânea a diferentes territórios, até mesmo dentro de uma única cidade, conforme abordaremos ao falarmos sobre os cenários da presença latino-americana em Barcelona e Porto Alegre. O que percebemos, a partir dos relatos dos sujeitos que colaboraram com a pesquisa, é uma nova forma de articulação territorial, para a qual empregamos o conceito de “multiterritorialidade”, à luz da proposta de Haesbaert (2004), entendido como um processo concomitante de destruição e construção de territórios que mesclam diferentes modalidades territoriais⁵.

Outro aspecto que destacamos, na tentativa de situar o panorama no qual se inscreve esta pesquisa, é o impacto do fenômeno da globalização sobre as culturas e as identidades. Como perceberemos ao longo da investigação, através do contato com experiências de migrantes latino-americanos, vai ganhando força um movimento de simultânea instauração de dinâmicas transnacionais e organização de redes acionadas, muitas vezes, pela afirmação de identidades étnicas e nacionais.

⁴ Conceito central para a geografia, mas com tradição em outras áreas, levando a vários enfoques e perspectivas: “Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões, a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder; a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção; a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo; e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo” (HAESBAERT, 2004, p. 37).

⁵ Haesbaert (2004) fala dos *territórios-zona*, modo tradicional de pensar as relações de espaço, em uma lógica que mais dificilmente admitia sobreposições, e os *territórios-rede*, espacialmente descontínuos, mas intensamente conectados e articulados entre si.

Percebemos, ainda, que vai sendo construída uma experiência de interculturalidade, com a aproximação das diferenças postas em contato mais incisivamente com a aceleração dos fluxos migratórios. Mas, ao mesmo tempo em que a diversidade é positivada, passam a ganhar visibilidade questões, ora do que é entendido como integração sociocultural⁶, ora do que representa um movimento de fechamento e defesa diante dessa mesma diversidade, que a organização em coletivos acionados por pertencas identitárias primárias pode trazer consigo.

Ao mesmo tempo, surgem relações entre a experiência da migração e a vinculação a uma pertença identitária que atravessa diferentes nacionalidades e as aproxima, a partir da construção de uma ideia de *latino-americanidade*, como propomos pensar. Ou seja, todo esse emaranhado de relações é parte de um mesmo processo dinâmico e simultâneo, presente não só como facetas de um mesmo fenômeno, mas também como parte da experiência de um mesmo sujeito, que passa a ser atravessado por novas experiências culturais e identitárias. Tudo isso nos leva a reconhecer que a aproximação a esse debate exige um olhar cuidadoso.

Dois conceitos estão associados a esse panorama das transformações culturais na sociedade contemporânea. Para Hall (2003), a globalização representa uma das condições de emergência do multiculturalismo⁷, como resultado de uma série de mudanças que não são novas. Paralelo ao movimento de homogeneização, a globalização causaria efeitos diferenciadores no interior das sociedades. A proliferação subalterna da diferença (HALL, 2003) configura, nessa compreensão, um espaço estratégico para a resistência, a intervenção e a tradução. A questão multicultural é entendida não como uma doutrina política ou um estado de coisas já alcançado, mas como uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (HALL, 2003). Nesse sentido, o fenômeno multicultural é percebido como inerente aos deslocamentos dos povos bem anteriores à expansão européia, mas intensificado a partir do fim do sistema imperial e das lutas pela descolonização, do fim da Guerra Fria e da

⁶ Na pesquisa, evitamos o conceito de integração, embora ele possa aparecer a partir de outros autores, pois entendemos que pode trazer uma compreensão limitada para as relações estabelecidas pelos migrantes, muitas vezes relacionadas à assimilação ou aculturação, quando, no contexto social, os processos de participação nunca são homogêneos e apagadores de todas as diferenças. O processo de “fazer parte” é mais complexo e atua a partir de um jogo entre um emaranhado de diferenças e a busca da igualdade, como lembra Grimson (1999), ao estudar a presença boliviana em Buenos Aires, na Argentina.

⁷ Hall faz uma distinção, pertinente na construção feita na tese, entre multicultural – termo qualificativo e plural – e multiculturalismo – substantivo usado no singular, que remete a práticas sociais. É definido multicultural como termo que “descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade ‘original’” (HALL, 2003, p. 52). Multiculturalismo refere-se “às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais”. (HALL, 2003, p. 52). O sufixo “ismo” neste termo pode levar a uma ideia de uma doutrina política, e, logo, de engessamento. Porém não é esse o entendimento do autor, que percebe o multiculturalismo em uma processualidade sempre inacabada.

globalização, pensada aqui enquanto processo intensificado pelos novos fluxos comunicacionais informatizados.

Semprini (1999), ao analisar a sociedade norte-americana, apresenta quatro modelos de espaço multicultural, que trazem diferentes perspectivas para entender a questão, indo muito além da oposição binária entre coesão e fragmentação ou unidade e caos. O *modelo político liberal clássico* opõe espaço público, do cidadão com direitos iguais, e espaço privado, lugar para o exercício das diferenças, de modo a preservar a homogeneidade na esfera pública, o que se mostra incapaz de responder as aspirações multiculturais de reconhecimento e consideração das diferenças. O *modelo liberal multicultural*, proposto por Kymlicka, reconhece o papel central das dimensões étnicas e culturais na formação do indivíduo enquanto ser moral e cidadão. O grupo é pensado como elemento mediador das diferenças, ou seja, mesmo com espaço de certa autonomia, os grupos continuam participando de uma esfera comum controlada por uma maioria monocultural. O *modelo multiculturalista maximalista*, segundo Semprini, é sustentado pelos grupos que reclamam a separação ou autonomia política completa, ou seja, há uma negação de qualquer possibilidade de existência de uma esfera comum, o que implicaria na justaposição de espaços monoculturais, desconfigurando uma gestão autenticamente multicultural. Por último, há o *modelo do multiculturalismo combinado*, cujo foco para construção de um espaço comum seria a economia, o que faz com que as diferenças culturais sejam usadas como mais um produto que é colocado à venda.

Os quatro modelos resgatados por Semprini não esgotam todas as configurações possíveis, mas mostram a dificuldade em se conceber um espaço verdadeiramente multicultural: “onde os diferentes grupos poderiam ver atendidas suas reivindicações de reconhecimento e identidade, preservando ao mesmo tempo a possibilidade de existência de uma dimensão coletiva” (SEMPRINI, 1999, p. 144).

Em função desses limites, o conceito de multiculturalismo recebe algumas críticas, visto que, em algumas de suas possibilidades, traria consigo a ideia de certo relativismo ou de celebração da diferença que pouco considera o diálogo. Semprini aborda a necessidade de se propor um modelo de multiculturalismo que leve em consideração as instâncias individuais, socioculturais, identitárias, políticas, econômicas, de forma combinada e de modo a situar as reivindicações multiculturais em sua própria perspectiva.

León Olivé (1999) também fala dos limites do multiculturalismo liberal, defendido, entre outros, por Will Kymlicka, e do multiculturalismo comunitarista, proposto por Charles Taylor. O primeiro parte de uma visão absolutista que leva a justificar políticas

intervencionistas de uma cultura sobre outras em nome de liberdades individuais e de valores universais e absolutos, tidos como verdadeiros. O segundo parte da ideia relativista – também perigosa – de que todas as culturas deveriam ser respeitadas da mesma forma e as comunidades vistas como espaços de reconhecimento e de constituição das identidades, porém, leva à proteção e ao respeito das diferenças culturais, mesmo que a custo dos direitos individuais.

Olivé (1999) destaca a inexistência de valores universais verdadeiros, do mesmo modo em que lembra que o relativismo radical promove o isolamento, levando-o a propor um terceiro modelo, identificado como multiculturalismo pluralista, o qual prevê a possibilidade de diálogo entre as diferentes culturas e marcos conceituais, de modo a criar valores comuns e direitos fundamentais (não dados por teorias ou posições que se colocam como universais, mas por meio da interação entre representantes de diferentes culturas).

Tal construção aproxima-se do segundo conceito que nos propomos a abordar ao referir o panorama das transformações culturais na sociedade contemporânea, como sugerimos antes: o da interculturalidade. Essa construção teórica faz referência a dinâmicas muito presentes no contexto latino-americano, mas não exclusivas deste, em que a diversidade é manifestada nos diferentes modos de viver, comunicar, criar e construir culturas, desde a colonização, marcada pelas misturas, fusões e mestiçagens. Segundo Pardo (2008), a evolução da cultura urbana foi impactada por essas mesclas, que passaram a ganhar mais visibilidade justamente no contexto urbano, com uma oferta simbólica heterogênea e uma exposição maior das diferenças culturais. Assim, a interculturalidade é entendida como interação entre culturas e também como possibilidade de manutenção da pluralidade e da diversidade cultural.

A partir de esta idea, ella define los procesos en que grupos culturales diferentes reconstruyen su identidad en territorios multiculturales, a través de relaciones de negociación, de conflicto e intercambio recíprocos. En los procesos interculturales se articulan las diferencias y las contradicciones y se generan interconexiones que forjan fenómenos socioculturales e identitarios nuevos, que definen el dinamismo y la complejidad intrínseca del fenómeno migratorio y el consecuente devenir de las sociedades multiculturales (PARDO, 2008, p.164).

Nesse sentido, reconhecer a interculturalidade implica em entender como se organizam as identidades a partir do imbricamento das relações transnacionais e da hibridação cultural (GARCÍA CANCLINI, 2001). Trata-se, ainda, de considerar os processos de entrecruzamento possíveis através das relações desenvolvidas entre diferentes grupos e

manifestações culturais, responsáveis por intercâmbios, trocas, parcerias, solidariedades, negociações e conflitos.

A interculturalidade abarca um grande conjunto de fenômenos, que incluem a convivência nas cidades e em estados multiétnicos, projetos empresariais e de turismo, a vida transfronteiriça e os meios de comunicação, entre outros (GRIMSON, 2001). De um modo geral, estamos falando da diversidade cultural vivida nas diferentes dimensões do cotidiano, cada vez de uma forma mais presente. Para Grimson (1999), a interculturalidade é entendida também pelas circunstâncias nas quais grupos que produzem identificações diferentes e constroem códigos comunicacionais imbricados com posicionamentos distintos na sociedade, relacionam-se e comunicam-se, produzindo conflitos, negociações, acordos e também mal entendidos. Ou seja, para além da simples co-presença da diversidade, a interculturalidade implica em contato, relação, interação, algum tipo de aproximação entre coletivos marcados por diferenças culturais e sociais, e consequente negociação identitária.

As dinâmicas interculturais são impulsionadas tanto pela intensificação das migrações quanto pelos novos contornos dos fluxos comunicacionais. Nesse sentido, entendemos que as apropriações das tecnologias da comunicação estão relacionadas com a possibilidade de colocar em contato as diferenças, além de visibilizar e mesmo configurar culturas hibridizadas. García Canclini (2003) reflete sobre múltiplas situações possíveis das mesclas próprias do hibridismo cultural, muito presentes no espaço urbano e também no espaço dos meios de comunicação. O conceito de hibridação, e a polêmica criada em torno dele, revelam a intensificação da interculturalidade migratória, econômica e midiática. “La hibridación, como proceso de intersección y transacciones, es lo que hace posible que la multiculturalidad evite lo que tiene de segregación y pueda convertirse en interculturalidad” (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 5).

Assim, também os avanços tecnológicos, sobretudo dos meios de transporte (com o barateamento de custos), e das tecnologias da informação e da comunicação, atuam em uma reconfiguração do próprio fenômeno das migrações, com a dinamização dos processos de interculturalidade e transnacionalismo. “Las distancias físicas se acortan, los movimientos se multiplican y el contacto virtual con los otros se hace posible en cualquier parte del mundo”, lembra Cristina Blanco (2006, p. 20). É sobre estas novas perspectivas que falaremos no próximo subcapítulo.

1.1.1 As migrações transnacionais como contexto desafiador

O que sustenta a necessidade de pesquisas de comunicação relacionadas com a questão das migrações contemporâneas, configurando-se em um ponto de partida também desta investigação, é a compreensão de que as dinâmicas migratórias representam hoje um fenômeno social com implicações políticas, econômicas e culturais a alterar as relações interpessoais, comunicacionais e midiáticas em todo o mundo. Segundo Blanco (2000), em 1995, sem considerar os migrantes não regularizados, eram 125 milhões os que residiam fora de seu país de origem⁸. Em 2000, dados das Nações Unidas divulgados em 2002 indicavam que 175 milhões de pessoas, ou 3% da população mundial, viviam fora de seu país de nascimento. Segundo dados de 2006, divulgados pela Organização Mundial para as Migrações⁹, estimava-se que existiam 191 milhões de migrantes no mundo. Em 2009, a estimativa é de que esse número possa ter chegado a 200 milhões.

Ao referir os novos contornos dos fluxos humanos¹⁰, a pesquisadora Cristina Blanco (2000) reflete sobre o aumento das redes migratórias em direção aos países em desenvolvimento, sobretudo entre 1965 e 1995, decorrente das medidas restritivas nos países desenvolvidos, ainda que Europa, América do Norte e Austrália permaneçam como as regiões que mais recebem migrantes no mundo.

No que a pesquisadora define como uma diversificação das tipologias migratórias (BLANCO, 2000), o Brasil surge como um país não apenas de emigração, mas que também passa a receber sujeitos de diferentes procedências por motivações que ultrapassam as questões que marcaram os fluxos migratórios do começo do século XX, muito relacionados à vinda de agricultores para o interior de São Paulo e região Sul.

Em texto mais recente, Blanco (2006) fala que a incorporação crescente de migrantes nos países mais desenvolvidos, em um movimento facilmente identificado de sul a norte, pode induzir a um erro no estudo da mobilidade humana hoje. Na análise geral, ainda segundo dados das Nações Unidas de 2002, nas regiões mais desenvolvidas, quase nove de cada cem

⁸ Fazemos referências a pesquisas quantitativas e projeções quanto ao número de migrantes em diferentes contextos ao longo da pesquisa. Como destacaremos no percurso metodológico, tomamos estes dados estatísticos como indicativos que sinalizam um cenário, mas temos o cuidado para não assumi-los como referentes absolutos. Apontamos a dificuldade em lidar com as estatísticas no caso de um fenômeno tão disperso e diverso para ser apreendido como o das migrações transnacionais, além dos diferentes métodos empregados para a coleta destes dados.

⁹ A OIM (www.iom.int), criada em 1951, é uma organização intergovernamental no âmbito das migrações e trabalha com a colaboração de associados governamentais, intergovernamentais e não governamentais.

¹⁰ Além das redes sul-norte, mais recentemente, as no sentido leste-oeste, além das migrações inter-regionais, de refugiados e asilados ou, ainda, migrações clandestinas, de reagrupação familiar e de profissionais qualificados, complexificam a lógica das migrações tradicionalmente motivadas por questões econômicas (BLANCO, 2000).

habitantes são estrangeiros, enquanto nas regiões menos desenvolvidas apenas 1,5 de cada cem habitantes são de fora do país. Entretanto, um olhar mais atento sobre os dados revela que não são os países ocidentais, mas, principalmente, os árabes produtores de petróleo, os que apresentam uma maior proporção de estrangeiros.

Blanco (2006) destaca informes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), os quais indicam que, dos mais de 19 milhões de pessoas sob sua proteção em 2005, quase 40% do total se encontrava na Ásia e mais de 60% entre África e Ásia. Com isso, a pesquisadora considera que:

Con independencia de los motivos, lo cierto es que hay un importantísimo volumen de movimientos que no se producen del Sur al Norte, o del Este al Oeste, como es habitualmente aceptado por la ciudadanía, sino entre países menos desarrollados, esto es, dentro del Sur y dentro del Este (BLANCO, 2006, p. 15-6).

O Relatório de Desenvolvimento Humano 2009, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)¹¹, confirma essa tendência de diversidade dos fluxos migratórios. O estudo destaca que a maior parte dos deslocamentos se dá dentro dos limites dos países: as migrações internas seriam quase quatro vezes mais expressivas do que as migrações transnacionais, totalizando um número estimado de 740 milhões de migrantes. Entre as pessoas que se deslocaram para diferentes países, o relatório indica que pouco mais de um terço, ou menos de 70 milhões, mudaram-se de um país em desenvolvimento para um país desenvolvido. A maioria dos 200 milhões de migrantes transnacionais mudou-se de um país em desenvolvimento para outro, ou entre países desenvolvidos.

O estudo também destaca o papel das migrações transnacionais para o desenvolvimento humano nas diferentes regiões do planeta. Entretanto, apesar das condições facilitadas, sobretudo em termos de custos para o deslocamento e o aumento do desejo de migrar, a taxa de migrantes transnacionais, no geral, tem se mantido em torno de 3% da população total nos últimos 50 anos. Isso se deve, em parte, pelas políticas restritivas às migrações adotadas por diferentes governos.

O crescimento nos índices indicativos da presença migratória se faz perceber, no entanto, em alguns países e regiões específicos. Mesmo assim, a quantidade de pessoas afetadas, direta ou indiretamente, pelas migrações é crescente, em função de aproximações

¹¹ Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>. Acesso em: 21 out. 2009.

que se dão entre os países de nascimento e de migração, das remessas de dinheiro pelos migrantes, além das trocas de conhecimento e ideias. O Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 destaca, ainda, o consenso que parece haver diante das vantagens da migração qualificada, de profissionais especializados e pesquisadores, enquanto o fluxo de trabalhadores migrantes segue gerando controvérsia e preconceito por parte da mídia, dos governos e da sociedade em geral. Diante dessa constatação, o PNUD defende que os migrantes, de um modo geral, aumentam a produtividade econômica e trazem um custo irrelevante ou inexistente para a população local.

O estudo indicou também que a migração melhora os rendimentos das famílias migrantes, a perspectiva de vida para os filhos e os níveis de educação, assistência médica e participação social. Outro indicativo importante a ser considerado é que, apesar das dificuldades e preconceitos enfrentados, a maioria das pessoas que decide viver em um país diferente do que nasceu, afirma se sentir feliz com a mudança. Todos esses elementos fazem com que o PNUD defenda a redução das barreiras que tentam impedir os movimentos transnacionais e atue pelo fim da discriminação aos migrantes, o que parece muito distante das políticas adotadas pela maioria dos países.

Diante desse cenário, mesmo com a diversificação na tipologia dos deslocamentos, pesquisas quantitativas mostram que a migração para países de alta renda cresceu mais do que no resto do mundo. Na Espanha, até março de 2008 havia mais de 4,1 milhões de estrangeiros com autorização para residência¹². O Anuário Estatístico de 2008¹³, com dados de todo o ano, indicava um total de 4,47 milhões de migrantes com autorização para residir no país e estima-se que exista cerca de um milhão sem a documentação regular. Com a incorporação de países do Leste Europeu, como Romênia e Bulgária, à União Europeia, as regiões majoritárias de procedência mudaram: antes eram os países da América do Sul os que aportavam mais população estrangeira. Agora, são os ditos migrantes comunitários, ou seja, provenientes de países da União Europeia. Ainda assim, ibero-americanos (latino-americanos e portugueses) formam um importante coletivo migrante, o segundo depois dos procedentes da Europa Comunitária, representando, em março de 2008, 30,28% do total de vistos de residência.

Em consequência do aumento da presença migratória em países europeus, a União Europeia (UE), em junho de 2008, aprovou a chamada *diretiva de retorno*, adotada para regular a política de repatriação de migrantes em situação irregular, ou seja, sem a

¹² Segundo informe de 31 de março de 2008 da Secretaria de Estado de Imigração e Emigração, do Ministério de Trabalho e Imigração do governo espanhol. Disponível em: <http://extranjeros.mtas.es/es/general/Informe_Marzo_2008.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2008.

¹³ Disponível em <<http://extranjeros.mtas.es/es/InformacionEstadistica/Anuarios/>>. Acesso em: 16 out.2009.

documentação que garanta a permanência legal em seus países¹⁴. O conjunto de leis prevê o endurecimento do controle à migração e estímulo de retorno a migrantes irregulares, o que inclui, em casos de recusa ao retorno voluntário, a possibilidade de retenção por até seis meses, período aumentado em mais doze meses quando haja dificuldade de identificação do migrante, e posterior repatriação, com a proibição de entrada em um país da UE por cinco anos. Apesar de críticas de muitos governos de países latino-americanos e africanos, a diretiva entra em vigor em 2010, mesmo que interpretada por alguns organismos de defesa dos direitos humanos como um grande retrocesso.

Paralelamente a essa mudança de ordem legal, a crise econômica vivida em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos e em países europeus, incluindo a Espanha, levou a uma reconfiguração dos fluxos migratórios, sobretudo em função do aumento do índice de desemprego, o que tem gerado, por exemplo, uma política de redução de contratações de migrantes em seus países de nascimento e um pequeno aumento de pedidos de ajuda para retorno voluntário. Mais do que isso, existe a preocupação de que esse panorama seja responsável por uma associação indireta entre crise e migração, o que poderia aumentar o sentido de rechaço à população migrante.

Tal fenômeno é indicado, em 2009, pela primeira redução da presença migratória na Espanha em 13 anos, segundo dados da *Encuesta de la Población Activa* (EPA), desenvolvida pelo *Instituto Nacional de Estadística* (INE)¹⁵. Pela primeira vez desde 1996, havia menos migrantes vivendo na Espanha em setembro de 2009 do que no trimestre anterior. A população migrante no final de setembro era de 5.342.800 pessoas, uma diminuição de 17.100 migrantes em relação a junho de 2009. Segundo a pesquisa, os migrantes latino-americanos protagonizaram a queda nos índices (eram quase 30 mil a menos), junto com uma redução pequena de europeus de países que não compõem a União Europeia (com uma diminuição de 700 pessoas). O saldo negativo nos números (tanto dos estrangeiros ativos quanto na

¹⁴ Usamos preferencialmente a expressão “sem documentos” ou “sem documentação” para referir os processos nos quais os migrantes não se encontram registrados nos órgãos competentes como estrangeiros residentes no país de migração. A expressão “sem papéis” é assumida por alguns movimentos migratórios para identificar a situação dos migrantes, o que faz com que também optemos por tal designação. Muitos são os termos adotados para indicar essa situação, mas alguns deles assumem um caráter discriminatório e criminalizador, como “ilegal”, “irregular”, ou “clandestino”, sendo por isso evitados (embora, mais adiante, apareçam nas narrativas dos entrevistados). Associadas à condição de cidadania jurídica no país de migração, esses qualificativos dos migrantes são muitos usados pelo governo e pela mídia e merecem atenção em seu emprego pelas consequências políticas da conotação negativa que carregam.

¹⁵ Dados obtidos em matéria publicada em 24 de outubro de 2009 pelo jornal *El País*. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/economia/crisis/provoca/primer/descenso/poblacion/inmigrante/anos/elpepueco/20091024elpepieco_3/Tes>. Acesso em: 24 out. 2009. A *Encuesta de la Población Activa* é um estudo de periodicidade trimestral que tem o objetivo de obter dados sobre o mercado de trabalho na Espanha.

população global) foi atribuído a uma redução significativa das chegadas, aliada a um pequeno aumento de abandono do país.

Mesmo assim, o Informe Trimestral sobre migração, publicado em outubro de 2009 pela *Secretaría de Estado de Inmigración y Emigración* da Espanha, indicava um aumento 1,96% da população migrante global (não considerando apenas trabalhadores como a estatística anteriormente referida) em relação ao trimestre anterior e um aumento de 10,31% do número de migrantes nos últimos doze meses no país, totalizando 4,715 milhões de estrangeiros com autorização para residir na Espanha.

No contexto brasileiro, a intensificação dos fluxos migratórios entre países em desenvolvimento coloca o país como um destino de muitos migrantes. Com o deslocamento de estrangeiros para os grandes centros urbanos, em busca, na maioria das vezes, de melhores condições econômicas, além de contar com o fluxo de migrantes temporários e refugiados, o Brasil se consolida como receptor de um movimento crescente de latino-americanos. Só em São Paulo, dados dos consulados indicam a presença de cerca de 200 mil bolivianos, embora haja indicativos de que esse número seja bem maior, devido à dificuldade de incluir a presença daqueles migrantes que se encontram sem documentação. A estimativa, também dificultada pela inexistência de estatísticas que incluam os migrantes sem documentos, é de que no Rio Grande do Sul existam cerca de 65 mil migrantes regularmente registrados na Polícia Federal¹⁶.

Decisões políticas recentes, como a Lei de Anistia Migratória e o Acordo de Livre Residência para Cidadãos do Mercosul, que comentaremos no capítulo 4, são indicativos de que no Brasil, diferentemente do que acontece na Espanha e na maioria dos países do mundo, parece haver um esforço para o tratamento das migrações como um fenômeno social que merece atenção e respeito por parte do estado. Mesmo com a permanência de situações de exploração dos migrantes e a manutenção da Lei do Estrangeiro (6.815/1980) que mais criminaliza do que ampara os cidadãos, o movimento, em que se destacam também acordos bilaterais para a livre circulação de estrangeiros por países do Mercosul, Chile e Bolívia, indica uma abertura para novas políticas migratórias. Exploraremos mais o cenário das migrações transnacionais, tanto no Brasil quanto na Espanha, também no capítulo 4, onde apresentaremos detalhadamente o contexto de desenvolvimento da pesquisa empírica.

No cenário latino-americano, mesmo que a complexidade dos fluxos migratórios dificulte um registro preciso de dados, projeta-se que 25 milhões de latino-americanos e

¹⁶ Segundo dados de novembro de 2009.

caribenhos vivam fora de seu país de nascimento, a maioria na América do Norte. Ainda que os números não deem conta de mostrar a complexidade do fenômeno, é possível ter uma ideia do impacto dos fluxos migratórios, especialmente nos países latino-americanos. A migração configura-se, hoje, como um fenômeno definidor de um modo diferenciado de compreensão da América Latina.

Até mesmo as cifras das remessas feitas por migrantes a seus países de nascimento indicam esse movimento. Segundo dados do semanário *Peripecias*¹⁷, durante 2004 os envios mundiais de dinheiro chegaram a 216 bilhões de dólares, dos quais 151 bilhões foram para países em desenvolvimento. América Latina e Caribe receberam o maior volume no período: o equivalente a 35% do total. Estima-se que em 2006, o fluxo de remessas superou os 276 bilhões de dólares, sendo 206 bilhões destinados a países em desenvolvimento¹⁸. Somente da Espanha foram enviados 5 bilhões de dólares, em 2006, para países da América Latina, enquanto o volume total de remessas a esses países oriundas dos Estados Unidos foi de 45 bilhões¹⁹.

Como um breve resumo das principais tendências do fenômeno migratório envolvendo países latino-americanos, com base em relatório da Comissão Econômica Para América Latina (CEPAL)²⁰ de 2006, podemos destacar o incremento do número de migrantes latino-americanos (de 21 milhões em 2000 para 25 milhões em 2005). A partir dos anos 1990 se recuperou a mobilidade dentro da própria região, com destaque para o deslocamento rumo a Brasil, Chile, Argentina, México e Costa Rica. Os Estados Unidos segue como destino principal, mas há uma ampliação e diversificação dos destinos, incluindo especialmente a Espanha e outros países europeus (com os caribenhos nos Países Baixos e Reino Unido e os sul-americanos na Itália, França e Portugal), assim como no Japão, Canadá, Austrália e Israel.

Nos últimos anos, um aspecto fundamental das migrações na América Latina e em todo o mundo é o seu caráter transnacional. O conceito, muitas vezes adotado como sinônimo de internacional ou multinacional, representa muito mais do que isso. Ao falar de transnacionalismo estamos referindo relações múltiplas tanto com o local de nascimento, de migração e os múltiplos locais de passagem, de fluxo, pelos quais se desloca e com os quais interage. Embora pressuponha relações entre nações, o conceito de transnacionalismo passa a

¹⁷ Semanario Peripecias. n. 3, 28 jun. 2006. Disponível em:

<<http://www.peripecias.com/ciudadania/GainzaRemesasVolumen.html>>. Acesso em: 12 ago. 2006.

¹⁸ Dados da Organização Mundial para as Migrações, que precisam ser relativizados devido à dificuldade de capturar informações sobre o envio de pequenas quantias de maneira informal e não declarada. Capturado de <<http://www.iom.int/jahia/Jahia/lang/es/pid/254>>. Acesso em: 23 jun. 2008.

¹⁹ Segundo informe do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Disponível em:

<<http://latino.msn.com/noticias/articles/ArticlePage.aspx?cp-documentid=4965902>>. Acesso em: 08 jun. 2007.

²⁰ Uma das cinco comissões regionais das Nações Unidas.

incorporar uma dimensão mais ampla ao vincular-se à noção de relações transculturais. Podemos dizer também que o conceito está diretamente relacionado com a ideia de multiterritorialidade, de que já falamos.

Se antes se falava das migrações em termos de assimilacionismo, em que o ideal projetado era de apagamento das diferenças diante da absorção às culturas locais, hoje não é possível estudar o fenômeno sem considerar os vínculos familiares, políticos, econômicos, sociais, culturais, midiáticos e identitários que circulam por práticas transnacionais, ou seja, que não estão exclusivamente em um lugar de origem ou de destino, como costumavam ser referidos até algum tempo os espaços tidos como estancos no processo de migração. A concepção segundo a qual os migrantes de primeira geração mantinham vivas suas tradições, mostrando-se pouco abertos para outros sistemas culturais, enquanto seus filhos estariam mais inclinados a adotá-los, foi superada diante da complexidade das dinâmicas de manutenção e criação de vínculos culturais e identitários, como indicam algumas das conclusões do próprio relatório da Cepal:

La formación, presencia y consolidación de comunidades étnicas en ciudades a las que llegan inmigrantes de distintos lugares del mundo plantea una realidad compleja cuando tales comunidades muestran altos niveles de pobreza, heterogénea participación en el mercado de trabajo, bajos grados de escolaridad, mayores problemas de vivienda y, en general, una situación de exclusión reforzada por un proceso de estigmatización y discriminación por parte de la sociedad en su conjunto. Junto con ello se detectan prácticas migratorias que desafían los límites territoriales del barrio, la ciudad y el Estado para instalarse más allá de las fronteras, en un espacio transnacional formado a partir de los nexos que se tejen con la sociedad de origen y la de destino, donde se produce una reconfiguración de identidades personales, locales y nacionales (COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA, 2006, p.8).

O conceito de transnacionalismo refere novas práticas e novos espaços sociais surgidos no contexto das migrações contemporâneas. Trata-se de um aporte importante que traz consigo uma mudança epistemológica para a compreensão dos deslocamentos, com o surgimento de pesquisas sobre “espaço transnacional”, “comunidades transnacionais”, “famílias transnacionais” para indicar relações estabelecidas entre *aqui e lá*. Segundo Pardo (2008), em geral, a perspectiva transnacional entende o processo migratório como um processo dinâmico de construção e reconstrução de redes sociais que marcam tanto a mobilidade espacial como as condições de trabalho, sociais, políticas e culturais dos migrantes, de suas famílias, amigos e comunidades.

Alejandro Portes (1997), um dos primeiros pesquisadores a trabalhar o conceito de transnacionalismo, entende as comunidades transnacionais como uma forma de globalização desde baixo, que atuam a partir de relações constantes que ultrapassam as fronteiras nacionais e requerem uma permanente e simultânea implicação, mantidas através de interações à distância. Portes (1997) destaca a importância das comunidades de negócio, políticas e culturais. Navaz (2008) acrescenta que as relações transnacionais permitem explorar as transformações que a globalização imprime na vida cotidiana de milhares de pessoas que têm suas experiências marcadas pela mobilidade e flexibilidade, características de nosso tempo.

A ideia de transnacionalismo está diretamente ligada à mediação das TICs, pois são elas que permitem o estabelecimento de vínculos, conexões e interações que, de alguma maneira, transcendem os limites territoriais. Duas práticas são indicativas das relações transnacionais estabelecidas pelos migrantes, revelando a importância das tecnologias no processo, o envio de dinheiro e a manutenção de vínculos com a família. O uso do telefone celular e da internet são essenciais para o contato dos migrantes com familiares e amigos tanto no país de nascimento como em outros lugares para os quais possam ter migrado. Entretanto, o sentido de transnacionalismo não se esgota aí, estando presente na estratégia de sobrevivência no país de migração. Tal movimento pode ser visto até mesmo como resultado da exclusão muitas vezes sofrida pelos migrantes, que acionam seus contatos e estabelecem suas redes com familiares, amigos e comunidade de origem étnica ou nacional para a busca de emprego e moradia, por exemplo. Por não terem condições melhores, muitas vezes se valem das relações estabelecidas no país de nascimento para o desenvolvimento de projetos independentes e autônomos.

No entanto, nem todos os processos migratórios carregam um sentido de transnacionalismo, presente de formas diferentes conforme a diversidade de experiências. O relatório da Comissão Econômica para América Latina (2006) chama a atenção para o fato de o transnacionalismo reproduzir as desigualdades sociais características dos países de nascimento, o que é indicado, por exemplo, pelo fato de os migrantes com mais recursos se instalarem em determinados lugares sem grande interação com os migrantes vindos de setores populares ou zonas rurais que chegam das mesmas cidades. Estes últimos sofreriam mais adversidades para serem possível a experiência cotidiana das dinâmicas transnacionais. No geral, quanto maior o nível de participação e realização das potencialidades do migrante, maiores são as possibilidades de participar de dinâmicas transnacionais.

O que propomos pensar aqui é que, muito além de um vocábulo a ser incorporado para pensar as migrações contemporâneas, o transnacionalismo exige uma nova postura e um

esforço de compreensão de uma dinâmica múltipla, que amplia os espaços migratórios e rompe com a relação binária entre origem-destino, país de nascimento-país de migração. É preciso considerar a relação entre eles, os territórios que se estabelecem a partir deles, os diferentes territórios de fluxo e de passagem implicados pelas experiências migratórias, e as reconstruções simbólicas que redimensionam as relações de território e aparecem mediadas pelos usos das tecnologias da informação e da comunicação.

Além disso, quando falamos de migrações, estamos falando de um universo de sentidos para pensar as relações no mundo hoje. Os 3% da população mundial formada por migrantes transnacionais pouco dizem do impacto das dinâmicas migratórias em nossa sociedade e refletem apenas um pequeno indicativo de uma experiência que, de uma forma mais ou menos expressiva, afeta a todos nós, pobres, ricos, turistas, vagabundos, viajantes, sonhadores, trabalhadores, estudantes, pesquisadores ou esportistas. Falar de migrações significa falar de interconexões e aproximações entre culturas e contextos sociais.

1.1.2 Porque estudar migrações, internet, identidades e cidadania

Na dissertação de mestrado, defendida em março de 2004 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, o tema da migração já tinha sido explorado, ainda que em um enfoque secundário, pela pesquisa "Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da internet: um estudo de caso sobre a Página do Gaúcho"²¹, em que a experiência da migração aparecia demandando usos específicos da web para sujeitos naturais do Rio Grande do Sul, os quais encontravam-se longe de seu local de nascimento. Dessa pesquisa, vem a aproximação com o universo da internet e suas características como mídia potencializadora de experimentações identitárias.

A motivação para a tese partiu, num segundo momento, da reflexão sobre resultados de um conjunto de pesquisas desenvolvidas paralelamente pelos grupos envolvidos com o Programa de Cooperação Internacional Brasil-Espanha, em que o foco de interesse foram as estratégias de mediação das migrações contemporâneas (COGO, 2003; LORITE, 2002 e 2004). Essas investigações tinham o objetivo de compreender o tratamento das migrações na

²¹ Partindo de uma concepção de comunicação, cultura e identidade fundamentada na perspectiva dos estudos culturais, a pesquisa teve como objetivo investigar as relações entre a Internet e a identidade cultural gaúcha, de modo a discutir como questões identitárias atravessavam o site. A investigação apresentava a identidade gaúcha como mediação para usos sociais da Internet, e, simultaneamente, sendo reconfigurada através de sua construção midiática. Ver BRIGNOL, 2004.

mídia, incluindo a observação dos modos como os migrantes e suas questões são tematizados ou como podem ser previstos como possíveis receptores.

Mais especificamente, a participação como pesquisadora colaboradora de dois projetos de pesquisa, em que o tema foi tratado pela perspectiva dos estudos de recepção, ampliou o interesse e ajudou na construção de um conjunto de questões próprias a partir da análise dos dados já levantados. O primeiro deles centrava-se na análise da recepção midiática de migrantes latino-americanos e europeus nos contextos de Porto Alegre e Barcelona, através de investigação desenvolvida por pesquisadores da Unisinos e da Universidade Autônoma de Barcelona vinculados ao Programa Acadêmico de Cooperação Internacional Brasil-Espanha²². No segundo²³, foram investigadas as interações comunicacionais e midiáticas de migrantes latino-americanos na cidade de Porto Alegre, de modo a entender como essas interações constituíam-se como lugares de renovação das apropriações de diferentes mídias, ao mesmo tempo em que participavam na dinamização da identidade latino-americana.

A tese é proposta, portanto, a partir da intenção de refletir sobre as características específicas da internet em suas apropriações acionadas pela experiência da migração – movimento para o qual se orientou o problema de pesquisa. A proposta surgiu a partir de inquietações motivadas por análises desenvolvidas nestas duas pesquisas anteriores. Na pesquisa do Programa Brasil-Espanha, os dados levantados já tinham permitido apontar alguns usos da internet demandados pela trajetória de migração (BRIGNOL; HUERTAS BAILÉN, 2008).

Ainda que parte significativa desses usos seja destinada a manter vínculos com o país de nascimento, foi possível localizar uma tendência de aproximação às possibilidades de comunicação da internet em uma perspectiva intercultural, como uma estratégia para participação na dinâmica de um contexto social diferente. Entre os usos referidos estão a

²² Programa assinado entre a Unisinos, através dos grupos de pesquisa Mídia e Multiculturalismo e ProcessoCom, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, e a Universidade Autônoma de Barcelona (UaB), através do Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade. Com financiamento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Brasil) e MEC (Ministério de Educação e Ciência, da Espanha). No âmbito do Programa, foi desenvolvida a pesquisa "Mídia e interculturalidade: estudo das estratégias de mediação das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Europeia e do Mercosul". Realizada de 2004 a 2007, a investigação orientou-se ao estudo das relações entre mídias e migrações contemporâneas na região metropolitana de Porto Alegre e em Barcelona, e suas repercussões na construção midiática da União Europeia e Mercosul, através de um estudo de recepção feito com um universo de 140 migrantes latino-americanos e europeus. Os dados da investigação são discutidos na publicação coletiva: COGO, Denise, HUERTAS BAILÉN, Amparo, GUTIÉRREZ, Maria (Coord.). *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona e Porto Alegre*. Ver: COGO; HUERTAS BAILÉN; GUTIÉRREZ (Coord.), 2008.

²³ Investigação intitulada "Mídia e migrações internacionais no cenário brasileiro: interações de imigrantes latino-americanos com as mídias no marco das estratégias e políticas de visibilidade e gestão midiáticas da interculturalidade representada pelas migrações contemporâneas", coordenada pela professora Denise Cogo, realizada entre 2004 e 2007.

apropriação da rede como ferramenta de aprendizado do espanhol ou do português e o uso para conhecer a dinâmica local através das informações sobre a cidade que escolheram para morar ou, ainda, o uso voltado à troca de mensagens por meio de programas de bate-papo. Na análise das entrevistas, são apontados usos da internet demandados pela necessidade de construção dos projetos de migração, ou seja, ela ajuda a conhecer o país para o qual se pretende migrar, facilita o contato com conhecidos que já tenham vivido a experiência e ajuda na busca por referências sobre a realidade local.

Assim, é possível perceber que a internet vai se configurando como um espaço de comunicação que, por suas lógicas de produção diversas dos meios de comunicação de consumo massivo, surge como possível alternativa para um tratamento diferenciado das migrações e, mais do que isso, possibilita a consolidação de um espaço comunicacional de interação entre seus usuários que pode servir, não apenas para informar, mas também para dinamizar relações interculturais e atuar no processo de participação social entre sujeitos de diferentes procedências geográficas.

Em artigos relacionados às pesquisas anteriores, em que são tratados dados das entrevistas relacionados aos usos da internet²⁴, paralelamente a um movimento de centralização dos acessos, com a referência a sites que publicam a versão online de veículos impressos, confirma-se a tendência de proliferação de sites pessoais, weblogs e sites com temáticas específicas, muitas dos quais relacionados diretamente com a experiência de migração, em que, algumas vezes, os próprios grupos envolvidos assumem o papel de produtores, dando mais visibilidade para as diferenças culturais e a presença de coletivos migrantes variados.

A partir da contribuição destas investigações em que tivemos experiências anteriores, o interesse da tese voltou-se para os usos sociais da internet por migrantes latino-americanos em dois contextos diferentes, Porto Alegre e Barcelona – embora cidades situadas em contextos sociais, culturais e econômicos diferentes, ambas marcadas pela presença migratória de latino-americanos de diferentes nacionalidades. No estudo, a internet é entendida como um ambiente comunicacional tão múltiplo e complexo quanto são diversas as suas abordagens explicativas. É pensada, ainda, como potencializadora de experiências identitárias a partir de sua lógica de redes, responsável por dinamizar as interações entre os sujeitos que dela se apropriam.

Dentro desse panorama de crescimento e novas características dos processos migratórios no mundo e, mais especialmente, entre os latino-americanos, uma investigação que faz

²⁴ Ver: BRIGNOL (2005), BRIGNOL; HUERTAS BAILÉN (2008), FRAGOSO; COGO; BRIGNOL (2010).

intersecção sobre questões midiáticas e socioculturais a partir da demanda de reflexões em torno do fenômeno das migrações contemporâneas, sobretudo quando centra a análise em usos da internet como dinamizadora de relações identitárias e experiências de cidadania por latino-americanos – cujos processos migratórios são tão representativos no contexto mundial –, indica a possibilidade de contribuir à reflexão, a partir do campo da comunicação.

A aproximação empírica aos usos sociais da internet por migrantes faz emergir também a necessidade de construir metodologias de estudo que levem em consideração as especificidades da rede mundial de computadores através de uma perspectiva sócio-cultural. A investigação partiu do entendimento, ainda, de que apenas através de análises concretas de espaços comunicacionais e seus usos poderemos abandonar formulações apriorísticas que colocam a internet, ora como essencialmente democrática ou como espaço de harmonia e encontro entre iguais, ora como responsável por isolamento, incomunicação e desestruturação do social.

A importância da opção pela internet é reforçada por observações anteriores, em que aparece como uma das formas de comunicação mais significativas para migrantes, demandando pensar sobre as relações que se estabelecem entre suas características e as apropriações feitas a partir da experiência de deslocamento.

Ao pensar os usos sociais da internet por migrantes latino-americanos, propomos buscar o entendimento do impacto do surgimento de espaços transnacionais de interação, intercâmbio, troca e, mesmo, conflitos culturais, a partir da aproximação das diferenças, processo no qual as tecnologias e, mais especialmente, a internet são fundamentais. Refletir sobre as relações identitárias de migrantes latino-americanos na internet, faz emergir, ainda, uma discussão importante no cenário contemporâneo sobre as relações entre estratégias de reconhecimento, trazendo uma atualização para o debate sobre o papel da internet na experimentação de identidades (baseadas, no caso, na aproximação à ideia de latino-americanidade), visibilidade de demandas e vivência de experiências de pertencimento que levem ao exercício efetivo de práticas de cidadania.

1.2 Os Estudos Culturais como eixo teórico da investigação

Como eixo teórico condutor da pesquisa, embora tracemos um percurso de diálogo com vários autores de diferentes correntes teóricas, situamos nossa compreensão de cultura, identidade e comunicação na perspectiva dos Estudos Culturais, sobretudo a partir de três

autores: Stuart Hall, que desde sua atuação como diretor do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, em Birmingham (CCCS), de 1968 a 1979, é reconhecido como pesquisador importante na formação e no desenvolvimento dos Estudos Culturais britânicos²⁵; além de Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, os quais, graças a pesquisas desenvolvidas a partir dos anos 80, consolidam-se como dois dos principais autores da vertente dos Estudos Culturais desenvolvidos na América Latina²⁶.

Assim, levando em consideração as mediações culturais, os contextos cotidianos, as experiências e competências, Stuart Hall ajuda a compor o eixo teórico de reflexão sobre as dinâmicas multiculturais intensificadas pelos processos migratórios. Partindo da compreensão do impacto da experiência das migrações ou diásporas, como prefere Hall, García Canclini, Martín-Barbero, entre outros autores dos Estudos Culturais, trazem aportes para reflexões, desde a realidade latino-americana, a respeito da presença de migrantes para a pluralização das dinâmicas culturais e relações de identidade.

A relação entre comunicação e cultura, o afastamento do determinismo tecnológico, a valorização do receptor e a preocupação com processo de significação inserido nas práticas cotidianas são algumas das perspectivas assumidas a partir dos Estudos Culturais latino-americanos que colaboram para pensarmos os usos sociais da internet. Assim como o estudo da comunicação através das mediações, as atuais reflexões sobre o papel dos meios, das tecnologias da comunicação e das mediações tecnológicas enriquecem o debate.

A constatação de rupturas na cultura, no modo como nos identificamos e na forma com que estamos juntos em sociedade a partir dos usos que efetuamos dos meios de comunicação e das experiências que eles possibilitam, aliada à compreensão do papel das práticas culturais cotidianas nas relações que estabelecemos com as tecnologias, são importantes pontos de partida para pensarmos a comunicação na contemporaneidade. Como uma das principais contribuições dessa perspectiva teórica, portanto, destacamos o

²⁵ Os estudos culturais têm sua origem na Inglaterra e têm sua base ligada à publicação de três trabalhos: *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and Society* (1958), de Raymond Williams, e *The making of the English working-class* (1963), de E. P. Thompson. Entretanto, é no Centro de Birmingham, fundado por Hoggart em 1964, que os estudos culturais surgem de forma organizada, marcados pela preocupação em desenvolver pesquisas sobre as relações entre a cultura e a sociedade. Mesmo não sendo citado como fundador dos estudos culturais, é inegável a contribuição de Stuart Hall para o desenvolvimento do campo, sobretudo pelo incentivo à pesquisa das práticas de resistência de subculturas e análises dos meios de comunicação (ESCOSTEGUY, 2001).

²⁶ Os estudos culturais latino-americanos são uma perspectiva teórico-metodológica que emergiu nos anos 80, a partir dos autores referidos, além de outros, que, à luz da realidade latino-americana, em consonância com concepções desenvolvidas por pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies, desenvolveram uma nova proposta de entender a comunicação. Na América Latina, a análise da comunicação pelo prisma da cultura insere-se na problemática do poder e da hegemonia, dando preferência às práticas cotidianas e aos espaços populares como objetos de investigação.

deslocamento no estudo da comunicação a partir das matrizes culturais. A partir dessa aproximação, portanto, pensamos a comunicação como parte constitutiva das dinâmicas da cultura e percebemos cada vez mais a natureza comunicativa da cultura.

Nessa construção, entendemos cultura como um conceito ligado aos contextos cotidianos e às práticas sociais. “A cultura escapa a toda a compartimentalização, irrigando a vida social por inteiro”, lembra Martín-Barbero (2001, p. 14). Hoje são sujeito de cultura “tanto a arte quanto a saúde, o trabalho ou a violência, e há também cultura política, do narcotráfico, cultura organizacional, urbana, juvenil, de gênero, cultura científica, audiovisual, tecnológica, etc” (2001, p. 14), acrescenta o autor, ao referir-se à mudança na ideia de cultura na “tardomodernidade em que hoje vivemos”, como ele define.

Dessa ampliação da concepção de cultura, a partir da compreensão de que todas as práticas sociais são permeadas por relações de sentido que as organizam, chega-se a uma definição operativa que é adotada aqui. Com base em García Canclini (1997), é possível afirmar que a cultura compreende o conjunto dos processos sociais de significação, ou seja, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo de significação na vida social.

Em uma compreensão próxima, Stuart Hall afirma que:

a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas’. Contribuem para assegurar que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 17).

Na abordagem de Hall, ao referir-se a agentes e observadores das práticas sociais, acrescenta-se ao conceito de cultura a noção do ponto de vista dos outros sobre nós. Como afirma García Canclini (1997), chegamos a uma definição que considera o lugar e o olhar do outro como algo constitutivo da própria cultura, fazendo com que seja complexificado o seu entendimento, sobretudo num momento em que se percebe uma maior facilidade de aproximação entre diferentes grupos, desde a transformação das condições de produção, circulação e consumo da cultura.

Assim, a noção de cultura como algo fixo, exclusivamente de um grupo isolado no tempo e no espaço, perde terreno para a tendência de entendê-la a partir da sobreposição e mistura cultural. Como já pontuamos, cada sistema cultural torna-se mais complexo, pois não é determinado apenas pela relação com o território em que os bens são apropriados e no qual se confere sentido à vida. Temos nosso bairro, nossa cidade, nossa nação e, a partir desses cenários, segundo García Canclini (1997), nos apropriamos de outros repertórios culturais disponíveis no mundo, através da compra de produtos importados, do consumo cultural e midiático ou quando passamos de um país a outro como turistas ou migrantes.

Toda essa construção das implicações das transformações culturais na sociedade contemporânea é inscrita em uma discussão feita sobre a experiência da diáspora que parte de uma importante redefinição de seu conceito. A diáspora, nos termos de Hall (1996; 2003), em uma ampliação da compreensão sobre as migrações contemporâneas, rompe com uma oposição rígida da diferença, e passa a ser entendida como ponto de partida para compreensão das relações identitárias.

Afastando-se de seu sentido literal, ligado à ideia de dispersão de povos causada por intolerância ou perseguição, a diáspora assume um sentido metafórico que permite trazer elementos para pensar sobre as identidades cada vez mais fluídas, marcadas pelo jogo das diferenças, pelo confronto entre um passado imaginado e um presente cada vez mais compartilhado:

A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção de 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridação. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se novas, através da transformação e da diferença (HALL, 1996, p. 76).

Nesse breve panorama dos diferentes entendimentos das identidades, retomado no próximo capítulo quando falamos da construção da identidade latino-americana, destacamos aqui a exigência de pensarmos o próprio conceito de identidade em função do impacto das transformações culturais:

Até pouco tempo, falar de identidade era falar de raízes, isto é, de costumes e território, de tempo longo e de memória simbolicamente densa. Disso e somente disso estava feita a identidade. Mas falar de identidade hoje implica também – se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente – falar das

migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e de fluidez (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.61).

Essa concepção de identidade, em uma aproximação ao conceito de hibridação (GARCÍA CANCLINI, 2003), tensiona a construção feita ao longo da pesquisa, na medida em que refletir sobre latino-americanos pelo mundo implica em pensar em sujeitos que compartilham diferentes culturas e experimentam questões identitárias de formas múltiplas. O interesse volta-se a esses sujeitos, vinculados a algum país da América Latina que, em certo momento, deixaram seus locais de nascimento em busca de realidades sociais, políticas, culturais e econômicas diferentes. Suas experiências de vida e, no recorte que propomos, as relações que estabelecem entre trajetória de migração com tecnologias da informação e da comunicação, são o foco desse estudo.

Ao longo da pesquisa, buscamos pensar nas identidades a partir do modo como são contadas, narradas, reconstruídas pelas experiências e através da memória dos sujeitos que vivem em seu cotidiano essas transformações das culturas e de suas formas de reconhecimento. Nessa perspectiva, consideramos a possibilidade de construir narrativas identitárias através do processo duplo de contar-se e perceber a alteridade:

Contar significa tanto narrar historias como ser tenidos en cuenta por los otros. Lo que entraña que para ser reconocidos necesitamos contar nuestro relato, pues no existe identidad sin narración ya que ésta no es sólo expresiva sino constitutiva de lo que somos. Para que la pluralidad de las culturas del mundo sea políticamente tenida en cuenta es indispensable que la diversidad de identidades pueda ser contada, narrada (MARTÍN-BARBERO, 2002c, p.8)

No contexto em que pensamos as identidades como narrativas, marcadas pela experiência de deslocamento, devemos considerar todos os elementos que podem participar da construção desses relatos, perpassados por uma diversidade de linguagens, códigos e sentidos, cada vez mais diversos – o que pode levar tanto a uma adequação a modelos homogêneos e estereotipados, quanto oferecer a possibilidade de subverter esses mesmos modelos e dar visibilidade à pluralidade de narrativas identitárias. Movimento que pudemos observar ao nos aproximarmos da especificidade dos usos sociais da internet, no estudo empírico da pesquisa, por migrantes latino-americanos. A própria América Latina pode ser considerada, como lembra Martín-Barbero (2002c) como um laboratório de identidades –

dinâmica potencializada quando essas identidades entram em contato com outras diferenças e são ressignificadas na diáspora.

Por último, nos valem do debate que vem sendo desenvolvido por pesquisadores, alguns dos quais também vinculados aos Estudos Culturais, sobre as imbricações entre comunicação e cidadania. Nesse contexto, de mediações dos usos sociais da internet, pensar sobre a cidadania exige, em um afastamento do conceito circunscrito ao acesso a direitos civis, políticos e sociais, compreendê-la também como uma questão de pertencimento. Essa ampliação do conceito participa de um momento de busca de sua capacidade explicativa, sobretudo a partir da década de 90, como resgata Adela Cortina (2005).

O conceito de cidadania atravessa toda a investigação e é pensado em sua relação com as migrações e com os usos da internet. Nesse sentido, o propomos como um modo de ser e participar no mundo atual que implica em um sentido de reconhecer-se e ser reconhecido como parte, como sujeito atuante nas dinâmicas sociais, capaz de viver e expressar suas diferenças culturais, a partir do compartilhamento de certos parâmetros comuns. Nesse sentido, os meios de comunicação são essenciais para a construção de participações cidadãs ao darem espaço para a construção de representações simbólicas de sujeitos que integram uma realidade social e, mais do que isso, ao permitirem o encontro, a mobilização e a participação entre esses sujeitos que passam a apropriar-se das tecnologias da informação e da comunicação para construir seus próprios posicionamentos e se reconhecer como membros de determinado coletivo.

Ao propor o conceito de cidadania em uma aproximação à realidade migratória precisamos pensá-lo para além dos limites do Estado-nação, que já não dá conta do lugar de pertença de sujeitos que circulam e organizam sua vida em uma dinâmica de deslocamentos entre diferentes estados. Ao mesmo tempo, precisamos incluir no rol de disputas por garantias os direitos culturais, pela necessidade de conceber um cidadão que, além de direito à participação política, à livre expressão, ao trabalho, à saúde, à moradia, à educação e outros direitos sociais, vê assegurado seu direito a viver livremente suas manifestações culturais.

Tais formulações ajudam a definir o eixo por onde investimos no processo de reflexão sobre usos sociais da internet por migrantes latino-americanos. Os conceitos de cidadania e identidade acompanham toda a investigação e ajudarão a conduzir a análise dos dados empíricos levantados.

1.2.1 Como falar de recepção na internet

Os Estudos Culturais latino-americanos têm um papel importante no desenvolvimento dos estudos de recepção dos meios de comunicação, graças a discussões teóricas e pesquisas que começaram a ser desenvolvidos a partir dos anos 1980. Da desconsideração do receptor no processo comunicativo e do pensamento a cerca do lugar passivo ocupado por este, sempre manipulado, influenciado, doutrinado de forma direta, à incorporação inicial de questões a cerca da significação elaborada do outro lado da emissão de conteúdos pelos de meios de comunicação de massa, percorremos um longo caminho na trajetória das teorias da comunicação.

A teoria dos efeitos limitados, que passa a considerar o papel dos líderes de opinião, e a teoria dos usos e gratificações, que propôs a pergunta sobre o que os indivíduos fazem com os meios, assim com os estudos literários, que focam atenção no papel do leitor, são apontados como predecessores dos estudos de recepção (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005). Como principal mudança trazida por estes estudos está a complexificação do processo comunicativo, que passa a ser pensado a partir da relação dinâmica entre as diferentes esferas, muito mais imbricadas por diferentes lógicas do que a simples emissão de mensagens por um canal a um receptor. Como mudança profunda na concepção da comunicação, o receptor assume o lugar de sujeito – e não mais de objeto – do processo.

Em um resgate sobre as perspectivas teórico-metodológicas dos estudos de recepção, Cogo (2009) fala do papel transformador que assumiram na América Latina:

Os estudos de recepção midiática passam a se desenvolver em diferentes países da América Latina, se intensificando especialmente a partir do final dos anos 80 e se centrando principalmente na relação entre televisão e audiência. Como premissa essencial dessa vertente, está a percepção de que, embora os processos midiáticos intervenham fundamentalmente na constituição e na conformação das interações, memórias e imaginários sociais, os indivíduos são sujeitos ativos em todo o processo de comunicação, conferindo usos específicos aos conteúdos (e sentidos) oferecidos pelas mídias (COGO, 2009, p. 3).

Martín-Barbero (2001) vai ser um dos pesquisadores a trazer o conceito de mediação para pensar os estudos de recepção. O conceito de mediações, para o autor, é entendido como possibilidade de ultrapassar o que ele chama de razão dualista das ciências sociais e da comunicação, baseadas em pensamentos não dialéticos que, por muito tempo, opuseram o

culto ao popular e o emissor ao receptor. O autor fala da necessidade de focalizar o lugar onde se articulam os sentidos, propondo um deslocamento teórico e metodológico dos meios às mediações, isto é, “para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 270).

A ideia de mediação redefine o papel do receptor como sujeito ativo no processo de produção de significados. Trata-se da constatação da existência de uma série de elementos que colaboram para definir a maneira como os conteúdos são recebidos para cada indivíduo dentro de seu grupo social. É por meio das mediações, variáveis de acordo com o receptor, que se produz o sentido – não definido somente no momento da produção, mas estabelecido a partir do modo como vai sendo apropriado. Para Martín-Barbero (2001, p. 304), as mediações são os lugares onde se produz o sentido da comunicação: “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural”.

Todas as características particulares ao modo de desenvolvimento observado na América Latina, aliadas às limitações do modelo hegemônico da comunicação, levam à mudança de paradigma proposta por Martín-Barbero, com a valorização do cultural, uma nova compreensão das relações entre política e cultura e, sobretudo, com o pensamento dos processos de comunicação a partir da cultura, deixando de relacioná-los exclusivamente às disciplinas e aos meios. Essas rupturas são responsáveis pela instauração de uma mudança radical nos estudos dos meios de comunicação, como entende Maldonado:

O autor mudou a concepção do campo, inserindo a história, a cultura e a política no pensamento e na pesquisa em comunicação. O campo ampliou-se e aprofundou-se por meio das matrizes culturais populares, das miscigenações raciais, étnicas, religiosas, políticas, como também pela inserção de gêneros e narrativas populares e pelo deslocamento da pesquisa centrada nos meios para as mediações (MALDONADO, 2001, p. 102).

Com o estudo da comunicação inserida na realidade cotidiana, ganha força a ideia da natureza comunicativa da cultura, seu caráter de processo produtor de significação e não de mera circulação de informações:

Mais que de meios, a comunicação nos propõe hoje questões de mediações, isto é, de cultura, e, portanto, são necessários não só conhecimentos, mas também reconhecimentos. Um reconhecimento que é, em primeiro lugar, um deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da

comunicação desde seu outro lado, o das resistências e das resignações que se exercem desde a atividade de apropriação, desde seus usos que os diferentes grupos sociais – classes, etnias, gerações, sexos – fazem dos meios e dos produtos massivo (MARTÍN-BARBERO, 1990, p. 22-3).

Em sua metáfora de mapa noturno para explorar o campo da comunicação, as mediações constituem, portanto, um novo espaço para pensar a comunicação a partir da cultura. Inicialmente, são três as categorias de mediação propostas pelo autor: a cotidianidade familiar, a competência cultural e a temporalidade social. O estudo dessas mediações significa a preocupação com as práticas que constituem a vida cotidiana, até então muitas vezes deixadas de lado nos estudos de comunicação.

A proposta foi de abandonar o mediacentrismo e pensar nos entornos sociais e culturais que configuram os usos dos meios de comunicação. Outros pesquisadores trabalham com o conceito de mediação de modo a avançar os estudos de recepção na América Latina. Entre eles, destacamos Guillermo Orozco Gómez (1991) e o modelo das multimediações, que trouxe quatro grupos de mediações – individual, situacional, institucional e videotecnológica – como elementos a serem considerados na relação entre receptores e meios de comunicação, especialmente a televisão, objeto de suas pesquisas

As interconexões entre popular e massivo, a partir da dinâmica das mesclas e das transformações por meio das hibridações culturais, conceito proposto por García-Canclini (2001), serão outros elementos fundamentais para o desenvolvimento dos estudos de recepção na América Latina. Segundo Cogo (2009), através do exemplo das reconfigurações do artesanato mexicano quando convertido em produto de consumo turístico, o autor leva a entender que, se na constituição do massivo é central a presença do popular, também na realidade cotidiana do popular as apropriações e usos do massivo são fundamentais.

Desde os trabalhos pioneiros, novos contornos podem ser percebidos hoje nos estudos de recepção, que foram transformados à medida que investigações teóricas e empíricas foram sendo desenvolvidas. Em importante reflexão sobre tendências incorporadas aos estudos de recepção contemporaneamente, Cogo (2009) aponta elementos que nos fazem pensar sobre o papel assumido por essa vertente dos estudos da comunicação, que, mais do que uma escola, representa uma perspectiva de reflexão e lugar epistemológico de investigar as relações entre comunicação, cultura e sociedade. Assim temos: investigações que consideram os imbricamentos entre recepção midiática, consumo e cidadania; articulação entre os processos de mediação e midiatização, que reconhecem a centralidade da esfera midiática na

organização das relações sociais; pesquisas baseadas nas redefinições da experiência da nação e das identidades nacionais e suas interligações com um consumo transnacional dos meios de comunicação; retomada das relações entre produtores e receptores através da análise do processo de reordenação tecnológica, movimento para o qual contribui o conceito de mediação tecnológica; análise da heterogeneidade de cenários e transformações da família como universo da recepção (tida nos estudos iniciais como lugar central na produção de sentido e como fonte de reconhecimento); incorporação de pesquisas sobre os movimentos sociais e seu modo de organização em redes; aporte dos conceitos de memória e imaginário para a compreensão das relações de recepção midiática (trabalhados através de abordagens metodológicas que privilegiam entrevistas em profundidade e de histórias de vida); e ampliação da agenda de trabalho dos projetos de educação relacionados aos meios de comunicação.

Mesmo diante de todas essas possibilidades temáticas e focos de interesse de pesquisa muito vinculados à realidade plural das sociedades contemporâneas, os limites e possibilidades dos estudos de recepção têm mobilizado discussões, originadas logo nas primeiras formulações ligadas a essa matriz teórica. “As reconfigurações da noção de recepção têm sido tributárias e ao mesmo tempo provocadoras de novas indagações que se produzem quando as sociedades contemporâneas se tornam cada vez mais interrelacionadas sociopolítica, econômica, cultural e comunicacionalmente”, lembra Cogo (2009, p.7).

O primeiro limite imposto para os estudos de recepção está no próprio termo empregado para designar o processo complexo de interação com os meios de comunicação. A ideia de recepção tem como premissa o modelo aristotélico de comunicação que limita o processo a três instâncias fixas: emissor-mensagem-receptor, quando sabemos que muitos elementos atuam nessa relação e a produção e a ação não estão limitados à emissão. Em função disso, o termo já surge com uma capacidade explicativa aquém daquilo que pretende exprimir e, para driblar esse limite, vão sendo criadas formulações diversas, como “recepção ativa”, “leitura crítica da comunicação”, entre outros. É o que destacam Cogo e Gomes (1998), ao lembrarem que o problema move-se em dois níveis: pela busca de um conceito adequado e pela necessidade de superação efetiva do esquema tradicional da comunicação.

Passados quase trinta anos dos estudos iniciais, quando emissor e receptor não são mais pensados como instâncias isoladas, mas como lugares sociais de produção de significação, sempre considerados a partir de um jogo emaranhado de relações, o conceito de recepção segue vigorando como o mais utilizado para referir a relação dos sujeitos que compõem o público, ou a audiência, com os meios de comunicação. Várias outras noções

podem ser acrescentadas ao que, de um modo mais amplo, caracterizamos como estudos de recepção, como a ideia de consumo cultural, trabalhada por García-Canclini; de frentes culturais, como concebido por Jorge González; de recepção ativa; além do modelo de multimediasções, de Guillermo Orozco, que já referimos (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005). Entre estas e outras proposições conceituais e metodológicas que se situam no campo dos estudos de recepção, a opção nesta pesquisa é por considerar os usos sociais dos meios de comunicação como instância de apropriação, ressignificação e produção dos sujeitos – cada vez mais ativos no processo de interação com as mídias.

Tal opção não é aleatória, mas parte da impossibilidade de referirmos como recepção o processo de apropriação dos múltiplos ambientes comunicacionais da internet. Se já era difícil identificar a ação empreendida ao assistir televisão, escutar rádio, ler jornais e revistas, como recepção, torna-se impossível tal consideração ao falarmos das relações que os sujeitos exercem a partir dos usos da internet, através dos quais se torna muito difícil separar o que seria produção do que seria recepção.

Como discutiremos no capítulo 2, uma das principais características da comunicação mediada pelo computador é, justamente, a interatividade, o que eleva as potencialidades de participação efetiva através de intervenções em diferentes níveis no processo de comunicação. Não é possível separar emissores e receptores na comunicação através da internet, pois os papéis se alternam em uma lógica muito dinâmica.

A complexidade desses usos sociais pode ser facilmente expressa pela dificuldade de nomear o sujeito que faz uso da internet. Uma primeira definição pode ser associada à figura do “internauta”, termo em desuso que refere o movimento de navegação empreendido no ciberespaço, ou do “usuário”, categoria também redutora –embora bastante empregada (inclusive nesta pesquisa, por falta de uma mais apropriada) por associar o lugar de uso como distinto ao da produção – limite que chega a ser driblado com a referência a “usuário-produtor”. Para alguns pesquisadores aparece o conceito de “interagente” (Primo, 2007) como o que mais abarcaria o lugar da participação e troca entre tecnologia-sujeito e sujeitos entre si na internet. Em outra abordagem, García-Canclini (2008) considera o papel do internauta na redefinição das condições de leitura na atualidade.

Consideramos aqui que a nomeação pode variar conforme a situação específica a ser referida. O que ela nos indica, entretanto, é a dimensão das transformações empreendidas pela lógica de redes como um novo paradigma a ser considerado nos estudos de recepção. A complexidade do processo comunicativo na internet nos exige repensar as abordagens teóricas e metodológicas com as quais trabalhamos e empreender um esforço de olhar o todo da

comunicação, suas transformações e imbricamentos, a partir das interrelações que se dão por meio do que aqui denominamos como usos sociais da internet.

1.2.2 Aproximação aos usos sociais e à perspectiva da cidadania

Para desenvolver o conceito de usos sociais, partimos do debate teórico proposto por Michel De Certeau (1994), ao pensar as práticas cotidianas do sujeito comum, que ele define como suas “múltiplas maneiras de fazer”. Para isso, o autor propõe as noções de táticas e estratégias ao trabalhar com as relações entre mundos formalizados, institucionalizados, organizados desde um lugar próprio, que pressupõem um poder instituído, e mundos não formalizados, da vida cotidiana, habitados pelo homem ordinário, que constrói seus modos particulares e criativos de agir a partir da ocupação do lugar do outro.

Essa é a diferença fundamental entre estratégias e táticas, segundo De Certeau. As estratégias referem-se às ações que supõem a existência desse lugar próprio, características daqueles que tentam perpetuar o exercício de poder. Enquanto as táticas são identificadas como a “arte do fraco”, as ações que se organizam desde um lugar que não é específico ou próprio, mas a partir do espaço do outro. Elas possibilitam burlar um modo de consumo instituído e previsto desde a produção, de maneira a permitir uma “fabricação” astuciosa, silenciosa e quase invisível, que se faz notar nas maneiras alternativas de empregar os produtos oferecidos para o consumo. O que distingue táticas de estratégias, portanto, são os tipos de operações empreendidos: “as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizar, manipular, alterar” (DE CERTEAU, 1994, p. 92).

A partir desse movimento marcado pelos modos de fazer do sujeito comum, sempre pensado em sua capacidade de desviar, contornar a racionalidade dos dispositivos estabelecidos através de arranjos inventivos e transformadores, Michel de Certeau contribui no avanço da problemática dos usos e do consumo. Ele levanta a necessidade de voltar-se a atenção para a produção dos consumidores, inclusive dos consumidores dos meios de comunicação:

Muitos trabalhos, geralmente notáveis, dedicam-se a estudar sejam as representações sejam os comportamentos de uma sociedade. Graças ao conhecimento desses objetos sociais, parece possível e necessário balizar o uso que deles fazem os grupos ou os indivíduos. Por exemplo, a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo

daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens (DE CERTEAU, 1994, p. 39).

Essa fabricação, como propõe, é definida como uma produção, uma poética, que atua a partir dos espaços dos sistemas de produção estabelecidos, que nunca deixam aos consumidores um lugar próprio para marcar o que fazem com os produtos, mas são penetrados e ressignificados desde as demandas e lógicas de quem está do outro lado do processo. “A uma produção racionalizada, expansionista, além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível” (DE CERTEAU, 1994, p. 39). A diferença, segundo o autor, está no fato de que a produção dos consumidores não se faz notar com novos produtos, mas nas muitas maneiras de empregar os produtos a que têm acesso.

Ainda com base em De Certeau, entendemos as apropriações como as muitas “maneiras de fazer” sugeridas pelo autor: “essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (DE CERTEAU, 1994, p. 41). O conceito de apropriação implica em, ao considerar as relações de poder e os sentidos assimétricos presentes entre a produção e o consumo, compreender as táticas de ressignificação das tecnologias, por meio da construção de outros sentidos, que partem do que foi proposto pela produção, mas vão além deles, como sinaliza, a partir da contribuição do autor, a pesquisadora Jiani Bonin:

Nessa perspectiva, o consumidor está inscrito em relações de poder, mas não é um ator passivo. Também instaura uma outra produção, fabrica num espaço que é do outro, com os elementos que a ordem dominante lhe impõe. Esta fabricação não se faz notar em produtos próprios, mas na forma de empregar os produtos, na apropriação. Aqui, a cultura popular formula-se e expressa-se em artes de fazer a cultura comum, para usar a expressão de Certeau, ao relacionar-se com os produtos massivos, dentro das relações de força que aí se estabelecem, lança mão de táticas, uma arte de dar golpes, realizada no lugar do outro, pois não conta com um lugar próprio, dependente do tempo, por seu não lugar e vigilante para transformar acontecimentos em ocasiões (BONIN, 2003, p. 3).

Desse modo, compreendemos que o consumidor, o usuário, o homem comum, no nosso caso, o migrante, afasta-se da suposta passividade que lhe foi atribuída para empreender

um movimento de táticas de resistência, de *artes de fazer*, sempre inventivas, através das quais se apropria dos objetos, dos códigos, do espaço e das tecnologias.

Isso não nos leva, como já abordado, a desconsiderar as relações de poder entre as instâncias de produção e consumo, mas exige a complexificação do entendimento das dinâmicas que atuam entre as duas esferas, cada vez mais imbricadas em suas lógicas. O cuidado em não sobrevalorizar o papel do consumidor ao analisar os múltiplos processos de consumo é lembrado por Mattelart (2000), ao criticar estudos baseados nas pesquisas de De Certeau que, diferentemente do que propunha o autor, passaram a quase desconsiderar as dimensões do poder.

Tais proposições devem ser atualizadas hoje, em tempos de interação mediada por computador, em que as facilidades de acesso à esfera da produção levam a uma ressignificação do estatuto do “usuário” ou “consumidor” das tecnologias da comunicação. Esse sujeito, a partir de um pré-condicionamento imposto pelas possibilidades técnicas, diferentemente do que analisava De Certeau, pode não apenas produzir sentidos desviantes daquilo que é produzido para o consumo, mas sugerir novos produtos a partir de outra relação estabelecida com os lugares de querer e de poder próprios.

Antes de avançarmos nesta discussão, vale destacar a importância das propostas de Michel de Certeau para os estudos de recepção, especialmente para o estudo dos usos sociais dos meios de comunicação. Sua contribuição vai dialogar com as proposições dos Estudos Culturais latino-americanos, através das quais, como vimos, desde os anos 80, a visão de um receptor passivo é substituída pela compreensão da complexidade da relação entre produção e consumo dos meios de comunicação, processo sempre localizado e somente possível de ser compreendido quando inserido no âmbito da cultura e da vida cotidiana.

Dessa forma, ancorados em um referencial teórico que privilegia o conceito de mediação, entendemos que os usos sociais da internet são definidos por um conjunto de entornos que interage na construção dos significados atribuídos aos meios de comunicação e no modo como sujeito e tecnologia se relacionam. A diversidade de modos de usar a internet, mesmo que limitada por imposições de ordem tecnológica e pelas questões de desigualdade econômica e social, é marcada também pela capacidade de produção de sentido de cada indivíduo, garantida através de suas identificações, competências e também de sua relação com as identidades, história, valores, hábitos e tradições.

Entendemos, portanto, que é por meio das mediações, variáveis de acordo com o receptor, que se produz o sentido – não definido somente no momento da produção, mas estabelecido a partir do modo como vai sendo apropriado. É no deslocamento do interesse dos

meios para o lugar onde é produzido o seu sentido, que são pensadas as dinâmicas dos usos sociais dos meios de comunicação, complexos e, muitas vezes, imprevisíveis. Nesta lógica, percebe-se a possibilidade de que bens simbólicos e mensagens possam ser transformados em seus usos sociais, sempre múltiplos e mediados.

Ao traçar um panorama sobre os estudos de recepção, Escosteguy e Jacks (2005) abordam os usos sociais dos meios como uma concepção proposta por Jesús Martín-Barbero desenvolvida em decorrência da perspectiva das mediações, como busca de entendimento da relação entre receptores e meios. Segundo as autoras, a proposta nasce da necessidade de entender a inserção das camadas populares latino-americanas em um processo acelerado de modernização, o que implica no aparecimento de identidade e sujeitos sociais novos, forjados, em especial, pelas tecnologias da comunicação.

Para além desse entendimento das mediações, no resgate de alguns conceitos trabalhados por Jesús Martín-Barbero evidencia-se uma reformulação na proposta para pensar a comunicação. Trata-se não do abandono da construção teórico-metodológica de explorar as mediações entre as lógicas de produção e as de uso, mas um reequilíbrio da importância conferida à cultura da vida cotidiana e aos meios de comunicação. Como comenta Maria Immacolata Vassallo Lopes (2001), na apresentação à edição brasileira de *Os exercícios do ver – Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*, textos posteriores do autor, incluindo a publicação em parceria com o psicólogo colombiano Germán Rey, mostram uma preocupação em elucidar as relações entre meios e mediações.

Depois de propor uma mudança no foco dos estudos comunicacionais, com a valorização da riqueza da vida cotidiana na mediação dos sentidos atribuídos aos meios de comunicação, o autor propõe pensar nas mudanças na constituição das relações sociais a partir da apropriação de diferentes tecnologias. Martín-Barbero (2000) afirma que nunca negou a importância dos meios, enfatizando que eles influem conforme as expectativas e demandas geradas pelas pessoas. O autor comenta o seu primeiro movimento de ruptura com as teorias hegemônicas da comunicação através da análise da realidade cotidiana na América Latina:

Comecei afirmando o lugar dos meios, nos estudos dos processos de comunicação, de uma forma que os meios não fossem o ator da comunicação, mas sim um dos atores, muito importantes, mas que estavam entrelaçados a outros atores também importantes. De algum modo, tivemos que mudar um pouco a noção de comunicação, para não falar unicamente da transmissão de informação. [...] Foi preciso mudar a noção da comunicação para poder mostrar um pouco da nossa realidade latino-americana, não só em meio à miséria social, mas também em meio à riqueza da vida (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 157).

A partir da reflexão sobre seu percurso teórico e a formulação de conceitos em sua obra, o autor garante que não abandonou suas proposições, mas incluiu elementos para a análise desse complexo fenômeno da comunicação, sobretudo desde a ruptura cultural vivida na contemporaneidade:

Não dá para entender essa ruptura sem a presença dos meios, a presença da publicidade, sem a presença das novas tecnologias. Para mim, o mais importante é compreender que, hoje em dia, não somente aparecem novos aparelhos – porque quando surge uma nova tecnologia como o computador, a Internet, videogames, satélite, tudo que está aparecendo – não são só aparelhos, são novas linguagens, novas formas de perceber, novas sensibilidades, novas formas de perceber o espaço, o tempo, a proximidade, as distâncias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 157-8).

É a presença generalizada dos meios e seus usos sociais que fazem Martín-Barbero propor diferentes mediações para entendermos a comunicação. A novidade está nas mediações tecnológicas e culturais, a partir, inicialmente, do estudo da televisão, meio em que esteve voltada a atenção inicial do pensador. Em *Os exercícios do ver*, o autor pensa na TV através das hibridações entre a tecnicidade e a visualidade: “Nos marcos dessas duas categorias a televisão torna-se experiência comunicativa e cultural nos processos de ‘des-construção’ e re-construção’ das identidades coletivas, lugar onde se trava a estratégica batalha cultural do nosso tempo” (LOPES, 2001, p. 10).

A tecnicidade e a visualidade são vistas como novos lugares metodológicos. Assim, a técnica é entendida como constitutiva da comunicação, como responsável por “novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novas formas de expressão, de textualidade e escritura” (LOPES, 2001, p. 11-2). A tecnologia perde seu sentido instrumental e a técnica passa a instituir um novo regime de visualidade que introduz alterações no estatuto epistemológico do saber.

A experiência audiovisual e tecnológica propõe novos modos de relação com a realidade, incluindo nossas percepções do tempo e do espaço. A argumentação de Martín-Barbero faz pensar sobre a emergência de dispositivos responsáveis por alterações nos vínculos sociais. Hoje, sem abandonar as formas tradicionais de interação, lidamos cada vez mais com os outros através das mediações do mundo da técnica. Para além do modelo da comunicação tradicional, em que o ritual se mantém como dispositivo organizador, passamos a conviver ainda com modelos baseados na representação da mídia e na formação de redes de comunicação.

Com a radicalização da sociabilidade midiática, através da ação de um conjunto de procedimentos técnico-midiáticos oferecendo novos nichos de interação, observamos uma complexificação dos regimes de sociabilidade, via meios tecnológicos que, através de suas diferentes possibilidades de usos, implodiram o panorama da vida social tradicional, instaurando o que se vem nomeando de uma nova sociabilidade – por um lado resultante de novas práticas, novas linguagens, e por outro, marcada pelo resgate de tradições e costumes fundados na experiência da vida cotidiana.

Apoiado em outros autores, Martín-Barbero nomeia de sociabilidade a trama de relações cotidianas tecidas pelos homens ao juntarem-se e através das quais organizam os processos primários de interpelação e constituição dos sujeitos e das identidades. É, segundo o pesquisador (2002b), o que constitui o sentido da comunicação como questão de fins e não apenas de meios. Esse contexto de transformações do âmbito da tecnicidade e das identidades exige repensar o mapa através do qual são estudadas as mediações comunicativas:

Un nuevo mapa que dé cuenta de la complejidad en las relaciones constitutivas de la comunicación en la cultura pues los medios han pasado a constituir un espacio clave de condesación e intersección de la producción y el consumo cultural, al mismo tiempo que catalizan hoy algunas de las más intensas redes de poder (MARTÍN-BARBERO 2002b, p. 226).

Este novo mapa proposto por Martín-Barbero (2002b) contempla as relações entre matrizes culturais e formatos industriais, por um lado, e lógicas de produção e competências de recepção e consumo, por outro. Relações estas mediadas por diferentes regimes de institucionalidade e diversas formas de sociabilidade, além de dinâmicas e complexas tecnicidades e ritualidades.

Nesse contexto em que o protagonismo das tecnologias é cada vez maior, investigar como se efetuam os usos da internet no cotidiano de pessoas que convivem com diferentes espaços comunicacionais representa um desafio, pois deve levar em conta todas essas mediações implicadas nas relações entre sujeitos e tecnologias da comunicação. A busca de conceitos articulados pelo autor ajuda para que abandonemos uma perspectiva determinista, que vê na tecnologia a imposição de mudanças alheias às práticas culturais de cada grupo, ao mesmo tempo em que permite lançar questões sobre a reconfiguração das identidades e das culturas a partir dos usos das diferentes tecnologias.

Em livro dedicado ao esforço de traçar uma cartografia da perspectiva latino-americana no campo da comunicação, no qual se posiciona duramente contra o que denomina

uma tendência ao autismo tecnicista, Martín-Barbero (2002b) situa a necessidade de estudo das tecnologias a partir da relação entre inovações culturais e usos sociais. O autor chega a falar de tecnologia, no singular, e culturas, no plural, por acreditar que é da tecnologia que provêm um dos mais poderosos impulsos à homogeneização, constituída como uma imposição reducionista à tentativa de modernização com base tecnológica, sobretudo na realidade latino-americana, pois desconsidera a brecha, a não contemporaneidade existente entre as tecnologias e produtos culturais que se consomem e o lugar, o espaço social e cultural em que são consumidos.

Com este entendimento, o autor identifica os modos de uso das tecnologias como formas de resistência, em um deslocamento do olhar da técnica em si para seus modos de apropriação, principalmente pelas classes populares. Embora parta do pressuposto de uma inevitável subalternidade diante das lógicas impostas pela ordem tecnológica, pensada em sua dimensão política como uma forma de dominação – reflexão que não partilhamos totalmente por entendermos que também as tecnologias devam ser compreendidas em sua dimensão plural –, Martín-Barbero complexifica o entendimento das relações entre meios e sociedade, tecnologias e sujeitos.

No que define como pensar as tecnologias através do popular, sua construção aproxima-se uma vez mais do que propõe De Certeau quanto à possibilidade de ação desde o lugar do outro. Martín-Barbero diz que esse movimento nada tem a ver com o fetichismo e a fascinação da técnica recorrentes em muitas pesquisas da área, pois parte da compreensão de que as tecnologias não são meras ferramentas dóceis e transparentes e não se deixam usar de qualquer modo, mas são a instância de realização de uma cultura e do domínio nas relações culturais: “Pero el rediseño es posible, si no como estrategia al menos como táctica, en el sentido que le da Michel de Certeau: el modo de lucha de aquél que no puede retirarse a su lugar y se ve obligado a luchar en el terreno del adversario” (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 189-190).

Em sua proposta de “entre-ver meios e mediações”, portanto, Martín-Barbero amplia nossas perspectivas de estudo da comunicação, através da busca de equilíbrio no papel atribuído a ambos. No prefácio da quinta edição castelhana de *Dos meios às mediações*, dez anos depois de seu lançamento, o autor reconhece os meios de comunicação como espaços chave de “condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural” e, ao mesmo tempo, alerta contra “o pensamento único que legitima a idéia de que a tecnologia é hoje ‘o grande mediador’ entre as pessoas e o mundo” (MARTÍN-BARBERO 2001, p.20).

Daí a importância de se entender os meios de comunicação a partir da luta contra esse pensamento único, através do esforço de investigação de suas diferentes apropriações individuais e coletivas. Assim, não falamos da internet como uma tecnologia que oferece possibilidades de comunicação radicalmente novas e libertadoras, mas como uma tecnologia que deriva da consolidação de múltiplos ambientes comunicacionais, cujos sentidos são conferidos a partir de seus efetivos usos sociais.

Voltar a atenção para as mediações que atuam no processo de apropriação dos sujeitos em relação às tecnologias significa, na perspectiva de Martín-Barbero, empreender um deslocamento:

Que nos lleva de las tecnologías en sí mismas a sus modos de acceso, de adquisición, de uso: desplazamiento de su incidencia en abstracto a los procesos de imposición y dependencia, de dominación pero también de resistencia, de resemantización y rediseño (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 177).

A ideia de mediação tecnológica contribui para a reflexão a respeito das relações estabelecidas entre sujeitos e tecnologia. Martín-Barbero (2006) amplia, portanto, o debate ao enfatizar a necessidade de se buscar os cruzamentos entre competências e tecnologias. Em diálogo com o pesquisador, podemos pensar nos modos como as apropriações diversas e nem sempre previsíveis das tecnologias configuram novas formas de saber e maneiras renovadas de intervenção na realidade social:

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica (J. Echeverría) da comunicação deixa de ser meramente instrumental para espessar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

As formulações de Martín-Barbero a partir da popularização de tecnologias da comunicação redimensionam a proposta de pensar os usos da internet. Ao se referir à constituição do urbano hoje, o autor fornece pistas sobre sua mudança no entendimento da relação entre comunicação e cultura, com a constatação das transformações nas identidades:

Aun las culturas más fuertemente locales atraviesan cambios que afectan a los modos de experimentar la pertenencia al territorio y las formas de vivir la

identidad. Se trata de los mismos movimientos que desplazan las antiguas fronteras entre lo tradicional y lo moderno, lo popular y lo masivo, lo local y lo global. Esos cambios y movimientos resultan hoy cruciales para comprender cómo sobreviven y se recrean las identidade en las comunidades tradicionales, las nacionales y las urbanas (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 177).

Ao falar da “cidade virtual”, Martín-Barbero pensa nas transformações dos espaços a partir da mediação das tecnologias. Trata-se da emergência de um *sensorium*, graças ao estabelecimento de um novo espaço comunicacional, “tecido já não de encontros e multidões, mas de conexões, fluxos e redes” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 186). A reconfiguração na sociabilidade passa pela formação de *comunidades hermenêuticas* que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade, e da formação de identidades menos largas, mais precárias, mas também mais flexíveis, capazes de amalgamar, de fazer conviver no mesmo sujeito, ingredientes de universos culturais muito diversos. Esse novo modo de se estar junto aparece, para Martín-Barbero, mediado agora primeiro pela televisão, depois pelo computador e ainda pela união de televisão e informática.

Nessa perspectiva, a relação entre comunicação e cultura, o afastamento do determinismo tecnológico, a valorização do receptor e a preocupação com o processo de significação inserido nas práticas cotidianas são algumas das reflexões assumidas a partir dos Estudos Culturais latino-americanos, especialmente através da contribuição de Martín-Barbero, que colaboram para pensarmos os usos sociais da internet. Assim como o estudo da comunicação através das mediações, a reflexão sobre o papel dos meios ou das tecnologias da comunicação enriquecem o debate.

Mais do que o inicial deslocamento exigido pelo estudo das mediações na produção de sentidos atribuídos aos meios de comunicação, o percurso teórico exposto faz pensar sobre as novas formas de vida e sociabilidades construídas através de profundas transformações instauradas através dos usos das tecnologias da comunicação.

A constatação de rupturas nas culturas, no modo como nos identificamos e na forma com que estamos juntos em sociedade a partir dos usos que efetuamos dos meios e das novas experiências que eles possibilitam, aliada à compreensão do papel das práticas culturais cotidianas nas relações que estabelecemos com as tecnologias, são importantes pontos a serem considerados ao pensarmos a comunicação na contemporaneidade.

O conceito de usos sociais, a partir de sua aproximação à ideia de mediação tecnológica, pode ser associado à compreensão das diferentes apropriações realizadas pelos

sujeitos em relação às tecnologias. Em algumas circunstâncias, nessa pesquisa, usos sociais e apropriações são entendidos como sinônimos, pois levamos em consideração o caráter de atuação efetiva dos sujeitos a partir do modo como incorporam as tecnologias e, principalmente a internet, em seus cotidianos.

Nessa perspectiva é que propomos pensar a internet inserida em uma questão complexa, que passa a ser problematizada desde as tensões entre inovações da ordem tecnológica e as identidades dos sujeitos que se apropriam de seus espaços, que podem significar, para além das exclusões e desigualdades, renovados ambientes para construção da cidadania. A multiplicação dos usos da internet – com a possibilidade crescente dos sujeitos assumirem o protagonismo, tanto no caminho que constroem para se comunicar e informar, quanto na produção de novas formas de comunicação, alternativas e plurais – pelo que construímos na pesquisa, estão associados a uma redefinição do próprio conceito de cidadania.

2 USOS SOCIAIS DA INTERNET E CIDADANIA NA SOCIEDADE EM REDE

2.1 Da sociedade das mídias para a sociedade em rede

A centralidade que a esfera midiática assume na vida cotidiana e nas relações sociais, vem sendo discutida como uma importante reconfiguração com implicações de diversas ordens, inclusive nas relações de tempo e espaço e nas vivências identitárias. Sem desconsiderar os cruzamentos, assimetrias e distintas temporalidades nas apropriações das mídias – também característicos da sociedade contemporânea –, as mídias penetram todas as esferas da vida. Estão no foco das discussões sobre globalização, mundialização da cultura e aceleração dos fluxos informacionais, sendo apontadas como protagonistas de mudanças nas interações sociais e nas formas de reconhecimento.

O que percebemos, a partir do aporte de diferentes pesquisadores (VERÓN, 1997; MATA, 1999), é que a comunicação midiática encontra-se em transformação acelerada, com o desenvolvimento de dispositivos tecnológicos e também com alterações em seus usos, gerando um processo definido como “mídiatização” das sociedades, sendo possível perceber uma valorização das mídias para a constituição dos vínculos sociais. Esse fenômeno de mídiatização faz referência a mudanças diferentes nas práticas sociais e em suas representações, entretanto, de um modo geral, essas práticas acabam sendo perpassadas pelas lógicas midiáticas.

Verón (1997) chama a atenção para a dimensão coletiva da mídia, pois a considera a partir do acesso às mensagens por uma pluralidade de indivíduos. Segundo o autor, um meio de comunicação social é um dispositivo tecnológico de produção e reprodução de mensagens associado a determinadas condições de produção e a determinadas modalidades (ou práticas) de recepção dessas mensagens. Ou seja, no estudo das mídias é preciso considerar os contextos em que esse processo de comunicação midiática está inserido.

Entendemos, nos termos de Sodré (2002, p. 23), que a mídia implica uma “forma nova de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades”. Para além da mediação da linguagem ou da cultura, a mídiatização da experiência configura outra circunscrição político-epistemológica da ação humana que revela um caráter privilegiado dos meios de comunicação: “São acrescentadas de tal maneira as zonas de existência dos indivíduos que se

realizam – ou prometem realizar-se – através dos meios e tecnologias que, conseqüentemente, constituem-se como garantias da possibilidade de ser e atuar” (MATA, 1999, p. 87).

Silverstone (2002) chega a falar sobre a textura da experiência através da mídia, sendo impossível escapar a sua presença e a sua representação: “Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e, também, de quando em quando, para as intensidades da experiência (SILVERSTONE, 2002, p. 12). O autor fala, portanto, do caráter fundamental da presença da lógica das mídias na configuração das experiências cotidianas, sem desconsiderar o modo como nos movemos entre espaços midiáticos e para além deles, em uma dinâmica de fluxos para dentro e fora da mídia, mas de algum modo sempre impactada por sua presença.

Neste contexto de complexidade das relações entre tecnologias da comunicação e sociedade, Mata (1999) destaca a passagem da cultura massiva à cultura midiática como a compreensão da insuficiência da noção de “massa” para explicar a produção e o consumo de significados na sociedade contemporânea. A partir do reconhecimento da centralidade outorgada à mídia com instituição geradora de sentidos e dinamizadora de relações sociais, ela passa a ocupar espaços e a assumir funções antes pertencentes a outras instituições (política, educação, justiça, etc.). Como lembra a pesquisadora, os meios alcançam aonde a interação pessoal e a influência institucional não chegam.

Pero la cultura mediática no se concibe sólo como un estadio más avanzado en el intercambio de productos culturales: un estadio en el que se han incrementado las tecnologías e instituciones destinadas a la producción de mensajes y en el que se ha incrementado el uso y consumo de esas tecnologías y medios. Constituiría, en cambio, un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales marcada por la existencia de los medios. En ese sentido, la mediatización de la sociedad – la cultura mediática – nos plantea la necesidad de reconocer que es el proceso colectivo de producción de significados a través del cual un orden social se comprende, se comunica, se reproduce y se transforma, el que se ha rediseñado a partir de la existencia de las tecnologías y medios de producción y transmisión de información y la necesidad de reconocer que esa transformación no es uniforme (MATA, 1999, p. 85).

Percebemos mais uma vez a necessidade de repensar a relação entre sociedade e mídia em função não apenas do papel central que esta ocupa como organizadora das relações sociais e dos sentidos produzidos, mas principalmente pelo modo como a mídia vai se articulando a

partir de outra lógica de interação. Se até aqui falamos da passagem de uma *sociedade dos meios*, responsáveis pela veiculação de mensagens para as “massas”, para uma *sociedade midiaticizada*, em que os meios não apenas divulgam, mas constroem sentidos, configuram uma ambiência e redefinem nossa experiência, passamos a pensar agora em uma *sociedade em rede*, em que essa ambiência organizada pela mediação das tecnologias e das mídias torna-se responsável por uma interconexão em escala antes inconcebível e a partir de uma participação individual e coletiva. O que implica em reordenamentos das noções de contexto e de processos comunicacionais que conformam os objetos de estudo no âmbito da recepção, especialmente aqueles envolvendo o espaço sociocomunicacional e as materialidades da internet.

Para desenvolvermos melhor a ideia de transformações sociais rumo a uma sociedade em rede, precisamos apresentar o que entendemos por rede: definida genericamente como um conjunto de nós interconectados, caracterizada pela flexibilidade e adaptabilidade. Como lembra Castells (2003), a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes redimensionaram-se a partir de três processos alavancados nas últimas décadas do século XX:

(...) as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica (CASTELLS, 2003, p. 8).

A compreensão da interconexão dos mercados, das sociedades e das tecnologias é compartilhada por pesquisadores que destacam uma reconfiguração da sociedade contemporânea a partir de uma lógica de interações não-hierárquicas, flexíveis e interdependentes. Como refere Molina, a emergência do debate a respeito das redes está associado a uma sensação de interconexão que acompanha as relações contemporâneas: “Esta característica de vivir en un mundo inabarcable pero muy próximo al mismo tiempo, no sólo es propia de las redes sociales sino que es un fenómeno ampliamente difundido” (MOLINA, 2004, p. 39).

Martín-Barbero ajuda a pensar a questão ao caracterizar mudanças na política a partir, entre outros fatores, de uma desarticulação das massas em uma nova organização das sociabilidades: “Una socialidad de red, hecha de nudos que la rearticulan cuando las grandes instituciones de la modernidad, la política, el trabajo e la escuela, han entrado en crisis”

(MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 31). Segundo o investigador, em uma aproximação à construção feita nesta pesquisa, estamos diante de novas maneiras de estar juntos, uma ligação que não provém de um território fixo ou de um consenso racional e duradouro, mas de identidades plurais, nutridas em vários repertórios.

Para Manuel Castells (1999), as redes configuram a lógica da sociedade informacional, ou seja, da organização social contemporânea que, para o sociólogo, se caracteriza pela geração, processamento e transmissão da informação como fontes fundamentais de produtividade e poder, o que causaria uma transformação de nossa cultura material pelo mecanismo de um novo paradigma tecnológico, que se organiza em torno das tecnologias da informação e comunicação, as TICs (CASTELLS, 1999).

O pensador chega a caracterizar o período em que vivemos como marcado por uma “revolução”, o que faz pensar sobre as mudanças trazidas pelas múltiplas apropriações das tecnologias e sua penetrabilidade em diferentes esferas da vida. A internet, como a rede das redes, protagoniza, junto com outras tecnologias da informação e comunicação, esse cenário marcado pela flexibilidade, complexidade de interação e estrutura reticular, fazendo com que o autor venha a falar sobre a transição à sociedade em rede.

Em pesquisa sobre usos da internet na Catalunha, Espanha, Castells ressalta o caráter não homogêneo do que propõe chamar de sociedade rede, ao considerar que as pessoas plenamente integradas constituem apenas uma parcela da população mundial, mas que os aspectos essenciais da constituição dessa organização social condicionam ou impactam de alguma forma dimensões tão diversas quanto a economia, o conhecimento, o poder, a comunicação e a tecnologia, o que permite afirmar, nessa concepção, que a sociedade rede é a estrutura social dominante do planeta:

La sociedad red es la estructura social de nuestro tiempo. No es una sociedad del futuro compuesta por internautas solitarios y robots telecomunicados. Tampoco es la tierra prometida de las nuevas tecnologías que resuelven los problemas del mundo con su magia. Es, simplemente, la sociedad en la que hemos ido entrando desde hace algún tiempo, en un proceso de transición a partir de la sociedad industrial en la que vivimos durante más de un siglo (CASTELLS; TUBELA; SANCHO; ROCA, 2007, p. 17).

A abordagem proposta por Castells é interessante porque pensa a sociedade em rede a partir da análise de aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais, ou seja, em uma abrangência transversal, ao mesmo tempo em que reconhece que a lógica de rede, embora

assuma uma dimensão global, não substitui outras estruturas sociais, mais centralizadas e hierárquicas. A dinâmica não seria de substituição imediata, mas de convivência e adaptação, como o que percebemos no modo de organização das mídias, em uma combinação no que podemos identificar como mídias de massa e mídias em rede, como exploraremos a seguir.

A sociedade em rede, como designada por Castells e tal qual entendemos nessa construção, pode ser entendida como marcada, portanto, por mudanças na organização social, possibilitada pelo surgimento de tecnologias da informação e da comunicação, aliada a mudanças de diferentes ordens, como econômicas e culturais. Nessa sociedade em rede, como também considera Cardoso (2007), a autonomia das escolhas de decisão está diretamente ligada com nossa capacidade de interação com as mídias, sem excluirmos, no entanto, a importância das interações face-a-face.

2.1.1 Redes sociais, redes migratórias e TICs

“Que estamos en un tiempo de cambios y que esos cambios tienen que ver de alguna manera con las redes sociales es ya una idea común, extendida y repetida hasta el cansancio” (UGARTE, 2007a, p. 23). A observação de Ugarte é seguida pela constatação de que poucos que fazem esse anúncio parecem ter clareza sobre em que consistem essas redes. Mesmo que o conceito de rede tenha ganhado repercussão no contexto atual, sobretudo desde a expansão dos usos das TICs, a análise de redes sociais, remonta a estudos dos anos 30 e 40, marcadamente da antropologia, psicologia, sociologia e matemática. Nos anos 1970 e 1980, segundo Lozares (1996), com o desenvolvimento da base matemática da teoria dos grafos²⁷, que serão propostas e consolidadas metodologias de análise de redes sociais (Lozares, 1996).

De um modo geral, pode-se dizer que: “el análisis de redes es en sus orígenes una forma particular de análisis topológico: la descripción de las distintas estructuras que puede tomar una red y el estudio de las propiedades inherentes a cada una” (UGARTE, 2007b, p. 3). Essa abordagem da análise de redes repercute no desenvolvimento dos estudos ao apropriar-se de uma linguagem descritiva da teoria dos grafos como base para a identificação de qualquer rede.

²⁷ A Teoria dos Grafos é o ramo da matemática que estuda as propriedades de grafos. Um grafo é um conjunto de pontos, chamados vértices (nós), conectados por linhas, chamadas de arestas (ou arcos). Dependendo da aplicação, arestas podem ou não ter direção, pode ser permitido ou não arestas ligarem um vértice a ele próprio e vértices e/ou arestas podem ter um peso (numérico) associado. Estruturas que podem ser representadas por grafos estão em toda parte e muitos problemas de interesse prático podem ser formulados como questões sobre certos grafos. Ver: <http://www.sbm.org.br/eventos/cnmac/xxx_cnmac/PDF/683.pdf>.

Como conceito inicial dentro deste enfoque, pode-se dizer que: “La red se define como un conjunto de *nodos* (también llamados puntos o vértices) que en análisis social representan a los *actores* de la red, unidos por *líneas* que representan la relación o relaciones que les unen” (UGARTE, 2007b, p. 3). Boa parte da trajetória desenvolvida pela análise de redes sociais está relacionada com uma perspectiva estrutural, cuja recuperação ajuda a entender a necessidade de diferentes estudos fazerem uso de metáforas como *teia* e *tecido* para compreender a realidade social de entrelaçamento e interconexões das interações humanas.

Os anos 90 são marcados pela emergência de pesquisas multidisciplinares sobre redes sociais a partir de diferentes enfoques, muitas delas motivadas pelo aumento da complexidade da vida urbana e pelas comunicações mediadas pelo computador. Segundo levantamento do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor (Nupef-Rits)²⁸, publicado em 2006 e coordenado por Sonia Aguiar (2006, p. 11), na fase atual, a análise de redes sociais se sofisticou com o apoio de variadas técnicas e ferramentas computacionais, agora mais acessíveis.

Com uma abordagem mais ampla do conceito, em um afastamento de enfoque teórico-metodológico de análise de redes, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento propõem pensar sobre a ideia de “rede” como articuladora de uma reconfiguração no modo de pensar as organizações sociais, implicando um ponto de vista epistemológico que permita reconhecer as aproximações entre o local e o global, o particular e o universal, cada vez mais imbricados e responsáveis pela interconexão das identidades no cenário contemporâneo.

Tais reflexões vão impactar, inclusive, a compreensão dos movimentos sociais, não mais organizados em termos de uma base institucional, mas cada vez mais marcados por articulações, intercâmbios, próprios da formação de redes. No contexto brasileiro, é o que aponta, por exemplo, Ilse Scherer-Warren (1993) ao estudar as redes de movimentos sociais, a partir dos anos 90, na América Latina. Tais redes são entendidas pela autora enquanto processos de ação política, práticas sociais em construção, marcadas por lutas pela redefinição da cidadania, pela deslegitimação de decisões tomadas autoritariamente pelo Estado, pelo fortalecimento das relações comunitárias, pela forma de agir pela resistência ativa não-violenta e pela busca de democratização das práticas cotidianas (SCHERER-WARREN, 1993).

²⁸ Organização privada, autônoma e sem finalidade lucrativa, que se propõe a constituir uma rede virtual de informações voltadas para o fortalecimento das organizações da sociedade civil e dos movimentos sociais. Site: <www.nupef.org.br>.

Essa marca da configuração em rede dos movimentos sociais pode ser percebida em movimentos de reorganização urbana, ambientais, feministas, pacifistas, anti-globalização, entre outros, em que as conexões entre os sujeitos e as organizações são mais efêmeras, a partir apenas da identificação com as causas a serem defendidas. Reforçando a importância de se pensar a reconfiguração do social a partir da lógica das redes, o projeto do Nupef-Rits indica um crescimento do interesse pelo tema no Brasil a partir do ano 2000, graças, sobretudo, ao impacto da internet nas formas de organização da sociedade civil.

No âmbito ibero-americano, Molina, Teves e Maya Jariego (2004) apresentam um quadro promissor para as análises de redes sociais, com a progressão de investigações na área nos últimos dez anos, sustentada por indicadores como a consolidação do espaço de troca de experiências da lista de discussão por correio eletrônico REDES, a existência de uma revista eletrônica²⁹ com a publicação de artigos de referência e a compilação de artigos clássicos traduzidos para o espanhol, além da presença de trabalhos baseados na análise de redes sociais em cursos de doutorado, seminários e congressos.

Mesmo com esse cenário acadêmico favorável e, principalmente em função do papel que ocupa na dinamização das sociedades contemporâneas, o conceito de redes sociais precisa ser mais aprofundado tanto por pesquisas empíricas quanto por investidas teóricas. Em uma ampliação de um conceito inicial de rede como um conjunto de nós, usados para representar atores sociais, unidos por linhas que representam as relações (UGARTE, 2007b), buscamos uma compreensão das redes sociais dinâmicas formadas por relações em constante movimento.

Lozares (1996) fala das redes sociais como conjuntos de atores (indivíduos, grupos, organizações, comunidades, sociedades globais) vinculados através de um conjunto de relações sociais. Em uma formulação pertinente para o que se propõe na pesquisa, Rizo García (2003) trata das redes como formas de interação social, espaços sociais de convivência e conectividade, que se definem fundamentalmente por intercâmbios dinâmicos entre os sujeitos que as formam. A autora apresenta, ainda, uma compreensão das redes sociais como organizações sociais que permitem a potencialização de recursos e a contribuição para a resolução de problemas. Ela chega a dizer que:

El atributo fundamental de una red es la construcción de interacciones para la resolución de problemas y satisfacción de necesidades. Su lógica no es la de homogeneizar a los grupos sociales, sino la de organizar a la sociedad en su diversidad, mediante la estructuración de vínculos entre grupos con

²⁹ Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>.

intereses y preocupaciones comunes. De alguna manera, las redes implican un desafío a la estructura piramidal, vertical, de la organización social y proponen una alternativa a esta forma de organización que pueda hacer frente a las situaciones de fragmentación y desarticulación que se vive en la actualidad (RIZO GARCÍA, 2003, p. 1).

Trata-se de uma construção interessante para pensar sobre as redes de migrantes e suas dinâmicas em uma realidade social diferente, embora seja preciso ressaltar que reduz a questão defender o princípio de que as redes sociais, sempre e por definição, tenderiam a busca de soluções de problemas, pois percebemos que o movimento de organização social em redes pode ser acompanhado, muitas vezes, pela simples necessidade de formar vínculos, sem um fim concreto de ação ou intervenção social.

Neste trabalho, partimos, portanto, do entendimento das redes como estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar em um modo de participação social cuja dinâmica leve a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações.

Entendemos, ainda, que as redes sociais configuram interações entre sujeitos, podendo apresentar-se como redes informais, formadas por demandas subjetivas; organizadas, a partir da atuação de grupos com poder de liderança; ou podem ser híbridas entre as duas configurações; além de se caracterizarem pela organização através da mediação das tecnologias da informação e da comunicação, ao mesmo tempo em que são dinamizadas por espécies de “teias invisíveis”, formadas por sujeitos que não têm acesso às tecnologias. Aguiar é mais específica na categorização das redes sociais:

Os participantes desse tipo de rede podem atuar como indivíduos ou como atores sociais – neste caso representando (ou atuando em nome de) associações, movimentos, comunidades, empresas etc. Redes sociais plurais são formadas por indivíduos e atores sociais; redes organizacionais ou interorganizacionais são aquelas em que os participantes atuam apenas institucionalmente (AGUIAR, 2006, p. 14).

Independente dessas definições, importa refletir sobre as possibilidades de constituição múltiplas das redes sociais, que podem articular questões subjetivas e demandas sociais, indivíduos e coletivos, em dinâmicas mais institucionais ou livres associações, além de terem suas possibilidades ampliadas pela mediação tecnológica, sobretudo pelos usos da

internet, em uma aproximação entre a lógica de redes das interações face a face e a sua vivência estendida e/ou transformada tecnologicamente.

O interesse volta-se, especificamente, para a dinâmica das redes sociais articuladas desde a experiência das migrações transnacionais. A lógica de redes é percebida como um movimento associado ao processo de migração, sendo observada, muitas vezes, desde a construção do projeto migratório, ou seja, na decisão de migrar incentivada pelo exemplo e estímulo de parentes, amigos e conhecidos que já passaram pela experiência. As redes migratórias, pelo que diferentes investigações apontam, estão presentes também na articulação de interações que atuam no processo de instalação no país de migração e na manutenção de vínculos com o país de nascimento, através do contato com migrantes da mesma nacionalidade e participação em ambientes de convívio comuns. Pelo que observamos, a organização dos migrantes em redes é uma prática associada ao próprio fenômeno da migração.

Isso fez com que, nos últimos anos, o conceito de rede social tenha se tornado muito importante para o estudo das migrações, o que faz com que seja identificado um conjunto de investigações que buscam aproximar os dois eixos para melhor compreender a configuração dos fluxos migratórios. Podemos pensar as redes sociais migratórias como um conjunto de relações interpessoais, muitas vezes mediadas tecnologicamente, que vinculam os migrantes a seus familiares, amigos e conhecidos do mesmo país de nascimento, ao mesmo tempo em que implicam na constituição de novos vínculos no país de migração.

Nessas redes são, muitas vezes, valorizadas questões das culturas relacionadas aos países de nascimento, ao mesmo tempo em que são promovidas dinâmicas de participação no contexto local do país de migração. Essa observação é ancorada em estudos recentes sobre o processo migratório, que colocam as redes como dinâmicas não de fechamento, mas de participação e interação efetivas entre migrantes e destes com o restante da população do país para o qual migraram.

Segundo Mateo (2005), essas redes transmitem informação e comunicação, proporcionam ajuda psicológica e material, garantem alojamento ou participam na busca de emprego, além de serem um fator importante para o entendimento das migrações de certos coletivos para determinado lugar, mesmo em condições desfavoráveis:

El conocer a personas que ya han emigrado y tener conexión con estas redes, puede ser el mayor acicate para tomar la decisión de migrar. Incluso en ocasiones al comprobar como a determinados lugares (pueblos o ciudades) llegan personas de una procedencia y no de otra, se muestra el

vigor reticular. Y también metodológicamente las redes nos ayudan a unir y vincular lo macro (factores estructurales que pueden condicionar las migraciones, como niveles salariales, PIB, riqueza nacional...) con lo micro (decisiones individuales de los actores migrantes), con lo meso (procesos sociales y grupales de formación de opinión e intercambio de información, Faist 2000), poniendo de relieve que la emigración cada día es más una decisión colectiva (grupal y/o familiar) que individual (Borjas 1989) (MATEO, 2005, p. 192-3).

Esses contatos, ou melhor, esse conjunto de relações que atuam sob diferentes aspectos no fenômeno migratório, constituem o que Aparício e Tornos (2005) chamam de redes sociais de apoio às migrações: redes definidas por relações de amizade e de troca de ajudas, redes afetivas e facilitadores ao acesso a recursos, como encontrar um trabalho ou um lugar para viver. Os pesquisadores buscam aprofundar o que se sabe sobre redes de apoio a migrantes estrangeiros na Espanha em uma investigação quali-quantitativa realizada entre 2003 e 2004, com cinco coletivos diferentes, representantes significativos da realidade migratório no país – chineses, equatorianos, marroquinos, romenos e senegaleses –, selecionados a partir de contatos feitos em bairros e regiões com marcada presença de estrangeiros, nas cidades de Madri, Barcelona, Valência e Lorca. Ao total, foram aplicados 522 questionários, cerca de cem para cada coletivo estudado.

Como critérios para seleção dos entrevistados, foram levados em conta tempo de permanência na Espanha, situação de cidadania, nível educacional e projeto migratório, embora, efetivamente, perceba-se pouco cruzamento dos dados segundo esses parâmetros, sendo a nacionalidade o principal eixo de análise. Na construção teórica, dois conceitos são articuladores: o capital social e o caráter transnacional das redes migratórias, que levam a uma complexificação da ideia de que os fluxos se dão de países com problemas econômicos e políticos a outros países mais ricos, como se a decisão de migrar passasse apenas por questões racionais.

O estudo, assim como outros que vêm sendo realizados, aponta mais fatores atuantes no processo que levam a configurar os movimentos de migração: muito além de questões macro e micro econômicas, que não podem ser desconsideradas como elementos que compõem decisões individuais (entre elas a comparação de diferentes níveis salariais no país de origem e destino ou a busca de uma melhor qualidade de vida), estão fatores que levam em conta o grau de informação obtida sobre o país para onde se deseja migrar, a criação de opiniões e valores grupais e o surgimento de redes de apoio (APARICIO; TORNOS, 2005). Essas considerações são possíveis graças ao levantamento de dados por meio de uma

estratégia metodológica que buscava conhecer o grau de comunicação mantida pelos migrantes desde seu país, com familiares, amigos e conhecidos na Espanha, e a ajuda que receberam desses sujeitos para migrar, além do contato que mantinham com estas e outras pessoas já na Espanha, assim como as conexões com diferentes organizações e o seu papel na busca de casa, trabalho e no processo de integração.

Em uma apropriação à concepção de Bourdieu, Aparicio e Tornos (2005) tomam o capital social como o conjunto de recursos disponíveis a um indivíduo ou a um grupo por possuírem uma rede de mútuo reconhecimento e de relações de vinculação recíproca com outros sujeitos. A compreensão do capital social disponível para os coletivos migrantes estudados permite conhecer, segundo os pesquisadores, o espaço que estes indivíduos podem vir a ocupar na estrutura social.

Mesmo que a partir de um trabalho mais de descrição do que de análise dos dados obtidos, a pesquisa indica a importância da dinâmica de redes para o capital social dos migrantes, o que significa sua participação no momento anterior à migração, na chegada e instalação no novo país, nas relações locais e com o país de origem e vinculações informais e institucionalizadas. Os dados quantitativos confrontados por grupos de discussão com os cinco coletivos estudados permitiram perceber, ainda, o caráter fechado que as redes podem assumir algumas vezes, atuando como modos de controle e barreiras para a integração. O estudo destaca-se ao levantar a configuração de novos espaços transnacionais de sociabilidade, articulados por meio dessas redes de migrantes que, conforme a nacionalidade, pelo que apontam, participam em modos diferentes de integrar-se à sociedade espanhola.

Em pesquisa anterior, González Escudero (1999) investiga a organização de redes sociais de magrebinos³⁰ em Alicante, na Comunidade Valenciana, Espanha. A autora, filha de migrantes, faz uma análise da trajetória migratória e dos processos de assentamento e integração na província durante o período de 1985 a 1995, quando é promulgada uma lei que regulamenta os processos migratórios na Espanha. Interessante o modo como a teoria das redes sociais emerge na pesquisa como forma de tensionar sua questão central, que busca descobrir qual o papel desempenhado pelos meios de comunicação no processo de integração dos migrantes – integração entendida como processo coletivo, que deve envolver toda a sociedade.

Para isso, as redes sociais são entendidas enquanto redes de comunicação, incluídos os meios de comunicação, e a pesquisa parte da hipótese de que a formação e a natureza dessas

³⁰ Provenientes do norte da África, de países como Marrocos, Tunísia e Argélia. No caso da pesquisa, foram incluídos marroquinos e argelinos, de origem árabe ou berbere.

redes que vinculam migrantes e população já instalada na região para a qual migraram é um fator determinante no desenvolvimento do processo migratório e de assentamento. A pesquisadora combina, na construção da metodologia, interessante percurso que inclui pesquisa bibliográfica e documental e realização de 17 histórias de vida com migrantes, além da observação participante em um comércio local e grupos de discussão com sujeitos envolvidos no tema das migrações e líderes comunitários.

Como síntese de algumas considerações da pesquisa, González Escudero percebe que a maioria dos magrebinos se relaciona apenas com magrebinos porque vivem segregados, mas a autora não fala de comunidades étnicas, e sim de redes de relações que se estabelecem como pequenos refúgios. Inevitáveis mudanças são observadas através da experiência de migração, como na distribuição do espaço privado e do tempo, nas relações familiares, em cosmovisões e condutas e no enfraquecimento de práticas religiosas, mantidas mais no espaço íntimo.

A autora destaca a migração como vivência internacional, individual e comunitária e identifica redes densas, de contatos frequentes entre os migrantes, que demonstram alto grau de conhecimento da cidade antes de migrar, mas graus diferentes de interações dentro da rede, primeiro com familiares e conhecidos com quem mantém contato direto, e certa desconfiança com outros sujeitos da mesma origem.

Por último, podemos destacar as mesclas de redes informais e institucionais, com a proliferação de associações islâmicas e mesquitas, e a relação entre os meios de comunicação e redes interpessoais. Segundo a pesquisa, no caso dos magrebinos, a mídia ocupa um papel secundário no cotidiano, em contraposição ao que indicam outras investigações, mais uma vez, possivelmente, pela barreira do idioma e pela falta de tempo livre.

González Escudero aponta que os sujeitos estudados não se reconhecem nos meios de comunicação e os consomem a partir da constatação de uma realidade muito distante, sendo a interpretação daquilo que assistem na televisão, lêem nos jornais ou escutam no rádio mediada, muitas vezes, pelas próprias redes que integram. A pesquisa refere, no entanto, outro momento do processo migratório, pois analisou o período de 1985 a 1995. Hoje certamente teríamos que incorporar a questão do consumo transnacional da mídia através de antenas parabólicas, redes de televisão a cabo ou via satélite e pela internet.

Como outros exemplos de investigações que vinculam o conceito de redes sociais ao fenômeno das migrações, temos a tese de doutorado de Claudia Pedone (2003) sobre redes migratórias de famílias equatorianas na Espanha e o estudo coordenado por Àngels Pascual de Sans (2007) no âmbito do *Grup de Recerca sobre Migracions*, situado no Departamento de Geografia da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). O estudo faz um levantamento

das redes sociais de apoio em comunidades rurais espanholas, através da aplicação de questionários sobre as relações estabelecidas com terceiras pessoas (que tenham recebido ou proporcionado ajuda) de uma amostra probabilística da população. Os dados, de ordem quantitativa, buscam entender o papel das redes no que os autores chamam de *nível de bem-estar* dos migrantes e na continuidade das cadeias migratórias.

A aproximação a esses estudos ajuda a compreender o papel das redes sociais associadas aos fenômenos migratórios. Mesmo que ainda não sejam muitas as investigações de caráter empírico que tenham se aventurado na análise das redes migratórias transnacionais, o despertar do interesse pelo tema e o surgimento crescente de novos projetos, que mesclam abordagens qualitativas e quantitativas, são indicativos da dimensão explicativa desse aporte teórico. Em levantamento feito por Pascual de Sans (2007) sobre o estado da arte na Espanha, entretanto, não são apontados diretamente estudos que constroem a sua problemática pela perspectiva dos meios de comunicação, sendo, a maioria, investigações de caráter sociológico ou antropológico.

Precisamos destacar que, embora essa questão seja menos abordada pelas pesquisas mapeadas, as redes migratórias nem sempre assumem o papel de apoio através de laços de solidariedade entre os migrantes. É possível perceber hierarquias, assimetrias, poder e disputas tensionando essas dinâmicas de organização em rede, que podem ser usadas até mesmo para a exploração de alguns coletivos pelos próprios migrantes da mesma nacionalidade. É o que acontece no caso de oficinas de costura em São Paulo, onde os donos das empresas, muitas vezes também bolivianos, facilitam a vinda de migrantes que passam a trabalhar sem garantias sociais, recebendo menos que outros trabalhadores e em péssimas condições de moradia. Também há exemplos de redes de tráfico de migrantes, de migração clandestina e de tráfico de mulheres para exploração sexual organizadas, muitas vezes, dentro dos próprios grupos étnicos ou nacionais, como o caso de migrantes do Leste Europeu para países como Portugal e Espanha ou de mexicanos ou outros latino-americanos para os Estados Unidos.

Nesta investigação, os primeiros desenhos do projeto de pesquisa colocavam o conceito de rede social como chave para entender os vínculos dos migrantes e os usos da internet. Ao longo do trabalho, e principalmente com a aproximação inicial ao contexto empírico de Barcelona, percebemos a necessidade de redimensionar o status que o entendimento da organização das redes sociais migratórias teria para a pesquisa.

Foi a partir das considerações da banca de qualificação, em outubro de 2008, que optamos por centralizar o foco da análise nos usos sociais da internet relacionados com

questões de identidade e cidadania (caminho para qual já se delineava a pesquisa), enquanto as redes sociais configuram o cenário em que essas apropriações se dão, pois caracterizam o modo de organização dos próprios migrantes e, como propomos pensar, uma lógica que atravessa diferentes esferas da vida, como modo de produção, participação social, dinâmica de mobilização, interação e estabelecimento de vínculos. Estas características não estão presentes apenas entre os grupos migrantes, mas assumem especificidades no fenômeno migratório que nos interessam conhecer melhor.

Ou seja, não abandonamos o debate sobre a importância das redes como organizadoras das dinâmicas migratórias transnacionais hoje, mas tal discussão tomou uma proporção distinta no trabalho. Tal redirecionamento se deu pelo próprio desenho metodológico da pesquisa empírica, em que partimos de experiências individuais através de relatos de histórias de vida – uma abordagem micro, portanto. Se quiséssemos apreender o modo como se articulam as redes em que se inserem esses sujeitos, teríamos que cruzar o resultado dessas narrativas com alguma aproximação macrossociológica, de modo a contemplar os diferentes elementos que constituem as redes em que participam os entrevistados (família, amigos, trabalho, associações, grupos étnicos, coletivos migrantes, entre outras tantas possíveis).

As redes sociais configuram o cenário, a ambiência, a dinâmica de relações, embora o foco na pesquisa esteja nas relações individuais estabelecidas pelos migrantes selecionados para entrevistas através dos usos sociais da internet. É claro que consideramos que nesses usos está presente a lógica de rede, pela dinâmica da própria internet, ao mesmo tempo em que eles ajudam na articulação desses migrantes em redes presentes no contexto online e offline.

Barry Wellman (et al., 2003) contribui nessa perspectiva ao falar das redes de indivíduos como dinâmicas sociais que redefinem o conceito de comunidade, ou como responsáveis por uma passagem da comunidade para rede como forma central de organizar a interação, perspectiva que discutiremos a partir dos dados empíricos levantados no capítulo 6. Wellman fala de um sistema de relações sociais centrado no indivíduo, que organiza suas relações sociais a partir da conexão e desconexão entre diferentes redes sociais, principalmente através de laços fracos, mas também na manutenção de laços fortes à distância, como percebemos no caso dos migrantes e a permanência de vínculos com familiares que não migraram.

Wellman enfatiza a integração entre redes online e offline como característica dessa forma de organização social. O que é possível pela expansão da participação dos sujeitos em redes sociais mediadas pelo computador, construídas a partir de identificação de interesses, valores, afinidades e projetos. Isso levaria ao que Wellman chama de “individualismo em

rede”, pela possibilidade de participar em diferentes redes sociais ao mesmo tempo, marcadas por questões, temas e demandas diversas, e, simultaneamente, pela conexão ou desconexão facilitada a essas redes, nas quais a adesão se dá, segundo o autor, mais por uma escolha do que por uma necessidade.

Tal discussão ajuda a entender a participação dos migrantes em redes sociais migratórias como uma das tantas dimensões que compõem suas relações sociais. Entretanto, em nossa perspectiva, não exclui o caráter coletivo que essas redes assumem, inclusive como disputa por visibilidade social, luta por direitos e, até mesmo, como estratégia de organização e participação social, na busca de trabalho, no lazer, em experiências culturais e na comunicação de um modo geral.

É importante destacar, ainda, que os usos das TICs, com destaque especial à internet, mas também ao telefone celular, são responsáveis por um reordenamento das redes sociais migratórias e por consequências no modo como se configuram as migrações transnacionais hoje. Como enfatiza Ros (et al., 2007), sem a existência dessas tecnologias, as migrações contemporâneas teriam padrões muito diferentes dos que apresentam na atualidade, basta referir as transferências de dinheiro e as redes familiares e de amigos. Segundo a pesquisadora (ROS, et al., 2007), as redes de informação e comunicação estão trazendo mudanças profundas nos sentidos dos movimentos das pessoas ao redor do mundo. É destacado, ainda, que sem a intensidade das interconexões que temos hoje e as redes de comunicação estabelecidas entre múltiplos pontos, seria difícil imaginar a dinâmica das migrações, tanto nos países de origem como de destino dos migrantes.

Entre as consequências das interconexões através de usos das TICs nas migrações podemos citar, ainda, o surgimento de passagens aéreas de baixo custo que facilitam o deslocamento mais frequente entre país de nascimento e de migração, a possibilidade de reunião familiar (ainda que muitas vezes mediada), o movimento de idas e vindas em torno de trabalhos temporários, e o aparecimento de novos grupos de migrantes que baseiam seu projeto de migração na possibilidade de alta conectividade, como as mães migrantes desacompanhadas de seus filhos, por exemplo. Nesse sentido, quanto mais conhecermos sobre os fluxos de informação e comunicação dos migrantes, mais entenderemos das próprias dinâmicas migratórias.

2.1.2 Da mídia de massa para a mídia em rede

O papel que as redes ocupam no modo de organização das relações sociais contemporâneas certamente traz implicações também para a própria configuração das mídias. Como comentamos ao falar sobre o conceito de usos sociais, a principal consequência centra-se na passagem de uma lógica de transmissão das informações de forma massiva e generalizada, de um pequeno grupo produtor para um coletivo indiscriminado, para a produção de informação e estabelecimento de comunicação de uma forma mais descentralizada e distribuída para públicos segmentados.

Por mais que o conceito de massa já não servisse para pensar as relações entre sujeitos e meios de comunicação há algum tempo, pois mesmo considerando a audiência televisiva, a leitura de um jornal ou a escuta de um programa radiofônico é preciso atentar para as produções de sentido, as resistências, as interpelações feitas pelos sujeitos, esses movimentos passam a ser potencializados com as TICs e com a comunicação mediada pelo computador.

No entanto, um primeiro aspecto que deve ser destacado ao referirmos as transformações nos cenários das mídias, é que um meio não substitui o outro, assim como os modelos de comunicação não são imediatamente suplantados por novas experiências midiáticas. O que percebemos é a complementaridade entre diferentes meios de comunicação, a proliferação da oferta midiática e a ampliação dos usos possíveis feitos para cada um deles ou, cada vez de forma mais incisiva, entre eles de forma combinada.

Assim, podemos dizer que o modelo de comunicação massiva mantém-se e pode ser identificado em lógicas presentes na própria internet, mas é impactado por um modelo de comunicação que se baseia, entre outros aspectos, na relação entre as mídias, em uma capacidade de participação maior do público na produção da informação e de autonomia no processo comunicativo.

Cardoso (2007), guardando as ressalvas que fizemos inicialmente, aborda quatro modelos de comunicação marcados por transformações sociais e tecnológicas, assim como pela apropriação dessas tecnologias. O primeiro modelo seria o da *comunicação interpessoal*, caracterizado pela troca bidirecional de mensagens entre duas pessoas ou várias pessoas dentro de um grupo. O segundo modelo, como apresentado por Cardoso, seria o da *comunicação de um para muitos*, que, em sua concepção, caracteriza-se por um indivíduo que dirige uma mensagem a um grupo delimitado de pessoas, como em um comício eleitoral ou no teatro. O terceiro é o modelo de *comunicação de massa*, no qual, através do uso de

tecnologias de mediação específicas, uma mensagem é dirigida a uma massa, um público cuja dimensão se desconhece.

O autor propõe um quarto modelo definido como *sintético em rede*, que funciona segundo uma lógica hipertextual, promovendo a articulação entre o conceito clássico de texto, o conceito de fluxo e a comunicação interpessoal. O principal definidor desse modelo estaria na articulação em rede da mídia:

O modelo de comunicação gerado nas sociedades informacionais, onde o modelo de organização social prevaiente é a rede, é o da comunicação sintética em rede, um modelo de comunicação que não substitui os anteriores, antes os articula, produzindo novas formas de comunicação, permitindo também novas formas de facilitação de *empowerment* individual e consequentemente de autonomia comunicativa (CARDOSO, 2007, p. 133).

A divisão sugerida por Cardoso, de certa forma, reduz a complexidade do processo comunicativo. Podemos dizer que os modelos propostos aproximam-se dos três tipos de interação sugeridos por Thompson (1998). Segundo o autor, a *interação face a face* é marcada pelo caráter dialógico, ida e volta no fluxo de informação e comunicação, contexto de presença, multiplicidade de deixas simbólicas para transmitir e interpretar mensagens, como entonação da voz, pausas, expressões faciais, linguagem corporal, elementos próprios da oralidade. Nas *interações mediadas* são usados meios técnicos. Há ainda a possibilidade de contextos espaciais ou temporais distintos, um estreitamento nas deixas simbólicas disponíveis e caráter mais aberto que as interações face a face. Por último, o autor classifica as *quase-interações mediadas* como as relações sociais estabelecidas através dos meios de comunicação. Elas seriam marcadas pela produção para um número indefinido de receptores e pelo fluxo de comunicação seria predominantemente de sentido único, além da maior disseminação no tempo e no espaço e o estreitamento do leque de deixas simbólicas.

José Luiz Braga (2000) faz uma crítica à análise realizada por Thompson. A abordagem de Braga faz pensar o quanto Thompson baseia seu pensamento excessivamente no modelo conversacional ou dialógico. Pensar as interações midiáticas como quase-interações mediadas limita as possibilidades de compreensão do fenômeno, muito mais amplo e complexo do que o que é apresentado na análise. O entendimento das potencialidades de interação através da mídia, que, sem dúvida, apresenta características diferentes, não pode ser

baseado no levantamento de seus possíveis limites. Thompson também acaba caindo numa separação do processo comunicativo, centrando o olhar ora na produção, ora na recepção.

A proposta de Thompson é limitada ainda porque descarta os processos de significação e a questão dos contextos. Sua classificação engessa a realidade, obrigando a se dividir a interação antes mesmo de se analisá-la no concreto. A interação face a face pode não ser dialógica assim como as deixas simbólicas podem estar presentes no midiático, por exemplo. Nesse sentido, o autor ignora que é impossível compreender a existência das mídias e as interações decorrentes delas senão inseridas em contextos sociais e culturais específicos.

Entendemos que as relações entre a mídia e seus receptores não podem ser pensadas por meio de esquemas representativos. Os dois que resgatamos trazem mais uma divisão explicativa que ajuda a visualizar algumas diferenças, mas nenhum modelo pode ser aplicado em nossa problemática de pesquisa de maneira estanque, sem adaptações e construções próprias. O midiático é parte importante da constituição da sociabilidade contemporânea e não pode ser reduzido por pré-classificações limitantes. Nessas interações estão envolvidas matrizes culturais, estratégias, condições de produção e de recepção, contextos e competências.

O que propomos pensar aqui é que há elementos, características da comunicação mediada por computador e pelas TICs que impactam a comunicação contemporânea, embora não possamos desconsiderar os contextos múltiplos e diferentes níveis que a compõe, configurando-a sempre como um processo complexo. Entre esses elementos destacamos a interdependência entre as mídias, suas apropriações individuais e socialmente partilhadas, no que vem sendo chamado de convergência midiática, multimídia ou, como sugerido por Bolter e Grusin (1999), remediação.

Ao propor o conceito de remediação, os autores falam do modo como uma mídia usa estéticas ou conteúdos desenvolvidos para outra mídia. A novidade das mídias digitais estaria em suas estratégias singulares de remediação da televisão, do cinema, da fotografia e da pintura, e de outros meios, através de releituras, referências, adaptação dos seus conteúdos, formatos e linguagens.

Para Sodré (2002), o fenômeno é identificado como multimídia, marcado pela intertextualidade, a mistura de meios, e pela co-presença de várias mídias produzindo diferentes significações. Palacios (2003) refere-se à multimídia como uma das características que reflete as potencialidades oferecidas pela internet (em seu foco de estudos, para o jornalismo desenvolvido para a web), possível graças ao processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e

suportes, numa situação de agregação e complementaridade (PALACIOS, 2003). Enquanto Fragoso (2005) aborda a convergência midiática a partir de três aspectos: dos modos de codificação, dos tipos de suporte e dos modos de distribuição midiáticos.

Por “convergência dos modos de codificação”, entendo a possibilidade de “empacotar”, em um único formato (no caso, o código binário), enunciados originalmente pertencentes a categorias semióticas distintas (texto, som e imagem). Essa indiferenciação viabiliza a reunião de tipos distintos de mensagens em um único suporte. Na prática, trata-se da possibilidade de utilizar uma mesma unidade de armazenamento (um disquete ou CD, por exemplo) para guardar indiferenciadamente e ao mesmo tempo o texto de uma carta em andamento, um conjunto de imagens fotográficas e uma seqüência melódica (FRAGOSO, 2005, p.17).

A autora destaca que a combinação de linguagens em meios que podemos considerar multimídia é anterior à digitalização, chamando atenção ainda para o fato de que a possibilidade de unificar a codificação, armazenamento e distribuição de produtos midiáticos não leva necessariamente ao desenvolvimento de formatos mais criativos para mensagens com conteúdo de melhor qualidade, como costuma ser propagandeado.

O que percebemos é que, de uma forma geral, a convergência é pensada tanto como modo de apropriação do conteúdo, através do uso combinado de diferentes mídias, como padronização do formato de armazenamento e distribuição, e como referência de uma mídia em outras, através da aproximação de linguagens e lógicas. Ela pode ser entendida, ainda, como reconfiguração do sistema econômico e organizacional das mídias, administradas por grandes grupos que, na maioria das vezes, unificaram o processo produtivo para diferentes mídias, o que faz com que exista uma hibridação do conteúdo.

Além da convergência midiática, outra noção a impactar o processo comunicacional é a de interatividade, apontada como “um dos elementos principais, senão o mais importante, da redefinição das formas e processos psicológicos, cognitivos e culturais decorrente da digitalização da comunicação” (FRAGOSO, 2001). Embora a interatividade seja um termo criado para “denominar uma qualidade específica da chamada computação interativa” (FRAGOSO, 2001), com a modificação na relação usuário-computador, temos que ter cuidado para não cair no equívoco de ignorar as possibilidades de interação entre produtores e receptores nos meios tradicionais.

Propomos, assim, um afastamento da classificação criada por Thompson (1998), em que as interações possíveis através dos meios de comunicação são ditas “quase-interações

mediadas”, caracterizadas pela produção para um número indefinido de receptores e pelo fluxo de comunicação predominantemente de sentido único, além da maior disseminação no tempo e espaço e o estreitamento do leque de deixas simbólicas. Abandonando essa concepção da mídia como monológica, entendemos que a interatividade “corporifica uma atividade interpretativa análoga àquela que se verifica em torno de todo produto midiático” (FRAGOSO, 2001).

Ainda que a partir da compreensão da interatividade como característica também de outras mídias, é na internet que ela ganha força como prática efetiva no uso do meio. Mesmo sendo, em grande parte das situações, limitada por um número finito e pré-definido de opções, podemos falar de uma interatividade maior no ciberespaço pela possibilidade mais concreta de aproximação entre as lógicas da produção e as do reconhecimento ou recepção. Vale ressaltar, nessa perspectiva, que é preciso distinguir os limites e as diferenças nos sistemas interativos³¹ e reconhecer que, na web, podem ser ultrapassados esses enquadramentos da participação em padrões previamente estabelecidos com um empoderamento maior do receptor e o “aumento exponencial do número de indivíduos efetivamente capazes de desempenhar o papel de emissor em um processo comunicacional de ampla escala” (FRAGOSO, 2005, p. 19).

Também nesse contexto, é a hibridação de diferentes formas discursivas (texto, som, imagem), que dá margem ao aparecimento de outro elemento essencial na comunicação mediada pelo computador, cuja apropriação traz consequências para o universo das mídias em geral. O hipertexto, esse texto composto por uma estrutura não sequencial, faz pensar também sobre o conteúdo e as mensagens construídas através de fluxos heterogêneos, num contexto de processos inter-relacionados. Com a lógica do hipertexto, “a postura cognitiva mais adequada ao usuário é a da ‘exploração’ interpretativa, em vez da dedução de verdades” (SODRÉ, 2002, p. 54).

O hipertexto amplia as possibilidades de leitura, mas também está longe de representar uma proposta inédita de produção de sentido a partir das lógicas do receptor. Mesmo em mídias com produtos caracterizados pela linearidade são os caminhos percorridos de acordo com as competências dos receptores os responsáveis pela significação. Vale ressaltar, a partir de autores como Piscitelli (1995) e Landow (1995), que a leitura não sequencial, antes do

³¹ A partir das diferenças entre um sistema interativo, com autonomia efetiva dos agentes envolvidos, e um sistema reativo, baseado em uma gama pré-determinada de escolhas, Primo (2000) desenvolve os conceitos de inteatividade mútua e reativa. Uma interação mútua vai além da ação de um e da reação de outro, pois leva em conta uma complexidade global de comportamentos (intencionais ou não e verbais ou não), além de contextos sociais, físicos, culturais, temporais, etc. A interação reativa, nessa construção, integra um sistema fechado, de relação causal, com um fluxo linear e pré-determinado (PRIMO, 2000).

advento do hipertexto (forma geral da escrita eletrônica), está presente na literatura, em artigos e em outros textos impressos, mas sua potencialização através das redes digitais transformam o suporte da escrita, seus modos de acesso, trazendo implicações para o nosso próprio modelo de pensar.

Do mesmo modo como a interatividade, a ideia de hipertexto muda as relações entre produção e recepção, configurando-se em mais uma característica da comunicação mediada pelas TICs que demanda um olhar cuidadoso e uma reflexão teórica renovada. Entendemos que, juntamente com a convergência midiática, são alguns dos elementos que integram uma reestruturação dos processos da comunicação a partir de uma lógica de redes. Embora não possamos marcar limites entre modelos diferentes de comunicação, que reduzem a compreensão do processo, as mudanças de ordem tecnológica são acompanhadas por apropriações múltiplas que mostram um movimento de direcionamento a uma lógica de mídia em rede.

O avanço da lógica das redes e a penetrabilidade da comunicação mediada pelo computador trazem, nessa compreensão, elementos novos e impactantes na reflexão sobre os processos comunicacionais. A comunicação com base nas tecnologias da informação e da comunicação reflete nas mídias tradicionais, alterando práticas comunicacionais em vários níveis. No caso específico da internet, está claro que não pode ser pensada como responsável por um padrão homogêneo de comunicação e interação, como exploraremos na sequência.

2.2 Redefinindo o papel da internet

Partindo de uma concepção afastada de um determinismo tecnológico, que atribui aos meios a imposição de estilos de vida, percebemos que as mudanças surgem a partir de negociações e apropriações das mídias, dentro de um contexto cultural, responsável pela atribuição de sentido aos avanços tecnológicos. Embora seja possível apontar exemplos anteriores das constantes transformações na relação entre o surgimento de mídias e a efetivação de seus usos, vivemos um estágio avançado de atualização e reconfiguração de vivências mediadas pelas TICs.

Na chamada sociedade em rede, os meios de comunicação assumem o papel de potencializadores do acesso e troca de informações. Sobretudo a internet, com a integração potencial de textos, imagens e sons no mesmo sistema, permite a comunicação instantânea em uma grande rede global, que se constitui em um sistema interligado e diversificado.

Diante desse cenário, entre transformações sociais, econômicas, culturais e midiáticas, interessa saber como as tecnologias atuam nesse processo, de modo a converterem-se em mais do que simples ferramentas, mas como agentes definidores de novas lógicas e sensibilidades, como propõe Martín-Barbero (2006).

Em especial, a atenção se dá à internet, entendida como um ambiente comunicacional múltiplo e complexo no qual coexistem diferentes características, como indicamos aqui, entre elas interatividade, hipertextualidade, convergência midiática e facilidade de acesso à esfera da produção, paralelamente com a centralidade dos acessos e usos unidirecionais ou pouco participativos.

Poderíamos falar de *várias internets* com características diferentes, que combinam apropriações que se aproximam da lógica midiática, às vezes muito próxima às mídias tradicionais, e outras que se relacionam a um meio de comunicação interpessoal, pelo seu caráter interacional. Em função da impossibilidade de tratar da internet de forma homogênea, precisamos entendê-la como um ambiente comunicacional que combina elementos, processos e lógicas diversos.

Cardoso (2007) trata a internet como uma tecnologia que, pela primeira vez, apresenta o mesmo padrão para as comunicações interpessoal e de massa, duas dimensões presentes simultaneamente, fazendo com que assumam um papel central no sistema da mídia. Para o autor, a internet surge como uma tecnologia que, pelas suas capacidades de adaptação e interação com outras tecnologias, se torna o paradigma das novas mídias. “A internet constitui um exemplo de nova mídia, mas uma nova mídia que, fruto da sua difusão e apropriação social, se constitui como a tecnologia com as quais todas as restantes parecem procurar interagir pelo estabelecimento de links digitais ou analógicos” (CARDOSO, 2007, p. 129).

Para Castells (2003), a internet é o tecido de nossas vidas. “Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na era industrial, em nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana” (CASTELLS, 2003, p. 7). O autor destaca a possibilidade de transformação constante da internet pelos usos que lhe são feitos.

Grillo (2007) chama a atenção para o perigo de considerar a internet como um mundo à parte, responsável, por si só, por uma revolução nos modos de comunicar. Desde essa compreensão, considerada equivocada por ele, interessaria localizar os sujeitos dessa cultura emergente, identificados por ele essencialmente como hackers ou ciberativistas, ou conhecer suas possibilidades enquanto uma ferramenta para muitas ações. A internet poderia ser

reduzida, também, a um novo meio massivo de comunicação, ou, em um deslocamento do conceito, como uma nova esfera pública. As diferentes construções sobre a internet podem ser pertinentes, dependendo dos aspectos observados em situações específicas. O que o autor propõe refletir é sobre a impossibilidade de limitá-la a uma ou outra perspectiva e, sobretudo, sobre o risco de tirá-la do contexto complexo em que está inserida.

Em uma aproximação com o que buscamos nessa investigação, Grillo entende a internet como um conjunto de tecnologias diversas e conectadas, e não como um artefato único. O que faz, portanto, com que sejam ampliadas suas possibilidades de apropriação e significação:

Su apropiación puede abordarse como una acumulación de prácticas que requieren diversos grados de experiencia y habilidad, que los sujetos adquieren en determinados sitios de traducción (cibercafés, hogares, escuelas o programas estatales). Internet aparece, asimismo, como un espacio cuyo paisaje imaginario contribuye a construir y reproducir las demás industrias culturales (a través del cine, la TV y la literatura) (GRILLO, 2007, p. 39).

Fischer (2008), em análise sobre as lógicas operativas dos sites *YouTube* e *Globo Media Center/Globo Vídeos*, propõe três aspectos para caracterizar a internet: como banco de dados, como mídia e como ambiente de relacionamento. A primeira noção a reflète a partir de sua lógica de rede de redes de dados, ou seja, como banco de dados, conjunto de informações que podem ser arquivadas, indexadas e resgatadas por determinados procedimentos técnicos.

Outra faceta é a da mídia, incentivada pelo acesso privado à internet e o aparecimento de computadores pessoais com uma interface amigável, fatores que convergiram com a criação da *World Wide Web* (www ou web)³², através da qual diversos protagonistas do campo das mídias se fizeram presentes na internet. A web midiática ou em sua “faceta mídia”, como denomina Fischer, está relacionada com a capacidade de permitir que os dados armazenados na internet sejam enunciados em linguagens que nos remetem àquelas presentes nos meios de comunicação tradicionais.

³² Segundo Fischer (2008, p. 35-6), do ponto de vista da sua materialidade, a web pode ser caracterizada pela: “existência de webpages e a possibilidade de inserção de vinculações associativas (links) nas mesmas. Uma webpage é um tipo de arquivo, desenvolvido inicialmente com base no HTML, que permite a execução de diferentes processos através dela, normalmente realizados através da agregação de categorias sógnicas, como imagens, textos, vídeos e sons. (...) A segunda propriedade diz respeito à possibilidade de criação de vínculos nestas webpages que remetem para outras páginas web ou requisitam arquivos de diversas ordens (planilhas, textos, músicas, vídeos, imagens, etc) localizáveis nos inúmeros bancos de dados ligados à internet através de links”.

Além disso, no caso de concentração de acesso a um número reduzido de páginas, como a de buscadores (sobretudo *Google*, *Yahoo* e *MSN*), há um movimento parecido com o que ocorre nos grupos corporativos de mídia, com a estruturação de uma lógica assimétrica de “poucos para muitos”. No entanto, Fischer (2008, p. 39) destaca que a internet cresce a partir de um “binômio de concentração e multiplicação de suas propriedades comunicacionais”.

A terceira faceta da internet trabalhada por Fischer é a de ambiente de relacionamento, que parte da ideia de que o usuário estabelece uma relação de diversos níveis de marcação de sua presença na internet: “O que percebemos é que, com a própria evolução da web, esta vai também potencializando que o indivíduo apresente-se, identifique-se, personalize suas ações e, na medida em que o faz, parece de alguma forma ingressar, estar em relação dentro da rede das redes” (FISCHER, 2008, p. 43-4). São considerados aqui os softwares de conversação ou mensageiros, uso do email, salas de bate papo ou chats, sites de redes sociais ou sites de relacionamento, como *Orkut* (www.orkut.com), *Facebook* (www.facebook.com), e *MySpace* (www.myspace.com), que se caracterizam pela criação de um perfil, criação e visitação de listas de contatos com outros usuários com os quais é possível interagir.

Fischer destaca também o desenvolvimento de sites que ampliam essas possibilidades interativas a partir do aproveitamento da dinâmica do site de redes sociais com a inserção, personalização e compartilhamento de conteúdo produzido ou selecionado por seus usuários, dinâmica ligada ao que se convencionou chamar de *web 2.0*, com a ampliação das potencialidades colaborativas da web. Entre os exemplos de sites com essas características temos o *YouTube* (www.youtube.com), que permite o compartilhamento de vídeos, o *Flickr* (www.flickr.com), destinado a fotos, o *Last.fm* (lastfm.com), para músicas, o *Delicious* (www.del.icio.us), para indicação de sites favoritos, apenas para citar alguns.

Em outra construção, segundo Hine (2004) a tarefa de entender a internet holisticamente, como um todo, também resulta problemática. Por mais intensamente que se trabalhe com esse objetivo, só é possível obter uma aproximação de forma parcial. Para a pesquisadora, a internet pode ser entendida simultaneamente como cultura e como artefato cultural. A primeira concepção baseia-se na ideia de que a comunicação mediada pelo computador estabelece espaços onde são mantidas interações relevantes, que podem ser entendidas como uma cultura em si mesma e a segunda porque a internet é, ao mesmo tempo, um produto da cultura, uma tecnologia gerada por pessoas concretas, com objetivos e prioridades contextualmente situados e definidos, além de ser conformada pelos modos em que é comercializada e utilizada.

Nessa perspectiva, como produto e como parte da cultura contemporânea, a internet é pensada, ainda, como potencializadora de experiências identitárias a partir de sua lógica de redes, da possibilidade de estabelecer conexões e dinamizar as interações sociais entre os sujeitos que a apropriam.

A partir dessa discussão, refletimos sobre a internet em suas múltiplas dimensões, partindo da sua concepção como um ambiente comunicacional que permite a circulação e troca de informações, a aproximação entre diferentes formatos e lógicas de mídias, a interação interpessoal e o diálogo, o estabelecimento de vínculos, a construção de projeções das identidades de seus usuários, a troca de conteúdos produzidos ou apenas referidos por estes, a configuração de uma memória compartilhada, o estabelecimento de lógicas colaborativas. É preciso destacar, ainda, que a internet constitui-se sempre através de seus usos, que certamente não são livres, pois partem de uma relação oferecida a partir das próprias características da tecnologia, mesmo que muitas vezes as subvertam. Aprofundaremos três aspectos relacionados às apropriações da internet que mais impactam no contexto da pesquisa: seu caráter democrático, o reordenamento da relação entre produtor e consumidor e a possibilidade de seus usos vinculados a questões de cidadania.

2.2.1 Caráter democrático da internet e questão do acesso

Junto com a ampliação das potencialidades tecnológicas da internet, suas características, possibilidades e ferramentas foram sendo transformadas desde o seu surgimento, na década de 60 (devido às necessidades e práticas de seu número crescente de adeptos), através de uma lógica que ajudou a demarcar a construção de seu diferencial como mídia essencialmente democrática. O ideal de liberdade e universalidade dos acessos de seus primeiros usuários, embalado pelo movimento de contracultura norte-americano, e reforçado pela necessidade de não definir um centro de controle das operações na rede, incentivaram a sua estruturação horizontal.

Segundo Castells (2006), a internet pode ser entendida como uma tecnologia da liberdade, produzida livremente a partir da intervenção de seus próprios usuários:

Como é sabido, a internet se desenvolveu a partir de um programa científico de pesquisa que, mesmo financiado pelo Departamento de Defesa americano, não tinha objetivos militares e, na realidade, não tinha mais

objetivos de que os seus próprios pesquisadores e primeiros usuários foram lhe dando (CASTELLS, 2006, p. 227).

Esse movimento acabou reforçando, desde suas primeiras experiências de usos, a consolidação de uma compreensão generalizada desse meio como uma alternativa para ampliar a participação democrática dos sujeitos que se apropriam de seus espaços de comunicação. Apesar de desenhada para dificultar o controle, entretanto, Castells ressalta as interferências que vem sofrendo quanto à vigilância de mensagens como um limitador da livre comunicação. Ainda assim, considera a internet o meio de comunicação mais livre que existe, permitindo a descentralização dos meios de comunicação de uma forma geral.

Em um contexto de frustração com o déficit democrático dos meios de comunicação de massa, no final dos anos 80, como aponta Gomes (2005), a internet surgia (para o autor, sobretudo, no campo da discussão acadêmica) como aposta de renascimento de possibilidades de participação. Depois de um momento de deslumbramento com as suas potencialidades, Gomes (2005, p. 63) percebe hoje uma tendência de “avaliação mais ponderada das promessas e realizações da internet para a democracia”.

Para refletir sobre o potencial democrático da internet e sua possibilidade de vinculação com apropriações cidadãs, na tentativa de romper como esse olhar generalizado e limitador sobre as características da internet, precisamos partir da compreensão de que as tecnologias não são neutras. É o que aponta, em outro contexto, Celso Furtado (2002), quando discute a necessidade de se trazer as especificidades da cultura brasileira para o estabelecimento de estratégias econômicas.

Os objetivos que motivam o progresso tecnológico são com frequência contraditórios. Uns orientam-se para a destruição, outros para a preservação. Os avanços da técnica estão a serviço de uns e de outros. É engano imaginar que as técnicas são neutras, pois elas refletem as forças culturalmente dominantes (FURTADO, 2002, p. 38).

Furtado refere-se ao desenvolvimento prioritário (e com financiamentos mais abundantes) das técnicas ligadas à guerra. A ressalva obriga a reflexão sobre o caráter mercadológico e as lógicas de controle da informação que passam pela expansão da internet, como lembra Martín-Barbero (2006, p. 70): “As tecnologias não são neutras, pois hoje, mais

do que nunca, elas constituem grupos de condensação e interação de interesses econômicos e políticos com mediações sociais e conflitos simbólicos”.

Cockburn (1996) contribui para a compreensão da tecnologia como uma construção social e cultural. Segundo a pesquisadora, em qualquer trabalho em ciências sociais não existe mais a necessidade de explicitar o rechaço ao determinismo tecnológico porque parte-se da base de que a tecnologia não é uma fonte original de força, mas algo socialmente modelado. A tecnologia é, não apenas um elemento de hardware, considera Cockburn (1996), mas também um processo de trabalho e um tipo de conhecimento:

Las cosas que llamamos tecnologías son formas de construir orden en nuestro mundo. Muchos sistemas y artilugios técnicos que son importantes en la vida cotidiana contienen posibilidades de ordenar la actividad humana de múltiples maneras. Conscientemente o no, deliberada o inadvertidamente, las tecnologías eligen estructuras que influyen en el modo en el que la gente trabaja, se comunica entre sí, viaja, consume, etcétera, durante períodos largos de tiempo (WINNER, 1985 apud COCKBURN, 1996, p. 64).

Essa compreensão sobre o papel das tecnologias na vida cotidiana e as consequentes transformações dos modos de trabalhar, consumir e comunicar, a partir de suas possibilidades, demonstra o olhar da pesquisadora sobre a relação entre poder e tecnologia, que interessa nessa perspectiva. Em um primeiro momento, a temática do poder associada às tecnologias pode ser pensada desde a questão do acesso.

A internet, como debatemos, é apontada como um meio que transforma as possibilidades de comunicação. O papel que ela ocupa na vida e os reflexos de suas apropriações na relação com outras mídias e na comunicação interpessoal são temas de discussões intensificados com a expansão de seus usos. Entretanto, grande parte da população mundial continua excluída da chamada era digital. As diferenças no acesso são acentuadas em países periféricos ou em países em desenvolvimento como o Brasil.

Segundo Fragoso (2003), apesar do crescimento da população usuária da rede na década de 90, apenas 6% dos habitantes do planeta dispunha de acesso em 2001. Levando em conta dados da Digital Divide Network e da NTIA, mesmo em países desenvolvidos, uma parcela considerável de cidadãos permanecia excluída do ciberespaço. A maior parte dos usuários da internet nos Estados Unidos, por exemplo, pertencia, na época, a uma população branca, com alto grau de escolaridade e renda familiar considerável.

As diferenças político-geográficas aparecem ainda na qualidade da conexão. Populações mais pobres lidam com linhas congestionadas e tarifas altas para o acesso. "Embora as fronteiras entre as nações sejam de fato irrelevantes para os dados em circulação, especificidades regionais afetam significativamente a disponibilidade e condições de acesso ao ciberespaço", avalia Fragoso (2003, p. 218).

Segundo Fragoso e Maldonado (2009), a partir de dados de 2008³³, mesmo com uma notável expansão no número de acessos, a porcentagem de pessoas no mundo com acesso à rede ainda não ultrapassa 21,1%, e a distribuição geográfica dos usuários da internet continua também bastante desigual, com presença bem mais acentuada da rede na América do Norte (73,4%), Oceania (59,5%) e Europa (48%), seguidos da América Latina (22,6%), Oriente Médio (21,3%), Ásia (14,0%), Caribe (13,2%) e, em último lugar, a África (5,3%). Esse padrão, segundo reflexão dos pesquisadores, “reflete uma correlação entre as diferenças de acesso e as disparidades econômicas entre os continentes, como também sugere a importância de outros fatores socioculturais, dentre os quais o mais evidente é a língua” (FRAGOSO; MALDONADO, 2009, p.13).

Eles indicam, ainda, uma rápida expansão da internet no sub-contidente latino-americano entre 2000 e 2006, mas a permanência de disparidades internas ao subcontinente latino-americano, tal qual observado no padrão mundial, com algumas regiões bastante ricas e bem providas de infra-estrutura e serviços e, em contraste, outras em que as condições de sobrevivência seguem padrões arcaicos.

Em dados brasileiros divulgados pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br³⁴, baseados na pesquisa TIC Domicílios 2008, considerando os números da área urbana e rural, 25% dos domicílios no país possuem computador e o acesso à internet foi identificado em 18% das casas. Ao analisar os índices de forma separada, 28% das famílias da cidade possuem computador, enquanto, no campo, o percentual cai para 8%. Com relação ao acesso à internet, segunda a pesquisa, enquanto 20% dos lares na área urbana estão conectados à rede, a posse de uma conexão foi identificada em 4% dos domicílios na zona rural. A banda larga foi identificada em 58% das residências na área urbana, com percentual quase duas vezes maior em relação às conexões dial-up, com 31%.

³³ Miniwatts Marketing Group, 2008.

³⁴ A Nic.br (www.nic.br) é uma entidade civil, sem fins lucrativos, criada para implementar as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br (www.cgi.br), que é responsável por coordenar e integrar as iniciativas de serviços da Internet no País.

Mesmo que a pesquisa³⁵ sinalize uma intensificação do uso e da posse das tecnologias da informação e comunicação no Brasil, aponta, também, que fatores socioeconômicos ainda são os principais determinantes do acesso às tecnologias da informação no Brasil, já que o uso de computadores e serviços da internet continua concentrado nas grandes regiões metropolitanas, famílias de maior poder aquisitivo e com nível de escolaridade mais alto. A justificativa mais citada para a falta de internet nos domicílios entre aqueles que possuem computador é o custo elevado, com 54% das menções. Os locais de acesso público à internet, como *lanhouses* e cibercafés, são frequentados, segundo a pesquisa, pelas camadas da população com menor poder aquisitivo, e continuam sendo o principal local de conexão à internet no país, apontados por 48% dos brasileiros. Em segundo lugar, aparecem os domicílios, com 42%, a casa de outras pessoas e o trabalho, com 22% e 21%, respectivamente.

A pesquisa TIC Domicílios 2008 revela ainda que a principal barreira para o uso da internet no Brasil continua sendo a falta de habilidade, com 61% das menções dos entrevistados. Como aponta Peruzzo (2006) a partir do estudo de propostas do *Programa Sociedade da Informação* no Brasil (SOCINFO), percebemos que a disponibilização de serviços gratuitos e de acesso público aos cidadãos não é suficiente, sem a capacitação para o manuseio do computador e da internet. Nesse contexto de ampliação do acesso e alfabetização digital, a pesquisadora percebe a possibilidade de efetivamente a internet contribuir para ampliar a liberdade de comunicação e garantir a formação do que chama de “usuários ativos”, ou seja, não apenas receptores de informação.

No âmbito das migrações, o Centro de Apoio ao Migrante (CAMI), em São Paulo, vinculado ao Serviço Pastoral dos Migrantes, da igreja Católica, desenvolve um projeto de inclusão digital e cidadania desde 2006, quando foi inaugurado o Telecentro do CAMI em sua sede, no bairro do Pari. Em 2007, o telecentro passou a fazer parte da rede de Escolas de Informática e Cidadania (EICs), criada pelo Comitê de Democratização da Informática (CDI), dando origem à Escola de Informática e Cidadania do Centro de Apoio ao Migrante (EIC CAMI), que, segundo o site da entidade (www.cami-spm.org), “tem como principal objetivo fomentar a reflexão dos jovens imigrantes latino-americanos para que sejam capazes de identificar as verdadeiras causas dos problemas da comunidade imigrante e se sintam motivados a agir no sentido de mudar sua própria situação e a dos seus compatriotas”. Na escola, são promovidas ações como cursos básicos de computação, oficinas sobre internet e

³⁵ A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil – TIC DOMICÍLIOS 2008 pode ser acessada no site < <http://nic.br/index.shtml> >.

blog, assim como cursos mais avançados em que são produzidos vídeos documentários sobre temas relacionados às experiências de migração dos jovens envolvidos no projeto.

Durante a anistia para estrangeiros, por exemplo, o agendamento para o processo era feito pelo site www.dpf.gov.br. Para facilitar o encaminhamento dos migrantes, em São Paulo, foram criados postos de acesso à internet no centro da cidade. Também foi assinada uma parceria entre a Polícia Federal e a Secretaria Municipal de Participação e Parceria (SMPP), garantindo que, nos telecentros da cidade, funcionários ajudassem os migrantes a usar a internet para saber mais sobre a lei e entrar com os pedidos.

Em um âmbito mais geral de democratização do acesso à internet, a mudança positiva no panorama foi inicialmente atribuída ao sucesso das políticas públicas de inclusão digital do governo federal, como o programa “Computador para Todos”, que reduz a carga de impostos dos equipamentos, ou “Computadores para Inclusão”, iniciativa que busca recuperar computadores e equipamentos periféricos descartados pelo governo e pelo setor privado para destiná-los a telecentros, escolas e bibliotecas. Outras ações passaram a integrar a política de inclusão digital do governo brasileiro, como os projetos que envolvem a criação de telecentros, a instalação de pontos de conexão de internet banda larga via satélite em regiões isoladas, e, mais recentemente, a proposta de uma estrutura nacional de banda larga pública para ampliar o acesso à internet rápida no país, ainda em discussão.

Ainda são, no entanto, os locais de uso público pago do computador, como os cibercafés e as *lanhouses*, como indicam as próprias pesquisas do CGI Brasil, os principais responsáveis pelo acesso de pessoas mais pobres à internet, que buscam esses serviços como alternativa para romper com uma situação de desigualdade e exclusão. Muitas vezes, o pagamento por tempo de uso da internet nesses estabelecimentos é preferido ao acesso oferecido gratuitamente em telecentros, criados e mantidos por órgãos do governo ou entidades sociais, em função da restrição a determinados sites, como os de redes sociais, e do tempo bastante limitado para uso do computador (BRIGNOL, et al., 2007).

Apesar de todas essas ações que configuram esforços de ampliar a participação da população socialmente excluída do universo da internet, muito ainda precisa ser conquistado. Sobre essa relação de desigualdade entre populações com acesso às novidades tecnológicas e com uso irrestrito à internet de alta velocidade e grupos que se vêem à margem desse acesso, Boaventura de Sousa Santos (2005) fala sobre novas formas de separação criadas pelo espaço eletrônico. Segundo o sociólogo, o espaço eletrônico ou ciberespaço, apresentado como anárquico, de livre acesso, descentralizado e não hierárquico, costuma ser entendido como o espaço-tempo da cidade sem fronteiras: “Frente a eso, cabe perguntarse por qué no considerar

el espacio electrónico como el avatar de una nueva metamorfosis del sistema de la desigualdad y del sistema de la exclusión” (SOUSA SANTOS, 2005, p. 217).

É sobre as renovadas formas de fronteiras que se centra a pergunta do pesquisador a respeito do ciberespaço e para a qual são apontadas pelo menos duas possibilidades de segregação: a constituição de uma subclasse tecnológica como uma sociedade civil externa que permanece fora da dita sociedade da informação pela falta de possibilidade de acesso, e a separação quanto ao tipo de acesso possível para quem já está dentro do espaço eletrônico, com as diferenças entre transmissão de textos e de imagens e voz, menos acessível e mais lucrativa: “la emergencia del ciberespacio hará que, en algunas de las dimensiones de su reproducción social, estos grupos sociales subordinados pasen del sistema de desigualdad al sistema de exclusión” (SOUSA SANTOS, 2005, p. 218).

No entanto, para além dessas novas diferenças, em que os centros de poder começam a ser desenhados, Boaventura de Sousa Santos (2005) percebe a possibilidade de a internet configurar-se também como um espaço público de oposição, no qual pode ser grande a capacidade de subversão dos extremos. A pergunta que fica é: entre esses dois cenários aparentemente tão distantes, como a internet vai sendo significada no cotidiano dos sujeitos que estão por trás dos números de acesso? E mais: em que medida esses números dão conta de explicar o emaranhado de relações entre as tecnologias e a sociedade?

O que se percebe é que grande parte da discussão acerca da relação entre internet e cidadania limita-se à questão quantitativa de acessos e à divisão binária entre incluídos e excluídos digitais. Não é preciso ir longe para entender que essa balança é simplificadora diante de uma realidade social tão complexa. Nesse sentido é que buscamos uma aproximação aos usos sociais como uma possibilidade de compreender situações de significação da internet no cotidiano de sujeitos concretos.

2.2.2 Novo lugar do sujeito no processo de comunicação na internet

Como discutimos, não foi o surgimento da internet que exigiu questionar a ideia de comunicação de massa. Acreditamos que a rede faz, sim, aumentar as evidências de que não é possível tratar a esfera da recepção como um grande bloco homogêneo, embora a problematização do conceito há muito vinha sendo discutida, desde o reconhecimento das mediações individuais no uso dos meios de comunicação. A segmentação crescente do público e a necessidade de uma oferta maior da produção indicam que é cada vez mais

equivocado adotar o conceito. As possibilidades múltiplas de produção de sentido a partir das práticas na *web*, com a individualização crescente das escolhas e a multiplicação dos conteúdos no ciberespaço, são responsáveis pelo reforço da necessidade de abandonar definitivamente a ideia de massa.

É inegável que o ciberespaço muda profundamente as relações entre emissor e receptor, fazendo com que as próprias categorias tenham que ser revisadas. Como denominar um sujeito que, a um só tempo, acessa um portal de notícias, cria uma mensagem em um fórum de discussão, envia um e-mail para um amigo e lê uma mensagem postada em um site de relacionamentos? Difícil chamá-lo de receptor quando fica evidente a sua produção constante de significações na *web*. Aquele receptor, como era identificado tradicionalmente nos estudos da comunicação, recebe outros atributos e passa a exercer atividades que fazem dele um “sujeito que está agora em situação de interface, transformando-se num operador” (TRIVINHO, 1998, p.117).

Para além da descentralização do processo e da circularidade informacional, é o reconhecimento das alterações nos pólos da produção e recepção que revela a dinâmica da complexificação do processo comunicacional. A necessidade de repensar as categorias de produtor e receptor surge, como discutimos, porque elas foram fixadas em outro contexto, a partir de uma demarcação muito estanque entre as diferenças de uma e outra.

Se já era problemático o estudo da comunicação através do isolamento de uma das partes do processo comunicacional, com a ênfase ora na produção, ora na recepção, sem um questionamento das aproximações das duas esferas, a partir das práticas no ciberespaço essa tentativa torna-se extremamente redutora. A inadequação da teoria é percebida principalmente porque “no processo ciberespacial de comunicação, todas as categorias elementares perdem o seu caráter distinto, ora porque se imbricam, se sobrepõem ou se mesclam umas às outras, ora porque se ofuscam mutuamente, se auto-anulam e se desconfiguram” (TRIVINHO, 2000, p. 182-3). A imbricação das categorias exige que qualquer olhar sobre a dinâmica na rede mundial de computadores seja também multidimensional, numa tentativa de abarcar ao máximo a complexidade do processo.

Mesmo que a comunicação interpessoal sempre tenha sido marcada pela aproximação e troca entre produção e recepção e a alternância de funções possa ser observada, em menor escala, com a participação em produtos midiáticos tradicionais, há uma intervenção do receptor no ciberespaço em uma dimensão nunca antes vista.

A redução das distâncias entre emissor e receptor, numa aproximação e mistura entre as duas esferas, define, justamente, uma das características que colocam a internet como um

meio que redimensiona o processo de comunicação pela possibilidade de maior participação desde a ruptura do modelo de “um para todos” até se vislumbrar a possibilidade da produção de “todos para todos”, como aponta Lemos (2003) ao analisar o que chama de “liberação do pólo da emissão”.

Apesar de defendermos a impossibilidade de se falar na anulação dos dois pólos (pois a emissão de “um para muitos” continua presente na internet, em *sites* de notícias e grandes portais, por exemplo, coexistindo com modelos em que “um fala para um” ou para poucos), eles, em muitas situações, se aproximam e se reordenam.

No entanto, essas características não podem ser estendidas a todos os espaços da internet e parte-se do cuidado de não reduzir a discussão a uma contraposição entre mídias tradicionais e internet, o que levaria a uma polarização do debate. É possível perceber, inclusive, que, como afirma Frago (2003, p. 9), contrariando os sonhos de uso da web para a circulação horizontal e irrestrita de informações, “um número cada vez maior de usuários evita o terreno movediço das páginas independentes direcionando seus navegadores para endereços enraizados em instituições conhecidas e, preferencialmente, nascidas ‘fora da rede’”. Essa constatação leva ao entendimento de que o modelo da web possui uma estrutura muito parecida com a de outras mídias, em que se percebe segmentação e especialização de conteúdo, em uma tendência de centralização.

Entretanto, paralelamente a esse movimento, observa-se que há uma multiplicação das possibilidades de produção, com a proliferação de sites pessoais, weblogs e sites com temáticas específicas na web, fazendo vislumbrar a possibilidade dessa liberação do pólo da emissão, com a oportunidade de publicação de conteúdo a qualquer um que disponha de acesso à internet, mesmo que este muitas vezes seja consultado por um número restrito de pessoas. Sem falar na ampliação das possibilidades comunicativas desses mesmos sujeitos, que tem ampliadas suas possibilidades de troca e interação.

García-Canclini (2008), em uma abordagem interessante, fala de redefinições na instância do consumo através da internet. Segundo o autor, ao considerar as transformações percebidas a partir de apropriações das tecnologias, é possível falar da emergência de uma nova forma de interação do sujeito com as tecnologias da informação e da comunicação, o que leva à possibilidade de novas formas de leitura.

O autor traz pistas sobre o macrocenário de transformações, o papel dos meios de comunicação e uma nova postura do sujeito, a partir da análise de diferentes fenômenos interligados. Paralelamente à mistura de cultura, está a mistura de leituras, de diferentes mídias, possível, muitas vezes, desde o mesmo dispositivo. A multimídia ou

convergência midiática representa um dos principais aspectos dessa mudança apontados por García-Canclini, que traz diferentes exemplos dos modos pelos quais uma mídia refere, incorpora ou ressignifica outra. A relação entre distintos textos e a interconexão através de hipertextos marca também uma maneira renovada de ler.

Ao mesmo tempo em que a convergência midiática possibilita que um mesmo conteúdo seja apropriado de diferentes maneiras, García-Canclini (2008) chama a atenção ao fato de que esse movimento esteja relacionado também à consolidação de grandes monopólios responsáveis pela diminuição das ofertas e redução da criatividade, através da propagação de formatos programados para agradar.

A convergência midiática permite, ainda, que a leitura transcenda o universo do mundo letrado, pois, sendo marcada pela aproximação com diferentes tecnologias, pode integrar cultura oral, escrita, audiovisual-eletrônica e digital, o que implica na possibilidade de uma participação mais efetiva do leitor.

Embora García-Canclini (2008) lembre dos avanços na compreensão do papel ativo do leitor ou da audiência, através dos estudos de recepção, enfatiza que esses sujeitos ganham um status diferente diante das tecnologias da comunicação. Sabemos que a audiência não é nem ingênua ou manipulada, nem dona de subjetividade absoluta, mas participa de um processo no qual os sujeitos têm suas experiências atravessadas pelos usos das tecnologias e passam a interagir de forma ampliada a partir delas.

Além da contribuição dos estudos de recepção, o autor traz o aporte da teoria dos campos sociais e fala da necessidade de uma reformulação de seus principais marcos, a partir da constatação de mudanças no papel do leitor. García-Canclini afirma que o conceito de leitor é fundado no marco da teoria da autonomia dos campos. Entretanto, apresenta uma série de casos que demonstram como, cada vez mais, distintos setores da realidade social estão interligados e são imbricados por várias lógicas, como o que acontece, por exemplo, com a relação dos campos culturais com os mercados (GARCÍA-CANCLINI, 2008).

Entre as mudanças no estatuto do leitor apontadas por García-Canclini, aparecem as relações de produção diante das novas formas de leitura. O velho esquematismo do leitor sentado na frente de uma mesa diante do livro, tendo uma produção mais intelectual, ou seja, sendo mais ativo, e do espectador retratado como um sujeito passivo, que recebe o que vê ao assistir a um filme na poltrona do cinema ou no sofá de casa, é impossível de ser sustentado diante da figura do internauta. “O que faz o internauta quando está diante do computador?”, pergunta-se o autor (2008, p. 43), ao constatar que “o esquematismo que ainda tende a colocar

o leitor do lado dos ativos, pensando, e o espectador do lado dos passivos, submissos, que nunca se sustentou, acaba de ruir quando leitura e espetáculo combinam-se no internauta”.

Impossível classificar, como antes, o leitor como destinatário do sistema editorial e o espectador como consumidor de cinema, música, televisão. Com a consolidação da presença do internauta, começamos a pensar em termos de um agente multimídia que subverte a ordem: lê, ouve, assiste, combina materiais diversos, produz conteúdo, se comunica. Mais do que isso, esses três personagens podem combinar-se a todo o tempo no mesmo sujeito.

Esse sujeito apropria-se de tecnologias - como a da telefonia móvel ou dos programas para troca instantânea de mensagens pela internet -, que mudam os limites entre trabalho e ócio, permitem uma nova relação com as distâncias ao facilitar a comunicação com quem está longe e ampliam as ofertas de interação em tempo real dentro de um espaço virtual. Muda também o consumo das mídias tradicionais, como o cinema, quando mais gente assiste a filmes e menos gente vai às salas de cinema, pela possibilidade de alugar DVDs ou baixar produções pela internet e assistir no computador, por exemplo.

Importante ressaltar que a dinamização do papel do leitor não significa, *a priori*, uma capacidade maior de hierarquização e seleção diante de um acúmulo de informações, apontado como um grande problema vindo junto com a possibilidade de expansão da memória e democratização do acesso à produção. No geral, o sujeito, pensado em termos de um *leitor-espectador-internauta*, nos termos de García Canclini, vê-se diante do desafio de fazer uso das tecnologias disponíveis de modo a ampliar suas possibilidades de informação e comunicação, sem perder-se no mar de ofertas ou, ao contrário, limitar-se aos modelos pré-estabelecidos pelas grandes empresas de comunicação multimídia.

Aqui pensamos esse *leitor-espectador-internauta* como o sujeito que se apropria da internet segundo suas necessidades e interesses, resignificando-a em suas práticas cotidianas. Nesse sentido, a internet pode ser entendida como uma tecnologia que permite a construção de projetos individuais ou coletivos desenvolvidos a partir de suas múltiplas dimensões e graças a suas características de interatividade e apropriação flexível.

Lembramos que a relação com as múltiplas dimensões da internet (entre elas, como banco de dados, mídia e ambiente de relacionamento) configuram possibilidades de participação distintas aos sujeitos que a utilizam. Certamente há uma atuação maior quando esses usos relacionam-se com as dimensões propriamente interacionais da internet, em detrimento dos usos próximos a suas lógicas midiáticas, embora seja possível perceber um aumento também dessas possibilidades de participação, inclusive com a incorporação de

espaços interativos, de sugestão e produção mesmo em sites que referem mídias convencionais, como telejornais ou jornais impressos.

Como exemplo de usos da internet para projetos individuais ou coletivos, para além da clara ampliação da possibilidade de participação do sujeito por meio de escolhas a partir da lógica do hipertexto ou diante da segmentação de conteúdos, destacamos sua intervenção direta como produtor e consumidor da informação. Vale destacar, nessa perspectiva, as práticas de *jornalismo cidadão ou colaborativo*³⁶, fenômeno relativamente recente, que podemos caracterizar, de um modo geral, como a participação efetiva do sujeito que até então tinha reservado apenas o papel de consumidor na produção e circulação de mensagens através de espaços de comunicação construídos a partir da lógica de redes, de modo colaborativo e interativo. Essa participação pode se dar em diferentes níveis e em múltiplos ambientes comunicacionais, como em blogs, sites noticiosos, sites de redes sociais, entre outros.

Aparecem referências mesmo na mídia convencional, de espaços para a participação do leitor através do envio de sugestões de pauta ou de pequenas notícias para sessões identificadas como *leitor repórter*, *repórter cidadão*, *you repórter*, entre outras, em uma clara alusão à necessidade de incorporar a participação do consumidor no processo produtivo, além de uma resposta à proliferação de novas vozes construídas através de espaços de produção mais autônomos na internet.

Embora não seja o foco desta pesquisa, as transformações trazidas em decorrência da prática do jornalismo cidadão podem ser entendidas como uma possibilidade de renovação na seleção de temas noticiáveis e abordagens construídas, até então, quase que apenas pela mídia convencional.

Os weblogs ou blogs³⁷ aparecem como importante agentes da dinamização do conteúdo e proliferação das vozes que os emitem. Surgidos com a ideia de servirem como diários pessoais, visto que organizam as publicações a partir da ordem cronológica a partir da postagem mais atual, tiveram seus usos ampliados, ultrapassando os limites de uma publicação pessoal de caráter intimista, para a abordagem de temáticas diversas, dando

³⁶ Aparecem os conceitos de jornalismo colaborativo ou participativo (PRIMO; TRASEL 2006), jornalismo *open source* ou de código aberto (BAMBRILLA, 2006), jornalismo cívico, além de jornalismo cidadão (GILLMOR, 2005), cada qual com sentidos parcialmente distintos, mas que implicam na redefinição do papel de produtores e consumidores no processo de comunicação e na produção de informação, o que implica em uma aproximação dos limites entre as duas esferas. A participação pode se dar em diferentes níveis e em múltiplos ambientes comunicacionais, como em blogs, sites noticiosos específicos, sites de redes sociais, entre outros.

³⁷ Os weblogs ou blogs, segundo Primo e Recuero 11(2003, p. 3), são “sistemas de publicação na web baseados nos princípios de microconteúdo e atualização freqüente. O sistema vem ganhando crescente popularidade, graças à facilidade de publicação, uma vez que proporciona que qualquer um, mesmo sem conhecer a linguagem HTML, possa publicar seu blog”.

visibilidade a demandas, e configurando usos que podem tanto ser empresarias, relacionados a entidades civis, de caráter jornalístico ou literário, de propaganda política, entre tantos outros. Entendemos que os blogs permitem a discussão e a participação social, a partir da possibilidade de interação e referência a outros espaços semelhantes e da postagem de comentários às publicações feitas.

Em nossa investigação empírica, assim como os fóruns de discussão e os sites de mídias especializadas voltadas ao público migrante, os blogs se configuram como ferramentas que permitem a tematização e a experimentação da condição migrante, sendo referidos pelos entrevistados como significativos para o debate de questões legais, sociais, políticas, além de integrarem usos da internet que redimensionam a vivência de questões identitárias e culturais relacionadas com a experiência de deslocamento.

2.2.3 Usos cidadãos da internet

A partir da reflexão sobre os conceitos expostos, entendemos que a ampliação das possibilidades de usos tem um impacto direto na consolidação do potencial democrático da internet e da possibilidade ampliada de participação cidadã de uma parcela maior da população.

Embora partindo de um cuidado para não assumir como *a priori* as ditas vantagens democráticas da rede mundial de computadores, como já foi ponderado, entende-se, a partir da observação de suas práticas concretas, possível perceber que a internet vai se configurando como um meio de comunicação que, por suas lógicas de produção diversas, possibilita a consolidação de um espaço comunicacional de interação entre seus usuários. Esse espaço pode servir, não apenas para informar, mas também facilitar a aproximação entre sujeitos geograficamente distantes, dinamizar relações, configurar modelos renovados de interação, além de facilitar o acesso à esfera da produção através de usos diversos de blogs, chats, redes sociais online, correio eletrônico, sites pessoais, entre outros.

Neste movimento, em uma complexificação das questões problematizadas, a internet é entendida, portanto, como um conjunto de ambientes comunicacionais que desde características específicas, surgidas através da apropriação de ferramentas tecnológicas próprias, deve ser explorada tanto por suas diferentes possibilidades de produção quanto de usos. A questão que é colocada a partir daí é onde estão as apropriações cidadãs da internet a partir de estudos concretos de casos específicos.

Scherer-Warren (1999), por exemplo, aborda a questão do papel da internet na reconfiguração dos movimentos sociais. De acordo com a pesquisadora (1999), o desenvolvimento tecnológico tem agilizado a comunicação e a formação de redes informatizadas que aproximam, dinamizam e ampliam os trabalhos das ONGs, através, por exemplo, do uso de correios eletrônicos, compartilhamento de bancos de dados e produção de publicações alternativas de forma rápida e econômica.

A pesquisadora destaca o papel dos usos da informação e a organização de dinâmicas de redes na possibilidade de agir no campo simbólico por uma comunidade virtual transnacional, que configura uma nova arena política desde a internet. As redes de informação e reflexão (SCHERER-WARREN, 1999) são apontadas como responsáveis por transformações profundas na atuação das ONGs e movimentos sociais pela possibilidade de ampliação da difusão e participação dos cidadãos interessados. Talvez pelo momento da pesquisa, em uma fase inicial da expansão do uso generalizado da internet no Brasil, perceba-se que são apontadas potencialidades da internet enquanto uma ferramenta dos movimentos sociais e não como parte de uma dinâmica mais complexa que passa a atuar na reatualização desses próprios movimentos, como vai sendo possível constatar depois.

A dinâmica de organizações mapuche³⁸ na internet é objeto de estudo de Guillo (2007), no qual observa como essas entidades reconhecem e utilizam a seu favor o potencial da internet como ferramenta cultural para afirmar suas identidades, suas demandas e propostas em um espaço transnacional. “Virtuales de entrada, las redes entre organizaciones mapuche, de derechos humanos y ecologistas, cobran forma en el ciberespacio y se usan para negociar o gestionar, para navegar o establecer vínculos” (GRILLO, 2007, p. 38).

Como mais um exemplo de investigação sobre apropriações da internet em uma perspectiva cidadã, é interessante referir o estudo de caso sobre a Red de Educación Popular entre Mujeres (Repem), uma organização criada em 1981, que reúne mais de 140 ONGs de 18 países da América Latina e Caribe, cujo objetivo é valorizar a educação como elemento estratégico para a justiça e a igualdade de gênero. Rivoir (2007) percebe ao longo da pesquisa os modos pelos quais o grupo foi articulando-se como uma rede, desde dinâmicas de encontros presenciais, troca de informações por fax e correios tradicionais, até uma transformação das relações no grupo, com o aumento dos fluxos de informação caracterizado pelo uso do correio eletrônico e criação de uma página web. As observações resgatadas pela pesquisadora mostram como o espaço comunicacional construído pela rede guarda uma

³⁸ Os mapuches são um povo indígena da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina.

relação direta com o seu modo de atuação, em um processo de articulação que vai do local ao global, muito próximo do que é percebido em outros movimentos de ativismo construídos desde a internet.

Há outros dois trabalhos que em muito contribuíram para aprofundar as reflexões sobre a relação entre internet e cidadania. O primeiro trata-se de uma pesquisa desenvolvida por Linda Leung (2007) com um grupo de mulheres que integram minorias étnicas em Londres, em que investiga a presença de grupos étnicos minoritários na web, através de uma análise de modos de produção, representação e consumo ligados a representações étnicas. A investigação indica os modos como as tecnologias vão sendo reapropriadas de modo a fortalecer laços e configurar reconhecimentos, dando visibilidade para questões sociais e culturais e fazendo com que autora fale de táticas e tecnologias da resistência, em uma compreensão da internet como meio para a afirmação das minorias.

Em *Native on the Net* (LANDZELIUS, 2006) um grupo de pesquisadores de diferentes universidades e centros de pesquisa do mundo falam sobre identidades mediadas por usos das tecnologias e a construção de comunidades de minorias sociais e grupos de sujeitos que passam pela experiência da diáspora na internet. Há casos relacionados com comunidades na Austrália, aborígenes no Canadá, mulheres indianas, caribenhos, minorias étnicas de países pobres do continente africano, entre outros. A partir do aporte da antropologia e, na maioria das investigações, com a construção metodológica baseada na etnografia, é interessante perceber como questões relacionadas ao papel da internet na mobilização, organização e participação desses grupos são motivadoras de pesquisas que redefinem o sentido do “nativo” na sociedade contemporânea (dita como “era da informação” pelos pesquisadores). Os trabalhos trazem contribuições importantes para nossa investigação também ao relacionar os relatos construídos pelos sujeitos na internet como construções de si e, ao mesmo tempo, oportunidades de participação como *netizens*, ou cidadãos da internet.

As especificidades das pesquisas referidas, além de tantas outras que aparecem ao longo do trabalho (poucas diante do universo de investigações que vêm sendo desenvolvidas nessa perspectiva), trazem questões importantes para esta pesquisa, na qual se propõe pensar sobre os modos através dos quais migrantes latino-americanos se apropriam da internet e de que forma características como a potencial interatividade e a aproximação entre as esferas de produção e usos, permitem que essas apropriações atuem na participação cidadã no local em que estão inseridos.

Apenas referir exemplos de pesquisas, no entanto, não é suficiente. Precisamos discutir a relação entre cidadania e usos da internet através da análise de situações específicas,

possíveis de serem resgatadas pelos relatos dos migrantes que contribuíram com a pesquisa. Na discussão sobre os sentidos que a cidadania assume na sociedade em rede, surgem expressões como cidadão digital, cidadão online ou conectado, mas, mais do que apresentar uma definição que enquadre o tipo de participação cidadã possível através dos usos da internet, queremos conhecer experiências concretas e refletir a partir delas.

3 PENSAR A AMÉRICA LATINA DESDE AS MIGRAÇÕES, AS IDENTIDADES E A CIDADANIA

3.1 Colonização, imperialismo, globalização

Tudo pertence, desde hoje, a esses reis distantes: o mar de corais, as areias, os rochedos verdíssimos de musgo, os bosques, os papagaios e esses homens de barro que não conhecem ainda a roupa, a culpa nem o dinheiro e que contemplam, atordoados, a cena (Eduardo Galeano).

O que aporta hoje a ideia de América Latina, que tantos e tão diversos sentidos evoca ao longo de sua história? Mais: por que optar por um recorte desde esse eixo em uma época em que se discute sobre saídas individuais e não sobre grandes relatos, em que os nacionalismos são postos em questão e todas as tentativas de organizações supranacionais parecem cair em contradição? Uma identidade conflitiva, desde sua invenção, teria capacidade explicativa em meio às reconfigurações econômicas, sociais e culturais em que vivemos?

Desde o contexto brasileiro pode parecer ainda mais distante a proposta de um projeto de pesquisa que parte de um olhar sobre a América Latina. Tão afastados estamos das reflexões em torno do que nos constitui como latino-americanos que não raras vezes nos referimos a *eles*, os latinos, desde um outro lugar. Ainda assim, não podemos negar o fato de estarmos em meio a um conjunto de países que compartilham trajetórias, muitas vezes de pobreza e exploração, mas também de resistência e de um percurso histórico e cultural plural, o que ajuda a entender esse movimento complexo de negação e reconhecimento diante de diferentes modos de ser latino-americano.

Para compreender a opção por esse ponto de partida no estudo sobre usos de internet e organização de redes sociais, propomos um pequeno resgate de aspectos fundantes da discutida noção de América Latina, incluindo a inserção do Brasil em sua dimensão. E não são poucos os autores que nos ajudam a entender o sentido histórico daquilo que não conforma propriamente um continente, mas uma divisão político-ideológica com um caráter organizativo e sociocultural próprios, e suas releituras atuais.

Interessa, neste capítulo, pensar sobre as relações da realidade social e histórica da América Latina, em sua compreensão conceitual, de suas experimentações identitárias e questões de cidadania, vividas a partir das migrações. Para isso, parte-se de um resgate de

diferentes compreensões sobre a identidade latino-americana, desde a colonização até os dias de hoje, a partir da referência aos eixos das migrações e da comunicação, de modo a pensar sobre os diferentes modos de narrar suas culturas, hibridismos e histórias.

Uma das maneiras de narrar a experiência de América Latina, segundo o antropólogo García Canclini (2005), pode ser resgatada pelo conjunto de nomes usados para designar essa entidade. O *nominalismo exaustivo* ajudaria a entender o projeto de América Latina e pode ser percebido na adoção consecutiva de denominações desde *Novo Mundo* ou *Índias Ocidentais*, nascidos junto com o descobrimento europeu em 1492, passando por América, Indo-américa, Afro-américa, Hemisfério Ocidental, *Nuestra América* e Labirinto Latino-americano, entre outros, como lembra também Octávio Ianni:

A despeito dos diferentes nomes que tem recebido, ou ostente, continua parecendo volátil, atravessada por situações e acontecimentos que não cabem neste ou naquele conceito, ou que o extrapolam: América Latina, Ibero-américa, Indo-américa, Afro-américa, Hemisfério Ocidental, *Nuestra América*; depois de ter sido Índia Ocidental, Novo Mundo, Paraíso, Eldorado, América. Chamou-se América em homenagem a Américo Vespúcio, quem teve a clareza sobre o descobrimento que Cristóvão Colombo não soube nomear; descobrimento do continente que faltava no mapa do mundo, para compor os quatro continentes e a cartografia indispensável para a dinamização do mercantilismo e cristianismo, contribuindo assim para a gênese do ocidentalismo. São muitas as denominações com as quais se busca constituir esse “continente” (IANNI, 2004, p.7).

O fato, como aponta Ianni, é que a adoção de um nome comum não encerra o problema, ao contrário, ajuda a concretizá-lo. De que estamos falando quando recorremos ao sentido de América Latina? Outra maneira de buscar respostas está na recuperação histórica dos traços constituintes e do sentido comum criado em torno da região, a partir do século XVI, quando se instaura o olhar do outro sobre quem já vivia em suas terras, no processo que Todorov (1987) define como conquista, como considerado na época, ao invés de falar em tomada de posse e dizimação, mais próximo da lógica implantada.

Em seu estudo sobre a alteridade a partir dos relatos do encontro entre os ditos Velho e Novo mundo, Todorov parte das motivações dos conquistadores para analisar o impacto causado pelas diferenças encontradas, de maneira a mostrar como o outro, o índio, se constrói diante dos olhos europeus. Os primeiros textos a descrever a América tal qual a sociedade ocidental a conhece, desde os diários e cartas dos navegadores, mostram uma construção da descoberta como o exótico, o rico, o inexplorado e, sobretudo, o selvagem.

Essas serão as primeiras ideias disseminadas da América, relatos da exuberante natureza, habitada por seres belos, dóceis e, dentro dessa concepção ilustrada, desprovidos de qualquer cultura. Os índios eram descritos nos apontamentos de Cristovão Colombo como selvagens desnudos, sem leis, sem religião, mas também como “a gente mais generosa do mundo”. Nesse sentido, Colombo contribui para o mito do bom selvagem, ao mesmo tempo em que passa da admiração pelo espírito ameno dos indígenas à sugestão da exploração de sua mão-de-obra:

Como es que Colón puede estar asociado a esos dos mitos aparentemente contradictorios, ¿aquel en que el otro es un *buen salvaje* (cuando se le ve de lejos) y aquel en que es un *pobre perro*, esclavo en potencial? Y es que los dos descansan en una base común, que es el desconocimiento de los indios, y la negación de admitirlos como un sujeto que tiene los mismos derechos que uno mismo, pero diferente. Colón ha descubierto América, pero no a los americanos (TODOROV, 1987, p. 57).

Não é difícil constatar como, desde o início da narração da história da América pós-colombiana, o diferente é tido como inferior, já que os índios são construídos, na maioria das vezes, como um meio caminho entre os homens e os animais. Nessa concepção, o outro não alcança a dimensão de sujeito.

No processo inicial de colonização, no entanto, a maneira de compreensão da população local não foi construída de forma monolítica. Para além da relação superior/inferior, que justificava a imposição religiosa e o saque de riquezas naturais, também existiram tentativas de outras formas de convívio, como o que descreve Todorov (1987) sobre a postura, por exemplo, do bispo Bartolomé de Las Casas, que era contrário à imposição de valores religiosos através da força. Entretanto, sua postura consistia na ideia de igualdade perante a um deus católico e propunha a assimilação à religião verdadeira como única salvação possível.

Nesse contexto, o encontro entre a cultura europeia do século XVI, que também deve ser pensada desde sua diversidade, e as culturas indígenas vai marcar a constituição de uma outra cultura. Como propõe Larraín (1994), em qualquer encontro assimétrico e conflitivo entre culturas é acionada a problemática da identidade cultural. E este será um dos marcos para pensar o conceito de América Latina:

Los primeros cuestionamientos acerca de la identidad ocurrieron durante los años críticos de la conquista y colonización. Ante el empuje español, los

indios pierden su libertad y su sentido de identidad original y una nueva matriz cultural empieza a formarse en la que las construcciones del indio como un "otro" inferior por parte de los españoles juegan un papel importante (LARRAÍN, 1994, p. 34).

Para concretizar o resultado desse encontro na constituição de um novo modelo cultural, Larraín destaca a força da influência da religião e sua relação com o autoritarismo político, pouco aberto à razão científica. Este modelo, que coexistiu com a escravidão, o racismo e o monopólio religioso, é central na constituição latino-americana, mesmo que a concepção de América Latina só venha a ser desenvolvida mais tarde, no século XIX, criada por europeus e crioulos³⁹ de ascendência europeia como uma necessidade de distinção em relação à América Anglo-saxônica.

Importante ressaltar que a constituição da América Latina vai ser caracterizada por uma grande diversidade étnica e cultural, que transcende o dualismo índio e europeu. Primeiro, como bem lembra Maldonado (2005), porque é impossível falar em índio no singular, devido às muitas, e marcadas por profundas diferenças culturais, comunidades indígenas que viviam na região. Depois, pela importância das culturas negras trazidas pelos africanos que chegaram como escravos, embora eles pouco sejam referidos nos estudos que remetem à constituição da história latino-americana. Outro aspecto que deve ser considerado é que o processo de colonização foi acompanhado de um intenso movimento de migração, que passa por diferentes momentos, e mantém-se até hoje. Entre os primeiros colonizadores espanhóis e portugueses vieram aventureiros judeus, árabes, africanos, turcos, em busca de riqueza e liberdade.

Segundo Galeano (2007), o próprio descobrimento da América não pode ser explicado sem considerarmos a tradição militar da guerra das cruzadas que imperava na Castilha medieval, que terminou com a recuperação de Granada, expulsão dos mouros do território espanhol e endividamento da coroa – motivo pelo qual boa parte das riquezas da colônia acabou nas mãos de banqueiros alemães, genoveses, flamencos, além de espanhóis⁴⁰. A epopeia de espanhóis e portugueses na América combinou o saque de riquezas e a propagação do cristianismo: “La expansión del reino de Castilla ampliaba el reino de Dios sobre la tierra”,

³⁹ Filhos de espanhóis ou de descendentes diretos nascidos na América.

⁴⁰ Segundo Galeano (2007, p. 40-1), entre 1503 e 1660, chegaram ao porto de Sevilha 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata, sem contar com o que era contrabandeado. A prata transportada para Espanha em pouco mais de um século e meio excedia três vezes o total de reservas europeias, mas os credores do reino, em sua maioria estrangeiros, esvaziavam sistematicamente as reservas dos tesouros vindos da América.

ironiza Galeano (2001, p. 28), diante da dominação e do extermínio dos índios, que só mais tarde foram considerados como “detentores de almas” pela igreja Católica.

Había de todo entre los indígenas de América: astrónomos y caníbales, ingenieros y salvajes de la Edad de la Piedra. Pero ninguna de las culturas nativas conocía el hierro ni el arado, ni el vidrio ni la pólvora, ni empleaba la rueda. La civilización que se abatió sobre estas tierras desde el otro lado del mar vivía la explosión creadora del Renacimiento: América apareció como una invención más, incorporada junto con la pólvora, la imprenta, el papel y la brújula al bullente nacimiento de la Edad Moderna (GALEANO, 2007, p. 33).

Em um segundo momento na emergência de perguntas sobre a identidade, como caracteriza Larraín (1994), aparecem as lutas pela independência e o período de constituição dos estados nacionais, no começo do século XIX, ao que o pensamento racionalista e a ilustração vão adquirir importância nas novas definições.

Segundo Mignolo (2007), a ideia de América Latina, forjada na segunda metade do século XIX, dependeu da formalização de outro conceito, o de *latinidade*, surgido na França: “El término *latinidad* englobaba la ideología en la que se cifraba la identidad de las antiguas colonias españolas y portuguesas en el nuevo orden del mundo moderno/colonial, tanto para los europeos como para los americanos” (MIGNOLO, 2007, p. 82). Nesse sentido, a *latinidade*, como uma aproximação entre as Américas espanhola, francesa e portuguesa, exercia um sentido de distinção em relação às influências anglosaxônicas dos Estados Unidos, além de marcar, sobretudo, o protagonismo francês, representado como ideal de política e cultura, que influenciou os descendentes de europeus nos processos de independência das colônias.

Los intelectuales y funcionarios franceses utilizaron el concepto de *latinidad* para tomar la delantera entre los países latinos que tenían intereses en América (Italia, España, Portugal y la propia Francia), pero también para enfrentarse a la continua expansión de Estados Unidos hacia el sur [...]. En América del Sur y las islas del Caribe español, las élites de criollos blancos y mestizos adoptaron la *latinidad* después de independencia para crear su identidad poscolonial (MIGNOLO, 2007, p. 82).

É como um projeto político que a *latinidade* vai configurar uma concepção das elites crioulas, que acaba por excluir a população índia e negra da construção de uma identidade

latino-americana. Ao mesmo tempo em que a ideia fomentou um sentido de unidade continental, atuou em um apagamento da população de origem e dos africanos trazidos como escravos. Foi, ainda, uma maneira de marcar certo afastamento da Península Ibérica através da identificação da França como novo referencial.

Como propõe pensar Aníbal Quijano (2005), a apropriação do conceito de latinidade se deu diante do conflito político entre conservadores defensores dos espanhóis e liberais modernistas, e frente ao expansionismo hegemônico dos Estados Unidos, aliados à Inglaterra:

Os "brancos" liberais desses países foram estimulados pela França, sob Napoleão III, a propor que sua identidade européia não se esgotava no ibérico (espanhol ou português), mas sim remetia a um parentesco cultural muito mais amplo: a latinidade. E em torno do fim desse mesmo século, frente ao aberto expansionismo colonialista e imperialista dos Estados Unidos depois de sua vitória sobre a Espanha em 1898, a oposição entre o "materialismo" e o "pragmatismo" anglo-saxônico dos americanos do norte e o "espiritualismo" latino dos americanos do sul, codificada principalmente pelo uruguaio José Enrique Rodó em seu livro "Ariel", pôde ganhar uma vasta difusão e respaldo entre os intelectuais "brancos" e "mestiços" (QUIJANO, 2005, p. 26).

Em um primeiro momento, de encontro entre colonizadores e colonizados, no século XVI, as diferenças eram colocadas pela relação dos indivíduos com um modelo imaginado de humanidade ideal, do qual os povos encontrados nas terras americanas estavam distantes. Mignolo (2007) lembra que, na aproximação a grupos de pessoas até então desconhecidas, a definição dos indivíduos baseou-se em princípios teológicos do conhecimento, definidos por ideais ocidentais cristãos usados como critérios para classificação. Mais adiante, no século XIX, é feita a associação de distinções por cor de pele ou ideias de pureza de sangue, ou seja, critérios biológicos.

Quijano vai mais fundo ao afirmar que a própria noção de raça só é possível desde a colonização da América. É aqui, segundo o sociólogo, que as diferenças são colocadas em termos de relações de superioridade e inferioridade. O conceito de raça é construído, portanto, em aproximação às teorias da época, através da vinculação da categoria a atributos biológicos dados como referentes objetivos. Tal construção, que desconsidera toda a dimensão cultural, acaba a serviço da dominação social.

Foi um produto mental e social específico daquele processo de destruição de um mundo histórico e de estabelecimento de uma nova ordem, de um novo padrão de poder, e emergiu como um modo de naturalização das

novas relações de poder impostas aos sobreviventes desse mundo em destruição: a idéia de que os dominados são o que são, não como vítimas de um conflito de poder, mas sim enquanto inferiores em sua natureza material e, por isso, em sua capacidade de produção histórico-cultural. Essa idéia de *raça* foi tão profunda e continuamente imposta nos séculos seguintes e sobre o conjunto da espécie que, para muitos, desafortunadamente para gente demais, ficou associada não só à materialidade das relações sociais, mas à materialidade das próprias pessoas (QUIJANO, 2005, p. 17).

Associada a esses pensamentos, muitas vezes a descrição das diferenças latino-americanas era proposta desde conotações racistas. Larraín (1994), por exemplo, lembra de pensamentos defendidos, a finais do século XIX, sobre uma oposição entre o que se considerava civilização, representada por Europa e Estados Unidos, e barbárie, resultado da inferioridade racial graças à mescla de europeus com índios e negros. Muitos autores apontavam como principal obstáculo para o desenvolvimento latino-americano o fator racial, de modo que não surpreendem as políticas que propunham modernizar a América Latina pelo melhoramento da raça, possível através do estímulo à migração europeia. A *política de branqueamento* que vigorou nos países latino-americanos nesse período guarda uma relação direta com as teorias raciais vigentes na época.

Um terceiro momento responsável por experiências que colocam mais fortemente em tensão a identidade latino-americana é caracterizado, ainda de acordo com a proposição feita por Larraín (1994), entre 1914 e 1930. No período, que vai do contexto da Primeira Guerra Mundial até a grande depressão capitalista mundial com a quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, a força dos então donos das terras que sustentaram a aproximação com um ideal de latinidade começa a perder-se, enquanto a chegada de trabalhadores provenientes de países europeus como Itália e Alemanha faz emergir uma classe média trabalhadora.

A identidade também vai ser questionada por movimentos indigenistas, que tentam valorizar uma parcela da população até então esquecida, mas que, em parte, mantinham uma versão romântica e idealizada das comunidades indígenas. Essa perspectiva concorreu com aportações de uma série crescente de pensamentos que buscavam traçar características essenciais do latino-americano, quase sempre identificado por sua ligação com forças da natureza e pela ideia de serem mais emocionais do que racionais, o que parece marcado por certo ressentimento, vícios e lamentações:

En todo caso, tanto la fe ingenua y anacrónica en las virtudes socioeconómicas de las civilizaciones indígenas precolombinas típicas del movimiento indigenista, como las versiones pesimistas acerca del carácter

resentido y doble de los latinoamericanos, típicas de los ensayistas de los años 30, comparten una falta total de confianza en la capacidad latinoamericana para asimilar verdaderamente el modelo europeo de cultura racionalista. Sin embargo, para poner las cosas en su debido contexto y proporción, debe aclararse que estas ideas nunca llegaron a ser dominantes y ampliamente aceptadas en América Latina, y que durante el siglo XIX la experiencia cultural europea continuó siendo crucial para la discusión sobre la identidad de la región así como lo había sido para su independencia (LARRAÍN, 1994, p. 47).

Além desses, podem ser destacados outros momentos importantes para a construção de narrativas sobre a identidade latino-americana. Na análise sobre os processos históricos de constituição do massivo na América Latina, Martín-Barbero (2001) aborda a situação latino-americana a partir de uma diferença construída em sua dupla dimensão: a que produziu dominação e a que constrói-se na mestiçagem das raças, dos tempos e das culturas. Qualquer possibilidade de falar de América Latina deve considerar, juntamente com uma dinâmica básica de fragmentação e dispersão, o processo de “desenvolvimento desigual” e o movimento de formação das identidades e dos mercados nacionais, em muito construídos levando em consideração as exigências do mercado internacional.

O pesquisador destaca os anos 1920 como período de reorganização da economia e reajuste das estruturas políticas, em que se observa uma industrialização inicial como substituição das importações e o surgimento de novas burguesias. Surge, nesse contexto, um novo nacionalismo, baseado na ideia de uma cultura nacional, “como síntese da particularidade cultural e da generalidade política, da qual as diferentes culturas étnicas ou religiosas seriam expressões” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 229). Segundo o autor, desejava-se uma nação com o objetivo de obter-se uma identidade, mas esse processo implicava a tradução para um discurso modernizador que vinha de fora. A lógica de desenvolvimento levava em consideração sempre o lugar dos países hegemônicos.

Na reconstrução feita por Martín-Barbero, que toma como central o papel dos meios de comunicação na organização social latino-americana, os anos 1930 foram decisivos pela irrupção das massas nas cidades, a consequente modificação das camadas populares e a transformação do conjunto da sociedade urbana, além de terem sido importantes para a ascensão do fenômeno do populismo, através do qual o Estado buscou a adesão das massas populares para a legitimação de seu projeto nacional. Dos anos 1930 aos anos 1950, o autor aponta o uso mais direto dos meios de comunicação como porta-vozes do esforço do Estado

para converter, através de estratégias nacionalistas e populistas, as massas em povo e o povo em Nação.

Nos anos 1960, período em que a maioria dos países passam a ser governados por regimes autoritários, a matriz do populismo é substituída pela do desenvolvimentismo, através da qual o crescimento econômico é pensado desde a diversificação da indústria. Surge, então, um novo sentido de massificação: “Nos anos do desenvolvimentismo, o massivo passa a designar apenas os meios de homogeneização e controle das massas” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 261). Ganha força a compreensão de que só existe desenvolvimento com comunicação, o que incentiva a proliferação de emissoras de rádio e antenas de TV, que passaram a reproduzir o que era consumido em outros países, na tentativa de constituição de um público homogêneo e, conseqüentemente, que iria modernizar-se nesse processo. A busca pela homogeneização do público por parte da produção, mais refletida na produção da TV, escapa da matriz popular do rádio e de sua oralidade, que reage, pluralizando-se, assim como a imprensa, que sempre tentou refletir mais as diferenças culturais e políticas.

Segundo Martín-Barbero (2001), nos anos 1980, o cenário da comunicação latino-americana é protagonizado por tecnologias como a comunicação via satélite, televisão a cabo, videotexto e teletexto, em um processo complexo de modernização progressiva e simultânea convivência com limites nas apropriações sociais e culturais das tecnologias. Esse paradoxo leva ao que o pesquisador identifica como um duplo movimento: uma tentativa de fuga para o passado na busca de um sentido original de identidade, e a redução do não tecnológico como o atrasado, em uma fetichização que leva à desvalorização da memória cultural em nome da memória eletrônica.

Nesse breve resgate histórico, construído sob diferentes perspectivas, vale ressaltar que depois da Segunda Guerra Mundial surgem diferentes abordagens para pensar a constituição da América Latina, muitas delas centradas na busca de industrialização e modernização, sob influência da sociologia norte-americana e dos trabalhos pioneiros do Ciespal (Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina), instalado em 1959, em Quito, no Equador, e responsável pelos primeiros estudos de comunicação na região. Entre os centros de estudo pioneiros estão o ININCO (Instituto de Investigaciones de la Comunicación), fundado em 1973, na Venezuela. Desta forma, como explica Berger (2001), Venezuela e Equador são as primeiras sedes das pesquisas em comunicação: “Ciespal expandindo, na primeira fase, sua perspectiva desenvolvimentista por toda a região e ININCO dando guarida à preocupação pela introdução acrítica das novas tecnologias, aprofundando, assim, as raízes da dependência” (BERGER, 2001, p. 245).

Podem ser citados, ainda, o CEREN (Centro de Estudos da Realidade Nacional), vinculado à Universidade Católica do Chile, e o ILET (Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales), do México.

Tais centros de investigação iniciam vinculados à perspectiva funcionalista e extensionista (principalmente na primeira fase dos estudos do Ciespal, até 1973), mas as rupturas ocorrem entre o final dos anos 1960 e 1970, com o fortalecimento de pesquisas que levam em consideração as peculiaridades regionais e as condições estruturais do subdesenvolvimento. Segundo Berger (2001), o funcionalismo e o marxismo disputavam a abordagem da comunicação, mas também a sociologia e a semiologia passaram a reivindicar para si o problema.

Nos anos 1960 e 1970, vieram as teorias acerca do imperialismo e da dependência, caracterizados por um caráter denunciante e reivindicatório, que serão resgatados a seguir. Depois do período de ditaduras militares em diferentes países latino-americanos, ganharam força teorias mais conservadoras e neoliberais, associadas ao colapso do sonho socialista.

Mais recentemente, vimos emergir um movimento de democratização política e a ascensão de partidos de esquerda, que renovam e multiplicam o debate sobre o sentido de América Latina. Como confirmação desse deslocamento, temos os governos de Hugo Chávez⁴¹, na Venezuela, Evo Morales, na Bolívia, Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil, Néstor e, mais recentemente, Cristina Kirchner, na Argentina, e Michelle Bachelet, que, ao final de seu mandato em 2009, manteve uma popularidade record no Chile⁴² - todos representantes de diferentes tendências dentro do que configuraria, hoje, uma posição política afiliada à esquerda.

Esses governos, sob diferentes enfoques e posturas políticas (umas mais radicais, outras mais enquadradas ao cenário político-econômico global), parecem construir seus projetos a partir da retomada de um sentido de oposição e alternativa política defendido desde a América Latina, que tem sua origem vinculada a uma tomada de consciência da realidade

⁴¹ Sem dúvida o mais controverso dos governantes, no poder desde 1999, forte opositor à política norte-americana. Em 2006, por exemplo, referiu-se ao então presidente dos Estados Unidos George W. Bush como “o diabo” em plenário da Organização das Nações Unidas. É acusado de ter intenções totalitárias, ao calar opositores, fechar canais de televisão e rádio, legislar por decretos e instituir, depois de referendo popular, a possibilidade de reeleição ilimitada, entre outras medidas polêmicas. Outros enfatizam mudanças positivas como contribuições do governo Chávez, como uma melhor distribuição de renda na Venezuela, o desenvolvimento de políticas sociais em favor das camadas mais pobres da população e uma política externa que busca preservar os interesses nacionais.

⁴² Embora o candidato da coalizão de centro-esquerda que Bachelet apoiava (a *Concertación*, que governa com sucesso o país desde a queda de Pinochet, há 20 anos) tenha ficado em segundo lugar no primeiro turno das eleições presidenciais, que aconteceu em dezembro de 2009.

local, sobretudo a partir dos anos 60, como contraponto às ditaduras militares e à hegemonia norte-americana.

Desde o primeiro mandato, assumido em 2002, o presidente brasileiro defende uma aproximação política e diplomática entre os países governados pela centro-esquerda na América Latina. Com o governo Lula, o Brasil ocupou um novo papel de protagonismo no cenário internacional e de liderança regional, com foco no multilateralismo e na integração regional. Essa política pode ser percebida em ações como a criação da Universidade de Integração Latino-americana (Unila), em Foz do Iguaçu, e com a assinatura do Acordo de Livre Residência Para cidadãos do Mercosul, além de acordos bilaterais de exploração de recursos econômicos e parcerias. As iniciativas enfrentam dificuldades por causa dos diferentes problemas internos vividos pelos países e nas diversidades das políticas externas, mas se apresentam como alternativa de cooperação e exploração conjunta do potencial econômico, social e cultural da região.

Christa Berger (2001), em levantamento sobre a pesquisa em comunicação na América Latina, identifica a marca da reflexão como panorama político da região, em um contexto histórico de giro à esquerda. Deslocamento percebido, na Europa, com a efervescência em torno do movimento de Maio de 68, e, na América latina, com uma oposição, por meio de ações não homogêneas e, algumas vezes, veladas, ao estilo de vida norte-americano e luta por uma sociedade mais livre. Isso passava tanto por movimentos guerrilheiros, como por uma revisão cultural, educativa e política:

Naquele período, as concepções de mundo colocavam-se em pólos opostos: frente ao exército oficial se propunham milícias populares; frente à Igreja oficial, a teologia da libertação; frente aos sindicatos pelegos, organizações de base; frente aos meios de comunicação e à cultura transnacional, a denúncia e, ao mesmo tempo, a criação de formas alternativas de comunicação popular (BERGER, 2001, p. 247-8).

Essa tendência de forte reflexão política, que configura um eixo definidor de sentidos para a identidade latino-americana, pode ser associada, ainda, a momentos anteriores de nossa história, como a luta pela independência das colônias, em que emergem figuras quase míticas como a de José Martí, líder do movimento de libertação de Cuba frente ao domínio espanhol, e Simón Bolívar, revolucionário atuante na independência de vários territórios da América espanhola (Venezuela, Colômbia, Bolívia, Peru, Panamá e Equador). Embora seja redutor pensar a história a partir de trajetórias pessoais, tais personalidades emergem nas narrativas

sobre a identidade latino-americana, sendo percebidas referências até mesmo na fala dos entrevistados da pesquisa.

Bolívar defendia um ideal de unificação sul-americana, sob sua liderança e, e apesar de ter fracassado em seu projeto, é identificado como um grande libertador, um iluminista romântico e um idealista. Seus pensamentos inspiram um debate presente na trajetória sobre a América Latina de busca de integração efetiva entre seus países.

Também a Revolução Cubana, nos anos 50, com a derrubada de Fulgencio Batista e o estabelecimento de um governo liderado por Fidel Castro, a partir do apoio de outro importante líder revolucionário, o argentino Ernesto Che Guevara, ajuda a configurar um cenário de oposição na América Latina. Esses movimentos trazem elementos importantes na definição de uma forma de atuação política como constituidora de um modo de ser latino-americano, identificado como *mais de esquerda*, muitas vezes através da vinculação a organizações e entidades associativas de caráter político, que vai ser atualizado a partir das narrativas construídas por latino-americanos que vivem fora da região.

3.2 Mirada ao espelho: maneiras de narrar uma história plural

São muitos os estudiosos que propõem pensar sobre a ideia que circunda o conjunto de países latino-americanos, sua história, geografia, economia, política e cultura. Muitos dos quais, entretanto, quer sejam *nativos* ou *estrangeiros*, desde uma perspectiva fortemente marcada pela adoção de um modelo baseado em outras trajetórias sócio-históricas, o que acaba por implicar na comparação com ideais europeus ou norte-americanos. É fácil perceber como a força de toda a narração histórica influencia nossa compreensão da América pela dificuldade em contar essa história desde outros ângulos.

Como afirma Ianni (2004), o que tem predominado é o olhar de elites e classes governantes, organizações e entidades multilaterais que tomam para si o papel de *agentes civilizadores*:

Em geral empenham-se em esclarecer o “atraso”, o “sub-desenvolvimento”, a “periferia”, a “marginalidade”, a “pobreza”, “miséria”, o “autoritarismo”, a “instabilidade política congênita”, a “modernização precária”, a insuficiente “revolução de expectativas”, o “latifundismo”, o “patrimonialismo”, a “violência”, o “narcotráfico”, a “sociedade civil invertebrada”, os “atores sociais débeis”, e outras “características”

congênitas, próprias ou exclusivas dessas coletividades, povos e nações (IANNI, 2004, p. 9).

García Canclini também fala sobre a tendência de abordar a América Latina pelo déficit, muito vinculada a teorias desenvolvimentistas e da dependência, fortemente baseadas no debate nacional: “De acuerdo con el desarrollismo, la industrialización económica de cada nación superaría los obstáculos de las tradiciones premodernas y la consiguiente heterogeneidad sociocultural de nuestras sociedades” (GARCÍA CANCLINI, 2002, p. 36). Em outra perspectiva, embora tenha havido contradições e não apenas convergências, os estudos sobre a dependência entendiam a subordinação dos países latino-americanos como a chave de todos os nossos males e propunham uma saída para tal situação com projetos de desenvolvimento nacionais, econômico e culturalmente autônomos (GARCÍA CANCLINI, 2002).

Faletto (1998) situa o contexto histórico de emergência dessas teorias ao lembrar do papel que teve a reunião de pensadores latino-americanos em centros universitários e instituições preocupadas com a produção de conhecimento sobre a região, como o Cepal, em um Chile de meados dos anos 1960 que vivia uma experiência política distante da realidade de outros países latino-americanos e que caminhava rumo a uma transição ao socialismo, interrompida mais adiante pelo golpe militar de 1973.

No restante da América Latina, como já referimos, os anos 1950 foram caracterizados como um período agitado por episódios como a revolução do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), na Bolívia, o suicídio de Getúlio Vargas, no Brasil, a derrocada de Perón, na Argentina, e a entrada de Fidel Castro, em Cuba, só para citar alguns. Segundo Faletto (1998), as mudanças geraram expectativas de democratização e de mudanças econômicas que não chegaram a se concretizar totalmente.

Entre a década de 1960 e 1970, vários países da América Latina sofreram golpes de estado e imposição de governos militares, paralelamente ao fortalecimento de movimento diversos que assumiram um caráter de conscientização e de resistência, como buscamos destacar antes, com a luta pela retomada de direitos civis e políticos, a mobilização de camponeses e a defesa de projetos de reforma agrária, o surgimento de grupos progressistas de intervenção social vinculados à Igreja Católica e, inclusive, a defesa da luta armada como única alternativa proposta por grupos em diferentes países.

Aliados a esses movimentos, recordamos a efervescência cultural e teórica, com, por exemplo, o aporte do realismo fantástico tido por alguns críticos literários como uma nova forma de tomada de consciência da América Latina. Também integra a atmosfera efervescente o pensamento da libertação pela educação e a possibilidade de formar-se um homem novo, sob o desafio das teorias educacionais libertadoras de Paulo Freire.

Nesse contexto, o tema da dependência surge, segundo Faletto (1998), em meio a uma experiência política complexa, em que coexistem conflitos, frustrações e momentos de expectativa e esperança:

Formalmente, los distintos ensayos y estudios sobre la dependencia, se inscribían en la llamada *Teoría del desarrollo* y eran polémicos con planteamientos que hasta ese entonces habían estado muy en boga. Lo que los dependentistas plantearon, era que, las opciones económicas distaban mucho de ser neutrales y que tenían claro significado político; que podían beneficiar a algunos y afectar negativamente a otros. En suma, el problema del desarrollo era un problema de poder, pero, si a veces no era tan difícil definir el rasgo del poder existente, más complicado era definir el carácter del poder posible, y aquí, a menudo, la pugna se instaló al interior de los propios *dependentistas* (FALETTO, 1998, p. 113).

Segundo crítica feita por investigadores vinculados ao pós-colonialismo, como uma das abordagens que busca entender as relações sócio-históricas da América Latina, a maioria das pesquisas desenvolvidas sobre a região, salvo poucas tentativas, reflète desde um ponto de partida de fora para pensar o continente, mesmo que tente estabelecer uma posição crítica. Como sugere Mignolo, muitos dos textos escritos e dos mapas traçados sobre o território não conseguem se separar de uma visão estrangeira apresentada como universal. “Es cierto que los autores reconocen que hay un mundo y unos pueblos fuera de Europa, pero también es cierto que ven a esos pueblos y a los continentes en que habitan como objetos, no como sujetos, y en cierta medida, los dejan fuera de la historia” (MIGNOLO, 2007, p. 17).

Com base nessa crítica feita pela perspectiva pós-colonial, Mignolo chega a afirmar que, para a maioria das pesquisas empreendidas sobre a América Latina, a história é um privilégio da modernidade europeia e para ter uma história é preciso deixar-se colonizar. Mesmo desde posições teóricas e momentos históricos bem distintos, sua proposta para pensar a América coincide, nesse ponto, com o que expõe Todorov, pois os dois colocam o processo colonial como ponto fundante de nossa identidade presente. “Todos somos descendientes directos de Colón”, diz Todorov (1987, p. 15), ao defender que o ano de 1492

marcaria o começo da era moderna. Para Mignolo (2007), apoiado em autores como Quijano e Wallerstein, mais do que isso, a colonialidade seria a face oculta da modernidade.

Quijano (2005) vai discutir, inclusive, princípios do par colonialidade/globalidade como novo padrão de poder mundialmente dominante, a partir da constituição da América Latina em sua relação histórica de dependência estrutural. O autor também atribui o advento da modernidade como resultado, em grande parte, do descobrimento da América. Em outros termos: “A América Latina foi tanto o espaço original como o tempo inaugural do período histórico e do mundo que ainda habitamos. Nesse sentido específico, foi a primeira entidade/identidade histórica do atual sistema mundo colonial/moderno e de todo o período da modernidade” (QUIJANO, 2005, p. 9).

Em sua proposição crítica daquilo que se convencionou chamar de “colonização do saber e do ser”, Mignolo defende que a ideia de América Latina é uma invenção europeia que eliminou as denominações dos povos que habitavam o continente, além de caracterizar, a partir da tomada de poder de crioulos de ascendência europeia, a apropriação do continente de modo a excluir negros e índios de suas narrativas, mantendo a mesma matriz de pensamento germinada pelos colonizadores: “En realidad, la conciencia criolla era más bien una doble conciencia: la de no ser lo que se suponía que debían ser (es decir, europeos). Ese ser que es en verdad un no-ser es la marca de la *colonialidad del ser*” (MIGNOLO, 2007, p. 87).

Essa construção leva a pensar, ainda hoje, a América Latina como “uma região que compreende uma enorme superfície de tierra rica en recursos naturales donde abunda la mano de obra barata” (Mignolo, 2007, p. 38). Uma terra a espera de seu desenvolvimento, pois se parte de uma única trajetória de desenvolvimento como referência, a dos países europeus e Estados Unidos, sem considerar, como reflete Larraín (1997) que existem maneiras múltiplas de modernizar-se.

Se partilharmos dessas construções, podemos pensar a América, em sua condição periférica, como chave para a construção do mundo tal qual conhecemos. Nesse sentido é que se pode falar da América não como um continente descoberto, mas como uma *invenção* forjada durante o processo da história colonial europeia que serviu para a consolidação e expansão das concepções ocidentais.

É interessante observar como as teorias pós-coloniais vão ganhar um viés de resistência e afirmação de oposição a valores impostos, através de vinculação a projetos sociais e leituras críticas da história da América Latina. O sentido do continente unificado como uma invenção estrangeira pode ser contraposta, assim, com todos os movimentos

internos de auto-reconhecimento, muitos vinculados a visões de uma esquerda latino-americana, que vai buscar na realidade local elementos para compreender o que nos constitui.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que ganham um importante papel no debate teórico sobre os sentidos de América Latina, as concepções pós-coloniais sofrem críticas por seu viés heterogêneo, de formulações de distintas ordens e, sobretudo, por seu caráter ensaístico. Entretanto, trazem conceitos como o de modernidades múltiplas, que ajudam a compreender o modo plural e entrelaçado de a América Latina modernizar-se. Quijano destaca a heterogeneidade e multiplicidade de experiências como elementos essenciais para a construção de uma identidade latino-americana:

É pertinente assinalar, contra todo esse pano de fundo histórico e atual, que a questão da identidade na América Latina é, mais do que nunca, um projeto histórico, aberto e heterogêneo, não só, e talvez não tanto, uma lealdade com a memória e com o passado. Porque essa história permitiu ver que na verdade são muitas memórias e muitos passados, sem ainda um caminho comum e compartilhado. Nessa perspectiva e nesse sentido, a produção da identidade latino-americana implica, desde o início, uma trajetória de inevitável destruição da colonialidade do poder, uma maneira muito específica de descolonização e de liberação: a des/colonialidade do ser (QUIJANO, 2005, p. 27).

Tal concepção aproxima-se da opção tomada por Larraín para o entendimento da identidade latino-americana como “um processo discursivo que permite uma variedade de versões” (LARRAÍN, 1994, p. 31). O autor, cuja produção teórica traduz uma importante contribuição dos Estudos Culturais latino-americanos, fala de uma tendência, na América Latina, de pensar identidade e modernidade como categorias opostas e excludentes, embora defenda que o próprio processo histórico de construção de identidade seja, desde um determinado momento, um processo de construção da modernidade. Ao tratar dos paradoxos históricos do tema da modernidade na América Latina, Larraín (1997) afirma que: “nascemos na época moderna sem que nos deixassem ser modernos; quando pudemos sê-lo, o fomos só no discurso programático e, quando começamos a sê-lo na realidade, surgiu a dúvida sobre se isto atentava contra nossa identidade”. E completa:

É verdade que a modernidade nasce na Europa, mas a Europa não monopoliza toda sua trajetória. Precisamente por ser um fenômeno globalizante, é ativa e não passivamente incorporada, adaptada e recontextualizada na América Latina na totalidade de suas dimensões institucionais. Que nesses mesmos processos e instituições haja diferenças importantes com a Europa, disso não há dúvida. A América Latina tem uma

maneira específica de estar na modernidade. Por isso, nossa modernidade não é exatamente a mesma modernidade européia; é uma mistura, é híbrida, é fruto de um processo de mediação que tem sua própria trajetória; não é nem puramente endógena nem puramente imposta; alguns a têm chamado subordinada ou periférica (LARRAÍN, 1997).

A modernidade latino-americana, portanto, não é nem inexistente, nem igual à modernidade tal qual construída em outras sociedades, mas apresenta uma trajetória própria. A proposta de Larraín faz pensar que tanto a modernidade como a identidade na América Latina são processos que vão se construindo historicamente e que não implicam necessariamente uma disjuntiva radical, mesmo que possam existir tensões entre eles: “Os traços de nossa modernidade que exploramos, tanto os gerais como os específicos, constituem, para o bem ou para o mal, elementos importantes de nossa identidade atual” (LARRAÍN, 1997).

Em nossa construção, mesmo considerando o debate das teorias pós-coloniais, buscamos um afastamento de reflexões que limitam as questões identitárias a dualismos e na dicotomia modernidade-tradição. É para pensar as culturas, sempre plurais, que caracterizam e constituem o contexto latino-americano que buscamos o aporte dos Estudos Culturais latino-americanos, com os conceitos de mestiçagem e hibridação tomados como caminhos para reconhecer a diversidade e a mistura como constitutivas das identidades na América Latina, com o cuidado de não confundi-las nunca com uma essência ou pureza.

Martín-Barbero destaca características sociais e culturais da América Latina que levam ao reconhecimento das mestiçagens como aquilo que nos constitui, como o que realmente caracteriza as identidades em nossos países. Segundo o autor (2001, p. 271), “é como mestiçagem (e não como superação) – continuidades na descontinuidade, conciliações em ritmos que se excluem – que estão se tornando pensáveis as formas e os sentidos que a vigência cultural das diferentes identidades vem adquirindo: o indígena no rural, o rural no urbano, o folclore no popular e o popular no massivo”.

Assim, a constituição da identidade seria, para Martín-Barbero, marcada não apenas pela mistura racial, não tão livre de conflitos, relações de poder e jogos de exclusão, como apontam alguns pensadores, mas pelas relações entre a modernidade e suas diferentes descontinuidades. Trata-se de uma mestiçagem que é também de temporalidades e de culturas.

Inserido no processo de transformações que se está vivendo, Martín-Barbero repensa o papel das identidades na sociedade atual, participando da explosão discursiva sobre o tema.

Três eixos da discussão trabalhados por Martín-Barbero ajudam a pensar sobre as identidades contemporâneas. No primeiro, a ascensão de fundamentalismos identitários é entendida como reação dos sujeitos à ameaça da globalização. Nessa perspectiva, estamos falando de: “una globalización más interesada en los instintos básicos – impulsos de poder y cálculos estratégicos – que en las identidades” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 166). Isto é, nos termos do autor, uma globalização que pretende dissolver a sociedade pensada em termos de uma comunidade de sentido e substituí-la por um mundo feito de mercados e fluxos de informação.

Assim, o multiculturalismo é entendido como a possibilidade de as comunidades culturais se manifestarem frente à imposição do global, que condena toda a forma coletiva de identidade. Entretanto, Martín-Barbero lembra que o fortalecimento das identidades traz como consequência não apenas a intolerância, mas também a possibilidade de expansão da memória e da solidariedade. “En su profunda ambigüedad se abren camino otras voces alzadas contra las mil formas que hoy resiste la exclusión cultural, política y social” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 168).

Na segunda perspectiva analisada, a globalização é acusada de ser o foco da transformação da intimidade e das próprias identidades, através da delegação ao indivíduo da busca de valores de coesão e de contextos de confiança (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 170). Contudo, Martín-Barbero defende que o panorama identitário atual não é formado apenas de desencanto. Para além dos narcisismos da experiência e do fortalecimento dos fundamentalismos, identidades renovadas estão surgindo.

A mudança estaria baseada na multiplicação dos referentes nos quais o sujeito se identifica: “el descentramiento no lo es solo de la sociedad sino de los individuos, que ahora viven una integración parcial y precaria de las múltiples dimensiones que los conforman. El individuo ya no es el indivisible y cualquier unidad que se postule tiene mucho de unidad imaginada” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 171). Nesse contexto, ainda surge como problemática as relações entre particularismo e universalismo – em que, na lógica atual, os particularismos são condenados por sua incapacidade de oferecer saídas aos conflitos que vivemos.

Em uma segunda construção feita dentro dos Estudos Culturais latino-americanos, em uma aproximação à noção de mestiçagem, o conceito de hibridação, proposto por García Canclini (2001) como modelo explicativo de identidade, surge a partir da constatação, na América Latina, de articulações entre tradições e modernidades. Sua primeira definição refere-se a “processos socioculturais em que estruturas ou práticas discretas, que existiam de

forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (GARCÍA CANCLINI, 2003). Assim, na tentativa de construir seu pensamento afastado de falsas oposições, o autor desenvolve a noção como alternativa para abarcar tanto mesclas que considera clássicas, com as misturas raciais e os sincretismos religiosos, quanto os entrelaçamentos entre tradicional e moderno, e entre culto, popular e massivo.

A heterogeneidade da hibridação, conceito que serve para explicar experiências tão diversas quanto casamentos mestiços, combinação de melodias étnicas com outros ritmos ou a mistura de elementos históricos e contemporâneos em criações publicitárias, traz elementos para entender as identidades na complexa dinâmica sociocultural. A noção ajuda a romper o discurso essencialista, em um afastamento das ideias de pureza e autenticidade, evidenciando o risco de absolutizar a definição de identidades mediante a abstração de traços fixos como língua e condutas, que delimitaria identidades locais radicalmente opostas à sociedade nacional e à globalização.

Assim, García Canclini defende a ênfase dos estudos dos processos de hibridação como possibilidade de relativizar a noção de identidade. O conceito de hibridação surge como contribuição para evitar a separação das práticas de suas próprias histórias de constituição, marcadas inevitavelmente por permanentes mesclas:

Os estudos sobre narrativas identitárias feitos desde enfoques teóricos que levam em consideração os processos de hibridação (Hannerz, Hall) mostram que não é possível falar das identidades como se tratem de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de distintas épocas articulados por grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência (GARCÍA CANCLINI, 2003).

A hibridação latino-americana, na construção feita pelo teórico, serve, além de aos setores hegemônicos, aos grupos populares que querem apropriar-se da modernidade. O processo, entretanto, não acontece apenas através da fusão ou da coexistência harmoniosa, mas também está presente no confronto e na tensão, superáveis somente desde uma perspectiva de reconhecimento das diferenças e elaboração das interseções multiculturais.

3.3 América Latina na diáspora: da impossibilidade de falar de uma só identidade latino-americana

Em um resgate do que buscamos discutir neste capítulo, García Canclini (2002) destaca que, desde o século XIX, existem propostas para a definição do latino-americano. O ser latino-americano representaria, em muitas abordagens, uma síntese de identidades nacionais, síntese construída, muitas vezes, pela idealização de raízes indígenas ou pela ênfase a ditas unidades de caráter, construídas a partir de um modelo ibérico. Ter uma identidade significava fazer parte de uma nação ou de uma *pátria grande*, a América Latina: “una entidad espacialmente delimitada, donde todo lo compartido por quienes la habitaban – lengua, objetos, costumbres – marcaría diferenciais nítidas con los demás” (GARCÍA CANCLINI, 2002, p. 39).

Essa noção de identidade baseada em referentes tradicionais e vinculada aos limites do estado-nação é tensionada, hoje, por constantes fluxos econômicos, comunicacionais e migratórios, que marcam outros modos de organizar as experiências coletivas e construir as narrativas de identidade. García Canclini (2002, p. 39) destaca essa dinamização associada a “desplazamientos de migrantes, exiliados y turistas, así como los intercambios financieros multinacionales y los repertorios de imágenes e información distribuidos a todo el planeta por diarios y revistas, redes televisivas e Internet”.

Esses movimentos fazem com que o significado da latino-americanidade não possa ser apreendido através da observação apenas do que acontece no território historicamente delimitado como América Latina. As respostas sobre os modos de ser latino-americano vêm também de fora, nas aproximações, tensões, convivências, idas e voltas entre América Latina e outros referentes que estabelecem relações constitutivas de nossa história.

Como já enfatizado, o fenômeno das migrações não é novo, mas certamente recebeu um impulso desde que a globalização foi acelerada. A motivação econômica intensifica a circulação das pessoas por diferentes países em busca de melhores condições de vida, as guerras e disputas de poder aumentam o número de asilados e refugiados políticos, a facilidade de deslocamento, redimensiona as migrações temporárias através do turismo e de intercâmbios, além de outras possibilidades de fluxos mais flexíveis e perpassados por múltiplas motivações. Tudo isso vai imprimindo uma remodelação nas relações transnacionais e na convivência acerca de proximidades e diferenças entre as culturas:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo (HALL, 2003, p. 44-5).

Responsável por impactos tão significativos tanto nos países de nascimento como de destino dos migrantes, as migrações vão produzir identidades que são plurais, que não se vinculam a um território específico, mas são atravessadas por diferentes pertenças. São identidades híbridas que obrigam uma profunda revisão na relação experimentada entre o passado e o presente, exigindo entendê-las em seu constante fazer-se. Identidades cuja compreensão ultrapassa a ideia de fronteira, pois são vividas por pessoas que deixaram a sua terra natal e passaram a pertencer a diferentes mundos ao mesmo tempo, configurando o que pode ser entendido também como identidades cosmopolitas.

Interessante que a percepção do inevitável processo de mudança instaurado pelas migrações pode trazer junto uma tentativa de resgate de um passado perdido, definido a todo o tempo como um ideal que precisa ser resgatado. É como se a experiência da diáspora colocasse à prova um mito fundador de identidades que servia como alternativa para unificar histórias sempre feitas de ruptura. Só agora essas rupturas ficam evidentes e precisam ser pensadas (mesmo que para serem negadas).

Entretanto, uma concepção polarizada das identidades na diáspora, como afirmação de tradição ou reconhecimento da multiplicidade de vínculos, torna-se redutora. O emaranhado de identificações surgidas a partir da experiência de deslocamento, que pode até mesmo combinar tentativas de resgate e manutenção dos vínculos com o passado e a emergência de novas experiências favorecidas pela mudança, vai ser responsável por uma profunda reconfiguração no modo como entendemos as identidades. A promessa de um retorno redentor à terra de origem não é o caminho mais adequado de entender o processo, ainda que possa estar presente nas lógicas dos migrantes, pois o resultado híbrido da experiência será invariavelmente agregado aos elementos supostamente autênticos das identidades.

O conceito de diáspora amplia, portanto, o de identidade, afastando-o de uma ideia fechada de diferença binária, marcada por uma fronteira definida que distingue rigidamente o que está dentro e o que é de fora. A identidade na diáspora torna as fronteiras mais veladas, também como lugares de passagem, de mistura, de cruzamento. Nessa ampliação, não é preciso viajar muito longe para ser incluído na experiência da diáspora. Como diz Hall

(2003), a sensação de deslocamento nos acompanha, talvez porque estejamos todos literalmente “longe de casa”. Há sempre algo no meio, entre a ideia de unidade perdida e a tensão vivida no presente.

Essa experiência é percebida como grande marco no modo de construir a identidade latino-americana hoje. Sem esquecermos da importância das migrações, em suas diferentes etapas e motivações, como dimensão constitutiva de toda a trajetória da América Latina. Por aqui, as ditaduras militares, a partir dos anos 1960, são apontadas como motivadoras de um primeiro grande movimento de migração. Mais tarde, as constantes crises econômicas são responsáveis pela intensificação do fluxo migratório, que, nesse momento, mantinha-se prioritariamente no sentido sul-norte, através da escolha, sobretudo, de Estados Unidos e Europa como principais destinos. Depois, há uma pluralização desse movimento, incluindo países como Japão, Austrália, Nova Zelândia nos projetos dos migrantes, assim como países da própria América Latina, principalmente Argentina, Chile e Brasil.

A diferença observada no fenômeno atual é mais complexa do que uma simples questão quantitativa: “As migrações do século XIX e da primeira metade do XX eram quase sempre definitivas e desligavam aqueles que partiam dos que ficavam, ao passo que os deslocamentos atuais combinam traslados definitivos, temporários, de turismo e viagens breves de trabalho (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 72). Embora essa ideia de ruptura ligada às migrações históricas precise ser relativizada, pois eram desenvolvidas várias formas de comunicação, certamente menos fluídas e mais difíceis (por carta ou entre os próprios migrantes), hoje há mais recursos para manter uma vinculação efetiva com o país de nascimento, através do acesso a diferentes tecnologias da informação e da comunicação, o que faz pensar sobre uma interculturalidade que se constrói não apenas pelos fluxos migratórios, mas muito através dos meios de comunicação.

Nessa perspectiva, como vimos, García-Canclini (2003) retoma a ideia de que os processos de hibridação seriam responsáveis por relativizar a noção de identidade. Segundo o autor, a ênfase na hibridação, não apenas impede de se pensar em identidades puras ou autênticas, como também evidencia o risco de delimitar identidades fechadas ou marcadas por uma oposição radical com a sociedade nacional ou global.

Como destaca Cogo (2009), as culturas urbanas, as migrações, os processos simbólicos da juventude e o mercado informal são apontadas por García Canclini como as principais dinâmicas socioculturais que geram e incrementam os processos dos hibridismos culturais.

A noção de hibridismo colabora, ainda, para conformar a própria concepção de latino-americanidade quando percebida como uma experiência cultural heterogênea em que confluem contribuições dos países mediterrâneos da Europa, do indígena americano e das migrações africanas assim como interações com o mundo anglófono e com as culturas européias e asiáticas. Ou, ainda, quando essa latino-americanidade é vista como uma tarefa inconclusa que pode ser entendida desde as combinações das experiências transnacionais das migrações, da produção cultural e da dívida externa dos países latino-americanos (COGO, 2009, p.3).

A interculturalidade pluraliza o modo de compreendermos e vivermos o sentido de América Latina e suas pertencas identitárias. Experiência construída, ainda, pelo consumo de uma produção cultural e midiática híbrida, muitas vezes periférica, mas importante como forma de expressão latino-americana. Diante de uma diversidade cada vez complexa, produção e consumo cultural representam outras formas de nos agruparmos. “Del mismo modo que las políticas nacionales, las industrias culturales unifican y crean homogeneidad, pero también trabajan con las diferencias étnicas, nacionales y de gustos, y engendran nuevas distinciones”, diz García Canclini (2002, p. 25).

Esse cenário de migrações, ampliação dos fluxos econômicos, comunicacionais e midiáticos, de trocas e possibilidade de expansão do mercado de consumo cultural, torna cada vez mais difícil a tarefa de buscar uma definição da identidade latino-americana, pelo menos a de uma identidade única, delimitada e facilmente identificável. Talvez seria mais prudente falar de um espaço cultural latino-americano no qual coexistem muitas identidades, ou de identificações, de modos de narrar uma história de continuidades e descontinuidades, de versões de identidades plurais ou de uma *latino-americanidade*, mais como um processo fluído e contraditório, um sentido de pertença relacional, do que como um conjunto de atributos ou características comuns.

3.4 Justiça, pertença, visibilidade e participação: a construção do conceito de cidadania

Por que falar em cidadania e comunicação hoje na América Latina? Essa questão parece motivar pesquisadores espalhados por diferentes países que, a partir de experiências que compartilham uma matriz comum, como o recente processo de democratização de nossos países, desenvolvem pesquisas que articulam esses dois grandes eixos:

De una manera real se empieza a percibir, como fundamento para la consolidación de los nuevos sistemas democráticos de América Latina, la urgente necesidad de su legalidad y legitimación desde la sociedad civil. No sólo en los ámbitos académicos, sino cada vez con mayor ímpetu entre las organizaciones gubernamentales y no gubernamentales, el tema de la ciudadanía va cobrando especial importancia por una serie de razones (CAMACHO, 2003, p.2).

Ainda segundo o pesquisador Carlos Camacho, a cidadania na América Latina é mostrada como um processo sociopolítico que pretende dar garantia para o exercício de direitos humanos e para a consolidação de sociedades verdadeiramente democráticas, justas e equitativas. Mas, em consonância com outros investigadores latino-americanos, Camacho considera a necessidade de incluir a dimensão comunicativa no debate sobre a cidadania.

Em análise sobre o percurso que aproximou os movimentos sociais dos problemas midiáticos, a partir da observação da trajetória da Intercom⁴³, Christa Berger (2006) também identifica a valorização da capacidade explicativa do conceito de cidadania nos estudos da comunicação:

As palavras Popular e Alternativa estão para os anos 80, como Novo esteve para os anos 60 (lembram do cinema novo, da bossa nova?) e como Cidadania está para os dias de hoje. O que acompanha a questão da cidadania é uma discussão sobre o significado e o alcance de ser membro da comunidade em que se vive. Quem pertence e quem está excluído? E por quê? E como consertar esta divisão desigual? São os problemas em torno do pertencimento e do direito de pertencer que deram lugar à discussão das políticas de cidadania e mobilizam nossos trabalhos acadêmicos. Se a perspectiva popular e alternativa reivindicava dar valor ao que estava no desvio, na contramão do hegemônico, a perspectiva da cidadania quer a inclusão do que está do lado de fora (BERGER, 2006, p. 4).

Nesse movimento de passagem dos estudos de comunicação popular para os que se voltam às intersecções entre comunicação e cidadania, Berger percebe, ainda, três eixos principais de pesquisas: estudos dos discursos midiáticos sobre os movimentos sociais (como se enunciam na mídia), estudos das relações entre os movimentos sociais e a mídia (ênfase nas estratégias que os movimentos usam para agendar os noticiários) e estudos das relações entre as novas tecnologias e os movimentos sociais, identificando o potencial dos usos da internet para o exercício da cidadania, com destaque para os usos mobilizadores que os

⁴³ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

movimentos sociais fazem das mídias, perspectiva que se aproxima do que é proposto nesta pesquisa.

Denise Cogo (2006), em análise do percurso do núcleo de Comunicação para a Cidadania⁴⁴ na Intercom, também comenta sobre a emergência de um espaço para a discussão de pesquisas sobre as mídias digitais numa abordagem de inclusão cidadã, sobretudo por meio de processos de interação no ambiente comunicacional da internet⁴⁵.

Nesse movimento de construção de pesquisas, é interessante buscar o modo como um conceito com uma história tão ampla, como o de cidadania, vai sendo apropriado desde o campo da comunicação. A pesquisadora Adela Cortina (2005) destaca a dificuldade de formular um conceito atual de cidadania em função, entre outros fatores, da força da herança de outras acepções do termo, assumidas ao longo de sua trajetória pelo menos desde as raízes gregas e latinas. A autora percebe uma ampliação do conceito, marcada por um momento de busca de sua capacidade explicativa, sobretudo a partir da década de 90.

Sua gênese está ligada à organização da pólis grega, ou seja, ao surgimento da vida na cidade e a capacidade de os homens livres (o que excluía mulheres, crianças e escravos) exercerem direitos e deveres, nos séculos V e IV a.C. Sob essa perspectiva, segundo Cortina (2005, p.35), o cidadão era aquele que se ocupava das questões públicas através da deliberação, através da força da palavra e, em último caso, da votação, sem violência ou imposição do desejo de uns sobre outros. Na sociedade romana era promovido o exercício de cidadania através de seu estatuto legal. O cidadão romano era aquele que atuava sob a lei e esperava proteção da lei em qualquer parte do império, ou seja, era membro de uma comunidade que partilhava a lei.

No entanto, foi apenas com o desenvolvimento da sociedade capitalista burguesa, em luta contra o feudalismo rural, que o conceito de cidadania é retomado, com os homens vivendo novamente em cidades. Cortina (2005) atribui o conceito atual de cidadão como consequência das revoluções francesa, inglesa e americana e do nascimento do capitalismo, nos séculos XVII e XVIII. “A proteção dos direitos naturais da tradição medieval exige a

⁴⁴ Fundado em 2000, em substituição ao GT de Comunicação e Cultura Popular. Segundo a ementa do núcleo, são contemplados trabalhos de pesquisa “que tenham como objeto as inter-relações entre comunicação, culturas populares, identidades culturais, etnicidade e cidadania em instâncias macro e micro comunicacionais e midiáticos, com ênfase nos processos que se desenrolam no âmbito dos movimentos populares, comunitários, sindicais e nas Ongs bem como nas esferas partidárias e eclesiais”.

⁴⁵ Entre os estudos construídos nessa filiação destacam-se as pesquisas de Juciano Lacerda (2003) sobre o processo de produção de significações no ambiente digital da lista de discussão da Rede de Comunicadores Solidários à Criança (Recomsol) e a investigação da pesquisadora da Universidade Federal de Juiz de Fora Marta de Araújo Pinheiro (2004; 2005), em que é analisada a construção de redes de afinidades e cooperação em sites de socialização do conhecimento, a partir da compreensão das redes como consolidadoras de um projeto político renovado de comunicação.

criação de um tipo de comunidade política – o estado Nacional moderno – que se obriga a defender a vida, a integridade e a propriedade de seus membros (CORTINA, 2005, p. 44).

Com a ascensão da organização política dos Estados-nação, passam a ser cidadãos aqueles que possuem uma nacionalidade, entendida como um estatuto legal pelo qual uma pessoa pertence e se vincula a um Estado, seja em função de residência ou de nascimento no território integrado a este Estado. Cortina (2005) salienta, no entanto, que, em um Estado de direito como o moderno, a vontade do sujeito é indispensável para conservar a nacionalidade ou mudá-la, assim como a vontade dos já cidadãos deste Estado.

Partindo desse breve resgate do conceito inicial de cidadania, podem ser identificadas investigações que compõem diferentes eixos teóricos para a renovação de sua definição. Destacamos aqui apenas aqueles que contribuem para a construção feita em nossa investigação, embora muitas outras abordagens possam ser facilmente identificadas. No geral, o conceito que se tornou padrão é o de cidadania social, concebido inicialmente por Thomas H. Marshall, como explica Cortina:

A partir dessa perspectiva, é cidadão aquele que, em uma comunidade política, goza não só de direitos civis (liberdades individuais), nos quais insistem as tradições liberais, não só de direitos políticos (participação política), nos quais insistem os republicanos, mas também de direitos sociais (trabalho, educação, moradia, saúde, benefícios sociais em épocas de particular vulnerabilidade) (CORTINA, 2005, p. 51-52).

Segundo Gohn (2003), são os movimentos sociais os sujeitos históricos que construíram a expressão cidadania coletiva, em um primeiro deslocamento do conceito tradicional, que parte do clássico tripé de direitos civis, políticos e sociais, em um caráter mais individual do que de grupo:

Quer seja por motivos socioeconômicos (situação de pobreza, desemprego ou garantia de acesso ao trabalho e seu usufruto); quer seja por questões identitárias culturais (raça, etnia, sexo, nacionalidade, religião, etc), a cidadania coletiva une coletivos sociais da sociedade civil e pressiona o Estado pela regulamentação, implementação e vigilância da aplicabilidade dos direitos de várias ordens (GOHN, 2003, p. 176).

Destacamos, no entanto, três dimensões do conceito de cidadania articuladoras da construção que propomos na pesquisa: as ideias de cidadania intercultural, cidadania

cosmopolita e cidadania comunicativa. A primeira delas está relacionada com o surgimento de sociedades cada vez mais multiculturais, com a coexistência em um mesmo espaço social de pessoas que se identificam com muitas culturas diferentes. A diversidade de crenças, de valores e símbolos pode levar a problemas de convivência, sobretudo em função de que existe a tendência de que algumas das manifestações culturais sejam consideradas dominantes, enquanto as restantes são relegadas a segundo plano.

A ideia de cidadania intercultural implica no reconhecimento de que todos têm o direito de se identificar e vivenciar diferentes culturas sem serem discriminados ou subvalorizados em função disso. Isso significa entender que nenhuma cultura é melhor que outra ou que exista, *a priori*, uma cultura desprovida de valor, o que faz pensar que as questões relacionadas à cidadania intercultural não são apenas de justiça ou de acesso ao livre direito de manifestação e expressão cultural, mas também de garantia da riqueza da diversidade humana.

Somente um diálogo intercultural efetivo garantiria a possibilidade de se descobrir de forma conjunta quais são os valores das distintas manifestações culturais e quais suas contribuições para a esfera coletiva, já que um dos princípios da cidadania intercultural é a compreensão de que nenhuma cultura é capaz de solucionar todas as questões de reconhecimento. Pelo contrário, como já discutimos, não podemos esquecer as diferenças que existem dentro de cada cultura e as constantes hibridações culturais que tornam as sociedades contemporâneas cada vez mais complexas.

É a mesma ética do diálogo intercultural que levaria ao entendimento de que cada indivíduo tem o direito de decidir “quais pertencas considera mais identificadoras, quais, ao contrário, lhe parecem secundárias por comparação, em relação a quais grupos está disposto a empreender uma luta pelo reconhecimento, e em relação a quais não está” (CORTINA, 2005, p. 156).

Nesse sentido, a concepção de cidadania intercultural está muito relacionada à incorporação das demandas de migrantes, que acabaram dando origem a novas gerações de direitos, entendidos a partir de seus vínculos com as questões de identidade. Além disso, redefine uma concepção de cidadania universalista que busca garantir que todos sejam iguais perante o Estado e a justiça, por exemplo. Nessa perspectiva, todos devem ter os mesmos direitos, mas devem ser reconhecidos a partir de suas diferenças.

Na transformação do que entende por um mundo social para um mundo cultural, Alain Touraine (2006) fala sobre a reivindicação dos direitos culturais como mais do que um direito à diferença, expressão que considera incompleta ou tão aberta a ponto de se tornar perigosa,

mas como forma de combinar uma diferença cultural com a participação em um sistema econômico cada vez mais mundializado. “A passagem dos direitos políticos aos direitos sociais e depois aos direitos culturais estendeu a reivindicação democrática a todos os aspectos da vida social e, por conseguinte, ao conjunto da existência e da consciência individuais”, diz Touraine (2006, p. 172).

A novidade, segundo o autor, é que grupos definidos em termos de nação, etnia ou religião, que só tinham existência na esfera privada, ganham uma projeção pública muitas vezes capaz de questionar a pertença à determinada sociedade nacional. Nesse contexto, “aquilo que cada um de nós exige, e sobretudo os mais dominados e os mais desprotegidos, é ser respeitado, não ser humilhado e até, exigência mais ousada, ser escutado – e mesmo ouvido e entendido” (TOURAINÉ, 2006, p. 173).

Embora pouco fale em termos de cidadania, Touraine chama a atenção para o fato de que os movimentos culturais devem associar suas lutas ao reconhecimento da alteridade e à defesa dos direitos políticos e sociais. É aí que podemos aproximar sua proposta ao conceito de cidadania intercultural com que trabalhamos. Trata-se, mais do que assimilar o princípio do universalismo da cidadania, como diz Touraine (2006), atuar em favor de uma redefinição do sentido de cidadania que permita incluir o convívio e a plena manifestação das diferenças.

A ideia de cidadania global ou cosmopolita é proposta por Adela Cortina (2005), que, ao refletir sobre o conceito de cidadania intercultural, fala sobre as dificuldades de se propor um modelo de cidadania capaz de tolerar, respeitar e integrar as diferentes culturas de uma comunidade política, quando se vive entre diferenças que tendem a qualificar culturas como de “primeira e de segunda classe”. Os limites apresentados na busca de compreender outras culturas fazem com que a cidadania intercultural acabe assumindo um caráter reivindicatório para grupos minoritários, muito mais relacionada a uma dimensão legal, do que social e civil. Essas implicações fazem a pesquisadora propor o conceito de cidadania cosmopolita como uma união dos direitos sociais, civis e políticos que ultrapassaria limites territoriais.

O grande limitador para a cidadania cosmopolita é, segundo a autora, mais do que a incapacidade de compreensão das diferenças culturais, a desigualdades econômicas e sociais – o preconceito e a exclusão maiores não são com os estrangeiros, por sua condição cultural, mas pelo fato de, na maior parte das vezes, serem pobres. A garantia da cidadania cosmopolita viria, em primeira instância, com o acesso universalizado aos direitos sociais.

A própria Adela Cortina ao trazer a discussão sobre a cidadania cosmopolita a apresenta como um ideal, pela distância que guarda com todas as políticas restritivas construídas alicerçadas pela concepção de Estado-nação e reforçada por entidades supra-

nacionais como a União Europeia. O mesmo ideal é postulado pelos movimentos migrantes e algumas de suas representações, como a Pastoral do Migrante, vinculada à Igreja Católica no Brasil. Um dos resultados dos debates do primeiro Fórum Social das Migrações, em 2005, foi o reconhecimento da necessidade de se buscar o que foi definido como uma cidadania planetária, com a garantia de direitos àqueles sujeitos que decidiram, por diferentes razões, migrar e com a garantia do próprio direito de migrar, pelo reconhecimento do desejo de deslocamento como próprio da condição humana. Para ver transformada essa condição da cidadania cosmopolita de ideal a um projeto comum realista, é preciso que sejam aliadas iniciativas de educação, adoção de medidas jurídicas e também mudanças na ordem internacional em diferentes níveis.

Em uma terceira concepção, a proposta de cidadania comunicativa, como uma tentativa de vinculação entre as noções de comunicação e cidadania, aparece como contribuição valiosa proposta por pesquisadores latino-americanos como Maria Cristina Mata (2001) e Carlos Camacho (2003).

Em uma aproximação à ideia do impacto das mídias para a experimentação de condições diferenciadas de cidadania, Mata atribui à noção o caráter de recurso necessário para repensar um modo de ser no mundo hoje. Dessa forma, a pesquisadora reflete sobre o papel das relações de multiculturalismo e de centralidade da mídia para a redefinição da cidadania em termos de múltiplos campos de atuação. Através desse contexto de percepções, Mata analisa a crescente exibição nos meios de comunicação de práticas políticas, como ampliação do espaço público e conseqüente fortalecimento da cidadania através, por exemplo, do que ela define como uma maior possibilidade de vigilância e de controle de atos do governo e de outros setores do poder.

Partindo da análise de uma tendência da mídia de apenas retratar, de maneira mercantil e descontextualizada, representações de parcela dos cidadãos marginalizados e excluídos dos processos de tomada de decisão, apresentados sempre como sujeitos de demanda, até a ampliação rumo a um movimento de efetiva construção de participações cidadãs via acesso dos meios de comunicação, refletindo o papel dos cidadãos como sujeitos de ação, a pesquisadora faz uma análise do caso argentino para propor o conceito:

Lenta y desigualmente, estas prácticas ciudadanas novedosas, realizan esa conjunción de discurso y acción que confiere poder. En ciertos casos, sea con el recurso a medios y tecnologías de información -emisoras, publicaciones, redes informáticas-, o sea con recursos a los cuerpos, las cacerolas, las teatralizaciones, los escraches, es decir, con la producción de un espacio público urbano que altera la fisonomía de los ámbitos cotidianos

de interacción, hay una ciudadanía que se constituye desde lugares diferenciados y que desde ellos busca no sólo su expresividad particular sino imaginar un futuro común y diferente (MATA, 2001, p.11).

Essa “nova cidadania” construída através de atravessamentos midiáticos e comunicacionais também é objeto de estudo do pesquisador Carlos Camacho (2003), que parte da constatação de que cada vez mais os meios de comunicação, e muito através das tecnologias da comunicação e da informação, se constituem no âmbito de representação simbólica em que diferentes grupos sociais reconfiguram suas identidades, expressam suas demandas, debatem os assuntos públicos e se reconhecem como membros de uma comunidade:

Por lo tanto, aquí planteo encarar procesos sociales mediáticos de construcción de ciudadanías, en definitiva, una gestación de las subjetividades individuales y colectivas, de aprendizaje de expectativas recíprocas y de definición de un espacio de responsabilidad en relación con los "otros", en general, y con el Estado o la autoridad pública ("otro privilegiado"), en particular: ¿qué derechos tengo?, ¿cuáles son mis responsabilidades (y las del otro hacia mí)? Precisamente, el "desafío de la transición actual está en la capacidad de combinar los cambios institucionales formales con la creación y expansión de prácticas democráticas y de una cultura de la ciudadanía" en la cotidianidad (CAMACHO, 2003, p.5).

Ambos partem de considerações de outros pesquisadores dos Estudos Culturais latino-americanos e caminham rumo à construção de um modelo teórico para compreender as intersecções entre meios de comunicação e cidadania. Tais formulações ajudam a definir o eixo por onde investimos no processo de reflexão sobre usos sociais da internet por migrantes latino-americanos.

Como ponto em comum entre as três dimensões para o conceito de cidadania que abordamos aparece a tentativa de ultrapassar o conceito clássico de cidadania, que a circunscreve como o exercício legal de um conjunto de direitos e deveres (civis, políticos e sociais), por perceber que ele não dá conta de explicar o processo de participação cidadã no contexto atual. Nesse esforço, pensar sobre a cidadania implica em compreendê-la por sua condição de participação ativa dos sujeitos implicados e também como uma questão de pertencimento. Trata-se, nessa concepção, de um conceito mediador ao integrar a exigência de justiça e o sentimento de pertença:

Em princípio entende-se que a realidade da cidadania, o fato de se saber e se sentir cidadão de uma comunidade, pode motivar os indivíduos a trabalhar por ela. Com isso, nesse conceito se encontrariam os dois lados a que nos referimos: o lado “racional”, o de uma sociedade que deve ser justa para que seus membros percebam a sua legitimidade, e o lado “obsuro”, representado por esses laços de pertença que não escolhemos mas já fazem parte de nossa identidade (CORTINA, 2005, p. 27).

Para um avanço no conceito de cidadania, portanto, a racionalidade da justiça e o sentimento de pertença a um coletivo precisam andar juntos, para só assim garantir a participação de cidadãos plenos. Como debate teórico, desde a aproximação a situações específicas de usos da internet por migrantes latino-americanos, é possível refletir sobre apropriações da internet em seu viés de participação cidadã. Nesse sentido, a possibilidade de apropriação de tecnologias é pensada como responsável pelo exercício de uma condição de cidadania diferenciada. Esse movimento – de atravessamentos entre usos da internet e migrações – leva a repensar e ampliar o conceito, rumo a uma cidadania construída como uma instância de reconhecimento, participação e intervenção social.

4 DOIS CONTEXTOS, DOIS MOMENTOS, MÚLTIPLAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

4.1 Perspectiva etnográfica para o estudo de usos sociais da internet

Um dos propósitos do trabalho é refletir sobre a construção de estratégias metodológicas e propor um percurso próprio, dentro de uma perspectiva sociocultural, de modo a discutir sobre os métodos adotados em uma pesquisa que envolve a internet como universo de estudo. Para isso, a opção é pelo uso de diferentes procedimentos metodológicos, em uma abordagem qualitativa, em que propomos reunir dados detalhados através de uma análise intensiva empreendida sobre o objeto empírico.

Podemos entender a construção metodológica da pesquisa marcada por três grandes eixos: uma pesquisa teórica, baseada na discussão de conceitos-chave que guiam a investigação e no diálogo com autores mapeados a partir de um amplo levantamento bibliográfico sobre os temas que nos propomos a investigar; uma pesquisa documental, através do levantamento de materiais de apoio sobre questões relacionadas às migrações e às TICs em bancos de dados ligados a órgãos governamentais e a organizações migratórias, em centros de pesquisa, na mídia e em outras fontes; e em uma pesquisa empírica, na qual é proposta uma aproximação a dois contextos sociais diferentes, orientada a partir de uma perspectiva etnográfica.

Sobre a pesquisa documental, as referências a outras investigações, principalmente as de caráter quantitativo, são usadas como indicativos da presença migratória no Brasil e na Espanha. Sentimos a necessidade de aprofundar a descrição dos cenários das migrações ao apontar os números estimados de migrantes em cada país e cidade, sempre lembrando que esses números podem variar conforme o método empregado no levantamento de dados. Além disso, reconhecemos os limites dessas projeções, pois estão, muitas vezes, baseadas apenas em registros oficiais, quando sabemos que parte do fenômeno migratório se dá de forma irregular, o que confere certa invisibilidade para aqueles sujeitos classificados como “ilegais”, “clandestinos” ou “sem papéis”, indicando um tipo de tratamento dado à questão que exclui o reconhecimento desses migrantes como cidadãos.

Enfrentamos certa dificuldade em lidar com os dados estatísticos sobre a presença migratória dos latino-americanos em ambos os países, pela falta de levantamentos atualizados no Brasil, ou pela dissonância em alguns índices encontrados na Espanha, assim como pela

variação constante dos dados, o que demonstra a transitoriedade e fluidez do fenômeno. Ainda assim, consideramos importante incorporá-los como um esforço de detalhar ao máximo o cenário das migrações e, desta forma, melhor compreender a dinâmica do processo, para tomar as decisões que orientassem a construção da pesquisa empírica. Partimos do cenário apontado pelos dados estatísticos, reconhecendo seus limites, confrontamos com nossa observação e desenvolvemos o percurso qualitativo da pesquisa.

A estratégia metodológica construída para a pesquisa empírica implicou na busca por um olhar etnográfico sobre a presença migratória de latino-americanos em Barcelona e Porto Alegre e a relação estabelecida com a internet, a partir da aproximação à esfera de seus múltiplos usos, de modo a permitir levantar eixos de análise, orientados pela observação concreta. Entendemos como perspectiva etnográfica a adoção de uma metodologia artesanal que reúne diferentes técnicas de pesquisa a fim de permitir a descrição detalhada e consequente interpretação do contexto investigado por meio da observação, aliada a relatos orais, resultando em um texto minucioso.

Neste sentido, a construção metodológica apoia-se no percurso desenvolvido em pesquisa anterior (BRIGNOL, 2004), em que estudamos as relações entre os usos de um site temático sobre a cultura gaúcha em sua matriz tradicionalista e a vivência na internet da identidade cultural gaúcha. Ali já buscamos reunir um conjunto de dados obtidos através da observação prolongada – tanto das relações estabelecidas na internet quanto no contexto cotidiano dos sujeitos que compunham o universo de análise.

Na presente investigação, como questão mais desafiadora, estudamos as migrações em suas intersecções com as tecnologias da informação e da comunicação a partir da aproximação a dois contextos diferentes: as cidades de Barcelona, na Espanha, e de Porto Alegre, no Brasil. Na primeira, tivemos a oportunidade de uma imersão profunda na realidade migratória local durante um ano de estágio de doutorado sanduíche, o que permitiu que experimentássemos a própria condição migrante como parte do processo de investigação. Em Porto Alegre, cidade onde moramos e também atuamos como pesquisadora por cinco anos, ao mesmo tempo em que nos valem da familiaridade em relação à realidade social e, até mesmo, quanto à presença migratória, tivemos que trilhar um caminho inverso de buscar um estranhamento para garantir a profundidade da análise.

Para além da aproximação aos dois cenários sociais e culturais em que delimitamos a análise, toda a investigação que se propõe a discutir questões relacionadas às migrações contemporâneas já surge inserida em uma perspectiva transnacional e cosmopolita, pois deve considerar os múltiplos territórios, materiais e simbólicos, que atravessam a experiência

migratória e precisa reconhecer os mesmos movimentos para a construção das estratégias metodológicas. Segundo Suárez Navaz (2008), a perspectiva transnacional aporta ferramentas úteis para abordar algumas das limitações do “nacionalismo metodológico”, além de permitir explorar as transformações que a globalização e os processos migratórios imprimem na vida cotidiana de milhares de pessoas, cuja experiência está marcada pela mobilidade e pela flexibilidade, características do momento em que vivemos.

Da mesma forma, Ulrich Bech (2007) propõe a ideia de cosmopolitismo metodológico, como um esforço das ciências sociais em abandonar pressupostos baseados na concepção do Estado-nação e muito alicerçados em um ponto de vista ocidental que analisa, julga e intervém sem um efetivo convívio e diálogo entre as diferentes culturas. “Es evidente que el marco de referencia presupesto, el Estado-nación – lo que yo llamo de nacionalismo metodológico –, impide a la sociología comprender y analizar las dinámicas y los conflictos, las ambivalencias y las ironías de la sociedad del riesgo mundial” (BECK, 2007, p. 30).

A pesquisa parte, portanto, da tentativa de compreender um fenômeno – marcado pela dinâmica dos fluxos e pela lógica da articulação em redes – através de categorias que são demandadas por suas próprias características. Trata-se de um esforço que foi sendo compreendido ao longo do processo da investigação, através de um movimento contínuo de revisão de conceitos e de reordenamento dos elementos prioritários que guiarão a análise. Assim, é possível perceber que, em um primeiro momento, ainda estávamos presos a categorias que buscavam referentes que engessavam nosso objeto de análise e que não condiziam com sua dinâmica.

É o que percebemos, por exemplo, nos questionários aplicados inicialmente em Barcelona ao tentarmos mapear os usos da internet dos migrantes, segmentando as apropriações relacionadas a uma vinculação muito polarizada ao país de nascimento ou ao país de migração, quando tal construção não existe na lógica das múltiplas apropriações da internet. Ainda assim, como marca da trajetória que levou a um amadurecimento da análise, explicitamos todos os procedimentos usados e, a partir da reflexão sobre o processo e os dados obtidos, vamos redimensionando o percurso metodológico e repensando toda a investigação.

O ponto central da proposta é a aproximação com os usos sociais da internet por migrantes através de um olhar cuidadoso, aliado à prioridade no uso de técnicas não diretivas e na busca de reflexividade. Para a orientação da pesquisa, a etnografia é entendida em sua tríplice acepção de enfoque, método e texto (GUBER, 2001). Como enfoque, trata-se de analisar os fenômenos desde a aproximação aos atores sociais, por meio da descrição densa ou

interpretação. Como método aberto de investigação, a etnografia vale-se especialmente de entrevistas não-diretivas e observação. O produto da análise é um relato escrito, um texto que relaciona experiência de campo e teoria. O trabalho, no entanto, não propõe a construção de uma etnografia tradicional, trata-se da inspiração em um modo proposto de movimentação no campo, de coleta de dados muito baseada na observação e na reflexividade do pesquisador.

Como aponta Guber (2001), a etnografia reúne um conjunto de atividades que costumamos chamar de “trabalho de campo”, cujo resultado se emprega como evidência para a descrição e a interpretação. É um método aberto de investigação que combina, prioritariamente, a observação participante e as entrevistas não dirigidas, aliadas a uma aproximação prolongada aos sujeitos que compõem o estudo, lembrando que a investigação não se faz *sobre* um grupo social, mas *com e a partir* dele.

El proceso tiene dos aspectos. En primer lugar, el investigador parte de una ignorancia metodológica y se aproxima a la realidad que estudia para conocerla. Esto es: el investigador construye su conocimiento a partir de una supuesta y premeditada ignorancia. Cuanto más sepa que no sabe (o cuanto más ponga en cuestión sus certezas) más dispuesto estará a aprender la realidad en términos que sean los propios. En segundo lugar, el investigador se propone interpretar/describir una cultura para hacerla inteligible ante quienes no pertenecen a ella (GUBER, 2001, p. 16-17).

Para chegar a essa interpretação/descrição, Guber (2001) fala da importância da combinação entre a observação (se participa para observar e se observa para participar, diz a autora) e da busca de narrativas sobre os sentidos da vida social através dos relatos obtidos por meio da técnica da entrevista. Soriano (2007), ao abordar as transformações no uso da etnografia nos estudos da comunicação, fala da importância crescente que as entrevistas assumem nas investigações etnográficas.

En contextos deslocalizados no basta con observar pasivamente la realidad y hay que planificar interacciones porque a menudo ésta sólo se manifiesta provocada por las interacciones entre el observador y los informantes. Por lo que respecta a los cambios que afectan en dónde y cómo recoger los datos ya hemos evidenciado la importancia que han ganado las declaraciones de los informantes en las análisis de las investigaciones. La multiplicación de escenarios y contextos en los que se dan las realidades estudiadas ha relativizado la importancia de cosas como la distribución de los espacios, el aspecto físico de los individuos, etc. en favor de las declaraciones (SORIANO, 2007, p.16)

As declarações coletadas através das entrevistas, longe de serem usadas para confirmar aquilo que se observa, integram esta observação e enriquecem o conjunto de dados que podem ser obtidos pela pesquisa de campo. Segundo Soriano (2007), através das entrevistas é possível observar, simultaneamente, o sentido do mundo social para os entrevistados e as formas de interação através das quais se constrói esse mundo social.

Em outra abordagem, Hine (2004) trata da perspectiva etnográfica a partir do compromisso central de desenvolver uma compreensão profunda do social através da participação e da observação. A partir do entendimento da internet como cultura e como artefato cultural, a autora propõe o conceito de etnografia virtual como uma reavaliação dos fundamentos tradicionais da própria etnografia, que previa a presença prolongada do investigador em um espaço físico determinado. Hine defende a construção de uma etnografia virtual a partir das interações mediadas pelo computador, o que pode ser aliado ao deslocamento para além do ambiente da própria internet:

La etnografía en internet no implica necesariamente moverse de lugar. Visitar sitios en la Red tiene como primer propósito vivir la experiencia del usuario, y no desplazarse, tal como sugiere Burnett cuando indica que se viaja mirando, leyendo, creando imágenes e imaginando (HINE, 2004, p. 60).

Do mesmo modo, a autora acredita que a defesa de interações face-a-face como a forma mais apropriada de sustentar a observação estaria relacionada com a construção de um efeito de autoridade etnográfica, que não condiz com o momento de atualização das interações a partir da mediação de tecnologias. Ela defende, no entanto, que para apreender a dupla dimensão da internet é preciso adotar uma noção multi-situada da etnografia, que faça referência tanto ao contexto online quanto o offline⁴⁶. Nesse ponto, concordamos com sua proposição por compreendermos que, no caso da pesquisa de tese empreendida, a observação a partir da própria internet e no contexto cotidiano dos sujeitos que se comunicam e interagem através dela, permite reunir um conjunto de dados complexo, que possibilita um entendimento mais efetivo das apropriações das possibilidades comunicativas e interacionais da internet e práticas de estabelecimento de vínculos interpessoais entre os sujeitos em seus contextos urbanos, sociais e culturais.

⁴⁶ Embora seja possível fazer uma etnografia virtual que parte da análise de dados obtidos apenas ou prioritariamente no contexto online, como Hine (2004) mesma se propõe.

Também concordamos com a autora quando ela afirma que uma análise de caráter etnográfico na internet deve sempre levar em consideração as circunstâncias particulares de produção e consumo de seus ambientes comunicacionais, ou seja, o contexto social em que estão situados. Assim, também nos reconhecemos no esforço pela construção de um trabalho empírico que busca explicitar seus percursos e suas tomadas de decisões, pois acreditamos que investigamos em um contexto de observação e ação complexo. Isso, em nosso caso, exige uma postura vigilante para que não sejam tomados como certos os potenciais das tecnologias na relação com a condição migrante e que precisa considerar as dinâmicas interacionais estabelecidas entre *novas tecnologias* e *tecnologias tradicionais*, por exemplo.

Portanto, nos valem de algumas proposições da chamada etnografia virtual – também entendida como *netnografia*, como referido por Sá (2001) – mas buscamos uma aproximação mais ampla que combina a inserção no contexto online em que estão inseridos os sujeitos colaboradores da investigação e nas interações que se dão offline, em uma apropriação da etnografia para os estudos da comunicação. Nesse sentido, buscamos contextualizar os diferentes passos da pesquisa empírica. Trata-se de um esforço em busca da compreensão dos usos da internet que demanda, a todo o momento, refletir também sobre as formas de produzir conhecimento sobre a realidade das migrações transnacionais em seu cruzamento com as tecnologias da informação e da comunicação.

A pesquisa empírica parte, como descreveremos, do reconhecimento dos cenários de Barcelona e Porto Alegre como espaços urbanos importantes quanto à presença de diferentes fluxos migratórios de latino-americanos. Antes de aprofundarmos a análise dos dados coletados nos dois contextos, apresentamos o percurso metodológico traçado, baseado nas técnicas de observação, questionários e entrevistas, no caso de Barcelona, e observação e entrevistas em Porto Alegre, o que possibilitou estabelecer um panorama sobre a realidade social, cultural, identitária e de usos das mídias e da internet em cada cidade, além de permitir um cruzamento entre o que encontramos nos dois universos.

Nessas inter-relações entre procedimentos que dão conta dos contextos online e offline em que estão envolvidos os sujeitos que participam da investigação, vale ressaltar que, em muitos casos, os próprios contatos para agendar entrevistas se deram por email ou por telefone. Embora de forma secundária e sem o objetivo de aprofundarmos a discussão sobre seu uso, também apresentamos algumas fotografias dos cenários que marcam a presença migratória e trazemos imagens obtidas na internet, na comunicação trocada por email entre os migrantes ou como exemplos da apresentação dos sites em que observamos relações com a dinâmica da diáspora.

Ainda empreendemos uma busca por esses espaços comunicacionais na internet ligados às experiências de migração: primeiro como mapeamento do cenário dos imbricamentos entre internet e fluxos migratórios, e, depois, apoiados pelos relatos dos entrevistados, apresentamos e analisamos alguns desses ambientes comunicacionais identificados como significativos pelos usos sociais da internet.

Como discutimos sobre a construção de um estudo de recepção pela perspectiva dos usos sociais dos meios de comunicação, nesse cruzamento de incursões e procedimentos metodológicos, e ao entendermos esses usos sociais como instância de apropriação, ressignificação e produção da internet pelos sujeitos envolvidos no processo, a partir da observação de espaços públicos para acesso à internet e pela visita a casa de alguns entrevistados, mas, sobretudo, por meio dos relatos obtidos nas entrevistas em profundidade, optamos por recuperar o momento dos usos da internet através da memória dos sujeitos e dos modos como narram suas experiências.

De modo a complementar esses relatos, pedimos aos sujeitos que, por email ou em um segundo encontro, construíssem uma lista dos seus sites preferidos ou de suas rotinas de usos da internet, para que confirmássemos ou confrontássemos com aquilo que tinha sido recuperado pelo relato oral. Essa estratégia baseia-se na dificuldade de acompanhar o próprio momento de uso do computador e também por percebermos que, mesmo nos casos em que esse acompanhamento foi feito, a lógica de uso da internet é marcada por movimentos, conexões e desconexões, cadeia de relações, muito próprias e difíceis de serem apreendidas pela observação externa. Aprofundamos a análise das entrevistas nos próximos capítulos. Antes, apresentamos os cenários de Barcelona e Porto Alegre e suas dinâmicas migratórias relacionadas aos usos da internet.

4.2 Migrantes latino-americanos em Barcelona e usos da internet

Parte da pesquisa empírica desenvolvida trata-se de uma aproximação ao contexto das migrações e usos da internet por latino-americanos na cidade de Barcelona, Catalunha, Espanha⁴⁷. Como momento inicial do plano de trabalho, propusemos realizar um estudo

⁴⁷ Como parte da pesquisa da tese oportunizada por bolsa Capes para projeto de doutorado-sanduíche, realizado de março de 2007 a fevereiro de 2008, no Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), vinculado ao Programa de Cooperação Universitária Brasil-Espanha (Capes – MEC/D), sob orientação do prof. Dr. Nicolás Lorite.

exploratório sobre a organização de redes sociais, articuladas através da internet, de migrantes nascidos em países da América Latina no contexto espanhol.

Nessa perspectiva, o recorte proposto partiu da necessidade de aprofundar os conceitos de redes sociais, a partir da aproximação a um contexto empírico diferenciado das migrações contemporâneas de latino-americanos dirigidas para a Europa, além de suas experimentações e vivências identitárias na internet, refletindo sobre os modos pelos quais essas redes sociais na internet atuam nas dinâmicas dos migrantes com o contexto local em Barcelona. Tal proposta teve como meta permitir uma entrada efetiva no contexto de apropriações múltiplas da internet demandadas pela experiência da diáspora, de modo a melhor compreender o conceito de rede social como um eixo norteador para pensar a organização dos sujeitos migrantes em uma realidade social distinta da encontrada em seus países de nascimento.

Além de permitir a reflexão a partir de um primeiro conjunto de dados empíricos, essa etapa da pesquisa possibilitou levantar elementos que ajudaram a delimitar o problema de pesquisa, favoreceu uma imersão ao contexto investigado e foi decisiva na experimentação das estratégias metodológicas, de modo a estimular uma reflexão sobre as decisões próprias da pesquisa, os conceitos empregados, o uso de técnicas para obtenção dos dados e as categorias empregadas para a sua sistematização.

Já falamos no capítulo 1 sobre a importância da presença latino-americana na Espanha. Optamos aqui por ressaltar o cenário das migrações no país no ano de 2007, quando desenvolvemos a pesquisa. Segundo o Anuário Estatístico desse período, fornecido pela Secretaria de Estado de Imigração e Emigração da Espanha⁴⁸, o número de estrangeiros com registro ou carteira de residência no país, ou seja, segundo dados oficiais⁴⁹, foi de 3.979.014⁵⁰. Destes, 2.162.190 (54,35%) eram homens e 1.816.392 (45,65%) eram mulheres. Durante o ano, o número de migrantes aumentou em 31,68%, chegando a representar 8,79% da população total⁵¹.

O crescimento deve-se, principalmente, pela incorporação de sujeitos provenientes da Europa do Leste, como romenos e búlgaros, a partir da entrada de seus países na União Europeia. Migrantes da Europa Comunitária⁵² equivaliam, em 2007, a 38,87% do total, iberoamericanos (latino-americanos e portugueses) eram 30,55% dos migrantes, seguidos de

⁴⁸ Disponível em <<http://extranjeros.mtas.es/>>.

⁴⁹ Isso significa que são considerados apenas os migrantes registrados na prefeitura.

⁵⁰ Em 2008, como referido no capítulo 1, são 4,1 milhões de estrangeiros com autorização para residência.

⁵¹ Considerando, como já referido, que os dados referentes à presença migratória precisam ser relativizados devido à dificuldade de apreender muitas situações (como a não regularização ou a dupla cidadania) em dados estatísticos.

⁵² De um dos 27 países europeus que integram a União Europeia.

africanos, que representavam 21,15%. Os demais eram formados por asiáticos (6%), europeus não-comunitários⁵³ (2,89%), norte-americanos (0,48%) e provenientes da Oceania (0,05%).

No período, ainda segundo o Anuário Estatístico de 2007, eram mais de 175 nacionalidades presentes no contexto espanhol, sendo as mais representativas a marroquina e a romena, seguidas da equatoriana e colombiana. Entre os latino-americanos também têm uma presença significativa, em ordem decrescente quanto ao número de migrantes, peruanos, argentinos, dominicanos, bolivianos, cubanos e brasileiros, entre outros.

A Catalunha, onde se situa Barcelona, foi a Comunidade Autônoma com maior presença de migrantes em 2007, com o registro de 860.575 estrangeiros, seguida de Madri (712.011), Comunidade Valenciana (517.408) e Andaluzia (504.122). Entretanto, as províncias com maior percentual de estrangeiros em relação à população local não estão nas comunidades autônomas com maior número absoluto de migrantes. Embora registrem uma presença maior de migrantes, Madri e Barcelona não são as que possuem maior proporção de estrangeiros, alcançando 11,50% e 10,77%, respectivamente, enquanto províncias como Almeria, na comunidade autônoma de Andaluzia, por exemplo, chega a 18,77%.

Os números apresentados pelo governo espanhol, ainda que só considerem estrangeiros registrados nas estatísticas oficiais, ajudam a entender um panorama em que o tema das migrações é uma questão constante, seja por meio de políticas públicas ou pelo agendamento dos meios de comunicação, que tendem a tratar o assunto, prioritariamente, desde uma perspectiva de problema e conflito.

A visibilidade do debate social sobre a consequência da presença de migrantes na Espanha, para o rejuvenescimento da população, no mercado de trabalho, nas escolas, na violência das ruas, na moradia, pode perceber-se diretamente relacionada com um quadro de impulso da realidade migratória. Segundo a Secretaria de Estado de Imigração e Emigração, nos últimos dez anos, a Espanha passou de uma população estrangeira de 719.647 pessoas, em 1998, para cerca de quatro milhões, em 2008, com um aumento de mais de 20%.

A Espanha é, hoje, junto com a Alemanha, o país que mais recebe migrantes estrangeiros na Europa. É percebida, portanto, uma mudança na dinâmica migratória, de país de emigração até os anos 70, para grande receptor do fluxo migratório proveniente, em um primeiro momento, sobretudo da América Latina. A chegada “massiva”, como atribuem os meios de comunicação, a partir dos anos 1990, de estrangeiros de diferentes nacionalidades transforma a realidade social espanhola em um curto período de tempo. Essa mudança é

⁵³ Ou seja, de países europeus que não pertencem a União Europeia.

acompanhada pelo endurecimento das políticas de migração em toda a União Europeia, o que confere ao tema um sentido de rechaço, manifestado não apenas pelos governos, que atribuem aos migrantes a responsabilidade pelo colapso do sistema de saúde pública e de previdência social, ou pelo agravamento da falta de moradias e, mesmo, enfraquecimento das identidades nacionais, mas também por parte da própria população local, que manifesta preocupação diante do que apontam como uma ocupação indevida do espaço – territorial, de trabalho e cultural – que lhes pertencia exclusivamente.

O aumento do fluxo migratório inaugura, assim, um convívio mais intenso com as diferenças culturais e obriga a trazer para a cena o debate sobre o reconhecimento do outro, o migrante, muitas vezes reduzido à condição de pobre, profissional desqualificado, cidadão de segunda ou terceira ordem. Ao mesmo tempo em que gera tensões, as migrações são responsáveis por um movimento contrário de positivação das diversidades como enriquecimento cultural e pelo debate da própria identidade nacional espanhola, uma construção extremamente conflitiva, em disputa diante do reconhecimento e luta por autonomia das identidades regionais vasca, catalã e galega, por exemplo.

Quanto ao uso de tecnologias da informação e da comunicação pela população migrante na Espanha, pesquisas indicam que é maior do que o observado entre os não migrantes. Um estudo da Associação para Investigação em Meios de Comunicação⁵⁴, da Espanha, mostra que até 34% dos estrangeiros residentes na Espanha utilizam a internet, o que significa quase 4% a mais do que os espanhóis. A penetração da internet é maior ainda entre a população nascida em países latino-americanos, da qual 39% é usuária da internet, enquanto 33,3% dos migrantes de origem asiática e apenas 19,6% dos africanos usam a rede. Segundo a mesma associação, os migrantes na Espanha são responsáveis pelo dobro das chamadas por telefone celular em relação à população de origem espanhola, além de enviarem duas vezes mais mensagens de texto pelo celular e gastarem pelo menos 40% a mais do que os 35,3 euros gastos pelos espanhóis com telefonia móvel por mês⁵⁵.

Esse contexto especialmente marcado pela dinâmica migratória é o cenário no qual se inscreve a aproximação aos usos sociais da internet. As especificidades encontradas marcam o modo como foi desenhado o percurso metodológico.

⁵⁴ Dados divulgados em reportagem do jornal La Vanguardia, de 9 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.lavanguardia.es/premium/publica/publica?COMPID=51372241203&ID_PAGINA=22088&ID_FO RMATO=9&turbourl=false>. Acesso em: 12 ago 2008.

⁵⁵ Os dados servem apenas como indicativo do crescente uso das TICs por migrantes, pois não temos uma explicitação dos procedimentos de coleta usados no estudo.

4.2.1 Abordagem metodológica

Para a realização da pesquisa empírica no contexto de Barcelona foram propostos dois movimentos inter-relacionados de trabalho de campo: um primeiro centrado na busca de ambientes comunicacionais da internet, que serviu como base para o mapeamento inicial do cenário das migrações na cidade e permitiu o desenvolvimento do segundo movimento metodológico, baseado na localização de migrantes que pudessem colaborar com a pesquisa e suas experiências com usos da internet.

Como primeira estratégia de aproximação ao universo das redes sociais, a pesquisa a partir do levantamento na própria internet foi realizada nos meses de maio a julho de 2007 e, através do mapeamento realizado, foi possível identificar uma série de espaços comunicacionais na internet, sites, blogs, fóruns, listas de discussão, em que são estabelecidas relações com as migrações de latino-americanos em Barcelona.

Dois eixos de análise foram definidos: as associações, entidades culturais e grupos formalizados de migrantes que divulgam suas atividades, reúnem seus integrantes e estimulam interações desde suas páginas na internet; e iniciativas pessoais ou coletivas de espaços de comunicação como blogs, sites ou fóruns, em que estão vinculados sujeitos que compartilham sua experiência de deslocamento através desses usos da internet e, a partir daí, criam, mantêm ou fortificam redes de interações sociais.

Para a identificação desses espaços, partiu-se da observação aleatória de sites, blogs, fóruns e outros espaços, em um primeiro momento através da pesquisa em sites de busca e, em uma segunda etapa, com a busca de referências em sites como o do Serviço Social da Prefeitura de Barcelona (www.bcn.es) e de organizações como a *Federación de Entidades Latinoamericanas de Catalunya* – Fedelatina (www.fedelatina.org). Nesse movimento, foram localizadas 25 páginas web de entidades de caráter associativo de migrantes latino-americanos, muitas vezes organizadas a partir de relações com identidades nacionais, como de argentinos, peruanos, bolivianos, etc. Outras associações encontradas referiam apenas um endereço de correio eletrônico, ou seja, não apresentavam a produção de site.

Também foram identificados dez espaços comunicacionais na internet relacionados com a cidade de Barcelona e criados por ou dedicados a migrantes latino-americanos, como revistas virtuais, blogs, comunidades para discussão por e-mail ou por programas de trocas de mensagens online. Outros dez sites com versões online de publicações impressas voltadas para o tema das migrações de latinos foram identificados nesse levantamento inicial, além de outros tantos sites com experiências de latino-americanos que não foram produzidos em

Barcelona, mas em outra cidade espanhola, ou que não são voltados exclusivamente para a comunidade local.

A partir desse levantamento, foi desenhada uma tabela inicial (Apêndice A) com informações sobre o nome da iniciativa ou associação, entidade ou grupo de migrantes; contato com seus produtores, com endereço, telefone e e-mail; perfil com a descrição das atividades, objetivos e sujeitos a quem se dedica; endereço na internet; tipo de espaço comunicacional (site, blog, lista de discussão etc.); observações sobre a proposta, com referências à produção, características gerais e participação dos usuários; relação de mídias produzidas pela entidade, como boletins informativos, revistas e outros. Os dados obtidos ajudaram a melhor conhecer a presença migratória em Barcelona e sua dinâmica na internet, além de permitirem o contato com entidades e organizações de latino-americanos.

Deste primeiro levantamento, se percebeu a necessidade de aproximação à esfera dos usos da internet, em busca de dados sobre os modos como os ambientes comunicacionais identificados, entre outros tantos possíveis de serem explorados, são significados para os que ali se fazem presentes, para saber como se identificam com suas propostas e possibilidades de interação e comunicação.

O estudo dos usos foi, nesta etapa inicial, desencadeado pela necessidade de concretizar o conceito de redes sociais, de modo a compreender como sujeitos, tensionados pela experiência da migração e desde a identificação com a ideia de *latino-americanidade*, podem estabelecer vínculos a partir de apropriações de espaços comunicacionais na internet. O que se queria saber, nesse momento, era *se e como* sites, listas de discussão, páginas de publicação de fotos, blogs e outros espaços na internet estariam participando na consolidação de uma dinâmica de redes que já se percebia significativa para a articulação dos migrantes em suas vidas cotidianas.

A opção para a aproximação à esfera dos usos foi por aplicar um questionário, cujo objetivo principal era o mapeamento de usos da internet e a descoberta de espaços comunicacionais na internet significativos desde a perspectiva dos sujeitos. O questionário permitiu articular de maneira empírica o conceito de redes sociais, de modo a compreender como se organizam os migrantes desde sua chegada e como seus usos da internet podem atuar na dinamização das redes de vínculos que integram sua vida cotidiana em Barcelona. Essa etapa serviu, ainda, para ampliar o universo de espaços comunicacionais na internet relacionados com a experiência de migrações.

A segunda etapa da abordagem metodológica foi pensada de modo a valer-se da lógica em que estão inseridos os próprios migrantes como estratégia para aproximação ao contexto

dos usos sociais das tecnologias da informação e da comunicação, especialmente a internet. Para encontrar latino-americanos dispostos a narrar suas experiências relacionadas com a escolha de Barcelona como cidade para viver, partiu-se de um mapeamento de espaços urbanos marcados pela presença da migração proveniente da América Latina.

Foi aplicado um total de 60 questionários, em doze lugares diferentes de Barcelona. Os espaços foram escolhidos por caracterizarem-se pela presença de migrantes latino-americanos, seja por meio de uma entrada mercadológica, com a venda de produtos ou oferta de serviços a esse público, ou pela confluência de sujeitos migrantes por diversas razões, como melhor contextualizado adiante.

A complexidade das questões identitárias esteve presente em todo o momento dessa etapa da pesquisa. Sempre que nos aproximávamos de um possível entrevistado tínhamos que lidar com pelo menos dois fatores definidores de sua inclusão na amostra: usar a internet e ter nascido e vivido em um país da América Latina.

O difícil nesse segundo critério era saber como identificar ou delimitar esse universo de latino-americanos. Não era possível restringir a buscar sujeitos com traços fenotípicos característicos em parte da América Latina, mais possíveis de serem percebidos em parcelas da população de países como Equador, Bolívia e Colômbia, por exemplo. Esse critério, além de discriminatório, reduziria a amostra a apenas uma parte dos sujeitos possíveis de serem entrevistados. Assim, mesmo que estivesse em um lugar identificado como “de latino-americanos”, pelo nome, símbolos que o representava e o perfil de pessoas a quem se dedicava, ao nos aproximarmos de um possível entrevistado, explicávamos em linhas gerais o que era o questionário, dedicado a conhecer “usos da internet por pessoas vindas de países da América Latina residentes em Barcelona”. Só depois perguntávamos se a pessoa abordada era “da América Latina”, construção a que preferimos a perguntar se era “latino-americana”, já que a segunda alternativa implica mais fortemente um posicionamento identitário e interessava conhecer experiências de sujeitos com vinculações diferentes a essa identidade tão múltipla.

Dessa maneira, nos propusemos a abordar pessoas com traços fenotípicos variados e fazer o convite para a participação na entrevista. Na maioria das vezes era possível saber, antes mesmo da resposta, quando se tratava de um latino-americano por vários outros fatores, como o sotaque ao falar o espanhol ou, ainda, em algumas situações, pela maneira de vestir ou por certas atitudes (como percebido no caso de jovens identificados com ritmos latinos como

*reggaeton*⁵⁶, que compartilham um repertório e um estilo próprios). Houve casos em que foram abordados europeus ou migrantes de outras nacionalidades, incluindo uma caribenha, que teve dificuldade em definir se tinha sua origem ligada ou não à América Latina, mas declarou seu “não pertencimento” pela condição de ter o francês como língua materna, o que resultou em uma breve conversa sobre a região. A sua dificuldade de expressão em espanhol fez com que não fosse entrevistada.

Dos europeus que abordamos para aplicar os questionários, pelo menos quatro reclamaram do caráter segregador da investigação e perguntaram a razão da exclusão dos “não-latinos”. Em tom de brincadeira, diziam ter vontade de participar e referiam certo “preconceito ao avesso” pelo recorte de entrevistados. Em uma das lojas de produtos latinos incluídas na pesquisa, por exemplo, uma mulher negra de cerca de 30 anos, que trabalhava como caixa no local, ofereceu-se para participar depois de perguntar o que exatamente nos levava a conversar com os clientes. Dizia gostar de responder a questionários, o que fez com que começássemos as perguntas. Só quando inquirida sobre o país de nascimento, no entanto, ficamos sabendo que se tratava de uma espanhola.

Essas situações ajudam a ilustrar a dificuldade da aproximação inicial aos sujeitos, ao mesmo tempo em que justifica o fato de não terem sido escolhidos lugares públicos sem nenhuma relação com o mundo latino, como um parque, por exemplo. O que definiria que algumas pessoas fossem abordadas em detrimento de outras? Por que e a partir de quais critérios perguntar a alguém que passeia em um parque de Barcelona se é latino-americano?

Nas lojas, padarias ou locutórios já era definido um ambiente anterior à atuação da pesquisa que aproximava os sujeitos a um imaginário de América Latina, o que facilitava a intervenção. A escolha por esses lugares “latinos”, de algum modo, implica em assumir metodologicamente certa organização coletiva como marca da presença latino-americana em Barcelona. Ao mesmo tempo, houve a ampliação em relação à concepção inicial de observação e contato com entrevistados apenas nos locutórios, o que poderia reduzir o universo de sujeitos àqueles que tivessem um perfil específico de usos da internet. Desse modo, foram entrevistados migrantes com diferentes aproximações à rede mundial de computadores.

Outro fator que precisou ser resolvido foi a extensão do instrumento de pesquisa, o que levou a pensar em um número de questões possíveis de serem respondidas em uma

⁵⁶ O *reggaeton* (também *reggaetón* e *reguetón*) é um gênero musical que decende do reggae jamaicano, influenciado pelo hip hop das zonas de presença latina em Miami, Los Angeles e Nova York. As particularidades do *reggaeton* são as letras com gírias e expressões locais do espanhol e a influência de outros estilos latinos, como a *bomba* e a *salsa*. Fonte: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Reggaeton>>.

abordagem direta, que não podia ocupar muitos minutos, já que era feita em ambientes, em alguns casos, com grande fluxo de pessoas, onde, muitas vezes, tanto o entrevistador quanto o entrevistado permaneciam de pé. A primeira versão do questionário tinha 34 perguntas, distribuídas em duas páginas, e chegou a ser aplicado a três sujeitos. A média de tempo para aplicação era de 20, chegando a 25 minutos. Eram tratados temas como cotidianidade do migrante e consumo de meios de comunicação em geral, excluídos em um segundo momento.

A partir do teste, percebeu-se a necessidade de enxugar o instrumento, além de formular algumas questões de maneira fechada. A versão final (Apêndice B) continha 24 perguntas, organizadas em uma única página, e divididas em três eixos: dados de identificação; usos de internet, para conhecer os sites mais visitados, usos de correio eletrônico, chat, sites e blogs, além de buscar dados sobre os usos de ambientes comunicacionais voltadas ao tema das migrações; e questões relacionadas com o espaço de aplicação do questionário. Eram seis questões sobre dados de identificação, quinze sobre usos da internet e três sobre a relação do sujeito com o local de realização da entrevista. Destas, doze questões eram fechadas, com a possibilidade de incluir exemplos ou considerações, o que dinamizou o momento de aplicação do questionário e facilitou a tabulação dos dados mais gerais sobre as preferências e hábitos de acesso à internet.

Os cenários de aproximação aos sujeitos são explorados adiante, pois permitem conhecer mais sobre o universo da migração latino-americana em Barcelona, assim como estabelecer relações com os dados levantados nos questionários. O material obtido nessa primeira etapa foi sistematizado e as análises sobre usos da internet também são discutidas mais adiante no trabalho.

A partir dos dados obtidos nos questionários, aliados ao mapeamento de ambientes na internet, foram definidos critérios para a seleção de sujeitos para entrevistas em profundidade, que serão analisadas nos capítulos 5 e 6. Ao total, foram realizadas oito entrevistas com migrantes de perfis distintos quanto a usos da internet relacionados com a trajetória de migração. O último procedimento da investigação contemplou sujeitos que tinham respondido aos questionários, alguns deles produtores de sites e blogs na internet identificados na primeira etapa da pesquisa.

4.2.2 Cenários urbanos e latino-americanidade

A Espanha é dividida em comunidades autônomas, compostas de províncias, que por sua vez são integradas por comarcas e municípios. Barcelona é uma província situada na parte central da Comunidade Autônoma da Catalunha, formada também pelas províncias de Tarragona, Lérida e Girona. Como capital da Catalunha e da província de Barcelona, o município de Barcelona, embora de médio porte para os padrões brasileiros, é o segundo em população da Espanha, superado apenas por Madri.



ILUSTRAÇÃO 1 – Mapa da Espanha por comunidades autônomas.

O município de Barcelona tem uma superfície de 100,4 quilômetros quadrados. Em 2006, a população era de 1 milhão 603 mil habitantes, distribuídos em dez distritos, estrutura de organização territorial e política que permite uma administração mais descentralizada. Os distritos são *Ciutat Vella*, *Eixample*, *Sants-Montjuïc*, *Les Corts*, *Sarrià-Sant Gervasi*, *Gràcia*, *Horta-Guinardó*, *Nou Barris*, *Sant Andreu* e *Sant Martí*. Segundo a administração municipal⁵⁷, a divisão é baseada em razões históricas: “Así, Ciutat Vella es el centro histórico, el Eixample es la expansión de la ciudad después del derribo de las murallas que protegían la urbe y el resto de distritos se corresponden con los municipios que había en torno a la ciudad

⁵⁷ Informações do site da prefeitura (*Ayuntamiento de Barcelona*): Disponível em: <<http://www.bcn.es/castella/laciutat/barcelona/>>. Acesso: 07 ago. 2007.

antigua y que se integraron en Barcelona a lo largo de los siglos XIX y XX”. Ao mesmo tempo, cada distrito é formado por diversos bairros, com suas marcas de diferenças sociais, econômicas, culturais e distintas tradições históricas.

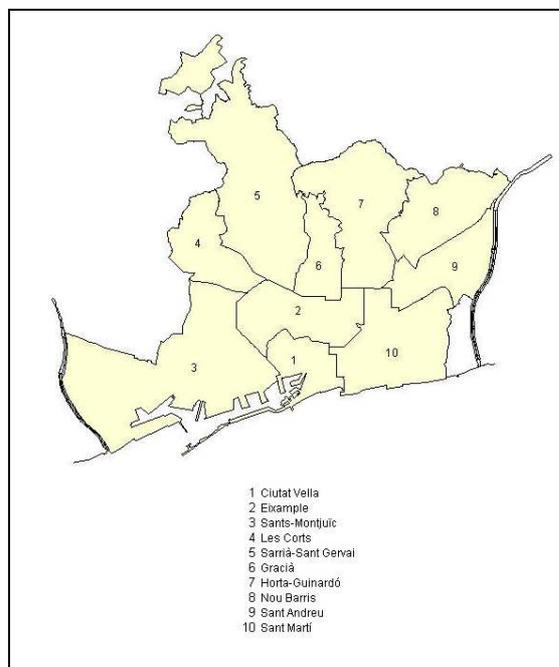


ILUSTRAÇÃO 2: Mapa de Barcelona por distritos.

Fonte: <<http://www.bcn.es/estadistica/castella/terri/mbcn/dte/index.htm>>

A presença latino-americana pode ser facilmente observada desde uma primeira aproximação a Barcelona. Para a abordagem ao contexto urbano, em busca da intervenção e participação dos migrantes na cidade, partimos da compreensão do espaço como socialmente construído pelas relações entre os sujeitos que definem seus usos. O espaço só é entendido por meio de sua carga simbólica, de suas valorações subjetivas, de sua dimensão intrínseca ao social e ao cultural (GARCÉS, 2006).

A construção baseia-se na ideia de que a migração favorece uma experiência de multiterritorialidade, entendida, a partir do aporte de Haesbaert (2004) como um processo concomitante de construção de territórios que mesclam diferentes modalidades territoriais e permitem a apropriação de novas e múltiplas referências locais. As cidades não são entendidas, nesse contexto, como áreas delimitadas e homogêneas, mas, nas palavras de García Canclini (1999, p.165), como “espacios de interacción en los cuales las identidades y los sentimientos de pertenencia se forman con recursos materiales y simbólicos de origen local, nacional y transnacional”.

Um dos elementos a dinamizar essa cidade feita de múltiplos referentes é justamente a mistura da população nacional e de estrangeiros, graças à forte presença de turistas e ao incremento dos fluxos migratórios. Segundo Garcés (2006), a migração supõe a consciência de ao menos dois imaginários culturais (poderíamos dizer múltiplos), cada um com seus próprios ambientes e espaços, de modo a redefinir o que constitui o local. A experiência de inserção social dos migrantes estrutura diferentes possibilidades de espacialização de suas práticas socioculturais, com a recriação, redefinição e mesmo abandono de elementos próprios do contexto de origem, em movimentos de que podem ser de afirmação, ruptura ou deslocamento em relação a um entorno determinado.

Em especial, Barcelona é uma cidade marcada por um movimento complexo de cosmopolitismo e múltiplos hibridismos. Como uma das cidades mais turísticas do mundo, em 2007 recebeu mais de sete milhões de turistas, segundo dados da prefeitura. Muito além do oficial bilinguismo catalão-espanhol e todo um conjunto de políticas públicas para afirmação do catalão como idioma oficial nas escolas e órgãos do governo, um estudo da Universidade de Barcelona de 2005 apontava que são faladas mais de 220 línguas na cidade, entre elas o quechúa, proveniente do Peru e outros países latino-americanos; o iorubá, da Nigéria, Benim e Togo; e o aramaico, próprio da Síria e Oriente Médio, apenas como alguns exemplos da pluralidade cultural encontrada na cidade.

A cidade vive entre a defesa do catalanismo, o posicionamento enquanto um importante eixo econômico e cultural da Espanha, sua relação com a Europa e a União Europeia e a incorporação de diferentes referentes culturais. Não é inédito o incremento da migração em Barcelona. Historicamente, houve outros momentos em que recebeu um número destacado de migrantes, o que foi lhe conferindo o título de *cidade multicultural*. Autores como Capel (2007) falam da transformação local a partir de um plano de gestão urbana nos anos 1980, que transformou a cidade de Barcelona por meio de estratégias culturais, políticas, econômicas e sociais, que tinham como objetivos o incentivo à participação cidadã e a revitalização do cenário urbano. Essas iniciativas, segundo Almeida (2008), não somente conferiram um fator diferencial à cidade no contexto espanhol como um modelo de gestão urbana para o restante do mundo, mas também tornaram Barcelona atrativo para a migração.

Todo esse cenário foi conferindo à Barcelona um ideal de diversidade, alimentado por um discurso de convivência harmônica e tolerância, que, em parte, condiz com práticas efetivas que encontramos na cidade, mesmo que permaneçam marcas dos conflitos causados pelo contato cotidiano com as diferenças. O imaginário de *Barcelona diversa* é sustentado através de ações do governo municipal, que percebe o potencial promissor da publicização de

uma cidade de respeito entre todos os cidadãos, o que pode ser observado, por exemplo, em um vídeo promocional no site da prefeitura⁵⁸ em que são chamados a dar depoimentos sobre a vida local *vizinhos da cidade de Barcelona*, como são identificados na produção, nascidos em Israel, Senegal, Japão, Singapura, Venezuela, Estados Unidos, Alemanha e Itália – todos relatando suas experiências de sucesso e felicidade em um catalão perfeito.

Observamos, nessa estratégia, um multiculturalismo aproveitado de forma comercial, percebido e criticado por parte da população migrante, como apontam as entrevistas feitas a latino-americanos e europeus através do projeto de pesquisa realizado de 2004 a 2007 dentro do Programa de Cooperação Internacional Brasil-Espanha. Lá já eram referidos com desconfiança programas de televisão locais que, embora não criminalizassem os migrantes, priorizavam as cozinhas étnicas ou essencializavam a integração linguística focalizando entrevistados de diferentes nacionalidades que dominavam o idioma catalão (COGO; BRIGNOL, 2008).

Para além dessas estratégias de apropriação da diversidade como uma bandeira ou propaganda local, a cidade tem uma trajetória marcada por grandes sinalizadores do debate público sobre o direito à diferença, como a realização do Fórum Barcelona 2004⁵⁹, grande evento que durante quatro meses discutiu temas como desenvolvimento sustentável, diversidade cultural e condições para a paz. Esses movimentos vão garantindo um status alicerçado em situações concretas da realidade atual na Espanha, não exclusivamente relacionadas com o convívio com migrantes, mas também baseadas em conquistas como o direito pleno à expressão em favor à liberdade sexual, a aprovação de lei que garante o casamento entre homossexuais e a ampliação do espaço público para manifestação de culturas jovens e urbanas.

No caso do impacto do convívio com a intensificação da realidade migratória, uma caminhada pelas ruas, espaço por definição da diversidade e do encontro das mesclas, é suficiente para perceber sinais da convivência e interculturalidade surgidos das novas dinâmicas sociais em Barcelona. A diversidade está presente no comércio étnico, na oferta variada da gastronomia de diferentes países nos restaurantes locais, na polêmica em torno do véu usado por meninas muçulmanas em algumas escolas, na pluralidade de línguas escutadas nos metrô, na presença de representações de distintas nacionalidades nas festas populares, no

⁵⁸ Disponível na página de turismo do site da prefeitura. Disponível em: <<http://www.bcn.es/turisme/castella/turisme/>>. Acesso: 8 ago.2008.

⁵⁹ O acervo com ponências, relatos de mesas, notícias, fotos e outros materiais relacionados ao Fórum pode ser acessado em: <<http://www.barcelona2004.org>>. Acesso: 17 jul.2008.

anúncio de produtos e serviços voltados para o público migrante ou na presença majoritária de estrangeiros nos cursos gratuitos de catalão oferecidos pela prefeitura.

Na ocupação urbana feita pelo coletivo migrante latino-americano em Barcelona, são observadas diversas estratégias de construção espacial, nas quais não são respeitadas necessariamente as fronteiras geográficas preexistentes. Suas principais características são a dispersão e a significação de diferentes espaços da cidade, em que, embora não sejam observados propriamente movimentos de formação de *ghetos*, começam a ser demarcadas zonas na cidade em que se percebe mais fortemente uma ocupação por sujeitos vindos da América Latina e de outras regiões de migração. Isso pode ser percebido nos índices que indicam os bairros que registram uma concentração maior de migrantes, em função dos preços mais baixos para aluguel e compra de imóveis, mas também como consequência da própria dinâmica de rede que atua na facilitação da moradia, que implica no reconhecimento de partes da cidade como mais favoráveis à presença dos migrantes.

As empresas e comércios de migrantes, objetos de estudo de pesquisas sociológicas e antropológicas (SOLÉ; PARELLA; CAVALCANTI, 2007), podem ser apontados como estratégias de ocupação do espaço que reconfiguram a dinâmica urbana de Barcelona. Marcando de maneira mais efetiva a participação de migrantes no contexto local, estão os restaurantes com temática étnica, as lojas especializadas na venda de produtos de países latino-americanos, as padarias, os salões de beleza, além de outros tantos estabelecimentos comerciais, que servem de ponto de encontro e como alternativa para reconstruir na Espanha um cenário um pouco parecido com o deixado nos países de nascimento. Nesses espaços é possível fazer as unhas com manicures brasileiras, comprar a erva mate antes adquirida nos mercados da Argentina, consumir o café colombiano ou o pão equatoriano, apenas como exemplos do que pode ser encontrado entre a oferta de produtos da América Latina e também de outras procedências.



ILUSTRAÇÃO 3: Fotos de comércios étnicos: lojas de produtos típicos de países de migração compõem cenário de Barcelona.

Também os espaços festivos são responsáveis pela aproximação dos latinos que vivem em Barcelona, como bares, clubes de salsa e forró, salões para aulas de dança, além das muitas associações culturais em que são consolidados grupos de cultivo de tradições culinárias, de dança ou de artesanato, entre outras. Há, ainda, uma forte tendência de reunião em associações com caráter organizativo, reivindicatório, de ajuda ou de disputa por visibilidade de demandas, que, de acordo com o perfil de cada uma, promovem encontros, atuam nos eventos do calendário da cidade, oferecem serviço de consulta jurídica e orientações em geral.

O espaço dos locutórios também é chave para a organização dos migrantes. Ali funcionam centros de comunicação, com oferta de chamadas telefônicas, uso de computadores e consulta à internet, venda de cartões para telefones celulares e envio de dinheiro a outros países. Gerenciados, na maioria das vezes, também por migrantes, são espaços em que podem ser observadas referências diretas aos países de nascimento, com marcas étnicas e identitárias de seus donos e frequentadores, como a exposição de bandeiras, fotografias, recortes de matérias publicadas em jornais e revistas, além de espaços para anúncios de lojas e outras empresas dedicadas ao público migrante e a distribuição gratuita de meios de comunicação especializados.



ILUSTRAÇÃO 4: Fotos de locutórios: centros de comunicação que oferecem vários serviços e revelam marcas identitárias em sua organização.

Trata-se de ambientes que cumprem, não apenas a oferta de um serviço a baixo preço, mas que se convertem em lugar de estabelecimento de relações sociais, vínculos entre os usuários e deles com os proprietários e atendentes. São, sobretudo, pontes de conexão entre os migrantes e seus países de nascimento, no que outros investigadores definem como “espaços sociais transnacionais”.

Peñaranda Cólera (2005) destaca os locutórios como lugares de estabelecimento e consolidação de redes sociais, sendo entendidos como espaços de acesso e uso de tecnologias, ao mesmo tempo em que se configuram como espaços relacionais, de conexão e vínculos. A autora usa o conceito de “espaços sociais transnacionais” por entender que os locutórios oferecem a possibilidade de configuração de relações tanto com o espaço social no país de migração, quanto com os países de nascimento, mas que, sobretudo, passam a redefinir essas relações. São espaços não vinculados a um lugar concreto: “que trascienden al contexto de las propias sociedades de *origen* y de *destino*, y que funcionan como marcos de referencia desde donde articular prácticas cotidianas, identidades y proyectos de vida” (PEÑARANDA CÓLERA, 2005, p. 3).

Garcés (2006) também destaca, em seu estudo sobre a apropriação do espaço urbano por migrantes em Madri, o papel das lojas de alimentação e dos locutórios na dinâmica social, seus múltiplos sentidos adquiridos, além de seu caráter transnacional. Os espaços comerciais constituem suporte para demandas culturais (oferta de alimentos, entretenimento, bem-estar e serviços), ao mesmo tempo em que constituem elos para a construção de redes migratórias. Mais do que isso, poderíamos dizer que a própria existência desses comércios resulta da existência das redes migratórias. Nesse sentido, o autor (2006, p. 16) define os locutórios como “nodos en la urbe de las redes sociales migratorias, que conforman los soportes

materiales, tecnológicos y sociales que facilitan la comunicación entre colectivos o comunidades em distintos territorios nacionales”. São, nesse sentido, lugares concretos para o transnacional, como também pudemos observar, através de referências constantes a contextos múltiplos e diversos.

Para além desses ambientes propostos desde uma delimitação étnica ou de referência a identidades nacionais, a presença latino-americana é percebida na pluralidade da cidade, nas ruas, praças, metrô, lojas e supermercados, empresas, escolas e universidades, associações de bairro, condomínios – espaços partilhados com a população local e com migrantes de outras procedências. A delimitação de pontos específicos na cidade deve-se à facilidade para a abordagem de possíveis entrevistados, já que ali era mais provável o encontro, de modo a ajudar na tarefa de conhecer o universo de usos da internet e das redes sociais de latino-americanos.

Para definir os lugares a serem usados como estratégia para a localização de entrevistados, partiu-se de uma busca aleatória na cidade, aliada à localização de anúncios sobre espaços, como lojas e restaurantes, dirigidos a migrantes latinos em mídias especializadas, muitas delas gratuitas e também dispostas em lugares estratégicos, como os próprios locutórios. Entre os jornais gratuitos voltados para o público migrante destacam-se o “*Latino, La voz de nuestra comunidad*”⁶⁰, dedicado especificamente a latino-americanos residentes na Espanha, com periodicidade semanal e com o objetivo, segundo informa o site do jornal, de “dar una voz masiva al colectivo latino en España, promover su progreso social y económico y defender sus intereses”. O jornal é distribuído gratuitamente em metrô, locutórios, parques, e possui edições em Barcelona, Madri e Valencia.

Outro jornal que ganha destaque nos locutórios, lojas de envio de dinheiro e outros ambientes frequentados por migrantes é o “*Sí, se puede – El periódico de la integración*”⁶¹, também com distribuição gratuita e semanal. O jornal é voltado para um coletivo mais amplo, pois inclui material de interesse a migrantes de diferentes nacionalidades com representação na Espanha. Tem edição em Madri, Catalunha, Comunidade Valenciana e Múrcia. Como estratégia editorial, ambos os jornais mantêm informações sobre os países de nascimento dos migrantes para os quais se dirigem e matérias sobre a realidade da Espanha, com foco no tema das migrações e prestação de serviços, com dicas sobre regularização de documentos, busca

⁶⁰ A versão em PDF das edições impressas do jornal Latino são disponíveis em: <<http://www.latinobarcelona.com>>, assim como sua versão online.

⁶¹ Informações sobre o jornal “Sí, se puede”, sua versão online e versão em PDF das edições impressas em: <<http://www.sisepuede.es/>>.

de lugar para morar, mercado de trabalho, além de uma abordagem cultural que valoriza artistas dos países dos migrantes.

Os jornais, que eram recolhidos semanalmente nos locutórios que observamos, são projetos de mídia bem sucedidos que exploram o potencial de um público diferenciado, com importante capacidade de consumo na Espanha. Eles integram um cenário de visibilidade das questões envolvidas pelas migrações, que ganham bastante espaço em Barcelona. Através da leitura desses e de outros jornais que passamos a conhecer com a pesquisa de campo, foi possível uma aproximação mais efetiva à realidade dos migrantes que vivem na cidade. Também os sites que visitávamos e os boletins que recebíamos por e-mail garantiram que acompanhássemos eventos, encontros, reuniões e festas organizadas por grupos de migrantes, em alguns dos quais pudemos participar e, inclusive, aplicar questionários e conhecer futuros entrevistados.



ILUSTRAÇÃO 5: Fotos da Feira “Vive Latinoamérica!”: evento com ofertas dirigidas a migrantes, como venda de imóveis no país de nascimento, advogados especializados, serviços bancários. Visitada depois de leitura de notícia no jornal Latino.

Também foi possível contar com a indicação de entrevistados, que eram perguntados se frequentavam ou conheciam ambientes dedicados a latino-americanos. A tentativa foi de abarcar espaços geográficos distintos, com a inclusão de diferentes bairros e zonas de Barcelona, de modo a aproveitar a própria lógica em redes em que estão inseridos os migrantes.

Segundo o Anuário Estatístico da Cidade de Barcelona de 2008⁶², com dados referentes a janeiro de 2007, a distribuição da população migrante por distritos indicava uma presença maior de estrangeiros nos distritos de *Ciutat Vella*, *Eixample* e *Sants-Montjuïc*, que concentram juntos 48,6% do total de migrantes. No período eram 245.999 estrangeiros vivendo em Barcelona, o equivalente a 15,4% da população composta, na época, por 1 milhão, 595 mil pessoas.

TABELA15: População de Barcelona por distrito.

Estructura de la población según cifras oficiales a 1 enero de 2007						
Nacionalidad por distritos						
Distritos	TOTAL	%	Espanoles	%	Extranjeros	%
BARCELONA	1.595.110	100,0	1.349.111	84,6	245.999	15,4
1. Ciutat Vella	111.518	7,0	63.534	4,0	47.984	3,0
2. Eixample	262.469	16,5	221.218	13,9	41.251	2,6
3. Sants-Montjuïc	178.482	11,2	148.173	9,3	30.309	1,9
4. Les Corts	81.628	5,1	73.142	4,6	8.486	0,5
5. Sarrià-Sant Gervasi	141.091	8,8	125.981	7,9	15.110	0,9
6. Gràcia	120.177	7,5	103.986	6,5	16.191	1,0
7. Horta-Guinardó	168.541	10,6	150.073	9,4	18.468	1,2
8. Nou Barris	164.982	10,3	141.843	8,9	23.139	1,5
9. Sant Andreu	143.148	9,0	127.084	8,0	16.064	1,0
10. Sant Martí	223.074	14,0	194.077	12,2	28.997	1,8

Departament d'Estadística. Ajuntament de Barcelona.
Fuente: Cifras oficiales población a 1 enero 2007. Instituto Nacional de Estadística.

Fonte: Departament d'Estadística. Ajuntament de Barcelona. Cifras oficiales población a 1 enero 2006. Instituto Nacional de Estadística.

Quanto à presença de migrantes por nacionalidade em Barcelona, os dados do Departamento de Estatística do município referentes a junho de 2007, trazem algumas variações em relação às estatísticas anteriores, indicando um total de 1 milhão 603 mil habitantes. Vale destacar os coletivos mais representativos na cidade no período, o que demonstra uma variação em relação aos dados gerais da Espanha. Os equatorianos eram os migrantes mais presentes (23.792), a frente de italianos (18.962), bolivianos (18.594) e peruanos (14.420). Paquistaneses (13.593) ocupavam a quinta posição na lista dos migrantes mais representados em Barcelona, para só depois aparecerem os marroquinos (13.314), seguidos de colombianos (12.156). Os dados indicam a importância da presença latino-americana como coletivo migratório em Barcelona, como pode ser percebido em tabela com

⁶² Com base a cifras oficiais da população em 1 de janeiro de 2007, pelo Instituto Nacional de Estatística da Espanha. Dados disponíveis em: <<http://www.bcn.es/estadistica/castella/dades/anuari>>.

as nacionalidades da população por distritos, referentes apenas aos migrantes provenientes de países do continente americano com registro na prefeitura.

TABELA 16: Nacionalidade da população de Barcelona por distritos referente a países da América do Sul, Central e do Norte.

Distrito	Total	Ecuador	Bolivia	Perú	Colombia	Argen.	Brasil	Rep. Dom.	Chile	Méjico	enez.	Paraguay	Uruguay	Honduras	EUA	Cuba
BARCELONA	122.047	23.792	18.594	14.420	12.156	9.893	7.744	6.600	5.109	4.149	3.475	3.213	3.088	2.887	2.550	2.255
1. Ciutat Vella	16.956	1.752	5.213	600	866	1.384	1.614	986	894	468	319	903	320	665	425	220
2. Eixample	19.116	2.664	1.663	2.703	2.144	1.973	1.591	819	1.053	1.056	785	415	543	198	616	474
3. Sants-Montjuïc	15.470	3.490	1.925	2.048	1.849	1.089	828	1.340	555	396	376	277	412	215	171	303
4. Les Corts	4.093	471	386	455	518	393	312	190	149	335	232	177	73	66	141	75
5. Sarrià-Sant Gervasi	5.847	488	703	618	645	618	355	135	273	522	275	238	121	79	486	103
6. Gràcia	7.659	999	885	877	831	911	521	222	409	447	356	162	269	124	283	172
7. Horta-Guinardó	12.208	2.646	1.846	1.563	1.448	1.021	551	439	601	293	286	396	341	192	112	223
8. Nou Barris	16.201	5.449	2.930	1.612	1.241	658	621	1.179	298	116	206	264	271	1.000	36	195
9. Sant Andreu	9.744	2.541	1.324	1.890	952	550	451	534	230	155	179	184	295	136	44	178
10. Sant Martí	14.753	3.292	1.719	2.054	1.662	1.296	900	756	647	361	461	197	443	212	236	312

Letura del Padrón Municipal de Habitantes a 30.06.2007. Departament d'Estadística. Ajuntament de Barcelona.

Fonte: Características da população. Ano 2007. Disponível em:
 <<http://www.bcn.es/estadistica/castella/dades/tpob/pad/pad07/nacio/nacio02.htm>>

Diante da aproximação a esse cenário de migração latino-americana em Barcelona, para revelar a situação de contato com os sujeitos e aplicação dos questionários torna-se importante contextualizar os espaços concretos escolhidos nessa etapa da pesquisa. Dos doze pontos definidos, foram quatro locutórios, quatro lojas de produtos latinos, uma loja de roupas, uma padaria, além de uma mostra de associações realizada na Praça Catalunha, no centro de Barcelona, e uma festa realizada em comemoração ao Dia Internacional do Migrante, organizada pela prefeitura nas proximidades do Porto Velho.

Dois dos locutórios estavam localizados no bairro Sagrada Família, um, no bairro Horta-Guinardó, e outro, em Sant Boi, povoado pertencente à região metropolitana de Barcelona. O bairro Sagrada Família está localizado no distrito de Eixample, o segundo em porcentagem de migrantes em relação à população local, com destacada inserção de migrantes latino-americanos.

Um dos locutórios foi o primeiro com o qual tivemos contato durante o estágio em Barcelona, pois se localizava na rua em que morávamos. Trata-se de um espaço amplo, com dois ambientes. No primeiro, ficam os atendentes (no princípio dois homens e depois uma mulher— dois deles entrevistados), as cabines fechadas para chamadas telefônicas e sete computadores. Na sala de trás, fica o restante dos computadores. O ambiente é espaçoso e

claro, tendo passado por uma reforma no mês de agosto de 2007, mantendo, neste espaço de tempo, as portas fechadas por quase um mês. A paralisação das atividades, mesmo num período de férias, mudou a dinâmica do local, pois levou um tempo para que a clientela habitual voltasse a frequentar o locutório. Os primeiros dias depois da reabertura não lembravam a movimentação de sempre, ainda assim era possível perceber o fluxo de clientes, sobretudo nos horários mais procurados: nos dias de semana a partir das 19 horas e nos finais de semana durante toda a tarde até a hora do fechamento, às 23 horas.

A funcionária responsável por gerenciar o local, cobrar as chamadas telefônicas e monitorar o uso dos computadores foi importante colaboradora dessa fase da pesquisa, pois indicava possíveis entrevistados, apresentava-me pessoas, atuando como um elo entre a dinâmica própria do locutório e os objetivos da pesquisa. Ela é uma figura conhecida e querida pelos que passam pelo locutório: ajuda a pesquisar ofertas de aluguel de apartamento ou a publicar um anúncio a pedido de algum cliente, também troca e-mail ou fala pelo *MSN* com outros que já deixaram Barcelona. No total, foram entrevistadas onze pessoas no locutório, em dois dias diferentes.

O segundo locutório, também localizado no Bairro Sagrada Família, é de propriedade de migrantes da Colômbia. Possui cinco computadores, oito cabines para chamadas telefônicas, além de oferecer serviço de envio de dinheiro para países da América Latina. Na sala da entrada, ficam um mural com anúncios deixados pelos clientes, propagandas de bares, restaurantes e lojas latinas e um espaço para distribuição de jornais gratuitos destinados a migrantes. A monitora, uma brasileira de 24 anos, também foi uma das entrevistadas, assim como uma frequentadora do local.



ILUSTRAÇÃO 6: Foto de um dos locutórios observado.

No locutório localizado no bairro Horta-Guinardó foram feitas duas entrevistas. O espaço é menor em relação aos anteriores, mas também é dividido em duas salas: a primeira, onde fica um monitor e o dono e onde estão seis das dez cabines telefônicas, e a segunda, com as outras cabines e seis computadores. Ali o fluxo de pessoas também é constante, sobretudo nos finais de tarde e finais de semana, sendo a maioria dos clientes, segundo confirma o monitor, de origem latino-americana.

O último dos quatro locutórios observados fica no povoado de Sant Boi (que compõe a região metropolitana de Barcelona) e integra uma rede de lojas presente em diferentes bairros de Barcelona e em outras cidades. Diferentemente dos anteriores, não é oferecido o serviço de uso de computador e internet, sendo prioritário o envio de dinheiro para outros países e as chamadas telefônicas. Ali, há uma presença variada de migrantes latino-americanos e de outras origens, principalmente marroquinos. O objetivo da escolha de um espaço fora de Barcelona era permitir ampliar a aproximação ao universo da migração e usos da internet, já que muitos sujeitos provenientes de outros países optam por morar nos arredores da cidade, sobretudo em função do valor mais baixo dos aluguéis. A abordagem foi facilitada pelo conhecimento prévio de uma funcionária, o que ajudou para que fossem feitas sete entrevistas no local, em dois dias diferentes.

Todos os locutórios foram visitados mais de uma vez antes da aplicação dos questionários. Também foi pedida uma autorização, através de uma conversa informal com os funcionários ou com os proprietários, o que, em uma segunda visita, facilitava a intervenção. O espaço para a abordagem dos entrevistados variava em cada locutório, tendo sido possível, em alguns, usar cadeiras em um lugar mais reservado. A maior parte das pessoas, entretanto, foi abordada na entrada ou saída do locutório.

A pressa foi o motivo alegado para a maioria das recusas em participar. Também a lógica de cobrança para uso dos computadores, por tempo com um valor médio de um euro⁶³ por hora, impedia que os questionários fossem aplicados enquanto os sujeitos usavam efetivamente a internet, o que só aconteceu em dois casos em que os entrevistados interromperam o contador de tempo e puderam, inclusive, mostrar as páginas acessadas e o que estavam fazendo no momento anterior à entrevista. Mesmo nos casos em que isso não foi possível, uma questão sobre o que faziam no local buscava resgatar o momento de aproximação de modo a conhecer a relação tanto com o local em que estavam quanto aos usos mesmo da internet, no caso da abordagem ter sido feita em um locutório.

⁶³ O equivalente a cerca de 2,5 reais.

As lojas de produtos latinos constituem outro universo importante dentro do contexto das migrações na cidade de Barcelona. São espaços para a comercialização de produtos típicos, não facilmente encontrados em supermercados ou lojas de alimentação locais, que permitem a manutenção de hábitos alimentares semelhantes aos observados antes do processo migratório. Aí são encontrados desde a erva-mate argentina ou paraguaia, a farinha de mandioca, os plátanos verdes, cerveja, aguardente, suco e refrigerantes, doces, entre outros produtos. São ambientes em geral não muito grandes, que concentram uma oferta variada de produtos em prateleiras, muitas vezes, organizadas por nacionalidade.



ILUSTRAÇÃO 7: Fotos de produtos encontrados em lojas latinas: dispostos em prateleiras organizadas por país de migração.

As lojas observadas nessa etapa da pesquisa localizam-se em regiões diferentes da cidade: uma no centro histórico ou Cidade Velha, duas no bairro Sagrada Família, e uma no bairro Horta-Guinardó. A primeira, localizado no centro, é uma das mais conhecidas e referidas pelos entrevistados. Possui uma estrutura mais ampla e organizada, marcada pela presença constante da música de países latino-americanos, e encontra-se dividida entre uma padaria, na entrada, e a loja na parte interna. Ali foi possível ocupar uma mesa destinada aos clientes da padaria para conversar com os frequentadores do local e convidá-los a participar da pesquisa. Foram aplicados sete questionários em uma tarde de sábado, dia com maior número de clientes. Nas outras lojas foram aplicados apenas três questionários.

Uma padaria colombiana foi outro espaço escolhido para entrar em contato com migrantes latino-americanos. A abordagem se deu, no primeiro momento, num dia de semana em que conversamos com o proprietário e com uma funcionária, e, depois, num sábado à tarde, quando pudemos aplicar seis questionários a sujeitos de diferentes procedências, como colombianos, equatorianos, bolivianos, hondurenhos e peruanos, os quais disseram gostar dos produtos oferecidos ali, como pães doces e salgados, empanadas e doces da culinária

colombiana. Alguns são vizinhos do local, moram nas imediações da Sagrada Família, outros chegam de longe porque ficaram sabendo do lugar por amigos ou familiares.

A padaria serve, também, como um ponto de encontro para aqueles que optam por usar o espaço disponível, com mesas e cadeiras, para conversar com amigos. Como nos locutórios, são distribuídos jornais voltados para a comunidade latina logo na entrada e um mural divulga serviços e produtos dirigidos a esse público específico. A bandeira da Colômbia completa a decoração do local.

A loja de roupas foi visitada ao final de uma tarde de sábado. Já não havia clientes, apenas o funcionário que se mostrou inicialmente desconfiado e depois interessado em responder ao questionário, por sua ligação com os temas tratados, como a participação em revistas voltadas a latino-americanos. Na loja, são vendidas roupas que levam uma marca produzida no Brasil e distribuída para diferentes países europeus. O atendente, um brasileiro de 33 anos, diz serem as dominicanas e equatorianas as principais clientes a identificarem-se com o estilo dos produtos vendidos na loja, como jeans justos e de cintura baixa, biquínis, roupas e acessórios coloridos.



ILUSTRAÇÃO 8: Fotos da loja de roupas brasileiras, visitada durante a pesquisa.

Outro ambiente que compõe esse cenário de aproximação inicial ao contexto migrante em Barcelona foi uma mostra de associações na praça Catalunha, no centro, durante a *Fiesta de la Merced*, realizada em setembro, como homenagem à *Virgen Maria de la Merced*, padroeira da cidade. A celebração popular, considerada a mais importante de Barcelona, é organizada pela prefeitura em parceria com associações comunitárias e diferentes entidades, e acontece no centro e bairros, que se preparam com enfeites nas ruas. O evento conta ainda

com a promoção de centenas de atividades, como concertos, apresentações, oficinas, mostras culinárias, entre uma vasta programação que ocupa uma semana e tem seu fechamento no feriado, em comemoração ao dia da padroeira.

Durante a mostra de associações foi organizada uma série de apresentações culturais, em um palco disposto num espaço reservado da praça. Nesse dia, entre danças catalãs, flamenco e música clássica, grupos culturais latino-americanos deram demonstrações da música e dos bailes típicos do Equador, da Bolívia e do Peru, enquanto falavam de integração pela possibilidade de expressão cultural de suas tradições num importante evento da cidade. Em um primeiro momento, o colorido das roupas e o ritmo da música faziam pensar sobre os limites da integração pela afirmação de valores culturais de seus países de nascimento – mesmo movimento que encontramos nos sites propostos por nacionalidade, onde ganham destaque traços de uma identidade construída enquanto uma raiz que precisa ser preservada.



ILUSTRAÇÃO 9: Fotos de apresentação do grupo Alma Peruana, durante festa popular em homenagem à padroeira de Barcelona na praça Catalunha

Mas a própria dinâmica da festa obriga a tornar mais complexo o olhar sobre o que entendemos sobre participação social e negociação identitária. O espaço da Praça Catalunha durante o feriado pode ser considerado o mais plural entre os escolhidos, já que reunia pessoas moradoras de diferentes regiões de Barcelona, que aproveitavam o dia livre para passear com a família, encontrar amigos e participar da festa. No mesmo espaço, encontramos a exposição de projetos sociais mantidos por entidades de diferentes partes do mundo com integrantes em Barcelona, encontro de grupos e entidades culturais e divulgação de causas tão diversas como o fim do mau-trato a animais nas touradas e a proibição do uso de bombas

cluster⁶⁴. Em um palco paralelo, próximo à Praça Catalunha, chamava a atenção o som produzido por duas jovens brasileiras que misturavam música eletrônica e samba.

Todas essas manifestações, cada uma a seu modo, revelavam uma forma de participar da vida de Barcelona e de negociação da identidade migrante e nacional não apenas com a identidade espanhola, como também com a catalã, pois a organização da prefeitura valoriza que o material informativo dos eventos circule em catalão (além de espanhol), assim como todos os estandes são indicados com os nomes das entidades em catalão, por exemplo. O clima festivo facilitou a aproximação e garantiu uma maior adesão a responder ao questionário, pois a maioria passava pelo local sem pressa e não se importava em dedicar alguns minutos para participar da pesquisa. Foram aplicados onze questionários no local, com sujeitos de origem venezuelana, peruana, boliviana e chilena que participavam de associações com estandes na praça ou que apenas visitavam a exposição e passavam pelo local.



ILUSTRAÇÃO 10: Fotos da *Fiesta de la Merced*: entre expositores na praça Catalunha, Associação Amigos do Brasil e Centro Boliviano Catalão. Público variado acompanha apresentações e conhece iniciativas das entidades que participam da mostra de associações.

⁶⁴ Também conhecida como bomba-cacho (*bomba de racimo*, em espanhol), é um armamento que, disparado por terra ou ar, se abre espalhando dezenas ou até centenas de submunições explosivas sobre áreas extensas

A festa do Dia Internacional do Migrante, realizada em 16 de dezembro de 2007, no *Moll de la Fusta*, proximidades do Porto Velho, no centro de Barcelona, foi uma comemoração organizada pela prefeitura em parceria com entidades e grupos de migrantes, que propuseram estandes com mostra de suas atividades, distribuição de comidas típicas e apresentações de dança e música. Durante uma manhã de atividades, passaram pela festa espanhóis, migrantes de diferentes nacionalidades e membros de entidades associativas.

Alguns eram apenas curiosos que estavam próximos do local e escutaram a música, outros ficaram sabendo por notícias em jornais gratuitos, como referiram algumas das pessoas com quem conversamos durante a festa. Mais uma vez a presença migrante estava representada na festa pela diversidade cultural sintetizada nas diferentes comidas de cada país, nas músicas e nas danças folclóricas. Durante a festa, foram aplicados dez questionários, além de ter sido feito contato para entrevista com uma mulher nascida na República Dominicana, que trabalhava em uma das entidades presentes.



ILUSTRACÃO 11: Fotos da festa pelo Dia Internacional do Migrante: *mariachis*, gastronomia e bonecos gigantes catalães.

4.2.3 Perfil dos migrantes usuários da internet

No conjunto desses espaços, foram aplicados questionários a 60 migrantes, de 13 diferentes países da América Latina: doze naturais do Peru, dez da Bolívia, oito do Equador, sete da Colômbia, cinco do Paraguai, quatro da Venezuela, quatro do Brasil, dois do Chile, dois da Argentina, dois do Uruguai, dois da República Dominicana, um da Guatemala e um de Honduras.

Como as abordagens eram feitas de forma aleatória não era possível imaginar, no

começo da pesquisa, a diversidade de nacionalidades que seria encontrada. A cada etapa de aplicação de questionários era feita uma análise preliminar do perfil das tipologias de modo a buscar compor certa diversidade da presença latino-americana, sinalizada por meio das estatísticas oficiais e representativa da mesma diversidade encontrada nas ruas de Barcelona.

De certa forma, o panorama de nacionalidades encontrado guarda relação com o cenário maior da inserção de migrantes no contexto espanhol e de Barcelona. Foram entrevistados 31 homens e 29 mulheres, mantendo-se uma relação semelhante entre gêneros por nacionalidade, com exceção de um coletivo maior de homens colombianos (seis, enquanto apenas uma era mulher), homens brasileiros (três e uma mulher), com uma presença pouco maior de mulheres equatorianas (cinco, em relação a três homens) e mulheres paraguaias (quatro, e um homem).

TABELA 17: Gênero por país de nascimento.

Gênero por país de nascimento			
País de nascimento	Mulheres	Homens	Geral
Peru	6	6	12
Bolívia	6	4	10
Equador	5	3	8
Colômbia	1	6	7
Paraguai	4	1	5
Brasil	1	3	4
Venezuela	2	2	4
Chile	1	1	2
Argentina	1	1	2
Uruguai	0	2	2
República Dominicana	1	1	2
Honduras	1	0	1
Guatemala	0	1	1
Total geral	29	31	60

Fonte: pesquisa própria

A faixa etária dos entrevistados vai de 17 a 53 anos, estando quatorze entre 17 a 25 anos, 33 entre de 26 e 35 anos, dez entre 36 e 45 anos e três com 50 anos ou mais (50, 52 e 53 anos). Considerando a amostra analisada, os brasileiros estão entre os mais jovens, a maioria dos peruanos tem entre 30 e 40 anos, os bolivianos entrevistados têm de 26 a 36 anos. No geral, na maioria, são jovens e adultos, que chegam a Barcelona com a expectativa de trabalhar e, em alguns casos, estudar.

Entre as ocupações mais comuns estão as de profissionais de limpeza (sete), estudantes de curso superior ou pós-graduação (seis, incluindo os que exercem outras atividades concomitantemente), pedreiros ou peões de obra (seis), garçons (cinco), vendedores (quatro), atendentes ou monitores em locutório (três), com destaque para uma diversidade de ocupações, algumas delas relacionadas com a prestação de serviços, como trabalhador no ramo da hotelaria, funcionária de banco, mecânico, músico, operador de máquinas, caixa, costureiro, babá, terapeuta corporal, técnico em telefonia, motorista, educadora, entre outras.

Cinco entrevistados estavam desempregados e outros se dividiam entre mais de uma atividade diferente, ocupando seu tempo quase que exclusivamente do trabalho, como uma brasileira que trabalhava como monitora em um locutório nos finais de semana, garçõnete em um café e profissional de limpeza em edifícios no final de obras, durante a semana. Há casos de uma profissional de limpeza que atuava também como monitora em colégio e outra como responsável pelo cuidado de idosos, como complementação de suas atividades. O destaque às múltiplas atividades é percebido também na experiência dos estudantes de pós-graduação, que relataram trabalhar enquanto realizam seus cursos em atividades relacionadas com a sua formação, como investigador, psicóloga e médica, por exemplo.

TABELA 18: Atividade profissional por país de nascimento.

Relação de atividades profissionais por país de nascimento														
Atividade profissional	Per	Bol	Equ	Col	Par	Bra	Ven	Chil	Arg	Uru	R.Dom.	Hond	Guat	Total
Funcionário administrativo		1												1
Ajudante de cozinha							1							1
Atendente em locutório	1					2								3
Babá					1									1
Caixa	1													1
Costureiro	1													1
Desempregado			2	1		1	1							5
Educadora	1													1
Empregado do setor de serviços										1		1		2
Encarregado em telecomunicações	1													1
Enfermeira		1												1
Estudante graduação e pós-graduação	1	1	1						1					4
Funcionário de banco			1											1
Garçom/ garçõnete			1	1	2				1					5
Iluminação cênica				1										1
Investigador								1						1
Limpeza	1	1			1						1			4

Limpeza e cuidadora de crianças			1											1
Limpeza e cuidadora de idosos		1												1
Limpeza e monitora de colégio			1											1
Funcionário na indústria	1										1			2
Mecânico		1												1
Médica e estudante de Mestrado	1													1
Músico				1										1
Operário de máquinas			1											1
Peão de obras	1													1
Pedreiro		1		1	1		1						1	5
Pintor		1												1
Psicóloga e estudante de pós-graduação								1						1
Serviços gerais		1												1
Técnico (telefonía, informática)	1									1				2
Terapeuta corporal							1							1
Motorista				1										1
Vendedor	1	1		1		1								4
Total geral	12	10	8	7	5	4	4	2	2	2	2	1	1	60

Fonte: pesquisa própria

Muitos entrevistados fizeram referência a sua profissão ou formação educacional, mesmo que fossem perguntados especificamente por suas atividades profissionais em Barcelona, pois desempenham funções diferentes daquelas para as quais, muitas vezes, estudaram em seus países. Cada vez que era feita a pergunta sobre “atividade profissional” era comum escutar como resposta outra pergunta: “aqui?”. Assim aparece o caso de uma administradora de empresas que trabalha como caixa e de uma educadora ambiental que faz faxinas. Na fala dos entrevistados, pela própria necessidade de referir uma formação profissional e uma trajetória educacional anterior ao processo de migração, aparece certa frustração em relação às atividades exercidas desde que deixaram seus países de nascimento.

Mesmo com a inclusão na mostra de atividades profissionais para as quais é necessário um nível alto de formação educacional, essas são mais comuns apenas entre os sujeitos que migraram para Barcelona em função dos estudos. A maioria dos entrevistados ocupa postos de trabalho que não exigem qualificação especializada (mesmo que revelem possuírem essa qualificação), especialmente relacionada ao ramo da construção civil (pedreiros, peões de obra, pintores), no caso dos homens, e empregos domésticos (faxineiras, babás e cuidadoras de idosos), no caso das mulheres. Essa inserção laboral bastante restrita já dá pistas sobre o tipo de integração possível de ser construído pelos migrantes latino-americanos.

Quanto ao tempo de permanência, foram entrevistados desde sujeitos recém chegados, com apenas uma semana na cidade, até sujeitos com mais de vinte anos em Barcelona. No total, foram 15 entrevistados com menos de um ano de permanência, 14 com um a dois anos, 9 de três a quatro anos, 10 de cinco a seis anos, 5 de sete a oito anos, além de um entrevistado com onze anos, outro com doze anos, um terceiro com dezesseis anos e um último com vinte e dois anos de residência fora de seu país de nascimento.

Mesmo que os questionários tivessem sido aplicados em pontos específicos da cidade, foram referidos 26 lugares de moradia distintos. A maior parte dos entrevistados vive no Bairro Sagrada Família (catorze, no total), seguidos por oito moradores de Sant Boi, cidade que integra a região metropolitana de Barcelona, onde foram aplicados questionários em um locutório. Mas observa-se a referência a uma diversidade de espaços, desde bairros centrais e periféricos (Horta, Les Corts, Camp de Arpa, Hospital Clinic, Gracia, Poble Nou, Sagrera, Poble Sec), até outras pequenas cidades ligadas a Barcelona e integrantes da região metropolitana, como Santa Coloma, L'Hospitalet de Llobregat e Badalona.

TABELA 19: Distribuição dos entrevistados por distritos, bairros e cidades da região metropolitana de Barcelona.

Distribuição dos entrevistados por distritos, bairros e cidades da região metropolitana de Barcelona		
	Localidade	Total
Distritos ou bairros de Barcelona	Sagrada Família	14
	Eixample	4
	Gràcia	2
	Vila Piscina	2
	Poble Nou	2
	Hospital Clinic	2
	San Andreu	1
	Les Corts	1
	Sagrera	1
	Clot	1
	Camp del Arpa	1
	Santa Carolina	1
	Barceloneta	1
	Poble Sec	1
	Horta	1
	Plaza Molina	1
	Mollet - Santa Rosa	1
	Vall Hebron	1
	Sant Adrian	1
	Raval	1

Região metropolitana	Sant Boi	8
	L'Hospitalet de Llobregat	6
	Santa Coloma	3
	Badalona	1
	Granollers	1
	Taragona	1
Total		60

Fonte: pesquisa própria

4.2.4 Principais usos apontados

Dos 60 entrevistados, 39 (o que equivale a 65%) têm computador em casa. Destes, 33 também têm acesso à internet em suas casas (ou seja, 55% do total). Em geral, os recém chegados não têm computador, indicando um uso mais frequente dos locutórios, além de referirem o acesso na casa de familiares e amigos, o que é indicativo das redes sociais de apoio mais presentes no cotidiano dos migrantes no momento de instalação e organização inicial em Barcelona.

Dos 21 entrevistados sem computador em casa⁶⁵, apenas dois não indicaram o uso do locutório (acessavam no trabalho ou na casa de amigos), enquanto esse espaço para uso pago do computador aparece como a única possibilidade de acesso para a maioria desse grupo.

TABELA 20: Presença de computador em casa.

Presença de computador em casa			
País de nascimento	Sim	Não	Geral
Peru	10	2	12
Bolívia	2	8	10
Equador	8	0	8
Colômbia	5	2	7
Paraguai	2	3	5
Brasil	2	2	4
Venezuela	3	1	4
Chile	2	0	2
Argentina	1	1	2
Uruguai	2	0	2
República Dominicana	2	0	2
Honduras	0	1	1
Guatemala	0	1	1
Total geral	39	21	60

Fonte: pesquisa própria

⁶⁵ Entre aqueles que têm computador em casa, alguns indicaram o uso compartilhado do equipamento.

A referência aos locutórios é destacada, ainda, nas respostas daqueles sujeitos que possuem computador: dos 39 entrevistados com o equipamento em casa, 14 disseram usar a internet também nos locutórios, sendo esse uso motivado pela inexistência de conexão à rede nos domicílios apenas para o caso de cinco deles.

TABELA 21: Presença de internet em casa.

Presença de internet em casa			
País denascimento	Sim	Não	Geral
Peru	10	2	12
Bolívia	1	9	10
Equador	8	0	8
Colômbia	3	4	7
Paraguai	2	3	5
Brasil	2	2	4
Venezuela	2	2	4
Chile	1	1	2
Argentina	1	1	2
Uruguai	1	1	2
República Dominicana	2	0	2
Honduras	0	1	1
Guatemala	0	1	1
Total geral	33	27	60

Fonte: pesquisa própria

Como um indicativo dessa etapa da pesquisa, o uso simultâneo do locutório aparece vinculado à compreensão, como vínhamos propondo pensar, desses ambientes como mais do que simples prestadores de serviços. São espaços de interação, onde são estabelecidos vínculos por meio do uso das tecnologias com quem está distante, mas onde também se dinamiza uma forma de participação social que aproxima e identifica os sujeitos que passam pela experiência da migração.

Ali é possível estar informado do que acontece através dos jornais distribuídos gratuitamente ou da conversa com quem compartilha o mesmo espaço. É também onde se diluem as distâncias que separam de familiares e amigos, pela conversa no telefone ou pela troca de mensagens pela internet. É um ponto no espaço da cidade em que se reconhece com mais facilidade a presença das migrações, através, por exemplo, da necessidade de envio de dinheiro para os diferentes países de nascimento, dos símbolos evocados na decoração de cada ambiente, dos distintos modos de falar o espanhol.

Essa espécie de conforto no reconhecimento chega a aparecer nas respostas de alguns sujeitos que participaram dos questionários. Mesmo que não houvesse uma pergunta direta, foi falado sobre o locutório também como um espaço de ócio: onde é possível passar uma tarde de folga conversando com o primo pelo *Skype*⁶⁶ e vendo clipes de músicas pelo *YouTube*⁶⁷, como o que fazia uma das entrevistadas. É um lugar “onde nos sentimos um pouco em casa”, como referiu outro.

Essa proximidade das relações estabelecidas nos locutórios aparece também nas referências aos motivos da escolha de cada espaço em específico, presente nas respostas sobre como haviam conhecido o locutório e porque o frequentavam⁶⁸. Entre as razões apontadas estão a indicação de amigos ou parentes e, principalmente, o fato de morar perto, estar pela vizinhança, com referências também ao tempo de uso do locutório: “é onde eu venho desde que cheguei a Barcelona”, ou “vivo pela zona e a minha família também usa o mesmo locutório” são algumas respostas que aparecem.

A própria escolha dos locutórios como local para aplicação dos questionários já parte da consideração da importância desses ambientes para os migrantes. Também a aproximação a suas lógicas permitiu conhecer mais dos sentidos construídos sobre os locutórios para os que circulam por ali. Em um primeiro momento, programávamos a visita aos locutórios para o período da tarde, em dias de semana, mas foram necessárias poucas tentativas para perceber que, se quiséssemos encontrar um fluxo maior de pessoas, teríamos que voltar sempre depois das 19 horas e, principalmente, nos finais de semana – dias de passeio para os migrantes, o que inclui a visita ao locutório, ponto de encontro entre mundos diversos, como espaço de intersecção entre as redes mediadas pelo uso de tecnologias e as redes inseridas no ambiente social.

A aproximação aos usos da internet através dos questionários permitiu reconhecer as perspectivas interacionais da internet como as mais relevantes para os sujeitos entrevistados. Mais do que para busca de informações, a internet é usada de modo a promover um estar junto, quando a grande maioria destaca como sentido prioritário no uso da internet a possibilidade de estabelecer contatos. Sobre esses usos interacionais da internet, quando perguntados sobre com quem se comunicam através de correios eletrônicos, fóruns ou *chats*, a família apareceu em primeiro lugar para a maioria dos entrevistados, sobretudo com membros da família que seguem no país de nascimento. Depois aparecem os amigos que estão longe e,

⁶⁶ Software que permite a comunicação por voz pela Internet através de conexões sobre VoIP (voz sobre IP).

⁶⁷ Site que permite carregar, assistir e compartilhar vídeos em formato digital.

⁶⁸ A pergunta fazia referência ao local da entrevista em geral, não apenas aos locutórios.

com menor referência, os que vivem na Espanha, como colegas da universidade, contatos de trabalho ou amigos em geral, o que parece associado aos entrevistados mais jovens.

As páginas mais visitadas são majoritariamente sites de busca, páginas de correio eletrônico, grandes portais e plataformas de redes sociais, com destaque para *Google*⁶⁹, em primeiro lugar (presente no relato sobre o acesso de 38% dos entrevistados), *Hotmail* (26%) *YouTube* (25%), *Yahoo* (15%) e *GMail* (10%)⁷⁰. É importante explicar, entretanto, que essas páginas aparecem associadas com outras, em uma média de pelo menos três sites indicados por entrevistado.

Há muitas referências também a temáticas buscadas, ao invés da indicação de um site específico, pela dificuldade de recuperar a memória quanto às preferências de consumo na internet. São incluídos sites de música, sites de notícias, sites de esportes, sites de culinária, sites de banco, em indicações genéricas, com a explicitação de um modo de acesso que parte de páginas de busca até chegar a temas e conteúdos de interesse.

Aparecem também respostas como “estão em *Meus Favoritos*, mas não lembro o endereço” ou “às vezes vejo alguma coisa interessante, mas não sei como voltar”. Esse movimento fornece elementos para pensar sobre um tipo de uso que segue a própria lógica de navegação da internet, com menos ênfase na definição dos limites entre os acessos, marcada mais pelo fluxo entre diferentes interesses. Ao mesmo tempo, as respostas sinalizam os limites da técnica de pesquisa empregada, o questionário, que busca o resgate dos usos a partir da rememoração e expressão racional de uma prática marcada pela rapidez, pela efemeridade e pela possibilidade de execução de muitas atividades ao mesmo tempo.

O que os sujeitos entrevistados fazem quando estão na internet? Além do que foi respondido nos questionários, foi possível perceber, no acompanhamento dos locutórios, uma dinâmica bastante complexa entre aqueles que entram apressados para resolver uma questão pontual e vão embora, e aqueles clientes cativos, figuras conhecidas que têm preferência por computador e até agendam hora com antecedência. O locutório também é lugar para passar o tempo livre. Os programas para trocas de mensagens online, como o *MSN Messenger*, está ligado na maioria dos computadores, aparecendo entre muitas janelas que se abrem e fecham. Enquanto se conversa com um amigo, visita-se o perfil no *Hi5*⁷¹, envia-se fotos por email, escuta-se música através do *YouTube*. Talvez essa possibilidade diversa de apropriações nem

⁶⁹ Site de buscas.

⁷⁰ Com exceção do *You Tube*, sites que oferecem serviço gratuito de correio eletrônico.

⁷¹ Site de redes sociais, terceiro em número de acessos no mundo. A lista das redes sociais mais acessadas do mundo é, segundo informações da Consultoria comScore, publicadas na Folha Online de 12 de agosto de 2008 : *Facebook*, *MySpace*, *Hi5*, *Friendster*, *Orkut*, *Bebo* e *Skyrock Network*.

Ver: < <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/informatica/ult124u432626.shtml>>.

seja percebida de forma consciente, sendo muito difícil reconstituir um percurso feito de múltiplas conexões e interações.

Páginas produzidas nos países de nascimento ou que tematizem assuntos locais também aparecem entre as mais visitadas, entre elas há referências a sites de notícias da Colômbia, jornais online do Peru, de Equador e de outros países, assim como páginas de cultura e algumas páginas de comunidades virtuais organizadas a partir de eixos identitários, como a *Otavalos Online* (www.otavalosonline.com), citada por uma entrevistada de 28 anos, nascida no Equador. A página fala sobre cultura e atualidades relacionadas à comunidade andina, além de oferecer interação em chats e fóruns.

São referidas, ainda, páginas que tratam de assuntos relacionados às migrações, seja por uma perspectiva legal, como o que aparece na página do Ministério de Administração Pública da Espanha (www.map.es), seja como espaço online de publicações impressas destinadas a um público migrante, como a revista *Shock* (www.larevistashock.com), dedicada especialmente a latino-americanos.

Há outros espaços na internet relacionados com experiências identitárias citados como mais visitados, sobretudo os que abordam questões sobre consumo cultural, como o site *Batanga* (www.batanga.com), onde há informações sobre o mundo da música e são disponíveis rádios online em que estão presentes muitos ritmos latinos, como merengue, salsa, tango, tejano, bolero, cumbia e *reggaeton*, entre outros. O *reggaeton* é o universo musical evocado em outra página referida, a *Blinblíneo* (www.blinblíneo.net), intitulada a “página oficial do *reggaeton*”.

É importante lembrar que todos os sites foram elencados em uma questão aberta sobre “páginas mais visitadas”, na qual não era feita nenhuma referência direta ao país de nascimento ou ao tema das migrações. Outras perguntas do questionário foram destinadas a conhecer as “páginas do país de nascimento” e “páginas da Espanha e Barcelona” acessadas, além de “páginas sobre migrações ou dedicadas a migrantes”.

A primeira observação que precisa ser feita é quanto à artificialidade da separação do que seriam “páginas da Espanha ou Barcelona”, divisão proposta na organização do questionário, já que essa lógica territorial não é diretamente percebida nas apropriações da internet, sendo desconhecido, na maioria das vezes, o local de produção de cada site, pelo que foi indicado nas respostas. Pelo menos nos casos de sites não vinculados ao país de nascimento, os entrevistados apresentaram dificuldade em responder a esse item, afirmando, algumas vezes, não consumir páginas produzidas ou que tematizassem assuntos a partir da Espanha, ainda que elas já tivessem sido referidas entre as mais visitadas. Nos comentários

sobre sites dos países de nascimento, muitos referidos espontaneamente, ao contrário, aparecem fortes vinculações dos usos da internet com a reconstrução de um sentido de pertença territorial e identitária.

TABELA22: Visita a páginas da Espanha e Barcelona.

Visita a páginas da Espanha e Barcelona			
País de nascimento	Sim	Não	Geral
Peru	8	4	12
Bolívia	9	1	10
Equador	5	3	8
Colômbia	5	2	7
Paraguai	2	3	5
Brasil	3	1	4
Venezuela	1	3	4
Chile	2	0	2
Argentina	2	0	2
Uruguai	2	0	2
República Dominicana	1	1	2
Honduras	1	0	1
Guatemala	1	0	1
Total geral	42	18	60

Fonte: pesquisa própria

Dos 42 entrevistados (70% do total) que disseram acessar páginas da Espanha e Barcelona, ou páginas que contêm referentes a esses locais, poderíamos precisar, 12 não souberam ou não lembraram de nenhum exemplo preciso, sendo repetidas respostas como “não uso muito”, “não lembro” ou “estão na lista das páginas mais visitadas”. Entre as referidas aparecem sites de jornais (*El País* e o gratuito *Metro*), sites de banco (*La Caixa*), sites do governo (Ministério de Administração Pública, Ministério do Trabalho, Previdência Social, *Generalitat*⁷² e prefeitura), sites de companhias aéreas que oferecem a venda de passagens (*Clickair*, *SpainAir*, *Vueling*, *Rumbo*)⁷³, site de anúncios de aluguel de quartos e apartamentos, anúncios de trabalho e compra e venda de produtos (*Loquo*, *Segunda Mano*), além de indicações genéricas de visita a páginas segundo interesses específicos, como “páginas sobre meio ambiente”, “páginas de escolas de terapia” ou “cursos online”.

Uma clareza maior surge na indicação do consumo de páginas do país de nascimento, acessadas por 73,3% dos entrevistados. Aqui os sites de notícias são os mais lembrados: *El*

⁷² Instância de governo e administrativa na esfera da comunidade autônoma da Catalunha.

⁷³ Companhias aéreas que oferecem passagens de baixo custo para vôos com destinos dentro da própria Espanha e para outros países da Europa.

Mercurio (www.elmercurio.com), *El Comercio* (www.elcomercio.com.pe), *Los Tiempos* (www.lostiempos.com), *Caracol* (www.caracolnoticias.com), *Opinion* (www.opinion.com.bo), *Peru.com* (www.peru.com), *El Peruano* (www.elperuano.com.pe), *El Diario de la República* (www.eldiariodelarepublica.com), *La Razón* (www.larazon.com), *El Clarín* (www.elclarin.com) – o que indica que as mídias de cada país, em suas versões na internet, são apropriadas como lugar de referência da nacionalidade.

TABELA 23: Visita a páginas do país de nascimento.

Visita a páginas do país de nascimento			
País de nascimento	Sim	Não	Geral
Peru	9	3	12
Bolívia	9	1	10
Equador	6	2	8
Colômbia	4	3	7
Paraguai	3	2	5
Brasil	3	1	4
Venezuela	1	3	4
Chile	2	0	2
Argentina	2	0	2
Uruguai	2	0	2
República Dominicana	2	0	2
Honduras	1	0	1
Guatemala	0	1	1
Total geral	44	16	60

Fonte: pesquisa própria

Também aparecem páginas sobre temas específicos, como um de ofertas de carros (*Tu Carro* - www.tucarro.com), além de páginas sobre cultura e cotidiano de cada país, como um portal do Paraguai, com oferta de serviços, produtos e um guia de sites locais, o *Yagua* (www.yagua.com). São referidas outras páginas ligadas a demandas dos migrantes, como um site de imobiliárias no Equador em que o entrevistado havia anunciado duas casas, e, inclusive, sites que tratam diretamente de questões como emissão de passaportes, como o site *Onidex* (www.onidex.gov.ve), criado pelo governo da Venezuela.

Houve algumas indicações também de sites de grupos culturais e associações aos quais os entrevistados faziam parte antes de migrar e por meio deles mantinham vínculos com os amigos no país de nascimento, como o que contou uma entrevistada nascida na Bolívia, há sete meses em Barcelona, que acessava frequentemente o site *Urkupina* (www.urkupina.com.bo), com informações sobre grupo cultural em que atuava. Uma

entrevistada nascida no Chile referiu páginas da comunidade *mapuche* e um jornal com informações relacionadas ao povo indígena, o *Azkintuwe* (<http://www.nodo50.org/azkintuwe/>).

É possível destacar, ainda, a referência a páginas sobre turismo, música e cultura de cada país. Mesmo que poucas tenham sido citadas de forma mais precisa, foi lembrada a busca de fotos e paisagens locais, como o que relatou uma entrevistada que há 16 anos mora em Barcelona e dizia pedir ajuda ao filho para acessar páginas que mostrassem algo sobre “notícias, turismo, música e história do Equador”.

As páginas sobre temas relacionados diretamente às migrações são acessadas por um número um pouco menor, mas ainda assim muito significativo: 46,7% dos entrevistados conhecem e referem o consumo de algum espaço na internet dirigido a ou produzido por migrantes, que de algum modo tratem dessa realidade.

TABELA 24: Visita a páginas sobre migrações.

Visita a páginas sobre migrações			
País de nascimento	Sim	Não	Geral
Peru	6	6	12
Bolívia	4	6	10
Equador	6	2	8
Colômbia	4	3	7
Paraguai	0	5	5
Brasil	1	3	4
Venezuela	1	3	4
Chile	2	0	2
Argentina	0	2	2
Uruguai	2	0	2
República Dominicana	1	1	2
Honduras	1	0	1
Guatemala	0	1	1
Total geral	28	32	60

Fonte: pesquisa própria

Entre as páginas sobre migração ainda não comentadas, aparecem os sites dos jornais voltados à comunidade latino-americana que vive na Espanha, como o Latino (www.latinobarcelona.com), mesmo jornal que é distribuído nos locutórios sobre o qual já tratamos, e lojas de produtos latinos. São indicadas, ainda, comunidades virtuais em sites de redes sociais, os quais reúnem sujeitos que compartilhem a experiência da migração, como a comunidade *Latinos en extranjero*, no Hi5 (<http://hi5.com>), a comunidade *Brazucas em*

Barcelona, no *Orkut* (<http://www.orkut.com>), ou a comunidade *Barnaguay*, dedicada a paraguaios residentes em Barcelona, também no *Orkut*, citada por um dos entrevistados como uma alternativa para conhecer pessoas e fazer amigos. Através do acompanhamento das duas comunidades do *Orkut*, foi possível observar a organização de encontros presenciais entre os integrantes das comunidades e a posterior publicação de fotos e comentários sobre as atividades, sempre propostas em lugares decididos através do debate nos fóruns das comunidades e com a adesão de grupos mais atuantes em suas dinâmicas.

Além desses, foram lembrados sites de grupos e organizações migrantes (chilenos em Barcelona ou uruguaios na Catalunha, por exemplo). O site da Fedelatina (Federación de Entidades Latinoamericanas en Cataluña – www.fedelatina.org) foi citado por dois entrevistados, assim como a página da Casa América na Catalunha (www.americat.net), entidade que promove atividades culturais, econômicas e de pesquisa, visando a cooperação e o intercâmbio entre países da América Latina e a Catalunha.

São destaques também as referências a sites que abordam questões de cidadania pelo viés da ausência ou presença de documentação, da *ilegalidade*, com um caráter orientativo para seus usuários. É o que oferece o site *Sin Papeles* (www.extranjerossinpapeles.com), com informações sobre residir e trabalhar na Espanha. O site *Migrar* (www.migrar.org) também apresenta informações sobre papéis, documentação e oferece consultas para migrantes. Um mesmo entrevistado, que disse estar “buscando informações para tramitar documentos”, o que indicava sua situação irregular na Espanha⁷⁴, disse visitar a página de ONGs que explicavam leis de migração, a página do Consulado da Colômbia, além do site *Inmigración* (www.inmigración.com). Outro falou diretamente que costumava visitar um site sobre o tema durante o período em que estava “ilegal”, mas que já não lembrava mais o endereço, demonstrando um sentido bastante prático que esses espaços na internet podem ocupar, com a disponibilidade de informações sobre encaminhamentos, leis, além de permitirem a interação com outras pessoas que estejam na mesma situação.

TABELA 25: Lista de ambientes comunicacionais na internet relacionados com as migrações.

Lista de ambientes comunicacionais na internet relacionados com as migrações		
Nome	Endereço	Características
Jornal Latino	www.latinobarcelona.com	Site do jornal gratuito voltado a migrantes latino-americanos que vivem na Espanha

⁷⁴ A condição de cidadania jurídica não foi uma questão explorada nos questionários, em função da possibilidade de inibir a participação dos sujeitos que eram abordados em lugares públicos. Essa dimensão foi tratada em outro momento da pesquisa, durante as entrevistas em profundidade.

Ministério de Administração Pública	www.map.es	Site do governo espanhol com leis e atualidades sobre migração
Latinos en extranjero	www.hi5.com	Comunidade no site de redes sociais <i>Hi5</i>
Onidex	www.onidex.gov.ve	Site do governo venezuelano sobre emissão de passaportes e questões de migração
Inmigración La Caixa	http://obrasocial.lacaixa.es/inmigracion/inmigracion_es.html	Site sobre programa do banco <i>La Caixa</i> voltado para a integração de migrantes. Fundação Obra Social La Caixa
Sin Papeles	www.extranjerossinpapeles.com	Site com informações sobre residir e trabalhar na Espanha
Fedelatina	www.fedelatina.org	Site da Federação de Entidades Latino-americanas da Catalunha
Migrar	www.migrar.org	Site com informações sobre papéis, documentação, oferta de trabalho e consultoria online para migrantes
Zero60	www.zero60.es	Informações gerais sobre regularização de documentos
Inmigrantes	www.inmigrantes.com	Site com links para organizações de migrantes e informações sobre documentação
Casa América	www.americat.net	Site da entidade com divulgação das atividades promovidas
Escritório sobre migração da comunidade de Madri	http://gestiona.madrid.org/ofin_web/html/web/guia_recursos.htm?ESTADO_MENU=2	Site com informações sobre trabalho, associações de migrantes e organismos que tratam do tema na administração da comunidade autônoma de Madri
Uruguayos en Cataluña	www.uruguayosencatalunya.com/	Site da Associação <i>Uruguayos en Cataluña</i> com notícias, atividades promovidas, links para outras associações
Sin papeles	www.sinpapeles.com	Sites com orientações sobre tramitação de documentos e dicas sobre como viver e trabalhar na Espanha
Ecos del Sur	www.ecosdosur.org	Site de advogados da Galícia que discutem questões legais
Revista Shock	http://www.larevistashock.com/	Site da revista identificada como latina, voltada para a comunidade migrante, com destaque para fotos, anúncios, cobertura de eventos sociais
Migrantes en linea	http://www.migrantesenlinea.org	Site que busca reunir migrantes que vivem na Espanha. Notícias, artigos, links. Divulga informações sobre a busca de reencontro com pessoas que migraram (<i>gente que busca gente</i>) e entrada para páginas pessoais de migrantes
Anistia Internacional	www.amnistiainternacional.com	Site do organismo internacional de luta pelos direitos humanos, que trata, entre outros, do tema das migrações e dos refugiados
Hijas de la Tierra	hijasblog.blogspot.com	Blog produzido por entrevistada com outras migrantes do Chile e Peru

Fonte: pesquisa própria

Quanto às produções na internet, oito dos 60 entrevistados disseram manter algum tipo de site pessoal ou blog, embora apenas dois deles possuíssem efetivamente um blog. Os outros referiram suas participações em sites de redes sociais, com a atualização dos perfis, participação em comunidades e publicação de fotos, em espaços como *Orkut*, *MySpace* e *Hi5*. Essa participação está presente em usos da internet de um número maior de entrevistados que não interpretaram sua vinculação a esses sites como a manutenção de uma “página pessoal”, tendo sido respeitada a resposta segundo a compreensão de cada um.

Os dois produtores de blogs que responderam aos questionários, juntamente com outros seis sujeitos de Barcelona, foram entrevistados na segunda etapa da investigação sobre usos da internet por migrantes latino-americanos, quando realizamos entrevistas em profundidade, baseadas nos relatos de histórias de vida, procedimento que aprofundaremos no próximo capítulo. Os dados dos migrantes em Barcelona foram reunidos com os obtidos através de entrevistas realizadas na cidade de Porto Alegre.

4.3 Migrantes latino-americanos em Porto Alegre e usos da internet

Historicamente, o Brasil é considerado um país de migração, em função do próprio processo de colonização e do modo como se constituiu. Zamberlam (2004) faz um resgate dos diferentes momentos e a postura do estado em relação às migrações. Enquanto no período colonial a legislação portuguesa proibia a entrada de qualquer estrangeiro e estimulava a migração forçada de escravos africanos, só autorizando a entrada de outras nacionalidades no início do século XIX, no período independente, entre avanços e retrocessos, começaram as migrações estimuladas como forma de ocupar o território.

Os migrantes europeus eram trazidos para as colônias com apoio do estado (com empréstimos aos fazendeiros que contratassem migrantes e pagamento de passagens, o que na prática configurou um sistema de quase escravidão, pois os colonos acumulavam dívidas e ficavam comprometidos com os donos das terras). As colônias mistas, em que os migrantes assinavam um contrato temporário e com participação nos resultados das colheitas, e colônias de proprietários, com o financiamento ou doação de terras, principalmente no sul do país, representaram outro momento de estímulo à migração europeia no Brasil.

Os direitos e deveres dos migrantes foram mudando a partir de revisões na legislação desde então, com destaque para os controles restritivos às migrações nos períodos de governos ditatoriais, que deixaram marcas no modo como a questão passou a ser tratada a

partir de uma doutrina de segurança nacional. Até hoje está em vigor a Lei do Estrangeiro (6.815/1980), elaborada durante a ditadura militar, que proíbe, por exemplo, organização e manifestações políticas pelos migrantes, restringe o exercício de atividades remuneradas e burocratiza o processo de legalização dos estrangeiros.

O projeto de uma nova lei de migração foi encaminhado ao Congresso Nacional em 2 de julho de 2009, na mesma data em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou uma lei para regularizar a presença de estrangeiros no país. A chamada Lei da Anistia Migratória, Lei 11.961/09, autoriza a residência provisória e permite que todos os estrangeiros que estejam sem documentação e tenham entrado no Brasil até o dia 1º de fevereiro de 2009 oficializem sua situação e tenham liberdade de circulação, direito de trabalhar, acesso à saúde e educação públicas e à justiça. A medida alcança pessoas que tenham entrado irregularmente no Brasil, cujo prazo do visto de entrada tenha vencido ou que não tenha se beneficiado da última Lei de Anistia Imigratória, de 1998. A estimativa inicial do governo era beneficiar cerca de 50 mil pessoas, até 30 de dezembro de 2009, enquanto as estimativas de entidades que estudam as questões migratórias é de que existam pelo menos 200 mil migrantes sem documentação no país. Até outubro, apenas em São Paulo, mais de 13 mil migrantes tinham sido beneficiados pela nova lei.

A nova lei do estrangeiro, em tramitação no Congresso Nacional, que substituirá a lei de 1980, prevê a criação do Conselho Nacional de Migração, além de assegurar aos estrangeiros os mesmos direitos civis e sociais dos cidadãos brasileiros, mas veda sua participação em algumas atividades empresariais, entre elas a de proprietário de empresa jornalística, concessionário de jazidas, minas e demais recursos minerais e dos potenciais de energia hidráulica, assim como proíbe a aquisição de terras em região de fronteira. Entre outras mudanças, garante concessões de passaporte para estrangeiros e diversos tipos de visto (turismo, negócios, tratamento de saúde, estudos e trabalho). Ela prevê ainda que o visto permanente seja concedido ao estrangeiro com filhos e descendentes que estejam sob sua guarda e dependência econômica, que tiver notório conhecimento em sua área de atuação profissional e puder prestar serviços relevantes ao Brasil, além de realizar investimentos que gerem emprego e desenvolvimento, entre outras razões – criticadas por favorecerem um perfil de migrantes qualificados, com restrições não políticas, mas econômicas à migração. Ainda assim, se trata de um avanço em relação à lei em vigor, que criminaliza o migrante.

Outra conquista efetiva nas políticas públicas brasileiras e regionais para atender a realidade migratória foi a promulgação do Acordo de Livre Residência Para cidadãos do Mercosul, Chile e Bolívia, decreto nº 6.975, de 7 de outubro de 2009. O acordo leva em

consideração a necessidade de fortalecer e aprofundar o processo de integração e entende que a implementação de uma política de livre circulação de pessoas na região é essencial para atingir esses objetivos, além de expressar a importância da iniciativa na tentativa de combater o tráfico de pessoas para fins de exploração de mão-de-obra e na definição de regras comuns para a tramitação da autorização de residências entre os estados que compõem o Mercosul⁷⁵. Anteriormente, já existiam acordos bilaterais que facilitavam o fluxo de cidadãos entre Brasil-Argentina, Brasil-Uruguai e Brasil-Bolívia.

Além dessas mudanças na regulação das migrações no cenário brasileiro e regional, o país deixou de ser apenas um receptor no processo migratório, com a chegada de estrangeiros de diferentes nacionalidades, sobretudo no século XIX e até meados do século XX, para estabelecer-se também como um país de emigração⁷⁶, com a partida mais intensiva de brasileiros para o exterior a partir dos anos 1980, principalmente para Estados Unidos, Japão e Paraguai. Também foi incrementado o fluxo de brasileiros para Europa, inicialmente Itália e Alemanha, depois a Portugal e Espanha. Mais recentemente, o Brasil volta a se destacar como país escolhido como destino de migrantes, sobretudo no cenário regional, onde se sobressaem os fluxos de bolivianos para São Paulo, uruguaios e argentinos para o Rio Grande do Sul, entre outros.

A concepção do Brasil como país de migrantes pode ser expressa na diversidade cultural e na constituição étnica plural nas diferentes regiões do país e dentro dessas mesmas regiões. No Rio Grande do Sul, essa diversidade pode ser facilmente percebida pela presença de descendentes de migrantes europeus, das antigas colônias de povoação, principalmente alemães, italianos, açorianos, além de russos, poloneses, holandeses, japoneses, combinada com a presença de descendentes dos africanos escravos, além de uma grande quantidade de outras nacionalidades. A mistura dessas etnias está presente na formação do povo brasileiro, sendo responsável por debates teóricos a respeito do país visto como “cadinho cultural”, ou

⁷⁵ O Mercosul é composto pelos Estados parte Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, tendo como países associados Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. São signatários do acordo apenas os Estados parte, Chile e Bolívia. Em dezembro de 2009, após dois anos de debate, o Senado brasileiro ratificou o protocolo de adesão da Venezuela ao bloco, o que passou a depender apenas do trâmite no Congresso paraguaio para entrar em vigor. Até então, o Brasil tinha acordo bilateral de livre circulação com o Uruguai e a Argentina, em vigência desde 2006. Apesar da conquista, entidades da sociedade civil, como a rede Espaço sem fronteiras (<http://espaciosinfronteras.wordpress.com>), apontam os desafios para que o acordo seja efetivamente cumprido, o que passa por uma implementação lenta e que não considera os entraves em cada país e a falta de informação da comunidade migrante.

⁷⁶ Segundo Patarra (2005), dados do Ministério de Relações Exteriores junto aos consulados e embaixadas brasileiras indicam que o total de brasileiros registrados no exterior era de 1.419.440, em 1996, elevando-se para 1.887.895, em 2000, e 2.041.098, em 2002, com ligeiro declínio em 2003, ano em que foram registrados 1.805.436 brasileiros vivendo fora do país.

como fruto de uma herança lusitana e indígena responsável por uma estrutura patriarcal e personalista, por exemplo.

Apesar dessa aparente celebração da mestiçagem como constituinte da identidade nacional, essas mesclas não se dão sem conflitos e preconceitos, que estiveram presentes no processo histórico, assim como podem ser percebidos com relação à diversidade migratória atual. É o que indica, por exemplo, o Relatório de Desenvolvimento Humano, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁷⁷. O levantamento revela que a população brasileira tende a defender restrições à migração: apenas 9% da população é a favor de liberar entrada de estrangeiros no país. Os dados indicam, ainda, que 43% dos brasileiros são a favor de limitar ou proibir a migração. Outros 45% dizem que o Brasil deve “permitir que as pessoas cheguem desde que haja empregos disponíveis”. Segundo o relatório⁷⁸, a posição dos brasileiros é parecida com a de outros países da América Latina, como Argentina e México, em que o apoio a regras restritivas é de 39% da população. Atitude semelhante é encontrada em países europeus como a própria Espanha, onde a rejeição é de 43%, e a Itália, de 42%.

O indicativo de certa rejeição da população brasileira à livre circulação de pessoas parece contraditório, ou pelo menos descontextualizado, pois vivemos um momento de menor concentração de população estrangeira em relação à população local. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do Censo Demográfico de 2000, o país possuía 683.982 migrantes, o que equivalia a apenas 0,40% da população. Este índice chegou a 6,20%, em 1900, e 5,11%, em 1920.

Os grupos migrantes mais presentes no Brasil, ainda segundo o IBGE, Censo 2000, eram portugueses, 213,2 mil; japoneses, 70,9 mil; italianos, 55 mil; espanhóis, 43,7 mil; paraguaios, 28,8 mil; argentinos, 27,5 mil; e uruguaios, 24,7 mil. É importante ressaltar, entretanto, que os dados estatísticos sobre a presença migratória no Brasil são insuficientes e muito diversos, apresentando grandes diferenças conforme a fonte de pesquisa, o que se intensifica se consideramos as estimativas projetadas por entidades migrantes.

A dificuldade para recuperar dados de um contexto tão complexo, e diante de situações de presença migratória considerada irregular (pela falta de documentação dos migrantes), movimento não refletido nos dados oficiais, fazem com que os levantamentos recuperados sejam apenas indicativos do cenário das migrações transnacionais no território

⁷⁷ Disponível para consulta em: <www.pnud.org.br/rdh>.

⁷⁸ Fonte: matéria publicada no site PNUD Brasil. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/cidadania/reportagens/index.php?id01=3323&lay=cid>>. Acesso em: 23 out.2009.

brasileiro⁷⁹. Diferentemente do que acontece na Espanha, onde a Secretaria de Estado de Imigração e Emigração publica informes trimestrais, não existe um órgão de pesquisa do governo dedicado exclusivamente ao levantamento de dados e estudo das migrações.

Para além dos levantamentos censitários, que não contemplam especificamente a questão migratória, quem ocupa esse papel são os grupos de pesquisas das universidades, a exemplo do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM)⁸⁰, sediado no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ), e as entidades ligadas à sociedade civil ou vinculadas à igreja católica, como a Pastoral do Migrante⁸¹, o Instituto Migrações e Direitos Humanos⁸², mantido pela congregação dos Scalabrinianos, assim como o Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM)⁸³, entre outros, como o próprio CIBAI-Migrações⁸⁴, sediado em Porto Alegre, que apresentaremos adiante, e o Centro de Apoio ao Migrante (Cami, de São Paulo)⁸⁵.

Apenas como exemplo da disparidade dos dados sobre a presença de migrantes transnacionais no Brasil, a Pastoral do Migrante trabalhava, em 2005, com uma estimativa de 1,8 milhão de estrangeiros no país. Patarra (2005) chama a atenção para o contraste com as informações do Ministério da Justiça, segundo as quais o número de migrantes, após uma estabilidade de dez anos, havia baixado de um milhão para 830 mil⁸⁶, dos quais São Paulo concentraria mais da metade, 440 mil, seguido do Rio de Janeiro, com quase 200 mil.

Ainda segundo Patarra (2005), os países de nascimento dos migrantes transnacionais no Brasil nas últimas décadas, considerando mais uma vez o Censo 2000, estiveram concentrados no Mercosul Ampliado (Estados parte e países associados), respondendo por cerca de 40% dos migrantes transnacionais, seguidos dos migrantes da Europa (mais de 20%), Ásia (12,5%) e América do Norte (9,1%). “Essas evidências indicam, por um lado, que o país aumentou sua inserção nas migrações do Mercosul, por outro, houve uma relativa retomada das migrações de ultramar, com fluxos de Europa e Ásia. Ressalte-se ainda que a imigração internacional norte-americana recente está relacionada à alocação temporária de mão-de-obra qualificada” (PATARRA, 2005, p. 28). A autora contrapõe os dados censitários com

⁷⁹ A dificuldade para o levantamento dos dados sobre a presença migratória é atribuída por Patarra e Baeninger (2006), entre outros fatores, pela fato de o controle da migração ser uma atribuição de três órgãos: Ministério da Justiça, Ministério de Relações Exteriores e uma parte do Ministério do Trabalho.

⁸⁰ Com lista de discussão aberta a interessados no tema das migrações e atuando em rede com outros grupos: <http://br.groups.yahoo.com/group/niem_rj/>.

⁸¹ <http://www.pastoraldomigrante.com.br/>.

⁸² <http://www.migrante.org.br/>.

⁸³ <http://www.csem.org.br/>.

⁸⁴ <http://pompeiacibai.zip.net/>.

⁸⁵ <http://www.cami-spm.org/>.

⁸⁶ Já em atualização aos dados do Censo 2000, que indicavam 683.982 migrantes.

levantamentos de pedidos de vistos específicos no Ministério do Trabalho para constatar essa desigualdade na inserção laboral dos diferentes coletivos migrantes: com os pobres não documentados – oriundos principalmente de países sul-americanos – e, em menor número, migrantes documentados, mão-de-obra qualificada, empresários e pessoal de ciência e tecnologia – de origem europeia e americana.

Em função do processo de Anistia para Estrangeiros, os dados de 2009 tenderão a chegar mais próximo da realidade migratória no Brasil, pois muitos dos migrantes sem documentação poderão se registrar. Em um levantamento feito a partir dos registros nacionais de estrangeiros na Polícia Federal no mês de novembro, eram 1.336.404 migrantes residindo em território brasileiro⁸⁷. A região Sudeste é que apresenta um número maior de migrantes, chegando a 1.042.246, ou 78% do total, seguida da região Sul, com 163.138 migrantes, ou 12,13%. A região Nordeste, segundo esse levantamento, apresenta 53.467 migrantes (4%), a Centro-Oeste, 42.661 (3,19%), e a região Norte, 35.892 migrantes (2,68%). Os estados com mais presença migratória, segundo o levantamento de novembro de 2009, são: São Paulo (707.114 migrantes), Rio de Janeiro (285.584), Paraná (70.022), Rio Grande do Sul (64.969), Minas Gerais (40.188) e Bahia (30.661).

Diante de um cenário plural – e até mesmo desigual – que marca a presença das migrações no país, de certa estabilidade do número de migrantes, acompanhada de um indicativo de desconfiança na população com a entrada de estrangeiros no país e da insuficiência de dados que ajudem a melhor entender essa realidade, e apesar do avanço de políticas públicas que tratem da questão, o que percebemos é a construção de um sentido de invisibilidade dos processos migratórios transnacionais no Brasil.

Com exceção de situações de crise e conflito, as migrações transnacionais pouco são abordadas pela mídia nacional, perdendo lugar para um tratamento da migração a partir do resgate de uma perspectiva história, com matérias sobre os legados das colônias de migrantes europeus no século XIX, como aponta Cogo (2006) sobre a tematização das migrações na mídia impressa brasileira. É observado também que, enquanto as migrações contemporâneas no cenário brasileiro pouco são tratadas pela mídia, as dirigidas à Europa e Estados Unidos aparecem nas editoriais internacionais. Mesmo situações conflitivas como a exploração da

⁸⁷ O levantamento foi feito através de consulta à base de dados nacional da Polícia Federal a partir da delegacia de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Importante destacar que os dados variam a cada dia, em função da grande procura por registro incentivada pelo processo de anistia e são incluídos estrangeiros em situação regular no país registrados na Polícia Federal. A pesquisa foi feita graças à ajuda de uma estudante do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unifra, em Santa Maria, que é funcionária da Polícia Federal, pois os dados não são de domínio público e a consulta precisou ser realizada a partir da consulta por nacionalidade e região no banco de dados interno da Polícia Federal.

mão-de-obra de migrantes bolivianos em oficinas de costura em São Paulo não são aprofundadas por coberturas midiáticas e parecem já entrar para a ordem dos assuntos sobre os quais pouco nos mobilizamos, a exceção da atenção depositada pelas mídias alternativas e pelas entidades civis de apoio às migrações, além de raras iniciativas da grande mídia.

Trata-se apenas de um exemplo para marcar a diferença do modo como o tema das migrações, através da repercussão midiática, ganha espaço de debate e reflexão no contexto brasileiro, em relação ao que acontece na Espanha, outro cenário que compõe a análise da pesquisa. Mesmo as mudanças na lei do estrangeiro e a lei da anistia pouco repercutiram na opinião pública, a julgar pelas matérias que reproduziram o discurso oficial e foram divulgadas somente no dia da assinatura do decreto, quando diferentes coletivos migrantes foram a Brasília e ouviram do presidente da República que ele, como migrante (do Nordeste para o Sudeste do país) estava atento à necessidade de se humanizar a política acerca das migrações⁸⁸.

Essa situação de invisibilidade, como referimos, é quebrada em momentos que exigem posicionamentos mais duros da política de relações internacionais, como aconteceu a partir dos repetidos episódios de brasileiros deportados ou impedidos de entrar na Espanha, intensificados desde 2007, fazendo com o que o governo brasileiro adotasse o Princípio da Reciprocidade e endurecesse, por determinado período, a entrada de espanhóis no território nacional.

Nesse cenário, em que o Brasil se propõe a uma forte política exterior e em que se destaca como importante líder regional, ganha espaço também como foco da migração de latino-americanos e, mais especialmente, migrantes de países que constituem o Mercosul, como vimos. Com destaque no crescimento econômico e em investimentos na área acadêmica e de pesquisa, o país chegava a ocupar, em 2002, o terceiro lugar em ordem de importância na América Latina como receptor da migração de população latino-americana (PATARRA, 2002). Embora a maior parte da população migrante se dirija para os grandes centros urbanos do Sudeste, Porto Alegre se consolida como um espaço importante para a presença migratória.

4.3.1 Cenário da migração transnacional em Porto Alegre

⁸⁸ Em uma observação geral da mídia, sem nenhum aprofundamento metodológico, percebemos que somente no final do ano, com a proximidade do término do prazo para entrada de pedidos de anistia, mais matérias passaram a ser produzidas.

Localizada à margem esquerda do lago (conhecido como rio) Guaíba, com uma área de 496,8 km² e uma população de 1.438.830 habitantes, a capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, é a capital mais meridional do Brasil e localiza-se no centro do Mercosul, com posição privilegiada em relação a outras cidades, equidistante tanto de Buenos Aires e de Montevidéu, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal⁸⁹, a cidade possui um índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,865, o que a coloca como a capital com melhores níveis de educação, longevidade e renda do Brasil (ONU, 2000), com uma expectativa de vida de 71,59 anos e uma taxa de alfabetização de 96,55%. Entre títulos e conquistas destacados pela administração municipal aparecem o de metrópole com melhor qualidade de vida do Brasil (ONU, 1996, 1998 e 2002) e o de Capital Cultural do Mercosul (2000), além de referências a afinidades culturais, comerciais e históricas com países do Prata, relevante para a integração do Rio Grande do Sul ao Mercosul.

TABELA 26: Município de Porto Alegre.

Dados do município de Porto Alegre	
População Total (2008)	1.438.830 habitantes
Área (2008)	496,8 km ²
Densidade Demográfica (2008)	2.896,0 hab/km ²
Taxa de analfabetismo (2000)	3,45 %
Expectativa de Vida ao Nascer (2000)	71,59 anos
Coeficiente de Mortalidade Infantil (2007)	11,90 por mil nascidos vivos
Exportações Totais (2008)	U\$ FOB 1.228.626.776
Data de criação:	23/08/1808 (Alvará de criação)
Município de origem:	Um dos 4 municípios iniciais do RS

Fonte: FEE - Fundação de Economia e Estatística (www.fee.tche.br)

A aproximação com países como Uruguai e Argentina, com os quais o Rio Grande do Sul faz fronteira, não é apenas geográfica, mas também cultural, construída em torno da cultura gaúcha. Trata-se de uma manifestação heterogênea, baseada em heranças e apropriações de culturas múltiplas. Entretanto, mesmo assumindo características diferenciadas de acordo com a região e os diferentes grupos étnicos que habitam a região, a ideia hegemônica de cultura gaúcha é baseada na mitificação do gaúcho (ou *gaucho*, no Uruguai e Argentina): a cultura regional promove a unificação cultural da heterogeneidade dos grupos existentes no estado, em torno de um imaginário de vida rural e a figura masculina do homem dos pampas, comum à região fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina.

⁸⁹ Disponíveis em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso: 4 out.2009.



ILUSTRAÇÃO 12 - Mapa do RS no MERCOSUL. Fonte: FEE - RS

Apesar da presença do negro, do índio e dos migrantes alemães, italianos e açorianos (além de uma minoria de poloneses, russos, holandeses, japoneses, judeus e outros) na formação do estado, a tradição e a história tendem a representar o habitante local como um tipo social único: “o gaúcho, o cavaleiro e o peão da estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul” (OLIVEN, 1992, p. 50). Entre elementos comuns da cultura gaúcha estão hábitos, como o consumo do churrasco, do chimarrão ou mate; além de manifestações expressas na música, com ritmos comuns, a exemplo da milonga; um linguajar compartilhado, com muitas palavras e expressões usadas no Rio Grande do Sul a partir de influências da língua espanhola; uma “cultura do frio”, em função do clima subtropical; entre outros.

Além disso, no Rio Grande do Sul, a cultura regional gaúcha é marcada pela “ênfase das peculiaridades do estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil” (OLIVEN, 1992, p. 47). Segundo Oliven, este é justamente um dos principais suportes da construção social da identidade gaúcha. A posição singular em relação ao Brasil se deve ao isolamento geográfico do estado, à integração tardia ao resto do país, às características geográficas, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na cultura nacional (OLIVEN, 1992). Todas essas peculiaridades contribuem para a construção da identidade cultural no Rio Grande do Sul em torno de um imaginário de distinção em relação ao restante do país, a partir da afirmação do estado como o mais politizado, com

melhores níveis de educação, com melhores condições de vida – o que, em parte, é apoiado por indicadores como os que referimos. Ao mesmo tempo, leva à valorização da colonização europeia como responsável pelo diferencial econômico, o que pode causar um não reconhecimento da diversidade cultural local.

Em Porto Alegre, apesar de predominantemente urbana e mesmo que se proponha a um projeto cultural mais plural, que dê espaço para diferentes expressões culturais, as manifestações hegemônicas da cultura gaúcha se vêm bastante representadas. Também a afinidade cultural e comercial com os países do Mercosul parecem valorizados como forma de marcar a integração e um lugar de destaque como cidade estratégica na região.

O cenário da migração transnacional em Porto Alegre, marcado pela presença de uruguaios, argentinos e outros coletivos, é bastante diferente do encontrado em Barcelona. A escolha da cidade para um segundo momento do trabalho de pesquisa empírica deve-se a dois principais motivos. Primeiro por constituir-se como um espaço social em que as migrações são significativas, sobretudo por sua proximidade com outros países da América Latina e por sua trajetória histórica de trocas e aproximações com coletivos migrantes. Porto Alegre constitui-se historicamente como um pólo de recepção de migrantes, desde a época das ditaduras militares em países da América Latina, como relatam alguns dos entrevistados da pesquisa que escolheram migrar para Porto Alegre por razões políticas. A cidade é considerada também como um lugar de trânsito, pela facilidade de entrada pelas fronteiras fluídas do Rio Grande do Sul com Uruguai e Argentina e pela proximidade com outros países.

Destacamos, ainda, a relação com o espectro geográfico e territorial da Unisinos e a possibilidade de nos valermos do conhecimento anterior sobre um conjunto de dados construídos a respeito dos meios de comunicação e migrações em Porto Alegre, por meio de pesquisas realizadas pelos grupos de investigação com os quais colaboramos. A proposta de compor a pesquisa a partir de dois contextos empíricos diferentes deve-se, ainda, à possibilidade de contrapor experiências migratórias de modo a melhor entender como se relacionam com usos da internet. Neste sentido, Barcelona e Porto Alegre compõem espaços urbanos importantes das migrações transnacionais dirigidas à Espanha e ao Brasil e, de forma mais ampla, no cenário das relações entre América Latina e Ibero-américa. Além disso, a perspectiva transnacional das migrações demanda, em certo sentido, esse olhar não dirigido a apenas um único território ou espaço urbano.

No Rio Grande do Sul, em novembro de 2009, eram 64.969 estrangeiros registrados na Polícia Federal. Destes, 23.859 residiam em Porto Alegre, o que revela a importância do município quanto à presença migratória no estado. Ainda segundo o levantamento feito no

banco de dados da Polícia Federal, dos registros de estrangeiros em todo o Rio Grande do Sul, as nacionalidades mais presentes são:

TABELA 27: Presença migratória no RS.

Presença migratória no Rio Grande do Sul		
	País de nascimento	Estrangeiros registrados
1	Uruguai	23.044
2	Argentina	5.577
3	Itália	4.294
4	Estados Unidos	4.007
5	Alemanha	3.863
6	Portugal	3.653
7	Espanha	1.806
8	Chile	1.666
9	Japão	1.613
10	República Popular da China	1.387
11	Polônia	1.362
12	Jordânia	1.149
13	Paraguai	791
14	Colômbia	730
15	Peru	728
16	França	723
17	Senegal	672
18	Rússia	640
19	Bolívia	620
20	República da Coreia	475
21	México	344
22	Canadá	324
23	Líbano	302
24	Romênia	289
25	Equador	254
26	Angola	250
27	Suíça	228
28	Áustria	206
29	Bélgica	199
30	Filipinas	174
31	Cabo Verde	171
32	Índia	163
33	Venezuela	153
34	Palestina	150
35	Panamá	137
36	Iugoslávia	115
37	Cuba	114
TOTAL (apenas das nacionalidades mais presentes, o que não refere o total de 64.969 estrangeiros registrados)		62.373

Fonte: Polícia Federal

A partir dos dados da Polícia Federal, percebemos que o coletivo migrante mais presente no contexto gaúcho é o uruguaio, com 35,5% do total de estrangeiros residentes no estado. Em segundo lugar, mas com um número de estrangeiros bem menor, aparece o coletivo argentino, com 8,6% dos estrangeiros. Outras nacionalidades se fazem presentes de forma importante, como a italiana (6,6%), norte-americana (6,16%), alemã (5,94%),

portuguesa (5,62%) e espanhola (2,77%). Outras nacionalidades aparecem de forma menos expressiva no Rio Grande do Sul e por isso não foram incluídas na tabela 13.

Entre os latino-americanos, além dos uruguaios e argentinos, temos uma presença migratória destacada de chilenos (2,56%), paraguaios (1,21%), colombianos (1,12%), peruanos (1,12%), bolivianos (0,95%), mexicanos (0,53%) e equatorianos (0,39%), além de outros coletivos, como indica a tabela abaixo.

TABELA 28: Presença de latino-americanos no RS.

Presença de latino-americanos no Rio Grande do Sul		
	País de nascimento	Estrangeiros registrados
1	Uruguai	23.044
2	Argentina	5.577
3	Chile	1.666
4	Paraguai	791
5	Colômbia	730
6	Peru	728
7	Bolívia	620
8	México	344
9	Equador	254
10	Venezuela	153
11	Panamá	137
12	Cuba	114
TOTAL		34.158

Fonte: Polícia Federal

Embora os dados sejam relativos a todo o Rio Grande do Sul e devam ser relativizados por todas as questões que já expusemos sobre os limites dos dados oficiais sobre a presença migratória, servem como um indicativo desse cenário, de modo a podermos pensar também sobre o modo como esses coletivos se fazem presentes na capital do Rio Grande do Sul, escolhida para delimitarmos a aproximação qualitativa aos migrantes latino-americanos e seus usos da internet. Esses indicativos foram usados também para selecionar os sujeitos que participariam das entrevistas em profundidade, de modo a privilegiar os coletivos migrantes mais significativos e também garantir uma pluralidade da amostra.

A compreensão da presença migratória em Porto Alegre é ampliada pelo reconhecimento de relações históricas da cidade com diferentes países da América Latina e do Mercosul, desde as migrações motivadas por razões políticas, no período de ditaduras militares, nos anos 1960 e 1970, reatualizadas pela construção de um imaginário local como uma das principais portas brasileiras de entrada ao Mercosul, pela condição de capital de um estado fronteiriço, marcado por mesclas entre culturas e heranças de descendentes de portugueses, espanhóis, italianos e alemães, entre outros grupos que colonizaram a região.

Sua afinidade cultural, econômica e social com os países vizinhos é alimentada pela proximidade que mantém com importantes cidades, fator importante na integração do estado ao restante da América Latina. Porto Alegre está a 1.063 quilômetros de Buenos Aires, 890 quilômetros de Montevideu e 1.102 quilômetros de Assunção, o que a torna um ponto estratégico para entrada ao Brasil.

Apesar dos altos índices de educação, renda e qualidade de vida, o que lhe atribui um status diferenciado em relação a outros municípios de porte semelhante no restante do país, por sua condição de centro de uma região metropolitana formada por 31 municípios, apresenta uma série de características comuns a outros espaços urbanos de alta concentração populacional, como segregação do espaço urbano, com aumento das periferias em contraste com valorização de áreas residenciais e condomínios fechados, empobrecimento e deterioração dos espaços do centro da capital, concentração de renda, violência urbana, entre outros tantos problemas que caracterizam conglomerados urbanos da América Latina.

Como aproximação ao cenário encontrado em Barcelona, Porto Alegre destaca-se, nos últimos anos, por um conjunto de iniciativas que a colocam como uma cidade marcada pela discussão de projetos sociais, políticos e culturais que prevêm a participação dos cidadãos nas dinâmicas urbanas. Foi o que chamou a atenção do restante do país e do mundo quanto à experiência do Orçamento Participativo⁹⁰, implantado pela administração municipal em 1989, durante governo do Partido dos Trabalhadores, que durou 16 anos.

A grande projeção de Porto Alegre enquanto espaço democrático, de diversidade e de mobilização se deu através do Fórum Social Mundial, organizado e sediado na cidade nos anos de 2001, 2002, 2003, 2005 e 2010. O evento, com a participação de movimentos sociais, ONGs e entidades de diferentes países, constitui-se como um movimento internacional de oposição ao que identificam como globalização neoliberal, sobretudo como contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos, que ocorre anualmente na mesma época, reunindo lideranças políticas e empresários, além de acadêmicos e representantes de organizações mundiais, que discutem questões ligadas à economia global. Porto Alegre também foi o local escolhido para sediar a primeira edição do Fórum Social Mundial das Migrações, em 2005, evento de onde saiu uma agenda dos movimentos sociais envolvidos, baseada na ideia de cidadania global.

⁹⁰ Segundo Wampler (2008), “o Orçamento Participativo é um processo decisório que se estende por todo o ano fiscal. Em assembleias organizadas com esse fim, os cidadãos se engajam, juntamente com funcionários da administração, em negociações sobre a alocação de gastos que envolvam novos investimentos de capital em projetos tais como clínicas de assistência médica, escolas e pavimentação de vias públicas”. Depois de inaugurado pelo governo do PT na prefeitura de Porto Alegre, em 1989, foi adotado por mais de 300 prefeituras brasileiras entre 1989 e 2004, além de cidades em pelo menos outros 30 países.

Outras iniciativas aproximam Porto Alegre e Barcelona, como o movimento para impulsionar o uso de softwares livres, incluindo sua adoção nas administrações municipais. Durante a Conferência Mundial sobre Desenvolvimento de Cidades, realizada em Porto Alegre, em 2008, os dois municípios propuseram a criação de uma premiação para cidades com boas práticas cidadãs, o Prêmio Cidades Inclusivas. Como outro exemplo da parceria, o Cibernarium, projeto de inclusão digital, é uma iniciativa da Comunidade Europeia, coordenada pela prefeitura de Barcelona. Em Porto Alegre, o Cibernarium funciona na Usina do Gasômetro, com cursos e oferta de acesso gratuito a computadores e à internet. No Brasil, o projeto foi implantado também em São Paulo.

As diferenças quanto à presença migratória se dão, sobretudo, em função da invisibilidade social que o fenômeno assume em Porto Alegre, em parte explicada pelo menor número de migrantes em termos absolutos. Enquanto, em Barcelona, a população migrante equivale a cerca de 15% da população total do município, em Porto Alegre o índice de migrantes, a partir dos dados de que dispomos, representaria algo em torno de 1,65% da população. Essa diferença marca um modo diverso de ser migrante nas duas cidades, mas não exclui uma série de semelhanças que a experiência do deslocamento traz nas trajetórias dos sujeitos, de modo a refletirem-se também nos usos da internet.

4.3.2 Percurso metodológico no contexto das migrações em Porto Alegre

A pesquisa empírica em Porto Alegre previu uma entrada mais qualitativa, que consistiu na busca e seleção de sujeitos para entrevistas em profundidade a partir do contato com as redes de migrantes que já conhecíamos através de entidades associativas políticas e culturais, entidades vinculadas a grupos da Igreja Católica e também às próprias redes de migrantes, a partir de um levantamento sobre trajetórias de usos da internet encontradas em dados empíricos de duas investigações já desenvolvidas no contexto local. Não foi desenvolvido o mesmo movimento exploratório realizado em Barcelona em função, como já expusemos, da familiaridade com a realidade local.

A retomada do material coletado em outras pesquisas realizadas anteriormente permitiu um aprofundamento da reflexão sobre as relações entre migração e usos da internet, pois nenhuma das investigações anteriores tinha o foco centrado exclusivamente nesse aspecto. Na pesquisa desenvolvida através do projeto de cooperação internacional Brasil-Espanha, que resultou no livro “Migraciones transnacionales y medios de comunicación:

Relatos desde Barcelona y Porto Alegre” (COGO; GUTIÉRREZ; HUERTAS, 2008), o objetivo era estudar a inter-relação entre meios de comunicação e processos migratórios através de 140 entrevistas com migrantes latino-americanos e europeus nos dois contextos. Além da colaboração na concepção da pesquisa, nas discussões teóricas e no trabalho de campo, participamos na análise relativa ao consumo dos meios de comunicação pelos migrantes, o que resultou em um artigo (HUERTAS; BRIGNOL, 2008) em que destacamos alguns usos da internet identificados entre os sujeitos entrevistados.

A internet aparece na pesquisa como o terceiro meio mais importante para informação dos migrantes analisados, depois da TV e da mídia impressa, mas ganha um consumo maior entre latino-americanos do que entre europeus, sobretudo para os migrantes mais jovens (entre 15 e 24 anos). Como outro dado importante apontado pela pesquisa, cerca de 85% dos entrevistados buscar notícias do seu país de nascimento, dos quais 30% costumam consultar a mídia local e, destes, 70% o fazem através da internet, enquanto os outros 30% ainda procuram comprar a versão impressa. Como principal diferença entre os usos da internet em Porto Alegre e Barcelona, durante a pesquisa, percebemos uma importância maior dos espaços públicos de acesso pago à internet na capital catalã, enquanto que, em Porto Alegre, observamos a busca por alguns poucos locais que oferecem acesso gratuito (como laboratórios das universidades e salas ligadas a projetos sociais e comunitários), assim como o uso dos cibercafés que, diferentemente do que acontece em Barcelona, são amplamente usados pela população local de uma forma geral.

Na outra investigação em que participamos, que também resultou na publicação de um artigo (COGO, BRIGNOL, 2009), da mesma forma percebemos que, em Porto Alegre, os usos da internet se reordenam no cotidiano dos entrevistados, por exigência da própria experiência da migração, que demanda, por exemplo, um uso mais efetivo do email e dos programas de chat para a comunicação com a família e amigos, assim como para a leitura da versão online das mídias dos países de nascimento. Nessa investigação, encontramos casos de aprendizado de uso da internet em bibliotecas públicas, universidades e em locais públicos, como os cibercafés, cujos valores cobrados para acesso da internet foi considerado muito caro por parte dos entrevistados.

Dessas experiências, aproveitamos toda a observação sobre a dinâmica migratória em Porto Alegre, que nos fez reconhecer, entre outras características, seu caráter fluido e plural, com a dispersão dos migrantes em diferentes bairros e regiões da cidade, de modo a não constituir pontos localizados no cenário urbano, marcados mais fortemente pela presença migratória, em espécies de guetos, como podemos identificar em outras cidades, até mesmo

como o que percebemos em Barcelona, em que alguns bairros começam a ser ocupados preferencialmente por estrangeiros. Além disso, Porto Alegre destaca-se como receptora de migrantes há mais tempo do que Barcelona.

A diversidade da própria população local, formada por mesclas étnicas que garante uma pluralidade de características fenotípicas, aliada à dispersão dos migrantes pela cidade, fazem com que estes não sejam facilmente identificados no espaço urbano, a não ser por questões como o sotaque e a fala do português misturado com o espanhol, o portunhol, indicado por muitos como a principal marca distintiva em relação ao restante da população. Embora não exista um local que congregue diferentes coletivos migrantes, ainda assim podemos localizar alguns pontos da cidade em que mais facilmente é possível visualizar a presença de latino-americanos, em função, por exemplo, de atividades profissionais que exercem ligadas à produção cultural.

Um destes pontos é o bairro Cidade Baixa, bem próximo ao centro da cidade, repleto de bares e restaurantes que garantem uma vida noturna bastante ativa e certo estilo de vida boêmio. Ali encontramos estabelecimentos gerenciados ou de propriedade de latino-americanos, especialmente de uruguaios, assim como clubes ou salões com aulas de danças de ritmos latinos, ministradas por migrantes, além da presença de sujeitos que vendem artesanato ou outras produções autorais, como poesia e CDs de música, pelos bares e restaurantes. Próximo à Cidade Baixa, no parque da Redenção, a presença de latino-americanos também se faz visível na feira de venda de produtos artesanais, conhecida como Brique da Redenção, que acontece aos sábados e domingos. Também é no parque da Redenção que se reúne um grupo de percussão formado por uruguaios para ensaios que acontecem ao ar livre durante os finais de semana. O centro da cidade é o local escolhido para grupos musicais compostos por latino-americanos, como bolivianos e peruanos, fazerem suas apresentações, principalmente nas imediações da praça da Alfândega e da conhecida Esquina Democrática, no cruzamento da rua dos Andradas e a avenida Borges de Medeiros.

Certamente esses locais dizem muito pouco em relação à diversidade da presença latino-americana em Porto Alegre, composta por sujeitos que atuam em diferentes atividades profissionais e com níveis sócio-econômicos também muito diversos. Isso sem falarmos na diferença entre aqueles migrantes que há muitos anos residem na cidade e aqueles recém chegados. Estes locais da cidade são apenas sinalizadores de um tipo de presença migratória, talvez a mais visível no cenário urbano.

O centro da cidade também é um local estratégico para a reunião dos grupos e associações migrantes, como o Centro Cultural Peruano e o Centro Cultural e Social Chileno,

que conhecemos da experiência das investigações anteriores e serviram de referência para o contato com migrantes e a seleção de possíveis entrevistadas para a pesquisa qualitativa sobre usos sociais da internet. O grupo de peruanos, sob a coordenação de um migrante com uma história de atuação em movimentos comunitários e de latino-americanos na cidade, participava todos os sábados de uma feira gastronômica que reunia diferentes grupos étnicos na praça Brigadeiro Sampaio, no início da Rua dos Andradas, bem próxima à Usina do Gasômetro. Com a extinção da feira, o grupo continuou se reunindo aos sábados para almoços de culinária típica peruana, realizados em um bar nas imediações da praça. Foi lá que marcamos o encontro com uma das entrevistadas e pudemos conhecer mais sobre a dinâmica associativa e festiva do centro cultural.

Também é no centro da cidade, próximo à estação rodoviária, que se localiza um dos espaços estratégicos de encontro e apoio às migrações em Porto Alegre, o CIBAI-Migrações (Centro Ítalo-brasileiro de Apoio às Migrações), mantido por uma congregação da Igreja Católica formada por padres, missionários e leigos scalabrinianos⁹¹, que surgiu em 1959 com o objetivo de atender aos migrantes italianos e passou a atuar junto a outros coletivos que foram se incorporando ao cenário migratório local. O CIBAI-Migrações mantém sua sede na igreja de Nossa Senhora da Pompéia, na rua Dr. Barros Cassal, onde são realizadas celebrações religiosas que buscam integrar a comunidade migrante (inclusive com missas em espanhol e italiano) e também possui um espaço social que é usado por grupos de diferentes nacionalidades para promover encontros, reuniões e festas.

O CIBAI-Migrações organiza campanhas informativas, organiza eventos, presta assistência a migrantes, orienta e encaminha quanto a processos de cidadania jurídica, promove reuniões com grupos de diferentes nacionalidades, além de servir como referência e local de encontro de migrantes de várias procedências que chegam a Porto Alegre, destacando-se pelo atendimento jurídico, psicológico e social dos migrantes. Além disso, a entidade estabelece vínculos com outros centros de pesquisa, universidades e várias

⁹¹ A congregação dos Missionários de São Carlos ou Scalabrinianos tem a finalidade de atuar com os migrantes e tem sua história marcada pela trajetória de João Batista Scalabrini (1839-1905), nascido em Fino Mornasco, uma pequena cidade ao norte da Itália. Scalabrini teve como grande preocupação a migração de milhares de italianos para a América e fez da questão migratória o foco das entidades que fundou: uma composta de leigos, chamada Sociedade São Rafael (1889), e outra de sacerdotes, chamada Congregação dos Missionários de São Carlos (1887). Com a ajuda do padre José Marchetti, fundou a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo (1895). Todas essas congregações atuam em favor de migrantes em diferentes países, tendo constituído centros de estudo, centros de acolhida, produções de mídia (como boletins impressos, programas de rádio, sites de notícia) vinculados ao tema das migrações. A Rede Scalabriniana de Rádios tem até um perfil no site de microblogging Twitter (<http://twitter.com/rsradios>). Fonte: Site João Batista Scalabrini, mantido pela congregação scalabriniana. Disponível em: <www.jbscalabrini.org>. Acesso: 16 out.2009.

associações migrantes, de modo a constituir-se como um elo muito importante na rede migratória que se estabelece em Porto Alegre.

Um informativo mensal é produzido pela equipe do CIBAI-Migrações e distribuído em sua sede, na versão impressa, além de ser publicado no blog do centro (<http://pompeiacibai.zip.net>) e enviado por email para toda a lista de migrantes, frequentadores da igreja ou pessoas interessadas no tema de forma geral. A mesma lista de emails é acionada para a divulgação de eventos organizados por migrantes ou outras atividades promovidas pela igreja da Pompéia e por associações que ocupam o espaço do salão e da casa integrados à igreja para almoços, festas, encontros, feiras, bailes e apresentações musicais.

O papel do CIBAI-Migrações como importante articulador das redes migratórias em Porto Alegre pode ser percebido pela diversidade de convites, avisos e anúncios enviados por email pela entidade, em uma utilização da internet para aproximar os migrantes residentes na cidade e região e promover encontros presenciais. Como exemplos das informações que circulam pelo email do CIBAI, há convites para celebrações religiosas, como uma missa em homenagem à Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira dos migrantes, convites para almoços das nações, que reúnem migrantes de diferentes nacionalidades para a degustação de pratos da culinária típica de cada país, além de eventos organizados através de ênfase em uma identidade nacional, como cubanos e bolivianos, que costumam congregam diferentes coletivos habituados a participar das promoções das entidades migrantes. É o que indicam as imagens que selecionamos para ilustrar o modo como são apresentados esses convites, sempre com alusão a símbolos, como bandeiras, trajes, cores, que fazem referência aos países de nascimento.





ILUSTRAÇÃO 13: Convites para eventos de migrantes enviados pelo email do CIBAI-Migrações.

O contato com o CIBAI-Migrações favoreceu nossa aproximação empírica, ajudando no contato inicial com migrantes de diferentes nacionalidades para a seleção dos entrevistados para as entrevistas. A maior parte dos contatos foi feita por telefone celular e alguns deles por email, quando se explicava os objetivos gerais da pesquisa e era feito o convite para a entrevista. Na maioria dos casos, os contatos fornecidos pelo CIBAI serviram para que conhecêssemos outros migrantes que iam sendo apresentados através da inserção nas redes de relações de cada sujeito.

Outra estratégia que usamos para a busca de possíveis entrevistados, de modo a evitar que ficássemos presos apenas ao relato de experiências de algum modo atravessadas pela atuação do CIBAI-Migrações, foi através dos contatos por meio da internet, através do envio de emails para entidades associativas. Em especial no caso dos dois uruguaios que compõem a amostra, a aproximação se deu a partir de um email enviado ao *Consejo Consultivo de Uruguayos en el Exterior* (Região Vale do Sinos e Serra), que encaminhou o pedido de contatos para a pesquisa ao Consulado Geral do Uruguai em Porto Alegre. Através do consulado foi enviado um email a todos os uruguaios cadastrados, assinado pelo próprio cônsul geral do Uruguai, Pablo Scheiner. Através dessa intervenção, recebemos um total de 12 mensagens com voluntários para entrevista, dos quais dois foram selecionados.

Assim, a aproximação ao CIBAI-Migrações, às entidades e associações migrantes, aos consulados e também a alguns entrevistados das pesquisas anteriores sobre o tema das

migrações nos levou a estabelecer contatos que ajudaram na identificação e seleção de entrevistados para o trabalho de pesquisa empírica em Porto Alegre. O tempo que dispúnhamos para desenvolvimento da pesquisa empírica inviabilizou a aplicação de questionários, como fizemos em Barcelona, além disso, como explicamos, nos valem em Porto Alegre de dados que já dispúnhamos sobre a presença migratória, o que facilitou o encontro dos migrantes e permitiu partir para a etapa das entrevistas em profundidade.

Depois do contato inicial, por telefone ou email, eram marcados encontros presenciais, nos quais eram explicados os objetivos da pesquisa e logo depois realizava-se a entrevista em profundidade, procedimento que é detalhado no próximo capítulo, em que trabalhamos com a análise do conjunto de dados coletados em Barcelona e Porto Alegre. A escolha de determinadas nacionalidades contempla a tendência da presença migratória em Porto Alegre, com a prevalência de uruguaios e argentinos.

5 RELATOS DE VIDA NA COMPREENSÃO DAS MIGRAÇÕES, IDENTIDADES E CIDADANIA

5.1 A importância da experiência singular

Pois para que a pluralidade das culturas do mundo seja politicamente levada em conta, é indispensável que a diversidade de identidades nos possa ser contada. Narrada em cada um dos idiomas e ao mesmo tempo na linguagem multimídia em que hoje se realiza o movimento das traduções – do oral ao escrito, ao audiovisual, ao informático – e, nesse outro, ainda mais complexo e ambíguo: o das apropriações e das miscigenações (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.63)

A segunda etapa da pesquisa empírica constitui-se da aproximação a experiências individuais de migração por latino-americanos residentes nos dois contextos de investigação: Porto Alegre e Barcelona. Essa fase do trabalho parte do reconhecimento da importância das trajetórias pessoais para a compreensão de uma situação social complexa como o fenômeno migratório. Se, em um primeiro momento, construímos um mapa da presença latino-americana nas duas cidades e o papel das tecnologias da comunicação e informação no processo, buscamos agora um detalhamento desse cenário a partir de relatos fundados em histórias singulares.

Segundo Piastro (2008, p. 23), nosso tempo se caracteriza por uma multiplicidade e simultaneidade de vozes que se manifestam, e, ao mesmo tempo, por uma relativa ausência de referentes semânticos que nos ajudam a compreender a complexidade do humano. A autora destaca a insuficiência ou o reducionismo do que chama de paradigma da simplicidade (em contraposição ao paradigma da complexidade), baseado em uma racionalidade central e em teorias que pretendiam segmentar o conhecimento e colocar ordem no universo. “Desde el paradigma de la simplicidad no se puede comprender la diversidad. El reducionismo obliga a pensar en identidades unívocas, en sistemas estáticos y en causalidades unilineales”, diz Piastro (2008, p. 18-19).

Para a apreensão das perspectivas singulares foram usadas entrevistas em profundidade baseadas no relato de vida dos entrevistados. Entendemos que existe um relato de vida quando há uma descrição em forma narrativa de um fragmento da experiência vivida. Tal compreensão apoia-se na proposição de Bertaux (2005) sobre a técnica, ao considerarmos

que uma entrevista narrativa orientada à reconstrução de uma série de acontecimentos, situações, interações e atos, relatados de um ponto de vista pessoal, contém sempre um conjunto de dados baseados em acontecimentos, que permite levantar indícios das relações e dos processos sociais que pretendemos analisar.

O conceito que adotamos de relato de vida afasta-se da tentativa de caracterizá-lo como uma apreensão completa da experiência do sujeito, do nascimento, incluindo sua família e entorno, estendendo-se até o momento da realização da entrevista, quase como se estivéssemos realizando uma biografia, pois tal procedimento somente seria possível a um número muito limitado de entrevistados e não atenderia aos objetivos específicos da investigação, que consideram a necessidade de tensionar as experiências individuais com eixos de análise específicos.

Segundo Bertaux (2005), há um relato de vida a partir do momento em que um sujeito conta a outra pessoa um episódio qualquer de sua experiência vivida. O verbo contar (ou narrar), segundo o autor, é fundamental porque significa que a produção discursiva do sujeito adotou uma forma narrativa. Trata-se de um procedimento baseado no resgate oral de forma mais espontânea e dialógica, pois é sempre construído a partir da interação entre o sujeito e o investigador, que estimula o relato a partir de alguns filtros, definidos por meio dos próprios interesses que norteiam a pesquisa, responsáveis por estabelecer certo contrato entre os dois durante a entrevista.

A entrevista em profundidade baseada no relato de vida, segundo a empregamos na pesquisa, foi estruturada a partir de um roteiro que buscava recuperar uma sucessão de acontecimentos e situações, mas que muitas vezes foram contados de forma não linear pelos entrevistados, que faziam relações, iam e vinham na memória de suas experiências. Para além de uma breve apresentação dos objetivos gerais da entrevista e do levantamento de dados de identificação dos entrevistados (muitos dos quais já conhecidos desde o contato inicial e do convite a colaborar), a entrevista foi dividida em dois eixos centrais: história de vida e história com os meios de comunicação e internet.

Desse modo, as entrevistas contemplaram grandes temas que eram sugeridos aos entrevistados, que podiam falar de uma forma mais aberta, sem perguntas específicas, formuladas a partir do momento em que se desenrolava o diálogo. O primeiro tema foi dedicado à trajetória e à identificação pessoal do entrevistado, com questões abertas sobre sua história pessoal e de migração, além de buscar recuperar a cotidianidade de cada um, suas relações pessoais e profissionais, lazer, participação social (grupos, ONGs e associações), e sua inserção nas cidades de Barcelona ou Porto Alegre. Nesse momento da entrevista,

exploramos, ainda, questões de identidade, políticas de reconhecimento e múltiplos pertencimentos de cada um (por nacionalidades, como migrantes, como latino-americanos e como cidadãos).

No segundo eixo da entrevista, buscamos resgatar um perfil de usos dos meios de comunicação em geral e um detalhamento da historicidade e rotinas de usos da internet, em especial, com a indicação da frequência e dos locais de acesso, produção e usos de sites informativos, sites pessoais, blogs, fotologs, sites de redes sociais, chats, correio eletrônico, fóruns de discussão, etc. A partir do relato sobre o papel ocupado pelos meios de comunicação e a internet nas trajetórias de cada um, o objetivo foi de conhecer vínculos e interações dinamizados pelos usos da internet, em relação a sentidos de apropriações com caráter mais informativo, de entretenimento e de busca de conhecimento, ou de caráter mais interacional, de modo a reconhecer movimentos de inserção e participação social, mediados pela experiências de migração, potencializados pela internet.

Para isso, foi elaborado um roteiro com pequenas diferenças para ser aplicado nas duas cidades (Apêndice C), que partiu inicialmente de uma ampliação das perguntas propostas nos questionários em Barcelona e das informações prévias obtidas em Porto Alegre, pela necessidade observada de suprir lacunas presentes na brevidade das respostas ou mesmo de detalhar aspectos apenas sinalizados nesse momento inicial de aproximação aos sujeitos. Para além desse movimento relacionado às demandas percebidas na análise dos dados iniciais da pesquisa, foi possível enfatizar as histórias pessoais, experiências de vida e relações construídas desde a saída do país de nascimento, de modo a relacionar as trajetórias com o perfil de usos da internet.

O detalhamento das preferências, hábitos e consumo de acesso à internet, outro ponto trabalhado nas entrevistas, teve a intenção de resgatar uma memória sobre os movimentos de aproximação às tecnologias e os possíveis vínculos entre reconhecimentos e pertencimentos com um perfil de apropriações da internet.

As entrevistas duraram, em média, uma hora e quinze minutos cada e foram realizadas em ambientes combinados entre a pesquisadora e os entrevistados, preferencialmente nas suas residências ou no seu local de trabalho, mas na maioria das vezes foi necessário buscar um ambiente alternativo, seja porque o espaço doméstico para parte dos migrantes é compartilhado, seja pela preferência demonstrada pelos entrevistados de buscar um lugar neutro e público, como bares, cafés e centros culturais. Isso ajudou para a não interferência de pessoas externas nos relatos dos entrevistados, mas dificultou, em alguns casos, o trabalho de transcrição das entrevistas, devido a barulhos do ambiente.

Entre os ambientes onde foram realizadas as entrevistas, em Barcelona, encontram-se, além das casas de três entrevistados; o locutório na rua *Sardenya*, no bairro Sagrada Família; um café no Bairro Sagrada Família e outro no bairro Gótico; uma loja de produtos brasileiros no bairro Sagrada Família, o escritório do trabalho de uma das entrevistas, no bairro *Eixample*; e o local de ensaio do grupo de dança, em um prédio da prefeitura em *Poble Sec*. Em Porto Alegre, apenas uma das entrevistas foi realizada na residência do entrevistado, no bairro Cidade Baixa, enquanto duas foram feitas na Casa de Cultura Mário Quintana, no centro da cidade. As outras aconteceram num café no bairro Floresta; noutra café no campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); em um bar que serve de ponto de encontro da comunidade peruana e aos sábados são servidos almoços típicos, no Centro, próximo à Usina do Gasômetro; numa sala da Universidade Federal de Ciências da Saúde (UFCSPA), no Centro, local de trabalho de um dos entrevistados; e na Casa do Violão, loja de manutenção de instrumentos musicais de outro entrevistado, localizada também no Centro de Porto Alegre.

Optamos pela realização de oito entrevistas em Barcelona e oito em Porto Alegre, totalizando 16 entrevistas, o que consideramos, diante da riqueza e da profundidade dos relatos, um número adequado para o tratamento qualitativo dos dados. No caso de Barcelona, todos os entrevistados tinham participado da etapa inicial da coleta de dados, através dos questionários, cujos resultados já foram apresentados e comentados. Como explicamos, em Porto Alegre, a seleção dos sujeitos se valeu do conhecimento prévio da organização do coletivo migrante latino-americano na cidade, construído desde 2002, com a participação em outras pesquisas focadas na temáticas das migrações e a mídia.

As entrevistas foram realizadas inicialmente em Barcelona, nos meses de janeiro e fevereiro de 2008. Uma segunda rodada de entrevistas, com cinco dos oito colaboradores, foi possível no mês de dezembro de 2008, cerca de dez meses depois do relato inicial. A possibilidade de complementação da coleta de dados não tinha sido inicialmente planejada⁹², mas foi importante por permitir retomar questões pouco exploradas e acompanhar as transformações enfrentadas nas trajetórias pessoais, diante de um cenário muito diferente do inicial para as migrações no contexto europeu.

⁹² A visita a Barcelona em dezembro de 2008 foi possível como parte de uma viagem de trabalho realizada para participar do 6º Encontro Anual da REDGOD (Red Euro-latinoamericana de Governabilidad para el Desarrollo), que aconteceu no Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa, nos dias 9 e 10 de dezembro. A pesquisadora foi selecionada a apresentar parte da investigação da tese através de convocatória internacional de trabalhos realizados por jovens pesquisadores sobre o tema “Migraciones, Cohesión Social y Governabilidad” (REDGOB/ 2008).

Desde setembro de 2008, com o agravamento da crise financeira marcado pela falência do banco estado-unidense Lehman Brothers, e de outras instituições que o sucederam, houve um aumento da recessão na economia mundial, causado por problemas no mercado imobiliário e no setor financeiro, o que levou a quedas nas bolsas de valores. A Espanha foi especialmente afetada com a crise, com falência de empresas, paralização dos investimentos, sobretudo na construção civil, um índice de desemprego que chegou a 18,5%, e queda significativa no consumo, o que levou a uma intervenção do governo do presidente José Luis Rodríguez Zapatero, com medidas de proteção à economia.

Todo esse contexto trouxe consequências para a situação dos migrantes no país, principais atingidos pela falta de trabalho enfrentada pela população. O que trouxe uma mudança nos relatos, marcados por um tom mais pessimista e pelo aumento das incertezas em relação à própria presença na Espanha, embora todos os entrevistados ainda permanecessem no país. Os três entrevistados com quem não pudemos realizar a segunda entrevista foram contactados, tendo sido obtidas informações suas por telefone ou email, mas não estavam em Barcelona no período em função das festas de final de ano. Uma delas estava de férias no Peru, outra passava uns dias em um povoado próximo à Barcelona com a família, e a terceira desmarcou a entrevistas, alegando excesso de trabalho.

Em Porto Alegre, as entrevistas em profundidade aconteceram numa única etapa, realizada entre os meses de março e julho de 2009. Mesmo assim, pelo fato de três, dos oito entrevistados, já haverem participado como colaboradores de outras pesquisas, nos valem de informações prévias que permitiram enriquecer as entrevistas. Nos outros casos, os contatos se deram pela indicação de migrantes, numa aproximação do que chamamos da técnica da “bola de neve”, em que os próprios entrevistados ou pessoas envolvidas com o contexto das migrações, indicaram possíveis colaboradores.

Assim, se em Barcelona foi essencial uma aproximação à dinâmica da presença migratória, com o reconhecimento de espaços significativos para o coletivo latino-americano, como os próprios locutórios, as lojas de produtos específicos e as entidades culturais e sociais, em Porto Alegre, para a busca de possíveis entrevistados, nos valem do conjunto de entrevistas já realizadas anteriormente para a seleção de sujeitos e da aproximação a pontos importantes da rede estabelecida na cidade que articula os migrantes latino-americanos. Participam aqui, como discutimos, a igreja Nossa Senhora da Pompéia, no centro da cidade, na qual atua o CIBAI-Migrações, além de organizações civis de caráter associativo que integram diferentes nacionalidades presentes na cidade.

Uma série de elementos foram acionados para a seleção dos colaboradores da pesquisa. Correspondem a perfis que buscam combinar uma diversidade de critérios, relacionados ao gênero dos entrevistados, sua faixa etária, país de nascimento, buscando, ainda, contrapor experiências associadas aos usos da internet, como a existência de computador em casa e a produção ou consumo de páginas pessoais, páginas sobre temáticas ligadas às migrações ou sobre o país de nascimento.

Outro critério usado para compor uma diversidade de perfis foi a relação estabelecida com a identidade latino-americana, de modo a incluir sujeitos que demonstram diferentes vínculos com essa pertença identitária, seja, por exemplo, por uma atuação política e em movimentos sociais construídos desde uma ideia comum de América Latina, a vinculação a um consumo cultural associado a produções latino-americanas (como o reggaeton ou a música folclórica), ou por um reconhecimento mais associado a suas nacionalidades e, mesmo, a não vinculação a essa construção identitária, como poderá ser melhor explorado na descrição dos sujeitos selecionados. A tabela de apresentação inicial dos entrevistados selecionados em Porto Alegre e Barcelona está resumida a seguir e disponível na íntegra nos Apêndices D e E.

TABELA 15: Apresentação dos entrevistados.

Nome	Idade	País de nasc.	Trabalho	Condição cidadania
1 Hector	48	Chile	Músico e dono de loja de manutenção de instrumentos musiciais	Residência permanente
2 Arturo	52	Bolívia	Gerente/ administrador de restaurantes	Residente permanente. Veio como estudante da UFRGS. Ficou tempo como indocumentado. Mais tarde, foi anistiado. Casou com brasileira.
3 Roberto	36	Uruguai	Engenheiro eletricista. Professor substituto e pesquisador na UFRGS	Nacionalidade brasileira
4 Freddy	71	Uruguai	Pintor	Residência permanente
5 Klaus	31	Paraguai	Técnico em redes de computadores e estudante de Ciências da Computação	Nacionalidade brasileira
6 Maria	36	Peru	Secretária	Sem documentos (esperava anistia)
7 Marcela	34	Argentina	Estudante. Formada em Arquitetura	Residência temporária, visto de estudante
8 Pablo	20	Equador	Estudante	Residência temporária, visto de estudante
9 Luci	37	Peru	Atendente em locutório	Nacionalidade espanhola
10 Cleunir	33	Brasil	Vendedor	Nacionalidade espanhola
11 Veneranda	53	República Dominicana	Profissional de limpeza	Nacionalidade espanhola
12 Monica	28	Equador	Profissional de limpeza e babá	Permissão de residência e trabalho
13 Sara	34	Peru	Coordenadora técnica de ONG	Permissão de residência e trabalho

14 Ana	24	Brasil	Atendente em cafeteria	Sem documentos
15 Fernando	52	Uruguai	Call center de serviço de saúde	Permissão de residência e trabalho
16 Juan	42	Colômbia	Músico	Permissão de residência e trabalho

Fonte: Pesquisa própria

Apesar da autorização informal dos migrantes para a gravação e o uso dos relatos orais, optamos por enviar-lhes um email, no mês de dezembro de 2009, solicitando que nos mandassem por escrito, ao retornar a mensagem, uma breve declaração de consentimento do uso acadêmico das entrevistas concedidas. Todos responderam e fizeram a autorização, alguns tendo enviado inclusive dados relativos a documentos pessoais e falado da satisfação em colaborar com a pesquisa. Optamos, então, por apresentá-los por seus primeiros nomes, que dizem muito de suas personalidades e suas histórias, até mesmo porque vários revelam suas identidades e se apresentam publicamente nos sites em que participam, citados ao longo da pesquisa, o que causaria confusão caso substituíssemos por outros nomes. Pseudônimos foram usados apenas para aqueles que se encontram sem documentação no Brasil ou na Espanha, de modo a preservar suas identidades. Ao trazer as entrevistas para a análise, para facilitar a referência do autor do relato, apresentamos sempre nome ou pseudônimo, idade, país de nascimento e cidade em que vive.

Como as entrevistas trazem relatos das trajetórias de vida dos entrevistados e foram concedidas em momentos diversos, em alguns casos em duas seções com meses de diferença, ao considerar as referências de tempo feitas pelos sujeitos, optamos por tomar como base o momento da entrevista final. Assim, quando referimos o tempo de migração, o tempo de permanência na cidade, a idade, o período em que cada um atua num determinado trabalho ou qualquer outra informação dessa ordem, estamos nos reportando à contagem relativa ao momento do último contato feito com o sujeito durante a entrevista.

Nesse caso, para os entrevistados de Barcelona, em que foram realizadas duas entrevistas, as referências ao tempo reportam-se à dezembro de 2008, e para os entrevistados de Porto Alegre, ao ano de 2009, quando a entrevista foi realizada. Essa decisão deve-se ao fato da entrevista resgatar a trajetória dos sujeitos a partir do recorte proposto no momento histórico da própria entrevista. Assim, não seria possível afirmarmos com certeza, por exemplo, se os mesmos entrevistados permanecem residindo na Espanha ou no Brasil no momento da leitura deste texto, embora na maioria dos casos tenhamos mantido contato com eles por email, *MSN* ou sites de redes sociais, o que nos permite seguir à distância o

desenrolar de suas próprias histórias. A internet foi muito importante também para a localização de alguns dos entrevistados, especialmente em Porto Alegre, para o agendamento das entrevistas e para a manutenção do contato com os colaboradores depois do momento da entrevista, garantindo, inclusive, que um segundo momento do trabalho de campo fosse realizado em Barcelona.

A gravação das entrevistas em sistema digital totalizou 1.175 minutos, o equivalente a 19 horas e 35 minutos, cujo texto transcrito resultou em um documento de 280 páginas. Os entrevistados em Barcelona falaram em espanhol, com exceção dos dois brasileiros que integram a amostra (um deles falou parte da entrevista em espanhol, parte em português). Em Porto Alegre, todos os entrevistados falaram em português ou em portunhol, mesmo que tenhamos dado a opção para que usassem o idioma que preferissem.

No trabalho de transcrição dos relatos, foram respeitadas as falas tais quais expressas pelos entrevistados, o que tornou ainda mais complexo o processo de escuta e escrita do material coletado. A maior dificuldade enfrentada com a transcrição das horas de entrevistas gravadas deveu-se ao fato de boa parte delas estar em espanhol falado a partir de diferentes sotaques e em locais com som ambiente. Em alguns casos é observado também o trânsito linguístico, característico de muitas migrações transnacionais. Todo o processo de transcrição ocupou pelo menos dois meses de trabalho, mesmo depois da decisão de contratar colaboradores, pois foi necessária uma revisão minuciosa de todas as entrevistas não transcritas pela entrevistadora.

Essa dificuldade nos levou a uma reflexão interessante sobre o processo da escuta como parte importante da compreensão dos sentidos construídos nas narrativas. Assim como cada relato é único, mesmo que tenha partido de um interesse e de um conjunto de proposições comuns, cada escuta também é única, pois é estabelecida a partir dos referentes e, até mesmo, do grau de envolvimento com a temática e de empatia diante da própria história contada.

Depois da transcrição, o material já apresentado como texto foi organizado de forma sistemática por entrevistado para várias leituras sucessivas que permitiram iniciar o trabalho efetivo de análise, que é construída a partir da apresentação dos sujeitos e de três aspectos centrais a serem explorados: as narrativas de identidade, as questões de cidadania e as implicações dessas duas dimensões nos usos sociais da internet. As questões identitárias e de cidadania são aspectos que, de algum modo, acompanham a integralidade dos relatos e atravessam os diferentes eixos de análise.

No geral, como perfil dos entrevistados, o que percebemos é que temos uma migração mais antiga em Porto Alegre, acompanhada de uma migração de jovens que escolhem a cidade para estudar, em função de convênios entre universidades latino-americanas. Também em Porto Alegre há uma diversidade maior de atividades profissionais, algumas das quais autônomas e empreendedoras. Entre os entrevistados de Barcelona, a maioria dos entrevistados está na cidade há menos de cinco anos e há uma ocupação em atividades mais distantes da formação profissional dos migrantes. No total, os migrantes são nascidos em dez países e 15 cidades diferentes, como indicamos no mapa da América Latina, com a localização dos locais de nascimento dos entrevistados.



ILUSTRAÇÃO 14: Mapa da América Latina com locais de nascimento dos entrevistados.

5.2 Migrantes latino-americanos em Porto Alegre

Em Porto Alegre, foram entrevistados seis homens e duas mulheres, de sete nacionalidades diferentes: dois uruguaios, um chileno, um boliviano, um paraguaio, uma peruana, uma argentina e um equatoriano. As idades variam de 20 a 71 anos, estando quatro dos entrevistados na faixa dos 30 anos. Quanto ao tempo de permanência no Brasil, há de 35 anos a apenas cinco meses, o que marca uma diferença no tipo de experiência vivida pelos sujeitos. As atividades profissionais dos entrevistados são: músico, gerente de restaurante, engenheiro eletricitista e professor, pintor, técnico em informática, secretária e estudante. Os entrevistados apresentam, ainda, perfis diversos quanto aos usos da internet, com destaque à manutenção de vínculos com a família, a participação em sites de redes sociais, a busca de informações sobre o país de nascimento e o uso profissional.

A seguir, apresentamos individualmente cada entrevistado, com base nos relatos obtidos. Priorizamos informações que caracterizam os sujeitos, como suas relações familiares e profissionais, breve resgate da trajetória de migração, condição de cidadania no país, aspectos relacionados ao convívio na cidade quanto ao trabalho, ócio e participação social. A apresentação é breve, mas acreditamos que oferece elementos que ajudam a identificar os sujeitos, de modo a facilitar o reconhecimento de seus posicionamentos e relatos, analisados mais adiante.

5.2.1 Hector

Entrevistado 1 - HECTOR	
País de nascimento	Chile
Idade	48 anos
Atividade profissional	Dono de loja de manutenção de instrumentos musicais e músico
Condição de cidadania	Residência permanente
Tempo de residência no Brasil	32 anos
Local da entrevista	Casa do Violão, loja do entrevistado
Data da entrevista	9 de março de 2009

Hector nasceu em Santiago, mas morou quase toda a infância em Valdivia, no Chile, com seus pais e três irmãos. Depois de três dias de viagem de ônibus, entre várias paradas e trocas de veículo, chegou a Porto Alegre no quente verão de 1977, o que o fez logo estranhar

o clima local. Seu pai, técnico em construção naval, já conhecia a cidade, pois tinha estado em 1969 para fazer um estágio. O pai de Hector chegou a ter uma serraria grande no Chile, mas com o golpe militar os negócios foram mal e acabou fechando a empresa. Ele trabalhava desde então como professor, quando voltou a Porto Alegre em viagem de estudos e percebeu que a cidade poderia trazer mais oportunidade de trabalho. Conseguiu emprego num estaleiro e voltou para buscar a mulher, Hector e seus irmãos.

Hector concluiu o segundo grau em Porto Alegre e fez um curso de auxiliar de contabilidade, mas nunca se dedicou ao ofício. Também começou a faculdade de Engenharia Eletrônica, mas abandonou para dedicar-se à música. Desde 1982, tem um grupo de música andina e folclórica latino-americana, e abriu, em sociedade com o irmão, uma loja de concerto e fabricação de instrumentos musicais.

Participa de eventos organizados por entidades de migrantes em Porto Alegre, incluindo os promovidos pela igreja Nossa Senhora da Pompéia, onde fica o Cibai-Migrações. É um dos fundadores do Centro Cultural e Social Chileno em Porto Alegre, que reúne cerca de cinquenta famílias chilenas em eventos sociais, jantares e festas. Sem sede própria, o centro promove seus encontros no Clube dos Caixeiros Viajantes e mantém um site com notícias e informações em geral, criado inicialmente por Hector, mas modificado por uma webmaster voluntária. Hector gosta de “brincar na internet”, como diz, e criou também outros sites, para uma empresa de turismo que organiza viagens para o Chile e para divulgar o trabalho do grupo musical, o *Sikuris*.

Depois de uma separação, voltou a morar na casa dos pais, no bairro Santo Antônio. Tem uma nova companheira, com quem não tem filhos. Costuma percorrer o trajeto até o centro, onde trabalha, a pé todos os dias. Nas horas de folga, joga futebol em um time formado por migrantes de diferentes nacionalidades. Teve duas oportunidades de deixar o Brasil para morar nos Estados Unidos, com a primeira mulher, que tinha parentes lá, e como integrante de outro conjunto musical. Chegou a passar um tempo no estado de Utah, nos EUA, mas acabou voltando para Porto Alegre.

5.2.2 Arturo

Entrevistado 2 - ARTURO	
País de nascimento	Bolívia
Idade	52 anos
Atividade profissional	Gerente/administrador de restaurantes

Condição de cidadania	Residência permanente
Tempo de residência no Brasil	34 anos
Local da entrevista	Casa de Cultura Mário Quintana, centro de Porto Alegre
Data da entrevista	14 de março de 2009

Ele até tentou voltar para a Bolívia, mas após tanto tempo sem nem visitar o país, o projeto de retorno não deu certo. “Depois de trinta e poucos anos tu te torna estrangeiro na tua própria terra. A gente não conhece ninguém. Os amigos foram embora, então, os filhos também não se adaptaram e voltaram, e a gente tá aqui de novo em Porto Alegre”.

Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, chegou a Porto Alegre em 1974 para estudar Engenharia Química na UFRGS, através de um convênio de intercâmbio entre os dois países. Com 17 anos, era a primeira vez longe da família. Nasceu em La Paz, mas uma doença do pai fez que mudassem para uma cidade com altitude menor, Cochabamba. Foi o pai quem incentivou a vinda para o Brasil, pois ele mesmo tinha feito faculdade em São Paulo e desejava que Arturo passasse por uma experiência semelhante.

A descoberta da liberdade longe da cobrança materna fez com que Arturo acabasse não usando o tempo que tinha no Brasil para estudar. Depois de seis anos financiado pela mesada dos pais e sem concluir a faculdade, aos 24 anos, se viu diante do desafio de conseguir um emprego, com um curso superior incompleto e nenhuma experiência no currículo. Logo se casou com uma brasileira e começou a vender, em lanchonetes e bares do centro de Porto Alegre, os salgados que ela fazia. Foi assim que entrou para o ramo da alimentação: com o tempo, passou a administrar restaurantes e chegou a fazer um curso de *chef* oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

Ao abandonar a faculdade, como tinha visto de estudante, perdeu o direito de residência no Brasil. Passou por um período de “clandestinidade”, como ele define o tempo em que esteve sem documentos, até regularizar sua situação no país através de uma anistia. Participa de encontros e eventos promovidos pela igreja da Pompéia e já recebeu em sua casa muitos migrantes recém chegados que não tinham para onde ir. Esse envolvimento deu origem ao projeto de criação de uma ONG que trate do tema da migração latino-americana em Porto Alegre, por enquanto apenas uma ideia que compartilha com outros migrantes com quem convive.

Arturo tem cinco filhos e é separado. Quatro moram com ele em um bairro na zona Sul de Porto Alegre. A filha mais velha mora em Florianópolis. Foi em 2006 que Arturo voltou à Bolívia a convite de um primo que buscava um economato para um restaurante.

Voltou depois de um ano, pois sentia falta dos amigos que fez e do convívio social que tem em Porto Alegre. Aprendeu a usar a internet na Bolívia para se comunicar com os filhos que ficaram no Brasil.

5.2.3 Roberto

Entrevistado 3 - ROBERTO	
País de nascimento	Uruguai
Idade	36 anos
Atividade profissional	Engenheiro eletricista/ professor da UFRGS
Condição de cidadania	Nacionalidade brasileira
Tempo de residência no Brasil	8 anos (em Porto Alegre desde 2007)
Local da entrevista	Casa do entrevistado, no bairro Cidade Baixa
Data da entrevista	14 de março de 2009

Roberto, 36 anos, é engenheiro eletricista, formado na Universidade Federal de Itajubá, em Minas Gerais, nos anos 90. Nascido em Montevideu, no Uruguai, passou parte da infância na cidade de Salto, fronteira com a Argentina. Resolveu fazer a faculdade no Brasil, em busca de novas experiências. Como o convênio que havia assinado exigia a volta ao Uruguai quando concluído o curso, trabalhou dois anos em Montevideu depois de formado. Retornou ao Brasil para fazer o mestrado, concluído em 2003, também em Minas Gerais. De 2003 a 2007, fez doutorado na Suécia, com bolsa do governo brasileiro. Desde 2007, mora em Porto Alegre e trabalha na UFRGS como professor substituto e aluno de pós-doutorado.

Na Suécia, casou com uma alemã, com quem vive no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, junto com seus dois filhos: o primeiro, de 2 anos, nascido na Suécia e a segunda, de 5 meses, no Brasil. “A família é uma mistura, somos quatro, nascidos em quatro países diferentes”. Falavam inglês em casa, mas para facilitar a integração da mulher, que dá aulas de alemão em Porto Alegre, passaram a falar em português, ou portunhol, como brinca Roberto. Ele obteve a residência permanente no processo de anistia de 1998 e logo pediu a nacionalidade brasileira.

5.2.4 Freddy

Entrevistado 4 - FREDDY	
País de nascimento	Uruguai
Idade	71 anos
Atividade profissional	Pintor
Condição de cidadania	Residência permanente
Tempo de residência no Brasil	20 anos
Local da entrevista	Café Alfredo, no bairro Floresta, em Porto Alegre
Data da entrevista	25 de abril de 2009

Freddy divide seu tempo entre um atelier em Porto Alegre, a casa que herdou da família em Montevidéu, no Uruguai, e as exposições que realiza em diferentes cidades brasileiras e uruguaias. A última, antes da entrevista, tinha sido em Punta del Este. Já passou temporadas no Rio de Janeiro em função do trabalho e, nos anos 80, costumava viajar com frequência para os Estados Unidos e Europa. Recebia convites para exposições ou fazia pesquisa para seu trabalho. Em outras ocasiões, levava algumas obras ou material para pintá-las e vendê-las, de modo a garantir o custo da viagem.

Solteiro, nascido em Melo, foi para Montevidéu na adolescência para estudar. Coursou a faculdade de Arquitetura, nos anos 70. Ao final da formação, conquistou o “Grande Prêmio Nacional de Pintura”, que significou dinheiro e a possibilidade de viajar. “Fui a Nova York... Pensei que ia conquistar o mundo. É uma loucura quase de adolescente, mas serve pra ver o mundo. Daí fui a Paris. Só que me dei conta que o mundo não se conquista em dois anos, nem três. Aí pensei que o melhor lugar, perto, que eu pudesse retornar pra ver minha mãe, pra ir a Montevidéu, é Porto Alegre, uma grande cidade”. Foi assim que escolheu a segunda morada.

Tem cidadania brasileira, como residente permanente. A decisão da mudança também estava relacionada com o começo da ditadura em seu país e a falta de liberdade que necessitava para pintar. Tem posições sobre política e cultura bastante fortes. Foi argumentando contra o pós-modernismo e a suposição do fim da pintura que iniciou a entrevista. “O *Google* me *califica*, quando entro aí, como pintor antiglobalização. Porque alguns artigos meus falam de todo *eso* que eu te falei. Eu não sou contra a globalização porque a globalização é a unidade do mundo. Eu sou contra a globalização neoliberal, aquela que impõe um pensamento único: pós-modernismo, Fukuyama, Baudrillard”. Também é crítico dos meios de comunicação de massa na mão da iniciativa privada. Pensa que deveriam

ser públicos, assim como a internet, que percebe como uma possibilidade de democratizar a comunicação.

5.2.5 Klaus

Entrevistado 5 - KLAUS	
País de nascimento	Paraguai
Idade	31 anos
Atividade profissional	Técnico em redes de computadores e estudante de Ciências da Computação na UFRGS
Condição de cidadania	Nacionalidade brasileira
Tempo de residência no Brasil	10 anos
Local da entrevista	Seu local de trabalho, na UFCSPA
Data da entrevista	24 de abril de 2009

Filho de um tcheco naturalizado paraguaio e de uma brasileira descendente de alemães, Klaus nasceu em Assunção, no Paraguai, em 1977. Costumava passar as férias de infância na casa de tios no interior do Rio Grande do Sul, onde começou a aprender a falar português. Em 1999, mudou-se para Porto Alegre para estudar Ciências Sociais, na PUCRS, como estudante de convênio. Ganhava a bolsa que custeava a mensalidade, mas precisava comprovar o sustento pelos pais, pois o visto de estudante não permitia trabalhar.

Fez o Ensino Médio em um colégio da igreja menonita, no Paraguai, com forte influência da cultura alemã. Nessa época, afastou-se dos colegas de turma e entrou para o movimento estudantil. Lia Marx e compartilhava de ideais socialistas, em oposição ao regime de ditadura que recém terminava no Paraguai. O envolvimento político fez com que concluísse os estudos secundários somente em 1995. O afastamento da militância só aconteceu com a vinda para Porto Alegre, quatro anos mais tarde.

Em 2000, começou a tramitar a nacionalidade brasileira e perdeu o direito ao convênio para estrangeiros. As dificuldades financeiras fizeram com que vivesse durante seis meses em São Leopoldo, no santuário Cristo Rei, da congregação dos padres jesuítas, em um convívio religioso. Depois de um tempo em Cascavel, no Paraná, voltou a Porto Alegre com o objetivo de conseguir emprego para voltar a estudar.

Klaus mora com a namorada, em um apartamento da família, perto do trabalho. Depois de muito esforço para estudar sozinho até aprender a falar português sem nenhum sotaque e o suficiente para passar na seleção da UFRGS, Klaus é técnico de redes de

computadores da Universidade Federal de Ciências da Saúde e faz faculdade de Ciências da Computação na universidade federal. Concluiu curso de técnico em redes pela UFRGS e teve experiência como monitor no *Cibernarium*, um projeto de inclusão digital da prefeitura de Porto Alegre em parceria com entidades da União Europeia, incluindo a prefeitura de Barcelona.

5.2.6 Maria

Entrevistada 6 - MARIA	
País de nascimento	Peru
Idade	36 anos
Atividade profissional	Secretária
Condição de cidadania	Sem documentos
Tempo de residência no Brasil	9 anos (desde 2007 e de 1990 a 1997)
Local da entrevista	Souza's Bar, ponto de encontro da comunidade peruana em Porto Alegre
Data da entrevista	25 de abril de 2009

Maria tem 36 anos e nasceu em Lima, no Peru. Morou no Brasil por sete anos, de 1990 a 1997, quando cursou Psicologia na UFRGS. Fez amigos, arranjou trabalho, começou um relacionamento, mas teve que voltar ao Peru para não deixar a mãe sozinha depois da morte da avó. A ideia inicial era ficar pouco tempo, mas se passaram dez anos até reorganizar a vida no Brasil.

Desde 2007, mora e trabalha em um sítio em Viamão, que recebe passeios turísticos de escolas. É secretária e cuida da maior parte da administração do local. Já na primeira temporada no Brasil, conheceu Carlos Nevado, um articulador da comunidade peruana e responsável pelo Centro Cultural Peruano em Porto Alegre. Aos sábados, Maria não perde os almoços típicos promovidos pelo grupo em um bar no centro, nas imediações de onde antes era realizada uma feira da diversidade, com estande de produtos do Peru. Também frequenta as festas latinas e participa dos eventos organizados pela igreja da Pompéia, que costuma visitar para se manter atualizada sobre assuntos ligados às migrações.

Foi através do boletim *Família da Pompéia*⁹³, recebido por email, que ficou sabendo das notícias a respeito de um novo processo de anistia no Brasil. É a sua expectativa para

⁹³ Editado pelo Cibai-Migrações e enviado a todos os migrantes cadastrados na entidade. O boletim também fica disponível no blog: < <http://pompeiacibai.zip.net/>>.

regularizar sua condição de cidadania no país, pois, desde que chegou, possui apenas o visto de turista. Também administra a página informativa do sítio em que trabalha.

5.2.7 Marcela

Entrevistada 7 - MARCELA	
País de nascimento	Argentina
Idade	34 anos
Atividade profissional	Estudante
Condição de cidadania	Residência temporária, visto de estudante
Tempo de residência no Brasil	3 meses
Local da entrevista	Campus do Vale, UFRGS
Data da entrevista	15 de maio de 2009

Foram os amigos que conheceu em uma de suas viagens a Europa que a influenciaram a conhecer o Brasil: primeiro, a amiga catarinense que encontrou em um albergue em Veneza, e, depois, o gaúcho que falou de boas oportunidades para estudar no Rio Grande do Sul. Marcela, de 34 anos, esteve pela primeira vez no país a passeio. Ficou na casa da amiga, em Florianópolis, mas voltou para Buenos Aires, cidade em que nasceu, decidida a investir numa temporada em Porto Alegre.

Desde fevereiro de 2009, faz um curso de português para estrangeiros na UFRGS e tem o objetivo de passar no vestibular para a faculdade de Letras. É formada em Arquitetura e Urbanismo, em Buenos Aires, onde também fez uma especialização em História da Arquitetura Latino-americana. Chegou a dar aulas, mas resolveu deixar tudo na Argentina para morar no Brasil.

É filha única. A mãe mora na casa que foi dos avós em um bairro na periferia de Buenos Aires. O restante da família são primos italianos, residentes no povoado de Tarcento, no norte da Itália, que costuma visitar sempre que pode e com quem mantém contato frequente por email.

Mora nas proximidades na UFRGS, na divisa entre Porto Alegre e Viamão. Divide o apartamento de três quartos com dois outros estudantes estrangeiros, naturais de Benin, na África. Em função do convívio na universidade, seus amigos no Brasil são, na maioria, de outros países: latino-americanos, europeus e africanos. Participa, com a turma do curso de português para estrangeiros, de um blog que discute literatura brasileira.

5.2.8 Pablo

Entrevistado 8 - PABLO	
País de nascimento	Equador
Idade	20 anos
Atividade profissional	Estudante
Condição de cidadania	Residência temporária, visto de estudante
Tempo de residência no Brasil	Cinco meses
Local da entrevista	Casa de Cultura Mário Quintana, centro de Porto Alegre
Data da entrevista	16 de julho de 2009

Pablo vive em Porto Alegre há cinco meses. Deixou os pais e a irmã mais nova com o objetivo de cursar Engenharia de Produção, na UFRGS, através de um convênio entre os países. No Equador fez um curso de um ano de língua portuguesa e cultura brasileira na embaixada do país. Foi através do curso que ficou sabendo da oportunidade de bolsas de estudo.

Filho de um músico e de uma artista plástica, nasceu em Loja, cidade no litoral do Equador conhecida pela valorização da cultura e da arte. Cedo, se mudou para Quito, em função de uma oportunidade de trabalho do pai na Orquestra Sinfônica Nacional do Equador, o que fez com que Pablo já tivesse vivido a experiência de deslocamento dentro de seu próprio país, marcado por diferenças culturais. A migração está presente na história da família também: a maioria dos tios mora na Espanha.

O principal desafio enfrentado por Pablo nos cinco meses no Brasil foi aprender a resolver os assuntos do dia-a-dia sozinho. O primeiro e principal deles foi buscar um lugar para morar: depois de um pensionato e de um apartamento dividido com uma colega do Equador, passou a alugar um *kitnet* sozinho. O português não foi problema, embora tivesse a impressão de falar mais em português no curso que fazia no Equador, devido à convivência com muitos estudantes de países latino-americanos na UFRGS. Gosta de sair com os amigos, fazer festa, conhecer a cidade. Quando está em casa, todo o acesso a informações e o lazer se dá através da internet.

5.3 Migrantes latino-americanos em Barcelona

Em Barcelona, também foram selecionados oito entrevistados: cinco mulheres e três homens, de seis nacionalidades diferentes: duas peruanas, uma dominicana, dois brasileiros, uma equatorina, um uruguaio e um colombiano. Os entrevistados têm de 24 a 53 anos e perfis profissionais e trajetórias de migração distintos, além de representarem, desde a participação na primeira etapa da pesquisa, um panorama múltiplo de apropriações da internet, com a participação de sujeitos que usam sites de redes sociais, escrevem em blogs, participam em sites de associações de migrantes, além de outros que usam a rede principalmente para falar com familiares e amigos que vivem, tanto na Espanha ou outros países, quanto no país de nascimento.

5.3.1 Luci

Entrevistada 9 - LUCI	
País de nascimento	Peru
Idade	37 anos
Atividade profissional	Atendente em locutório
Condição de cidadania	Nacionalidade espanhola
Tempo de residência na Espanha	8 anos
Local das entrevistas	Locutório em que trabalha, no bairro Sagrada Família
Data das entrevistas	13 de janeiro de 2008 e dezembro de 2008

Luci, nascida no Peru, 37 anos, é atendente no locutório da rua *Sardenya*, onde foram aplicados os questionários na primeira etapa da pesquisa, em um dos bairros com maior número de migrantes de Barcelona, a Sagrada Família. Ela nasceu na cidade de Trujillo, onde morou até 1993, quando viajou de férias à Argentina. Tinha começado a faculdade de Arqueologia um pouco antes, mas as oportunidades que surgiram na cidade argentina de Mendoza a fizeram adiar a volta.

Trabalhou em uma imobiliária, com algumas amigas, até final de 1999, quando viajou à Espanha para conhecer o país: “Si llego, me gusta, me va bien... bueno, me quedo”⁹⁴. A Argentina vivia uma forte recessão econômica e, segundo Luci, o salário que recebia já não era suficiente para pagar as contas. “Luego vine aquí, me gustó, me quedé, empecé a trabajar

⁹⁴ Não serão traduzidas as falas dos entrevistados. Os relatos foram feitos em português, espanhol e tambémportunhol. Procuramos reproduzi-los tais quais feitos pelos entrevistados.

primero cuidando de dos niños, por tres años y medio”. Depois trabalhou em uma padaria, para mais tarde abrir um negócio próprio, em um pequeno locutório, que vendeu com a proposta de tornar-se sócia do locutório em que trabalha.

Desde a partida do Peru para a Argentina até a data da entrevista se passaram 15 anos, oito dos quais vividos em Barcelona. Seu cotidiano na Espanha é de muito trabalho e raros momentos de lazer. Ela é solteira, mora sozinha e tem um irmão que vive em Barcelona em outro apartamento, dividido com estudantes de diferentes nacionalidades, para quem aluga quartos. No final de 2008, sua irmã foi morar em Barcelona para ajudar no trabalho do locutório, o que garantiu mais tempo livre a Luci.

Pelo tempo de permanência na Espanha, Luci obteve o direito à nacionalidade. Ela esperava a chegada do DNI (Documento Nacional de Identificação) e do passaporte, o que foi decisivo para que, enfim, se sentisse segura para uma viagem de férias aos Estados Unidos, onde tem parentes, e à Argentina, para rever amigos. Luci não tem planos concretos de voltar a viver no Peru, mas diz não ter certeza do que a aguarda: “porque tu tierra es siempre tu tierra, ¿no?”. Gostaria de juntar dinheiro e comprar um apartamento em Barcelona com o irmão, mas os altos preços dos imóveis na Espanha a impedem. Está investindo na compra de um apartamento na Argentina, e gostaria de comprar uma casa em Trujillo para passar as férias ou para emprestar aos amigos.

5.3.2 Cleunir

Entrevistado 10 - CLEUNIR	
País de nascimento	Brasil
Idade	33 anos
Atividade profissional	Vendedor
Condição de cidadania	Nacionalidade espanhola
Tempo de residência na Espanha	13 anos
Local das entrevistas	Loja de roupas brasileiras em que trabalha
Data das entrevistas	15 de janeiro de 2008 e dezembro de 2008

Cleunir, 33 anos, nasceu no Brasil, e tem dupla nacionalidade – brasileira e espanhola – por conta do passado de migração de seus avós, que deixaram Jaen, na Andaluzia, para Curitiba, no Brasil, onde Cleunir nasceu e onde moram suas cinco irmãs. É turismólogo, escritor, colunista, produtor de televisão, organizador de eventos: “um pouco de tudo, sou bem eclético”, define-se. Também é um agitador cultural do que ele chama de “mundo latino

em Barcelona”. Trabalha com moda, é vendedor em uma loja de roupas brasileiras e organiza desfiles.

Depois de formado em Turismo no Brasil, Cleunir resolveu conhecer a terra de seus avós em uma viagem com a turma da faculdade. Mas, o que era para ser apenas um passeio de duas semanas, mudou sua trajetória. Logo que chegou a Madri, Cleunir fez amigos que o convidaram a ficar e ofereceram trabalho. Era temporário e sem garantias, pois ele ainda não tinha a nacionalidade espanhola e viajava como turista.

Em Curitiba, trabalhava em um banco e juntava dinheiro para montar sua agência de turismo. Em Madri, onde viveu por dois anos, trabalhou como garçom e fez um curso de espanhol. Em pouco tempo conseguiu a nacionalidade. Depois, mudou-se para Barcelona para trabalhar em uma agência de viagens. Teve pequenos trabalhos também como garçom em boates e em bares, até, juntamente com seu namorado na época, abrir a loja, frequentada por uma maioria de latino-americanas. Hoje a loja não é mais sua, apenas trabalha como vendedor, enquanto planeja abrir um bar de música brasileira.

Na revista *Shock*, publicação impressa mensal, com versão disponível na internet (www.larevistashock.com), Cleunir publica uma coluna. Não fala apenas de moda, mas também sobre festas, noite, música. Entrevista artistas, discute assuntos da economia, trata de temas diversos, como terrorismo, homoafetividade e pena de morte. Na mídia, tem experiência ainda como produtor do programa sobre músicas chamado *Ritmo Latino*, exibido no canal *Latino*. A revista *Shock* também tem um espaço televisivo em outro canal da televisão fechada. Todas as produções ligadas à presença latino-americana em Barcelona.

Cleunir mora sozinho no bairro da Sagrada Família, a poucos metros da loja em que trabalha. Divide seu tempo entre o trabalho, um curso de inglês e aulas de direção para obter a licença para dirigir. Gosta de sair com os amigos nos finais de semana, embora trabalhe inclusive no sábado, e de usar a internet para manter o contato com as irmãs e os sobrinhos no Brasil.

5.3.3 Veneranda

Entrevistada 11 - VENERANDA	
País de nascimento	República Dominicana
Idade	55 anos
Atividade profissional	Profissional de limpeza
Condição de cidadania	Nacionalidade espanhola (obtida por

	residência)
Tempo de residência na Espanha	23 anos
Local das entrevistas	Bar perto de sua casa, no bairro L'Hospitalet de Llobregat; sua casa; Festa do Dia Internacional do Migrante
Data das entrevistas	17 de janeiro de 2008 e dezembro de 2008

Veneranda, de 55 anos, é a entrevistada que mais fez referências a histórias do passado, lembrando com detalhes aspectos de sua infância, de sua vida na República Dominicana e do impacto que foi a chegada na Espanha há 23 anos, quando eram poucos os migrantes residentes no país, menos ainda os negros. “Lo que pasa es que la vida era muy difícil y te miraban raro, claro, como un bicho raro te miraban o sea no como hoy, ¿entiendes? Era difícilísimo”.

Veneranda é casada com um espanhol e tem três filhos do primeiro casamento. Dois deles moram com ela e o mais velho permaneceu na República Dominicana. Antes de se casar novamente e reunir sua família, chegou a morar na casa em que foi contratada, logo na chegada à Espanha. Do aeroporto saiu acompanhada de sua chefe direto para o trabalho e conta que ficou os primeiros quinze dias sem contato com a família ou com qualquer outra pessoa que não fosse da casa em que trabalhava, afastada de Barcelona. Nessa época, seus filhos ficaram com o ex-marido e com a sogra, enquanto Veneranda tentava adaptar-se à mudança de vida.

Trabalha como profissional de limpeza, contratada por horas, como uma diarista, há mais de 20 anos. Seu dia é dividido entre outras atividades, pois colabora em associações de migrantes: a *Asociación de la Comunidad Dominicana en Cataluña* e o grupo *Lazos y Voces*, sobre o mau trato à mulher migrante. O envolvimento em associações sempre fez parte da trajetória de Veneranda, mesmo quando ainda morava na República Dominicana, e integrava grupos de jovens da igreja católica. Juntos ergueram uma capela para que pudessem ser realizadas missas em seu povoado. Eram os mesmos amigos que assistiam a aulas à distância, transmitidas por uma emissora de rádio. Teve uma infância e adolescência tranquilas na zona rural de Fantino, município localizado na província de Sánchez Ramírez, onde seus pais eram donos de uma propriedade rural e viviam da produção agropecuária.

A primeira experiência de migração foi vivida em seu próprio país. Depois de seis anos com seu primeiro marido, com quem começou a morar junto aos 19 anos, deixou Fantino para trabalhar na capital, Santo Domingo. A ideia de morar na Espanha surgiu sete anos depois, através do convite de sua melhor amiga, que já estava em Barcelona há um ano. Com o tempo, pagou a passagem de suas três irmãs, que hoje vivem também na Espanha. Na

época, não era necessário o visto para entrar no país e por mil dólares comprava-se um bilhete de ida e volta. Diferentemente das irmãs, que estiveram sem documentação por um tempo, Veneranda migrou com um contrato de trabalho e depois conseguiu a nacionalidade espanhola por tempo de residência.

Antes disso, sua vida era o trabalho e as poucas horas de folga por semana. Não tinha como alugar um lugar para morar, pois não era possível que um estrangeiro assinasse um contrato em uma imobiliária. A única diversão era um clube de dança que frequentava aos domingos: “Nos íbamos a una discoteca que había en Sagrada Familia que se llama Nisa, era el lugar donde íbamos para ver los señores bailar”. Foi onde conheceu seu marido.

Depois de ter se sentido mal na rua e sofrido um acidente, Veneranda reduziu as horas de trabalho por semana. Em seu tempo livre, além de cuidar da casa e dar atenção a seus quatro netos, que moram com a filha em sua casa, costuma ir à missa, sair para fazer compras e organizar jantares para “parejas mistas”, como refere casais de amigos formados por migrantes e espanhóis. Viaja para visitar amigos e o restante da família que ficou na República Dominicana, pelo menos, a cada dois anos, mas fala com o filho com frequência por telefone, usando cartões internacionais comprados em locutórios. Aprendeu a usar internet com seu filho mais novo, técnico em informática, em um curso que ele ministrou na associação de dominicanos.

5.3.4 Monica

Entrevistada 12 - MONICA	
País de nascimento	Equador
Idade	28 anos
Atividade profissional	Profissional de limpeza e babá
Condição de cidadania	Permissão de residência e trabalho
Tempo de residência na Espanha	4 anos
Local da entrevista	Casal de Poble Sec, na praça do Surtidor, no final de ensaio de grupo de dança
Data da entrevista	20 de janeiro de 2008

Monica vive em *L'Hospitalet de Llobregat*, mas foi em *Poble Sec*, bairro de Barcelona, que a entrevista foi realizada. Era domingo e seu grupo de dança acabava o ensaio semanal no prédio da prefeitura, que reúne atividades comunitárias, próximo da praça *El Surtidor*. O primeiro contato com a equatoriana de 28 anos aconteceu na festa do Dia

Internacional do Migrante, quando o mesmo grupo fazia uma apresentação. Há quatro anos vivendo na Espanha, as reuniões em torno do folclore, dos ritmos e da cultura equatoriana foram o jeito encontrado por Monica e seu marido de manterem forte o vínculo com seu país.

Nascida em Quito, desde os cinco anos de idade Monica vivia em Otavalo, uma cidade turística na serra equatoriana, descrita com entusiasmo por ela como “*el país del amanecer*”. Destaque para o mercado de artesanato, famoso no mundo, e contado em detalhes por Monica, que começou um curso de desenho e trabalhou com produção artesanal antes de se mudar para Barcelona. A decisão foi motivada pelo fato de familiares do marido já terem migrado e falarem da Espanha como um bom lugar para viver e trabalhar. Um primo era o contato mais próximo e garantia um apoio logo na chegada. O marido também veio um pouco antes para certificar-se de que valia a pena investir na mudança. Ele já tinha passado um tempo no Chile e os dois chegaram a viver alguns meses na Colômbia antes da migração para a Espanha. Mas Chile e Colômbia não corresponderam à expectativa do casal, que acabou retornando ao Equador.

A Espanha, residência de Monica desde 2004, parece ter sido uma boa investida, embora o trabalho com artesanato já não renda mais o sustento da família. O marido passou a trabalhar em uma loja de pneus e ela a fazer serviços domésticos. Nas palavras de Monica, é dura a competição dos produtos artesanais diante da oferta de mercadorias chinesas.

Difícil também era a distância que separava Monica de suas duas filhas, de 11 e 5 anos. Durante a entrevista, ela falava da esperança de tê-las em breve em Barcelona. Terminava o processo de reagrupação familiar⁹⁵. Nos últimos anos, Monica tentava visitá-las pelo menos a cada seis meses, o que nem sempre conseguia, porque dependia do período de férias. Como trabalho, além das tarefas de limpeza e manutenção em uma escola, Monica é responsável pelo cuidado de duas meninas, gêmeas de seis anos, que leva à escola, alimenta e repara todos os dias.

Da última vez em que esteve em Otavalo, a filha mais velha não queria deixá-la partir, o que fez com que Monica tomasse uma decisão: regressava ao Equador se os papéis das meninas não saíssem logo. Não foi preciso: em dezembro, quando foi retomado o contato para uma segunda entrevista, Monica não estava em Barcelona. Passava as festas do Natal e Ano Novo em um povoado nos arredores da cidade com o marido e as filhas, que, finalmente, voltavam a viver com os pais.

⁹⁵ O direito à reagrupação familiar é o direito de viver com a família, reconhecido por convenções internacionais e garantido pelo estado espanhol. Entretanto, é limitado a filhos menores de idade, cônjuges e ascendentes acima de 65 anos e o processo apresenta requisitos custosos e burocráticos, como o caso de Monica indica.

A casa, na época da entrevista, era dividida com outras migrantes. Além do casal, uma moça do Equador e outra da Bolívia. Eles ainda se acostumavam com a vida em *La Florida*, bairro de *L'Hospitalet de Llobregat*, onde passaram a morar, mas estavam a maior parte do tempo em Barcelona, em função do trabalho ou do lazer. Eram ali os ensaios do grupo de dança e onde costumavam passear. Nos sábados, depois do meio-dia, quando começava a folga, Monica ia ao mercado *La Boquería*, andava pelas *Ramblas* e ia para casa cozinhar. De tarde, o programa incluía horas de *chat* com as filhas, com parentes e amigos no Equador. Às vezes aos domingos, depois do ensaio, ia com os amigos a *Sabadell*, onde moram muitos equatorianos: “Los de la danza, ellos, son mis amigos y ¿quién más? Unos que otros paisanos que te encuentras, que vienen de mi país. Hay unos amigos que antes nos conocíamos en Ecuador y están por aquí, pero aquí en Barcelona centro no. La mayoría de mi país, de mi ciudad están por Sabadell”, diz Monica. “Depende de cuando tenemos tiempo, un domingo cuando tenemos tiempo. Y, claro, Sabadell está lejos todavía, muy lejos y cuando tienes tiempo y te da las ganas vamos a Sabadell a las canchas de básquet a practicar un poco de deporte”, completa.

Um hábito adquirido em Barcelona, que a acompanha nas horas livres ou quando vai para o trabalho, é a leitura. Entre seus livros mais recentes, estava um que falava sobre a educação de pré-adolescentes, preocupação presente na vida de Monica que, ao longo da entrevista, fez várias comparações entre o sistema de ensino em seu país e na Espanha, a partir da experiência de acompanhar o aprendizado das filhas à distância e das gêmeas que cuida como babá.

Monica fez um curso técnico de corte e modelagem. Tentou começar o curso de Desenho Industrial na *Universidad Técnica Gimnasia*, no Equador, mas largou porque não teve como manter o custo e precisava trabalhar. Chegou a iniciar a faculdade de Administração, imaginando que seria mais fácil conseguir um emprego, mas abandonou logo no início, quando se casou e passou a trabalhar com o marido. Em Barcelona, fez um curso rápido de catalão e buscava outras oportunidades de estudo, talvez um curso de massagem para aproveitar o tempo, pois não gostaria de seguir trabalhando com limpeza por muito tempo.

Monica não espera, como muitas de suas amigas, viver na Espanha até ter direito a uma aposentadoria. Seria muito tempo até os 65 anos e ela espera uma vida mais tranquila, antes disso, no Equador. Quem sabe não muda de ideia com a adaptação das filhas na Espanha? “Es que los planes, podemos tener unos planes, pero cualquier cosa los planes se pueden cambiar. No puedes fijarte algo, pero algo sí tienes que hacer”.

5.3.5 Sara

Entrevistada 13 - SARA	
País de nascimento	Peru
Idade	34 anos
Atividade profissional	Coordenadora técnica em ONG
Condição de cidadania	Permissão de residência e trabalho
Tempo de residência na Espanha	4 anos
Local da entrevista	Escritório, sede da ONG em que trabalha, no bairro <i>Eixample</i>
Data da entrevista	25 de janeiro de 2008

Sara nasceu em 1974, no bairro de *Jesús Maria*, em Lima, capital do Peru. Filha de uma feminista, que trabalhou desde os anos 60 em movimentos sociais, e de um líder sindical, acabou sendo criada pelo segundo marido da mãe, um espanhol que migrou para o Peru e com quem a mãe de Sara fundou uma ONG que desenvolvia projetos com mulheres campesinas em zonas em situação de conflito.

Formada em Jornalismo, Sara desde a faculdade começou a se envolver em projetos sociais e em entidades como a Anistia Internacional, na qual trabalhou por cinco anos, como responsável para questões de mídia e desenvolvimento. Foi em um evento promovido pela organização na Espanha, em 2002, que Sara conheceu um voluntário na defesa dos direitos humanos que, dois anos mais tarde, a fez migrar para a Espanha e com quem está casada.

No primeiro ano em Barcelona, Sara participou de um projeto de pesquisa sobre a presença da Anistia Internacional nos meios de comunicação espanhóis. Chegou a atuar como voluntária na ONG InterRed, que desenvolve projetos de cooperação internacional e desenvolvimento, onde hoje é coordenadora técnica no escritório da Catalunha. Mora em *Badalona*, mas participa do dia-a-dia de Barcelona, cidade em que trabalha e em que aproveita o tempo livre. Convive com a família do pai adotivo, natural de Valência, e com a família do marido, assim como mantém o contato com os irmãos, a mãe e amigos no Peru.

Produz um blog criado a partir da experiência de um grupo de mulheres latino-americanas residentes em Barcelona, o *Hijas de la Tierra* (www.hijasdelatierra.net), que surgiu a partir da experiência do coletivo em um programa de rádio. Atua em outros projetos em que o tema central é a migração, como uma rede de mulheres latino-americanas na Europa, que começa a ser organizada, e a rede Diáspora Solidária, cujo objetivo é apoiar projetos sociais na América Latina a partir de colaborações de migrantes em países europeus.

5.3.6 Ana

Entrevistado 14 - ANA	
País de nascimento	Brasil
Idade	24 anos
Atividade profissional	Atendente em cafeteria
Condição de cidadania	Sem documentos
Tempo de residência na Espanha	9 meses
Local da entrevista	Residência, no bairro de Navas
Data da entrevista	24 de janeiro de 2008

Ana, brasileira de 24 anos, decidiu morar em Barcelona mesmo antes de terminar a faculdade de Hotelaria que cursava na cidade de Porto Alegre, onde nasceu. Deixou a mãe, o pai e a irmã, com quem morava, e viajou sozinha para Barcelona. Ia cursar um mês de aulas de espanhol, mas o objetivo sempre foi arrumar um trabalho e morar na cidade, mesmo sem documentação. Quando criança, morou em São Paulo e Minas Gerais com a família, mas foi na viagem que fez para o parque de diversões da Disney, nos Estados Unidos, que teceu planos de um dia viver em outro país.

Como o seu inglês era fraco e conhecia muita gente que morava em Barcelona, não foi difícil tomar a decisão. No início, foi ajudada por um amigo de Porto Alegre que a recebeu em sua casa. O primeiro trabalho, como atendente em um locutório, veio logo, assim como o de limpeza de prédios no final de obras ou em uma fábrica de peças para automóveis. Chegou a acumular três atividades ao mesmo tempo.

Ana divide o apartamento com outros quatro brasileiros. Gosta de sair para dançar, o que tem feito pouco em função dos horários do emprego atual. Às 7 horas, abre a cafeteria em que trabalha em *Badalona* para, às 8 horas, começar a receber os primeiros clientes. Faz sanduíches, serve as mesas, trabalha no caixa. Planeja fazer algum curso enquanto mora em Barcelona, mas não tem nenhum projeto concreto. Imagina voltar de férias para visitar a família, mas quer seguir vivendo em Barcelona por mais um tempo, cidade que significa para Ana, sobretudo, independência.

5.3.7 Fernando

Entrevistado 15 - FERNANDO	
País de nascimento	Uruguai
Idade	52 anos

Atividade profissional	Atendente em locutório, funcionário do aeroporto e <i>call center</i> de serviço de saúde
Condição de cidadania	Permissão de residência e trabalho
Tempo de residência na Espanha	6 anos
Local das entrevistas	Residência, no bairro Sagrada Família e em cafeteria próxima a sua casa
Data das entrevistas	26 de janeiro de 2008 e dezembro de 2008

Fernando, de 52 anos, nasceu no Uruguai, é casado e tem dois filhos. Mora em Barcelona desde 2002. Em 2008, ficou cinco meses desempregado, antes de conseguir trabalho no serviço de emergências de saúde da Catalunha, atendendo a chamadas telefônicas. Antes, em janeiro de 2008, trabalhou no aeroporto de Barcelona, no *check-in* de passageiros.

Natural de *Paysandú*, ao norte de Montevideu, viveu na cidade até os 17 anos, quando o golpe militar fez com que decidisse morar na Argentina, onde esteve até 1976, quando regressou ao Uruguai. De 1980 a 1985, viveu na Europa, sem um endereço fixo: “éramos los últimos hippies, ya los últimos colectazos de la generación hippie”. Vivia entre as colheitas de frutas na França, Suíça e Grécia, e passava o tempo entre uma safra e outra viajando. Como destino, estavam Turquia, Índia e outros países.

Viajou pela primeira vez para a Europa com a primeira companheira, que acabou se casando com um francês. Voltou ao Uruguai decidido a não mais deixar o país. “Me costó un año y medio en Uruguay a determinar se me quedaba o no, hasta que dice sí. Esta es mi tierra y de acá no me voy más y mira...”. Dezessete anos mais tarde, a crise econômica pela qual passava o país fez com que decidisse migrar mais uma vez: agora com a família. Facilitou o fato de a mulher e os filhos terem cidadania italiana e de Fernando manter contato com um casal de amigos que morava em Barcelona, que ajudou a encontrar e alugar o apartamento em que moram.

Fernando tem residência temporária na Espanha (com permissão de residência e trabalho). Entre suas muitas experiências profissionais, trabalhou no locutório da rua *Sardenya*, no bairro Sagrada Família, onde conheceu a experiência de muitos outros latino-americanos: “Es clarísimo lo que es un locutorio, que es un lugar como de encuentro, no es solamente a ir a conectar. La gente busca un espacio, a decir, como un mundo paralelo. El locutorio es un mundo paralelo”.

5.3.8 Juan

Entrevistado 16 - JUAN	
País de nascimento	Colômbia
Idade	42 anos
Atividade profissional	Músico
Condição de cidadania	Permissão de residência e trabalho
Tempo de residência na Espanha	6 anos (em 1995 e desde 2003)
Local das entrevistas	Café no centro de Barcelona, bairro Gótico
Data das entrevistas	3 de fevereiro e dezembro de 2008

Juan nasceu na zona rural da Colômbia, mas logo sua família se mudou para Bogotá, onde ele viveu até a época da faculdade de Psicologia. Morou na Espanha pela primeira vez em 1995, como aluno visitante na Universidade de Córdoba, através de um programa de intercâmbio. Voltou quando terminou a bolsa, depois de um ano, para concluir o curso, mas com o desejo de retornar ao país em breve, o que só acabou acontecendo em 2003. Chegou a morar seis meses em Madri, antes de escolher Barcelona como a cidade espanhola em que gostaria de viver.

Trabalha como músico de forma independente: grava seus próprios CDs, disponibiliza seu trabalho na internet e toca na rua em bairros como *Raval*, *Born* e *Gràcia* para divulgar sua música, receber pelas apresentações e vender seus CDs. “La música que yo hago es la música regional de Colombia, de diferentes regiones”, explica.

Juan é solteiro e diz que não mora em um lugar específico. “Bueno, a veces vivo en varios sitios, a veces no. Tengo una caravana. Ahora tengo mis cosas en la caravana”. É porque afirma não aguentar a rotina e tem dificuldade em dividir um lugar para morar. Costuma viajar a Colombia e a outras cidades da Espanha com frequência.

Foi candidato a deputado na Colômbia, em 2005, mesmo vivendo em Barcelona. Sua campanha foi toda desenvolvida através da internet, com a ajuda de apoiadores residentes no seu país de nascimento. Foi quando criou um site oficial da campanha e um blog que seguiu atualizando, dedicado a tratar de política e de atualidades na Colômbia e na América Latina.

5.4 Narrativas de identidade

Difícil apreender do relato dos entrevistados aquilo que se refere especificamente aos modos como constroem questões identitárias, pois a vivência das identidades perpassa toda a história pessoal e atravessa as falas desde a apresentação de cada migrante, passando por sua trajetória migratória, as relações que estabelecem com o país de nascimento e de migração, seus cotidianos, deixando marcas nas histórias de cada um com os meios de comunicação e com a internet. Toda a entrevista, portanto, faz emergir elementos que ajudam a entender o modo como os migrantes de diferentes nacionalidades percebem, relatam e vivem suas identidades. O que fazemos aqui é apresentar e discutir parte das falas que nos fazem refletir sobre esse universo tão múltiplo e complexo.

Para organizar a análise, estabelecemos cinco eixos centrais tensionadores do material empírico levantado. Em um primeiro momento, nos interessa apresentar a auto-construção identitária, ou seja, o modo geral pelo qual se definem os entrevistados, o que ora é acionado pelo sentido de pertença étnica ou nacional, ora pela própria experiência de deslocamento, como veremos. Outros dois eixos apresentam as narrativas acerca da identidade migrante e da identidade vinculada às relações com o país de nascimento. Depois, discutimos as construções feitas sobre a latino-americanidade, os sentidos e experiências de ser latino-americano na migração.

Também ganhou uma dimensão importante na análise o relato de experiências redefinidoras das trajetórias de identidade a partir de relações transnacionais próprias da condição migrante e acionadoras do que entendemos por identidades cosmopolitas, diretamente relacionadas com um ideal de cidadania planetária ou cosmopolita. Ao longo dessa parte da análise, apontamos considerações sobre a dimensão de cidadania para os entrevistados, não apenas como conquista de direitos, mas também como sentido de pertença, o que será aprofundado na discussão sobre os usos da internet.

Nenhum dos eixos de análise aparece desassociado dos demais. Pelo contrário, sua compreensão só é possível diante do entendimento do emaranhado de vínculos estabelecidos pelos sujeitos, pois estamos diante de identidades plurais, vividas a partir do contato entre as culturas e da experiência da diversidade, só possível de ser concebida em sociedades múltiplas e complexas.

Trabalhamos aqui com a concepção das identidades como narrativas, ou seja, como construções sociais em constante transformação e ressignificação a partir da relação dinâmica que se estabelece entre o modo como o sujeito se percebe e como é percebido pelos outros.

Segundo Piastro (2008, p. 25), as identidades podem ser entendidas como uma narração que se elabora a partir de diferentes marcos conceituais: “estos se definen como el conjunto de recursos teóricos y conceptuales que las personas tienen a su disposición para interpretar y comprender el mundo y también para actuar en él”.

Trata-se de uma narração dialógica, que se reconstrói em interação permanente com diferentes experiências vividas pelos sujeitos. Portanto, as narrativas identitárias apresentam um caráter dinâmico. Elas vão sendo remodeladas à medida que os sujeitos são confrontados por novas fontes de significado, o que nos ajuda a entender o impacto das transformações experimentadas pelos migrantes em suas vivências identitárias. Ao deslocar-se, o migrante suspende, ao menos temporariamente, seu contexto de narração identitária, o contexto no qual construiu suas crenças e seus costumes, de modo a incorporar outros referentes e adaptar-se a uma forma de vida em muitos aspectos diversa da que estava habituado. No entanto, diferentemente do que apontam estudos que consideram a integração como necessidade de abandonar uma identidade tida como original em nome de novos valores, entendemos que as consequências da experiência da migração nas identidades são muito mais complexas do que uma simples substituição ou conciliação entre o “velho” e o “novo”.

Como discutimos ao referirmos a ideia das identidades na diáspora, é preciso abandonar a noção de fronteira se quisermos, de verdade, entender os sentidos de pertencimento experimentados na contemporaneidade – o que vale para pensarmos sobre qualquer experiência identitária, mesmo aquelas que supostamente estariam mais vinculadas a uma cultura localizada territorialmente. A todo o momento, somos chamados a participar de múltiplos territórios, marcados por culturas híbridas e que ajudam a configurar identidades entendidas em seu constante fazer-se, sobretudo ao considerarmos o papel das mídias e das tecnologias da informação e da comunicação ao colocar em contato culturas e aproximar sujeitos. Essa relação se potencializa quando abordamos experiências de quem vive em um espaço intermediário entre *aquí* e *lá*, como entendemos os sujeitos em diáspora a partir dos relatos de nossos entrevistados.

5.4.1 Autoconstrução identitária: por onde são contadas as histórias

Yo no se de donde soy,
mi casa está en la frontera,
y las fronteras se mueven como las banderas.
Mi patria es un rincón del canto de una cigarra.

Los dos primeros acordes que yo supe en la guitarra.
 Soy hijo de un forastero y de una estrella del alba,
 y si hay amor me dijeron,
 si hay amor me dijeron,
 la distancia se salva.
(Frontera, Jorge Drexler)

Antes de analisarmos separadamente os múltiplos referentes que constituem as identidades experimentadas pelos entrevistados, é importante situar o que cada um narra de si, como se definem e quais são os elementos identitários que surgem quando são chamados a contar suas próprias histórias. Dessa forma, não aprofundaremos aqui os sentidos construídos para as diferentes formas de reconhecimento, mas indicaremos aquelas que aparecem disputando uma política de posição estratégica nos relatos, o que precisa considerar o fato de os entrevistados estarem na presença da pesquisadora, mulher brasileira, latino-americana, que propôs a aproximação inicial através da apresentação dos objetivos gerais da pesquisa situada nos eixos da América Latina e das migrações. Interessante observar que, nos relatos, aparecem referências que situam a pesquisadora como *nós*, migrantes, no caso de Barcelona, e como *vocês*, brasileiros, no caso de Porto Alegre. Em várias passagens, os entrevistados falam a partir dessa identificação ou alteridade que vai sendo construída em relação à pesquisadora.

Por política de posição nos reportamos à ideia de identidade em termos de posicionamento: trata-se, não de uma essência, mas de uma construção estratégica baseada nos vetores da similaridade e continuidade, da diferença e ruptura. Nesse sentido, ela não é uma questão de ser, mas de se tornar ou devir: “Não é algo que já exista, transcendendo a lugar, tempo, cultura e história. As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante” (HALL, 1996, p. 69). Longe de serem fixas, continua Hall (1996, p. 69), “são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado”. Como posicionamentos, as identidades são transformadas num jogo de negociações entre diferenças.

Com a adoção de um conceito de identidades estratégicas e relacionais entendemos “que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2000, p. 108). Ou seja, as identidades estão em processo constante de mudança e transformação. São multidimensionais, flexíveis, dinâmicas. Embora permita pensar em escolhas na definição da identidade, esse

processo não é totalmente livre. As estratégias levam em conta as questões de poder, através de elementos como a “situação social, a relação de força entre os grupos e as manobras dos outros” (CUCHE, 1999, p. 196).

A história dos entrevistados está diretamente presente no modo como cada um se define diante de questões propostas ao longo das entrevistas, assim como a forma como são enquadrados pelo olhar dos outros, quer pela negação ou pela aceitação da alteridade como constituinte das formas de reconhecimento. Aparecem, por exemplo, declarações que referem uma tentativa de afastamento diante da tendência de vinculação das identidades a estereótipos, como relata Maria, ao ser constantemente identificada como uruguaia ou argentina pelos moradores de Porto Alegre por causa de seu modo de falar. Na entrevista, ela se diz inicialmente latino-americana, depois reforça sua diferença pela nacionalidade:

É que muitas pessoas, quando **nós latinos** falamos, acham ou que somos uruguaios ou argentinos, né. Então, aí eu tenho que falar: “não, eu sou peruana”. (...) Também, muitas pessoas já me falaram que eu não tenho o protótipo de peruano, que tem aqui em Porto Alegre. Que geralmente aqui, vem do Cusco, da serra. Eu sou de Lima, né. Então, também é por isso. (...) Mas a maioria me pergunta isso. Se eu não sou do Uruguai ou da Argentina. Aí eu explico: “**não, não, eu sou de Lima, capital do Peru, eu sou peruana**”⁹⁶ (Maria, 36 anos, nascida no Peru, residente em Porto Alegre).

A ênfase na pertença étnica ou com referência ao país de nascimento está presente na autoconstrução identitária de outros entrevistados, como Monica, residente em Barcelona, que com exceção de suas relações de trabalho, convive quase que apenas com outros equatorianos, principalmente em função do envolvimento que estabeleceu com o grupo de danças folclóricas em que participa com o marido nos momentos de lazer. Segundo seu relato, a participação no grupo *Saihua* trouxe mais conhecimento sobre diferentes manifestações da cultura equatoriana, o que nos indica que, muitas vezes, a pluralidade da cultura nacional só é percebida depois da experiência da diáspora:

El grupo de danza, bueno, el grupo de danza yo lo conocí aquí, al estar aquí unos 3 años. No, a los 2 años y medio de estar aquí lo conocí el grupo aquí y con ese grupo he aprendido muchas cosas, muchas costumbres de que no había conocido tanto antes en mi país. Porque yo al estar en Ecuador salía

⁹⁶ Em todas as citações feitas a partir das entrevistas, os sujeitos são apresentados por seus primeiros nomes (com exceção de duas entrevistadas apresentadas por pseudônimos), idade, país de nascimento e cidade para a qual migrou, de modo a facilitar a identificação. Os grifos em negrito nos relatos são uma forma de sintetizar e destacar, de alguma forma, elementos que consideramos importantes nas narrativas.

por algunos sitios, pero no tanto como conocer costumbres de Cuenca, de... **Hay muchísimas culturas que tu mismo siendo de tu país no conoces porque no te vas abierto para conocerse.** No se da tiempo, sea lo que sea, pero he aprendido con esto a conocer las vestimentas, las costumbres de los bailes. Es muy interesante el grupo de danza (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Luci, entrevistada em Barcelona, ao longo da entrevista traz elementos que mostram como se reconhece, ao mesmo tempo, como peruana, pela manutenção de vínculos com seu país de nascimento, como migrante, pelo convívio no locutório em que trabalha e pela preocupação com questões sociais e políticas a respeito da migração, além de espanhola, sobretudo desde que obteve a cidadania e pode investir em projetos pessoais, como uma viagem de férias, e o desejo de ampliar os negócios em Barcelona.

Em dois casos, a identidade de gênero disputa uma posição estratégica como forma de reconhecimento para as entrevistadas. Sara, pela história familiar de envolvimento em movimentos sociais, se diz feminista e atua em grupos de mulheres migrantes, demonstrando, ao longo de seu relato, uma forte vinculação à ideia de América Latina, sobretudo pela referência a uma dimensão política.

Y estoy desarrollando mi trabajo y mi participación desde sociedad civil. Conocí a un grupo de chilenas que tenían un trabajo en una radio y tienen también un espacio virtual que es el Hijas de la Tierra. También me invitaron a participar como integrante para dentro de el espacio, actuar o reflexionar sobre todo el tema de género y feminismo, ¿no? Además porque **la mayoría de las integrantes somos feministas y estábamos participando en nuestros países.** En Perú yo participaba en un grupo de mujeres. Era muy activa, y todo eso. Cuando vienes para acá también intentas involucrarte en esos tipos de espacios, ¿no? Es un espacio como una plataforma para defender lo que yo pienso que se está organizando. Podemos trabajar con informaciones en términos de género y que podemos aportar nosotras con opinión personal, con crítica personal (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Veneranda também atua em um coletivo em defesa de mulheres migrantes em situação de risco em função da violência de gênero. Sua narrativa resgata a importância da participação em grupos, sejam religiosos, em sua adolescência, ou sobre a questão migrante, desde que passou a morar na Espanha. Na entrevista, Veneranda se identifica primeiramente como dominicana e, depois, como migrante. No seu caso, já na resposta à primeira pergunta, quando

foi chamada a se apresentar, há referências ao trabalho que realiza nas associações que articulam questões identitárias:

Buen, me llamo Veneranda. Vivo en la calle Santiago Apóstalo, de Hospitalet, el 33 principal tercero y trabajo en servicio domestico, por hora⁹⁷, desde hace veinte años. **Colaboro con la asociación dominicana en Cataluña**, y a parte colaboro con un grupo sobre el maltrato a la mujer emigrada. **Somos un pequeño grupo de mujeres latinas**, somos cada una de cada país y el grupo se llama Lazos y Voces (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Entre brasileiros entrevistados em Barcelona, percebemos certa negação da identidade latino-americana. Essa referência é explícita no relato de Ana, que afirma não gostar ou ter vergonha de ser identificada como tal, até mesmo como uma forma de distinção diante dos migrantes de outras nacionalidades, o que pode estar associado à imagem estereotipada construída para os latino-americanos na mídia. Segundo seu relato, parece mais interessante ser reconhecida como brasileira, por todo o imaginário construído para a identidade nacional na Espanha, muito ligado a festividades, ao futebol e um jeito de ser alegre, mesmo que a própria entrevistada reconheça certo conflito ao referir a afirmação do orgulho que sente como brasileira:

Eu vou te dizer que eu não gosto muito quando me vem: “Ai latino-americana”. Não me faz muito bem, **eu prefiro brasileira, assim, brasileira e com muito orgulho**. “Ah, mas então o que tu ta fazendo aqui?” Eu vim por que eu tinha um sonho, entendeu? Tipo, não to desmerecendo meu país, nem aqui, acho muito bom o país de vocês, a cidade de vocês, mas gosto do meu país também. Sei que tem muita coisa errada. Tem: todo mundo sabe. E é até por isso que o pessoal lá tem vontade de conhecer outros lugares (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

Cleunir, que, como dissemos, participa de um cenário cultural latino-americano em Barcelona, possui dupla nacionalidade, o que enfatiza em toda a entrevista como essencial para o modo como se reconhece como brasileiro e espanhol, embora diga não pensar nas diferenças entre as duas identidades. Para além dos dois sentidos de pertença, ele refere a importância da cultura da Catalunha em seu cotidiano e sua vinculação à identidade catalã, mesmo que sua família seja da Andaluzia. A construção identitária aparece em diferentes momentos ao longo da entrevista:

⁹⁷ O que significa que trabalha como uma diarista, paga por hora de trabalho.

Eu me integrei perfeitamente, com perfeição. Ou seja, me sinto um espanhol. **Um brasileiro no Brasil e aqui na Espanha me sinto um espanhol.** Ou seja, não me sinto diferente. (...) Eu me sinto muito espanhol, eu me sinto integrado 100%. No Brasil me sinto bastante brasileiro, sou brasileiro, mas ser espanhol para mim, eu não paro para pensar nisto. Acredito que automaticamente eu me sinto como um espanhol, penso como um espanhol. **Vivo aqui, estou 100% integrado, mas muito catalão, a parte** (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

Ser catalão, para Cleunir, significa ser independente, reservado nas relações pessoais, viver intensamente cada dia: “Muito frios que são os catalães. Eu sou um pouco assim, me sinto um pouco identificado, me sinto muito independente, muito ‘a mi rollo’, como se diz aqui na Espanha, muito independente”. Cleunir também se diz hospitaleiro e desconfiado como os catalães: “Sempre com segundas intenções, estão sempre, sabe? Por que isso? Por que aquele outro? Eu também sou um pouco assim”.

A força de identidades regionais aparece em outros relatos, embora não tenham sido abordadas diretamente nas entrevistas. É o que percebemos no caso de um migrante em Porto Alegre que, para além da identidade nacional e da própria identidade latino-americana, se reconhece como gaúcho. Arturo, com forte participação entre a comunidade da América Latina presente na cidade, se diz gaúcho por adoção aos valores da cultura regional tradicionalista. “Eu já adotei Porto Alegre, e sim, eu sou gaúcho, né, até porque, com o tempo eu fui gerenciar um CTG, que é um antro de tradicionalismo puro. Então eu adotei. Eu andava de bombacha, sabe? Não consegui tomar chimarrão, mas o resto eu adotei tudo”. Seu relato é marcado, inclusive, por marcas de distinção da identidade gaúcha diante da identidade nacional:

O gaúcho é um povo mais elitizado, mais de todo o Brasil, neste ramo gastronômico, eu sei, porque num restaurante que dá certo aqui, ele só não é rico se não vai pro Norte, porque lá parece que o atendimento, tudo, deixa muito a desejar. Então Porto Alegre me brinda essa opção. **E eu gosto de Porto Alegre. Eu adotei como minha segunda, minha segunda pátria.** Meus filhos nasceram aqui, minha ex-esposa mora aqui. Então eu conheço mais pessoas aqui. Eu me sinto bem, porque eu saio na rua, como eu trabalho no ramo de alimentação, todo mundo te conhece e tu marca, porque a gente sai e tu marca, o boliviano, sabe... “ah o boliviano ali, o boliviano”... (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Marcela, entrevistada também em Porto Alegre, é uma das migrantes que mais faz referências a uma identidade transnacional ou cosmopolita, como aprofundaremos adiante.

Entretanto, ela também demonstra forte vinculação a uma identidade regional, a portenha, embora tal identificação seja um pouco problemática tanto na Argentina, pelas disputas regionais, quanto no Brasil, pelo imaginário criado em torno da tensão entre brasileiros e argentinos, como ela mesma percebe:

Eu gosto de dizer assim: portenha. Portenha é a pessoa de Buenos Aires, quem nasceu em Buenos Aires e quem curte a cultura de Buenos Aires. Porque pelo menos o resto do país assim, é bem distinto, pessoas que são do interior são bem distintas das que são de Buenos Aires. **Na verdade, nós os portenhos não temos boa fama,** não sei, os paulistas, alguém de São Paulo tipo, que conhece pessoas das cidades grandes que estão sempre apressadas, sempre correndo e não são muito simpáticas. Então quando eu falo isso pra uma pessoa do interior do meu país não fica bem, tipo, eu já conheci uma menina que é brasileira que apenas cumprimentei e ela: “oi muito prazer! De onde que tu é?”. “De Buenos Aires, portenha”. Ela: “ah, vocês são os piores!”. Eu fiquei assim, “somos mesmo”, eu respondi. Mas depois fiquei assim mudando de assunto porque é minha amiga nos dias de hoje. Sim, mas a primeira impressão foi um choque pra mim, porque ela já tinha conhecido uns argentinos que falaram mal dos portenhos pra ela, então sua primeira reação comigo foi falar: “ah, portenha, são os piores!” (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre).

Freddy e Roberto, ambos entrevistados em Porto Alegre, podem ser apontados como sujeitos bastante identificados com uma identidade cosmopolita. O primeiro por sua condição de artista, por sua vivência em diferentes países e por seu próprio modo de vida entre muitos lugares. Freddy, em uma reapropriação da geografia tradicional, diz que, há alguns anos, seu país ia da Baía do Guanabara até o Rio da Prata. “Esse é o meu país, sem fronteiras. Depois ficou do Guaíba até o Rio da Prata, Oceano Atlântico”. Para Roberto, as diferenças dos países onde morou foram sendo incorporadas em seu modo de ser. Ele não se imagina mais sem a mescla de influências que o constituem, como comenta:

Hoje em dia é uma grande mistura, os quatro anos na Suécia mudaram muito a minha forma de ver as coisas, eu acho que até a minha, não sei, o dia-a-dia. Acho que fiquei muito mais de certa forma pontual e organizado, sistemático, que já era muito, mas a cultura sueca foi uma influência enorme. O Brasil me deu uma, muita coisa, fiquei muito mais descontraído por outro lado, aprendi a dançar também, que no Uruguai era muito mais tímido, retraído. Meus cinco anos de graduação no Brasil foram impressionantes, foi uma mudança grande assim, especialmente no meu âmbito de estudo, que é engenharia. No Uruguai é um âmbito muito especial, as pessoas muito fora do mundo. Lá, tu vai estudar engenharia, parece que é um lugar que, não sei, que a pessoa que faz engenharia, você olha na rua e fala: “ah, esse aí vai estudar engenharia” (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Juan, nascido na Colômbia, logo na primeira aproximação que tivemos, em um mercado de comida latino-americana, foi enfático ao dizer que não gostava de rótulos e fugia dos guetos – ao morar em Barcelona, queria viver como as pessoas dali: “Hay gente que le parece que está bien, pero estar en un país donde, que se yo, la gente come alioli y estar en un restaurante colombiano comiendo empanadas... Si estás en un país, entonces tienes que compartir lo que es de ahí, escuchar la música de ahí”. Foi assim que Juan se apresentou no início da entrevista: “Soy colombiano. Soy músico, soy psicólogo y soy... no sé si se puede decir, soy político. Trabajo con la política”.

Fernando reporta-se à história de migração do Uruguai para falar do modo através do qual constrói suas próprias narrativas de identidade. Ele lembra do tempo que passou viajando pela Europa, nos anos 80, e fala das mesclas que o constituem como responsáveis pela tendência a não se fixar a uma ou outra cultura de forma excludente. “Cada vez eres menos de un lugar”, afirma. No Uruguai, como lembra, todos são netos de migrantes, espanhóis, italianos ou de outras nacionalidades, o que torna a ida para a Europa um processo tranquilo:

En mi caso hay migrantes europeos en la familia, claro, pero en una generación más atrás. **Somos de los uruguayos viejos: cuatro generaciones**, eh... que hay solo, ¡ojo! El caso de mi mujer es más de inmigración europea que se ha quedado aquí, más mezclado. Por ejemplo, tengo un bisabuelo asturiano que llego por equivocación. Se tenía que bajar en Buenos Aires, tenía 16 años y bajó en Montevideo. Mi bisabuela era negra, era de Brasil, era esclava de pequeña y su madre le trajo para el Uruguay y se casó con mi bisabuelo. Después hay vascos, hay italianos. **En Uruguay no hay nadie puro, no existe la familia pura. Somos todos nietos y bisnietos o hijos de inmigrantes** (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Para pelo menos dois entrevistados, a identidade do país de migração é estratégica no modo como narram suas experiências identitárias. Hector, por exemplo, identifica-se como brasileiro, pois já vive no país há mais de 30 anos, assim como em alguns momentos da entrevista falou de sua condição de andino, por manter vínculos com a cultura do Chile e de outros países andinos pela música folclórica que toca com seu grupo, e também como latino-americano, por algo em comum que identifica entre as culturas dos diferentes países que compõe a América Latina.

Klaus, em em esforço por romper com a identidade de seu país de nascimento, chega a dizer, em determinado momento da entrevista, que “começou a virar brasileiro em 2000”, quando tramitou a documentação para obter a cidadania brasileira. Aprendeu sozinho a falar

português, hoje sem nenhum sotaque, lendo jornais velhos que encontrava em seu prédio, pois não tinha televisão logo que chegou a Porto Alegre. Adquiriu a cidadania, passou em um concurso público e foi aprovado como aluno regular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que não conseguiria como estrangeiro residente. Ao lembrar de sua trajetória de migração, fala de preconceito e do desejo de se desvincular da condição de paraguaio:

Se eu falar hoje, por exemplo assim: “Ah, eu venho da Alemanha”, o pessoal vai me olhar, vai ver loiro, olho azul, branquinho, vai dizer: “ah, cara alemão, chique”... O sobrenome tem tudo a ver, né. Isso é por parte da minha mãe que é de Santa Cruz do Sul, então, botou tudo no estilo alemão. Mas se eu disser: “Ah, sou paraguaio”, já sai duas piadas, porque o paraguaio tem sempre uma, aquela imagem de muamba, de pessoa pobre, de trambiqueiro, de contrabando, então também eu, digamos, **tinha muito trabalho, tinha muito estudo e não tava muito a fim de assumir a minha identidade de paraguaio**. Então, acabei, também, me distanciando de ir pra lá, pro Paraguai, pra visitar lá. E como eu queria, queria, digamos assim, muito, até porque tava fazendo os papéis pra ganhar a cidadania brasileira, tu cria toda aquela busca: “ah, eu quero ser diferente, quero ser outro”. E acabei me distanciando bastante, né. Faz pouco tempo atrás, eu fui agora, mas teve uma época que eu fiquei, eu acho, uns quatro anos sem ir pra lá, sem visitar (Klaus, 31 anos, nascido no Paraguai, residente em Porto Alegre).

Pablo, o entrevistado há menos tempo no país de migração, brinca com o modo como assumiu, em Porto Alegre, uma identificação com a identidade latino-americana através do olhar dos brasileiros sobre as diferenças em relação aos países de fala hispânica. Ele conta que em diferentes âmbitos, na faculdade ou em festas, por exemplo, ele e seus amigos passaram a ser identificados como “os latinos”. A partir daí, o próprio grupo assumiu essa diferença:

Aqui no Brasil todos os caros que viemos de *Latinoamérica* nos chamamos de “latinos”. “E aí, latino?”. Por que acontece isso? Quando chegamos aqui, pra mim Latino-américa é do México até a Patagônia, a Argentina, Chile, tudo isso. Mas quando eu cheguei aqui fiquei surpreso que os brasileiros me chamavam de latino. Então começamos fazendo uma brincadeira com meus colegas que são da *Centroamérica*. *Empezó* como brincadeira porque os brasileiros se excluem um pouquinho daquele, não sei... não se reconhecem muito como latinos. Depende muito da pessoa. Bem no começo, eu comecei a falar com brasileiros que são um pouquinho assim... mais gremistas, bem do Rio Grande do Sul. “Ah, você é latino?”. Nós começamos a brincar e agora a comunidade latina somos nós (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Como vimos, são múltiplos os modos como os migrantes entrevistados narram suas próprias vivências identitárias. Narrativas essas acionadas por diferentes eixos ou fontes de referência, como aprofundaremos a seguir, pois muitas outras questões foram destacadas ao longo de seus relatos. A força dos testemunhos sobre as identidades se deve certamente ao estímulo de perguntas propostas ao longo das entrevistas, mas principalmente como consequência do impacto que a condição migrante impõe nas formas de reconhecimento vividas pelos sujeitos.

5.4.2 Condição migrante e identidade

Me voy porque aquí no me alcanza,
me vuelvo porque no hay esperanza
Me voy porque aquí se aprovechan,
me vuelvo porque allá me echan
Sur o no sur...
No sé por qué pasa lo que me pasa,
quizás sea la vejez
Quisiera quedarme aquí en mi casa,
pero ya no sé cuál es.
(Sur o no Sur, Kevin Johansen)

O que significa ser migrante a partir dos relatos dos dezesseis entrevistados? Se o fenômeno da migração apresenta uma gama de facetas, em alguns casos conflitivas e contraditórias, para teóricos e analistas, também a condição migrante é experimentada a partir de diferentes perspectivas pelos latino-americanos que participaram da pesquisa. Trata-se, antes de tudo, de um novo referente identitário para os sujeitos, que traz consigo uma necessidade de posicionamento diante de uma condição objetiva, o deslocamento entre diferentes espaços geográficos, e outras condições subjetivas, construídas através do modo pelo qual cada um vive a experiência em seu cotidiano.

De um modo geral, o que percebemos é que a experiência da migração é carregada de valores simbólicos e traz consequências nas identificações e percepções do mundo. Elementos como o tempo e os motivos da migração são definidores de relações diferentes com a identidade migrante. Essa diferença quanto ao tempo de permanência e a situação social e política do país de migração no momento da chegada pode ser percebida claramente no caso de Veneranda, a entrevistada há mais tempo na Espanha, 22 anos, quando era pequena a presença migrante, o que, segundo seu relato, aumentava o preconceito em relação

aos migrantes e suas dificuldades para organizar a vida em Barcelona. Ela tinha um visto de trabalho renovado periodicamente que não permitia que viajasse, teve problemas nas relações profissionais, com chefes que negligenciavam os direitos trabalhistas, o que implicava em poucas horas de folga por semana, pois vivia no trabalho, e quase não tinha espaços onde conviver com a população local, o que aumentava o sentido de não pertencimento ou de exclusão.

Apesar da permanência da exploração da mão-de-obra migrante em funções tidas como desqualificadas ou que não exigem formação específica (limpeza, cuidado a crianças e idosos, construção civil, atendimento em bares e restaurantes), sobretudo daqueles que não possuem documentos que permitam exigir o cumprimento de um mínimo de direitos, o aumento da presença migratória na Espanha é responsável por um cenário muito diferente encontrado pelos entrevistados que migraram nos últimos dez anos. Ao mesmo tempo em que reduz o estranhamento da população local em relação aos migrantes, vistos como “bichos raros” nos primeiros anos de Veneranda em Barcelona, pode ter cristalizado em parte da população um sentido de rechaço, de conflito ou de problema. Isso é percebido principalmente desde setembro de 2008, com o agravamento da crise econômica que gerou um aumento do número de desempregados na Espanha, entre eles, muitos migrantes.

Quatro entrevistados desempenham atividades diferentes daquelas exercidas antes da migração, expressando certo desconforto diante da sensação do que eles apontam como rebaixamento da condição social. Isso acontece mais em Barcelona, onde apenas uma entrevistada, Sara, manteve-se em sua área de formação, com emprego em um escritório de uma ONG. Em geral, mesmo migrantes com estudos e experiências específicos ocupam vagas que, num primeiro momento, não interessam à população local. Essa situação, muitas vezes de condições precárias de trabalho e desvio da função original, leva a uma definição do próprio migrante muito associada a questões do trabalho. É o que expressam Ana, Monica e Fernando.

To trabalhando também, to trabalhando ilegal. Roubando ou pegando o emprego de um catalão, não, por que eles não iam querer ficar lá no bar. Já teve experiência que o chefe contou que eles, tipo assim: hoje tá muito bom, tipo assim, de interesse... Hoje não quer nem saber. “Hoje não tô a fim de trabalhar não abro o bar”, sabe? E é como em qualquer país. Esses trabalhos pesados quem que faz? São os imigrantes. Tudo bem. É o que nos oferecem também, mas... (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

Claro, no vas a estar todo el tiempo trabajando, o sea, en algo que tal vez no te sientas bien. **Como en mi país yo no trabajaba así de limpieza como**

aquí. En cambio aquí, cuando vienes de otro país aquí, no puedes trabajar en lo que trabajabas allá, porque aquí no puedes. Tienes que hacer mucho para homologar tus papeles, si has estudiado una carrera, o tienes que estudiar algo para que trabajes en algo. Y entonces, como te he dicho, yo quiero estudiar algo para superarme, trabajar en algo mejor de lo que estoy trabajando (Monica, 28 años, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Hay dos inmigraciones. Así te digo: la inmigración de lujo, de gente muy capacitada que viene de universidad, en empresas, **y después 95, 98% de la inmigración es de la gente baja, que viene a trabajar** y, claro, mientras se homologan currículos, ya te ubicas en el país de acogida y todo, baja varios escalones... Yo trabajé en hoteles, en restaurantes, en cosas así. Tú coges lo primero y te vas. Yo me he encontrado gente con títulos universitarios en Sudamérica, cuidando viejitos, limpiando casas, hasta que empieza a encontrar algo mejor (Fernando, 52 años, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Entretanto, há entrevistados que construíram uma trajetória profissional aproveitando oportunidades surgidas a partir da experiência migratória. É o caso de Klaus, em Porto Alegre, que começou a faculdade na área de informática, fez um curso técnico e passou em um concurso público para exercer função no setor. Arturo, que não concluiu a faculdade em Porto Alegre, precisou buscar alternativas de trabalho como autônomo no ramo da alimentação, até construir uma trajetória profissional em restaurantes e empresas. Em Barcelona, há pelo menos dois casos de entrevistados que investiram ou planejam investir em negócios próprios, de caráter étnico ou voltado para a público migrante, como relatam Luci, sócia em um locutório, e Cleunir, que já foi dono da loja de produtos brasileiros e planeja abrir um bar temático. Essa diversidade de experiências mostra a complexidade da questão migrante e suas consequências nas trajetórias pessoais. Ela faz pensar também sobre as motivações que levam os sujeitos a construir projetos de migração.

Crises econômicas, falta de perspectivas de trabalho no país de nascimento ou busca de melhores condições de vida são comumente apontadas como as principais causas das migrações transnacionais, apesar de os fluxos migratórios serem motivados por um conjunto complexo de fatores (BLANCO, 2006). Em nossa pesquisa, referiram diretamente essas questões como estímulo ao projeto migratório, quatro dos 16 entrevistados, todos em Barcelona: Veneranda, que decidiu morar na Espanha depois de convite de uma amiga que já tinha migrado em busca de trabalho; Monica, que passou pela Colômbia antes de escolher a Espanha como lugar onde trabalhar e mandar dinheiro para a família; Fernando, que em 2002 decidiu migrar em função da crise econômica que vivia o Uruguai; e Luci, que inicialmente escolheu a Argentina para morar, mas resolveu migrar para a Espanha no momento mais

crítico da recessão argentina. Para esses sujeitos a Espanha é vista como um lugar onde progredir.

Bueno, **vivir en España es buscar otra oportunidad de vida, trabajar, ganar algún dinero para sustentarte en tu país** porque aquí la verdad te lo digo si uno no trabaja aquí es muy difícil vivir porque aquí hay mucho gasto o sea la vida es otra totalmente (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

España, ¿que significa para mí? **España para mi significa un lugar donde me ha acogido, un lugar donde se han abierto las puertas y has podido formar, claro que has sufrido de estar aquí un buen tiempo.** Has sufrido hasta acostumbrarse, pero es un país donde te han dado la mano y te han abierto las puertas para que fueras realizar talvez tus sueños, tus objetivos que tengas. España es un país muy bonito, pero tiene igual diferentes culturas como en nuestro país, pero de todo hay que aprender, ¿no? (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

El tema era que veíamos que no había mucho futuro para los niños en Uruguay. Mi mujer tiene pasaporte italiano porque es descendente de italiana y los niños también son ciudadanos italianos y a su vez digamos que mi mujer estaba pasando por una crisis profesional. Es psicóloga y había quedado sin trabajo y teníamos un dinero reunido y ella tenia la fantasía de migrar. Entonces yo le dije “mira, Europa no es lo que tu crees”. En serio, la Europa no es donde los euros crecen en árboles y que se piensa que aquí es ô... Y entonces decidimos: “¿por que no te vas por tres meses y regresas?”. Yo me quedo con los niños y tu vez lo que es Europa a ver se es realmente lo que esperas, lo que tienes en la fantasía. Era una fantasía y yo lo sabia que era una fantasía porque lo que ella pensaba de Europa no era y bueno. Y eso, se vino el junio de 2002 y en parte no era un proyecto emigratorio todavía, bueno. Vemos ahora que pasa en este ínterin, se había caído Argentina ya, el corralito famoso de 2001 y yo veía que Uruguay iba a camino a caer también. **Eso pasó en julio la caída de Uruguay y existía la posibilidad de que cerrará la empresa donde yo estaba y son esos países donde es muy difícil conseguir otro trabajo cuando dejas uno.** Entonces salí y la llamé por teléfono. Ella ya me escribía en sus emails que yo tenia razón, de lo que yo le decía “mira la Europa no es lo que tu crees, no es la tierra de los milagros y las maravillas”... Y ahí cuando ella estaba a ver la realidad de Europa, la llamé y le dije “Quédate ahí que nos vamos, que esto se derrumba”. Y nos vinimos (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Na história dos países latino-americanos as crises econômicas estão muitas vezes associadas a crises políticas e são apontadas como desencadeadoras de processos migratórios (como referem Gorczewski; Kuhn Jr; Silva, 2008, p.34). Foi o que fizeram os pais de Hector, nos anos 1970, ao elegerem Porto Alegre como um lugar para onde fugir da ditadura enfrentada no Chile. Embora o Brasil também vivesse sob um regime militar, o afastamento da situação política em seu país, aliado a possibilidades de trabalho mais promissoras, fizeram

com que a família decidisse migrar. Assim como no caso de Freddy, que também escolheu Porto Alegre em um momento em que endurecia o regime militar no Uruguai, o que afetava seu trabalho como artista plástico. Na primeira vez em que Fernando deixou o Uruguai rumo à Europa, nos anos 1980, também a repressão do regime militar foi motivadora do desejo de migrar.

Quando veio a ditadura foi trágico. O Uruguai foi tristeza mortal. Então, o Brasil tava aberto e era um grande mercado. Imagina que eu cheguei aqui, parece que no ano 80 e pouco, não me lembro. Eu cheguei aqui e a primeira mostra que eu fiz foi uma individual no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Quem era eu? Primeiro prêmio no Uruguai. “Ah, Uruguai, então tá”. Todo aquele, nem Iberê Camargo. Então são coisas, já uma galeria se interessa. Fiz mostras que me davam dinheiro (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

No podía volver a Uruguay porque había dictadura. Quiere decir legalmente podía, pero no quería. Era peligroso. Yo ya tenía antecedentes, ya había estado detenido y no quería vivir la atmósfera de la dictadura de Uruguay. Realmente lo que me había pasado era la atmósfera de miedo de estar se cuidando todo el tiempo. Como anécdota te diré que volví a Uruguay y es una cosa que me sorprendió dos años después de volver a Uruguay que se había caído la dictadura y vamos a mi casa con un amigo y mi casa quedaba por ejemplo ahí y le digo: “No, por ahí no. Vamos porque por ahí fui ayer”. Yo cambiaba todos los días el camino a mi casa para mirar se no había nadie, y hacía dos años que había calido la dictadura, y lo seguía haciendo y no me lo había dado cuenta. Ahí tengo el caso de otro conocido que prácticamente olvidó su nombre, durante 12 años vivió con un nombre falso y nos valíamos de él porque le decíamos el nombre y no se daba cuenta. Salíamos con él y le decíamos “Juan” y él seguía caminando como se estuviéramos llamando a otro. (...) Volví por la esperanza de ver toda la gente que salía de la cárcel (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Na concepção construída pelos entrevistados e muitas vezes empregada pelo sentido comum, estes seriam os verdadeiros migrantes: sujeitos que por alguma razão foram obrigados a deixar seu país. As demais experiências são marcadas por motivações de outras ordens, o que implica inclusive em um não reconhecimento dos entrevistados como migrantes. Uma relação afetiva fez Sara deixar uma carreira bem sucedida no Peru em busca de alguma oportunidade que lhe permitisse morar mais perto do atual marido. Os amigos que viviam em Barcelona foram a grande motivação que fez Ana escolher a cidade como lugar onde experimentar seu desejo de viver fora do Brasil. O mesmo desejo de novas experiências ou ideal de aventura fez Cleunir deixar o Brasil. Juan, antes mesmo de ter qualquer informação sobre a Espanha, sabia que queria migrar.

Cuando vine por primera vez, yo siempre he querido venir a España. **Yo vine a España porque hace 30 años quería viajar.** Entonces, cuando hablaba con alguien... bueno, yo no tenía mucha información se había barrios populares, barrios pobres, ni nada... No tenía donde llegar, ni nada. La poca información que tenía era que España era el único país donde se hablaba castellano e yo no tendría que pasar por una prueba de idiomas. **Entonces, yo pensaba, me voy para allá...** (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Em alguns casos, o desejo de uma experiência transnacional é atravessado, ou até mesmo facilitado, por um projeto de estudo em outro país. Como aponta Blanco (2006), o aumento do número de estudantes estrangeiros é um dos fatores responsáveis pela diversidade dos fluxos migratórios hoje. Essa foi a motivação inicial de seis dos entrevistados, que mudaram de vida e, em alguns casos, optaram por seguir vivendo no país de migração mesmo depois de concluída a etapa de estudo a que tinham se proposto, como ocorreu com Klaus, Maria e Arturo, os três residentes em Porto Alegre, que se valeram de convênios firmados entre universidades da América Latina para conquistar uma bolsa que lhes possibilitou migrar. Roberto é professor temporário e estudante de pós-doutorado, tendo construído toda a sua trajetória de migração a partir da obtenção de bolsas que lhe permitiram estudar em outros lugares (Minas Gerais e Rio Grande do Sul, no Brasil, além da Suécia). Marcela e Pablo também são estudantes e relatam nas suas entrevistas que já tinham desejo de viver em outro país, tendo a procura de um curso numa universidade estrangeira ajudado no processo e, no caso de Pablo, de 20 anos, justificado a decisão perante a família.

Nestes casos, a migração não é apenas vivida como uma imposição – econômica ou política – mas como um desejo, como também perceberam Gorczewski, Kuhn Jr e Silva (2008, 2008, p. 24-5), numa interessante distinção, apoiada em Deleuze (1992), entre desejo e motivação: “Es decir, los migrantes pueden construir sus discursos o bien explicando las causas/problemas que les llevan a dejar su ciudad (motivos) o bien apuntando aquello que esperan encontrar en ese otro lugar (deseos)”. A primeira opção carrega a experiência de um sentido negativo, enquanto a segunda é apoiada em uma visão mais otimista, que nos permite pensar na migração como um projeto, como refere Cogo (2005).

Essa diferença reflete na concepção da identidade. A maioria dos entrevistados considera-se migrante, embora aponte sentidos diversos como formas de reconhecimento dessa condição enquanto uma das tantas identidades vividas na diáspora. Ser migrante pode significar carregar uma nostalgia, como relata Hector; perceber diferenças culturais e a

necessidade de novos aprendizados ou adaptação, como enfatizam Arturo e Pablo, um estudante migrante, como se define; nunca sentir-se totalmente parte, mesmo que depois de muitos anos em um lugar, como destaca Veneranda; ou demonstrar preocupação com questões legais e burocráticas, definidoras de direitos e deveres no país de migração, no caso de Luci:

Isso nós sempre vamos ser imigrantes. **A gente sempre tem um, uma, não sei se se pode chamar isso de angústia, porque a gente não sabe como teria sido se nós tivesse ficado lá.** Sempre fica uma incógnita, nós sabemos o que aconteceu aqui. E às vezes a gente volta, porque já estamos com quarenta anos, a gente pensa, como teria sido, se a gente tivesse ficado lá. Então, são coisas assim, que o imigrante buscou, meu pai buscou ali, tentou nos dar, nos deu estudo e depois cada um se vira e vamos ver como anda, né (Hector, 48 anos, nascido no Chile, residente em Porto Alegre).

Eu sempre vi em carne própria essa parte do imigrante. (...) A gente considera. Se considera porque o gaúcho em si, ele é um povo, é legal. Só que, eu também mexo com eles sabe, eu sou meio chato. Às vezes eu digo: “Vocês são o maior país do mundo, o melhor jogador do mundo, o maior estado. Vocês tudo é maior, tudo é melhor”. Não, a Bolívia também tem coisas boas. Aí o pessoal diz: “E o que tu faz aqui então, oh, volta de novo pra tua terra”. Porque nós precisamos de comer. Então nas brincadeiras, eles te jogam (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Eu falava com nossos colegas, quando a gente chega aqui não conhece nada. No dia-a-dia é difícil a vida do estudante. **A vida do estudante é difícil. A vida do migrante é difícil. A vida do estudante migrante é também muito difícil.** Então eu sei que sou um migrante. **Por que sei que sou um migrante? Porque chego aqui e estou começando um aprendizado totalmente novo. Aprender a língua, aprender a cultura, aprender o que eles fazem. Aprender também o que eles calam, o que eles falam.** Tudo isso a gente tem que aprender. Porque há momentos em que a gente vai e faz alguma besteira, aí eles sabem compreender: “você não quis dizer assim... ou essa palavra se utiliza pra outra coisa”. Isso daí faz com que se sinta uma pessoa como migrante. **Acho que também um migrante é migrante porque sente que não é parte disso. Talvez pareça um pouco exclusivista, mas é verdade. No final, o migrante não é parte dessa cultura** (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

¡Claro, siempre! Yo aunque hace como quince años que tengo doble nacionalidad y tengo acá el español **pero yo, yo nieta de español yo no soy, yo soy dominicana sobretodo y soy inmigrante** (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Claro que somos inmigrantes, sí. Por ejemplo, otro día salió que en la Cumbre Iberoamericana que hubo en Chile que todas las personas que hemos trabajado en extranjero o en país de origen podemos tentar aquí para la jubilación. Yo trabajé en Argentina legalmente, tengo unos añitos aportados allí. **Bueno, son cositas que me interesan mucho saber de esto. Pero es lo que me interesa de inmigración: como va la economía, como**

va la tasa de desocupados, escucho cada día las noticias en la tele. Cada día, voy arreglándome y voy escuchando (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Em outros casos, há uma dupla relação entre considerar-se e ser considerado migrante pelo olhar dos outros. Ou seja, a condição migrante não implica somente uma questão de pertencimento, mas também de alteridade, como se é visto pelo outro. Sara diz que não gostaria que a palavra “migrante” fosse usada, pois já virou um clichê que simplifica uma situação complexa. Ela relata que se considera uma cidadã, mas que em diferentes momentos, na rua, no cotidiano, no trabalho, é lembrada que é “de fora”:

Quando hablas de migrante hablas de un nivel de ciudadanía de segundo nivel. Entonces, **hay momentos que esa sociedad me recuerda que yo soy migrante.** O sea, no es que yo, porque yo me considero tan ciudadana como los demás porque tengo muchas posibilidades en un espacio privilegiado. Pero hay momentos que la sociedad de lo recuerda, no que te lo recuerde sino que es como si te dijera tu eres migrante, ¿no? **Y lo ves en actitudes en la calle, en espacios institucionales. Y es muy, por eso que yo digo sí, soy de fuera, soy extranjera, y si yo también soy caracterizada por otros, estoy consciente de ello, ¿no?** (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Por trabalhar em uma ONG que discute temas sociais, de cooperação e desenvolvimento, e ocupar um espaço profissional privilegiado se comparado à maior parte das trajetórias de latino-americanos na Espanha, Sara diz sentir uma responsabilidade de enfrentar preconceitos vividos pela comunidade migrante. Sua experiência faz pensar, ainda, no processo contraditório de uma dupla discriminação. Sara diz ser mal vista também por outras mulheres migrantes que não acreditam na sua posição de trabalho em um escritório ou que mudam de comportamento quando descobrem que ela não atua em serviços caracterizados habitualmente como “de migrantes”. Sara chega a se perguntar durante a entrevista: o que estou fazendo por essas mulheres que não imaginam outra possibilidade de vida? Daí surge seu engajamento em redes de mulheres migrantes na Europa.

Es un poco contradictorio porque cuando yo me encuentro en la calle con gente que es migrante, mujer migrante, **y empezamos a hablar y bien... hasta que te preguntan donde trabajas.** Cuando les digo donde trabajo, les siento como que no me creen. Entonces empiezan a mirarte mal porque piensan que no estás ubicada en ese espacio que lo estás diciendo. **Empieza como un rechazo.** Ya me pasó varias veces. Entonces yo le digo a mi

compañero, que es muy contradictorio. Empiezo a hablar muy bien hasta que me preguntan: “¿donde trabajas?”. “Yo trabajo en una ONG”. Yo no soy de esas personas que se va hablando. Yo no voy a usar, son valores que me los han enseñado en casa y que los tengo muy fuertes. Entonces, claro, yo ya lo digo con recelo, siempre me pasa cuando me preguntan eso, porque ya lo sé. Entonces me preguntan: “¿haces la limpieza?”. Yo digo: “no, yo trabajo en la oficina”. Y ellas ya cambian su actitud. Yo creo que es algo como que no te lo quieren creer. O sea, que no solo sientes de la sociedad autóctona, sientes también de los migrantes. Son cosas que te quedas pensando porque se dan esas situaciones, ¿no? En determinados contexto, ¿no? Si no lo vives, no te das cuenta. Por eso tienen sentido algunas cosas, ¿no? (Sara, 34 años, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Juan compartilha da ideia da prevalência do preconceito sobre a condição migrante, embora aponte a contradição diante do que considera uma necessidade da exploração da mão-de-obra barata, inclusive irregular, na Espanha. Segundo Juan, a música lhe abre portas e diminui as situações de discriminação, embora ele mesmo perceba que o migrante sofre situações de exclusão e preconceito no cotidiano, marcadas por uma diferença de posição econômica, muita mais do que por questões culturais ou étnicas.

Hace quince años vine por primera vez a España. Sabes, vine como becado a dar clases a la universidad de Córdoba. Toda la gente me hablaba que aquí había mucha xenofobia, que las trataban mal, y que no las aceptaban. Yo no sentí ese problema en ninguna parte. Pero entonces, claro, era por la música. **Sobre xenofobia, yo hoy en día tengo claro que nos es una cuestión de color de piel. A ti no te rechazan porque sea negra ni porque sea blanca. Te rechazan porque tienes o no tienes dinero y ya está. Eso es lo que realmente rechazan.** Porque si viene Michael Jordan, Michael Jackson o cualquier negro de Estados Unidos aquí, la rubia, todas hacen fila para estar con el. Pero si es el negrito eso que viene de África todo el mundo quiere quitarse. (...) Así es la historia y no es una cuestión de color de piel. Eso pasa incluso con los mismos negros, me revolta eso. No es una cuestión de color de piel, es una cuestión económica (Juan, 42 años, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Três entrevistados afirmam não se considerarem migrantes por não se sentirem implicados em consequências negativas que o deslocamento carrega consigo. A transitoriedade como parte do estilo de vida faz com que Roberto nunca tenha passado pela necessidade de fixar raízes em um lugar, o que, segundo ele, caracterizaria a migração típica. A mesma lógica de deslocamento é incorporada como ideal de vida para Marcela, que também não se sente migrante. Ana, mesmo que viva sem documentação na Espanha, pois entrou como turista e passou a trabalhar, não se considera migrante porque afirma que sua

história não é de alguém que escolheu o país para juntar dinheiro e sustentar família, como a maioria dos migrantes.

Migrante? Ainda não, porque, embora eu perceba que nunca vá voltar pro Uruguai, morar definitivamente, eu nunca cheguei num lugar pra morar definitivamente. Eu fui na Suécia, eu não era migrante na Suécia, era estudante temporário, quatro anos e eu vou embora. Então, não sou um imigrante que vai ter que quebrar a cara pra viver naquele lugar. Se eu não gosto, tudo bem, agüento quatro anos, depois vou voltar pro Brasil. (...) Eu nunca fui morar num lugar sem saber, mais ou menos, o período que eu vou ficar naquele lugar. Por exemplo, agora em Porto Alegre, e o plano familiar é de quatro anos, não quinze. Tudo pode mudar, mas a tua cabeça, isso influencia, o estilo de vida que você vai ter, tu depende desse, por isso que não.... (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Eu sou muito, mesmo em Buenos Aires eu sempre morei me desplazando, trocando bairros por diversas questões, **então eu me considero quase uma nômade, eu gosto dessa vida, quase, quase posso te dizer que devo seguir viajando pelo mundo**, assim, não sei, visitando e conhecendo outras culturas, sou praticamente nômade (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre).

Teve um pessoal que eu conheci que a maioria veio pra estudar aqui, fazendo um semestre da faculdade, tem outras que vieram com um cursinho, também, tipo curso de espanhol, 4 meses, e outro pessoal que veio assim como eu, que veio... **É que eu não olho pelo lado de tentar a vida. Sabe? Por que tem muito brasileiro que vem tentar a vida, tipo, deixa filho lá, vem em condições baixas, entendeu?** Mas, não é essa condição desse pessoal que eu convivo não é essa (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

Outros entrevistados apontaram elementos da vivência pessoal, revelando diferenças linguísticas e culturais como barreiras para o pertencimento no local para o qual escolheram migrar. Em alguns relatos, o migrante é um “*paria*”, como conta Sara: “Cuando te desarraigas de tu país, llegas a un sitio y eres una paria, ¿no? No sabes donde estás, ya no te reconoces, no te sientes parte de, porque cuesta mucho. No sabes como ubicarte, estás como un poco perdida”.

O conhecimento do espanhol facilita a chegada, a busca de empregos, moradia e organização de coisas da vida para os latino-americanos, com exceção dos brasileiros, em Barcelona, enquanto a dificuldade é maior, segundo os relatos, na chegada a Porto Alegre. Pablo, Marcela, Monica, Hector, Arturo e Roberto, todos em Porto Alegre, relatam experiências em que a condição migrante é experimentada a partir da diferença no modo de falar. O mesmo é relatado por Ana, em Barcelona, que diz ser facilmente identificada como

brasileira em função do modo como fala espanhol. Além disso, em Barcelona, a necessidade de conhecer o catalão surge como outra questão linguística a ser enfrentada pelo migrante. É possível, em um primeiro momento, desconhecer a língua e conseguir se localizar na cidade, mas uma integração efetiva com a disputa de postos de trabalho mais específicos, por exemplo, pode exigir a fluência tanto para falar quanto para escrever. Segundo Fernando (que, junto com Juan, são os únicos migrantes que falam fluentemente catalão), o idioma atua como um marco de diferenciação entre a população local e a população migrante.

En Catalunya hay el tema de nacionalismo catalán que funciona en dos direcciones: provocar rechazo en el inmigrante latinoamericano porque tiene que aprender otra lengua, muchos en se vienen a aprender y no aprenden nunca porque se hablan castellano, lo cual la tontería porque te limitan a la hora del trabajo. **Pero a su vez funciona como elemento integrador por que al momento en que tu habla catalán es rápidamente integrado.** Es que cambia para buscar trabajo incluso la percepción hacia a ti es totalmente diferente. Un extranjero que se esfuerza a aprender el idioma y empieza a hablar es como rápidamente mucho mas, se caen las barreras. Entonces es curioso el tema de la lengua catalán porque funciona en los dos sentidos: de rechazo al inmigrante que tenga llegado acá sin saber que acá se habla catalán y se han quedado de piedra cuando han bajado del avión se han encontrado acá otro idioma. Han quedado mudos. Claro, yo conozco mujeres de Perú, de Bolivia y ellas dicen que no sabían, no sabían (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

De um modo geral, apesar da diversidade de sentidos articulados para a construção da condição migrante como uma forma de reconhecimento, como apontamos, encontramos incidências do tratamento midiático ao tema das migrações nos relatos. Se a migração é tratada pela mídia preferencialmente por sua dimensão enquanto impacto político e econômico, sendo enquadrada, muitas vezes, como problema e conflito, tal perspectiva também aparece repercutida nas narrativas dos entrevistados. Menos recorrências encontramos do imaginário do migrante como vítima ou sujeito de demanda, construção também repetida em matérias jornalísticas em diferentes veículos de comunicação.

O que percebemos é que os entrevistados reiteram esse imaginário de migrante que é predominante na mídia, pois há claramente um conceito legitimado do migrante associado a uma perspectiva econômica, de busca de trabalho, marcada por certa negatividade, em função da disputa pela inserção no mercado com a população local.

Interessante que, nesses relatos, o migrante é sempre colocado como o outro. Segundo Cleunir, seria preciso um endurecimento do governo espanhol no controle das migrações,

comparando com o que acontece em lugares como a Inglaterra, onde, segundo ele, a migração é mais severamente criminalizada. “Eu acho que o governo tinha que ser um pouquinho mais duro com os imigrantes, um pouquinho mais duro. Eu acho que ainda não tá tão no ponto, sabe? Eu acho que se tem delito é porque eles ainda têm espaço para fazer”, diz Cleunir. Monica atribui aos migrantes a queda na venda de produtos artesanais, em função da concorrência desleal diante de produtos importados de países como China e Marrocos, sem o pagamento devido de impostos: “Nuestra artesanía no sale tanto como antes. Antes sí que te salía bastantísimo. Podría vender todo eso. Los años antes, más años, era mejor. Pero hoy hay mucha migración... entonces como que ya no es tan fácil la vida”, afirma. Os dois enfoques, com a questão legal envolvendo crimes cometidos por migrantes e com as implicações econômicas das migrações para o comércio local, estão presentes com força na cobertura da mídia espanhola sobre o tema.

Ao mesmo tempo, na segunda entrevista realizada em Barcelona, três entrevistados demonstraram preocupação com a “Diretiva de Retorno”, empregada pela União Europeia como estímulo ao retorno de migrantes em função da crise econômica e falta de empregos. Veneranda e Cleunir demonstraram desconfiança quanto às intenções da iniciativa, com receio de que seria um forma de impedir que os migrantes voltassem por tempo indeterminado ao país. Fernando chegou a dizer que a Diretiva de Retorno aumenta o sentido de rechaço sobre a migração, pois indiretamente – e para a população local – atribui ao migrante uma responsabilidade sobre a crise.

A definição de migrante, como usada no domínio comum e como narrada pelos entrevistados, não dá conta da diversidade de sentidos vividos na diáspora – entendida não apenas como necessidade, mas, em alguns casos, também desejo ou estilo de vida. Para a maior parte dos migrantes entrevistados, sobretudo em Barcelona, onde a questão migratória é assumida por um caráter de problema a ser resolvido, afastar-se da imagem do migrante significa afastar-se da criminalização e do preconceito.

Entretanto, em uma ruptura com o sentido hegemônico assumido para a identidade migrante, o que propomos aqui, a partir do contato com uma multiplicidade de fluxos e experiências, é ampliar o modo como entendemos o que significa ser migrante hoje, respeitando as formas de reconhecimento dos entrevistados, mas incorporando o estudante, o viajante, o aventureiro, o que procura trabalho, o que busca amor ou contato com a diversidade como agentes de um novo modo de ser migrante no mundo. Nossos sujeitos têm, em sua trajetória, idas e vindas entre países e culturas, experimentadas na prática por doze dos 16 entrevistados, que passaram ou viveram em outras cidades antes de escolher Barcelona e

Porto Alegre. Eles trazem consigo a presença do deslocamento como parte da trajetória pessoal. Podem voltar a seu país, escolher uma nova morada, ficar na Espanha ou no Brasil.

Os conceitos têm história e, como bem lembra Juan, em uma construção muito semelhante a feita por Bauman (1999), determinam uma forma de tratamento diferenciada no cotidiano de cada um: “Si tú vienes con dinero eres turista y si vienes sin dinero eres inmigrante⁹⁸. Y los dos conceptos determinan como te van a tratar”. Se ampliamos a concepção do que significa ser migrante de modo a refletir sobre a diversidade de trajetórias e pertencimentos, podemos começar a romper com esse sentido hegemônico, ao qual não convém pertencer, em função da carga de discriminação que traz consigo, como contam nossos dezesseis entrevistados.

5.4.3 Vínculos com as identidades nacionais e étnicas

Tu madre tiene los ojos claros,
yo un tatarabuelo de Brasil,
yo soy del sur, de Montevideo,
y tu mitad de allá y mitad de aquí.

En este mundo tan separado
no hay que ocultar de donde se és,
pero todos somos de todos lados,
hay que entenderlo de una buena vez.

(De amor y de casualidad, Jorge Drexler)

As identidades nacionais ou étnicas representam mais duas das tantas metáforas usadas para entender a alteridade no cenário das migrações transnacionais. Assim como as ideias que se criam em torno da figura do migrante dinamizam o próprio conceito do que entendemos por migrante hoje (o que serve para nomear uma diferença e criar novos sentidos identitários), os vínculos com as identidades nacionais e diferentes comunidades étnicas atuam no jogo das diferenças vividas em nossas sociedades cada vez mais multiculturais.

Lurbe i Puerto (2008), em interessante resgate dos sentidos construídos para a metáfora étnica, lembra do caráter de discriminação presente na ideia de etnia, aplicada sempre para marcar relações heterogêneas que se regulam duplamente pela identificação intragrupal e pela alternidade intergrupala, que fragmenta a diversidade. “Llama la atención

⁹⁸ À diferença de Bauman, que fala do abismo que se instaura entre turistas e vagabundos, como já referimos.

que lo étnico recaiga casi automáticamente sobre los conglomerados de individuos a los que se les atribuye características de exterioridad, de lejanía, de impropiedad y de inadecuación social”, refere a autora (2008, p. 83).

De um modo geral, o conceito de etnia incorpora um sentido de distinção baseado em especificidades culturais e, muitas vezes, em diferenças fenotípicas, o que leva alguns autores a criticarem uma possível substituição do sentido discriminatório da noção de raça – não mais aceita nas ciências sociais – pelo de etnia, como se o último pudesse ter substituído o primeiro. Hall (2003), por exemplo, lembra que a etnicidade gera um discurso de uma diferença fundada em características culturais e religiosas, enquanto a raça é entendida como uma construção política e social, baseada em atributos biológicos, que marca um sistema de dominação econômica, exploração e exclusão, o racismo. Mas ele destaca que o referente biológico também está presente de forma indireta do discurso de etnia, deslocado para parentesco e casamento endógeno.

Assim, tanto o discurso da “raça” quanto o da “etnia” funcionam estabelecendo uma articulação discursiva ou uma “cadeia de equivalências” (Laclau e Mouffe, 1985) entre o registro sociocultural e o biológico, fazendo com que as diferenças em um sistema de significados sejam inferidas através de equivalentes em outra cadeia (Hall, 1990). Portanto, o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo (HALL, 2003, p. 71).

Quando falamos em identidades nacionais e étnicas, estamos considerando uma necessidade de distinção, muitas vezes reforçada a partir da experiência da migração. Trata-se de um processo no qual são acionadas formas de reconhecimento a partir de elementos culturais compartilhados por certos coletivos que, entre muitas formas de identificação, se reúnem a partir de um imaginário construído em torno de seu país de nascimento ou de um grupo cultural. Entendemos que, muitas vezes, a própria concepção de etnia é construída a partir de uma ideia de nação, quando o grupo étnico é definido pelo país de nascimento. Consideramos, entretanto, o processo de autoidentificação do grupo étnico de pertença, mais do que os atributos que externamente possam ser referidos aos sujeitos.

Na análise dos vínculos construídos a partir das identidades étnicas, nos valem da compreensão de etnia elaborada por Barth (1998), que a considera tal uma organização social da diferença acionada pelos próprios grupos sociais como forma de interação, embora não deconsideremos que a mesma distinção possa servir para reafirmar preconceitos. O autor nos

faz pensar, entretanto, que a etnia não deve ser estudada apenas por aquilo que caracterizaria seu conteúdo, formado por elementos como língua, religião, costumes, leis, tradições ou cultura material, mas também pelo modo como atua nos processos sociais de identidade e alteridade de diferentes grupos.

Como marcas mais visíveis do papel das identidades étnicas nas narrativas dos colaboradores da pesquisa, como elementos que comporiam o “conteúdo” dessas identidades, aparecem fortes referências à música e à culinária típicas como mecanismos de aproximação cultural e manutenção de vínculos com a cultura do país de nascimento. É o que relata Maria, que participa do centro cultural peruano, em Porto Alegre, no qual a principal atividade resume-se em almoços típicos promovidos todos os sábados, realizados no mesmo bar no Centro da cidade em que foi realizada a entrevista. O centro cultural tem como um dos principais organizadores o psicólogo Carlos Nevado, referência entre a comunidade migrante na cidade. Foi através dele que conhecemos Maria:

Aqui, por exemplo, através do Carlos Nevado, **é o centro cultural peruano, aos sábados ele faz culinária peruana.** Então a gente tem um ponto de encontro aí que é um restaurante. Aí a gente mata a saudade comendo comida peruana. E uma vez ao mês ele faz um jantar peruano. Então aí, a gente dança salsa, nossas músicas, tem apresentações folclóricas, né, e também nas nossas comidas (Maria, 36 anos, nascida no Peru, residente em Porto Alegre).

Os mesmos referentes são lembrados por Pablo como o costume de sua terra de que mais sente falta nos cinco meses que vive em Porto Alegre: “A comida: eu sinto muita falta da comida, e da música do meu país. Lá, quando eu estava no Equador, escutava mais música brasileira. Agora que estou no Brasil, escuto mais música do meu país”. A música, como referente de identidade étnica, também está muito presente no cotidiano de Hector, que, junto com o irmão e outros músicos, compõe o grupo *Sikuris*, especializado em música andina e latino-americana. Hector toca instrumentos como *charango*, *sanpoñas* e *quenas*, e seu grupo já foi convidado por um cônsul chileno a representar o país em um evento de turismo na Turquia. Juan também faz do trabalho com a música folclórica colombiana seu modo de ganhar o sustento em Barcelona e de divulgar a cultura de seu país:

La mayoría de la música que toco es colombiana y colombiana quiere decir folclórica. No, porque se habla de Shakira y Juanes como colombianos, pero la música que hacen no es colombiana. Ellos nacieron allí, pero lo que hacen es música pop. De hecho, lo hace Rick Martín, lo hace Rihanna, lo

hacen muchos. **Eso no es música colombiana, son cantantes nacidos en Colombia, pero la música colombiana no es esa. La música que yo hago es la música regional de Colombia, de diferentes regiones de Colombia.** Estoy en ese campo, manejo las músicas de diferentes regiones de Colombia. Tengo compases en ese campo, tengo investigaciones en música regional de Colombia. Lo hago para intercambiar con otros ritmos y sonoridades (Juan, 42 años, nacido na Colômbia, residente em Barcelona).

No caso de Hector e Juan, a música pode ser entendida como parte de uma produção cultural marcada tanto pela condição migrante quanto pela pertença étnica. Hector chegou a lembrar, durante a entrevista, de uma festa que organizaram no aniversário de casamento de seus pais, em Porto Alegre, que causou admiração a um membro do governo do Chile que participou como convidado, pelo cuidado ao recuperar elementos da cultura chilena. Segundo Hector, são poucos os músicos no Chile que se dedicam profissionalmente à música regional ou folclórica:

Tanto que eu ia comentar, que os meus pais casaram vestidos de *guazo*⁹⁹. E aqui estive um secretário lá do país, amigo de uma prima que é poderosa, **ele disse que isso aí, nem no Chile se vê mais, esse movimento assim, é, tão patriótico, assim tão chileno.** Porque eles casaram no Santa Monica e nós fizemos o show, entendeu. Então, ele disse, nem lá se vê mais isso aí. Então, por que, porque lá a gente não dá esse valor. Por quê? Porque lá a consequência toda e a música chilena se associou muito lá, ao político, antes de Pinochet. Por quê? Porque lá é um movimento, então, que surgia do povo, depois, ficou mesmo aquele clichê, de que músico folclórico é comunista. Então... (Hector, 48 anos, nacido no Chile, residente em Porto Alegre).

A importância da produção e do consumo cultural se revela através da música, da comida e também da moda, no caso da loja de roupa brasileira, de Cleunir. O contato com a dança folclórica equatoriana é parte da experiência de Monica em Barcelona. Com a participação no grupo de danças *Saihua*, Monica relata que passou a conhecer mais sobre as diferenças culturais de seu país de nascimento, além de ter conquistado um espaço de convívio social para além de suas relações familiares e de trabalho:

El grupo de danza, bueno, el grupo de danza yo lo conocí aquí, al estar aquí unos tres años. No, a los dos años y medio de estar aquí lo conocí el grupo aquí y con ese grupo he aprendido muchas cosas, muchas costumbres de que no había conocido tanto antes en mi país. Porque yo al estar en Ecuador

⁹⁹ Vestimenta típica chilena.

salía por algunos sitios, pero no tanto como conocer costumbres de Cuenca, de... **Hay muchísimas culturas que tu mismo siendo de tu país no conoces porque no te vas abierto para conocerse.** No se da tiempo, sea lo que sea, pero he aprendido con esto a conocer las vestimentas, las costumbres de los bailes. Es muy interesante el grupo de danza (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Embora ainda não tivesse participado de atividades com outros argentinos, Marcela tinha encontrado, pouco antes da entrevista, uma *milonga* organizada em Porto Alegre, em que levaria seus amigos da faculdade para dançar tango. A cultura do tango foi apontada por ela como algo de que mais sentia falta desde que tinha saído da Argentina. Através do consulado argentino em Porto Alegre, Marcela também ficou sabendo da organização de uma festa em lembrança ao dia 25 de maio, data da independência da Argentina em relação à Espanha: “Agora eu conheci aqui no campus duas meninas que são argentinas e a gente vai juntas pra lá, para o ato. Só agora, depois de meses que tô aqui, tô me relacionando com alguém do meu país”.

Outro aspecto de afirmação dos coletivos formados por estrangeiros que encontramos são os comércios étnicos. O consumo de produtos próprios do país de nascimento, seja da culinária específica ou do mercado cultural, aparece como referência de pertença à identidade nacional, sobretudo em Barcelona, onde um mercado étnico foi criado, como já abordamos ao falar do contexto migrante na cidade. Os entrevistados mostram um estranhamento maior em relação ao cenário cultural local do que acontece em Porto Alegre, principalmente para os migrantes de países como Uruguai e Argentina, que encontram muitas semelhanças entre suas vivências e a cultura gaúcha. No Rio Grande do Sul, os migrantes da Bolívia e do Equador foram os que mais lembraram de marcas das diferenças entre as culturas do país de nascimento e de migração, como afirma Pablo:

Se eu vou pra Colômbia, não vou me sentir tão migrante quanto eu me sinto aqui, porque tenho mais coisas em comum. Chegar aqui e sentir aquela saudade *das tuas* costumes, da tua família, do jeito da tua cidade, de como você olha a tua cidade. Na minha cidade, em Quito, eu olhava o vulcão aí e tranquilo. Olhava lá as montanhas por todos os lados... Agora Porto Alegre é uma pampa, tudo plano. Sair aquela saudade de sair e ver aquele nevado, faz com que você se sente migrante. Sair da tua casa e saber que não pode falar espanhol. Falar português, escutar todo em português, te faz sentir migrante. Esse não é o teu lugar próprio de origem, não é a tua casa (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Para além desses elementos referidos pelos entrevistados como parte de sua vivência das identidades, aparece a necessidade de integrar coletivos marcados pela pertença étnica como uma questão de participação social, cultural e política. Cinco entrevistados atuam em grupos que se posicionam por uma pertença de etnia. Além de Maria e Monica, que já comentamos, Hector é um dos fundadores do Centro Cultural e Social Chileno em Porto Alegre. Mesmo sem sede própria, o centro existe desde 1999, promovendo pelo menos três festas anuais: no dia 20 de março, data de aniversário de fundação do centro, no Natal e no dia 18 de setembro, festa nacional do Chile.

A entidade chilena em Porto Alegre apresenta, portanto, o propósito de reunir migrantes de diferentes gerações em torno de questões culturais. Outra preocupação encontrada nas associações e entidades migrantes propostas a partir de uma delimitação étnica ou nacional diz respeito à participação política. É o que encontramos no caso do Conselho Consultivo de Uruguaios no Exterior, que existe em diferentes países, com o objetivo de reunir cidadãos uruguaios em seus locais de moradia para, de alguma forma, participar da vida social e política relacionada ao Uruguai. Roberto já tinha participado do conselho em Gotemburgo, cidade da Suécia em que viveu durante o período do doutorado, e agora tentava o contato com o grupo em Porto Alegre, desarticulado, segundo seu relato. Na região, a referência é o conselho que abrange municípios no Vale dos Sinos e na Serra.

Eu tentei me juntar com esse grupo que é o Conselho Consultivo, que já participava na Suécia, que supostamente é um grupo sem orientação política, mas de consulta, tem muitos uruguaios morando no exterior, praticamente 25% da população. Então, esses 25% deveriam ter alguma incidência no que acontece no Uruguai porque todo mundo tem algum, tem família no Uruguai, então estão se organizando no mundo todo conselhos consultivos. Então, de alguma maneira, a chancelaria no Uruguai tem um contato com eles e tem um feedback lá, que é outra situação. (...) **E esse conselho consultivo também é, eu acho que dá até um feedback aos governantes lá do Uruguai, com um pouco de uma visão de fora, né, como é o Uruguai visto de fora** (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Em Barcelona, a atuação de entidades migrantes propostas a partir de identidades nacionais e étnicas é mais visível. As associações culturais, ONGs, entidades civis de diferentes naturezas participam de atividades políticas, culturais, sociais e festivas promovidas pela prefeitura, integram um conselho municipal de migração, organizam encontros e atividades comemorativas a festas pátrias, atuam nas celebrações realizadas como parte do

calendário festivo dos diferentes bairros da cidade, além de terem conquistado um espaço destacado durante a semana festiva em homenagem a padroeira de Barcelona, maior festa local, como já referimos.

Essa participação é estimulada por políticas públicas de inclusão da diversidade de coletivos migrantes na dinâmica local, mas também dá conta de uma necessidade de organização dos próprios migrantes em uma sociedade em que o tema das migrações implica em mais posicionamentos, algumas vezes conflitivos. Esses grupos passam a ocupar um espaço de reconhecimento, muitas vezes acionado pelo viés cultural, com destaque para as diferenças, em muitos casos, valorizadas pelo caráter exótico ou folclórico. Tal construção pode ser percebida no exemplo que encontramos do grupo de danças em que participa Monica, onde todos trajam roupas do folclore equatoriano – pouco presente no cotidiano dos moradores do país, de acordo com relato da mesma. Esse caso reportaria ao risco da etnicidade ser pensada também como forma de discriminar pela caricatura ou estereótipo das diferenças. Entretanto, os mesmos grupos podem articular-se em diferentes níveis de atuação, como entidades sociais e de solidariedade, por exemplo, e também como espaço de reivindicação, em uma dupla demanda por igualdade e diferença, conforme refere Hall (2003), ao falar das comunidades diaspóricas.

O fenômeno pode ser observado na *Asociación de la Comunidad Dominicana en Cataluña*, da qual Veneranda faz parte há mais de doze anos. O grupo participa de festas promovidas pela prefeitura, como a do Dia Internacional do Migrante, quando são servidas comidas típicas de diferentes países, por exemplo. A associação trabalha também contra a discriminação, alertando para problemas enfrentados no dia-a-dia da população migrante. Apesar dos poucos recursos, promove uma série de atividades, visando não apenas configurar um lugar de pertença, mas também atuar em questões práticas, como a organização de uma cooperativa econômica ou promover cursos para os associados, como relata Veneranda:

Nosotros la formamos para reunirnos, ¿no? **Para tener un ambiente más o menos donde irnos, pero luego celebramos la fiesta patria de nuestro país, si podemos ayudar a alguien ayudamos y participamos en el Consejo de Inmigración de Cataluña y alguna cosa más.** Lo que pasa es que no tenemos medio porque los ayuntamientos lo mejor dan dicen que solicites y tu solicitas mil euros, de los cuales te dan 200. Tenemos un local, no tenemos que pagar. **Ahora no pero estábamos dando curso de informática y hemos dado curso de catalán.** (...) El grupo de todos somos diez siempre estamos ahí, pero cuando precisamos organizar una fiesta o participar en algo tenemos un chico que llamamos y él llama más gente y viene gente a nos dar una mano. **También tenemos una cooperativa de ahorros en la asociación** que es a parte de la asociación pero hemos

formado, o sea, hacemos las reuniones en el local de la asociación (Veneranda, 55 años, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Como exemplo emblemático da atuação, os integrantes da associação são chamados a reuniões com a polícia na tentativa de solucionar os constantes enfrentamentos entre jovens dominicanos e de outras nacionalidades residentes em *Hospitalet de Llobregat* e os *Mozos de Escuadra*, responsáveis pelo policiamento local. Veneranda revela o quanto a presença migratória pode trazer questões conflitivas e complexas em seu depoimento. Ela mesma relata, em diferentes momentos da entrevista, que considera normal que migrantes sejam revistados e identificados, mesmo que não tenham cometido nenhum delito. Sua reivindicação é para que não sofram mais agressões.

En verano esta plaza española que pasamos está llena de dominicanos. Incluso teníamos problemas con los *Mozos de Escuadra* y los chavales adolescentes dominicanos. Hemos tenido que hacer reuniones con ellos porque ¿que pasa? En verano mandan los *Mozos de Escuadra* que acaban en entrar en la policía a la calle, ¿no? **Si ellos veían un grupo de chavales dominicanos que estaban ahí, o inmigrantes que estaban ahí hablando y eso los ponían contra la pared, le abrían las piernas, le daban macanazos y de todo.** Entonces tuvimos que hacer varias reuniones porque hay un chico que se llama Mario, que es cubano, que tiene un grupo con el ayuntamiento, tiene su grupo de chavales y ensayan ahí en servicio social. Entonces estos chavales cuando salían de ensayar siempre se encontraban con la policía, ¿no? **Entonces era lo que decíamos a la policía, si cometen algún delito llévenselo, pero no tenían derecho a pegarles, ¿entiendes?** Entonces ayer me decía el jefe de los *Mozos de Escuadra* aquí de Hospitalet que él sabe que nosotros teníamos razón, porque algunos policías que acababan de entrar joven salían a la calle y se excedían, ¿entiendes? Y, claro... (...) Yo lo que no me gusta es que si hay cuatro chavales dominicanos, ecuatorianos, lo que sea, **siempre le quieren pedir los papeles, que se lo pidan, como normal, si los quieren llevar presos, que se los lleven, pero no tienen derecho a pegarles, ¿me entiendes?** (Veneranda, 55 años, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Esses casos indicam que, na experiência migratória, a etnia constitui-se como um elemento de diferenciação social complexo, através do qual são referidas memórias compartilhadas, a ideia de um passado comum imaginado, o sentido de apego a um território, a referência a um modo de vida, ao mesmo tempo em que há um atravessamento de outras demandas, vivências e sentidos de pertencimento, o que também implica em modos de se

situar nos países de migração. Como diz Hall (2003), as comunidades migrantes organizadas a partir de questões étnicas ou nacionais são experimentadas através de um movimento entre a tradição e a tradução, em uma tensão entre o nacional e o transnacional, podemos acrescentar. São híbridas, portanto, mesmo que, em muitos casos, por serem definidas em uma lógica relacional entre quem está dentro e quem está fora, apareçam disputando uma posição de fechamento diante do restante da sociedade que integram.

As comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição, sua integração vertical a suas tradições de origem coexistem com vínculos laterais estabelecidos com outras comunidades de interesse, prática e aspiração, reais ou simbólicos (HALL, 2003, p. 83).

Nesse imbricamento de sentidos para a construção da etnia como diferença, aparece a importância da mídia tanto para a manutenção de vínculos com o país de nascimento quanto na construção de imaginários sobre as identidades nacionais. É o que fica claro no relato de Marcela sobre a imagem negativa que os brasileiros têm dos argentinos, na ideia do Uruguai como “Suíça da América” referida por Roberto e por Freddy, e do Brasil visto a partir de dois momentos por Cleunir, primeiro como motivo de orgulho, principalmente na época de sua chegada, em 1995, e depois como vergonha, em função dos muitos crimes cometidos por brasileiros na Europa e mostrados na mídia espanhola, o que faz com que chegue a ocultar a nacionalidade. Segundo Cleunir, o comportamento dos brasileiros na Espanha, reforçado pela imagem construída na mídia, faz com que a mulher brasileira seja vista como prostituta e o homem, como delinquente:

Eu tenho vergonha, às vezes, de falar que sou brasileiro. Claro que qualquer aeroporto que você... Eu fui agora para a Turquia no verão, nas férias fui para a Turquia. Fui para a Inglaterra, fui para a Grécia. Sabe? Fala que é brasileiro, eles já olham como... Sabe? Eles já escaneiam teu documento pra ver se é verdadeiro, pra ver se não é roubado. (...) Tá bastante difícil para os brasileiros. Dessa banda foram cinquenta brasileiros, faz pouco tempo, uns dois meses. **Que foram presos, no jornal, incluso com a cara de todos. Que me deu vergonha de ser brasileiro, nesse momento, sabe?** De ver tanto brasileiro delinquindo aqui, matando, roubando, mau trato, brasileiro que mata mulher, brasileiro que não sei o que, brasileiro que falsifica documento. Brasileiro com carro de luxo roubado... (...)
Nossa! Sai muito, muito, muito. **Brasileiro fazendo contrato falso para outros imigrantes. Sai muito na televisão. O brasileiro tá muito mal falado.** Primeiro eram os colombianos, há dez anos atrás. E... Possivelmente ano que vem, ou esse ano mesmo, não sei. Já não dá mais

tempo. Possivelmente no próximo ano já vão exigir visado de brasileiros. Incluso a lei de tráfego, que tava convalidando as carteiras de motorista brasileira, foi aprovada a lei, mas não entrou em vigor nunca e diz que nunca vai entrar em vigor¹⁰⁰, por causa, justamente por causa disso. Muito carro roubado, muita falsificação de documento. (...)

Brasileiros, aqui, a maior rede aqui... Aqui mesmo no nosso bairro, fazem documento português por cinco mil euros e cai, todo mundo cai, um atrás do outro, sabe? Toda semana. **Sai no jornal, eu já vou direto no suceso¹⁰¹ ver se tem algum brasileiro que eu conheça** (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

A vergonha, também apontada em função da imagem criada sobre a identidade nacional através dos meios de comunicação, aliada à ideia do paraguaio como migrante pobre, em busca de subempregos, fez Klaus criar uma estratégia de afastamento do Paraguai, seu país de nascimento, como já mostramos. Ele lembra de um período que passou na Argentina:

Buenos Aires que era na época do peso, acho que era o segundo governo de Menem, os paraguaios eram muito discriminados e éramos rapidamente percebidos pelo sotaque, porque o espanhol que nós falamos é bem diferente do espanhol do portenho e o paraguaio, ele, na época auge da Argentina, quando a Argentina fez valer o dólar, né, muitos paraguaios iam lá pra trabalhar e fazer serviço assim, garçom, limpeza, serviços gerais, e **eles acabaram ganhando uma fama de mendigos, de pobres**, né, então eu não gostei do ambiente, eu achei, muito facilmente eles me chamavam de paraguaio e já me botavam rótulo, então, não gostei da Argentina por isso (Klaus, 31 anos, nascido no Paraguai, residente em Porto Alegre).

Por outro lado, destacamos o papel das identidades nacionais na construção do sentido de um lugar de pertença, como dizem Roberto e Freddy, ambos nascidos no Uruguai. “Já faz vinte anos que não moro assim, constantemente no Uruguai, mas eu acho que cada pessoa, de alguma maneira, pela história da vida, tem um lugar que acha que é o lugar de pertença, de onde a pessoa pertence. Então, o meu lugar é o Uruguai”, diz Roberto. Freddy fala do significado do Uruguai para a produção de sua obra como pintor: “Os olhos não são câmeras. Então é importante dizer que o lugar é teu. Se tu tivesse que desenhar ou descrever o tal, talvez não seria como um fotógrafo. Uruguai está em mim mas não em forma de imagem fotográfica. Está no clima, no frio que hace en invierno, no bonito que é no verão, nas praias, porque é tudo mar”.

¹⁰⁰ A Lei de Reconhecimento Recíproco de Carteiras de Habilitação, entre Brasil e Espanha, assinada em Madri, em 17 de setembro de 2007, entrou em vigor em abril de 2009.

¹⁰¹ Editoria policial em um jornal.

Estas narrativas ajudam a entender o modo como os sujeitos não apenas rememoram no país de migração o que significa ser uruguaio, ou dominicano, brasileiro e equatoriano, mas o vivem desde a própria experiência de deslocamento. Como analisamos, os elementos culturais tradicionais são impactados por outras demandas, outras vivências e sentidos de pertencimento.

5.4.4 A construção transnacional da latino-americanidade

Yo tengo tantos hermanos
que no los puedo contar
en el valle, la montaña
en la pampa y en el mar.
Cada cual con sus trabajos,
con sus sueños cada cual
Con la esperanza adelante,
con los recuerdos detrás.
Yo tengo tantos hermanos
que no los puedo contar.
(Atahualpa Yupanqui)

A construção de narrativas acerca da identidade latino-americana foi um dos aspectos articuladores do percurso metodológico da pesquisa, desde a escolha do recorte da migração pela trajetória de sujeitos nascidos em países que compõem o espaço geográfico, ideológico, social, político e cultural da América Latina. Questões sobre vivências em torno da ideia de América Latina também estiveram presentes como condutoras das entrevistas em profundidade de relatos de vida.

A partir das histórias dos 16 entrevistados, podemos tensionar e aprofundar o debate teórico sobre o que constitui a identidade latino-americana em sua diversidade, como já tratamos, diante da impossibilidade de pensarmos em uma única versão para um processo de reconhecimento atravessado por questões históricas, políticas e teóricas tão marcantes, presentes, inclusive, nas construções feitas ao longo dos relatos. Apontaremos, em um primeiro momento, elementos simbólicos presentes nas narrativas sobre a identidade latino-americana para os entrevistados. Não queremos com isso cair em um reducionismo de apontar características essenciais do latino-americano, mas sentidos que são experimentados a partir das narrativas dos sujeitos que vivem diferentes trajetórias de migração.

Nos relatos, aparecem referências a traços fixos e externos que, podemos dizer, relacionam certos coletivos à identidade latino-americana em função do fenótipo, do modo de falar o espanhol e do comportamento. É o que referem Monica, Sara e Ana, a partir de experiências diversas, como um primeiro marco de distinção, visível e estabelecido desde fora, não por um sentido de pertencimento. Sara e Monica dizem não poder fugir de uma associação à identidade latino-americana por seus traços indígenas, enquanto Ana distancia-se de tal reconhecimento, afirmando-se como brasileira e apontando elementos que seriam comuns entre os latinos, como se ela própria não fosse de um país da América Latina:

Eso me da como Latinoamérica será por los rasgos que me dicen. Algunos me dicen: **“Tú te pareces. Tú ni como negarlo que seas de Latinoamérica”**. Por los rasgos, yo me identifico por latinoamericana (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Entonces cuando comienzas a interlocutar, al reconocer que no eres de aquí, **además que mi físico también se nota, o sea, yo ni siquiera me puedo mimetizar** (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Tu olha e sabe que esse, bom de repente tu não sabe dizer exatamente qual país, mas tu sabe que é colombiano, bom agora dos colombianos eu já tenho mais ou menos uma imagem, mas ali Peru, Equador, Bolívia. Boliviano e peruano **tu não sabe diferenciar muito bem, mas tu sabe que são da América do sul**. (...) No falar também já tem uma coisa que eu percebo que é da América do sul, como os uruguaios, argentinos e paraguaios também, eles falam meio caipira, aí tu sabe. (...) Bom, tá, claro que as meninas aqui também são bem diferentes, mas às vezes as da América do Sul lá são muito extravagantes, tipo, não de, ai, não sei te dizer, no sentido não de... sabe essas roupas justas que elas usam. Sabe tem todo um conjunto: o físico e o cabelo da pessoa e todo um conjunto (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

O modo de vestir também está presente na construção feita por Cleunir para o que seria o latino-americano. Ele fala a partir de sua experiência com a moda brasileira em Barcelona, consumida principalmente por dominicanas, equatorianas, peruanas, chilenas, além de brasileiras. Na descrição das roupas, aparecem referências ao clima tropical como responsável por um comportamento diferente do encontrado entre as europeias. As latino-americanas seriam mais sensuais, nas palavras de Cleunir, que reconstrói em sua narrativa uma ideia de América Latina como o exótico que gera encantamento, imaginário presente também entre alguns espanhóis. A segunda fala de Cleunir chega a lembrar o mito do bom selvagem, do qual já falamos no capítulo três – o latino-americano seria aquele estranho facilmente domesticável por seu comportamento dócil e alegre:

Nós classificamos a moda brasileira pela calças de cós muito baixo. Claro, são muito tropical, aqui na Espanha não estão acostumados com a roupa brasileira que são muito sexy, muito atrevida, e tem outras formas, também pelo clima. **No Brasil, as mulheres são muito atrevidas por que faz calor, muito calor, o clima é tropical, aqui as mulheres são mais clássicas**, digamos, mas está começando a trocar aqui também, a moda. (...) **Somos muito amáveis, muito carinhosos, somos pessoas, uma palavra horrível, somos quentes, assim no sentido de clima, os espanhóis se fascinam por esse tipo de coisa.** É o contraste, né. Somos muito alegres, muito alegres. Temos outra forma de viver a vida. Os brasileiros mais ainda. Somos muito carinhosos, somos muito acolhedores, inclusive, e isso fascina muito os espanhóis, eles gostam muito (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

Outra característica que remeteria um comportamento comum aos latino-americanos, curiosamente apontada por três entrevistados, é a prática da fofoca, como consequência da proximidade nas relações interpessoais. Para Arturo, a fofoca demonstraria uma preocupação com os outros, no caso também migrantes, o que geraria uma rede de apoio. Roberto fala das diferenças entre os europeus do Norte ou do Leste, com quem conviveu na Suécia, e os latino-americanos, a partir da preocupação com o outro como forma de vigilância, no caso da Alemanha comunista, por exemplo, e como um tipo de envolvimento social, nos países latino-americanos. Luci ressentia-se da falta de amizades verdadeiras com outras latino-americanas, em decorrência da disputa e da preocupação demasiada que estas demonstrariam em relação à vida alheia:

Então, geralmente a gente está sempre sabendo as coisas, **depois diz que o latino não é fofoqueiro, mas ele é fofoqueiro, a gente sabe toda a vida de um e de outro**, né, a gente vai se inteirando, uma forma de ajudar, às vezes falece alguém, a gente faz uma vaquinha. Então, cada um tem sua comunidade (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Aquele regime que queria que todo mundo controlasse todo mundo, mas pra isso todo mundo tem que pertencer as associações, conhecer o vizinho, **então é uma coisa muito da América Latina, de saber o seu vizinho, aqui talvez, por mexerica** que diz, saber o que faz da vida de cada um, e lá é uma coisa mais institucional, você espiar o seu vizinho, mas, alguma maneira, todo mundo, tem mais por uma colaboração (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Porque aquí estamos, como te puedo decir, acá se ve bastante... una amiga que tiene como recelo, envidia, ¿sabes? Acá... Tengo dos amigas, personas que he conocido, hasta que tienen unas primas: "Hay por esa zona, mejor no, mejor hablar aquí en mi casa". Entonces dice: "No". Y amigas no

encuentras, no encuentras una amiga que sea sincera, no. **Muchos recelos. Lo primero, cuando encuentras una persona y se hacen amigas, te pregunta: “¿Cuanto ganas? ¿Dónde trabajas y cuanto te pagan? ¿Cuántas horas trabajas?** Aquí el tema es ese. Como un concurso de cuanto tienes, cuanto ganas, que haces... Sí, sí (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Aparece outra referência recorrente nas narrativas aliada à ideia de proximidade nas relações, interpretada por seus aspectos negativos, como intromissão, demonstrando certo controle social, ou positivos, como preocupação e solidariedade. Os entrevistados falam da espontaneidade como marca do que configuraria uma característica do latino-americano, assim como a valorização de experiências mais coletivas do que individuais. Roberto fala da importância da conversa com os amigos em uma mesa de bar, algo de que sentiu falta na Suécia, por exemplo, onde os encontros eram sempre pautados por objetivos pragmáticos. Para Arturo, são as partidas de futebol com amigos (também migrantes de diferentes países da América Latina) que proporcionam um momento de encontro e celebração. A importância da reunião e de um sentido de compartilhar a vida estão presentes também nas festas, nos bailes, almoços e jantares organizados pela comunidade latino-americana, tanto em Barcelona quanto em Porto Alegre, muitas das quais articuladas a partir da rede que se articula através de entidades civis, religiosas e administração municipal.

Esse sentido de agregação faz com que Arturo planeje criar uma ONG voltada à comunidade latino-americana em Porto Alegre. Com ajuda dos consulados peruano, argentino e equatoriano, o grupo idealizador da ONG pretende alugar uma casa que serviria como espaço de convivência e ajuda mútua:

Essa casa serviria com um salão para fazer festas dos latinos. Pra um trabalho de artesãos latinos que vêm, que não tem, às vezes, como vender, porque são denunciados e não tem documento, então, a gente teria um espaço pra eles venderem o artesanato e também encaminhar, como nós temos muitos estrangeiros já formados, temos médicos e engenheiros, então, às vezes, **é uma forma de nós conseguir uma ajuda pra uma pessoa que está doente,** por intermédio do boca-a-boca, com um boliviano, com um peruano, uma consulta no oculista, no clínico geral, né. Porque, às vezes, tu sabe, o INSS, nem pra nós que temos a documentação, ele nos ajuda, então, nós estamos pretendendo esse tipo de trabalho. Espero que a gente consiga (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

O comprometimento com a família também aparece como um valor que aproximaria os latino-americanos, identificando um comportamento comum de preocupação e cuidado com a família de forma estendida, o que inclui tios, primos e parentes distantes. As relações familiares constituem, inclusive, apoio às migrações transnacionais, como vimos, sendo destacado nas entrevistas o papel de um parente (às vezes um amigo próximo) como referência na chegada à Barcelona e Porto Alegre. Nos relatos, Luci, Veneranda e Arturo falam da associação entre América Latina e família, além do cuidado com os familiares como uma distinção em relação ao que é percebido em outras culturas.

América Latina... mi gente. Unión, ¿sabes? **Familia, los amigos de la familia, los recuerdos... mis amigos... La añoranza de ir...** “Quiero ir, quiero ir”. De ahí no pasa nada (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona)

La verdad, no te lo puedo decir bien, pero yo creo que si, **el cariño que uno le tiene a su familia**, sobre todo, yo creo que es siempre lo latino americano lo que damos mucho mas, todo, seamos de donde seamos, aquí es como otra cosa mas fría lo que te quiero decir, ¿entiendes? (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Então eles sempre têm as mudas de roupas na nossa casa. Eles não se libertaram ainda. E a gente de ter eles sobre nossa saia, debaixo da nossa saia. Esse é um sentimento que o boliviano tem, que eu acho que o latino tem. **Uma coisa que eu tenho reparado, a respeito de família, que o boliviano, o chileno, enfim, o latino é muito mais de família que o brasileiro.** Às vezes aqui, a gente nota, até no ramo em que nós trabalhamos, no ramo de alimentação, que a pessoa não precisa ter muito grau de instrução pra trabalhar nas cozinhas, a quantidade de mães solteiras e os filhos que não têm, o pai nunca deu bola. A Bolívia, por mais humilde que tu seja, por mais pobre que tu seja, se tu tem um filho, tu dá um valor, tu cuida, tu acompanha essa educação (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Arturo também destaca o patriotismo como um respeito aos valores tradicionais, o que é encontrado mais frequentemente entre os latino-americanos, mas não nos brasileiros, que, para ele, não seriam considerados como tal. O latino-americano teria amor à terra de origem, demonstrado pelo respeito aos símbolos nacionais, como o hino e a bandeira, o que ele não percebe no Brasil. Neste caso, a tradição aparece como um valor de identificação mais comum à cultura da América Latina, em oposição ao sentido de progresso, que estaria mais presente no Brasil, segundo o relato de Arturo. O mesmo sentido de progresso é apontado como característico do modo de vida e da cultura na Espanha, conforme observamos em outros depoimentos.

Tem os valores que são diferentes, sabe. Uma coisa que eu sempre conto pros meus filhos, uma experiência que eu tenho, que eu acho muito bonita. Que eu estava em La Paz, tava sentado numa praça, esperando passar o tempo, quando vi que o pessoal parou. Eu olhava assim, o que vendia picolés tava parado, parecia assim, firme onde tu está, parado no tempo. Aí eu comecei a escutar ao longe uma música, na praça estava tocando o hino nacional e todo mundo ao redor da praça foi parando, conforme ia tocando, que era uma festividade de um departamento, como um estado. **Tocava o hino nacional e o pessoal parou. Então tu olha e diz assim: aqui no Brasil tu estará, toca o hino nacional, tu continua fazendo, tu nem liga, né.** E lá tem esse respeito, então é uma coisa que te chama a atenção, que te emociona. Eu me emocionei muito de ver essa coisa. São valores que a Bolívia cultua, que em relação ao que eu vejo aqui no Brasil, a gente não tem. **De repente até pela nossa, o progresso, né, como é que eu te diria assim, conforme maior o progresso de um país, eu acho que esses valores vão caindo, né. Eu vejo na minha família, também.** Ao meio dia quase ninguém fica pra almoçar, porque cada um tem sua vida, na janta também não chega, ou faz um lanche. Então a família em si vai se desagregando. Na Bolívia é ao contrário. As horas do almoço e da janta são sagradas. O pessoal vai lá, almoça em casa e volta pra trabalhar. Então isso vai criando valores que aqui no Brasil não se dá, não se dá valor a esse tipo de sentimento (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Para além de atributos fixos e de características que comporiam um perfil ou tipo de comportamento identificado pelos entrevistados como comum entre latino-americanos, aparece uma associação recorrente entre América Latina e uma situação de luta. O latino-americano seria um sujeito lutador, trabalhador, que supera obstáculos, o que já implica no reconhecimento da América Latina como um lugar onde são enfrentadas dificuldades de diferentes ordens, no que García Canclini (2002) identifica como uma tendência de descrição pelo déficit, sempre apontando aquilo que nos faltaria para atingir uma condição de desenvolvimento.

Como aborda Fernando Carrillo Flórez (2009), na apresentação do livro “La lucha contra la exclusión social en América Latina – Una mirada desde Europa”, já é quase um lugar comum repetir que a América Latina não é o lugar mais pobre do mundo, mas certamente é o mais desigual. A pobreza, as desigualdes e outras formas de injustiça contribuem para enfraquecer o estado de direito, segundo o autor, gerando crescentes níveis de violência e, em alguns casos, rechaço aos sistema político, o que poderia favorecer o ressurgimento de governos populistas. A exclusão social da América Latina aparece como realidade composta por dimensões históricas, sociais e políticas.

Eduardo Galeano, em “As veias abertas da América Latina”¹⁰², trata – em um ensaio construído a partir de uma matriz vinculada à teoria da dependência – de algumas raízes históricas para a situação de dependência e exclusão nos países latino-americanos. O que percebemos é que cinco séculos entre dominação colonial e exploração dos países ricos sobre os pobres, ou ganhadores e perdedores, como qualifica Galeano, conflitos de classe e dificuldade de integração nacional deixaram marcas profundas na trajetória de nossos países e também aparecem nas narrativas dos entrevistados, sob diferentes abordagens, mesmo que o radicalismo do pensamento crítico da teoria da dependência pareça ter se esgotado.

A América Latina aparece construída pelo déficit, por exemplo, em questões que afetam o dia-a-dia, como nas referências à violência e à insegurança como preocupação constante para os latino-americanos, o que causa um estranhamento à Sara, que sente mais medo ao caminhar pelas ruas de Lima, considerada por ela como um caos, nas visitas à cidade desde que se mudou para Barcelona. Luci fala da diferença do comportamento de um peruano e um estrangeiro, em função do cuidado diante da possibilidade de assalto.

En Lima tú sales de casa con la tensión única y con atención a la cartera, en cambio que acá yo me estoy descuidando. Eso yo sentí cuando, hace poco, estuve en Perú y salí a las calles de Lima y sentí una tensión única muy fuerte, que no sentía antes. Igual es porque me he acostumbrada acá en un espacio que tiene otra forma, otra manera de organización y Lima es un caos. Entonces yo le comenté con mi marido: “Yo no entiendo porque yo ahora me pongo nerviosa, mirando a todo”. Entonces eso es una cosa, de diferencias que se van haciendo, ¿no? (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Allá la delincuencia, la inseguridad que hay, no puedes dejar tu casa sola... Si vas a comer en un restaurante hay ladrones mirando adonde vas, adonde entras para que te lleven la cartera. **Si vas con un bolso, no eres de allá o llegas del extranjero.** Yo cuando vivía allá, llevaba una riñonera bien escondida (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

O mesmo aparece nas referências à preocupação com as constantes crises econômicas como motivadora da busca de notícias sobre seu país de nascimento, para Luci, ou a lembrança de tragédias naturais para as quais são deslocadas atenção e ajuda da Espanha e de

¹⁰² Livro que cumpriu 38 anos em 2009 e foi presenteado pelo presidente venezuelano Hugo Chávez ao então recém empossado presidente norte-americano Barack Obama, durante a quinta Cúpula das Américas, o que fez com que saísse da 54.295^a para a segunda posição na lista dos mais vendidos no site de comércio eletrônico Amazon (www.amazon.com).

outros países ao Peru: “Como lo que pasó del terremoto, me sentí fatal. Yo estaba aquí, veía las noticias de España que decían: Ayuda para Perú, no sé que”.

Uma história compartilhada de pobreza e de atrasos, aliada ao difícil processo de democratização em decorrência de golpes de estado e governos autoritários aparecem como algo que aproxima os latino-americanos e, ao mesmo tempo, os distingue pelo olhar do outro. Luci chega a brincar com o modo como os latino-americanos são vistos como “pobrezinhos” pelos espanhóis ao responder, diante de insistentes perguntas sobre as condições de miséria em seu país de nascimento, que ajudaria a irmã a migrar porque ela estaria passando fome no Peru. Para Pablo, além de afinidades culturais, os países da América Latina buscam um reconhecimento pela busca de desenvolvimento econômico. Ao falar sobre a América Latina, ele compara o Equador e o Brasil.

Pobreza. Pues que no estamos bien económicamente. Este es el primer flash. **Los europeos dicen, mis amigos catalanes dicen: “Que desespero, allá es muy pobre en Perú, ¿no? Ven una cosita y piensan que todo es así. (...) Como muy pobres, como vine a trabajar aquí. Sí de verdad. Como voy a traer mi hermana me dicen: “Está muy mala la cosa allá en Perú, ¿no? ¿Tu hermana trabaja?”. “Sí, en lo de informática.” “Permite estar comiendo algunas veces, ¿no?”. “No llega, por eso la voy a traer”** (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

*Tenemos a mesma alegria. Talvez vocês tenham o samba e nós temos o salsa, mas são as danças muito movimentadas. **Vocês tiveram ditadura, nós também. Vocês têm pobreza, nós também.** Vocês estão lutando por se desenvolver e sair daquela coisa de país em desenvolvimento para ser realmente um país bem desenvolvido. Acho que isso mais ou menos é ser latino-americano, se identificar com as demais pessoas, com nossos vizinhos* (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Essa construção, da pobreza como uma situação social e econômica, atravessada por fatores históricos comuns aos países da América Latina, é feita também por Hector, Arturo, Sara, além de Pablo, mas desde uma visão otimista que mostra o desafio de superação enfrentado pelos latino-americanos como uma condição de sobrevivência associada à necessidade de engajamento político. Suas histórias, de algum modo, referem uma mudança de perspectiva: uma visão estruturalista e de macrorrelatos deixa lugar para o reconhecimento de uma maior intervenção dos próprios sujeitos que constituem a América, que assumem um papel mais atuante diante de sua trajetória. Como contraposição à ideia da exclusão social como geradora de desesperança e desmobilização política, presente em explicações sobre a

situação da América Latina, os quatro entrevistados se reconhecem como latino-americanos pelo modo como lidam com as adversidades com enfrentamento e sem resignação:

Mais uns lutadores que tem que matar um leão por dia. Porque aqui, na Argentina, no Chile, tem que batalhar, não tem outra (Hector, 48 anos, nascido no Chile, residente em Porto Alegre).

Eu me considero um latino-americano, **eu luto, eu gosto de pensar que sou latino-americano** (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Cuando digo que soy latinoamericana soy parte de un espacio, de un continente geográfico, cultural, social con valores determinados con los cuales yo me he empapado desde muy pequeñita. En los cuales pertenezco, con los cuales me identifico. Lo extraño más de Latinoamérica, y más porque estoy en ese tipo de espacio, **extraño más los luchadores que somos, las luchadoras que somos. Y que constantemente estamos ejerciendo lo político y reflexionando también** (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Acho que ser latino-americano é ser aquele cara que tem vontade de lutar. Que obviamente nasceu em países que se fala que estão em desenvolvimento, que querem se desenvolver e agora mais que tem outro movimento político. Então, ser latino-americano acho que é aquele que se sente parte daquele movimento, daquela experiência que tem Latinoamérica (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Esse posicionamento não exclui, certamente, a responsabilidade sobre a trajetória dos países da América Latina das mãos do estado e das decisões econômicas em nome da tendência de uma crescente iniciativa social. A participação política está marcada, na trajetória latino-americana, por uma história comum que passa, como bem apontam os colaboradores da pesquisa, entre outros fatores pela construção de um sentido de oposição durante as ditaduras instaladas em nossos países na segunda metade do século XX, mas ultrapassa esse contexto e ganha força em um momento histórico em que a sociedade civil conquista mais espaço para refletir e agir. É o que nos conta a história de Sara e, entre outras situações, seu envolvimento em ações pela investigação dos casos de violação dos direitos humanos durante o regime militar no Peru, através da participação na *Comisión de la Verdad y Reconciliación*, como integrante da Anistia Internacional, em 2001. Sara sente falta, na Espanha, de um envolvimento efetivo da sociedade com questões políticas e aponta essa como uma diferença fundamental em relação ao que percebe na América Latina.

Desde lo muy básico estamos siempre pensando en como cambiar, en ser positivos, entonces lo que siento aquí es que ese tipo de situación... Es que como vienen de una sociedad de estado de bien estar, pues que no sienten esa urgencia que sentimos nosotros. Entonces un reflejo clarísimo de que es Latinoamérica es que los latinoamericanos y las latinoamericanas que han venido acá han luchado y han logrado tener su negocio, o trabajar, o seguir adelante. Que cuando llegas aquí tú ves que hay personas de la sociedad de acogida que el ímpetu de resistencia y de lucha no lo tienen, ¿no? O, por ejemplo, que estábamos hablando cuando salimos con unos amigos, unas amigas latinoamericanas y esos amigos de Cataluña, que decían **“porque ustedes siempre están hablando de política”**. Entonces lo que yo extraño es eso también. Cuando la gente acá habla de política: “¡Que no me hables de eso, coño! ¡Que no me hables de eso!”. Ni siquiera hay análisis, es una actitud de rechazo (Sara, 34 años, nascida no Peru, residente em Barcelona).

A participação política também é forte na trajetória de Juan, que já foi candidato a deputado na Colômbia e mantém uma posição contrária ao governo do presidente Álvaro Uribe, através da participação em manifestações na Colômbia e na Espanha, e também por meio do debate em torno das questões políticas, promovido em seu blog:

De hecho que en la portada lo pongo claramente que me detengo en temas políticos. **Mucha gente piensa: “no me gusta la política”, pero la política es parte del hombre, el ser humano es un ser político.** Todo lo que hacemos, tomarnos un café, hablar, eso es política. Yo lo digo en el entrada, soy claro, entonces mucha gente no entra porque tiene una interpretación equivocada de lo que sea la política (Juan, 42 años, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

A tomada de posição do sujeito como agente importante na construção da trajetória latino-americana dá conta, inclusive, da compreensão de uma passagem da utopia da “Pátria Grande”, como metáfora para a constituição de um caráter unificador entre os países da região, para o reconhecimento de uma tendência de fragmentação diante da pulverização de problemas não resolvidos pelos próprios países e entre eles. Fernando revela, em seu relato, a preocupação com a exclusão social como consequência do que ele identifica como a falta de integração para a busca de alternativas coletivas e para as desigualdades sociais que fazem parte da realidade de cada um dos países.

Yo soy de la generación de marzo de 72, de la Patria Grande, ojo. Es que en realidad América se está se fragmentando ahora, hace 30 años atrás no sentíamos mucho mas hermanos todos que ahora. Ahora está mucho mas fragmentada la América Latina con sus problemas. **Hace 30 años atrás que**

se creía en la Patria Grande, de que un día se iban a unir todos los países de Che Guevara, todo eso, ¿no? Y ahora yo la noto totalmente fragmentada. Hay conflictos entre países por tonterías... Está mucho más fragmentada América latina ahora que hace 30 años, pero muchísimo. A parte dentro de los mismos países que es lo peor, que ya no hablamos ni de temas nacionales que como se ha fragmentado las sociedades dentro, las bolsas de destrucción de cada país es mucho más peligroso que la otra. A mí como uruguayo se me duele más porque para nosotros es un fenómeno nuevo. El tema de la exclusión social, bolsones de pobreza, se nos está golpeando (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

A diversidade de narrativas na busca da construção de sentidos sobre a identidade latino-americana nos faz retomar um aspecto tratado antes, ao traçarmos um panorama teórico para compreender a América Latina. Não é possível pensar em termos de uma identidade latino-americana, mas das múltiplas dimensões e versões que a constroem, o que implica na adoção do conceito de *latino-americanidade* como o reconhecimento desse caráter dinâmico e híbrido da ideia de América Latina: como mescla de reconhecimento, pertença, alteridade. Ao mesmo tempo em que falamos de formas de reconhecimento, muitas das identidades relatadas pelos entrevistados são atribuídas aos latino-americanos por espanhóis ou não latinos. Além disso, como refere García Canclini (2002), sempre a latino-americanidade foi uma construção híbrida, na qual confluem contribuições dos países mediterrâneos da Europa, do indígena, do africano, e, cada vez com mais força, de outros tantos fluxos migratórios.

Estamos nesse paradoxo: diante da heterogeneidade de experiências singulares, como pensar um continente, um espaço cultural e social comum? A única saída, e sem medo de parecer que recorreremos a uma alternativa simplista, é reconhecer a própria heterogeneidade de que se constitui a latino-americanidade dentro e fora do que podemos delimitar como seu espaço geográfico, pois a América Latina ganha força como espaço de significação quando avança sobre suas próprias fronteiras.

No que propomos pensar aqui, a experiência da migração implica em uma ressignificação da própria latino-americanidade. Primeiro, porque ela lança luz sobre nossa própria diversidade. A trajetória de migração e as formas de pertencimento de um equatoriano de 20 anos, solteiro, que ganha uma bolsa de estudos e vai para Porto Alegre estudar são muito diferentes das de uma equatoriana de 28 anos, que deixa as duas filhas em Otavalo e vai para Barcelona trabalhar. São outros sonhos, outros sentidos de vida, outras formas de se reconhecer e reconhecer o mundo. E para além das diferenças nas narrativas individuais, a

diversidade e o contraste nos constituem enquanto América Latina, como contam os entrevistados, em termos culturais, sociais, econômicos, naturais e políticos.

¿Qué me viene a mi cabeza de Latinoamérica? Así Latinoamérica me viene, como podría decirse, muchas culturas, muchas, más que todo culturas, me parece (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Grande. Todo grande, montañas grandes, ríos grandes, selva grande, miseria grande, riqueza grande. Exceso: fiesta grande, tristeza grande. Básicamente la palabra grande. Todo es excesivo. Un carnaval es excesivo, una dictadura es excesiva, los ríos son enormes, la pobreza es enorme, las distancias son enormes (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Em um segundo momento, a migração impacta a ideia de latino-americanidade pela possibilidade de, desde um outro lugar, encontrarmos elementos que nos aproximam em nossa heterogeneidade. O estranhamento trazido junto com a experiência de deslocamento nos faz pensar sobre o caráter estratégico e relacional da latino-americanidade. Esse mesmo movimento foi responsável pela criação de boa parte das narrativas literárias que ajudaram a constituir um imaginário de América Latina, através de obras de escritores como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Gabriela Mistral, entre outros referidos por García Canclini (2002): todos peregrinos que pensaram de longe os sentidos de seus países e da própria região.

A experiência de estranhamento impacta o modo de olhar a América Latina também para os entrevistados. Isso leva, para 13 deles, a reforçar um sentido de pertença ao que definimos por latino-americanidade, entendida mais por uma construção simbólica do que por referentes concretos, como vimos, e assumida como uma política de posição, tanto em Porto Alegre quanto em Barcelona.

Roberto, por exemplo, diz ter compreendido melhor a América Latina somente depois da experiência de quatro anos na Suécia, onde viveu um sentido de diferença em relação à cultura local que não conheceu no tempo em que morou no Brasil pela primeira vez. Lá, ele buscava a participação em grupos de latino-americanos e percebeu uma identificação maior com a cultura árabe, africana e do sul da Europa do que propriamente com a cultura sueca.

Então, dependendo de cada oportunidade, você vai ver, por exemplo, ia dançar fora, né, dançar salsa não sei o que... e aí eu vi que latino-americano, libanês, árabe, nessa área de dançar, é muito similar, é muito, muito. Hoje, libanês, se vende chimarrão, se sabia que muita pessoa vende chimarrão, não? Eu vi um filme de libanês, dois amigos que faz vinte anos que não se

encontram, vão se encontrar e eles tomam chimarrão juntos. Entendeu? Então eu percebi que do ponto de vista cultural, no religioso também, mas cultural, é uma coisa, **o pessoal do Oriente Médio, árabes e latino-americanos tem raízes, raízes, não sei, coisas muito comum, você se sente muito à vontade e muito diferente um europeu da Alemanha ou da Suécia, os, ou talvez, do norte da Rússia.** Então sim, me sinto latino-americano. Morando na Suécia foi muito difícil porque a mudança cultural foi muito grande e **me sentia muito mais à vontade em qualquer comunidade de pessoas da América latina,** ou sul da Europa, árabes, que nórdicos, por exemplo (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Freddy, que construiu sua trajetória profissional entre o Brasil e o Uruguai, fala de um sentido de América Latina em oposição aos Estados Unidos, o que percebeu em suas viagens. Ser latino-americano, segundo ele, é ser compatriota de todos da América Latina, porque, no final, somos todos iguais, ele diz, enquanto tão diferentes dos norte-americanos – no comportamento, não no consumo cultural. É o que revela sua memória afetiva em torno de canções que reconstróem a cidade de Melo de sua infância nas ruas de Nova York. Em outro trecho da entrevista, Freddy brinca com a possibilidade de o presidente Barack Obama “latino-americanizar” os Estados Unidos.

Quando tu vai a Estados Unidos tu vê que nós somos tão diferentes. Raça humana sim, somos todos iguais. Mas a cultura é diferente. Tomara um dia, por exemplo, Nova York, em uma esquina, um grupinho fazendo jazz. Eu parei. Por quê? Porque estava em Melo. Essas canções escutava em Melo. E os americanos com sua pasta e com sua roupa de *yuppie* passavam e nem olhavam. E eu, quê? Esse grupinho vai à esquina para vender a uma festa a animação e tocam lindíssimo. *Quando Santos vem chegando, É pecado mentir, Rhapsody in Blue. Coisas lindas! Meu Melo, em Nova York.* Eu sou mais nova iorquino que eles. Porque eles vão correndo de lá pra cá e eu não se por quê. Todos de terno azul, *disfrazados*, porque depois comem na praça um sanduíche, sentados, roupa de luxo comendo como um pobre num banco de praça. E era verão... Me chama atenção porque é falso tudo isso. Vai a um restaurante, coma como a gente! Escute aquele *trombón!* Que é a música deles. Essa mesma noite comprovei uma coisa. Fui a Broadway a ver *Crazy for you*, que *es una* comédia musical de George Gershwin. Outro melense. George Gershwin, *Rhapsody in Blue... de Bagé! De Santa Maria! E eles, nada, comendo pipoca. Aquela maravilha, uma orquestra enorme com música de Gershwin. Tengo ritmo, tengo pam, pam...* Mas eles não entendem, porque era de *mi* infância (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Em Porto Alegre, é colocada em debate a conturbada integração dos brasileiros à latino-americanidade. Pablo e um grupo de amigos são considerados “latinos” na universidade

e Arturo chega a construir um sentido de latino-americanidade pela oposição ao que ele aponta como uma identidade brasileira: “A ideia que me vem assim, de latino-americano, na real, na realidade, assim me faz sentir uma pessoa diferente da brasileira, por isso, os aspectos que eu te falo, os valores morais, que todos nós quase temos”. Maria diz se reconhecer como sul-americana por acreditar que assim não estaria negando seu pertencimento à identidade brasileira, que, segundo ela, não estaria contemplada na América Latina.

Em parte, o distanciamento aparece construído também nas narrativas dos brasileiros que vivem na Espanha. Primeiro, para Ana que, como vimos, não gosta de ser identificada como latino-americana, o que invariavelmente acontece pelo olhar dos espanhóis e de migrantes de outras nacionalidades, indicando uma construção atravessada da latino-americanidade para os brasileiros no exterior. Segundo, por Cleunir, que participa de um espaço cultural brasileiro e latino-americano em Barcelona, em suas aproximações e diferenças, mas que, diante de uma criminalização da presença brasileira na Espanha, demonstra um afastamento estratégico.

Apenas Marcela, nascida no sul da América do Sul e tendo a própria história familiar marcada pela migração italiana, diz reconhecer-se mais com o que ela percebe como uma identidade europeia, pelos sentidos de organização, responsabilidade e comprometimento, com os quais se identifica e que não percebe como valorizados entre os latino-americanos. Ainda assim, é principalmente pelo sotaque que é vista, em Porto Alegre, como estrangeira e latino-americana.

Todos estes diferentes relatos nos fazem refletir, portanto, sobre uma construção que se aproxima do que defendemos como entendimento, não de uma identidade latino-americana como algo fixo, mas como um processo discursivo só possível de ser concebido por um entrelaçamento de versões e muito marcado pela condição de deslocamento como nova fonte de significações. A latino-americanidade é diversidade e construção coletiva que até baseia-se em traços tidos como elementos culturais comuns, mas que os ultrapassam no reconhecimento da heterogeneidade cultural e de uma história responsável por uma situação de desigualdade econômica e social como definidores de um sentido de oposição diante de outras experiências identitárias.

5.4.5 Nova forma de ser migrante: entre o transnacional e o cosmopolita

Si profunda es la distancia
 Profunda es la lejanía
 En un alma peregrina
 No existe ciudadanía
 La bandera es un dilema,
 la patria y la geografía
 Donde quiera que me encuentre
 Yo siento que es tierra mía
(En todas partes, Habana Blues)

Nas narrativas dos entrevistados também aparecem referências diretas e indiretas a uma identificação como “cidadão do mundo”, baseada na ideia de que não há, ou pelo menos não deveria haver, fronteiras que demarquem sentidos de reconhecimento. Qualquer lugar do mundo – ou o próprio mundo – pode ocupar esse espaço simbólico, pois, como dizem alguns dos entrevistados, a afirmação das identidades nacionais empobrece a experiência¹⁰³, construída para esse grupo a partir de valores universais.

O conceito de cosmopolitismo, ou de *ciudadão do cosmos*, remonta pelo menos ao século IV a.C, e, afirma Appiah (2007), é tão ambivalente quanto os conceitos de globalização e multiculturalismo. Desde suas primeiras concepções, o cosmopolitismo traz um paradoxo, pois um cidadão pertencia a uma única *polis*, uma cidade a quem devia lealdade, enquanto a palavra *cosmos* se referia ao mundo não apenas no sentido do planeta Terra, mas do universo: “En sus orígenes, entonces, el discurso del cosmopolitismo indicaba el rechazo de la noción convencional según la cual toda persona civilizada pertenece a una comunidad entre comunidades” (APPIAH, 2007, p. 16).

A noção de cosmopolitismo foi se desenvolvendo e ganhando novos sentidos, mas o que propomos aqui é pensar sobre dois principais: a ideia de que temos obrigações que se estendem para além dos laços de parentesco ou dos laços mais formais de cidadania compartilhada e que devemos considerar não apenas o valor da vida humana, como construção abstrata, mas das vidas humanas em particular e nas suas diferenças (APPIAH, 2007). Isso implica no reconhecimento da importância da diversidade como parte da própria concepção de cosmopolitismo. O cosmopolita não quer, portanto, transformar o mundo em um lugar onde impera um único modo de vida, mas quer ter a oportunidade de explorar e

¹⁰³ Embora a maioria dos entrevistados viva concretamente o reforço das identidades nacionais na diápora, referimos aqui, em especial, a experiência de cinco dos 16 sujeitos.

aprender com o conjunto de possibilidades humanas ao redor do mundo. Trata-se de um jogo entre o interesse pelo universal e o respeito às diferenças, dois ideais que, muitas vezes, entram em conflito.

Podemos apontar cinco entrevistados como aqueles que mais se aproximam desse sentido de cosmopolitismo: Roberto, Freddy e Marcela, em Porto Alegre, Fernando e Juan, em Barcelona. Há vários casos, no entanto, de organização do espaço da vida para outros entrevistados a partir de uma lógica transnacional, que incorpora alguns sentidos do que entendemos por cosmopolitismo, embora tais sujeitos identifiquem-se, simultaneamente, com identidades nacionais e étnicas.

Como diz Bilbeny (2007), é importante destacar que o cosmopolitismo não é, necessariamente, uma alternativa às identidades locais e aos laços domésticos. Embora possa parecer tentador contrapor cosmopolitismo e patriotismo, ser cosmopolita hoje exige salvar certo patriotismo e evitar certo cosmopolitismo, afirma o autor. Segundo ele, há pelo menos três tipos diferentes de abordagens cosmopolitas. A primeira seria um patriotismo disfarçado, pois pensa a cidadania do mundo ainda centrada em um lugar específico, partindo da ideia: “meu país é o mundo inteiro, mas depois da minha terra ou nação”. A segunda abordagem seria o cosmopolitismo negativo, considerada outra forma confortável de sentir-se cidadão do mundo, porque implica em reconhecer-se como parte de nada: “meu país não está em nenhum lugar”. Apenas a terceira abordagem indicaria um cosmopolitismo positivo em que prevalece uma opção universalista: “meu país está em qualquer parte do mundo”. Essa concepção não exclui, portanto, a vinculação às identidades locais, mas as reconhece e as valoriza.

A primeira condição para o cosmopolitismo é lembrada na experiência de Freddy que recupera, ao longo de sua vida, a mudança no acesso aos meios de comunicação e transporte como requisito essencial para a obtenção de sua condição de cidadão do mundo. Ele recorda um tempo em que eram necessário dois dias para ir de Melo a Montevideo, e das facilidades que o transporte aéreo trouxe para seu modo de vida entre Porto Alegre e Montevideo, trecho que passou a ser separado apenas por 50 minutos em uma viagem de avião.

É tão nova a comunicação física, os aviões. É tão novo que a gente ainda não se acostumou. Se tu já usou como eu tive a sorte de usar, se dá conta que tudo está perto. Falavam: “Tu quando vem?”. “Tá, eu vou amanhã”. Eu lembro que Pluna, a empresa Pluna de aviação uruguaia, tinha uma agência ali na Salgado Filho, esquina de Doutor Flores. E um fiz um mural grande de Punta del Leste. Estava lindo! Eles me deram quinze passagens pra cá e pra lá. Então eu usava como se fosse esse papel aí. São só 50 minutos. **Eu poderia ir, passar a tarde e voltar à noite.** Isso acontece com Rio. Por que eu tô falando e talvez exagerando? **Isso também é algo interessante, o**

mundo, a educação, a ciência e a tecnologia são nossas posturas de ideias. O conhecimento humano vai liberando o ser humano. Indiretamente também a arte. Tem gente que não pensa assim. Tem gente que odeia a tecnologia. Como eu falei esse mal entendido pode acontecer. Nossa condição, a evolução humana é justamente o desenvolvimento do conhecimento e também técnico. E isso aí é tão novo. **Imagina quando custava dois dias de Melo a Montevideo. O quinze horas de trem. Eu peguei trem em Bagé, Bagé-Rio, uma semana** (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Para Freddy, o cosmopolitismo passa também pela possibilidade de interação com pessoas diferentes pelo mundo, o que ele conquistou com o trabalho de pintor.

Eu lembro que em Monte Carlo tem uma montanha, a baía, um lado principal que é Mônaco e depois está o Cassino e tal. É muito lindo! Então eu desenhava com o pessoal olhando o que eu tava desenhando. Era uma norte-americana de Califórnia: de presente pra ti com a condição de que tu me envies pelo email, que tu escaneies. Que lindo quando volta o email: “estamos em Califórnia. Já mostrei para muitas pessoas”. **Não serve pra nada para minha carreira de pintor, porque é uma gota no mar, mas é uma relação humana.** Nunca mais esqueço. De alguém que estava em Monte Carlo quando pintei, escaneou, mandou e eu posso contar hoje aqui, 25 de abril, em Alfredo. Esse é o mistério (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Um ideal cosmopolita está presente nos projetos de futuro de alguns entrevistados, como Roberto, que, depois de um tempo vivendo em Porto Alegre, deseja morar em Berlim, que será, segundo ele, a capital cultural europeia nos próximos anos. “É a cidade futura da Europa, eu acho. Um lugar que confluem culturas um pouquinho diferentes. Cidade muito cosmopolita, na Alemanha. Você se sente à vontade e tem muito latino, tem muito latino-americano também”. Marcela também tem o projeto de morar em diferentes países, a começar pelo Canadá, como professora de espanhol. Ela diz que não se imagina vivendo muito tempo na mesma cidade, com o mesmo trabalho. Seis meses em um lugar já lhe parece uma eternidade e, se pudesse, passaria viajando: “Eu não tenho uma ligação, como têm muitas pessoas, não tenho uma ligação muito forte com a terra, senão com as pessoas”, afirma.

Juan, em Barcelona, afirma-se como cidadão do mundo. Aveso a rotinas, também não se vê trabalhando muito tempo no mesmo lugar: três anos no mesmo trabalho, tomando café no mesmo lugar, ele diz, seria algo inconcebível para quem carrega seus poucos pertences em uma caminhonete. Juan já considera curioso que esteja há cinco anos em Barcelona, o que só

imagina possível pelas viagens frequentes a outras cidades espanholas e à Colômbia. O trabalho com a música, de certa forma, lhe garante um modo de vida mais livre. “Conozco unas personas acá y me siento bien, y bueno, mejor me voy para otro lado. Para mucha gente eso es mucho extraño. Me vivo cambiando. Sí. Siempre fue así. Porque todo es una cuestión cultural, ¿no?”. Para Juan, o nacionalismo é visto como um problema quando esquecemos de seu caráter accidental:

Me siento más ciudadano del mundo. Yo no me siento ni colombiano, ni español. Yo creo en eso. **Lo que uno es, es ciudadano del mundo. Para mí, la nacionalidad es una cuestión accidental.** Tú no decides donde naces, tú no decides tu color de piel, si eres mujeres u hombre... Que sé yo (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Compartilhando da ideia de projetos futuros entre dois ou vários lugares no mundo, poucos dos entrevistados em Barcelona imaginam-se voltando a viver em seus países de nascimento. A maioria fala da possibilidade de viver entre lá e cá, o que já é construído no presente com a experiência da família transnacional, com parte dos familiares morando no país de nascimento e parte na Espanha, o que implica em viagens constantes. Também os negócios transnacionais dão conta dessa reorganização do modo de vida dos migrantes. Veneranda e Cleunir, por exemplo, investem em imóveis na República Dominicana e Brasil, respectivamente, como forma de adquirir um patrimônio e garantir um futuro, o que não implica em voltar a viver nos seus países de nascimento. Enquanto isso, Luci faz negócio na Argentina, onde morou antes de mudar-se para a Espanha.

Si me salen los planes que tengo... Si puedo traer mi hijo mayor y mi hijo que pueda abrir un negocio y le va para adelante yo, la verdad, cuando pueda, **sobretudo en invierno yo iría a mi país. Antes del verano volviera, para el invierno sobretudo** (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Minha ideia com os apartamentos é vender agora os dois, futuramente, em dois ou três anos e comprar um melhor no centro por que os apartamentos estão muito longe. Estão muito longe, então seu eu vender os dois. Porque eu jamais vou viver ali. São bairros muito distantes, mas baratos. Em dois, três anos subirão um pouquinho, termino de pagar, então dá para comprar outro melhor para alugar no centro. Eu também tenho outras propriedades assim dessa maneira. (...) Não voltaria para o Brasil... Eu me sinto daqui... Eu nunca tinha pensado, mas eu acredito que não, **tenho vontade de montar negócios lá, mas não viver lá. Viver aqui. Aqui e aí, aqui e aí** (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

Gracias a España donde trabajo bien, estoy ahorrando y puedo comprar algo allá. Ahora voy a invertir en un edificio que están haciendo, es una inmobiliaria no grande ni pequeña, medianita. El dueño ya murió que es padre de ellos, entonces cada uno de los hijos que son entre 27 y 28 años. Ellos se unieron con amigos de la universidad y están haciendo departamentos. Y tengo inversiones ahí, medio departamento pagado (Luci, 37 años, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Latino-americanos que moram em Barcelona falam dos aspectos positivos do caráter cosmopolita da cidade, em função da diversidade cultural pela migração e pelo turismo. Fernando, que conseguiu vários empregos em função de falar inglês e francês, além de espanhol e catalão, graças ao estudo ainda quando era criança no Uruguai e às viagens que fez quando jovem, diz que prefere o cenário que encontra hoje na Europa. A diversidade de idiomas, religiões e costumes contrasta com o que encontrou na Europa que conheceu nos anos 80, mais tranquila e mais uniforme: “No había mucha inmigración, solo en Francia había, claro, había musulmanes, en Alemania había turcos, en Inglaterra... pero en realidad era mucho más uniforme do que es ahora y me gusta mas ahora, más mezclada. Como gente, como paisaje humana prefiero esta Europa”. As mesclas culturais que fazem parte do seu cotidiano em Barcelona, podem causar estranhamento:

Fíjate que una vez ahora, en julio del año pasado vinieron unos vecinos de Uruguay de visita y se quedaron en casa y estaban impactados de ver la diversidad cultural porque uno se acostumbra y ya no le presta atención. **Y, claro, chino, marroquíes, las mujeres con velo, negros... Y tú ya hablas como la cosa más normal del mundo.** Ya no le prestas atención a nada. Cuando trabajé en el aeropuerto le digo que vi un viejito que parecía el rey Melchor, de los Reyes Magos. Y claro que era un marroquí que volvía de visita con una túnica blanca y dorada, un gorro así en punta, una barba y le miraba parece salido de un desierto (Fernando, 52 años, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Infelizmente, segue em vigor uma ideia de oposição entre cidadania e cosmopolitismo, pois a maioria dos direitos e das possibilidades de participação social são condicionados à vinculação dos sujeitos aos limites de um país. Poucas são as legislações que garantem o voto à comunidade migrante, por exemplo, e ainda há muitos limites para uma efetiva atuação – mesmo profissional, como vimos – quando deixamos as fronteiras de nossos países de nascimento. Para muita gente, a extensão da cidadania é dada pela cor impressa no passaporte, responsável pela separação entre cidadãos de primeira, segunda ou nenhuma classe.

Essa situação contraditória entre uma proclamada globalização econômica e a restrição ao exercício de uma cidadania planetária, com a garantia de direitos e a implicação de formas de participação efetivas, é contemplada nas narrativas de parte dos entrevistados. Trata-se de uma ilusão de globalização, advertem Juan e Fernando, sobre os limites, muitas vezes velados, da dita sociedade global.

Lo bueno de Barcelona es que al ponerte contacto con, digamos, la sociedad global – ponerte en contacto entre comillas porque no te ponen en contacto. Los que **están en contacto con la sociedad global son los que ocupan cargo de dirección, los demás somos unos pobres. Que te den un pasaje barato en el fin de semana y con eso te crees que estás en la sociedad global y eso es mentira.** Tienes un contrato de mierda con, con un salario de mierda y tienes que compartir piso. Es un gran espejismo, ¿no? (Fernando, 52 años, nacido no Uruguai, residente em Barcelona).

Essa falsa globalização levaria, segundo Fernando, à adoção de uma condição de vida superficial, sobretudo para os jovens, que estariam sendo levados por um discurso que vende uma ideia de participação global que não se concretiza. Talvez o modo de vida superficial que aponta Fernando – característica da “modernidade líquida”, nos termos de Bauman (2001), poderíamos completar – seja o único possível diante das atuais condições de trabalho e moradia. O transitório, o provisório e a mobilidade não são definidores apenas da migração, mas de um modo de vida da sociedade atual. É sua suspeita:

Los veo pasar por la vida y digo que **están vendiendo cualquiera y tu te contentas porque te puedes ir un fin de semana por 30 euros a Berlín** y mientras tanto: contratos temporales... En el aeropuerto, por ejemplo, todos los días están sacando gente para fuera o tal vez yo vengo de la época y todavía no me enteré que se acabó el trabajo para toda la vida, ojo, que para mí puede ser porque lo veo que la gente... **Es un nivel de superficialidad muy grande, que talvez es la única forma de vivir, no lo sé.** Porque claro si los trabajos son superficiales y comparten pisos donde la gente está cambiando todo el tiempo... (Fernando, 52 años, nacido no Uruguai, residente em Barcelona).

Juan também fala dessa contradição. “Yo no puedo con eso porque ahorita hay la onda del global: de ideas, de fronteras... Pero aún es un esfuerzo económico. Eso es lo que nos quieren vender, nos quieren vender la parte de la globalización en términos económicos, pero no la globalización en otros sentidos”. Esse sentido mais amplo de globalização implicaria, por exemplo, em pensar na solução de problemas de forma também global. Globalizar a

Colômbia significa vendê-la a empresas de outros países ou compartilhar as responsabilidades por seus conflitos e desigualdades, pergunta-se Juan:

De los problemas, cuando vamos hablar de eso. O sea, que el problema de Colombia es un problema global. **¿Es un problema que compromete las relaciones con otros países? No. ¿Que todo el mundo quiera ir a comprar a Colombia entera? Ah, sí. ¿Me entiendes? Eso es típico de la globalización que está ahí.** Tú no determinas quien eres por haber nacido en un país, ¿verdad? Porque tú no determinas eso. Tú naces. Tú naces en un país, la naturaleza es esa. Pero eso no determina a ti. Yo nací en Colombia, pero podría haber nacido en la India. En ese sentido yo creo que es irrelevante. Es solo una cuestión de nacionalismo y el nacionalismo no lo tenemos que alimentar. Ahora como latinoamericano... **En Colombia todavía hay unos problemas por los cuales trabajo como latinoamericano. Y a nivel mundial también me preocupan los problemas como se humano que soy** (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

As falas de Fernando e Juan nos ajudam a refletir sobre a corrente de pensamento que se apoia na ideia de cosmopolitismo para propor uma cidadania planetária, como abordamos no terceiro capítulo e como propusemos aqui. Uma condição de cidadania que não pensa os sujeitos apenas como consumidores de um mercado econômico sem fronteiras, mas como atores que deveriam atuar mais diretamente na tomada de decisões que afetam o planeta, além de terem respeitados alguns direitos fundamentais, necessidades básicas e valores universais.

O impulso que nos leva a migrar é tão natural quanto o que leva a nos estabelecermos em um lugar, lembra um dos pensadores do cosmopolitismo com quem dialogamos aqui. Appiah (2007) também fala que somente experiências plurais de viajantes, nômades, migrantes, cidadãos do mundo vão romper com o sentido do cosmopolitismo como uma condição sofisticada. Trata-se de um modo de vida comum à comunidade humana, que precisa ser respeitado e para o qual são construídas novas formas de participação social – muitas delas mediadas pelas tecnologias da comunicação e da informação, como detalharemos no próximo capítulo.

5.4.6 Condição de cidadania do migrante latino-americano

Perdido en el corazón
 De la grande Babylon
 Me dicen el clandestino
 Por no llevar papel
 Soy una raya en el mar
 Fantasma en la ciudad
 Mi vida va prohibida
 Dice la autoridad
 Solo voy con mi pena
 Sola va mi condena
 Correr es mi destino
 Por no llevar papel
(Clandestino, Manu Chao)

A condição de cidadania, entendida em sua dimensão de status jurídico no país de migração, representa um elemento importante para a construção das narrativas de identidade e por isso aparecem descritas já no quadro de apresentação dos entrevistados, atravessam os relatos e, de algum modo, conduzem toda a análise apresentada. Aprofundaremos o debate sobre a construção de diferentes perspectivas de cidadania a partir dos usos sociais da internet no próximo capítulo, mas torna-se importante refletir sobre o modo como as questões de cidadania (a partir, primeiramente, dos direitos e deveres assegurados pela forma de inserção jurídica do migrante) convertem-se em uma importante chave para compreender a experiência e o lugar de fala dos entrevistados.

O primeiro aspecto que chama atenção é a diversidade de termos que surgem para referir essa condição de cidadania jurídica no país de migração, exigindo um esforço para compreensão dos sentidos atribuídos para cada um deles. Assim, há referências para “*permiso de residencia*”, “*permiso de trabajo*”, “*nacionalidad española*”, “*sin permiso*”, “*doble nacionalidad*”, “*ilegal*”, “*sin papeles*”, “*indocumentado*”, na Espanha¹⁰⁴, e “estrangeiro residente”, “estrangeiro permanente”, “residência permanente”, “opção de nacionalidade

¹⁰⁴ Na Espanha, as normativas que regulam a situação dos estrangeiros são diferentes para cidadãos comunitários (da União Europeia) e não comunitários (do restante de países). É possível que um estrangeiro solicite uma autorização de residência temporária (maior do que três meses e menor do que cinco anos, com possibilidade de renovação), residência permanente (depois de cinco anos de residência temporária continuada). A solicitação de residência no país pode se dar por motivo de reagrupação familiar, contrato laboral, investigação/estudo e situações excepcionais. A permissão de residência (*permiso de residencia*) não dá direito ao migrante trabalhar. Para isso, deve obter autorização específica (*permiso de trabajo*), que precisa prever se refere-se a trabalho como empregado contratado (nesse caso, o empregador solicita a autorização) ou trabalho autônomo. Todos os estrangeiros que tenham vivido legalmente (com permissão de residência) na Espanha por um tempo determinado (diferente conforme a procedência do estrangeiro) tem direito a solicitar a nacionalidade espanhola. Os latino-americanos podem pedir a nacionalidade depois de dois anos de residência legal na Espanha. Dados obtidos em documentos do *Ministerio de Trabajo y Inmigración* da Espanha (<http://extranjeros.mtas.es>).

brasileira”, “visto de turista”, “visto temporário 4 ou visto de estudante”, “indocumentado” e “clandestino”, no Brasil¹⁰⁵. Parte dos termos adotados pelos próprios migrantes referem os modos como cada legislação define as possíveis situações no país de migração, em seu caráter de residência temporária ou permanente. Os outros termos usados referem uma situação de ausência de documentos, em um caráter irregular diante da legislação que regula o fluxo de estrangeiros e a migração nos países.

Assim, em Porto Alegre, há dois migrantes com visto temporário de estudos, três com visto permanente, dois migrantes naturalizados brasileiros e uma sem documentação. Em Barcelona, há quatro migrantes com *permiso* de residência e trabalho, três que obtiveram a nacionalidade espanhola (duas por tempo de residência e um por ser neto de espanhóis) e uma migrante sem documentação.

TABELA 16: Condição de cidadania jurídica dos entrevistados.

	Condição de cidadania	Entrevistados
Porto Alegre	Estrangeiro temporário	Marcela Pablo
	Estrangeiro permanente	Hector Freddy Arturo
	Nacionalidade brasileira	Klaus Roberto
	Sem documentação	Maria
Barcelona	<i>Permiso de residencia/ Permiso de trabajo</i>	Monica Sara Fernando Juan
	Nacionalidade espanhola	Luci Cleunir Veneranda
	Sem documentação	Ana

Fonte: Pesquisa própria

¹⁰⁵ A legislação brasileira estabelece sete categorias de visto: Trânsito, Turista, Temporário, Permanente, Cortesia, Oficial e Diplomático. Segundo a Lei n° 8.815/1980, o visto temporário é concedido àquele que não é turista e também não entra no Brasil com intuito de estabelecer-se definitivamente, mas por um período longo, determinado e com objetivo específico (como negócios, estudos ou pesquisa, atividades esportivas, missão religiosa, etc). Quando o estrangeiro pretende fixar-se definitivamente no Brasil, pode ser concedido o visto permanente, desde que cumprida uma série de exigências. A opção de nacionalidade brasileira pode ser pedida por estrangeiros por meio de processo na Polícia Federal/Ministério da Justiça. Aqueles que residem legalmente no Brasil há mais de 15 anos ininterruptos, sem condenação penal, têm direito garantido à naturalização. Nos outros casos, para se naturalizar, é indispensável que o estrangeiro tenha algum visto que lhe dê direito à permanência no país e não pode estar respondendo a nenhuma acusação judicial. Segundo dados de 2003, a Divisão de Nacionalidade e Naturalização do Ministério da Justiça recebia cerca de 800 pedidos de naturalização por mês e concedia aproximadamente 250. Fontes: Lei n° 8.815/1980, Ministério da Justiça do Brasil e matéria do jornal Correio Braziliense, disponível em:

<http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030711/pri_mun_110703_149.htm>. Acesso: 13 ago. 2009.

Diretamente relacionados à condição de cidadania jurídica estão os direitos sociais, sobretudo ao trabalho, visto que o acesso à saúde e à educação independia do status legal no país, pelo menos na Espanha, durante o período em que fizemos a pesquisa empírica. Como referimos, a própria condição migrante já reflete em um tipo diferenciado de inclusão no mercado laboral, em função da participação em atividades pouco especializadas. Também é diferente a participação entre migrantes com residência temporária ou permanente e aqueles que se encontram sem a documentação necessária no país de migração, como aconteceu com Arturo, durante parte do tempo em que morou em Porto Alegre, e Ana, em Barcelona, que usa a expressão “ilegal” para se referir a sua situação na Espanha:

Quando eu abandonei a faculdade, automaticamente eu virei clandestino. **Então eu vivi uma experiência de ser indocumentado por um determinado tempo**, até que teve uma anistia em que eu fui acolhido na anistia. E nessa época que a gente casou, tinha filhos, e tu fica indocumentado, **até pra trabalhar era uma briga**, eu prestei uma, como é que se chama, uma palestra que se deu pra Veja, que falava sobre os estrangeiros, os problemas que a gente tinha como quando foi clandestino, né, que tu não pode ter direitos de trabalho, às vezes tu trabalha, não te pagam. Então, a gente, mais ou menos, contou essa história de clandestino. Eu vivi as duas faces: a de documentação, a de indocumentado e agora volto novamente àquela de ter os papéis, àquela que já tem os filhos, é casado, tudo, então essa experiência (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Quando eu cheguei, eu achei que não, tipo: “Ai, eu não vou precisar desses papéis”. Sabe? Eu vou conseguir me virar bem, mas eu **já to vendo nesses nove meses que se eu quiser ficar aqui eu vou ter que dar um jeito de fazer esses papéis. Por quê? Porque de repente eu não quero ficar sempre trabalhando numa cafeteria ou num bar. Isso serve, não serve só pra curtir, mas pra de repente sair, visitar a minha família.** (...) Mas eu não consigo entender: ao mesmo tempo eles dão carteira médica, direito a médico, então tu tem, eu também tenho a carteirinha que dá direito a médico eu já fiz exame, tudo normal te tratam super bem, e carteirinha da biblioteca também. Tipo, tudo que não pode eles dão. Até tem por aí uma tal de cesta básica que tem aí, eu não sei aonde, não sei se tu te inscreve, e tal, que tu ganha. (...) Tem coisas que eu até tipo, esqueço, **tem vezes que eu esqueço que sou imigrante, que eu sou ilegal.**¹⁰⁶ (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

Dos 16 entrevistados, cinco possuem nacionalidade: três, a espanhola, e dois, a brasileira. Outros, principalmente em Barcelona, demonstraram o desejo de obtê-la de modo a

¹⁰⁶ A reforma da Lei de Imigração, na Espanha, aprovada em 2009, prevê o fim do acesso gratuito à saúde e à educação para migrantes sem documentação e o aumento das punições para quem contratar estrangeiros nesta situação.

ampliar as garantias no país de migração. Segundo Luci, que obteve a naturalidade espanhola por tempo de residência, a nova condição de cidadania facilita o deslocamento como turista para diferentes países, como os Estados Unidos, além de garantir mais acesso a crédito e financiamentos na Espanha, essenciais para seus projetos de montar um negócio, por exemplo. Juan tramitava o pedido de nacionalidade como tática de ampliar seus direitos até mesmo no seu país de nascimento, a Colômbia:

Tengo la nacionalidad española. Si, por eso me permitieron entrar a Estados Unidos. Porque como peruana cuesta mucho, cuesta mucho. Papeles... En cambio así, saque el pasaje por internet el miércoles y sábado me fui. Dos días a hacer maletas. (...) **Cambia mucho, mucho.** Por ejemplo, la tarjeta de *Corte Inglés* no te la dan porque querían un aval. Cuando me llego el DNI español, me llevé en DNI y me llego la tarjeta por el correo en menos de quince días. Me rechazaron en la primera vez, eh. Y para no usarla. No la uso, casi la tarjeta (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

La nacionalidad cambia para mí y para todo el mundo, primero que tienes más derechos. Eso también implica una salvaguarda para volver a Colombia. Es estado colombiano al meterse con uno está metiéndose con un ciudadano español. Se lo tienen más en cuenta, ¿no? (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

A reivindicação por direitos políticos aparece mais fortemente em Porto Alegre, onde os migrantes – mesmo residentes permanentes – não podem votar. Na Espanha, onde apenas os migrantes de país da União Europeia podem votar nas eleições municipais, não houve uma tematização dessa questão por parte dos entrevistados. Uma das maiores vantagens da obtenção da nacionalidade brasileira para Roberto, por exemplo, é a possibilidade de escolher os governantes no país em que vive:

Na lei do Fernando Henrique e entrei nesse, acompanhei a anistia, era um estrangeiro que tava morando aqui e então, consegui a residência permanente e logo que teve a permanente eu pedi a cidadania brasileira. **Então, hoje em dia, tenho título de eleitor, tudo.** (...) E claro, você pode escolher o prefeito da cidade, o presidente, posso me candidatar também. É uma diferença (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Os principais entraves para o acesso a esses direitos e, até mesmo, para tramitação dos documentos necessários para regularizar a condição no país de migração, são a burocracia e o desconhecimento das leis e dos procedimentos, apontados como problema a ser enfrentado

por migrantes em Porto Alegre e Barcelona. É o que conta Klaus sobre a dificuldade que teve para encaminhar o processo de opção de nacionalidade brasileira. Segundo Klaus, até conseguir a nacionalidade, ele se sentia inseguro no Brasil:

O difícil foi se informar como fazer. Eu vim em 99 e no ano 2000 eu decidi fixar residência aqui, até lá eu tinha carteira de estrangeiro. Eu fui fazer um registro na polícia pra tirar uma carteira de identidade e o meu registro foi feito sem eu ter entrado com processo, que tinha que entrar na esfera federal, pra pedir a opção de cidadania. **E fiquei até 2006 sem fazer aquele processo de opção de cidadania porque ninguém sabia que eu precisava.** E eu tirei título de eleitor, o que não é ilegal, mas eu tinha que já feito a encomenda do processo. Aí eu, por uma, por uma coincidência no departamento de identificações aqui de Porto Alegre, eles descobriram, disseram: - oh Klaus, tu não tem aquele processo, tu precisa. Aí eu corri bastante e na justiça federal, ali perto do Chocolatão, pude solicitar na assistência jurídica gratuita, que se dá pra pessoas que não têm recursos, e em seis meses saiu (...). **Na verdade me dá mais tranquilidade porque, eu vim morar pra cá, tu sempre fica muito apreensivo, que tu quer ter todos os documentos.** E eu me lembro que em 99, quando eu tinha carteira de estrangeiro, a polícia federal, ela não é muito simpática dependendo do agente que pega, claro que isso é uma lembrança de 99 a 2000, são nove anos atrás, mas eu me lembro sim, que dependendo do agente que te atendia na bancada lá do departamento de identificações, era, podia te complicar, tu já era, te pediam coisas que eram absurdas (Klaus, 31 anos, nascido no Paraguai, residente em Porto Alegre).

Além dos direitos sociais, políticos e civis associados à condição de cidadania jurídica dos migrantes, os relatos fazem emergir outras dimensões da vivência da cidadania, expressas, por exemplo, no modo como participam das dinâmicas da cidade. Ser cidadão é fazer parte da vida local, como sintetiza Sara:

No me gusta estar, así, con un conglomerado de gente. Un poco no me gusta mucho, pero, claro, **me gusta la diversidad que hay.** La gente que camina por la calle va en la suya, ¿no? En Perú, en cambio, todo el mundo te mira o te molesta en la calle. **Lo más que me gusta es porque te sientes uno más, te sientes parte. Te sientes parte, no hay una diferencia ahí de que te marques la diferencia.** Y eso te ayuda a sentirte parte de una ciudad, ¿no? (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Outras dimensões da cidadania, também pensadas a partir do seu sentido de pertencimento, serão exploradas no próximo capítulo, em que ampliamos a reflexão sobre a cidadania experimentada por migrantes latino-americanos através de usos sociais da internet. Como perceberemos, as questões identitárias e de participação cidadã estão profundamente

imbricadas e ganham novos contornos quando vistas através do modo como os sujeitos constroem suas apropriações da internet.

6 USOS SOCIAIS DA INTERNET POR LATINO-AMERICANOS EM BARCELONA E PORTO ALEGRE

6.1 Questão de acesso

Como migrantes nascidos em países da América Latina e residentes nas cidades de Porto Alegre e Barcelona usam a internet no seu cotidiano? E como esses usos nos permitem pensar sobre a relação entre as tecnologias da informação e da comunicação e as migrações transnacionais? Estas questões centrais para a pesquisa serão aprofundadas neste capítulo, a partir da análise dos dados obtidos através do conjunto de procedimentos metodológicos propostos, sobretudo das entrevistas em profundidade. Para esse momento da análise, nos valem de todo o debate desenvolvido até aqui, tensionando o que já apresentamos sobre as narrativas identitárias na diáspora.

Ao apresentar os dados que compõem o panorama dos usos da internet feitos pelos entrevistados não pretendemos fazer nenhuma inferência quantitativa ou comparar o cenário encontrado – referente a uma amostra de 16 sujeitos – com levantamentos estatísticos desenvolvidos com outros objetivos. A intenção aqui é entender o contexto dos usos da internet para o grupo selecionado através de uma análise qualitativa, o que fornece elementos ricos para pensar na relação mais ampla dos imbricamentos entre internet, migrações, identidades e cidadania.

O primeiro ponto discutido refere-se ao panorama de acesso à internet. Era um critério para a seleção dos colaboradores que usassem a internet, mas buscamos compor uma diversidade de perfis de usos, incluindo diferenças nas formas de acesso à rede mundial de computadores, a iniciar pelo local em que é feito esse acesso. Dos 16 entrevistados, 13 possuem computador e 14 têm internet em casa, pois uma das entrevistadas acessa através do computador de um dos colegas com quem divide o apartamento, em Barcelona. Destes, todos têm conexão banda larga, seja por cabo, rádio ou redes de telefonia. Apenas dois entrevistados não têm computador e acesso à internet em casa, um entrevistado em Barcelona e outro em Porto Alegre.

No que se refere ao espaço de uso da internet, além da própria residência, que aparece como o principal local de acesso, os locutórios, em Barcelona, e as *lanhouses* ou cibercafés, em Porto Alegre, são referidos como ambientes para uso da internet por oito entrevistados. Para seis deles, o acesso nos locutórios ou *lanhouses* aparece de forma combinada com o

acesso em casa e outros locais, enquanto para apenas dois representa o único local de acesso. Como outros ambientes para uso da internet – sempre combinados com a casa, são citados o local de trabalho (para cinco entrevistados), o local de estudo, como escola ou universidade (para um entrevistado) e a casa de amigos (também para apenas um entrevistado), como indica a tabela 17.

TABELA 17: Local de acesso à internet.

LOCAL DE ACESSO À INTERNET						
Local de acesso Entrevistado	Casa	Locutório/lanhouse	Trabalho	Escola/faculdade	Casa de amigos	
Porto Alegre	Hector	X	X			
	Arturo	X	X			
	Roberto	X		X		
	Freddy		X			
	Klaus	X		X		
	Maria	X		X		
	Marcela	X	X		X	
	Pablo	X				
Barcelona	Luci	X	X	X		
	Cleunir	X		X		
	Veneranda	X				
	Monica	X	X			
	Sara	X		X		
	Ana	X	X			X
	Fernando	X				
	Juan		X			

Fonte: pesquisa própria.

Para os entrevistados que usam a internet no trabalho, esse uso está relacionado com o tipo de atividade profissional que exercem, pois se tratam de um professor, no caso de Roberto, que faz pesquisas pela internet; Klaus, técnico em redes, que atua diretamente na internet; Maria, secretária, que gerencia o site da empresa em que trabalha, Luci, atendente de locutório; e Cleunir, vendedor, que leva seu computador portátil e acessa a internet quando não está atendendo aos clientes na pequena loja em que trabalha.

Marcela relata que usava a internet na faculdade quando não tinha acesso em casa, logo na chegada ao Brasil, mas tinha dificuldade para salvar e gerenciar os arquivos com os quais trabalhava no laboratório de uso público, pois não tinha nenhum periférico, como *pen drive*, na época. Ana usa o computador emprestado na casa de amigos. Ela mesma não tem computador, embora tenha acesso em sua casa, pois também usa o equipamento emprestado.

Embora os locais públicos de uso pago sejam importantes como formas complementares para uso da internet, Freddy, em Porto Alegre, e Juan, em Barcelona, são os

únicos que usam exclusivamente locutórios ou cibercafés. Interessante observar que ambos dizem usar a internet todos os dias. Juan chega a precisar seu tempo de acesso pelo valor que costuma gastar por mês nos locutórios, cerca de 30 euros, o que equivale a uma hora de uso diário. Freddy diz ter adotado os cibercafés em função de sua preferência pelo uso de espaços públicos em detrimento dos ambientes privados, como os próprios cafés, a exemplo de onde foi realizada a entrevista:

Para internet y todo que é público. Aquí nós estamos em um espaço público, de propriedade privada, mas publicamente, como um táxi, como um hotel. Hotel é fantástico. Lindíssimo é o hotel. Não tem que lavar a roupa. *Son* todas coisas de um mundo que nasce, de um mundo coletivo, solidário. (...) **Não tenho computadora na minha casa justamente por isso.** Porque descobri isso que estamos falando. **Ali na frente hay, ali na esquina hay. Em Porto Alegre, Montevideo, Punta del Este, Rio, qualquer parte. Então é como se fosse mio.** Eu não tenho carro também, mas todos os táxis do mundo são meus. Eu penso que há uma forma nova, que é dos espaços públicos e dos carros públicos – o táxi é um carro público, uma lotação é um carro público. Parece que são o futuro. Até penso que o carro pessoal, privado, é um objeto velho: buscar garagem, pagar não sei o que por ano, gasolina, impostos, e lavar aos sábados ele, como se fosse uma criança – que é um ato de distinção estúpido, né? (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Nos outros casos, as motivações para uso de locais públicos pagos para acesso à internet, como já apontamos ao falar sobre o papel dos locutórios em Barcelona, são a identificação com o local (Arturo), a possibilidade de uma conexão melhor (Luci), a inexistência de acesso no local de trabalho (Hector), o uso no momento da chegada no país de migração (Marcela, Ana e Monica), como pode ser identificado em alguns dos relatos:

Tenho em casa. Aí eu fiquei viciado em computador. **Só não tenho a webcam. Então eu vou, geralmente eu vou pra uma lan house.** (...) É perto sim. Nós já somos conhecidos de lá, então, já temos esse, já estamos em casa, bem dizer, ali. Então esse é o meio que a gente encontrou. É muito bom de ver, de tu ver a pessoa, teu ente querido na câmera, falar com ela. Então é muito bom isso (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Nesse momento, aqui (no trabalho), não tenho. **Só em casa, se não vou aqui num cyber quando preciso.** (...) Fora da galeria, tem dois. Aí eu vou ali e sai mais barato. E aqui, como esse aqui é pequeno, né, como nossa renda é pequena, **então a gente encurta todo dia gasto.** Porque já que não dá pra o mais caro, temos que diminuir os custos. E a gente veio pra essa galeria porque compramos esse negócio. Cansamos de pagar o aluguel, né. Então, compramos essa salinha aí. Com esforço assim, ficamos pelados,

mas tá pago, já (Hector, 48 anos, nascido no Chile, residente em Porto Alegre).

Os entrevistados também apontam desvantagens no uso de espaços públicos para acesso à internet, principalmente quanto à falta de privacidade, como lembra Arturo que, apesar de sentir-se em casa na *lanhouse* perto de onde mora, em Porto Alegre, ficava mais à vontade nos locutórios que usava na Bolívia, pois ofereciam cabines fechadas. “Aqui não, então todo mundo fica sabendo da tua vida. Então, às vezes, mais é no teclado. Até pela privacidade”, revela Arturo. Monica fala de problemas de conexão em alguns locutórios, em Barcelona:

Antes sí que íbamos a hablar por teléfono y **el chateo eran pocos porque te sentías incómodo** porque, claro, te vas al locutorio y hay ordenadores cada uno y, claro, **lo malo es que tienes algunos locutorios en que tienes difícil la comunicación**, todo eso. Es muy mala porque te va muy lenta o el sonido viene muy malo. O sea, depende. Hay algunos que están bien y algunos que están malos y prácticamente es eso que antes hacíamos cuando no lo teníamos en casa. Pero ahora como ya tenemos en casa ya te quedas más tiempo y es más cómodo (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

A busca por privacidade e maior liberdade no uso da internet pode explicar o que leva os entrevistados a adquirir um computador e obter algum tipo de conexão de banda larga logo depois da chegada ao país de migração. Mesmo com os gastos implicados, há economia pela possibilidade de comunicação rápida e facilitada com a família e amigos. O que traz implicações para quem ficou no país de nascimento, pois também precisam buscar acesso à internet para essa comunicação.

Nesse sentido, os entrevistados falaram da dificuldade de comunicação com familiares que não usam a internet, como o caso da mãe de Freddy, uma senhora de mais de 90 anos que vive no Uruguai. Em outros casos, os familiares se dirigem a locutórios em suas cidades na hora marcada para o encontro, como fazem as filhas de Monica, no Equador, onde, segundo Monica, o acesso à internet é mais caro. A filha de Arturo, que mora em Florianópolis, também se comunica com o pai através da internet que usa em uma *lanhouse*. Nessas situações, a tática encontrada para facilitar o contato é marcar hora, levando em consideração as possíveis diferenças de fuso horário, como conta Monica:

Quedamos allá por ejemplo: aquí quedamos a las nueve y allá menos seis, serian las tres de la tarde. **Quedamos a una hora y ellas van al locutorio y nos quedamos como dos o tres horas claro aquí estamos hasta las doce y no quedamos tanto porque como aquí es muy tarde** (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Outra tática empregada para driblar a falta de acesso é o uso compartilhado do computador e da conexão à internet, principalmente em Barcelona, onde é comum dividir a própria residência entre vários migrantes como forma de baratear os altos custos de aluguel e serviços. Entre nossos entrevistados, é o que fazem Monica e Ana, em Barcelona, e Marcela, que divide o apartamento e os gastos de acesso à internet com outros dois estudantes, em Porto Alegre. Nos outros casos, o uso do computador é dividido entre a própria família. Fernando e Veneranda chegam a falar que precisam disputar o computador com os filhos, que passam muitas horas por dia na internet.

Apenas um entrevistado falou sobre a qualidade melhor do acesso à internet depois da migração. Pablo diz que tinha banda larga no Equador, mas não podia assistir a vídeos, por exemplo, em função da menor velocidade da conexão, o que implicava em um uso mais restrito da internet, como lembra:

Aqui a conexão de internet é muito melhor do que no Equador. **No Equador eu tinha banda larga na minha casa, quando começou aquela necessidade de consumir a internet, mas não era tão boa a conexão, então não dava pra fazer algumas coisas**, por exemplo, assistir programas no YouTube era bem dificultoso. Também antes que eu tinha banda larga, no Equador existiam uns cartões: você colocava a senha, ligava no telefone e tinha internet, mas era bem limitado, era bem devagar. Já com a minha banda larga já dava pra fazer mais coisas. Agora aqui no Brasil já assisto programas inteiros. Posso olhar a televisão do meu país no mesmo momento que as coisas estão acontecendo. Muita gente me pergunta: “Você não tem televisão? Como você consegue ficar sem televisão?”. Mas na verdade eu tenho no computador com internet (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

O acesso à internet como forma de consumo de outros meios de comunicação está presente em outros relatos, fazendo com que a internet assuma um papel central para alguns entrevistados, tanto na busca por informação, como na possibilidade de comunicação de uma forma geral. Mesmo entre aqueles que não têm acesso em casa ou que ainda apresentam certa falta de familiaridade com seus usos, a internet está presente no cotidiano de um modo geral,

fazendo parte das rotinas, de forma bastante integrada a outras dinâmicas de interação e comunicação.

6.2 Histórias com a internet

Por tanto no tenemos que aprender internet. Vivimos con internet, no en internet. La utilizamos para trabajar, para relacionarnos entre nosotros, para leer los periódicos... (Castells).

Ao serem questionados sobre os primeiros usos do computador e da internet, os entrevistados fizeram relatos com uma riqueza de detalhes, recuperando uma série de sentidos que a presença da tecnologia trouxe para diferentes dimensões de suas vidas, como trabalho, estudo, relacionamentos e comunicação. O marco na memória da inclusão do computador e da internet pode estar relacionado com a faixa etária dos entrevistados, dos quais 13 possuem mais de 30 anos, o que garante que seu uso efetivo só começou já em idade adulta, implicando em uma transição entre práticas. Entre os mais jovens o processo foi mais natural e os primeiros usos se deram em idade escolar.

Em vários dos casos, a trajetória de migração deixa marcas na história que cada um estabeleceu desde os primeiros usos da internet, sendo inclusive motivadora para esses usos. Dos 16 entrevistados, apenas quatro já usavam com frequência a internet antes da migração. Isso se deve, em parte, a casos de sujeitos que há muitos anos deixaram seu país de nascimento, mas também a situações específicas em que o deslocamento exigiu a busca de outras formas de comunicação. É o que revela a experiência de Roberto, que passou a usar a internet para se comunicar com a família durante os primeiros anos em que morou no Brasil, apontando a diferença que, num primeiro momento o email, e mais adiante, o *MSN* e o *Skype*, assumiram para facilitar o contato com os familiares no Uruguai:

Primeira vez que eu usei a internet foi no ano de 98, meu último ano de universidade, já fazia quatro anos que eu morava no Brasil e nos primeiros três, quatro anos, **a comunicação com a família era, principalmente, via carta, fax ou telefone, e muito de vez em quando, porque era caro.** E a partir de aí, **a internet foi cada vez ocupando mais espaço no ponto de vista de comunicação,** principalmente, trabalho também e *esparcimiento* (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Luci fez um curso de informática no Peru, mas as aulas eram todas teóricas. Para usar o computador, pagava caro pelo aluguel em um cibercafé que oferecia a possibilidade de levar um equipamento por um determinado período para casa. Ela só chegou a comprar um computador morando na Espanha, mas começou a usar a internet em cibercafés para se comunicar com o irmão quando ainda vivia na Argentina. Foi o irmão, estudante de uma universidade particular que oferecia acesso gratuito à internet, que ajudou Luci a abrir uma conta de email:

Comenzó en Argentina y he vuelto a Perú, mi hermano que estaba en universidad, dijo: “Mira, te voy a dar mi correo para poder comunicarme cuando esté en Argentina”. **En Argentina empecé a ir a los cibers y aquí también empecé a ir a los cibers.** Pero no era puntual que diga cada día un rato, no. Iba cuando me acordaba, cuando tenía ganas: final del mes, a los quince días, me perdía las claves. (...) **Hace... en marzo cumple tres años. Cuando abrí mi negocio, cuando empecé a trabajar. Allí entró más con fuerza** porque antes yo iba a chatear a ciber. Así como aquí vienen los clientes, así iba. Tengo ordenador desde hace tres años. Y ahora que empecé trato de ver cual es el último que ha salido e implemento a mi máquina. Me encanta esa parte de informática, que es tan amplia y es tan importante (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Monica também chegou a iniciar um curso de informática no Equador, mas não conseguiu concluí-lo. Começou a usar a internet com certa regularidade depois que migrou para Barcelona, onde também se inscreveu num curso em que aprendeu a usar programas e algumas ferramentas básicas. Inicialmente ia a um locutório para ler, responder emails e se comunicar com as filhas, até adquirir seu primeiro computador.

Juan também relaciona seus primeiros usos da internet com sua chegada à Espanha, em 1995, período em que começava a expandir-se o uso comercial pelo mundo. O músico lembra dos programas e dos sites que mais acessava na época, apontando algumas diferenças para os usos atuais.

Empezé a usar internet cuando vine a España, hace 13 años. El buscador que yo utilizaba era *Altavista*, ni siquiera existía el *Google*. El correo más usado era *Latinmail*. Hoy día el más usado es el *Gmail*. Yo utilizaba más o menos lo que todo el mundo usaba. Además que en aquella época información era poca. Las bibliotecas virtuales ni existían. Era prácticamente solo el correo. No era tan rápido. Eso ha ido cambiando (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Para Arturo, a internet entrou em sua vida somente em 2005, quando decidiu voltar a morar na Bolívia, a convite de um primo que lhe ofereceu trabalho. Como sentia-se muito sozinho em Cochabamba, onde morou por um ano antes de retornar a Porto Alegre, passou a frequentar *lanhouses* e aprendeu a enviar emails como alternativa para se comunicar com os filhos e amigos no Brasil:

Lá passava o dia inteiro mudo porque não tinha ninguém pra me cumprimentar, eu não conhecia ninguém. Eu ia procurar uma casa de um amigo ou de um primo, ele já tinha vendido. A maior parte da família está em Miami, nos Estados Unidos, ou está em Montreal. **Então tu perde as raízes e tu te sente muito mal. E a minha salvação era a internet, porque como eu não falava nada, eu ia para uma lanhouse**, na Bolívia tem uma *lanhouse*, assim, em cada esquina tu encontra com dez, doze *lanhouse*, uma na frente da outra. Então eu chegava e passava e mandava e-mails pra todo mundo, uma forma e queria receber, porque era meu meio de comunicação, era o jeito que eu achei de falar com o mundo, porque eu estava mudo, sabe, eu chegava no apartamento em que eu morava lá, mas não tinha ninguém, não falava com ninguém (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Depois de 31 anos vivendo no Brasil sem nunca visitar seu país de nascimento, não é de estranhar que Arturo tivesse dificuldade em reconhecer a Bolívia, que deixou em 1974, até mesmo, como aponta seu relato, pela partida de amigos e parentes que também migraram para outros países. Lá aprendeu a usar a internet pedindo ajuda e tirando dúvidas nas *lanhouses* que frequentava. O computador Arturo já tinha comprado há alguns anos, mas só usava para o trabalho e para jogos: “Nunca pensava em utilizar o computador como meio de comunicação. Eu sabia que o computador, até pela empresa que eu trabalhava, era mais pra ver os gastos, os custos. E agora se tornou uma coisa assim, como é que eu vou te dizer, é imprescindível o computador”.

O caso de Arturo indica um aprendizado informal para os usos da internet, assim como a importância de espaços públicos para acesso à rede para oportunizar esses primeiros usos, oferecer a possibilidade de esclarecer dúvidas e, até mesmo, obter ajuda para abrir conta de email e usar programas de trocas de mensagens instantâneas, por exemplo. Aparece nas narrativas um importante papel de inserção ao universo da internet tanto através das *lanhouses*, cibercafés e locutórios, como em universidades e bibliotecas, em que, nos primeiros anos de expansão dos usos da internet, eram oferecidos pequenos cursos para seus alunos e associados.

Além de Arturo, que passou a usar a internet ao retornar a seu país de nascimento como forma de manter os vínculos com quem ficou no Brasil, Maria aprendeu a usar a internet para falar com amigos e com o namorado que deixou em Porto Alegre, quando precisou voltar a viver no Peru, em 1997, em razão da morte da sua avó. Foi também em uma *lanhouse* na cidade de Lima que aprendeu a usar o email:

Aprendi só mexendo, porque eu fiz um curso lá, durante as férias, que eu fui pra lá. Eu acho que no ano 96. Mas na época não era Excel, por exemplo, era Lotus. Aí eu fiz um curso e eu fiz um curso de informática aqui, quando eu tava na faculdade, em 96, 96, que eu fiz. **E quando eu fui lá, a internet, eu aprendi sozinha. Só de ir, mexer, mexendo o básico**, aí eu comecei a mexer mais, a aprender mais (Maria, 36 anos, nascida no Peru, residente em Porto Alegre).

Os cibercafés tiveram um papel importante nos primeiros usos da internet para Freddy, o entrevistado com mais idade da nossa pesquisa, 71 anos, que começou a usá-la em 2005 e aprendeu sozinho. Para o pintor, cursos de informática são oportunistas e ele é capaz de aprender experimentando, pois não requer conhecimentos específicos ou muito avançados para se comunicar e se informar através da internet:

Dirigir um carro leva três dias. Mentira que tem que fazer um curso. Isso são negocinhos ali. Porque está feito para que qualquer um aprenda a dirigir. É o acelerador, o freio, a embreagem e pra cá e pra lá e tchau. E a prática que te dá uma semana. **Internet ali tá tudo, né? Aperta aqui, aperta aqui, aperta aqui e tchau.** Agora, *hay* cursos para aprender. Pra mim, essas são – em espanhol se dice *curro*, que são tarefas oportunistas. Se eu não aprendi, eu não sei ainda, por que *hay* mil tarefas. Só que eu não preciso de tudo isso. Preciso ler teu texto, tu me manda, mandarte a ti, entrar em Picasso.com. E quando precise mais estou seguro que vou aprender. É fácil (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Veneranda aprendeu a usar a internet com seu filho, em 2004, em um curso que ele oferecia na *Asociación de la Comunidad Dominicana en Cataluña*. Eram aulas gratuitas organizadas na sala que funciona como sede da associação. O aprendizado significou independência para Veneranda, que antes tinha que esperar um dos filhos chegar em casa, pois nem ao menos sabia ligar o computador. Ela ainda tem dificuldades para fazer pesquisas e não tem uma conta de email própria, apenas usa alguns sites específicos, cujos endereços estão listados na seleção de “Meus favoritos” no computador e navega a partir deles. Também

conta com a ajuda dos filhos para usar o *MSN Messenger* e, através da *webcam* e do microfone, falar com o filho que está no Equador e com outros parentes.

“Ahora una vez si no estoy aquí y voy a la asociación y usamos los ordenadores allí y yo prendo uno, por lo menos trato de buscar la noticia. Antes no, antes tenía que esperar que otro me lo hiciera. Yo no sabía ni coger un ratón, el ordenador, nada, nada, o sea, no sabía ni manejar, no”, explica Veneranda. Ela relata outro uso indireto da internet muito interessante. Nas reuniões da outra associação da qual faz parte, o grupo *Lazos y Voces*, uma das companheiras costuma levar materiais de pesquisa sobre o tema das migrações, notícias e informações obtidas em diferentes sites na internet e distribuir cópias impressas para as associadas lerem e debaterem.

As universidades tiveram um papel importante para que Marcela e Klaus começassem a usar a internet também. Marcela lembra até do dia em que criou sua conta de email, em um pequeno laboratório de informática de sua universidade, na Argentina, junto com uma amiga que tentava se comunicar com um brasileiro:

Na verdade foi assim: eu tinha uma colega de arquitetura lá em Buenos Aires que se apaixonou por um brasileiro de Belo Horizonte. Então essa menina, **na verdade a gente nem sabia o que era internet**, mas tu sabe que por amor a gente faz tudo. Então ela: “Olha Marcela, vem cá!” Tinha só dois ou três computadores com acesso à internet naquela época na minha universidade. Era bem poucos porque a gente na Argentina tava recém iniciando, to tentando lembrar, **era noventa e cinco, noventa e quatro**, não lembro, noventa e cinco sim. Então na minha universidade tinha pros alunos só dois ou três, uma oficina muito pequena de computadores já conectados. Mas esse garoto que era de uma boa família, uma boa família mineira, tinha na universidade dele, assim não sei, muito avançada, então ele falou pra minha amiga que escreva pra ele. Então através da paixão da minha amiga por um brasileiro eu conheci a internet (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre).

Logo Marcela percebeu que o email facilitaria sua comunicação com a família. “Ela me mostrou como era assim, tudo desde o início, porque eu não sabia nada, nada, nada. Então eu pensei: é super bom pra escrever pra meu primo lá na Itália. Já comecei a escrever em italiano pra ele. Então nunca abri mão de mandar emails”. Seu primeiro computador veio anos depois, em 2006, e é o mesmo portátil que utiliza em Porto Alegre.

Klaus, que até iniciar o curso técnico de redes de computação, em 2004, pouco tinha usado um computador, brinca ao dizer que aprendeu com o sistema operacional *Windows XP*. “Quando eu comecei na escola técnica da UFRGS, eu nunca tinha visto uma instalação de um

Windows 98, e eu tinha nascido em 77, a princípio eu deveria ter pego toda a origem da computação”. Seu primeiro computador também foi adquirido de uma forma inusitada:

Aí quando eu decidi fazer redes de computadores, eu, literalmente, não tinha nem ideia do que eu tava começando. Não tinha ideia nenhuma, não tinha visto nem a instalação do *Windows 98*. Aí, **eu tinha muitos livros que eu trouxe do Paraguai. Muitos, na casa dos mil, e eu vendi todos eles pra poder comprar um computador.** Aí vendi, até vendi ali na Oswaldo Aranha, na Traça. Ali que se vende, bem famoso lá, a dona é uma historiadora da Unisinos, ela é formada em história na Unisinos, a dona Carmem, nunca vou me esquecer. Eu levei pra minha casa, lá no Partenon, mostrei todos os meus livros, tudo em espanhol. E eu fiz uma propaganda deles. Tinha lido quase todos eles. Eu disse: “Oh, tudo isso aqui, coleções assim, que eu tinha, tudo, literatura, história, filosofia” (Klaus, 31 anos, nascido no Paraguai, residente em Porto Alegre).

Os primeiros usos da internet aconteceram na biblioteca da PUCRS, um tempo antes, em 1999, mas Klaus diz que tinha feito um curso rápido com a bibliotecária que ensinava a abrir contas de email no site *Yahoo*, fazendo um uso bem limitado das possibilidades da internet. “Eu só sabia mandar e-mails no *Yahoo*, ou seja, eu acho que já sabia até digitar na página, se usava até o *Netscape*, então eu só sabia abrir o *Netscape*, entrava no *Yahoo*, usuário, senha, enviar e ler. Mas eu nem sabia se o sistema era *Windows*, se era 98, se era *Milenium*. Não, não, não tinha essas ideias, não”.

Sara, Ana e Pablo começaram a usar a internet ainda na escola, principalmente em função de atividades do nível de formação que, no Brasil, equivale ao Ensino Médio. Sara teve seu primeiro computador em 1990 e, um tempo depois, seus pais instalaram internet em casa, que era usada para chat e pesquisas para a universidade. Ana só criou uma conta no *MSN Messenger* e no *Orkut* em 2004 por insistência dos colegas de estágio, mas já usava o computador desde o Ensino Médio e tinha uma conta de email que pouco acessava até então. Pablo, com 12 anos, em 2001, ganhou um computador. Nessa época ainda não tinha internet em casa, ia a cibercafés no Equador. “Lá tem, cafés onde você vai e paga a hora da internet, mas era pra fazer coisas bem específicas, tipo revisar o mail, uma vez por semana. Depois já foi passando à consulta e assim começou. Até o ponto em que agora eu estou bem ligado na internet”.

Cleunir também começou a usar a internet na faculdade e fez vários cursos de informática. Seu primeiro computador foi comprado quando tinha 16 anos, em 1990. No entanto, foi só mais tarde, já na Espanha, que começou a usar a internet no seu dia-a-dia. Até

então seus usos do computador e da internet estavam muito relacionados às necessidades de pesquisa para a faculdade de Turismo.

Como primeiros usos do computador mais relacionados ao trabalho, temos as experiências de Fernando, que começou a usar o computador em 1987, na editora em que era revisor, e teve seu primeiro computador pessoal adquirido em 1998, no Uruguai, e Hector, que, tão logo comprou um computador, um *Pentium 100*, aprendeu a desmontá-lo e formatá-lo para resolver os problemas técnicos que enfrentava:

Comecei a praticar, um programa que eu mais gostava ali era o *Corel*, que eu gosto de desenhar, eu gosto dessa coisa. E depois, o cara, acaba aprendendo *Word*, precisa escrever coisas. As tabelas com o *Excel*, tu precisa fazer coisas sempre. Então, e a internet... deixa eu ver quando foi isso aí. Estamos em 2009, nós abrimos, tem oito anos o conjunto. **No ano 2000 que eu comecei a mexer algo na internet. Navegar, navego pouco, que a gente é aquele conector, quando vou, vou ver o que eu preciso ver.** Não sou daquele que, ah, não tenho nada que fazer, vou ver se navego, se procuro coisas. Hoje em dia tem o que tu precisa. Então, essa é a relação com a internet (Hector, 48 anos, nascido no Chile, residente em Porto Alegre).

Fue en el año 87 para facturar y era como una cosa extrañísima que parecía super complicado, a parte te acuerda de los disquetes, bueno eran con esos disquetes. Las impresoras imprimían como los trenes antiguos (“trrrr”). Parecía una locomotora y básicamente era para trabajar. No había ordenadores de uso domestico. No existía *Windows*. Eran ordenadores con unos programas para este trabajo, para el otro. La cosa era distinta. (...) **Y luego el uso digamos del ordenador con Office y todo eso, cuando empecé a trabajar en la empresa de importaciones en los años 92.** El *Excel*, *Access*, *Word*, todo eso era como *uau*. **Internet era muy raro y caro.** Se utilizaba para los negocios, si. Era... se utilizaba muy poco en las casas. Ahora en Uruguay ya está popularizado. Era incluso era la conexión de internet por llamada telefónica. No había banda ancha. Había, entonces, tu llamabas y te conectabas en internet. **Yo me vine el 2002 y conocía poca cosa eh... casi que nunca lo había utilizado...** Más bien tipo mail (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Tentamos indicar os primeiros usos da internet como forma de entender a inserção, mais recente ou mais antiga, dos sujeitos a suas possibilidades comunicativas e de informação, embora entendamos que “não se aprende internet”. Ela demanda certas competências que vão sendo adquiridas, podemos dizer, através de várias táticas, de maneira informal, em espaços de uso compartilhado do computador, com a ajuda dos filhos ou, até mesmo, em poucos casos, em cursos específicos, de forma a constituir uma dimensão importante da vida cotidiana de seus usuários. É o que resume o relato de Arturo que, durante

a entrevista, lembrou das diferenças de sua infância sem televisão na Bolívia e do modo como hoje a internet faz parte do seu dia-a-dia:

Às vezes parece mentira, que **aos 50 anos se abra um mundo virtual**, né, tu próprio começa a prender e uma coisa que começa também a se tornar uma rotina, a fazer parte da tua vida, do teu cotidiano. E é muito bom, olha. Eu não sei como é que seria agora, a minha vida sem a internet. Tu vai ficando dependente disso ali (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

O que percebemos é que, para os mais jovens, a internet faz parte do seu mundo de uma forma muito mais familiar, embora entre os mais velhos, no caso dos nossos entrevistados, ela também tenha sido incorporada com força, como indicam os mapas de usos da internet que apresentamos a seguir.

6.3 Mapa dos principais usos dos meios de comunicação e internet

Durante as entrevistas, embora o foco tenha sido mantido nos usos da internet, os migrantes eram questionados sobre outros meios que faziam parte de seu cotidiano, tanto para a busca de informações quanto para a comunicação. Aparecem, assim, referências ao papel da televisão, do rádio e da mídia impressa, embora, para a maioria, a internet seja indicada como principal meio de comunicação. Isso se deve ao fato de muitos dos entrevistados terem acesso a diferentes mídias apenas pela internet.

Nenhum, por exemplo, tem assinatura para recebimento regular de jornais e revistas em casa, mas consome diferentes publicações em suas versões online, além de comprar eventualmente na banca e ter acesso no trabalho, em bares ou cafés, ou através de empréstimos e, em Barcelona, ter o hábito de ler os jornais gratuitos distribuídos no metrô, como *Metro*, *Qué*, *ADN* e *Veinte Minutos*. Duas entrevistadas em Barcelona citaram jornais gratuitos voltados para o público migrante, integrando seu universo de acesso aos meios de comunicação: Veneranda falou sobre o jornal *Latino*, distribuído nos locutórios por toda a cidade, e Luci se lembrou de matérias sobre o tema das migrações e sobre a América Latina no jornal *Sí, se puede*, distribuído gratuitamente no locutório onde trabalha. Para Veneranda, trata-se de um modo de estar informada sobre eventos de diferentes coletivos migrantes e também sobre torneios esportivos, além de buscar notícias sobre a República Dominicana:

En Latino porque trae la noticia de cada país y incluso del mío. A parte salen las fiestas que hacen los migrantes, lo que hacen, lo que no hacen y todo. En la asociación hay un grupo de sobol, un equipo de sobol, que juega sobol, es como si fuera la pelota pero un poco mas flojo, entonces tu sabes cuando hay torneos y eso ahí también sale y bueno (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Em Porto Alegre, dois entrevistados, Maria e Arturo, destacaram a leitura do boletim informativo da igreja da Pompéia, *A Família da Pompéia*, como meio para se informar sobre temas relacionados às migrações e sobre a presença latino-americana na cidade. O boletim é distribuído no formato impresso e também enviado por email para os migrantes e comunidade em geral cadastrados na igreja.

Assim também aparecem referências à televisão, presente na casa de 12 dos 16 entrevistados (com exceção de Marcela e Pablo, em Porto Alegre, Juan e Ana, em Barcelona), consumida principalmente nos momentos de lazer, à noite, e também pela manhã, antes da partida para o trabalho, pelo que foi relatado. Em Barcelona, a crítica ao modelo de televisão espanhola – com muitos debates e programas de fofoca, segundo os entrevistados – é apontada como estímulo à busca de programas televisivos e filmes produzidos nos países de nascimento ou em outros países na internet, como faziam Ana e seus colegas de apartamento, antes mesmo que seu aparelho de televisão tivesse estragado:

Em casa a nossa televisão tá tão ruim que a gente quase nem liga. Bom, além dos canais daqui serem horríveis, a nossa televisão tá horrível. (...) **Por exemplo, eu olho no YouTube, programas, tudo brasileiro**, quase, já que a televisão aqui a gente não consegue, a gente vai baixando programas (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

A mesma crítica, aliada ao uso da televisão como forma de aprender ou treinar o domínio do idioma catalão, fazem com que, em Barcelona, dois entrevistados prefiram as emissoras catalãs. Para Fernando, a programação local tem mais qualidade e nela são oferecidas mais opções de filmes. Sara precisa estar informada sobre o contexto regional em função de seu trabalho e também aproveita para estimular o aprendizado da língua:

El TV3, el 33 fue lo que empecé a mirar porque primero había **documentales y como forma de aprender el idioma también**, de acostumbrarme. Así es porque la televisión española es mala, es horrible (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Bueno, yo **todas las mañanas, es un ejercicio que yo me he planteado por el catalán, ya lo entiendo, escribo y hablo un poco, entonces un ejercicio que me he planteado y además por interés porque creo que es un programa que te puede mantener informada**, es TV3 todas las mañanas por las noticias y el programas *Els matins de TV3*, Las mañanas de TV3. Es un espacio que tiene parte informativa al principio, y después hay gente que hace comentarios. Luego también porque es mucho mejor para mí estar informada de lo que sucede en Cataluña a nivel político, porque también hablan a nivel estatal y a nivel internacional (Sara, 34 años, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Diferentemente do que acontece em Barcelona, em Porto Alegre os entrevistados fizeram mais referências positivas à televisão. Arturo, por exemplo, disse que sentiu falta da televisão brasileira durante o ano em que morou na Bolívia. “A televisão tu acha ela precária lá, os programas, a não ser que tu tenha um canal Net, que é igual em toda parte, mas se tu vai utilizar o canal tu compara com a programação de aqui”. Pablo, mesmo sem televisão em casa e com o hábito de escolher os programas que quer assistir pela internet, costumava ir à casa de um vizinho em alguns dias da semana para ver a telenovela *Caminho das Índias*, da Rede Globo, exibida de janeiro a setembro de 2009. Nesse caso, a televisão adquiria mais um sentido de participação social e, até mesmo, uma forma de compartilhar alguns costumes.

As referências quanto ao rádio indicam seu consumo durante os turnos de trabalho, no caso de Luci, no locutório; de Ana, na cafeteria; e de Cleunir e de Hector, na loja. Em Barcelona, Sara e Monica referiram a emissora específica de rádio que escutam, a *Cadena Ser*, informativa e musical, com abrangência em toda Espanha. Além delas, apenas Cleunir indicou que prefere escutar a emissora *Max.fm*, rádio musical da Catalunha. Em outros casos, o consumo do rádio é associado ou substituído por *podcasts*¹⁰⁷ de programas preferidos, para Roberto; acesso a radiowebs, para Pablo, ou consumo de músicas em formato mp3¹⁰⁸ baixadas da internet e escutadas no computador ou no aparelho de mp3 portátil.

Indicamos na tabela 18 referências sobre o consumo de diferentes meios de comunicação. Como não era um objetivo do trabalho, não foi desenvolvido um levantamento minucioso de usos de televisão, rádio e mídia impressa, mas são indicadas algumas preferências e hábitos, mais como forma de situar a relação dos entrevistados com os meios de comunicação em geral. Não há padrão nas respostas: enquanto alguns indicam produtos midiáticos específicos, outros falam de referências temáticas ou de assuntos que os levam a

¹⁰⁷ Sistema de publicação de arquivos de áudio através da internet, em que o usuário pode baixar os programas e outros arquivos de seu interesse para o computador, de modo a serem escutados no momento mais apropriado e também através de tocadores portáteis de arquivos digitais.

¹⁰⁸ Trata-se de um padrão de arquivos digitais de áudio, em um formato que permite sua compressão.

consumir certas mídias. Também indicamos referências a formatos dentro das mídias televisiva, radiofônica ou impressa, hábitos de consumo ou ausência deste consumo.

TABELA 18: Consumo de televisão, rádio e mídia impressa.

Consumo de televisão, rádio e mídia impresso				
	Entrevistado	Televisão	Rádio	Jornais/revistas
Porto Alegre	Hector	Pouco	No trabalho	Zero Hora O Sul
	Arturo	Jornalismo e futebol	Pouco	Zero Hora
	Roberto	TVE TV Cultura	Só podcast de rádios uruguaias, BBC e <i>Deutsche Welle</i>	Zero Hora, jornais do Uruguai enviados pela mãe, Carta capital
	Freddy	"Si, para saber a porcaria que é. Tenho que assistir".	"Tenho uma rádio portátil comigo. É bom escutar."	Lê só pela internet
	Klaus	Não tem tempo	Não (só música pelo <i>YouTube</i>)	Zero Hora, Correio do Povo, Folha de São Paulo, Veja (pega usados no prédio)
	Maria	(Só refere internet)	No trabalho, pela manhã	Clarín, La Nación (antes, aos domingos) Zero Hora aos domingos
	Marcela	Não tem televisão	Mais MP3 e CDs	Zero Hora aos domingos (lê durante a semana)
	Pablo	Assiste pela internet (não tem televisão)	Só pela internet	Só pela internet
Barcelona	Luci	TELE 5 (manhã) Tele 1, 24 horas, las noticias de la 1 (noite). Não tem muito tempo	No trabalho (mas prefere baixar músicas pela internet)	Latino, Si, ADN (gratuitos)
	Cleunir	Telejornal e programas de debate	Max fm (música rock e geral em catalão)	So pela internet
	Veneranda	Telejornal e entretenimento	Não	Latino (gratuito, distribuído nos locutórios)
	Monica	25 TUV K3 (Refere programas sobre migração, que assiste aos finais de semana)	Cadena ser	El Metro, !Qué! (gratuitos), El País
	Sara	TV3 (Els matins de TV3)	Cadena Ser	El País, La Vanguardia (emprestados)
	Ana	TV ligada no bar em que trabalha (a de casa está com problemas)	Mais CD e MP3	Deixado pelos clientes do bar (não lembra o nome)
	Fernando	Tv3, Barcelona ciudad (canais catalães, pois considera a televisão espanhola de pouca qualidade)	Não refere	La Vanguardia (compra às quartas) El País (sábados, pelo suplemento cultural) Qué, Veinte Minutos (gratuitos)
	Juan	Não tem	Mais pela internet	Lê em cafés

Fonte: Pesquisa própria

Sobre o papel central da internet como meio de acesso a outras mídias, os entrevistados apontam sua vantagem principalmente relacionada com a redução dos custos, pois jornais e revistas são disponíveis gratuitamente na internet, por exemplo, além da possibilidade de adaptar o consumo ao tempo que cada um tem disponível. É o que destacam Monica, que costuma ler os jornais, mesmo gratuitos, pela internet, e Roberto, que escuta programas de diferentes emissoras de rádio também pela rede:

Ahí aprendí poco de internet, pero a venir acá, pues, al venir acá entré mas a un curso y el curso vas profundizando vas viendo que el medio de comunicación, a más de ser el periódico, la prensa, o lo que sea, es internet. **Internet te ayuda, es, como se puede decir, uno de los más importantes, más importante que los periódicos. Si no coges el periódico, entras ahí y los pone paginas de... El ¡Qué!, por ejemplo, ya está ahí** (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Do ponto de vista da notícia, hoje em dia, **praticamente a gente não assiste TV aqui**, porque não tem tempo também, pela rotina da família e tudo, **mas eu pego tudo que é notícia, programa de rádio, do Uruguai e muitas vezes da BBC da Inglaterra ou da Deutsche Welle da Alemanha, que tem também serviço em inglês, todos através da internet**. Que não se precisa ligar a internet pra ouvir o rádio nessa hora, o rádio ao vivo, mas tu seleciona o programa, se é um programa, aqueles episódios, aquela coisa que você está interessado (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

De um modo geral, independente do perfil profissional, do nível de escolaridade, do país de nascimento ou da cidade para a qual migraram, todos os entrevistados falaram, direta ou indiretamente, sobre a importância dos meios de comunicação na sociedade e no seu contexto de vida. Dois entrevistados mostraram-se mais críticos aos meios de comunicação, revelando preocupação quanto a uma possível manipulação e controle das informações. Juan refere-se a “meios de difusão” por entender que através da televisão, do rádio, do jornal, não há comunicação. Freddy destacou a mudança nos meios de comunicação desde os anos 80, quando começou a morar em Porto Alegre, e hoje, mais centralizados nas mãos de poucos donos:

Como son, los medios pueden decir mentiras y las personas nada lo pueden hacer. Por eso ponen la ideología. **Hoy los medios tienen la verdad absoluta, pero uno no**. Por eso no son medio de comunicación, incluso por eso se llaman *mass media*, son masivos. Y son una de las formas más fuertes de dominación que hay. **Son herramientas de dominación**. Se

imponen ideas, pensamientos. El discurso del *establishment* (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Por exemplo, eu tive páginas inteiras na Zero Hora. Estou falando dos anos 80. Por que não mais? Porque hoje hay que pagar por linha. **Outro luta que eu estou tentando fazer por internet é que a população saiba que está sendo manipulada**, que os jornalistas têm toda uma tarefa para fazer para liberar-se dos donos dos jornais, porque lamentavelmente é o que acontece. Inclusive os jornalistas, penso eu, se vão a dividir entre os submissos ao dono e rebeldes ao dono. Os rebeldes ao dono, me parece a mi, formarán novos jornais. Novos meios de comunicação massiva (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Mesmo com certa desconfiança, e com ressalvas feitas em ambos os relatos, para os entrevistados a internet surge como uma alternativa para democratizar o acesso à informação e ampliar as possibilidades de comunicação. Como liberação da comunicação, para Freddy, ou como uma ferramenta muito poderosa, para Juan, a internet vai assumindo sentidos diversos a partir dos usos de cada um. Antes de explorarmos esses sentidos, muitos dos quais ligados à própria trajetória de migração, vale destacar alguns usos gerais da internet e o tempo de acesso para todos os entrevistados.

O email é o uso mais comum, presente para 15 dos entrevistados. Apenas Veneranda não tem uma conta de email própria, usando essa ferramenta de comunicação, quando necessário, com a ajuda do filho. No geral, o email serve para estabelecer contatos profissionais, participar de listas de discussão temáticas, manter contato com familiares e amigos, cadastrar currículos em busca de emprego, divulgar o próprio trabalho cultural ou artístico, entre outros usos citados pelos entrevistados.

Como ampliação das possibilidades comunicativas dos entrevistados, relacionada ao caráter interacional da internet, aparece, logo depois do email, o uso dos programas de trocas de mensagens instantâneas ou mensageiros, como *MSN Messenger* e *Skype*, citados por 14 dos entrevistados como importante meio de comunicação com familiares e amigos. Juan e Freddy são os únicos que não usam essa forma de comunicação pela internet e Fernando diz usá-la pouco, preferindo o uso do telefone. Veneranda também pouco utiliza o *MSN*, mas o faz quando um dos filhos está conectado, como forma de falar com os parentes na República Dominicana, sobretudo com seu filho mais velho.

Veneranda prefere comprar cartões internacionais que podem ser usados pelo telefone residencial, o mesmo que faz Fernando quando precisa telefonar para o Uruguai. A outra forma encontrada para essa comunicação interpessoal é o uso dos telefones disponíveis para

chamadas telefônicas nos locutórios, o que acontece apenas no caso de Barcelona, pois o serviço não é oferecido em Porto Alegre, onde os entrevistados usam mais habitualmente o *MSN* ou o *Skype* em função do alto preço das tarifas telefônicas internacionais.

Os sites de redes sociais, sejam eles com o fim de estabelecer relacionamentos, compartilhar ou ter acesso a conteúdos diversos, como música, vídeos e fotos, estão presentes para dez entrevistados. O que percebemos é que, na maioria dos casos, existe um uso combinado de diferentes sites de redes sociais, cada um com um objetivo específico. No Brasil, a difusão do uso do *Orkut* entre grande parcela da população¹⁰⁹, faz do site um dos mais populares entre os brasileiros, o que se reflete nos entrevistados. Em Barcelona, dos três entrevistados que usam o *Orkut*, dois são brasileiros e a terceira, Luci, o faz como forma de se comunicar com amigos brasileiros. Em Porto Alegre, Pablo chega a brincar que ficou surpreso com a importância que o *Orkut* assume entre os brasileiros. A comunidade da sua turma de faculdade, por exemplo, é, segundo Pablo, a forma mais fácil e eficiente para saber o que acontece entre seus colegas:

Lá eu nem conhecia. **Quando eu cheguei aqui no Brasil, eu fiquei sabendo que eu tinha que ter CPF, RG e Orkut.** Se eu não tinha nada disso, não sou ninguém no Brasil. Então peguei meu CPF e até acho que tem que ser um requisito para tirar o CPF... Todo mundo tem (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Para se relacionar com outros amigos, Pablo mantém um perfil no *Facebook* e outro no *Hi5*, cada um deles com um universo diferente de usuários. Na época da entrevista, o *Facebook* ainda tinha um uso mais restrito no Brasil, mas ao longo de 2009, com uma expansão geral de seus usuários cadastrados, também chamou a atenção no país¹¹⁰:

É assim: no Equador tem um tipo de *Orkut*, que é o *Hi5*. não é tanto aqui assim como vocês com o *Orkut*. *Orkut* pra vocês é a vida. É como ter teu celular, é como ter teu email. *Orkut* pra mim é só pra saber o que está acontecendo na minha faculdade e na minha turma, com meus colegas da faculdade. **Pra meus amigos do Equador, o Hi5, e pros meus conhecidos**

¹⁰⁹ Segundo dados da empresa de pesquisas e monitoramento na internet E-life e da InPress Porter Novelli, em novembro de 2009, o *Orkut* era o primeiro colocado entre as redes sociais com mais cadastrados no Brasil: 89,6% dos respondentes da pesquisa. O *Twitter* era o segundo, com 80,1% e o *YouTube* o terceiro, com 79,6%. O *Facebook* aparecia na quinta posição, com 57,6%. O *Orkut* perdia o posto, no entanto, de primeiro colocado no tempo de uso para o *Twitter*. Dados obtidos em:

<http://www.gazetanews.com/arte_cultura.php?cd_noticia=9257>. Acesso em: 01 dez.2009.

¹¹⁰ O *Facebook* é considerado o maior site de rede social, contabilizando mais de 300 milhões de usuários ativos em dezembro de 2009, segundo dados estatísticos do próprio *Facebook*. Disponível em: <<http://www.facebook.com/press/info.php?statistics>>. Acesso: 20 dez. 2009.

estrangeiros, uso mais o Facebook. Eu sempre vou pra internet... minha sessão na internet: eu chego na internet e primeiro leio o mail. Tenho vários mails, mas todos chegam só a um. Vejo os mails, respondo os mails. Daí eu olho primeiro o *Orkut*. Como às vezes não tem muito o que olhar, depois o *Hi5* – menos porque já estou bem desligado da vida no Equador, e depois o *Facebook*. Depois de fazer isso, começo a ler os jornais, ver o que está acontecendo, me informando das coisas que acontecem (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

O *YouTube* é referido como um dos sites preferidos para oito entrevistados. Apenas um deles, no entanto, posta vídeos próprios para compartilhar com outros usuários. Entre os sites de redes sociais usados também aparece o *MySpace*, especialmente por Juan que utiliza a plataforma para a divulgação de sua música.

De forma resumida, os usos da internet na perspectiva interacional variam entre aqueles que passam boa parte do dia conectados e mantêm uma comunicação direta via *MSN* e email tanto para relações profissionais quanto pessoais, como o caso de Cleunir e Luci; aqueles que reservam essa forma de comunicação para poucos contatos, como familiares e amigos, como Monica e Marcela; e aqueles que não gostam de usar o *MSN*, restringindo-se ao uso do email para a comunicação interpessoal pela internet, como Juan, Fernando e Freddy.

Entre os diferentes perfis de usos da internet na perspectiva interacional temos aqueles que, como Marcela, Freddy e Roberto, acreditam que a internet não serve para conhecer outras pessoas. Para Marcela, os sites de redes sociais geram superexposição. Freddy usa o email para questões pontuais, sempre com pessoas que conhece e com quem mantém relações offline. Roberto, apesar de ter um perfil no site *Facebook*, diz que só se comunica com os amigos do trabalho, da faculdade, da infância. Fernando também usa pouco o *MSN*, porque, assim como Freddy, considera o chat uma perda de tempo.

Na verdade, eu acho, assim, eu sou bem moderna, gosto de comunicação e tudo, mas **eu acho o Orkut já demais, porque eu gosto mais de ter um pouco de privacidade, não me expor tanto.** Para meus conhecidos, tudo beleza, mas formar parte de uma comunidade com alguém que eu não conheço ainda pessoalmente, pra mim não dá. Então nisso, sou ainda conservadora. Não gosto disso e aliás eu acho que não teria tempo, porque o chat é uma coisa que leva muito tempo e também eu acho que as pessoas que botam as fotografias deles assim, fazem toda uma produção para o *Orkut*, isso leva um tempão então, não sei, eu prefiro fazer alguma coisa mais produtiva pra mim. E também acho que o *Orkut* serve pra dizer como sou famoso. **Então é uma coisa que virou tipo uma celebridade** (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre)

É, em geral, o que eu tenho achado, é que as pessoas que você conhece tem contatos e contatos que você fez cara a cara, né, **eu não faço amigo pela internet**, talvez, o que acontece, por exemplo nesse outro programa novo, o *Facebook*, é você reencontrar pessoas que você já conhecia, geralmente, e faz quinze anos que você não vê, por exemplo, tenho uma turma, olha, meus colegas do segundo grau, eu acabei o segundo grau já faz, sei lá, vinte anos, dezoito anos. E agora as pessoas que estão entrando na internet, só nesse programa, conseguem se reunir, né (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Prefiero llamar por teléfono e incluso para Uruguay uso teléfono. **Me gusta más el teléfono pero es un sistema mío.** Ahora si vas al locutorio y das vuelta verás la gente encantada horas en el *Messenger*. El inmigrante y algunos locales que no tienen internet en casa pasan horas y horas. Es un medio de comunicación super importante (Fernando, 52 anos, nascido no Uruguai, residente em Barcelona).

Eu converso como conversamos nós: concretamente. **Eu não converso com pessoas desconhecidas. Somos dois estúpidos.** Tu falaste comigo sobre uma coisa concreta que é esse trabalho que estamos fazendo. Por que eu vou falar ou ter uma noiva em Tóquio? Son estupidezes. O mau uso desse fantástico meio de comunicação que é a internet. O bom uso, por exemplo, eso que está acontecendo, essa entrevista, pra mim é o bom uso, o uso correto da internet. Não tenho que falar com um desconhecido por falar. Falar por falar? Pensar por pensar? Eso es posmodernismo, perigosíssimo, anti-humano. Chatear... Chatear se dice? Bom, quem sabe tu chateasse eu te estou ofendendo... (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Em outro perfil de usos da internet ligados à perspectiva interacional, Luci chega a ter 200 contatos no *MSN*, muitos deles clientes do locutório, gente com quem não fala mais. Arturo, que até pouco tempo não sabia usar a internet, criou um perfil em um site de encontros, passou a se corresponder por email com mulheres de diferentes cidades gaúchas e a conversar pelo *MSN* com algumas delas. Ele diz que se considera quase um viciado, todos os dias na mesma hora ele usa o programa para se comunicar com amigos e conhecidos através de sites na internet. Em uma dessas conversas, começou um namoro com uma porto-alegrense.

Tengo como unas doscientas. Son clientes de arriba, muchos, que nos hemos hecho amigos, y otros que son mis primos, mis amigos, mis hermanos, mi familia, amigos de aquí. Con todos no hablo cada día. Otros se han cambiado de correo y está ahí el contacto. De vez en cuando hago limpieza de *Messenger* y voy borrando quien no hablo hace tiempos (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Casualmente eu conheci uma nova pessoa por intermédio do *MSN* e já estamos pensando em juntar as escovas. Uma coisa que eu nunca tinha passado por isso. Por isso que eu digo, **se alguém me falasse que eu iria encontrar uma pessoa no MSN, começar num bate-papo assim, eu jamais iria acreditar** e logo eu, que me considero um dinossauro (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Entre os principais usos associados ao caráter midiático da internet está a busca de informações em sites de notícias, portais, veículos online, e, principalmente, de versões online de veículos impressos, como os jornais de maior circulação dos países de nascimento de vários dos entrevistados, além de sites dos jornais de referência nos países de migração. Nessa perspectiva, aparecem indicações sobre os jornais *Los Tiempos* (Bolívia), *El Observador* e *La República* (Uruguai), *La Nación*, *El Universo*, *El Comercio* e *El Telégrafo* (Equador), *Gazeta do Povo* (Brasil), *Los Andes* e *La Indústria* (Peru), *El Tiempo* (Colômbia), *Diário e Última Hora* (República Dominicana). Entre os sites de jornais do país de migração, aparecem *Jornal do Brasil*, *Diário Gaúcho*, *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, no Brasil, e *La Vanguardia*, *El País*, *El Metro*, *ADN*, *Veinte Minutos*, na Espanha. Também aparecem referências a sites de emissoras de rádio, como *Cadena Ser* (Espanha), rádio *Visión* e rádio *HCJB* (Equador), e emissoras de televisão, como *CNN*, *ABC* (norte-americana), *BBC* (britânica), *Deutsche Welle* (alemã), *ECTV* (canal de TV estadual do Equador), *Tele Amazonas* (equatoriana), *Rede Globo* (brasileira). Aparecem menos nos usos da internet feitos pelos entrevistados sites de jornalismo online ou portais de notícias. Ainda assim, há referências às páginas de notícia vinculadas aos sites do *Yahoo*, *Terra* e *Hotmail*, além de sites mais específicos como *Otavalos Online*, portal com notícias, fóruns, fotos, músicas da cidade de Otavalo, no Equador, e *Livio.com*, portal da República Dominicana com links para sites de rádios, jornais, canais de televisão, blogs, organizações, entre outros.

Os entrevistados que mais se identificam com uma identidade cosmopolita, que já moraram, viajaram, mantêm amizades com pessoas de vários países ou possuem relações de trabalho e estudo plurais, também são aqueles que incluem em seu consumo midiático sites mais diversos e em outros idiomas (além do português, espanhol, e, em menos casos, catalão). É o que aparece nos usos de sites informativos de Roberto, que refere o site da rede *Deutsche Welle*, onde baixa programas de rádio em inglês, de Freddy, que além dos sites do *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, *El País*, *La República*, costuma acessar o site do *New York Times*; e de Marcela, que inclui entre os sites que visita com mais frequência o do jornal *Corrieri della Sera*, por seu especial interesse pela Itália.

Dois dos entrevistados mantêm blogs: Juan, um blog sobre política na Colômbia e América Latina, e Sara, um blog em parceria com outras mulheres migrantes, dos quais falaremos mais ao longo da análise. Freddy possui um blog com a divulgação de alguns de seus trabalhos, mas não o atualiza desde que foi criado em função de uma exposição no Uruguai, com a ajuda de um amigo. Marcela também participa de um blog coletivo que é utilizado para o ensino do português no curso para estrangeiros que frequenta na UFRGS. Lá são publicados textos dela e de seus colegas sobre os livros de literatura brasileira indicados para leitura, e são trocados comentários sobre o processo de aprendizado de cada um. Hector aprendeu a usar programas para o desenho de páginas web, com os quais construiu a primeira versão do site da associação de chilenos em Porto Alegre que ajudou a fundar. Ele também criou o site do grupo de música andina em que atua e produziu o site da empresa de ônibus que organiza viagens de Porto Alegre ao Chile. Cleunir, embora não tenha um site próprio, escreve uma coluna informativa para a revista Shock, voltada ao público latino-americano em Barcelona, com versões impressa e online.

Também aparecem referências específicas ao uso de sites que tratam exclusivamente do tema das migrações. Optamos por indicá-los, juntamente com outros usos principais de internet dos entrevistados, mesmo que sejam mais discutidos seus sentidos de apropriação no próximo subcapítulo. Na última coluna da tabela, indicamos outros usos da internet identificados nas experiências dos entrevistados, que não podem ser resumidos como uma ou outra opção que apresentamos.

TABELA 19: Usos gerais da internet.

USOS GERAIS DA INTERNET								
	Entrevistado	Email	MSN/Skype	Sites de redes sociais	Sites de notícias	Blogs/sites pessoais	Sites de migrações	Outros usos
Porto Alegre	Hector	Yahoo (uso principal)	MSN (pouco)	Ainda não, mas gostaria de criar perfil no <i>MySpace</i>	-	sikuris.cl	Chilepoa, Consulado do Chile	Divulgar grupo musical. Criação de sites.
	Arturo	Hotmail	MSN (todos os dias)	<i>Orkut</i> , <i>Youtube</i> , Site de namoro	Los Tiempos, Cochabamba	-	Pesquisa alguns temas	Sites de namoro, amizade
	Roberto	Gmail	MSN Skype	Facebook, <i>Youtube</i>	BBC, Deutsche Welle , El Observador, El País, Zero Hora, Hagah	-	Consulado do Uruguai em Porto Alegre (informação mais por email)	Pesquisa, podcast, Yahoo Grupos (pesquisa), UFRGS
	Freddy	Yahoo (organizar exposição, convites, divulgar	-	-	New York Times, Jornal do Brasil, Folha de São	Blog criado por amigo para exposição	Consulado do Uruguai em POA (informação mais por	Museus online

	trabalho)			Paulo, Zero Hora, El País, La República.		email)	
Klaus	Gmail	MSN Skype	<i>Orkut, Youtube</i> (escutar música)	Jornais online do Paraguai	-	-	Conteúdo técnico ligado ao trabalho
Maria	Terra Hotmail	MSN	<i>Orkut</i>	Terra	-	-	Site do sítio que administra
Marcela	Gmail	MSN	- (Considera um excesso de exposição)	La Nación, Corriere della Sera, Diário Gaúcho, Folha de São Paulo,	Blog do curso de português	Site do consulado da Argentina	Dicionários online, Sites de culinária regional brasileira, UFRGS
Pablo	Gmail	MSN Skype	Hi5, <i>Orkut, Facebook, Youtube</i>	Zero Hora, Folha de São Paulo, Globo.com, <i>El Comercio, El Telégrafo, El Universo</i> , rádio HCJB, rádio Visión, ECTV (canal de TV do Equador) Tele Amazonas, CNN, BBC, ABC	-	Site do consulado do Equador	Único meio a que tem acesso (escuta rádios online, assiste a programas de TV, lê notícias, estuda, baixa músicas, etc)
Luci	Hotmail Gmail	MSN	<i>Youtube</i> (site preferido: "pongo ahí el cantante que quiero y ya está", Hi5, <i>Orkut, MySpace, Facebook</i>	La Industria, Los Andes, La Vanguardia	-	Site do Ministério de Administração Pública da ES (www.map.es)	Está conectada, e online no MSN, durante quase todo o dia, enquanto trabalha no locutório.
Cleunir	Hotmail Yahoo	MSN	<i>Orkut, Facebook, MySpace, Youtube</i>	ADN, Veinte Minutos, El Metro, La Vanguardia, UOL, Gazeta do Povo (Curitiba), Folha de SP, jornais e revistas do Brasil em geral	Coluna da revista Shock (www.larevistashock.com)	Revista Shock	Atualiza o site da loja em que trabalha (Caipira Moda Brasil)
Veneranda	-	MSN com ajuda do filho	-	<i>Diário, Última Hora</i> (Rep. Dom)	-	livio.com	Lê notícias impressas por amiga de sites
Monica	Hotmail	MSN (filhas e parentes)	Hi5, <i>Youtube, MySpace</i>	<i>Otavalos online, El País, El Comercio, Cadena Ser</i>	-	Site da Generalitat	Busca fotos e vídeos sobre sua cidade no Equador
Sara		Skype (oficina de Interred, ONGs de Peru) MSN (irmã)	Facebook	El País	Hijas de la Tierra	Hijas de la Tierra, Anistia Internacional, Fedelatina	Interred, ONGs de Peru, temas de gênero e desenvolvimento, rede AWID

Ana	Yahoo Hotmail	MSN	<i>Orkut</i> <i>Youtube</i>	Yahoo Hotmail Globo.com	-	-	Sites de cias aéreas, busca de cursos
Fernando	Yahoo	MSN (pouco porque não gosta)	-	<i>La</i> <i>República</i> <i>(jornal do</i> <i>Uruguai)</i> laredota.co m	-	<i>Sinpapeles,</i> <i>Ecos del</i> <i>Sur,</i> <i>www.urugua</i> <i>yosencatalu</i> <i>na.com</i>	Busca de trabalho, cursos online, sites para baixar livros Infojob, laborinet, trabajar.co m, site da prefeitura
Juan	Gmail	-	-	El Tiempo, El País, Polo Democrático Alternativo (página sobre política)	Blog Juan Gratiniano	Site da prefeitura de Madrid, e da <i>Generalitat</i> de Catalunha	Site colaborativ o: Voces del mundo

Fonte: pesquisa própria.

Quanto ao tempo de acesso, os entrevistados adaptam os usos da internet a suas rotinas de trabalho e estudo. Com exceção de Veneranda, que faz um uso mais pontual e esporádico da internet, todos os outros migrantes acessam pelo menos uma vez por dia e por várias horas, o que varia de uma hora diária até aqueles que estão conectados boa parte do dia, sobretudo no caso dos que trabalham com internet, como Klaus e Luci, conforme mostramos na tabela 20. Observamos, no entanto, a dificuldade de precisar o tempo de uso da internet pela própria imersão que caracteriza a apropriação dessa tecnologia, que pode ser usada de forma combinada com outras tecnologias durante momentos de trabalho, estudo e lazer. O que referimos são as indicações dos entrevistados quanto ao tempo que costumam usar a internet.

TABELA 20: Tempo de acesso à internet.

TEMPO DE ACESSO À INTERNET	
Entrevistado	Tempo de acesso
Hector	À noite e no intervalo do trabalho
Arturo	Todos os dias a partir das 17h (cerca de duas ou três horas)
Roberto	À noite e durante o dia apenas para o trabalho
Freddy	Cerca de uma hora por dia
Klaus	Durante o trabalho e à noite
Maria	Todos os dias pela manhã, às vezes também à noite
Marcela	3 horas por dia
Pablo	Depois da faculdade, tarde e noite
Luci	Quase todo o dia (trabalho)
Cleunir	Todos os dias (durante o turno de trabalho e à noite)
Veneranda	Uso pontual, duas ou três vezes na semana
Monica	Dois horas 3 vezes por semana e mais tempo nos finais de semana
Sara	Durante o trabalho e algumas horas nos finais

	de semana
Ana	Uma hora por dia à noite
Fernando	À noite, pelo menos uma hora
Juan	Uma hora por dia

Fonte: Pesquisa própria

6.4 Sentidos construídos para a internet através de seus usos

A partir desses usos gerais de email, sites de redes sociais, sites de notícia, ferramentas de busca, sites temáticos, sites de universidades e de cursos online, chats, fóruns, blogs, sites pessoais, comércio eletrônico, entre outros tantos, como podemos relacionar as trajetórias pessoais e de migração dos latino-americanos entrevistados com os modos como se apropriam da internet? Que sentidos vão sendo atribuídos em sua vida cotidiana para esses usos e que papel a internet passa a assumir? Como aproximamos as questões identitárias narradas nas entrevistas como os modos plurais de usar a rede mundial de computadores? E de que modo esses usos podem ser associados com uma possível participação cidadã desses sujeitos?

Essas questões articuladoras de toda a pesquisa voltam com força aqui, quando analisamos os usos da internet para os migrantes entrevistados, sobretudo aqueles que de algum modo se mostram atravessados pelas experiências de migração, pelas estratégias identitárias e pelo que entendemos como dimensões de cidadania. Tentamos agrupar aqueles usos sociais da internet mais significativos e recorrentes, sem excluir experiências de apropriações mais específicas que consideramos importantes pistas para compreender o entrelaçamento das questões que nos propusemos investigar.

6.4.1 Projeto de migração

Um dos importantes usos da internet relacionados à migração está na busca de informações sobre a cidade e o país para os quais se deseja migrar e a tomada de decisão sobre questões práticas do processo, como a definição do local da chegada, a pesquisa sobre ofertas de trabalho, a busca de dicas sobre aluguel, sem falar na compra de passagens, na reserva de locais para estada inicial, a pesquisa sobre preços e sobre o estilo de vida no local. Além disso, a internet é o meio de comunicação mais usado entre os entrevistados para se comunicarem com parentes, amigos ou conhecidos que já vivem no futuro país de migração. Estes, muito mais do que os sites informativos, servem como referência a partir do relato de

seus casos bem ou mal sucedidos, compondo as redes sociais migratórias, em grande parte definidoras das dinâmicas e dos fluxos migratórios de sujeitos de certa localidade para uma cidade ou região específica de um país, como discutimos antes.

A internet configura-se, assim, como importante mediadora dessas redes sociais migratórias, para alguns pesquisadores tomadas como redes de apoio, sobretudo para a instalação e a organização logo depois da chegada. Monica e Ana, em Barcelona, falam que foi através da troca de emails e de conversas via *MSN* e *Skype* que conheceram mais sobre a Espanha. Ana se comunicava com um amigo de Porto Alegre que a recebeu em seu apartamento quando chegou em Barcelona. Monica falava com parentes de seu marido que também já tinham migrado. Depois, o próprio marido viajou primeiro, em busca de trabalho e lugar para a família morar.

Nesse sentido é que a internet participa na construção dos projetos de migração, desde o desejo inicial para migrar até a tomada de decisão e nos primeiros meses de adaptação ao ritmo de vida local. Ana, Roberto e Pablo também usaram sites para buscar informações sobre Barcelona e Porto Alegre:

A internet me ajudou, me ajudou porque daí nessa época que já tava tudo certo, daí eu entrei no consulado, entrava numa página que dizia de Barcelona, que dizia da Espanha, sabe? Pontos turísticos e tudo que eu tava pesquisando. (...) Pra falar era mais com ele. Por que as outras pessoas que, até lá em Porto Alegre que a gente conversava, eram pessoas que já tinham vindo, mas que, sabe, já tavam no Brasil de volta. Ele era o meu contato mais forte que tava morando aqui e depois veio a namorada dele e a gente se falava direto pelo *MSN*, não sei se por ser mulher e tal, perguntava o que tinha que fazer (Ana, 24 anos, nascida no Brasil, residente em Barcelona).

Mesmo antes de ir a Suécia, a primeira coisa que eu escolhi, eu já tava na Suécia, que eu não conhecia, mas eles, logo que eu acertei que ia pra lá, os estudantes começaram a me ajudar, foi o sítio principal, ainda na Suécia tava mais organizado. **Então, o sítio da empresa de transporte público, pra saber se ali os itinerários, os horário, os sítios das empresas que alugam apartamentos, pra você saber, se orientar, o sítio da polícia federal pra poder ver coisas assim.** Então, é um processo, já se informar antes de ir das coisas fundamentais. Quando vim morar de novo aqui no Brasil, a mesma coisa, os sítios, acho que principalmente foi o Hagah¹¹¹, depois as próprias imobiliárias, pra começar a procurar. Eu não conhecia Porto Alegre, então pra ver os bairros, os apartamentos, os preços (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

No momento de chegar aqui no Brasil, a gente não sabia aonde chegar. Minha colega procurou, achou aquele pensionato na internet. **Não sabíamos**

¹¹¹ Site de serviços (www.hagah.com.br) que oferece programação cultural, classificados, mapas, oferta de empregos, guia de tele-entrega, dicas, entre outras informações úteis.

nada de Porto Alegre, então pela internet, pelo contato que já *iba tendo com as pessoas nos departamento de estrangeiros, eles me falavam o que eu precisava* e me encaminharam para as pessoas que podiam até me pegar no aeroporto. Mas tudo isso foi só pela internet. Já pra saber, bem no momento da aprovação, pra vir pro Brasil, foi também pela internet. Foi um dia que eu estava assim, cada momento atualizando a página até que saiu (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

6.4.2 Família e relações transnacionais

Todos os entrevistados, de diferentes formas, mantêm vínculos com parentes e amigos que vivem em seu país de nascimento ou em outros países. A internet, através dos usos do email, do chat e dos sites de redes sociais, aparece como dinamizadora de uma comunicação rápida e efetiva entre pais e filhos, irmãos, primos, tios e amigos distantes geograficamente. A possibilidade de estabelecer essas relações à distância através da mediação tecnológica é o que configura o que chamamos de famílias e relações transnacionais, através das quais são construídos sentidos de proximidade e de participação que buscam transcender os limites territoriais.

Os usos da internet com esse propósito aparecem aliados aos usos do telefone, principalmente através dos serviços de chamadas internacionais disponíveis nos locutórios em Barcelona. Assim, Juan costuma ir ao locutório com esse objetivo várias vezes por semana. Ele faz chamadas para Colômbia para falar com amigos e, com menos frequência, com parentes, mas seu objetivo principal é buscar notícias sobre o que acontece por lá. Ana, que não sabe usar o *Skype*, diz que também prefere o uso do telefone para se comunicar com a mãe, o que faz duas vezes por semana, pelo menos. Com amigos e com os irmãos, ela se comunica através do *MSN*, mas como não dispõe de microfone e webcam no computador que utiliza, sente que a comunicação fica limitada. Fernando prefere o uso do email e do telefone ao uso do *MSN* para se comunicar com amigos e parentes. “Si tengo sobrinos y mi padre que ahora ya está muy viejo y no reconoce la gente... y tengo sobrinos. Con ellos no chateo pero nos mandamos mail. Uso más el mail que el chateo. El chateo me pone de mal humor. No me gusta, prefiero llamar por teléfono”.

Luci telefona do locutório em que trabalha para os amigos que vivem na Argentina a cada quinze dias. São as conversas banais sobre o cotidiano – sobre o tempo e as plantas, como ela brinca – que a motivam a manter a rotina de chamadas. Esses telefonemas servem mais para reforçar os vínculos entre eles do que para buscar informações ou notícias do que

acontece. Com amigos que vivem nos Estados Unidos, Peru, Argentina, Brasil e muitos outros países, ela se comunica pelo *MSN*, e com os familiares no Peru mescla conversas mediadas pelo *MSN* e pelo telefone.

Arturo e Roberto abordam uma questão geracional atuando no modo como mantêm vínculos com os familiares. Para saber sobre a mãe, Arturo conta com a ajuda de um primo, que envia fotos e notícias por email, já que a mãe, de 80 anos, tem dificuldade para escrever e escuta pouco, o que dificulta a comunicação por telefone, além dela, também, não saber usar o computador. Roberto se comunica pelo *Skype* com sua família no Uruguai e com a família da mulher, na Alemanha. As irmãs têm banda larga em casa, o que facilita a conexão, permitindo, desse modo, assistirem aos vídeos que Roberto posta no *YouTube*, com imagens dos filhos, para que a família possa acompanhar seu desenvolvimento. “A gente faz vídeo de vinte segundos, um minuto com as crianças e vai colocando no *YouTube* e manda o *link* pras minhas irmãs, minha mãe ou a família da minha esposa, e eles conseguem ver e de alguma maneira compartilhar esse momento”, revela. Com sua mãe a comunicação se dá apenas através do email, pois ela não tem computador em casa e também não sabe usar o *Skype*:

A minha mãe aprendeu usar e-mails quando, faz três anos, quando realmente precisou, porque ia viajar pra me visitar e precisava estar em contato e tudo. **A minha mãe é mais reduzido o que eu consigo, que eu consigo intercambiar com ela por e-mail e mandar foto por e-mail.** Acho que ela consegue ver e também consegue ouvir no *YouTube* e pronto, ela me liga por telefone normal (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Maria também só fala com a mãe por telefone, quando a mãe liga do Peru, embora mantenha contato com amigos e outros parentes pelo *MSN*, tendo como única dificuldade a necessidade de adequar os horários que conecta em função do fuso horário. Para Marcela, a situação é diferente: comunica-se com a mãe somente através de emails, pois ela não gosta de usar o telefone. “A minha mãe é muito esquisita para conversar, é uma pessoa assim que é muito rara, muito louca. Ela gosta, o único meio assim que ela gosta, que ela consegue ainda é o mail. Ela não escreve cartas, nem liga. É só com mail”. Ela ainda usa o email para manter o contato com a família que mora na Itália. Com um primo de sua idade criou o costume de trocar pelo menos um email por semana, normalmente aos domingos. Antes que começasse a usar a internet as cartas eram enviadas como forma de compartilhar algo sobre a vida de cada um:

Tenho ainda o costume de enviar *postales*. **Posso dizer que eu troquei o hábito de escrever cartas pelo e-mail.** Na verdade eu iniciei escrever sempre, desde os 17, 18 anos, para meus primos. Então a gente escrevia primeiro, no correio, eu tinha que ir ao correio e ficava longe de casa pra botar a carta e depois quando descobri a internet, troquei a costume de escrever a mão pelo computador (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre).

Nesta rotina, Marcela percebe uma diversidade no modo como ela e o primo usam o email, chegando a apontar possíveis diferenças culturais entre seus usos da internet, mais rápidos, dinâmicos, valendo-se da instantaneidade que a rede permite, e os de seu primo, para quem o email é usado quase como se fosse uma carta. Ele conecta-se apenas aos domingos, lê os emails de Marcela e os responde. Incentivada por uma pergunta anterior, que buscava conhecer usos de sites com temas voltados para América Latina, Marcela diz que seu próprio modo de usar a internet remeteria a um jeito de ser, a um comportamento mais próximo à cultura latino-americana:

Mas é bem esquisito porque eu acho que nisso eu sou americana (como na tua pergunta de antes), porque meu primo é tão conservador. Como ele tem uma mentalidade italiana, é quase às vezes uma mentalidade medieval das coisas, então, só nos domingos ele escreve pra mim, **é como ir à missa escrever pra Marcela. Então ele escreve assim, tipo uma folhinha, um e-mail.** Então esse é o costume, depois é bem estranho que ele escreva nos outros dias. Esses dias fiquei surpresa porque ele escreveu segunda. “Uau, tem que me adorar muito para me escrever na segunda”. Então eles são muito metódicos, muito metódicos. Já os americanos tem em comum a mentalidade de que tu envia uma mensagem, um e-mail, algum comunicado ou mensagem e o outro imediatamente *blá blá blá*, te contam tudo. Essa é a diferença (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre).

Maria e Veneranda também lembram que usavam cartas para se comunicar com os amigos e a família antes da expansão dos usos da internet. Eram quinze dias para uma comunicação entre a Espanha e a República Dominicana, no caso de Veneranda. Para Maria, o tempo de espera entre uma carta e outra fez com que perdesse o contato com vários amigos, logo depois da volta ao Peru:

En comienzo por carta, porque por teléfono era difícilísimo. En mi país, en los pueblos, casi no había teléfonos en las casas y era difícilísimo. **Era**

por carta, cuando eso. No tardaba mucho, era como 15 días o algo así. Pero ahora hablo a diario. Con mi hijo hablo todos los días. (...) Con tarjeta de la que venden en los locutorios. Y mi hija habla con el por internet (Veneranda, 55 anos, nascida na República Dominicana, residente em Barcelona).

Então eu comecei, **na época que eu voltei eram cartas no correio**, né, aí demorava uma eternidade pra receber notícias de uma amiga, pra receber notícias do namorado, de outra amiga, isso, isso. Aí depois veio o computador, veio a era da internet, aí ficou bem mais fácil (Maria, 36 anos, nascida no Peru, residente em Porto Alegre).

De todos os entrevistados, aquela que mais vive a experiência de uma família transnacional é Monica que, na época da primeira entrevista, ajudava as filhas, de 11 e 5 anos, com os temas da escola, conversava, brincava e acompanhava seu crescimento através das conversas que mantinham pelo *MSN*. A possibilidade de vê-las e ouvi-las amenizava a distância que, mesmo assim, já começava a fazer Monica pensar na possibilidade de voltar para o Equador. A autorização para que as duas meninas morassem com os pais na Espanha saiu antes que essa medida fosse tomada. Mas até que a família pudesse se reunir novamente, as filhas aprenderam a digitar quase ao mesmo tempo em que foram alfabetizadas só para poder teclar com os pais, quando não era possível a comunicação pela *webcam*:

Te ponen muchas cosas ahí, pero en mi país no es tanto, no te ponen tanto a internet, todo eso. **Esa ahí ya sabe, para los 5 años, ya sabe que tiene que abrir en la red. La de 11 años también y ya sabe escribir más rápido que yo en internet.** Ella escribe, que para escribir es rapidísimo. Otra vez nos sorprendimos porque estábamos hablando y, claro, ellas no tenían cámara y ellas lo escribían y mi esposo dice: “¿Quién está escribiendo?”. “Soy yo, papi”, dijo. “Mira, que estás escribiendo más rápido. Felicitaciones”. Es que ellas están más en internet, más experiencias tienen (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Cleunir também mantém uma comunicação muito próxima com suas cinco irmãs, com quem fala diariamente pelo *MSN*. “Temos uma relação muito intensa, de mais do que irmãos, e de família. Fui agora em agosto ao Brasil. Vou no final de janeiro, ficarei mais quinze dias. E bem com minha família, muito bem. Não estamos presentes aqui, mas falamos frequentemente”. Como está conectado durante todo o dia enquanto trabalha e também à noite, nos momentos de lazer, essa comunicação é facilitada. Sara, em Barcelona, Pablo e Klaus, em Porto Alegre, no entanto, comunicam-se apenas uma vez por semana com os

familiares, em horas que são previamente marcadas, principalmente nos finais de semana. Klaus diz que o uso do *Skype*, por mais que oportunize uma conexão frequente, sem limite de tempo, acaba trazendo uma aproximação mais formal e distante com a família:

Utilizo muito o *Messenger*, o engraçado é que eu hoje eu consigo conversar com meu pai, com meu irmão do Paraguai, pelo *Messenger* e pelo *Skype* com total tranquilidade, o que, por um lado facilita a comunicação assim, eles estão lá e quando eu quiser eu posso falar com eles, **por outro lado eu não acabo, digamos, conversando todos os dias com eles**, né, até tem um lema que o pessoal diz lá na informática que, como é que diz, a internet aproxima quem está longe e afasta quem está perto. Então, assim, é, eu posso mandar e-mail pro meu pai, pro meu irmão, recebo e-mails deles assim, com aqueles *PowerPoint*, sei lá, o uso normal, cotidiano, se que faz, né, mas assim, é, **não é uma conversa assim, muito longa assim**, é: “Ah, como é que tu tá”. “Ah, eu to bem, ta trabalhando, não morreu ninguém, ah, beleza, tchau”. Então, um pouco disso (Klaus, 31 anos, nascido no Paraguai, residente em Porto Alegre).

Para facilitar a comunicação com primos divididos entre o Chile e o Brasil, a família de Hector criou uma comunidade no site de redes sociais *Facebook*. “Olha, nós temos alguns primos que entram em contato com nossos familiares, eles também estão divulgando o nosso site. E um primo lá e um tio nosso, uns anos atrás, eles criaram ali, no *Facebook*, uma tribo, da nossa família, lá do Chile”. Ali, eles comentam fotos, trocam mensagens, avisam quando vão viajar, convidam para festas e eventos familiares, como as bodas de ouro dos pais de Hector, que permitiram o reencontro de boa parte da família em uma festa típica chilena organizada em Porto Alegre.

Todas essas experiências mostram o importante papel da internet, juntamente com o do telefone, para dinamizar as relações, estabelecer conexões e interações que, de alguma maneira, transcendem os limites territoriais, em um modo diferente de organizar as famílias e as relações sociais. Se antes as cartas permitiam a comunicação entre parentes e amigos que migravam, mesmo que com limites do tempo entre o envio e o recebimento da correspondência, o telefone convencional e o celular, cada vez mais presentes no cotidiano dos migrantes e da sociedade em geral, agilizaram e aproximaram o contato, pela possibilidade de trocas simultâneas e carregadas da emoção transmitida pela voz. Esse é o motivo que faz com que alguns dos entrevistados prefiram o telefone à internet para a comunicação com parentes mais próximos, como pais e filhos. Isso nos casos daqueles que ainda não usam programas mensageiros que permitem a troca de imagens e voz ao mesmo tempo. Essas ferramentas ajudam a manter vínculos fortes entre as amizades e as famílias

transnacionais – organizações sociais que mostram a vinculação simultânea a diferentes territórios através da mediação tecnológica, configurando relações mantidas através de interações à distância.

6.4.3 Vínculos informativos com país de nascimento

A primeira forma de manter os vínculos com o país de nascimento é o próprio contato com a família e os amigos através de relações transnacionais mediadas pelas tecnologias da informação e da comunicação. Isso indica que consideramos as relações interpessoais como as principais fontes de vínculos, mas há outras conexões que são mantidas através do consumo das mídias locais. Os migrantes entrevistados, com apenas duas exceções, demonstraram interesse em acompanhar os acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais dos países de nascimento e de buscar informações, através da consulta a textos, fotos, vídeos, acessados em sites de notícias, com destaque às versões online dos sites de jornais impressos, como resumimos na tabela abaixo.

TABELA 21: Usos de sites do país de nascimento.

USOS DE SITES DO PAÍS DE NASCIMENTO			
	Entrevistado	Sites do país de nascimento	
Porto Alegre	Hector	La tercera (www.latercera.cl)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
		Emol.cl (www.emol.cl)	Site de notícias ligado ao jornal El Mercurio
	Arturo	Los Tiempos (www.lostiempos.com)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
	Roberto	El Espectador (www.espectador.com)	Site de rádio
	Freddy	La República (www.diariolarepublica.com)	Site de jornal impresso
	Klaus	La Nación (www.lanacion.com.py)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
	Maria	-	-
	Marcela	La Nación (www.lanacion.com.ar)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
	Pablo	El Comercio (www.elcomercio.com) El Telégrafo (www.telegrafo.com.ec)	Site de notícias ligado ao jornal impresso

Barcelona		El Universo (www.eluniverso.com)	
		HCJB (www.vozandes.org) Visión (www.radiovision.com.ec)	Sites de rádios
		ECTV (www.ecuadortv.ec) Tele Amazonas (www.teleamazonas.com)	Sites de canais de televisão
	Luci	La Industria (www.laindustria.com)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
	Cleunir	Bol (www.bol.uol.com.br) UOL (www.uol.com.br) Yahoo (www.yahoo.com.br)	Portais
		Gazeta do Povo (www.gazetadopovo.com.br) Folha de São Paulo (www.folha.uol.com.br)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
		Veneranda	Diario Dominicano (www.diariodominicano.com)
		Lívio (www.livio.com)	Portal regional
	Monica	Otavalos online (www.otavalosonline.com)	Portal regional
		El Comercio (www.elcomercio.com)	Site de notícias ligado ao jornal impresso
	Sara	ONG de Peru Mujeres Campesinas	Sites ligados a ONGs ou movimentos sociais
		Coordenação de Direitos Humanos de Peru	
		Site de Flora Tristan (www.flora.org.pe)	
	Ana	Yahoo (www.yahoo.com.br)	Portal
	Fernando	La República (www.diariolarepublica.com)	Site de jornal impresso
Redota.com (www.redota.com)		Site dedicado a uruguaios no exterior, com notícias, fóruns	
Juan	El Tiempo (www.eltiempo.com)	Site de notícias ligado ao jornal impresso	
	Polo Democrático Alternativo (www.polodemocratico.net)	Site de partido político	

Fonte: Pesquisa própria

Como vimos, a busca de informações sobre os países de nascimento se dá prioritariamente através do uso de sites com as versões online dos jornais impressos, na maioria dos casos jornais tradicionais e reconhecidos como referência de mídia muito antes da criação de seus sites na internet. São veículos que já eram consumidos pelos sujeitos antes do

processo migratório na versão em papel, comprada nas bancas ou assinada, e, em alguns casos, também através da versão online.

Quando analisamos os resultados dos questionários aplicados em Barcelona também percebemos essa prevalência dos sites de jornais como referência de mídia na internet para a busca de informações sobre os contextos dos países de nascimento, de modo a nos levar a entender que, para os sujeitos que participaram da pesquisa, as questões nacionais passam pelas construções simbólicas presentes nessas mídias. Os sites indicados mostram o interesse não apenas por questões nacionais, mas também locais e regionais.

Em apenas um caso, um menor interesse pela busca de informações sobre o país de nascimento foi percebido em sua relação ao tempo de permanência no local de migração. Hector, há mais de 30 anos em Porto Alegre, diz pouco usar sites que refiram a situação do Chile, mas ele citou na entrevista os sites mais acessados por seu pai, que acaba comentando algumas questões que lhe chamam a atenção com o restante da família. Maria, que depois de um intervalo de dez anos, soma nove anos vivendo em Porto Alegre, longe de ser das entrevistadas com mais tempo de permanência (se compararmos com Freddy, residente há 20 anos, por exemplo) também interessa-se pouco sobre a situação do Peru. Ela lê alguma notícia apenas em casos excepcionais, quando aparecem links na página principal do site que mais acessa, o portal Terra.

Os dois casos nos fazem pensar que a relação entre tempo de migração e manutenção de vínculos com o país de nascimento não é tão linear como apontam algumas pesquisas, as quais indicam que, com o passar do tempo, a tendência é o desligamento dos sujeitos de questões relacionadas com seu país. Não é o que observamos, por exemplo, na história de vida de Veneranda, há 23 anos em Barcelona, que tem nos usos das mídias da República Dominicana na internet um reflexo de sua atuação em movimentos sociais sobre temas das migrações. Além disso, ela vive, efetivamente no dia-a-dia, em contato com o que acontece por lá, em função da comunicação constante com seu filho e seus irmãos, o que mantém firme o interesse por acompanhar as questões mais importantes que são vividas no país.

Arturo, há 34 anos em Porto Alegre, diz que, por um tempo, esteve desligado da situação da Bolívia, pouco buscando se informar sobre atualidades, temas sociais, econômicos. Seu interesse sempre foi o futebol. Buscava assistir às partidas do seu time de infância, o Aurora, e acompanhar os campeonatos locais. Na época da entrevista, o Aurora tinha um jogo marcado com o Grêmio Futebol Porto-alegrense, outra paixão de Arturo, no Estádio Olímpico, em Porto Alegre, pelo campeonato Libertadores da América. A disputa

tensionou a relação de Arturo com os dois clubes, mas ele não teve dúvida de se juntar à pequena torcida do Aurora durante a partida.

Nos últimos anos, no entanto, principalmente depois do tempo que passou em Cochabamba, uma mudança política na Bolívia, com a eleição de Evo Morales¹¹², fez com que Arturo voltasse a atenção para a situação de seu país e intensificasse a consulta à mídia local através da internet:

Bom, agora eu entro sempre no site do jornal. **Eu pego quase todos os dias o Los Tiempos, que é o jornal de Cochabamba.** Aí eu leio todas as notícias da Bolívia, que aconteceu, que não aconteceu, mas com o intuito de poder, como é que se chama, de saber as notícias que acontecem lá no teu país, na tua cidade, que é Cochabamba. (...) Porque eu fiquei, como eu te digo, tenho esse carinho pela Bolívia, eu fiquei um ano lá, agora, então tu **vai meio que reativando aquele fogo que estava se apagando, reacende aquele fogo de querer ter notícias daquilo ali, daquele movimento, do Evo Morales, né.** Aí tu compara no teu tempo, no tempo que está agora, como a Bolívia cresceu, como o movimento indígena subiu. É um movimento, como eu digo, é um Lula boliviano que nós temos lá. Ta fazendo muitas coisas boas. Só que a classe, porque a Bolívia é assim, de 100% antigamente, 90% era indígena e os índios geralmente, eles não contribuem nada. Então 10% da classe branca, que a gente chama, que são aqueles que pagam impostos, que são, que tem um poder, né, que são os que sustentavam a Bolívia, agora aconteceu diferente. Aqueles índios que eram a maioria, eles tem filhos que estão estudando, que se formaram, são médicos. Agora eles participam. E agora conseguiram colocar um presidente na Bolívia, pela maioria dos votos, que a parte branca da Bolívia, que a parte que quer ser, continuar sendo na oligarquia, digamos, não consegue porque os indígenas estão em maioria, né. (...) Então eu gosto de ver sempre essas, é tem várias coisas, né. Então a gente se intera muito. Esse é um dos que eu entro (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Roberto e Pablo, em Porto Alegre, constroem um caminho próprio de usos da internet, a partir de um olhar crítico sobre a mídia, que os fazem buscar o confronto de versões daquilo que é publicado em diversos veículos de comunicação, movimento que é facilitado pelo uso da internet. Para Roberto, a escuta da rádio *El Espectador*, principalmente seus programas de debate e o matutino *Tertulia*, disponíveis para fazer *download*, remete a uma questão de pertença. Ele compara com os programas de rádio brasileiros e, por mais que esteja longe do Uruguai há muitos anos e que não tenha pretensão de voltar, de alguma forma se reconhece nos programas de rádio uruguaios, que procura escutar nos momentos de lazer. Pablo

¹¹² Evo Morales foi reeleito em dezembro de 2009.

organizou uma rotina informativa que contempla o contraponto entre várias mídias de seu país e de outros, identificadas em suas diferentes tendências:

Do Uruguai, tem coisa que eu gosto muito do Uruguai, por exemplo, eu pego o rádio do Uruguai e fico ouvindo esse programa, que ele divulga no podcast, que eu faço nos meus tempos livres, **eu não achei no Brasil programas que eu ache que tem o mesmo nível cultural e nativo**. Ta, aqui em Porto Alegre, a única rádio informativa, falando de FM, que eu achei é a *Bandeirantes*. Mas, acho que o nível do programa é médio, se fosse de um a dez, eu diria que são cinco. A capacidade da pessoa que ta falando de questionar a coisa e de analisar é médio, eu acho medíocre, ta. Eu pego a rádio do Uruguai e normalmente as entrevistas são, não sei, acho que o pessoal mais capacitado, a pessoa que ta falando no rádio acho que tem uma outra formação, não sei, eu acho diferente, e não é só por causa da língua, porque o português, me sinto bem cômodo ouvir, de ouvir português também, mas eu acho que tem uma diferença do nível cultural dessa rádio do Uruguai. Essa rádio do Uruguai também é uma rádio muito específica, não to falando de todas (Roberto, 36 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

Do meu país, leio os jornais fortes do meu país. Você tem a ideia mais clara do que acontece no teu país, do que o que acontece no Brasil. **Então eu sei bem que no meu país não só tenho que ler um meio de comunicação, porque às vezes os meios de comunicação não são imparciais, têm a sua parcialidade**. A coisa que eu falei: Zero Hora e Folha de São Paulo, não sei quão imparciais sejam. Sei que devem estar inclinados para algum lado, mas, por exemplo, no meu país eu leio jornais da oposição, do governo, jornais que estão na linha do governo, que tem os comentários de certos periodistas, comentaristas de meu país. E agora que estou convivendo com pessoas de fora, me interessa saber o que acontece com eles. Então, eu leio, assisto pelo *YouTube* os programas de opinião, programas de comentários, leio alguns jornais que eles me oferecem e tento procurar noticiários, fontes que sejam um pouquinho mais imparciais. (...) No Equador, *El Comercio*, o que tem mais sucesso. Acho que é um jornal muito imparcial, mas tem suas coisinhas. Leio também *El Telégrafo*, um jornal que é estadual, do estado do Equador, então sempre está totalmente na linha do governo. E também, às vezes, *El Universo*. *El Universo* é um jornal que está do outro lado das coisas que estão acontecendo no governo. Além disso, eu escuto uma rádio que é HCJB, é uma rádio bem imparcial nos seus noticiários, e as opiniões da rádio Visión. (...) E para assistir TV assisto o canal estadual: ECTV. Outro canal que assisto é Tele Amazonas, que é bem em contra o governo (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Dois sites específicos sobre questões nacionais e regionais foram mencionados: *Livio.com*, um portal que oferece *links* para os sites de diferentes mídias, de entidades, órgãos do governo, com informações gerais sobre a República Dominicana, ponto de partida para a navegação de Veneranda; e *Otavalos Online* (www.otavalosonline.com), um site do *pueblo* de Monica, como ela mesma refere, onde acompanha as novidades de sua cidade. São sites que

compõem a rotina informativa dos entrevistados e referem usos que vão além dos sites dos jornais impressos.

Juan também defende a necessidade de não consultar sempre os mesmos sites, mas construir um percurso próprio de usos da internet, o que inclui a visita a blogs e sites de mídias independentes, como o *Global Voices* (es.globalvoicesonline.org), um espaço que compila e publica notícias produzidas através de jornalismo cidadão. Pablo usa os blogs como importantes referências sobre o que acontece no Equador, uma fonte mais próxima da vida cotidiana de quem os utiliza, segundo a compreensão do estudante. Fernando informa-se também pelo site *La Redota* (www.redota.com), dedicado a uruguaios no exterior. Além desses espaços de comunicação e informação usados pelos entrevistados, percebemos uma combinação da comunicação midiática e interacional nos vínculos com o país de nascimento. Juan não apenas lê fontes alternativas de informação, como publica suas próprias versões dos fatos em seu blog e busca informar-se via emails enviados por associações, ONGs e amigos, além das conversas através do telefone:

Porque hay otros medios, ¿no? Lo que pasa es que hay que ubicarse. Pero que yo sé, primero porque soy una persona que pasó por la universidad y tengo contactos, amigos. **Yo recibo correos, intercambio informaciones. Hay organizaciones que me envían correos. Tengo acceso a cosas que mucha gente mismo en Colombia no sabe.** Anoche recibí un correo sobre una manifestación que pasó ayer en una avenida de Bogotá con enfrentamiento de la policía (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Luci e Maria dizem saber mais sobre o que acontece no Peru pelas conversas com amigos e parentes através do *MSN* do que através dos sites informativos do país. Maria complementa as informações através do boletim que recebe do consulado peruano em Porto Alegre, assim como Marcela, que além de visitar o site do jornal *La Nación*, costuma receber emails com notícias do consulado da Argentina.

O foco de interesse de cada um, independente do meio que usam para manter esses vínculos com o país de nascimento, também varia. Enquanto Juan e Fernando priorizam os temas da política, por exemplo, Cleunir e Monica acompanham notícias sobre as festas, a cultura, a vida dos artistas. Arturo busca aproximar-se da vida da Bolívia pelo futebol e pela política, como vimos, e Veneranda se informa sobre a situação econômica na República Dominicana e temas do cotidiano. “Yo veo las noticias de mi país, la música, los grupos folclóricos, bueno es el carnaval la fiesta que hacen, esas cosas es lo que más busco. Como

esta el país, lo que pasa, los artistas como van, la pelota, lo típico de allí y todas estas cosas”. A relação de Veneranda com o cotidiano de seu país de nascimento através do consumo cultural, pela música, sobretudo, é percebida como uma tendência entre todos os sujeitos entrevistados, como veremos.

6.4.4 Consumo e produção cultural

Quatro entrevistados são envolvidos com produção cultural, dois deles como atividade profissional nas áreas da música (Hector, em Porto Alegre, e Juan, em Barcelona) e da pintura (Freddy, em Porto Alegre), e uma como atividade amadora, de lazer e participação social através da dança (no caso de Monica, em Barcelona). Todos eles associam as atividades culturais a usos sociais da internet relacionados à divulgação e visibilidade de suas produções.

Hector aprendeu a criar páginas *web* para o projeto do site de seu grupo de músicas andinas e latino-americanas em que atua com seu irmão e outros músicos, o *Sikuris*. Ele é o produtor e divulgador do grupo, tendo projetado o site www.sikuris.cl com esse objetivo. Lá, há fotos, história do grupo, agenda, cartazes para *download*, acesso a algumas músicas e contato para shows. Os CDs são gravados de forma independente pelos próprios músicos, que cuidam de todos os detalhes, da seleção musical, incluindo a produção da capa e a própria venda, que acontece associada às apresentações que realizam. No verão, os músicos viajam para o litoral de Santa Catarina para tocar em bares e restaurantes como forma de divulgar seu trabalho e vender CDs.



ILUSTRAÇÃO 25: Site Sikuris.cl.

Apesar do esforço por aprender algo da linguagem HTML e depois aprender a usar o programa *Frontpage* para criar o site com o objetivo de ampliar as possibilidades de divulgação do grupo Sikuris, Hector fala dos limites desse trabalho: “Eu acho mais isso aqui, a internet eu vejo que é um catálogo eletrônico, que se tu quer divulgar, tu tem que usar outro tipo de mídia, como se diz, pra divulgar a página para que as pessoas vejam que tu tens”. Como trabalha sozinho, sente dificuldade nessa divulgação, prejudicada também porque ele não sabe usar sites de redes sociais ligadas ao universo da música. Seus próximos objetivos são criar um perfil no site *MySpace*, com a possibilidade de disponibilizar músicas próprias, e a publicação de vídeos de apresentações do *Sikuris* no site *YouTube*. Hector ainda utiliza o email para mandar orçamentos sobre as apresentações e vender os shows. Ele possui uma lista de contatos de mais de 200 emails de entidades, associações, prefeituras, para os quais pretendia divulgar o site e, assim, a música do grupo Sikuris.

Juan, em Barcelona, é o entrevistado que mais se movimenta por diferentes ambientes comunicacionais da internet, de modo a usá-la para a divulgação de sua música. Ele possui dois perfis no site de redes sociais *MySpace*¹¹³, cada um com características diferentes, como explica: “En *MySpace* son dos como páginas, de que va de un tipo de música folclórica, y la

¹¹³ <http://www.myspace.com/juangratinianolopez>

otra que son canciones un poco más libres, no con harpa, sino con guitarra. Pero composiciones mías”.

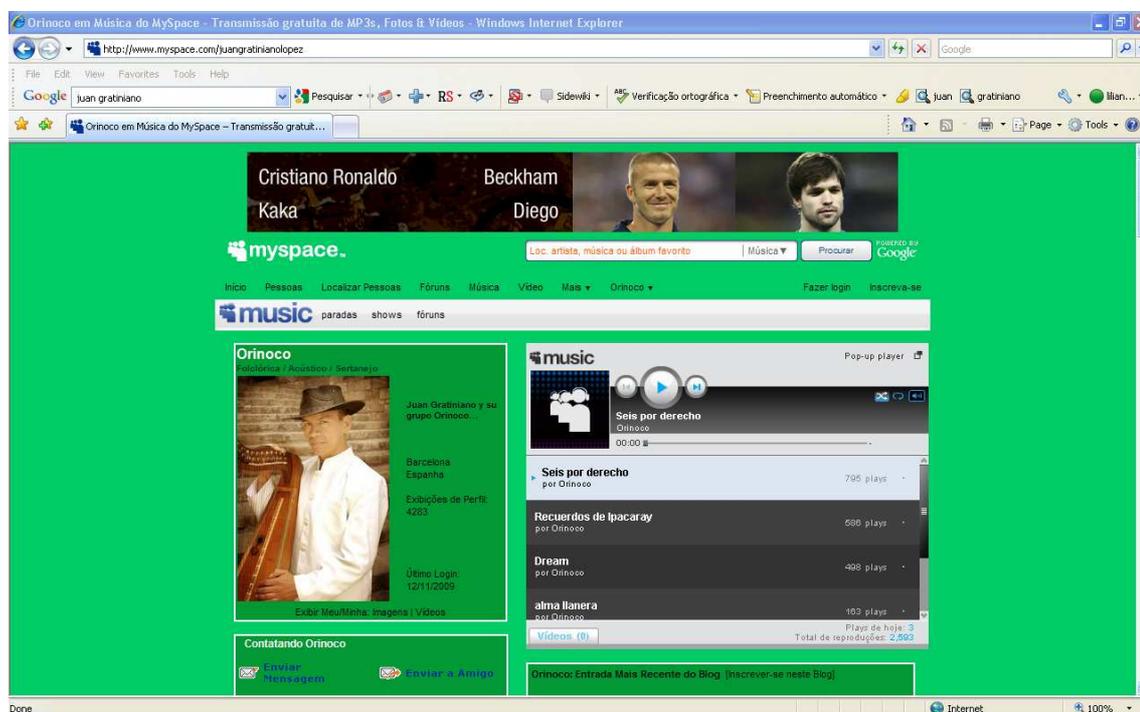


ILUSTRAÇÃO 16: Perfil de Juan no site de redes sociais *MySpace*.

Ambos têm links para seu blog, fotos, músicas, vídeos. O músico também diz que gostaria de divulgar mais esses endereços eletrônicos como forma de fazer conhecer a sua música. É o que ele busca ao publicar pequenos anúncios de seu trabalho em sites de amigos ou páginas gratuitas, embora sinta dificuldade em perceber o retorno dessa divulgação. Somente dois contratos foram conseguidos através de contato por internet. “Me encontraron por internet. O sea, por internet se encuentra a uno, pero el problema es que yo no sé vender bien eso. Hay gente que es experta en vender por internet, yo no”. Mesmo assim, ele, além dos anúncios e do *MySpace*, divulga seu email nos CDs que vende nas ruas de Barcelona. São os retornos que recebe através do email que mostram a repercussão de seu trabalho em diferentes lugares do mundo:

Curiosamente aquí he logrado vender mi música literalmente a todo el mundo, porque mi música ahora está en Japón, China, Estados Unidos, Suiza, Canadá, Brasil, Argentina. Seguro que en todos esos países hay gente que ha comprado un CD mío. Eso hace con que curiosamente yo sea conocido en muchos lugares del mundo. Yo tengo una anécdota. Hace unos meses me escribió un señor que dijo: **“Mira, yo soy de una emisora de Uruguay y un día le compré un CD en la calle. Y ahora estoy tocando**

tu música en la emisora”. Eso hace con que suene mi música en emisoras de Japón, de Estados Unidos, de Uruguay, de Venezuela... (Juan, 42 anos, nascido na Colômbia, residente em Barcelona).

Freddy criou, com a ajuda de um amigo, um blog para divulgar uma de suas exposições, mas o blog não foi mais atualizado. Para o pintor, o email serve como principal meio para divulgação de sua obra, organização de exposições, contato com galerias e com os compradores de seus quadros. Em cada pintura vendida também vão informações com seu currículo e email. Trata-se de um “marketing elementar”, como refere Freddy. Além disso, ele usa a internet para pesquisar sobre seus pintores preferidos, como Picasso e Matisse, e para visitar museus online. Ele já fez algumas viagens para conhecer os museus com obras importantes desses e de outros artistas que admira. “Bom, agora com a internet sou feliz. Vejo *centenares* de Picasso. Porque para um pintor ver pintura é fundamental”.

Monica não trabalha com produções culturais, mas dedica parte de seu tempo livre para as danças folclóricas equatorianas no grupo *Saihua*, em Barcelona. Eles se apresentam em festas organizadas pela prefeitura, como a do Dia Internacional do Migrante, onde a conhecemos, ou em encontros e festas nos bairros da cidade e entidades comunitárias. O grupo está vinculado a outro, de mesmo nome, criado no Equador, que mantém um blog com informações sobre as atividades que realizam. O grupo de Barcelona ainda não criou o próprio blog, mas divulga a dança equatoriana em vídeos publicados no *YouTube*. Monica costuma usar o *YouTube* também para acompanhar o que acontece no Equador. Ela descobriu vídeos que mostram o mercado de artesanato em Otavalo, onde costumava trabalhar e também sobre a festa de carnaval chamada *Pawkar Raymi*, realizada em sua cidade. O *YouTube* também é fonte para acompanhar as novidades da música e escutar as preferidas. “A mi, a ver, a mi me gustan las de mi país, las folclóricas, las folclóricas, las românticas, pasillos, boleros y un poco de todo, pero mas son esos”.



ILUSTRACÃO 17: Vídeo do grupo de danças *Saihua* no *YouTube*.

O consumo cultural através do uso de sites, do *download* de músicas, da busca de vídeos, da troca de arquivos, do acesso a rádios online, está presente para a maioria dos entrevistados. Alguns dos quais, como Hector, dizem manter forte o interesse pelas coisas de seu país em função da música e da cultura de um modo geral, da qual fazem parte e com a qual se identificam. Em suas visitas ao Chile, são essas referências culturais que Hector busca fortalecer:

Olha, eu realmente to ligando pouco, digamos, pra o que que ta acontecendo politicamente. Porque a gente fica decepcionado. (...) Eu vou lá mais pra passear mesmo, ver os primos, **curtir o que nós gostamos do Chile, certas comidas, alguma coisa de conjunto, música, ir a shows, essas coisas, ta ligado pra saber se saiu alguma coisa nova de música**, assim. Meu cunhado esteve há pouco lá, trouxe um CD, um DVD de não sei o que. Então, essas coisas que a gente se liga mais. É um lado, digamos como mais patriótico (Hector, 48 anos, nascido no Chile, residente em Porto Alegre).

A música também está presente com força no cotidiano de Pablo, filho de músicos, que aprendeu a tocar piano quando criança. Entre as comunidades nos sites de redes sociais em que participa estão as dedicadas à política e à música. Ele ainda baixa músicas de seus artistas preferidos e costuma ouvir algumas rádios na web:

Pra mim a música é básico. Sem música eu não posso viver. A música que **eu gosto é música clássica, música eletrônica, jazz**, coisas um pouquinho assim. **Algo que também foi uma coisa muito forte da internet foi que o meu cantor favorito é Michael Jackson e eu estava na internet no momento que aconteceu toda aquela coisa de que ele morreu.** Eu participava de uma comunidade do Michael Jackson e, de repente deu isso, então só pela internet eu fiquei sabendo e acessei o site dele e só foi a confirmação. Então as comunidades são mais de música e de política (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Além de seu cantor preferido, Pablo gosta de salsa, de música latino-americana, de um modo geral, músicos da Bolívia e do Equador estão entre suas referências musicais. “Julio Jaramillo, que é um cara que cantava música bonitinha. Ele cantava poesia, se pode falar. Ele que é bem antigo. É como o Tom Jobim do Equador. E agora o Fausto Miño, que é um cantor que está fazendo sucesso lá no Equador. Baixo pela internet e fico escutando”.

Arturo, Klaus, Marcela, Luci e Veneranda também têm, entre seus principais usos da internet, o hábito de assistir a vídeos de músicos no *YouTube*, ouvir rádios *online*, fazer *download* de arquivos de música em formato mp3, fazer pesquisa sobre música e sobre a história de artistas, muitos dos quais relacionados à produção cultural de seus países de nascimento. Arturo, como outros entrevistados, fala que procura escutar essas músicas quando sente falta ou lembra de algo de seu país. Ele também pesquisa sobre danças típicas da Bolívia pelo buscador *Google*:

E outro que eu entro, **aí já é mais pra matar a saudade, é de músicas, de danças.** Entro no Google, aí eu boto danças típicas da Bolívia e aí eu vejo, sabe, aquilo, que te transporta do teu tempo, quando tu dançava e te emociona. Eu me emociono muito. **Eu olho, tento aprender, quando tem festas de bolivianos, quero dançar como eu vi ali. Então esta é uma forma de eu estar unido ao meu país, sabe.** Por meio da música, vejo alguns clipes, aqueles, alguns cantores argentinos, que eu, com minha ex-esposa, a gente gostava muito, nos 70, né, Palito Ortega, pega Leonardo Fabri. Então, as vezes, eu acesso. E aquilo é uma forma de te acalmar, se tu está meio nervoso, assim, aí, eu coloco ali no Google, procuro ver Mercedes Sosa, do meu tempo de universidade. Então, a internet serve pra mim também, pra isso, me acalmar, pra estar em paz comigo mesmo e matar a saudade, sabe. Agora tem rádios que tu escutas, como tu, o sucesso da Bolívia tu escuta aqui. Antigamente tu não sabia do país (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

Klaus não tem mais CDs em casa. Seu único meio de escutar música é através da internet, principalmente pelo *YouTube*. Marcela se interessou por pesquisar sobre

instrumentos usados na música argentina em sites especializados. Veneranda lembra dos músicos dominicanos Juan Luis Guerra e Ramón Cordero entre seus preferidos.

Luci criou uma lista dos seus *40 principais*: “Juanes, Rihanna... Yo llamo de los cuarenta principales. Lo que está tocando más de momento, yo trato de buscar y pongo en mi lista para estar al día”. São essas músicas que ela costuma tocar em seu computador no locutório para todos os clientes escutarem. Entre os preferidos também estão os músicos que passou a conhecer no período em que viveu na Argentina. “De Argentina, *Los Paralamas, Los Auténticos Decadentes... La década prodigiosa*, es un CD que se llama *La década prodigiosa*. Tengo muchísimos temas de Argentina. Música folclórica, me encanta: *Los Granjeños*”.

Com uma produção cultural diversa, ligada à dança, à pintura e à música, em parte associada a vertentes folclóricas ou tradicionais, os entrevistados constroem sua trajetória pessoal no país de migração através de uma aproximação a matrizes culturais dos países da América Latina. Há vários modos de sentir essa relação entre as culturas latino-americanas e as manifestações culturais de Hector, Juan, Freddy e Monica. Como explica Freddy sobre sua obra: “Um pintor não é um fotógrafo. Então, Uruguai deve estar em mim, como está Porto Alegre e Brasil também”. Como os olhos não são câmeras, ele diz, o Uruguai, a América Latina estão em seus quadros nas formas, nas cores, nas memórias, nas referências.

Essas manifestações culturais, apesar dos limites reconhecidos pelos próprios entrevistados na dificuldade de divulgação, ganham visibilidade na internet. Para todos os entrevistados, o consumo cultural pela internet garante a manutenção de um forte laço com seus países de nascimento, reconhecido nas músicas, dança, artesanato, poesia, pintura. A internet facilita, assim, o acesso a produtos culturais diversos, buscados a partir das lembranças e da saudade do país de nascimento ou de outros países para onde já tenham migrado e também em função do desejo de acompanhar os sucessos e as novidades que surgem no cenário cultural local.

6.4.5 Aprendizado de idiomas

Para os entrevistados, as mídias em geral são usadas no aprendizado do idioma do local para o qual migraram. Poucos referiram sites específicos, mas utilizaram jornais e revistas como uma forma prática, fácil e acessível de entrar em contato com a língua portuguesa, no caso de Klaus, em Porto Alegre, e com o catalão, nos casos de Fernando, Juan,

Cleunir e Sara, em Barcelona. Na Espanha, o consumo da televisão catalã também aparece relacionado ao aprendizado do idioma, e, como referimos, a algumas críticas que são feitas aos canais nacionais.

Marcela, aluna de um curso de português na UFRGS, usa dicionários online para tirar dúvidas sobre a grafia e o sentido das palavras. Ela também costuma ler sites em língua portuguesa com o objetivo de ampliar sua capacidade de compreensão e é uma das colaboradoras do blog¹¹⁴ – criado para participação dos alunos do curso – em que são comentados os textos de literatura brasileira indicados para leitura. Na época da entrevista, Marcela estava lendo “O encontro marcado”, de Fernando Sabino. O blog funcionava como um espaço de ampliação da leitura e de troca de impressões com os colegas, todos estrangeiros de diferentes países, desafiados a ler, construir seus próprios textos a partir da leitura e comentar os textos uns dos outros. Ela também participa de um blog sobre música brasileira¹¹⁵.

6.4.6 Cidadania jurídica

Assim como a internet é importante para construir os projetos de migração, ela é usada como facilitadora na busca de informações sobre questões relacionadas às condições de cidadania jurídica dos migrantes. Através dos sites da Polícia Federal, em Porto Alegre, e do governo da Catalunha ou da prefeitura de Barcelona, os entrevistados procuram saber sobre os processos para pedido de residência ou permissão de autorização para trabalho, os documentos necessários e encaminhamentos. Além disso, podem acompanhar seus próprios processos, evitando a ida até o órgão responsável apenas para consultar sobre o andamento de seus pedidos. Segundo os entrevistados, essa possibilidade facilita e também oferece mais segurança quanto à agilidade dos processos, embora alguns reconheçam a dificuldade de encontrar as informações nos sites e comentem sobre a falta de transparência dos dados.

Antes de migrar, a pesquisa nos sites dos consulados sobre questões de visto é outro uso bastante comum da internet entre os entrevistados. Apesar da burocracia, Marcela fala da possibilidade de pesquisar as informações principais sobre o que precisava para morar no Brasil como estudante no site do consulado brasileiro na Argentina e também em sites da

¹¹⁴ <http://literaturabrasileiranoppe.blogspot.com>

¹¹⁵ <http://sobremusicabrasileira.blogspot.com>

Argentina. Ela, assim como Pablo, referem a qualidade das informações prestadas pelo site da Polícia Federal no Brasil:

No início sim, no ano passado eu vim aqui com toda a papelada certa do país, **porque eu acessei lá no site do consulado do Brasil em Argentina, que tem seu próprio site. Então aí eu vi todos os requerimentos do que eu precisava.** São muitos, são sete, que eu precisava para tirar o visto de estudante. Então também graças ao site do consulado no meu país eu consegui já me informar de tudo antes de ir pessoalmente levar os papéis. Então, na verdade a internet é fundamental para tudo nessa troca de país que eu fiz. (...) **Tudo o que eu preciso tá na internet.** Por exemplo, o estrangeiro tem um cartãozinho de estrangeiro especial. No primeiro dia que fui pra lá, fui com todos os documentos que sabia que tinha que levar. Disseram que na internet, na página da polícia federal, era só colocar o meu número que ia saber quando ficava pronta a carteirinha. Então não preciso ir lá e perguntar: “já está minha carteirinha?”. Não, é olhar na internet, quando tá pronta vou lá e pego (Marcela, 34 anos, nascida na Argentina, residente em Porto Alegre).

Lá no Equador ainda não tem muita cultura de internet. Ainda você vai pra escritório para perguntar que papéis você precisa. Isso implica um tempo de ida até o escritório e de volta para a sua casa. **Para as coisas brasileiras não precisava. Entrava no site: “Você que quer viajar, fazer o visto, precisa de...”.** Só tinha que chegar lá com aqueles documentos. Se tem alguma dúvida tem as perguntas frequentes, onde geralmente você fica sabendo tudo o que precisa. E se ainda tem alguma dúvida, tem o número do telefone, mas tudo isso tem em internet (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Pablo ainda refere um site criado pelo governo equatoriano que funciona como um *consulado online*, com a indicação dos consulados em cada cidade e país, além da possibilidade de agendar entrevistas e esclarecer dúvidas. “Nesse consulado online, você às vezes nem sabe, estou aqui no Porto Alegre e eu não sei que tem o consulado no Porto Alegre do meu país. É só entrar naquele site, você pode pegar uma *cita* pra falar com o cônsul. É uma ajuda muito grande”.

Klaus e Freddy, no entanto, são críticos do modo de atuação da Polícia Federal em Porto Alegre, pela falta de clareza dos critérios usados para os pedidos relativos aos processos de cidadania dos migrantes, pela falta de informações objetivas e padronizadas sobre os documentos necessários e, algumas vezes, pelo atendimento desigual. Freddy chega a lembrar que teve seu processo facilitado pela ajuda de um policial, o que agilizou os trâmites que costumavam demorar muito mais tempo:

Por exemplo, histórias são sempre interessantes, de qualquer um, mas quando eu não tinha documentos aqui, nesse primeiro ano, era difícil porque

Brasil tava em ditadura ainda e eles exigiam muito. **Era complicado. Então fui à Polícia Federal e o chefe da Polícia Federal que eu fui para pedir a possibilidade de ter papéis...** O chefe era pintor também e tinha me assistido. Então já não era o chefe era uma pessoa quase amiga. Me facilitou. Não que fez coisas extraordinárias, mas facilitou aquilo que leva meses em espera. Não é que ele me tirou da fileira, mas ele me disse: faz assim, faz assim, faz assim... Já não era complicado, já era como todo mundo poderia fazer. Porque é complicado por causa da ignorância muitas vezes, dos procedimentos (Freddy, 71 anos, nascido no Uruguai, residente em Porto Alegre).

E eu me lembro que em 99, quando eu tinha carteira de estrangeiro, **a polícia federal, ela não é muito simpática dependendo do agente que pega**, claro que isso é uma lembrança de 99 a 2000, são nove anos atrás, mas eu me lembro sim, que dependendo do agente que te atendia na bancada lá do departamento de identificações, era, podia te complicar, tu já era, te pediam coisas que eram absurdas (Klaus, 31 anos, nascido no Paraguai, residente em Porto Alegre).

Também em Porto Alegre, Maria não ficou sabendo sobre o processo de anistia para estrangeiros pela internet, mas pessoalmente, na igreja da Pompéia. A informação circulou depois no informativo *A Família da Pompéia* em sua versão impressa e digital. Ela lembra também de ter lido uma notícia no portal Terra. Essa era a informação que aguardava para regularizar a situação no país. Ana, que também não tem documentos que autorizem sua permanência em Barcelona, costuma visitar sites que tratam do assunto, principalmente o do consulado brasileiro.

Em Barcelona, Cleunir refere em seus usos da internet a pesquisa em sites sobre o tema das migrações para esclarecer dúvidas sobre processos de cidadania e questões legais na Espanha, principalmente a pedido de amigos que requisitam sua ajuda. Ele lembra de um caso específico em que um amigo foi demitido de uma loja e não sabia quais eram seus direitos com a rescisão do contrato. “São 45 dias de finiquito¹¹⁶ por ano, mais as férias, tudo proporcional aos anos de trabalho. Eu disse mais ou menos quanto ele ia ganhar. E fiquei sabendo disso em um jornal latino... Mundo Hispano”. O jornal, que circula em versão impressa, é disponível no site www.mundohispano.info.

Monica e Veneranda também já precisaram pesquisar sobre o trâmite de papéis e questões de cidadania em sites na internet. Para Veneranda, as informações circulam mais facilmente nas associações em que participa, mas ela diz que muitos migrantes procuram ajuda por não saber como proceder. Nesse sentido, sites como o *Sin Papeles* (www.extranjerossinpapeles.com), citado pelos entrevistados durante a etapa dos

¹¹⁶ Pagamento feito no final de um contrato de trabalho.

questionários, em Barcelona, são referências para discussão sobre direitos e deveres no país de migração, esclarecimento de dúvidas e, até mesmo, consulta ao parecer de advogados que respondem a emails ou publicam comentários em fóruns de discussão.

Além do *Sin Papeles*, Fernando se lembra do site de uma ONG que conheceu quando esteve na Galícia. O site da ONG *Ecos do Sur* (www.ecosdosur.org) traz orientações gratuitas sobre questões legais e sobre o trâmite de documentos referentes a processos de cidadania jurídica. Os dois sites eram usados por ele, durante o tempo em que trabalhou no locutório, para buscar informações que pudessem ajudar aos migrantes que pediam orientação, principalmente quanto ao encaminhamento de documentos e a situação de seus processos. O locutório servia, assim, como intermediário para esses migrantes que desconheciam os caminhos que deviam percorrer para regularizar sua permanência na Espanha, usando para isso os sites que prestam algum tipo de orientação.

O que percebemos pelos usos da internet identificados, portanto, é que, mais do que os sites de órgãos oficiais ligadas a questões migratórias, há todo um universo de mídias de migração disponíveis na internet e de sites de organizações não governamentais que ajudam na busca e disseminação de informações que possam facilitar e orientar os migrantes quanto a processos de cidadania jurídica.

6.4.7 Usos de mídias de migração

Associados aos usos da internet em função de questões de cidadania jurídica estão os usos de sites que tematizam assuntos gerais vinculados à experiência de migração, entre eles os sites de mídias voltadas ao público migrante, como o do jornal *Mundo Hispano*, citado por Cleunir, e o *Latino* (www.latinobarcelona.com), consumido em sua versão impressa por Veneranda, ou ainda, o *Sí, se puede* (www.sisepuede.es), lido por Luci no locutório. Há outro jornal voltado a migrantes latino-americanos e lembrado nos questionários: *Latinoamérica Exterior* (www.latinomericalexterior.com). Os quatro publicam notícias sobre países da região (entre outras, no caso de *Sí, se puede*, destinado a diferentes coletivos migrantes residentes na Espanha), matérias sobre o dia-a-dia de migrantes em Barcelona e na Espanha, sobre cultura e esportes.

Outra mídia voltada para migrantes, referida por Monica, trata-se do jornal *La Vergüenza*, editado pela ONG equatoriana Comparte, com versão impressa e online¹¹⁷

¹¹⁷ Não mais disponível online em dezembro de 2009.

(www.laverguenza.org). A publicação, menos comercial e mais crítica ao tratamento dado aos migrantes, trazia, em suas primeiras edições, entrevistas, depoimentos, opiniões e reportagens sobre a situação da migração equatoriana na Espanha.

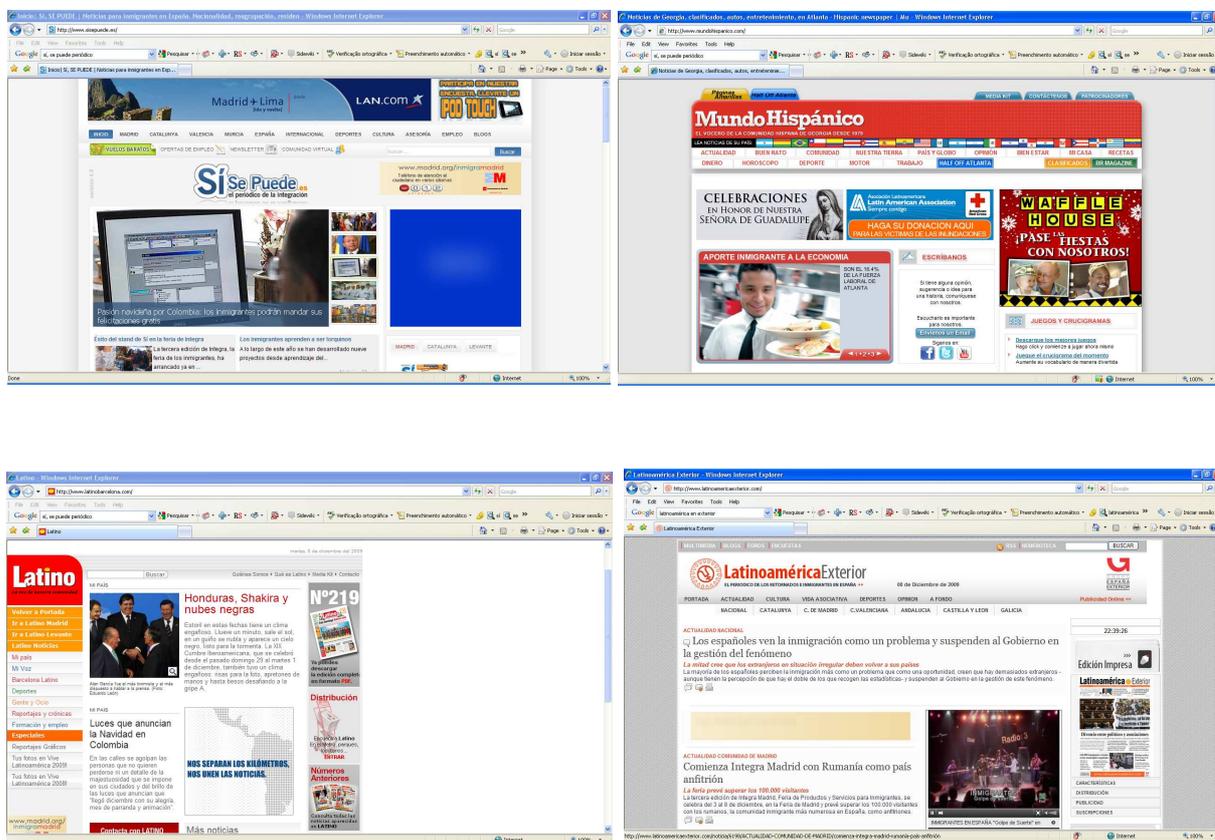


ILUSTRAÇÃO 18: Sites dos jornais voltados a migrantes– Sí, se puede, Mundo Hispano, Latino, Latinoamérica Exterior

Em Barcelona, além dos jornais impressos e online, uma série de mídias voltadas para a comunidade migrante integra um mercado editorial que se especializa para esse público. Entre essas mídias, destacam-se as revistas, também oferecidas em papel e na internet, que servem de espaço para conteúdo segmentado e anúncios de uma rede de serviços e produtos dedicados a latino-americanos, como lojas, bares, salões de beleza, restaurantes. A revista *Shock* é um exemplo de publicação especializada para migrantes latino-americanos em Barcelona.

Diferentemente dos jornais, com foco no jornalismo informativo, a revista *Shock* se propõe a tratar de temas de variedades, cultura e sociais, com amplo espaço para colunas opinativas, para fotos de artistas e para ensaios sensuais de homens e mulheres. Tem distribuição gratuita em estabelecimentos comerciais latinos, sendo vendida em três bancas de revistas no centro da cidade. Entre os colaboradores da revista, está Cleunir, que escreve

desde 2004, com um espaço também no site da revista (www.larevistashock.com), onde é reproduzido o conteúdo da versão impressa:

Eu praticamente fui quem a lançou em Barcelona. **Desde o princípio, eu já escrevi mais de quarenta crônicas nesta revista**, assinada por mim. Não sou jornalista, mas faço por hobby, por gostar. (...) Escrevo, tenho duas colunas. Tenho uma coluna que escrevo sobre sociais e todo tipo de coisas e outra sobre artistas, artistas, o mundo da noite, o mundo das festas, tudo relacionado a artistas. Tem vários artistas importantes como Ivete Sangalo, por exemplo. Como Monica Green, uma artista americana muito conhecida. E brasileiros, quase todos os cantores, quase todos os artistas brasileiros que vêm a Barcelona eu fiz entrevistas. Famosos e não famosos, muita gente importante. Bom, é isso, eu escrevo. Crônicas sociais, polêmicas, escrevo bastante sobre polêmica, sobre terrorismo, sobre as coisas do vaticano, sobre a pena de morte, sobre os gays, sobre tudo. Eu gosto muito de escrever (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

Ele ainda colabora na produção de um programa televisivo chamado *Ritmo Latino*, em um canal de televisão fechado (Canal Latino, 52) e faz entrevistas para o programa de televisão vinculada à revista *Shock*, em outra emissora (Tele Ciudad, canal 32). De todo o trabalho com a mídia, Cleunir diz que o aspecto mais positivo é o retorno que recebe por email. Ele fala da interferência dos editores nas pautas e na edição final dos textos publicados, dos temas que sugeriu e foram vetados pela inadequação ao foco da publicação, das dificuldades pelo fato de não ser jornalista e do desafio que assume ao escrever para uma revista com um público amplo, sobretudo em função da distribuição gratuita:

Tenho muito retorno porque as pessoas pedem que eu escreva. Eu tinha uma coluninha de seis centímetros e agora são duas páginas ou três. O que quero escrever, tenho livre arbítrio para escrever, para escrever o que eu quero. (...) **Muita gente me escreve**, muita gente porque tenho no Messenger, por exemplo, a página da revista e fica constantemente aí e as pessoas entram, estão falando, me mandam emails. **O que mais me interessa é que leiam, mesmo que me critiquem, como muitos já fizeram.** Às vezes até o editor ao tentar adaptar o texto, acaba mudando alguma coisa também. Até em jornais eu leio erros também. É muito complicado isso (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

Em Porto Alegre, onde não existe uma produção midiática voltada especificamente para coletivos migrantes, como acontece na Espanha, além das informações que circulam através dos consulados, podemos referir o boletim informativo *A Família da Pompéia*,

editado mensalmente pelo CIBAI-Migrações, como uma mídia importante para os entrevistados. O boletim circula em versão impressa (formato A4 de quatro páginas), enviado em formato PDF por email para a lista de cadastrados e também é disponibilizado no blog da igreja da Pompéia (<http://pompeiacibai.zip.net>).

A publicação divide-se em informações voltadas para a comunidade italiana (seção *Presenza Italiana*) e latino-americana (*Informe Latino*), com espaço sempre para uma matéria de capa (em dezembro abordavam os 50 anos da igreja da Pompéia e convidavam para a festa), editorial e informes, convites, avisos e pequenas notas. O boletim busca reunir informações que possam interessar outros coletivos migrantes presentes em Porto Alegre, com atuação nas atividades da igreja, como coreanos e africanos. Sempre há chamados para festas religiosas e encontros dos grupos migrantes, que costumam usar o salão da igreja para seus eventos. A publicação é trilingue: português, italiano e espanhol.



A Família da Pompéia

1959 - 2009: 50 anos com os imigrantes.



Informativo do CIBAI - Migrações - nº 376 - Dezembro - 2009
Rua Dr. Barros Cassal, 220 - CEP: 90035-030 - Porto Alegre / RS
Fone/Fax: (51)3226-8800 e 3286-6028 - e-mail: pompeiacibai@yahoo.com.br - <http://pompeiacibai.zip.net>

JUBILEU - OS 50 ANOS DA POMPÉIA

A celebração dos 50 anos da Pompéia nos leva a refletir o porquê se dá tanta importância a um Jubileu. Na Bíblia ele é um gesto de reconhecimento que tudo o que se tem é um presente de Deus. Por isso é preciso ter uma gratidão especial que deve levar não apenas a atos de culto, mas principalmente a práticas de justiça e de partilha, como era: a libertação dos cativos, a entrega da terra ao seu primeiro proprietário, o descanso da terra (rodízio das culturas) e o perdão das dívidas aos pobres. Assim no Jubileu vive-se a grande liturgia da vida.

Queremos que essa mesma dimensão esteja presente nos 50 anos da Pompéia. A celebração quer ser uma homenagem a todos os migrantes. A riqueza do testemunho de inúmeros agentes missionários (as), italianos, hispano-americanos, orientais, africanos, estudantes internacionais, movimentos espirituais, amigos da Pompéia, mulheres (patronesses e mães) que construíram essa caminhada jubilar nos desafia a rever nosso empenho pessoal e comunitário e o serviço a favor da vida no mundo da mobilidade humana.

O jubileu também quer ser um momento de consciência na busca de estímulos às novas práticas propostas pelos documentos da Igreja que são cada vez mais enfáticos para essa problemática, como o de Aparecida, o Plano Trienal da CNBB, a Missão Continental e tantos outros que falam da Mobilidade Humana, mas que facilmente são esquecidos.

Essa necessidade de renovação é uma exigência frente à nova dimensão política que está criando grave tensão em nível internacional principalmente em razão do tratamento inadequado dado ao migrante que é visto mais como um problema policial do que propriamente um acontecimento epocal.

Como cristãos missionários devemos ser instrumento na busca de caminhos para um tratamento humano aos migrantes, pois o futuro da humanidade vai depender de como serão as nossas relações humanas com as migrações. Fato este destacado pelo VI Congresso Mundial da Pastoral dos Migrantes e Refugiados realizado em Roma no mês de novembro de 2009. Por fim, é importante recordarmos o ensinamento de Scalabrini: a migração não é um mal, mas torna-se tal se não tem leis que a regule.

Queremos dar graças ao SENHOR por tudo o que foi realizado e ao mesmo tempo pedir forças para continuar a missão na caminhada com o Cristo peregrino, presente em todo migrante.

Jurandir Zamberlam



06 DE DEZEMBRO - FESTA DOS 50 ANOS DA POMPÉIA

12 de Dezembro - Celebração de N. Sra. de Guadalupe

ILUSTRAÇÃO 19: Capa do boletim *A Família da Pompéia*, dezembro de 2009.

Essas mídias especializadas, na internet ou em outros suportes, servem de referência para os migrantes. É onde eles vão buscar informação e discutir opiniões, diante de um tratamento superficial da mídia acerca do tema das migrações, que, geralmente, não aborda pautas que efetivamente discutam a questão, ou, ainda, tendem a enfocá-la sob um viés estereotipado, que criminaliza e reduz a migração a sua dimensão econômica. Arturo, em Porto Alegre, por exemplo, diz que o pouco que sabe sobre a migração boliviana pela mídia restringe-se a situação dos migrantes em São Paulo, explorados por coreanos em fábricas de costura. Ele diz que busca alguma notícia específica quando recebe a indicação de um amigo e recorda do boletim *A família da Pompéia* como uma fonte informativa, ainda que bastante vinculada a temas religiosos:

Eu, quando abro alguma assim, porque alguém me fala, sabe, - olha, saiu um artigo, assim, acessa lá, ou em tal lugar. E aí tu vai ver sobre alguma coisa que aconteceu, mas não, porque nós temos, na Igreja da Pompéia, nós temos um jornal que sai por mês, então a gente mais ou menos sabe, ali, que é nossa rotina é assim, vai ser liberada, acho que vai ter a anistia, a festa da virgem, não sei de quanto, se tanto (Arturo, 52 anos, nascido na Bolívia, residente em Porto Alegre).

6.4.8 Companhia e ócio

A internet aparece integrada ao cotidiano dos entrevistados como parte de suas práticas comunicativas, também presente nas rotinas de trabalho e como parte do seu tempo de ócio e lazer. É o que indicam Cleunir e Monica. Ambos, ao falar do seu dia-a-dia, mostram a internet como importante referência do que fazem no seu tempo livre:

Em meu tempo livre? É só sábado à noite. Sábado à noite vamos comer em restaurante brasileiro, vamos comer um fondue, é isso. Só no sábado à noite saímos. Comemos, tomamos algo e lá pelas 3, 4 da manhã estamos em casa. Domingo durmo até o meio-dia e nada. **Em casa, internet... Todo o resto do tempo está dedicado à internet.** E quando estou trabalhando estou na internet (Cleunir, 33 anos, nascido no Brasil, residente em Barcelona).

Bueno, mi trabajo va de lunes a sábado hasta el medio día y después de sábado te vas a hacer compras. Vamos a La Boquería porque como yo vivo en la Florida, de ahí antes claro vivía por aquí por Barcelona, siempre de aquí y siempre acostumbrada a la Boquería, siempre acostumbrada a La Boquería. Como trabajo por aquí hasta medio día, pues me quedo después a comprar cosas en el super y luego en La Boquería y luego vamos a la casa

cocinar, la comida **y por la tarde, pues, al chateo** (Monica, 28 anos, nascida no Equador, residente em Barcelona).

Além de todos os usos da internet que apresentamos, que a colocam como parte importante do tempo dos entrevistados, ela ainda é apropriada como uma forma de companhia, de sentir-se acompanhado pela possibilidade de interação através de suas ferramentas comunicativas. Esse sentido é observado principalmente entre os entrevistados que vivem sozinhos, como Luci e Pablo. Ambos dedicam muitas horas por dia à internet e dizem que se sentem acompanhados quando estão conectados:

Tenho banda larga, graças a Deus. Às vezes cai a banda larga pra mim e é um inferno. Eu estou morando sozinho em um JK em que sou só eu, mas quando eu não tenho internet é desesperante, porque é minha única companhia é o computador, é aquele aparato, em que eu procuro coisas, faço tarefas, escuto músicas, tudo eu faço na internet. Assisto televisão, assisto filmes de graça, que é uma coisa maravilhosa, mas já quando isso cai, eu fico desesperado. Eu leio livros, mas tem livros online. Livros físicos aqui no Brasil não tenho ainda, ainda não comprei, porque aqui a conexão de internet é muito melhor do que no Equador (Pablo, 20 anos, nascido no Equador, residente em Porto Alegre).

Ahora estoy en el Messenger. Todo el día estoy conectada ahí. Primero por el trabajo porque mis compañeros se conectan, necesitan algo. Segundo porque, bueno, la familia, entran, me dicen noticias... **O porque me siento acompañada también**, ¿sabes? ¿Y, después, qué más uso? El 100% es el Messenger (Luci, 37 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

6.4.9 Participação política

O exercício da política através do debate, da troca de ideias, da reflexão sobre os projetos de país e de cidade passa pelos usos da internet. Como meio considerado mais democrático pela facilidade de acesso à produção, o que permite que uma diversidade de vozes seja confrontada, a internet é usada, em suas diferentes possibilidades de comunicação, para a busca de informações sobre questões políticas, decorrendo em posicionamentos diversos, e também para a circulação de opiniões, organização de mobilizações e campanhas sociais, incluindo, no caso de nossos entrevistados, até mesmo a proposta de uma candidatura para um cargo eletivo.

O interesse renovado pela política a partir de uma mudança no cenário da Bolívia com a eleição de um novo presidente já foi referido através da história de Arturo. A maioria dos entrevistados, como ele, sente vontade de acompanhar as principais decisões e projetos implantados em seus países de nascimento. Esse contato só é possível, na maioria dos casos, pelos usos da internet, seja através do consumo das mídias locais ou pelo contato interpessoal com os conterrâneos.

Esse interesse é mais forte para entrevistados que têm sua vida entrelaçada por questões políticas, como Fernando, que migrou pela primeira vez em função do regime de ditadura que se instalara no Uruguai. Sua decepção é que, apesar do que identifica como um empobrecimento da população, a situação política não apresenta mudanças. “Miro el periódico en Uruguay, a cada tanto lo miro. Me da la impresión que el tiempo no pasa, porque siguen hablando lo mismo”.

Juan é o entrevistado com mais envolvimento com a política, o único a atuar na política partidária, tendo sido candidato a deputado na Colômbia, em 2005, com uma campanha toda desenvolvida através da internet. Ele permaneceu durante todo o período eleitoral em Barcelona. Seu contato com apoiadores e eleitores foi feito exclusivamente por telefone e pela rede mundial de computadores, através de um site, um blog (columbiaemigracion.blogspot.com) e emails enviados para a divulgação de suas propostas:

El blog yo empecé hace dos años y medio, más o menos, como parte de una campaña publicitaria de una campaña política. Yo fui candidato a diputado por Colombia. **Yo hice toda la campaña por internet que era acompañada por el blog y una página** que se llamaba juangratiano.com. Luego la página la cerré, pero el blog como es gratuito sigue ahí. Era parte de una campaña política (Juan, 42 años, nacido na Colômbia, residente em Barcelona).

Juan contou com apoiadores de sua candidatura na Colômbia, pessoas que, segundo ele, compartilham das mesmas crenças políticas e lutam pelos mesmos ideais. Entre estas pessoas estava um colombiano que tinha ganhado projeção internacional através de um blog sobre política que gerenciava desde a Espanha. Foi ele quem ajudou Juan a pensar as estratégias da campanha eleitoral, o que exigia bastante envolvimento para produção de material informativo, atualização do site e do blog e envio de emails. “Era una campaña montada básicamente en internet. Era una prueba de la posibilidad de gestionar una campaña a nivel internacional por internet. Creo que fue la primera que se hizo en Colombia”.

Segundo depoimento de Juan, os objetivos da candidatura, mesmo sem a eleição, foram alcançados. O músico explica que, na época, não pretendia voltar para a Colômbia, mas tornar seu nome conhecido, debater ideias políticas e deixar uma porta aberta para futuras oportunidades. No embalo da campanha, Juan seguiu a atualização do blog que, desde então, discute questões políticas da Colômbia e da América Latina. Juan começou a enviar emails com as atualizações do blog e a participar de redes de blogueiros colombianos pelo mundo. Em suas publicações, ele reflete sobre a situação dos migrantes e faz um duro combate ao governo do presidente colombiano Álvaro Uribe, no poder desde 2002.



ILUSTRAÇÃO 20: Blog de Juan

Em função das eleições presidenciais e legislativas na Colômbia em 2010, a internet volta a ser usada com força como plataforma para debate de projetos políticos, sobretudo através de fóruns de discussão, emails e blogs. Em seu blog, o tema é discutido em postagens como o texto intitulado *A colombianos* (como vemos na imagem), inicialmente divulgado por email para uma lista de colombianos no exterior. Juan fala da necessidade de pensar em representantes legítimos da comunidade migrante nas eleições: representantes que, valendo-se da experiência de conhecer outras realidades sociais, econômicas e políticas, sejam capazes de pensar não apenas em soluções pontuais para grupos específicos, mas em um projeto de país:

Ningun colombiano por super heroe que sea, no conoce ni conocerá las realidades de los colombianos en los diferentes lugares del mundo los cuales varian a veces de unos kilometros a otros, ejemplo Madrid y Barcelona, con politicas diferentes y en EEUU igual. Pero ademas si estos colombianos en el exterior son tan organizados como dicen y trabajan en equipo como promulgan, por que razon, trabajan y proponen un trabajo para los colombianos en el exterior y por que no se plantea un trabajo de cara al pais, verdaderamente efectivo, donde no trabajemos como pequeñas islas, sino como una sociedad seria y madura?? de que ha servido vivir en el extranjero, si no somos capaces de comparar realidades y crear un proyecto conjunto para nuestro pais (Juan, *post* “A Colombianos”, 30 nov. 2009).

Em seu blog, também é divulgado um *link* para o site *Ciudadanos Colombianos* (www.ciudadanoscolombianos.com), movimento político que se propõe a militar nas eleições e discutir propostas de reforma que busquem transformar o que apontam como os principais problemas enfrentados pela Colômbia: guerra, fome, pobreza, falta de liberdade de expressão e outros limites aos direitos humanos.

Juan mantém, ainda, um blog vinculado à seção *La Comunidad* do jornal espanhol *El País*, espaço que permite a criação de blogs pelos leitores. As últimas atualizações e novos blogs criados pelos leitores aparecem na página de abertura da seção de blogs do jornal (www.elpais.com/blogs), onde participam jornalistas e colunistas do grupo, artistas e outros colaboradores, tratando de temas como meio ambiente, cultura, economia, turismo e política. No blog, disponível no endereço eletrônico lacomunidad.elpais.com/juangratiniano, Juan mantém o foco em questões políticas, incluindo críticas à mídia e ao próprio grupo *Prisa*, dono do jornal *El País*.

Diferentemente do que acontece em seu blog na plataforma do site *Blogger*, os textos publicados na seção de blogueiros do jornal *El País* recebem comentários de outros leitores. São poucos: 13 foi o máximo de comentários que uma postagem recebeu durante o período em que acompanhamos o blog. Ainda assim, há de dois a cinco comentários em outros textos, enquanto a maioria não é comentada, em um movimento comum a outros espaços comunicacionais na internet, em que, apesar da possibilidade maior de interação, a participação muitas vezes se restringe à leitura.

Mesmo assim, Juan mantém as atualizações: “Es curioso, pero son muy pocos los que comentan. No significa que yo no siga publicando porque lo consultan a diario”. O retorno aparece de outras formas, principalmente através dos contatos que mantém por email com o envio dos textos para listas de discussão em que participa (de política ou dedicadas a colombianos no exterior). A participação política, no caso de Juan, integra uma rede de

conexões que vai dos contatos por telefone com a Colômbia, da participação de ações propostas por movimentos sociais, do uso do email para construção de opiniões e o debate de ideias, até a produção de conteúdo autônomo e crítico em seus blogs e a própria candidatura para um cargo eletivo.

6.4.10 Associativismo

A organização dos migrantes em associações, entidades culturais e de caráter social ajuda a compor o cenário das migrações transnacionais. A visibilidade dessas organizações é maior em Barcelona, onde existem políticas públicas que buscam articular órgãos do governo local e entidades civis que tratam das questões migrantes. Em Porto Alegre, embora essa dinâmica seja menos percebida, as entidades, mesmo que em menor escala, estão presentes, atuando mais com propósitos sociais e culturais e também reivindicatórios.

Seis entrevistados, três em cada cidade, participam de algum tipo de associação migrante. Três delas criaram ambientes comunicacionais na internet como forma de entrar em contato com seus associados e divulgar as temáticas com as quais trabalham. Entre as estratégias comunicativas das associações para o contato direto com seus associados também estão o uso do email, de mensagens SMS, da divulgação de informações em sites de redes sociais e, certamente, da comunicação face-a-face.

Veneranda, por exemplo, atuante em duas associações migrantes em Barcelona diz que sua principal fonte de informação sobre o tema são os próprios companheiros das associações, como o presidente da *Asociación de la Comunidad Dominicana en Cataluña*, Manuel Colón: “Mi medio son las propias asociaciones. Sobre todo Manuel. Manuel Colón siempre está al día de todas las cosas y nos lo va explicando a nosotros cuando tenemos reuniones, o cualquier cosa nos llama por teléfono o cosas así”. Como vimos, ela tem dificuldade de usar a internet, limitando seu acesso a poucos sites gravados na ferramenta Favoritos de seu navegador, mas sabe que a entidade em que participa possui um site. Trata-se, na verdade, de uma comunidade no site de redes sociais *Facebook*¹¹⁸, pois o site encontra-se desativado. Ali, 74 membros (ou fãs, como refere o *Facebook*) divulgam as atividades da associação, publicam fotos, trocam comentários, organizam encontros.

¹¹⁸ <http://ca-es.facebook.com/pages/ASOCIACION-SOCIO-CULTURAL-DOMINICANA-EN-CATALUNYA/90582778310>

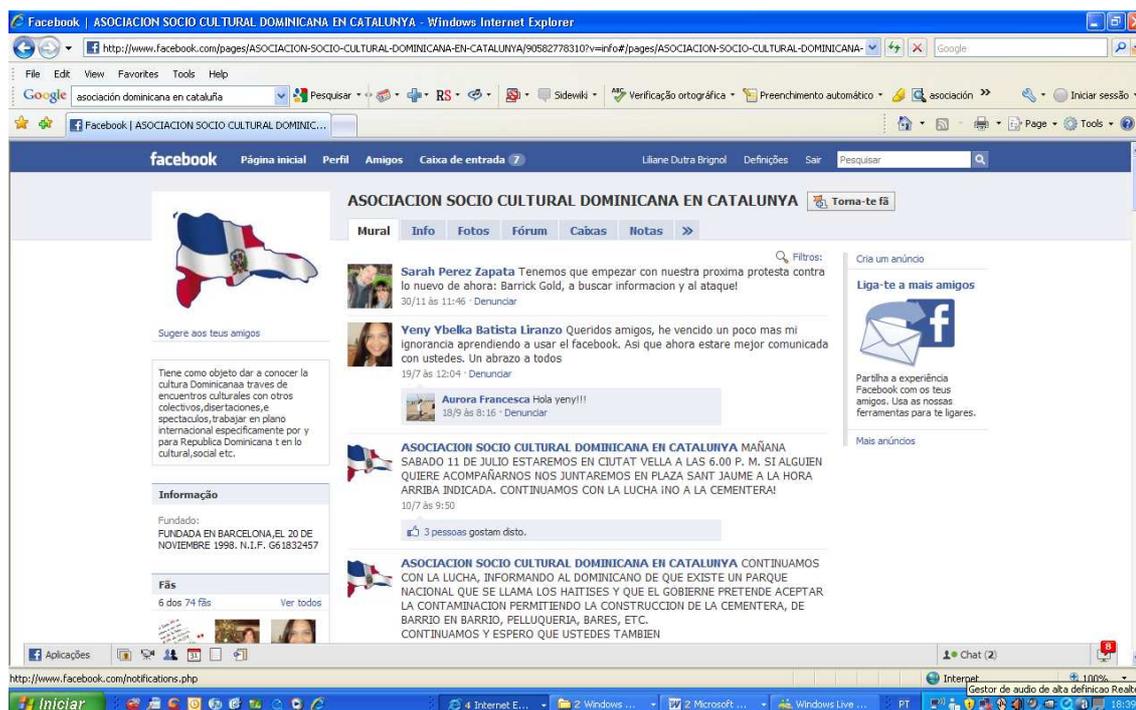


ILUSTRAÇÃO 21: Comunidade da *Asociación Sociocultural de la Comunidad Dominicana en Cataluña* no Facebook

Em Porto Alegre, duas entidades associativas destacam-se: o Centro Cultural Peruano, frequentado por Maria, e o Centro Cultural e Social Chileno em Porto Alegre, que tem Hector como um dos seus fundadores e o criador da primeira versão do site, reformulado depois por uma voluntária. No site, atualizado sem regularidade, com uma estrutura simples, problemas técnicos e poucas ferramentas interativas, são publicadas pequenas notas, incluindo pedidos de ajuda e notas de falecimento, fotos, informações sobre trâmites para processos de migração (com link para o site da igreja da Pompéia, do consulado chileno em Porto Alegre e da Polícia Federal), chamadas para eventos, regulamento da entidade, além de informações demográficas e sobre a cultura e a política no Chile.

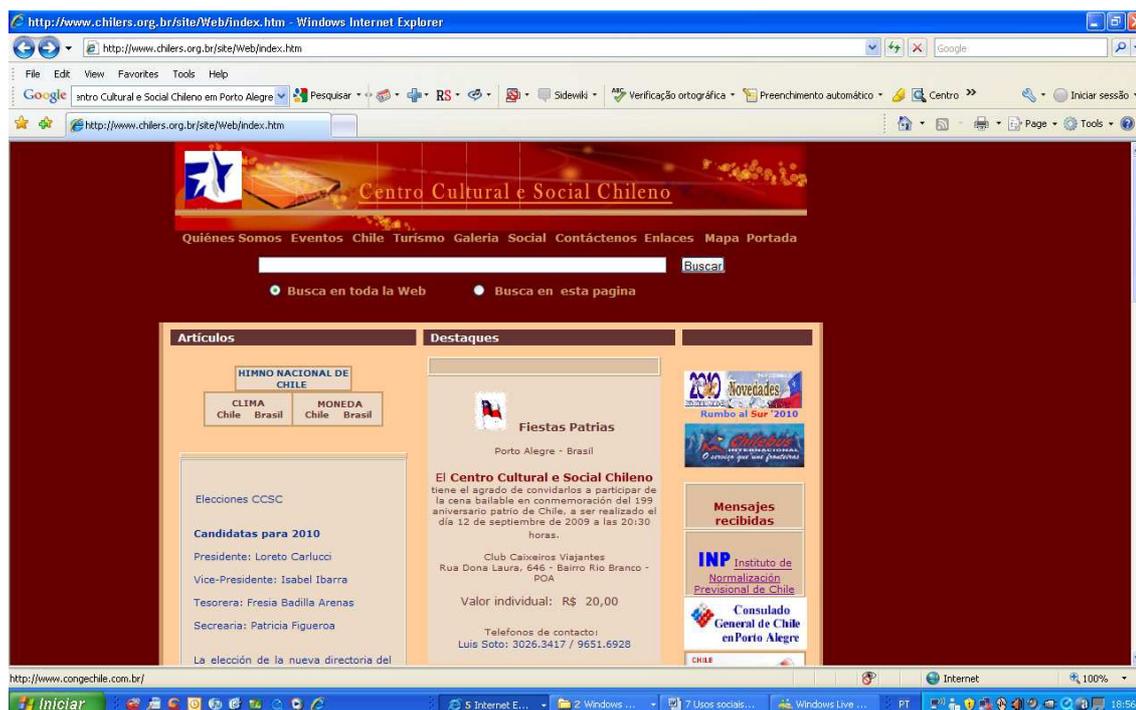


ILUSTRAÇÃO 32: Site do Centro Cultural e Social Chileno em Porto Alegre

A comunicação de Maria com o Centro Cultural Peruano, em Porto Alegre, durante o período em que voltou a viver no Peru, se deu pelo *MSN*. A entidade não possui um site ou um blog que centralize a divulgação de suas atividades. Nesse período, ela se comunicava com o presidente do centro, o psicólogo Carlos Nevado, que conheceu no tempo da faculdade.

Eu escrevia pras minhas amigas, falava por telefone, eu não perdi o contato. Não perdi. E o Carlos, por exemplo, pelo centro cultural, ele me enviava CD de música. Aí eu enviava também, ingredientes pras comidas peruanas, música, DVDs, tudo. Aí a gente tinha essa troca. Essa ligação, né. **E quando veio a época da internet e do Messenger, bah, foi bem mais fácil, né** (Maria, 36 anos, nascida no Peru, residente em Porto Alegre).

Sara também participa de grupos e associações que reúnem migrantes latino-americanos em Barcelona e em outras cidades da Espanha, embora as entidades onde atua, com exceção da ONG na qual trabalha, tenham um caráter menos institucional. O grupo de baile equatoriano *Saihua*, em que Monica participa, também mistura o caráter cultural e associativo. Em Porto Alegre, Arturo compartilha com um grupo de amigos o desejo de organizar uma ONG de migrantes latino-americanos.

Todas as experiências associativas com que nos deparamos a partir da trajetória dos entrevistados revelam um papel importante, mas não exclusivo, da internet como articuladora do encontro e da organização dos migrantes. Ao longo da pesquisa, desde a observação exploratória em Barcelona, incluindo os resultados obtidos nos questionários aplicados, muitas outras associações foram identificadas, a maioria delas com sites, blogs, fóruns, listas de discussão por email, comunidades em sites de redes sociais. Percebemos que poucos são os sites de associações que, efetivamente, aproveitam-se dos potenciais de interação da internet, mas, para suprir uma carência (que muitas vezes é de falta de competência técnica ou de estrutura para produção e manutenção), são usados diferentes espaços comunicacionais, principalmente os blogs e as listas de discussão. A maioria assume um caráter mais interacional do que informativo, garantindo novas possibilidades de encontro através da mediação das tecnologias e atuando de forma associada com as dinâmicas de interação que se dão dentro das entidades.

6.5 Leitores-produtores em web diaspóricas

A partir da discussão dos diferentes sentidos construídos pelos usos da internet por migrantes latino-americanos, percebemos que uma das perspectivas em destaque nessas múltiplas apropriações é a possibilidade do sujeito assumir um protagonismo maior no processo comunicativo. Esse protagonismo é acionado por meio de diferentes movimentos, limitados, como vimos, por questões relacionadas com a mediação tecnológica, pelo modo como cada um se relaciona com as tecnologias, pelas histórias pessoais que vão se entrelaçando com as histórias midiáticas, pelo tipo de acesso e pelas competências individuais.

Nem todos os sujeitos podem ser efetivamente considerados produtores na internet, em uma dimensão plena, que incluiria a criação de conteúdo próprio, autoral, e pelo compartilhamento de sentidos em diferentes espaços comunicacionais. Entretanto, na construção proposta aqui, entendemos que todos, de um modo ou de outro, podem ser pensados como leitores-produtores, sujeitos que constroem percursos próprios de usos da internet, muito vinculados a seus interesses, necessidades e trajetórias.

Nessas trajetórias, ganha força a experiência da migração como dinamizadora das relações identitárias e dos sentidos de pertencimento, com significativo impacto no perfil de usos da internet, o que inclui a criação de espaços comunicacionais marcados pela lógica do

deslocamento e pela vivência da diáspora. É o que, a partir da análise de tantas histórias narradas, propomos como *web diaspóricas*, múltiplos ambientes de comunicação na internet criados, mantidos, atualizados, usados por migrantes que passam a se apropriar da facilidade de acesso à esfera da produção na internet para seus próprios objetivos e próprias demandas. Como *web diaspóricas*, incluímos tanto as páginas web, sites temáticos sobre migrações, quanto os próprios weblogs, sites pessoais, sites de ONGs e associações que, de algum modo, são atravessados por questões relacionadas aos fluxos migratórios contemporâneos.

As mídias de migrantes ganham uma nova dimensão a partir do momento em que passam a circular na internet. Muitas delas, como mapeamos pelos usos dos entrevistados, são propostas originalmente em versões impressas, como jornais e revistas. Com a criação de ambientes comunicacionais na internet, percebemos que em muitos apenas é feita a transposição do conteúdo já oferecido no papel, o que certamente reduz suas possibilidades comunicativas e interativas, porém permite uma ampliação de seu público, não limitado pelas estratégias de distribuição, além de garantir uma participação dos leitores relacionada, pelo menos, à possibilidade de envio de emails. Em alguns casos, principalmente nas mídias de migrantes em Barcelona, já consolidadas e estruturadas enquanto produtos midiáticos em um mercado editorial crescente, os sites de jornais e revistas buscam integrar enquetes, fóruns, blogs, que abrem espaço para a participação mais efetiva dos leitores.

Nessa perspectiva, temos o caso de um leitor-produtor com ampla trajetória de participação em mídias de migrantes, tanto na TV e em mídia impressa quanto na internet. Cleunir, que faz questão, durante a entrevista, de deixar claro que não é jornalista, produz textos opinativos para publicar na revista Shock, voltada para o público latino-americano: “*la revista latina que esperabas*”, como anuncia seu slogan. Com foco em informações de variedades e entretenimento, a revista abre espaço para colaboração de migrantes que, como Cleunir, passaram a viver a cultura de seus próprios países e da América Latina de um modo diferente depois da migração. Ser latino-americano, segundo a revista Shock, passa pelo compartilhamento de alguns elementos culturais que valorizam música, culinária, festas, tanto que os textos de Cleunir mais populares, ou com mais retorno dos leitores, são, segundo ele, os que falam da vida de artistas.

Há referências de mídias de migrantes criadas exclusivamente na internet, com o objetivo de pluralizar as abordagens dadas às questões migratórias e ampliar as fontes que são chamadas a se posicionar em torno do tema. Esta é a meta de um projeto de Juan, que sonha com a criação de um “*periódico global*”, com colaboradores em diferentes lugares. Como participa de uma rede que troca informações pela internet, muitas sobre a situação da

Colômbia e de outros países latino-americanos que ganham pouca ou nenhuma repercussão na mídia tradicional, Juan gostaria de poder democratizar esse debate. “La idea es ir metiendo más gente. Tener corresponsales en diferentes países, y seguir colgando noticias importantes, pero como medio alternativo. Porque lo que pasa es que hay una problemática gravísima con lo que pasa a respecto de la comunicación, con la manipulación de los medios”.

Ainda que, até o momento da entrevista, o projeto não tenha sido implantado, tal iniciativa só pode ser pensada em uma plataforma de comunicação multimídia e interativa na internet, a exemplo de outros sites colaborativos que ganham projeção mundial, como o *Global Voices* (es.globalvoicesonline.org), no qual o próprio Juan atua como colaborador. Esses sites colaborativos, entendidos também como de jornalismo cidadão, são baseados em um movimento crescente de participação e produção coletiva de informação, em um modelo de comunicação que se propõe mais horizontal do que o encontrado nas mídias massivas.

Os sites com caráter orientativo, muito vinculados a questões de cidadania jurídica, também são exemplos de web diaspóricas. A internet abre espaço para a criação de um conteúdo voltado para esclarecer dúvidas sobre documentação, exigências legais do processo de migração, dicas para os migrantes que se encontram em situação irregular, assim como permite a troca de experiências entre esses mesmos migrantes, que enviam emails, participam de debates, trocam ideias, podendo valer-se do anonimato que a internet permite para abordar sua condição de “clandestinidade” ou de “sem papéis”, como alguns dos tantos modos de referir a situação dos migrantes sem permissão para residência, que aparecem nomeando sites lembrados pelos entrevistados.

Os sites de ONGs, associações e grupos culturais podem ser entendidos como web diaspóricas que permitem, em um primeiro momento, a divulgação das demandas das entidades, e que também são usadas de modo a facilitar a comunicação entre seus integrantes. O que percebemos, no entanto, é que muitos desses sites pouco utilizam os recursos interativos que a rede oferece, limitando-se a funcionar quase como um mural na internet. Nesse sentido é que outros espaços comunicacionais são usados como extensões desses sites, como fóruns de discussão e listas de emails, privilegiando características interacionais da internet.

Pela facilidade na criação e manutenção, os blogs assumem o papel de potencializar a experiência dos sujeitos como produtores, em uma nova dimensão de usos da internet. Além do blog de Juan, com foco na política e marcado pelo olhar sobre a situação da Colômbia a partir da sua condição de cidadão na Espanha, temos outro caso de uso do blog como possibilidade de tematizar e compartilhar a experiência da migração. Trata-se do blog *Hijas*

de la Tierra, mantido por Sara e um grupo de outras seis mulheres latino-americanas residentes em Barcelona. No blog, Sara publica textos que refletem preocupações sobre o papel social da mulher e questões demandadas pela própria trajetória da migração. Valendo-se de sua história de envolvimento com movimentos sociais e na luta pelo direitos das mulheres, Sara usa o blog para compartilhar suas opiniões e trocar informações sobre a situação da mulher migrante. A experiência coletiva abre possibilidades de participação e tenta integrar uma diversidade de opiniões sobre os temas que aborda:

Consideramos que internet es un espacio, ahora mismo, en esa etapa histórica, creo que internet es una herramienta fundamental para comunicarnos. La mayoría de personas del mundo puede tener acceso a internet y conectar. **Consideramos que es un espacio que sirve para la comunicación democrática y plural, sobretudo para la diversidad de opiniones.** Estas herramientas también que son los blogs, que permiten de manera rápida tener un espacio, crear un espacio (Sara, 34 anos, nascida no Peru, residente em Barcelona).

Antes de virar um blog, o projeto *Hijas de la Tierra* envolvia um programa de rádio, que deixou de ser produzido pela falta de tempo das envolvidas. Assim, também as postagens no blog foram tornando-se menos frequentes. Através do blog, Sara conheceu outras mulheres que, como ela, já sofreram algum tipo de discriminação ou estão preocupadas com os temas de gênero e desenvolvimento, movimento feminista e igualdade de gênero. “No pretendemos que sea un espacio de denuncia, es un espacio que permita la reflexión, entre nosotras mismas y que lo podamos compartir o crear sesiones de otras o informaciones de otras que colgamos”, explica Sara. Do contato com outras blogueiras, surgiu a ideia de criar uma rede de mulheres migrantes na Europa, que começa a ser organizada como uma associação, a *Diáspora Latina*, a qual busca conseguir recursos financeiros para apoiar movimentos de mulheres em países da América Latina através da solidariedade de latino-americanos que residem em países europeus.

O blog *Hijas de la Tierra* é um importante exemplo de como um ambiente comunicacional na internet, criado a partir do objetivo de focar um tema relacionado com a questão migrante, pode dinamizar a relação dos sujeitos com sua própria experiência migratória. Mais do que produzir um conteúdo específico e disponibilizá-lo na rede, a partir do potencial interativo do blog, as mulheres que ali ganham visibilidade podem trocar experiências e transformar suas trajetórias individuais em um projeto de participação coletiva.

Vemos nas web diaspóricas, em suas diferentes dimensões, a multiplicação das possibilidades de produção na internet, em uma apropriação demandada e ressignificada pela condição migrante. Através de diferentes níveis de participação, os sujeitos assumem o lugar de leitores-produtores e passam a refletir sobre suas histórias.

A internet configura-se, assim, não apenas como mediadora do processo de migração, mas como possibilidade de vivenciar, em seus ambientes comunicacionais, a própria experiência da diáspora sob uma perspectiva que vai sendo refletida no cotidiano de cada um. Por seu potencial democrático e pelo acesso facilitado, a internet permite não apenas mostrar como os sujeitos migrantes se posicionam, o que tematizam, quais suas preocupações, como se relacionam, o que consomem e como narram suas próprias trajetórias, como também ajudar a criar esses mesmos posicionamentos através da troca de experiências, da busca de informações, do diálogo e da participação.

6.6 Diáspora, redes sociais na internet e múltiplas formas de viver o território

As redes sociais como estratégias de interações, dinâmicas de intercâmbios flexíveis e em constante movimento, que implicam em uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, assumem especificidades relacionadas ao fenômeno migratório que podem ser percebidas nos relatos dos migrantes latino-americanos e em seus usos da internet.

Primeiramente, percebemos o papel das redes migratórias de apoio acionadas na consolidação dos projetos de migração, a partir do fluxo de informações e da ajuda de parentes, amigos e outros migrantes antes da partida e no momento da chegada ao país de migração. As TICs são mediadoras dessas redes de apoio, pois permitem o contato, a troca e a interação entre os sujeitos distantes geograficamente, o que, além de facilitar na decisão de migrar e no processo de instalação, permite a manutenção de vínculos com o país de nascimento, através do contato com migrantes da mesma nacionalidade e participação em ambientes de convívio comuns.

As redes sociais mediadas tecnologicamente também configuram a dinâmica de interação das famílias transnacionais, permitindo que pais e filhos, irmãos, primos e outros parentes, assim como amigos, mantenham um contato frequente e uma comunicação efetiva por meio do telefone e da internet, através do uso do email, programas mensageiros e sites de redes sociais. A vinculação dos migrantes com sujeitos residentes não apenas no país de nascimento e de migração, como em outros tantos lugares pelos quais passaram ou onde

mantêm contato, permite pensar na simultânea participação em múltiplos territórios geográficos e simbólicos.

As redes sociais também têm um papel importante na organização no país de migração. Temos, por um lado, redes instituídas formalmente através de entidades migrantes, ONGs, associações que atuam de forma integrada e muitas vezes em parceria com órgãos públicos, como acontece em Barcelona. Há também as redes informais de vizinhos, familiares, amigos, conhecidos, migrantes da mesma nacionalidade ou de outros países que estabelecem laços de convivência e conexão, acionados de forma espontânea em situações práticas do cotidiano, como a busca de informações, a ajuda para procurar um lugar para morar, o anúncio de uma vaga de emprego, a venda de objetos usados.

Certamente essa lógica de redes não carrega apenas um sentido utilitário e de apoio ao migrante, mas está presente também na forma de participação social e cultural, na ocupação do cenário urbano e no lazer. Embora não tenhamos constatado a partir das experiências dos sujeitos entrevistados, as mesmas redes que apoiam os migrantes não excluem relações de poder, sendo usadas até mesmo para a exploração do trabalho migrante por próprios migrantes, muitas vezes da mesma nacionalidade, como acontece no caso dos bolivianos que trabalham em oficinas de costura em São Paulo.

A lógica das redes como forma de participação na cidade pode ser percebida ao observarmos os diferentes elementos que compõem as redes em que interagem os migrantes em cada contexto analisado. Em Barcelona, temos como alguns desses elementos que integram as redes formais relacionadas às migrações, as associações, grupos culturais e entidades migrantes, as ONGs, a prefeitura (que possui um departamento de migração, conselho municipal de migração e um setor chamado de *Nueva Ciudadanía*, onde são reunidas informações sobre entidades de acolhida, assessoramento jurídico, projetos sociais, estudos sobre migração, entre outros), os centros comunitários e de bairro (com importante ação na dinâmica urbana, e uma trajetória histórica na luta por direitos e na participação social, que muitas vezes cedem espaço para as entidades migrantes ou promovem atividades conjuntas), os comércios étnicos, os locutórios, as mídias de migrantes, assim como o setor de estrangeiros, ligado à polícia espanhola, responsável pelos trâmites legais do processo migratório.

Em Porto Alegre, percebemos um papel importante dos consulados dos países de nascimento dos migrantes, assumindo muitas vezes um caráter agregador e associativo, dos centros culturais de migrantes propostos a partir do sentido de pertencimento a uma identidade nacional ou étnica, do Cibai-Migrações e da igreja da Pompéia, em uma

aproximação de questões religiosas, sociais e culturais ligadas às migrações, incluindo também a Polícia Federal, no papel de regular o registro dos migrantes e garantir o acesso aos direitos do cidadão estrangeiro.

Em Barcelona, a visibilidade dessas redes, que atuam simultaneamente com as redes informais, se dá através da ocupação do espaço urbano em festas, encontros, apresentações culturais, e ações de reivindicação, reunindo um caráter celebrativo da diversidade, assim como de crítica social e posicionamento cidadão, como analisamos nas experiências de alguns dos entrevistados, que militam em movimentos sociais, participam de associações migrantes e ajudam a tomar decisões que repercutem nas ações do conselho municipal de migração, por exemplo. As mídias de migrantes também são importantes elos das redes migratórias em Barcelona, pois ao mesmo tempo em que agendam o tema das migrações (sob diferentes enfoques, reforçando, muitas vezes, os mesmos estereótipos usados pela mídia convencional), divulgam as ações das entidades migrantes, chamam à participação, promovem encontro e reconhecimento.

Em Porto Alegre, as redes sociais relacionadas ao fenômeno das migrações são menos institucionalizadas e menos visíveis na dinâmica da cidade. Sua atuação pode ser percebida em festas religiosas e festas pátrias, que, diferentemente do que acontece em Barcelona, onde o espaço público é ocupado com mais frequência, muitas vezes são organizadas no centro comunitário da igreja e nas sedes das entidades. Em ações pontuais, como o Fórum Social Mundial das Migrações, em 2005, quando a cidade sediou a primeira edição do evento, que aconteceu paralelamente ao Fórum Social Mundial, Porto Alegre protagoniza um movimento de reflexão e participação social acerca do tema das migrações. Essa iniciativa também esteve vinculada à ação da congregação scalabriniana e aconteceu nas dependências da igreja da Pompéia, que se constitui como um elemento central na dinâmica das redes migratórias na cidade.

Além dos já analisados, como exemplos de envolvimento em redes sociais mediadas tecnologicamente, temos a participação dos entrevistados em sites de redes sociais em que são propostas agrupações em torno da questão migrante e da pertença territorial e identitária. Arturo é integrante das comunidades *Amo Cochabamba* e *Amo Bolivia* no *Orkut*, embora nunca tenha participado efetivamente de alguma discussão ou interagido com alguém através delas. Pablo criou uma comunidade no *Orkut* para estrangeiros residentes em Porto Alegre e lembra-se de outras dedicadas a equatorianos que moram no Brasil, mas também percebe uma interação muito pequena entre seus participantes. Ana participa da comunidade no *Orkut* *Brazucas em Barcelona*, que tem mais de oito mil membros. Contrariando a tendência de uma

adesão às comunidades do *Orkut* mais como estratégia de construção de um perfil pessoal e menos para interação e participação, a *Brazucas em Barcelona*¹¹⁹ tem um fórum de discussão bastante ativo, com uma média de cinco novos tópicos criados por dia, alguns dos quais usados para chat entre seus integrantes, chegando a mais de 12 mil postagens em um único tópico. A comunidade promove encontros presenciais em Barcelona, sempre em locais públicos, como praças, parques e bares. Ana diz que já conheceu alguns brasileiros que estão na comunidade, mas nunca participou dos encontros organizados.

Essas redes construídas a partir do uso de sites específicos que permitem a conexão entre perfis de amigos ou contatos, conhecer pessoas, criar perfis que revelam gostos, pertencas, projeções de cada um e a vivência de suas múltiplas identidades representam apenas uma das possíveis dimensões das redes sociais online. Outras ferramentas da internet são usadas de modo a possibilitar a interação em rede, a exemplo das redes de amigos que conversam através de programas como o *MSN*, das listas temáticas de discussão por email, das redes de blogueiros que leem, comentam o conteúdo produzido entre eles e estabelecem ligações por meio dos links que mantêm em seus blogs. Essas redes sociais online integram as experiências dos migrantes latino-americanos que usam a internet para se conectar, trocar experiências, interagir, jogar conversa fora, compartilhar o gosto por determinado estilo musical ou planejar uma campanha política, por exemplo.

Sara, uma das entrevistadas que se destaca pelo tipo de movimentação em diferentes redes online e offline, participa da associação AWID, uma organização internacional de mulheres que atua em favor do desenvolvimento e da garantia dos direitos das mulheres. A associação mantém um site (<http://www.awid.org/esl>) onde divulga suas ações, publica artigos sobre a questão dos direitos da mulher, notícias, projetos sociais, denúncias. Trata-se, como a associação mesma se apresenta no site, de uma rede dinâmica de pessoas dedicadas à investigação, educação, política e desenvolvimento, formada por cidadãos de diferentes países do mundo. O encontro entre esses participantes só é possível, em grande medida, através dos usos da internet, pois existem escritórios da entidade somente em Toronto, na cidade do México e na Cidade do Cabo. Na época da entrevista, Sara planejava ir, junto com um grupo de amigas chilenas, a um encontro da AWID, que seria realizado na África do Sul.

A experiência de Sara indica como as redes online estão ligadas à dinâmica de interações em rede construídas offline, pelas relações interpessoais que se dão no cotidiano de cada sujeito, que vão construindo seus caminhos próprios de viver e compartilhar a

¹¹⁹ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=93688>>. Acesso: 11 nov. 2009.

experiência da migração de modo a participar da cidade, do bairro, estabelecer um grupo de amigos, atuar em movimentos sociais, participar de um grupo de dança ou fazer parte de um conjunto musical, como nos falam as trajetórias dos latino-americanos entrevistados.

A história de Arturo também revela a importância das redes sociais offline na dinâmica migratória em Porto Alegre: “Os estrangeiros, nós, somos assim. Nós temos um jornal que é o boca-a-boca. Ele corre por fora, tu sabe, então eles sempre falavam, olha tem uma igreja, que congrega, a gente toca lá, tem missa no domingo e a gente frequentava”. Foi assim que Arturo conheceu a igreja da Pompéia, que frequenta há quase 30 anos e onde participa das atividades religiosas e festivas. Foi também através da igreja que conheceu um grupo de amigos migrantes, chilenos, uruguaios e de outras nacionalidades, com quem joga futebol uma vez por semana.

As redes sociais migratórias, em suas dimensões online e offline, revelam um papel de apoio, de estímulo a projetos de migração, troca de informação, participação social, busca de visibilidade, organização em defesa de direitos, ao mesmo tempo em que constituem uma forma de encontro e celebração própria da organização social contemporânea que pode ser articulada pelo simples prazer de estar junto, de interagir e de sentir-se acompanhado, mesmo à distância, como vimos em alguns casos.

Em outro aspecto explorado, a conexão e desconexão entre diferentes redes sociais, construídas a partir de demandas pessoais e identificação de interesses e valores comuns, em um movimento associado ao processo de migração, permite a vinculação do migrante a múltiplos territórios. As relações interpessoais transnacionais constituem uma perspectiva essencial das relações dos migrantes com esses diferentes territórios simbólicos, assim como o consumo da mídia. O trânsito entre esses diferentes espaços simbólicos se reflete nos usos das mídias e da internet para os migrantes, que vêm ampliadas suas possibilidades de acesso a uma oferta midiática diversa, a partir do conhecimento de produções de diferentes lugares, propostas com base em características e enfoques múltiplos.

Para a maioria dos entrevistados, embora as mídias tradicionais do país de nascimento nas suas versões online sigam como referência, o consumo de mídias foi transformado depois da migração, o que resultou em uma maior capacidade de crítica da mídia, sobretudo pela comparação entre diferentes modelos e pela compreensão do viés ideológico e editorial presente em cada veículo. Tal movimento, em alguns casos, implica num consumo midiático mais cosmopolita, ou seja, de mídias de diferentes lugares do mundo, em uma confrontação maior de versões para os fatos que são narrados pelas coberturas jornalísticas.

A mediação das tecnologias permite *estar aqui e lá*, ou, até mesmo, *estar entre*, como a experiência de apropriação do lugar que identificamos nos locutórios em Barcelona, ou seja, viver experiências transnacionais, o que se dá pela manutenção de vínculos com o país de nascimento e, em alguns casos, com diferentes países de migração. Essa vivência de diferentes territórios simbólicos pode se dar pela reconstrução na internet de um imaginário de identidade nacional, étnica e migrante, através da criação e participação em web diaspóricas.

6.7 Construção da América Latina nos usos da internet

Ao longo da pesquisa, percebemos que a latino-americanidade ganha força depois da migração para sujeitos que vivem um duplo processo de serem identificados como latino-americanos pelos outros e, na maioria dos casos observados, de também passarem a se reconhecer como tal, mesmo que para isso acionem diferentes sentidos de pertença. O que antes não passava de uma ideia um tanto abstrata, a noção de América Latina, como um conjunto de países que guardam mais diferenças do que semelhanças, passa a ser assumida como uma política de posição, a qual marca uma distinção com tendência a ser positivada pelos entrevistados. A maioria demonstra – pelo modo como se expressa durante os relatos, em atitudes e nos próprios usos da internet – certo orgulho pela condição latino-americana.

O orgulho se expressa principalmente pela vinculação da identidade latino-americana a uma situação de luta e superação, vivida como experiência concreta pelos migrantes, o que leva à participação política e à atuação em entidades associativas. Essa tendência se materializa nos usos da internet na participação em fóruns de discussão que exigem um posicionamento sobre determinados temas, no acesso a sites de entidades associativas e a sites de notícias sobre os países de nascimento como forma de estar informado sobre os acontecimentos locais, de modo a manter uma participação no que acontece por lá.

A atuação política aliada ao associativismo reforça um sentido que já era vivido antes da migração, mas adquire outra dimensão com a experiência de deslocamento, quando a participação coletiva, o encontro, a troca e o intercâmbio visam suprir certa ausência que sentem de aspectos culturais e sociais diferentes dos encontrados no país de migração. Alguns dos entrevistados falam que tinham uma participação em entidades associativas antes, mas a maioria passou a participar de grupos culturais ou associações de diferentes fins logo depois do processo migratório. Essa participação demanda certos usos da internet como possibilidade

de prolongar o encontro dessas entidades, divulgar suas atividades, buscar novos participantes, promover um tipo de interação diferente daquela possível presencialmente.

Muito da construção da latino-americanidade, pelo que pudemos perceber, passa pela vinculação, em primeiro lugar, às identidades nacionais. Ser latino-americano implica, antes de tudo, em ser chileno, equatoriano, boliviano ou colombiano, por exemplo (embora haja casos em que os sujeitos se reconheçam como latino-americanos, mas busquem um afastamento das identidades nacionais e também o processo contrário). O vínculo com as identidades nacionais aparece relacionado com o hábito de acessar com frequência os sites de jornais de seus países de nascimento e de manter uma comunicação próxima com amigos e pessoas de mesma nacionalidade como forma de estar a par dos principais acontecimentos.

Não é sem tensões que se dá a vivência da latino-americanidade como estratégia identitária, o que aparece num certo ressentimento diante do preconceito sofrido por alguns migrantes. Essa tensão é mais fortemente percebida em relação à identidade brasileira, motivo que faz com que a brasileira entrevistada em Barcelona não goste de ser identificada pelos outros como latino-americana. Para os migrantes que vivem em Porto Alegre a situação é ainda mais delicada, pois, embora estejam em um país da América Latina, são identificados pelos brasileiros como “latinos”, uma marca de diferença que parece excluir dos brasileiros o reconhecimento como latino-americanos. Isso faz com que, em Porto Alegre, também ganhem força entidades migrantes de caráter nacional que conciliam certa vinculação à latino-americanidade pela aproximação e pelo intercâmbio entre as diferentes organizações e a promoção de atividades ditas “latino-americanas”, como festas e produções musicais, por exemplo.

Enquanto em Barcelona, migrantes de diferentes países da América Latina são agrupados pelo olhar dos espanhóis e de outros migrantes como latino-americanos, e os próprios sujeitos apoiam-se nesse posicionamento para marcar uma diferença em relação à população local, em Porto Alegre, a distinção não se dá entre europeus e latino-americanos, mas entre brasileiros e latino-americanos, ou seja, dentro do mesmo grupo que, em uma observação inicial, poderia ser entendido como parte de um mesmo coletivo social. Essas tensões dão mostra da diversidade constitutiva da identidade latino-americana, só possível de ser concebida através de misturas e entrelaçamentos que lhe são próprios. A América Latina é terra de profundos contrastes, como dito por um dos entrevistados, e esses contrastes também aparecem nos modos de identificação de cada um.

Boa parte da vivência da latino-americanidade relacionada aos usos da internet se dá pelo consumo e pela produção cultural, o que é apontado como outro motivo de orgulho que

leva ao reconhecimento dos sujeitos como latino-americanos. Os migrantes buscam sites de música, vídeos, clipes, filmes que fazem referências a artistas de seus países de nascimento e outros países latino-americanos como modo de manter a proximidade com o sentido de América Latina que carregam consigo. A internet aparece como uma possibilidade de facilitar o acesso às produções culturais que os migrantes teriam mais dificuldade de acompanhar nos países de migração. Através dela, é possível ter contato com os lançamentos da música, da literatura, do cinema, da televisão, ao mesmo tempo em que se pode resgatar antigas produções que remetem a outros tempos e servem para alimentar certa nostalgia que acompanha a experiência da diáspora.

A internet é usada também para alavancar a produção dos migrantes que desenvolvem atividades profissionais, no país de migração, relacionadas a manifestações culturais que fazem referência à América Latina, como música, dança e pintura. A divulgação dos trabalhos, os contatos para a organização de shows e exposições, a troca com outros artistas, a venda de produtos culturais, a pesquisa para a produção do trabalho, o contato com pessoas que tiveram acesso às obras: todo esse processo, que é parte do trabalho que envolve a produção cultural, ganha novos contornos através da produção de sites, da criação de perfis em sites de redes sociais, da troca de emails e da atualização de blogs. Trata-se de um viés mercadológico da América Latina como uma construção que organiza e incrementa uma indústria cultural marcada pela latino-americanidade, para o qual a internet assume um papel muito importante na divulgação e distribuição desses produtos.

A diversidade de web diaspóricas, propostas com referência tanto às identidades nacionais quanto à América Latina, também pode ser entendida como uma manifestação que atua na construção de um sentido de latino-americanidade que só é possível de ser compreendido através da diáspora e, em grande medida, como uma vivência transnacional. Os múltiplos usos da internet impactados pela condição migrante e as pertencas identitárias dos entrevistados indicam como (tal qual o movimento de conexão e desconexão e a lógica de velocidade e fluidez próprios da internet) a vinculação a diferentes identidades integra a experiência dos sujeitos que vivem de modos diversos, em situações diferentes e muitas vezes de forma combinada, identidades migrantes, nacionais, étnicas, cosmopolitas e latino-americanas. A ideia de latino-americanidade, nas experiências estudadas em sua relação com os usos sociais da internet, aparece em seu caráter híbrido, associada a uma mescla de sentidos e acionada tanto como reconhecimento, pertença, alteridade.

6.8 Internet e cidadania: conquistas e limites

O estudo dos usos sociais da internet relacionados com a trajetória de migração de latino-americanos nos permite apontar eixos diferentes para pensar renovados sentidos para a cidadania hoje. Relacionamos essas novas figuras de cidadania com perspectivas teóricas que já discutimos antes e as ampliamos pela aproximação a experiências concretas dos sujeitos entrevistados e obtidas através de nossa observação. Assim, pensar em internet e cidadania implicou, em primeiro lugar, em entender as diferentes possibilidades comunicativas da internet construídas através de apropriações entre seu viés interacional e midiático, o que significou pensar a internet em sua complexidade, além de reconhecer as interações e os sentidos de diferentes ordens que podem ser por ela mediados.

A ideia de cidadania presente nas narrativas de identidade dos entrevistados e em seus usos da internet aparece ligada a um sentido de pertença expreso, por exemplo, no modo como participam das dinâmicas das cidades onde passaram a viver. A internet é usada, nesse sentido, para conhecer a dinâmica urbana, ter acesso a informações sobre eventos culturais e atividades relacionadas à vida cotidiana, como transporte, aluguéis de moradia, busca de trabalho, matrícula em cursos, busca por opções de lazer, entre outras possibilidades. Vários entrevistados falaram da satisfação, por exemplo, de sair para fazer compras como uma forma de fazer parte da cidade, sentir-se um a mais no cenário urbano, mostrando como também o consumo pode atuar no modo de reconhecimento dos cidadãos.

Podemos destacar diferentes níveis de cidadania com os quais nos deparamos durante a investigação. O primeiro deles refere-se à cidadania jurídica, o que apontamos como condição de cidadania do migrante, definidora do tipo de participação que cada um poderá ter no país de migração e presente no uso da internet para busca de informações sobre leis e processos de regularização, assim como na participação de fóruns e listas de discussão que tratam do tema.

O segundo nível relaciona-se com os direitos sociais, sobretudo ao trabalho, à moradia, saúde e educação, lutas dos migrantes tanto em Barcelona quanto em Porto Alegre, em função das quais se organizam redes de apoio e intercâmbio entre os migrantes, em grande parte mediadas pela internet.

A terceira dimensão de cidadania identificada aproxima-se do acesso aos direitos políticos, o que é mais tematizado pelos entrevistados em Porto Alegre, que gostariam de poder eleger seus representantes e até mesmo serem votados em eleições locais e nacionais. A participação política dos migrantes se vê muito relacionada aos usos da internet através da

participação em campanhas online, aproximação a ONGs, discussão em blogs e sites temáticos, mobilização para eleição de representantes em seus países, entre outros movimentos que identificamos entre parte dos entrevistados.

Os entraves para acesso a esses direitos se dão por impedimentos legais, em primeiro lugar, mas também pela burocracia e pelo desconhecimento dos procedimentos necessários, movimento para o qual aparece um papel de democratização da informação na internet, onde proliferam sites de entidades e de mídias voltadas a esclarecer os direitos e os deveres dos migrantes, em que muitas vezes são divididas informações sobre trâmites relacionados ao acesso a direitos pela população estrangeira.

Analisamos situações nas quais os usos sociais da internet relacionam-se com o que entendemos por cidadania intercultural e cidadania cosmopolita, a partir do convívio de experiências culturais diversas e da possibilidade de identificação e participação em uma sociedade menos limitada por barreiras geográficas, leis e políticas migratórias baseadas em limites nacionais, ainda muito distante da realidade com que se defrontam os migrantes. A internet passa a ser usada, então, na tentativa de romper alguns desses limites e facilitar os projetos de vida construídos numa perspectiva cosmopolita. Neste sentido, temos os usos da internet para o suporte aos projetos de migração, como mediadora de relações transnacionais, em um consumo cultural ligado a pertencas identitárias múltiplas, no aprendizado de diferentes idiomas, na dinâmica de associações e entidades de migrantes, configurando novas formas de viver a experiência do território, multisituado, e de transitar por diferentes repertórios culturais.

O modo como os migrantes vão construindo movimentos próprios de usos da internet e a própria diversidade de sites referidos, revelando também uma compreensão múltipla dos sentidos de diferentes ambientes comunicacionais para cada um, apontam para o que buscamos definir como cidadania comunicativa a partir de apropriações da internet. A possibilidade de produção própria, em dinâmicas que revelam vinculações com pertencas identitárias e com a própria condição de migrante, são sinalizadores do exercício de participação e de reconhecimento desses sujeitos a partir da apropriação de tecnologias da informação e da comunicação.

A internet, através das web diaspóricas, das mídias de migração e de tantas outras possibilidades comunicativas criadas por seus leitores-produtores, passa a ocupar um duplo papel de dar visibilidade para a temática das migrações transnacionais, de forma mais ampliada e sob a perspectiva de quem vive o fenômeno, assim como permite a participação, o encontro e a mobilização destes mesmos migrantes que assumem o lugar de protagonistas na

narrativa de suas vivências, na troca de experiências e interações decorrentes da comunicação mediada pelo computador.

As mídias tradicionais, rádio, televisão, mídia impressa e mesmo grandes mídias presentes em portais e sites de notícia na internet, seguem polarizando a construção de imaginários em torno das migrações em matérias que ganham uma repercussão na maioria das vezes maior do que as que circulam pelas mídias alternativas e web diaspóricas, mas passam a ser tensionadas por estas, em que as versões dos migrantes assumem um lugar central.

Assim, também os migrantes tomam para si um papel cada vez mais ativo no processo de comunicação, de modo a ampliar suas possibilidades de participação social e cidadã. Todas essas múltiplas apropriações da internet relacionadas com diferentes dimensões da cidadania nos levam a afirmar que o acesso à informação e à possibilidade de inclusão à diversidade de possibilidades comunicativas e interativas da internet representam hoje um direito que precisa ser assegurado para a população de um modo geral, pois esse direito abre a possibilidade de uma tomada de posição e um modo de participação que redimensionam o próprio sentido da cidadania no mundo hoje.

Os limites da cidadania comunicativa estão relacionados com a falta ou a desigualdade no acesso às tecnologias e à internet, o que pode ser percebido nas trajetórias dos entrevistados, marcadas por uma diversidade que revela assimetrias no modo como cada um se comunica e se informa. Dois migrantes, por exemplo, não têm computador, o que exige a busca de locais para acesso público pago à internet. Além disso, outros entrevistados que usam concomitantemente locutórios, *lanhouses* e cibercafés, indicam uma diferença nos usos da internet nesses espaços e em locais que não sejam públicos, como suas próprias casas, onde conseguem uma privacidade que permite uma comunicação mais próxima via *MSN* ou *Skype*. Há casos narrados de migrantes que se constroem de usar a *webcam* nos locutórios, mas não possuem esse equipamento em casa, por exemplo.

Em outras situações, é identificada uma diferença no tipo de acesso à internet entre quem migrou e quem permanece no país de nascimento. Isso aparece em relatos que indicam a impossibilidade de se comunicar com algum parente que não sabe usar a internet ou não tem computador em casa, ou quando essa comunicação apresenta problemas de ordem técnica relacionada com a baixa velocidade de conexão. Os usos sociais da internet por migrantes, pelo que observamos, demandam, até mesmo, a criação de uma estrutura mínima de acesso à internet em alguns países da América Latina que até há poucos anos possuíam muito mais barreiras, como número reduzido de computadores nas residências e acesso restrito à internet banda larga. Essas restrições ainda precisam ser superadas, mas as próprias experiências

relatadas pelos entrevistados mostram a criação de certas táticas para ampliar o acesso à internet, muito relacionadas com a proliferação de pequenas iniciativas de *lanhouses* e locutórios em cidades de onde costumam migrar muitos cidadãos para outros países – fenômeno que certamente merece ser mais estudado.

Nesses limites à cidadania comunicativa, estão implicadas não apenas questões relacionadas ao acesso material a tecnologias, mas também ao tempo que cada um dispõe para usar as TICs e às competências desenvolvidas para tais usos. Quanto ao tempo, percebemos alguns limites relacionados com a própria condição migrante, pois muitos possuem uma intensa rotina de trabalho, muitas vezes dividida entre diferentes atividades profissionais, o que faz com que tenham pouco tempo livre para o lazer e também para os usos da internet. Também está relacionada com a condição migrante a necessidade de adaptação à diferença de fuso horário entre país de migração e país de nascimento, indicado como restrição ao tempo que algumas famílias tem para se encontrar e se falar através dos programas mensageiros, principalmente quando essa comunicação se dá com crianças, que não podem ficar depois de uma certa hora acordadas. Outra barreira relacionada com o modo de vida migrante é o uso compartilhado da residência, que faz com que a privacidade para o uso do computador nem sempre seja garantida e com que o próprio equipamento seja dividido entre os vários moradores, exigindo uma organização de horários restritos para o empréstimo.

Quanto à falta de competência para certos usos da internet, percebemos que, mesmo que os migrantes demonstrem vontade para incorporar efetivamente às tecnologias em seu cotidiano, o fazem com certas restrições que, em alguns casos, aos poucos vão sendo superadas. Assim, nos aproximamos de experiências de sujeitos que não eram capazes de nem sequer ligar um computador sozinhos e que, através de cursos gratuitos ou do aprendizado com os próprios familiares, ganharam certa autonomia para um uso bastante limitado da internet. Há outros que desenvolveram competências que permitiram, inclusive, a criação de páginas web ou blogs, mas apontam algumas barreiras relacionadas com outras pontencialidades da internet ligadas à possibilidade de dar projeção, ampliar o acesso e tornar estes mesmos ambientes comunicacionais mais interativos. Não basta criar um site e poucos o acessarem e entrarem em contato com seu conteúdo e suas dinâmicas de interação.

Os entrevistados também revelam a dificuldade existente em se fazer uma produção colaborativa na internet, embora vários já participem de iniciativas coletivas. Essas barreiras estariam relacionadas à falta de tempo para a participação e aos níveis de engajamento distintos, o que faz com que muitos acabem desistindo ou pouco contribuindo para o avanço dos projetos. Há, ainda, um limitante relacionado com a competência para a criação da

estrutura técnica adequada para uma comunicação efetiva através desses ambientes comunicacionais. Sites com um layout poluído, com pouco espaço para interação e participação dos usuários, com excesso de informação ou sem informações básicas são comuns entre as web diaspóricas, assim como existem aquelas bem sucedidas em seus propósitos, que crescem e ganham repercussão na internet.

A desigualdade nos usos da internet não impedem, no entanto, a experimentação dos migrantes e a busca de alternativas para romper com os limites de acesso, sejam eles de ordem material, de falta de tempo ou de competência. O que procuramos refletir, a partir da pesquisa empírica e em consonância com o debate teórico, é que a condição migrante e cosmopolita gera demandas e também certos impedimentos para o acesso à internet e às TICs de um modo geral. A cidadania comunicativa, em uma aproximação às cidadanias intercultural e cosmopolita, vai sendo construída através de apropriações e mediações tecnológicas. Nesse movimento, no qual, não podemos esquecer, nunca há uma liberdade total dos sujeitos, existe um sentido de participação que vai levando para um cenário de mais protagonismo dos migrantes, mesmo que, ainda, a partir de fatores limitantes que precisam ser superados.

CONCLUSÃO

Érase una vez una mujer desarraigada, en otro espacio, en otro mundo. Una mujer llena de luchas, llena de sueños y de ilusiones. Tan decidida, tan transparente como manantial viviente. Y su mirada tan sincera, abría espacio en la vereda, aquella llena de tanta gente, tan displicente e indiferente.

Estaba sola y caminaba, pensaba en todo lo que sufría, y aun así, sonreía, y era vida, no se inmutaba y desafiaba, y construía, dilucidaba, se hacía oír y era sabia, aunque su voz y su palabra menospreciadas eran por gente, tan prepotente, tan deshonesto, tan poco consecuente.

Ella esperaba abrir espacios, para incluir a muchas más, que como ella estaban lejos, sin su familia, ni su ciudad. Darle un sentido a esta vida, a esta oportunidad que no está perdida, va caminando y va sembrando, va animando y cosechando.

Cultiva y siembra palabras claras, sin argumentos que discriminen, sin parlamentos que esteriotipen, porque sumando se reconstruye un nuevo espacio, aquel que incluye.

Os versos escolhidos para ajudar na difícil tarefa de fechar este trabalho de investigação não se destacam pela qualidade poética ou pelo reconhecimento da autoridade de seu autor, mas dizem muito do que foi o objeto de estudo que nos acompanhou durante todo o processo de doutorado. Eles compõem um poema de uma de nossas entrevistadas, publicado em seu blog como forma de compartilhar sua experiência de deslocamento com possíveis leitores: quem sabe também migrantes, em alguns dos tantos sentidos que ser migrante assume hoje nas trajetórias individuais de gente que deixa sua cidade, seu país, seu local de nascimento por outro, de gente que circula por vários lugares, de gente que constrói novas relações com a noção de território, de gente que vive entre diferentes culturas e que reconhece as mesclas como parte da construção das próprias identidades.

O poema fala da necessidade de cultivar e semear palavras claras, palavras que levem ao entendimento e à inclusão, o que, de alguma maneira, também norteou os objetivos desta pesquisa. Buscamos, antes de tudo, compreender, não como um investigador distante que não se envolve com seu objeto de estudo, mas como um observador que questiona, vive a realidade estudada e aprende com os sujeitos com os quais interage. Daí vem uma grande contribuição da etnografia para o nosso trabalho de investigação: a construção de um percurso baseado no olhar atento e no constante movimento de sentir-se nativo – ou migrante – e buscar um distanciamento que permitisse a interpretação.

Tivemos a sorte, durante toda a pesquisa, de conhecer sujeitos fascinantes que compartilharam suas histórias de forma sincera e comprometida. Desde as primeiras observações até a seleção dos migrantes para as entrevistas em profundidade, entramos em contato com experiências tão diversas e enriquecedoras, o que nos levou a refletir sobre cada sujeito como um universo, em suas memórias, contradições, conflitos, conquistas, frustrações e limites. O envolvimento com as histórias de vida, o ir e vir nas narrativas, nas marcas deixadas através dos usos da internet que tentamos descortinar, nos cotidianos dos quais nos aproximamos, todo esse processo resultou no que acreditamos ser uma das principais contribuições da pesquisa pela riqueza dos dados empíricos. Ao final, já escutávamos a voz de nossos protagonistas, que nos conduziram nos últimos quatro anos ao mundo das redes, da diáspora e dos usos sociais da internet.

Como buscamos discutir ao longo de todo o texto, uma pesquisa que se propõe a estudar as relações entre migração e internet só se torna uma aventura possível se parte do reconhecimento do próprio sentido de deslocamento como constituinte do processo de investigação. Tínhamos pressupostos construídos pelo estudo do tema aliado à participação em outras pesquisas, traçamos objetivos e buscamos aprofundar a compreensão de conceitos norteadores, mas o problema de pesquisa foi ganhando novos contornos à medida que o trabalho de campo avançava, o que nos fazia questionar a todo o instante sobre o percurso de investigação teórica e, até mesmo, a centralidade de alguns dos objetivos traçados.

Foi assim que chegamos a um desenho de investigação que esteve sempre vinculada aos Estudos Culturais, mas que dialogou com autores de diferentes áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia, a geografia e a história. Todas essas contribuições foram sendo incorporadas a partir de uma reflexão centrada em uma perspectiva comunicacional, que buscou pensar sobre as migrações contemporâneas através dos entrelaçamentos que este fenômeno estabelece, cada vez de forma mais intensa, com as apropriações das tecnologias da informação e da comunicação.

A partir deste desafio, desenvolvemos a pesquisa sobre usos sociais da internet demandados por experiências de identidade e responsáveis pela construção de novos sentidos para a cidadania de migrantes latino-americanos, em dois contextos diversos, que guardam várias aproximações: as cidades de Barcelona e Porto Alegre. Elas não foram escolhidas por acaso, o que é revelado com o detalhamento dos cenários encontrados e a riqueza da realidade migratória vivida em seus cotidianos. Optamos por, durante a análise, não polarizar as diferenças entre os relatos em um ou outro lugar, mas fomos indicando elementos que nos fazem perceber o quanto em Barcelona, onde a presença migratória ganhou força nos últimos

anos (de forma mais significativa em relação à população local do que em Porto Alegre), a questão da diáspora é vivida mais intensamente como uma necessidade de posicionamento dos sujeitos, que se veem impactados pela construção feita pelos outros em função da cobertura midiática sobre o tema, das políticas migratórias e de um preconceito menos velado, pelo que aparece nos relatos dos entrevistados. Em Porto Alegre, longe de ser vivida de forma harmoniosa, a migração parece mais dispersa, levando à negação dos problemas enfrentados no dia-a-dia pelos migrantes.

Em ambos os casos, os sujeitos parecem lutar contra os estereótipos que são criados para os latino-americanos migrantes, ao mesmo tempo em que se valem desses estereótipos, positivando-os, em especial no que se refere ao universo da produção cultural e na participação em entidades associativas que reforçam alguns traços das construções identitárias. O que à primeira vista parece levar a um fechamento, pode ser entendido também como uma forma de participação que busca garantir a ocupação do espaço público, a visibilidade e a convivência com as diferenças, visto que o mesmo migrante que participa de uma entidade marcada por um recorte étnico ou pelo reforço de uma identidade específica, pode atuar em outras esferas de sua vida em diferentes grupos e em coletivos mais plurais. Em Porto Alegre, percebemos uma ocupação menor do espaço público pelos migrantes, que, assim como em Barcelona, se organizam através de redes sociais que incluem entidades institucionalizadas e contatos informais.

Como diferença entre os contextos migratórios estudados, destacamos ainda a dificuldade maior de inclusão no mercado de trabalho para os migrantes em Barcelona, o que leva a uma tematização mais acentuada por parte dos entrevistados de questões relacionadas à cidadania jurídica e econômica, garantias fundamentais para que possam viver de forma mais igualitária no país de migração. Percebemos que, muitas vezes, os próprios migrantes se definem pelo trabalho que exercem e a atividade profissional ocupa a maior parte do tempo dos sujeitos. Mais fortemente em Barcelona, percebemos essa construção de um sentido de latino-americanidade pelo viés do trabalho, o que é usado inclusive pelos espanhóis que, em um primeiro momento, empregavam (na maioria dos casos em subempregos) mais latino-americanos do que migrantes de outras nacionalidades, por considerá-los mais trabalhadores, isso sem falar na facilidade de comunicação pelo fato de, com exceção dos brasileiros, compartilharem o mesmo idioma.

A partir do trabalho de pesquisa empírica, buscamos resgatar as trajetórias dos sujeitos, destacando suas vivências identitárias e as questões de cidadania com que se deparam em seu dia-a-dia de migrantes, de modo a entender como os usos sociais da internet

são impactados por essas experiências ao mesmo tempo em que as reconfiguram. Foi assim que chegamos a dez dimensões de usos sociais da internet relacionados ao fenômeno migratório: como apoio na construção de projetos de migração, na manutenção de laços entre famílias e relações transnacionais, nos vínculos informativos com o país de nascimento, no consumo e na produção culturais, no aprendizado de idiomas dos locais para os quais migraram, na obtenção de informações ligadas à cidadania jurídica, em usos de mídias de migração, como companhia e ócio, na participação política mediada tecnologicamente e na organização em entidades e movimentos associativos, atravessados pela condição migrante, latino-americana ou pelo sentido de pertença a uma identidade nacional ou étnica.

É fácil cair em uma tendência generalista ao falar de internet e cidadania, de modo a estender a todos os usos da rede mundial de computadores um ideal de participação democrática e construção cidadã. Tentamos nos afastar dessa perspectiva com o cuidado de reconhecer, embora não tenha sido evidenciado na pesquisa, que a internet surge como uma tecnologia que pode, tanto ser usada para disseminar o ódio e o preconceito contra ou entre migrantes, como também para organização, mobilização e solidariedade entre o mesmo coletivo. O que buscamos compreender foi sua inserção no cotidiano do migrante transnacional e o modo como seus usos da internet redimensionam a própria experiência de migração no mundo hoje. Nesse sentido, vale lembrar que a relação entre homem e técnica é interdependente. Embora tenhamos trabalhado prioritariamente a partir da ideia do sujeito se apropriando da internet, como vimos, a internet também atua sobre o sujeito, na construção de novos modos de estar junto, comunicar e conectar-se.

Procuramos trabalhar múltiplas dimensões de um fenômeno complexo e em constante transformação, em que nós mesmos nos fizemos migrantes para melhor entender o sentido do deslocamento na trajetória pessoal e na relação com as tecnologias da informação e da comunicação. Do diálogo entre os dados empíricos e o debate teórico, ampliamos a compreensão sobre o que os usos da internet por migrantes nos falam a respeito de suas vivências de identidade e cidadania. Retomando o poema apresentado no início, narrado por uma mulher que se sente sozinha, desarraigada no que define como um outro espaço ou outro mundo, vimos que ela, ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa de si, a compartilha a partir do momento em que vê a possibilidade de publicá-la, fazendo-se, enfim, ouvir. Este duplo movimento de experimentação identitária e participação cidadã é a chave que conduziu ao entendimento do modo como a internet pode ser apropriada no cotidiano de migrantes.

Para além do mapeamento geral dos usos da internet pelos migrantes, das histórias de apropriação da tecnologia e do detalhamento das condições de acesso, os sentidos contruídos

para a internet pelos colaboradores da pesquisa nos permitiram reunir alguns aspectos centrais de imbricamentos entre seus usos sociais mediados pela condição migrante.

Em primeiro lugar, trabalhamos com a ideia de ressignificação do conceito de identidade na diáspora, a partir das múltiplas narrativas de identidade construídas por experiências de mobilidade, de redes e de fluxos vividas pelos migrantes. Procuramos entender o que significa ser migrante, ser latino-americano, ter nascido em certo país, sentir-se cidadão de determinado local ou do mundo, e vimos que, nas narrativas de um mesmo sujeito, o que pode ser estendido para os modos como usa a internet, essas formas de reconhecimento se contrapõem, se associam e se complementam, configurando múltiplas pertencas identitárias.

Assim, também o migrante passa a viver, talvez de forma mais intensa do que os demais cidadãos, a experiência de ocupar vários territórios, em suas dimensões sociais, culturais, geográficas e simbólicas, a partir do momento em que vê suas relações sociais expandidas pela mediação tecnológica, de modo a atingir um caráter transnacional. Os locutórios, em Barcelona, e, em menor medida, os cibercafés e *lanhouses*, em Porto Alegre, assumem esse papel de converterem-se em espaços de construção dessas relações transnacionais, como estabelecimentos que ocupam um lugar importante na dinâmica da cidade e, muitas vezes a partir da referência a outros territórios e culturas, garantem o acesso a tecnologias que permitem a aproximação da distância entre amigos e familiares separados pela migração. O consumo das mídias dos países de nascimento através da internet e o contato permanente através de programas mensageiros e troca de emails, assim como o uso da internet para conhecer o local para onde se deseja migrar ou onde passou a se viver são outros indicativos do sentido de multiterritorialidade e transnacionalidade das migrações que assumem uma dimensão mais expressiva pelas características da internet.

A investigação mostrou também como a construção da latino-americanidade passa por uma experiência transnacional. Percebemos que múltiplos sentidos para o reconhecimento como latino-americanos vão sendo acionados pelos migrantes, em sua dimensão cultural, política, social, afetiva, de memória. Isso faz com que a própria noção de América Latina passe a se constituir com mais concretude na diáspora, ao mesmo tempo em que a migração pode ser entendida como traço constitutivo das identidades na América Latina, formada por países impactados por uma história de colonização parecida e por constantes fluxos migratórios.

A aproximação aos usos da internet nos permitiu situar as redes sociais como organização que ganha características especiais quando vinculadas ao fenômeno da migração,

atuando como apoio ao projeto de migração e na própria instalação posterior, assim como na manutenção de vínculos com parentes, amigos e outros migrantes, nos modos de participação em relações que mesclam a atuação em entidades e associações pró migração e relações menos formais. Percebemos que a vinculação dos migrantes a essas redes, em Barcelona e Porto Alegre, se dá de maneira individual, espontânea e muitas vezes a partir de demandas específicas. Afora isso, também configura uma dimensão coletiva ao propiciar o compartilhamento de alguns dos sentidos da experiência da diáspora e assumir um caráter de disputa por visibilidade e de luta para que direitos sejam garantidos. Além disso, os migrantes constroem suas redes de relações através da adesão a múltiplas redes sociais, com vinculações mais ou menos fortes, nas quais ocupam uma dimensão importante as relações familiares e de amizade, e, depois, as relações profissionais.

A questão é que cada sujeito estabelece um modo particular de participar nessas redes, com mais ou menos envolvimento, e numa combinação de interações de diferentes ordens. Parte dessas interações é possibilitada pela mediação das TICs, principalmente da internet, o que permite a participação em redes sociais em uma lógica que considera outra relação de tempo e espaço. O exemplo de web diaspóricas, como ambientes comunicacionais na internet dedicados a reunir migrantes de distintas nacionalidades, residentes em diferentes países do mundo, revela uma dinâmica de interação que rompe com as barreiras geográficas e ressignifica as relações identitárias e de pertencimento a certo espaço simbólico.

Destacamos a ampliação do conceito de cidadania, em uma aproximação a suas dimensões intercultural, cosmopolita e comunicativa, sem negligenciarmos outras, como jurídica e econômica, como importante movimento para entender a participação do migrante na sociedade contemporânea. O próprio direito de migrar deve ser considerado, nesta perspectiva, como um rompimento com debates que mostram o migrante sempre como alguém frustrado, sujeito de demandas, responsável por conflitos culturais ou como ameaça para a estabilidade econômica. Os relatos de história de vida que resgatamos indicam a força do desejo de migrar alimentado por questões que transcendem aspectos econômicos, tão diversas quanto a busca por aventura, satisfação profissional, construção de relacionamentos afetivos, estudo, conhecimento de outras culturas, entre outras.

Buscamos aproximar, ainda, o conceito de cidadania ao de identidade, ao pensá-la como questão de justiça e pertencimento, ou seja, mais do que a atribuição legal de um conjunto de deveres e direitos, a cidadania implica em um reconhecimento do cidadão como alguém que faz e sente-se parte. Neste sentido, o debate sobre a interculturalidade renova a compreensão da cidadania, que não pode ser limitada pela extensão do estado nacional e

baseada em princípios ditos universais, mas propostos por uma cultura que se coloca como central. A presença de migrantes de diferentes nacionalidades em sociedades cada vez mais multiculturais revela a necessidade de reconhecermos o direito à livre vivência e manifestação da diferença e a construção de uma igualdade que não exclui, mas permite o diálogo para a criação de parâmetros de convivência comuns.

Por fim, buscamos mostrar na pesquisa novas manifestações de cidadania atravessadas pelos usos da internet, em uma combinação de visibilidade para as demandas e questões migrantes e uma possibilidade de participação efetiva em espaços comunicacionais em que os próprios migrantes assumem o lugar de produtores, ou leitores-produtores, como propusemos. A internet, através do que mapeamos como web diaspóricas e também das mídias de migração, mostra-se como responsável por fazer circular e dar a conhecer uma pluralidade de vozes que pouco ocupa o espaço das mídias tradicionais ou que costuma ser enquadrada por uma perspectiva polarizada entre condições de vítima, criminoso, folclórico ou festivo.

O protagonismo assumido pelo migrante na internet, em uma apropriação tanto de sua perspectiva interacional como midiática, impacta em um posicionamento assumido como forma de conhecer, informa-se, comunicar, participar, opinar, discutir, dividir experiências, construir narrativas identitárias, promover encontros, estabelecer vínculos, visibilizar demandas, organizar movimentos, entre outras tantas potencialidades que começam a ganhar vida em trajetórias pessoais marcadas pela diáspora. Certo está que nem tudo é participação emancipadora nos usos sociais da internet, como buscamos contrapor, mas uma nova forma de atuação e intervenção social passa a ser desenhada quando diferentes versões de experiências são compartilhadas em sites pessoais, blogs, sites de redes sociais, fóruns de discussão, emails e outros tantos ambientes comunicacionais da internet.

Assim, a cidadania comunicativa, como refletido nesta pesquisa, não implica apenas em visibilidade ou acesso à mídia, mas na possibilidade de vivência de questões identitárias e de vida desde a possibilidade de pertencimento efetivo à realidade social, o que inclui apropriações múltiplas dos meios de comunicação, pensados desde a perspectiva cidadã não apenas como espaço de representação de demandas de minorias, mas como ambientes mediadores de experiências de identidade, de participação e pertencimento que ultrapassam limites territoriais. Os migrantes são, assim, cidadãos do mundo, que descobrem novas formas de viver e participar da sociedade que os cerca, desde a ampliação das possibilidades de se ver e de conviver possíveis pela efetivação de uma competência para o exercício de apropriações e usos múltiplos da internet.

Um grande questionamento surge a partir da conclusão da pesquisa: ao percebermos uma tendência a pulverização e dispersão das experiências com as TICs e diante de redes sociais construídas, muitas vezes, a partir de perspectivas individuais, que podem ser dissolvidas na mesma velocidade que marca as interações mediadas tecnologicamente, como dar força a uma agenda mais global de cidadania que ultrapasse o nível de fragmentação observado no universo de usos sociais da internet? Parece que chegamos a uma tensão entre saídas de superação individuais e alternativas mais coletivas, efetivamente relacionadas com as implicações de uma dimensão de cidadania que, para ganhar força de ação, precisa ser articulada de forma coletiva e global.

A internet, através de seus usos, abre essa possibilidade, mas a pesquisa revelou que precisamos tomar cuidado para não cairmos na armadilha criada diante do encantamento com suas potencialidades. Neste jogo entre individualização das apropriações da internet e usos relacionados com a possibilidade de encontro e participação, em que cidadania, identidades e migração precisam ser pensadas em suas múltiplas dimensões, é que vislumbramos a possibilidade de que parte dos usos sociais da internet relacionados com as experiências de diáspora seja acionada para a construção de espaços comuns através da produção, participação e interação entre sujeitos mais atuantes e protagonistas de suas próprias trajetórias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação no Brasil (1996-2006)**. Relatório do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor. Disponível em: <www.nupeq.org.br/atividade_redessociais.htm> Acesso em 10 nov. 2006.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Novas territorialidades ou múltiplas territorialidades? Trabalhador migrante brasileiro em Barcelona. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, ago. 2008, v. XII, n. 270 (131). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270-131.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

APARICIO, Rosa; TORNOS, Andrés. **Las redes sociales de los inmigrantes extranjeros en España**. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2005.

APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitismo**. Madrid: Katz Editores, 2007.

BARTH, Fredrik, Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIF-FERNANT, J. **Teorias da etnicidade seguida de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. Vivir en la sociedad del riesgo mundial. **Documentos CIDOB**. Dinámicas Interculturales. Barcelona, n.8. jul. 2007

BERGER, Christa. Movimentos sociais: pesquisa em três tempos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília/DF, Anais... Brasília: Intercom, 2006. CD-ROM.

_____. A pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz C. (Org.). **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**. Perspectiva etnosociológica. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.

BILBENY, Norbert. **La identidad cosmopolita**. Los límites del patriotismo en la era global. Barcelona: Editorial Kairós, 2007.

BLANCO, Cristina. **Migraciones**: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento. Barcelona: Anthropos, 2006.

_____. **Las migraciones contemporáneas**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. MIT Press, 1999.

BONIN, Jiani. A identidade étnica como mediação na recepção de telenovela. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Intercom, 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP14_bonin.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2008.

BRAGA, José Luiz . Interação & Recepção. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 9, 2000, Porto Alegre. Anais do 9º Encontro Nacional da Compós. Porto Alegre: PUC/RS, 2000. v. 1. p. 1-16.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do *OhmyNews International* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da Internet**: um estudo de caso sobre a Página do Gaúcho. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2004.

_____. Internet, integração e cidadania: uma reflexão sobre apropriações da rede mundial de computadores por imigrantes latino-americanos e europeus em Porto Alegre. In: **Revista Logos**, Rio de Janeiro, v. 12, 2005.

BRIGNOL, Liliane Dutra; et al. Internet e Cidadania: Usos Sociais da Rede em Espaços de Acesso Coletivo como Estratégia para Integração Cidadã em Santa Maria. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL**, 8, 2007, Passo Fundo/ RS. Anais... Passo Fundo: Intercom Sul, 2007. CD-ROM.

BRIGNOL, Liliane Dutra; HUERTAS BAILÉN, Amparo. Consumo y uso de los medios de comunicación por parte de los migrantes. In: COGO, Denise, HUERTAS BAILÉN, Amparo, GUTIÉRREZ, María (Coord.) **Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona e Porto Alegre**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2008.

CAMACHO, Carlos A. Azurduy. América Latina, en el reto de construir puentes con y entre las ciudadanías. **Sala de Prensa**. n. 59. ano V. set. 2003. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art485.htm>>. Acesso em: 10 set. 2006.

CAPEL, Horacio. El debate sobre la construcción de la ciudad y el llamado 'Modelo Barcelona'. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona. v. XI, n.233, 15 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-233.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias**. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2007.

CARRILLO FLÓREZ, Fernando (ed). **La lucha contra la exclusión social en América Latina**. Una mirada desde Europa. La Paz, Bolivia: BID, Eurosocietal, Comisión Europea, Plural Editores, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

_____. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Dênis de. (Org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CASTELLS, Manuel; TUBELLA, Imma; SANCHO, Teresa; ROCA, Meritxell. **La transición a la sociedad red**. Barcelona: Editorial UOC, 2007.

COCKBURN, Cynthia. El circuito de la tecnología. Género, identidad y poder. In: SILVERSTONE, R.; HIRSCH, E. **Los efectos de la nueva comunicación: Consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia**. Barcelona: Bosch, 1996.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e cidadania: sobre políticas midiáticas e visibilidade das migrações internacionais no cenário brasileiro**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Intercom, 2003. CD-ROM.

_____. A cidadania nas interações comunicacionais e midiáticas das migrações contemporâneas. **Logos: Comunicação e Universidade**. v.1. Edição Especial. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social. 2005.

_____. Comunicação, mídia e cidadania: um percurso pelas interfaces de um núcleo de pesquisa da Intercom. In: COGO, Denise; MAIA, João (Org.). **Comunicação para a cidadania**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

_____. **Los Estudios de Recepción en América Latina**: perspectivas teórico-metodológicas. Barcelona: Portal de la Comunicació do Institut de la Comunicació (Incom/UAB), 2009. Disponível em: <http://www.portalcomunicacao.com/por/n_aab_lec_pdf.asp?id_llico=48>. Acesso em: 19 set. 2009.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Recepção midiática e migrações transnacionais em Barcelona e Porto Alegre. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 17, 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Compós, 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_402.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2008.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Latinoamericanos en el sur de Brasil: recepción mediática y ciudadanía de las migraciones transnacionales. **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara, v. 1, 2009, p. 135-162.

COGO, Denise; GOMES, Pedro Gilberto. **O adolescente e a televisão**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/Unisinos, 1998. v. 01. 160 p.

COGO, Denise; HUERTAS BAILÉN, Amparo; GUTIÉRREZ, Maria (Coord.) **Migraciones transnacionales y medios de comunicación**: relatos desde Barcelona e Porto Alegre. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2008.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA (CEPAL). **Migración internacional, derechos humanos y desarrollo en América Latina y el Caribe**: Síntesis y conclusiones. Montevideo, Uruguai, 2006.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauro: Edusc, 1999.
DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais**: Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FALETTO, Enzo. Los años 60 y el tema de la dependencia. In: **Estudos Avançados**: São Paulo, IEA, v. 12, n. 33, 1998. p. 109-117.

FISCHER, Gustavo Daudt. **As trajetórias e características do YouTube e Globo Media Center/ Globo Vídeos**: Um olhar comunicacional sobre as lógicas operativas de websites de vídeos para compreender a constituição do caráter midiático da web. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

FRAGOSO, Suely. De interações e interatividade. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v.3. n.1, jun. 2001. Disponível em:
<http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/revista_frenteiras/>. Acesso: 10 jul. 2008.

_____. Um e muitos ciberespaços. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. Reflexões sobre a convergência midiática. **Líbero**, São Paulo, Ano VIII, nº 15/16, p. 16-21, 2005.

FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy. Panorama da Internet na América Latina. In: FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **A Internet na América Latina**. 1 ed. São Leopoldo/Porto Alegre: Unisinos/Sulina, 2009, v. 1, p. 13-40.

FRAGOSO, Suely, COGO, Denise, BRIGNOL, Liliane. What does it mean, to bridge the divide. In: STEYN, Jacques e JOHANSON, Graeme. **ICTs and Sustainable Solutions for Global Development: Theory, Practice and the Digital Divide**. Editora IGI Global. 2010. (no prelo)

FURTADO, Celso. Que futuro nos aguarda? O centenário de Raúl Prebisc. In: FURTADO, Celso. **Em busca de novo modelo**: reflexões sobre a crise contemporânea. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. Madrid: Siglo XXI editores, 2007.

GARCÉS, Alejandro. Configuraciones espaciales del inmigrante: usos y apropiaciones de la ciudad. In: **Papeles del CEIC**. v.6, n. 20. Universidad del País Vasco, Vizcaya, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Cultura y comunicación**: entre lo global y lo local. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

_____. **La globalización imaginada**. Buenos Aires: Paidós, 1999.

_____. **Culturas híbridas**: Estrategias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 2001.

_____. **Latinoamericanos buscando lugar en este siglo**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. Noticias recientes sobre la hibridación. In: **Revista Transcultural de Música**, 2003. Disponível em <<http://www.sibetrans.com/trans/trans7/canclini.htm>>. Acesso em: 10 maio 2008.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GILLMOR, D. **Nós, os media**. Lisboa: Presença, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Cidadania, meios de comunicação de massas, associativismo e movimentos sociais. In: PERUZZO, Cecilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira (Org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: Uneb, 2003.

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. Revista **Famecos**. n.27, Porto Alegre, ago. 2005.

GONZÁLEZ ESCUDERO, Elena. **Redes sociales, comunicación y procesos de movilidad y asentamiento de los emigrantes magrebíes en Alicante: 1985-1995**. 1999. Tese (Doutorado em Jornalismo). Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Espanha, 1999.

GORCZEWSKI, Deisimer; KUHN JUNIOR, Norberto; SILVA, Denise Teresina da. Trayectos migratorios: factores que influyen en la decisión. In: COGO, Denise, HUERTAS BAILÉN, Amparo, GUTIÉRREZ, Maria (Coord.) **Migraciones transnacionales y medios de comunicación**: relatos desde Barcelona e Porto Alegre. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2008.

GRILLO, Óscar. Internet como un mundo aparte e internet como parte del mundo. In: CÁRDENAS, Miriam; MORA, Martín (Org.). **Ciberoamérica en red**: Escotomas y fosfenos 2.0. Barcelona: Editorial UOC, 2007.

GRIMSON, Alejandro. **Relatos de la diferencia y la igualdad**. Los bolivianos en Buenos Aires. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1999.

GUBER, Rosana. **La etnografía**: método, campo y reflexividad. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 24, p. 68-76, 1996.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomás Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2003.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

IANNI, Ocávio. Enigmas do pensamento latino-americano. **Estudos Avançados**: São Paulo, IEA, 2004. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/artigos>>. Acesso em: 18 jun. 2007.

LACERDA, J. S. **Redes digitais e solidariedade social**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte-MG. Anais ... São Paulo: Intercom, 2003. CD-ROM.

LANDOW, George P. **Hipertexto**: La convergencia de la teoria critica contemporánea y la tecnología. Barcelona: Gráficas 92, 1995.

LANDZELIUS, Kyra (org). **Native on the Net**: Indigenous and diasporic peoples in the virtual age. London/New York: Routledge, 2006.

LARRAÍN, Jorge. A Trajetória Latino-Americana para a Modernidade. In: **Estudios Públicos**. n. 66. Santiago do Chile: 1997. Tradução de Yanet Aguilera. Disponível em: <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0055-03.shtml>. Acesso: 10 nov. 2009.

_____. La identidad latinoamericana: teoría y historia. **Estudios Públicos**: Santiago, Chile, n. 55, 1994. Disponível em: <www.cepchile.cl/dms/archivo_1845_1414/rev55_larrain.pdf>. Acesso em: 17 jun.2008.

LE MOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEUNG, Linda. **Etnicidad virtual**: Raza, resistencia y World Wide Web. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Apresentação à edição brasileira. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac, 2001.

LORITE, Nicolás. **Internet como medio al servicio de los valores de la interculturalidad en el ámbito local en España**. CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EN INTERNET. Peru, 2002.

_____(Dir.). **Tratamiento informativo de la inmigración en España 2002**. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2004.

LOZARES, Carlos. La teoría de redes sociales. **Papers**, nº48. 1996. Disponível em: <<http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/ars/paperscarlos.rtf>>. Acesso em: 02 mai. 2007.

LURBE I PUERTO, Kàtia. Sobre la reapropiación de la metáfora étnica para alterar las minorías transnacionales. In: SANTAMARÍA, Enrique (ed). **Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2008.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Percursos metodológicos de Jesús Martín-Barbero**. Fronteiras, n. 1, set. 2001.

_____. Multiculturalismo na América Latina. Confluências e conflitos no espaço televisivo regional. In: **Revista Fronteiras – Estudos midiáticos**. v. 7, n.3, set/dez. 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicación y cultura: Unas relaciones complejas**. Madri: Perspectivas, 1990.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n.1, jan. 2000.

_____. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Identities: tradiciones y nuevas comunidades**. Comunicação e Política, n.1. jan. 2002a.

_____. **Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica: 2002b.

_____. **La globalización en clave cultural: una mirada latinoamericana**. Colóquio Internacional *Efeitos Globalismo e Pluralismo*. Montreal, abr. 2002c. Disponível em: <<http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/bogues/Barbero.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

_____. Razón técnica y razón política: espacios/tiempos no pensados. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. ALAIC, jul./dec. 2004. p. 22-37.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**. Lima: Felafacs, n.56, out. 1999. p. 80-90.

_____. Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. In: **Diálogos de la comunicación**. n.64, 2001. p. 65-76. Disponível em: <<http://www.comminit.com/la/teoriasdecambio/lacth/lasld-229.html>>. Acesso em: 23 mai. 2006.

MATEO, Antonio Eito. Las redes sociales y el capital social como una herramienta importante para la integración de los inmigrantes. In: **Acciones e Investigaciones Sociales**. n. 21, dez. 2005. p. 185-204.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michel. História das teorias da comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MATTELART, Armand. As condições da renovação. In: MATTELART, Armand; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MOLINA, José Luis. La ciencia de las redes. In: **Apuntes de Ciencia y Tecnología**, n. 11, jun. 2004. Disponível em: <http://seneca.uab.es/antropologia/jlm/public_archivos/ciencia.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2007.

MOLINA, José Luis; TEVES, Laura; MAYA JARIEGO, Isidro. El análisis de redes en Iberoamérica: una agenda de investigación. In: **REDES** - Revista hispana para el análisis de redes sociales. v. 6, n.1, jun./jul. 2004. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em: 14 mai. 2007.

OLIVÉ, León. **Multiculturalismo y pluralismo**. México: Paidós, 1999.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Recepción televisiva: tres aproximaciones y una razón para su estudio. **Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales**. México: Universidad Iberoamericana, n. 2, 1991.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Org.). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.

PARDO, María Fabiola. La inmigración y el devenir de las sociedades multiculturales: perspectivas políticas y teóricas. In: **Las migraciones en América Latina**. Políticas, culturas y estrategias. Catalogos - CLACSO, Buenos Aires. 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/novick/novick.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2009.

PASCUAL DE SANS, Àngels (Dir.). **Redes sociales de apoyo**: La inserción de la población extranjera. Bilbao: Fundación BBVA, 2007.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais e integração econômica no cone Sul: notas para discussão. In: SALES, T.; SALLES, M. do R. R. (Org.). **Políticas migratórias**: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Carlos/SP. EdUFSCar: Editora Sumaré, 2002.

_____. Migrações internacionais de e para o brasil contemporâneo volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, jul./set. 2005. p. 23-33.

PEDONE, Claudia. **Tú siempre jalas a los tuyos**: Las cadenas y las redes migratorias de las familias ecuatorianas hacia España. 2003. Tese (Doutorado em Jornalismo). Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Espanha, 2003. Disponível em: <<http://www.tesisenxarxa.net/TDX-1027104-170605>>. Acesso: 14 ago. 2008.

PEÑARANDA CÓLERA, C. El locutorio como espacio social transnacional: una mirada psicosocial. In: **Athenea Digital**, nº 8, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Internet e Democracia Comunicacional: entre os entraves, utopias e o direito à comunicação. **Diálogos Possíveis** (FSBA), v. 2, 2006. p. 29-48.

PIASTRO, Julieta. Consideraciones epistemológicas y teóricas para una nueva comprensión de las identidades. In: SANTAMARÍA, Enrique (ed). **Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2008.

PINHEIRO, M. A. **Redes um novo projeto político da comunicação**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

_____. **Como pensar a cidadania na internet**: a questão do acesso e da socialização do conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

PISCITELLI, Alejandro. **Ciberculturas**: En la era de las máquinas inteligentes. Barcelona: Paidós, 1995.

PORTES, Alejandro. **Globalization from Below**: The Rise of Transnational Communities. Princeton University, 1997. Disponível em: <http://maxweber.hunter.cuny.edu/pub/eres/SOC217_PIMENTEL/portes.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2009.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, Porto Alegre, n. 12, jun. 2000, p. 81-92.

_____. **Interação mediada por computador**: Comunicação, cibercultura e cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In: **VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação**, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. **Hipertexto Cooperativo**: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. 2003. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/hipertextocooperativo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. In: **Estudos Avançados**: São Paulo, IEA, n. 19, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/01.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2006.

RIVOIR, Ana Laura. Utilización de las TICs para un cambio organizacional en las redes sociales. Una experiencia en América Latina y el Caribe. . In: CÁRDENAS, Miriam; MORA, Martín (Org.). **Ciberoamérica en red**: Escotomas y fosfenos 2.0. Barcelona: Editorial UOC, 2007.

RIZO GARCÍA, Marta. **Redes**: Una aproximación al concepto. Online, 2003. Disponível em: <http://vinculacion.conaculta.gob.mx/capacitacioncultural/b_virtual/tercer/13.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2007.

ROS, Adela; GONZÁLEZ, Elisabeth; MARÍN, Antoni; SOW; Papa. **Migration and information flows**: a new lens for the study of contemporary international migration. 2007. Disponível em: <http://www.uoc.edu/in3/dt/eng/ros_gonzalez_marin_sow.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2007.

SÁ, Simone Pereira de. Netnografias nas redes digitais. In: **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**, 10, 2001, Brasília. Anais... Brasília: Compós, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. **Cidadania sem fronteiras**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOLÉ, Carlota; PARELLA, Sònia; CAVALCANTI, Leonardo. **L'Empresariat immigrant a Espanya**. Barcelona: Fundació "La Caixa", 2007.

SORIANO, Jaume. **Las nuevas reglas de la etnografía de la comunicación**. Barcelona. Portal de la Comunicación do Institut de la Comunicació (Incom/UAB), 2007. Disponível em: < http://www.portalcomunicacion.com/esp/n_aab_lec_1.asp?id_llico=30>. Acesso em: 23 out. 2009.

SOUSA SANTOS, Boaventura (org). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Desigualdad, exclusión y globalización: hacia la construcción multicultural de la igualdad y la diferencia. In: SOUSA ANTOS, Boaventura. **El milenio huérfano**: Ensayos para una nueva cultura política. Madrid: Trotta, 2005.

SUÁREZ NAVAZ, Liliana. Lo transnacional y su aplicación a los estudios migratorios. Algunas consideraciones epistemológicas. In: SANTAMARÍA, Enrique (ed). **Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **La conquista de América: la cuestión del otro**. Ciudad de México, Siglo XXI, 1987.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: Para compreender o mundo hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TRIVINHO, Eugênio. **Redes: obliterações no fim de século**. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço. In Martins, F. M. e J. M. da Silva. **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

UGARTE, David de. **El poder de las redes: Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo**. 2007a. Disponível em: <http://www.deugarte.com/gomi/el_poder_de_las_redes.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2008.

_____. **Breve historia del análisis de redes sociales**. 2007b. Disponível em: <http://www.deugarte.com/gomi/historia_del_analisis_de_redes_sociales.pdf>. Acesso: 07 ago. 2008.

WAMPLER, Brian. A difusão do Orçamento Participativo brasileiro: "boas práticas" devem ser promovidas?. **Opinão Pública**, Campinas, v. 14, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762008000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2009.

WELLMAN, Barry. et al. The Social Affordances of the Internet for Networked Individualism. **Journal of Computer-Mediated Communication**. v.8. n.3. abr. 2003. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol8/issue3/wellman.html>>. Acesso em: 15 nov. 2008.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. In: **Diálogos de la Comunicación**, Lima: Felafacs, out. 1997. p. 9-17.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Palotti, 2004

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela com sites de migração

Sites de associações e entidades culturais de migrantes

Associação	Contato (endereço em BCN, telefone, email)	Perfil (a quem se dedica, atividades, objetivos)	Endereço web	Modalidade (site, blog, lista)	Descrição da proposta	Outras mídias produzidas
1. Associação Amigos do Brasil	c/ Matanzas, 17 Teléfono: 933491434 Correo: amigosdobrasil@hotmail.com	Criada em 1974. Dedicada a atividades culturais envolvendo brasileiros e catalães identificados com a cultura brasileira. Objetivo de aproximar a cultura, tradições e convivência brasileira	http://www.amigosdobrasilbarcelona.org/es	Site	Site simples com programação cultural e apresentação da associação.	Teve um boletim impresso de 2004 a 2205 (em pdf no site)
2. Ass. Inmigrantes Ecuatorianos Solidaridad y Cooperación- Ecuador Llactacaru	C/ Vistalegre, 15 - <u>Casa de la Solidaritat</u> 08001 Teléfono: 619 128 116 Correo: llactacaru@llacta.org	Criada em 2001. Texto de apresentação no site com reivindicações políticas pelo reconhecimento da importância dos migrantes. Falam em tratar da identidade equatoriana, da saudade da "terra distante" e da luta pela construção de um Equador melhor desde a Espanha.	http://www.llacta.org/organiz/llactacaru/	Site	Site desatualizado. Atas de reuniões, cartilhas, orientações a imigrantes, documentos, informações sobre assistência a equatorianos pela própria associação.	
3. Ass. Folclórica Alma Peruana	ASOCIACION DE VECINOS DE SANTS c/. Olzinelles 30, bjs. Barcelona (Los sábados de 18 a 21 h.) Myriam 617 600 859 - Max 616 97 26 12 <u>Email:alma_peruana@hotmail.com</u>	Grupo cultural de danças, dedicado a difundir o folclore peruano	http://groups.msn.com/ASOCIACIONFOLKLORICAALMAPERUA/NA	Lista de discussão do MSN Grupos	Troca de mensagens entre os participantes, fotos do grupo, calendário de atividades	Falam nos emails sobre a produção de um site
4. Casa Retruco – Solidariedad con Argentina	c/ Vistalegre nº 15 Teléfono: 93 443 43 92	Atuação política, debate sobre a situação da Argentina	http://php.ravalnet.org/casasolidaritat/retruco.htm			Boletim para o qual pedem a colaboração dos

						internautas com envio de artigos
5. Casal Argentina Barcelona			http://www.casalarantino.org/		Perspectiva de integração com a oferta de cursos de catalão	Boletim de informação enviado por email
6. Fundació Pachamama	C/ Consell de Cent, 223 Teléfono: 934517111 / 934510665 (fax) Esquerra Eixample pachamama@madretierra.info	Projeto social que aproxima e integra as sociedades de catalunha e Bolívia. Através de parcerias e apoios, gerou a construção de um centro cultural em Sucre, que inicialmente era uma biblioteca (com livros doados na Espanha) e agrega hoje outros serviços educativos e atividades sociais.	http://www.madretierra.info/index.php	Site	Tem o objetivo de dar visibilidade à associação e atrair colaboradores. Não oferece muita interação com os usuários. É mais informativo.	Não
7. La Casa Amarilla			http://www.lacasamarilla.org/			
8. Casa Charrúa Uruguay Castelldefels	Dirección: Avenida 301 24 escalera A 3º 2ª Código Postal: 08860 Ciudad: Castelldefels Provincia: Barcelona Teléfono: 936642794 Fax: Pagina WEB: http://www.casacharrua.org Email: info@casacharrua.org	Associação criada em 1992 que se propõe a: "Reunir a aquellas personas que se interesen por el problema socio político, económico y cultural del pueblo uruguayo en particular y de Latinoamérica en general dando a conocer el país y realizando tareas solidarias"	http://www.casacharrua.org/	Site		
9. Asociación de Profesionales Bolivianos en Barcelona	Dirección: Calle Nou de San Francesc, Nº15 Código Postal: 08002 Ciudad: Barcelona Provincia: Barcelona Teléfono: 931924114 - 934982057 Email:	Objetivos: Asociar a los profesionales bolivianos en Barcelona para colaborar entre sí en actividades vinculadas en todos los ámbitos profesionales, y para	http://www.bolivianosenbarcelona.org			

	profesionales@bolivianos en barcelona.org ☐	contribuir al desarrollo y bienestar de la comunidad boliviana en Barcelona, y a Bolivia.				
10. Espiritu de Santa Cruz de la Sierra	Dirección: Santa Eulàlia, 60 Código Postal: 08902 Ciudad: L'Hospitalet de Llobregat Provincia: Barcelona Teléfono: 933329450 Email: espiritudesantacruz@yahoo.es	Promover la amistad y el intercambio socio cultural entre Cataluña y Santa Cruz y por ende entre España y Bolivia. Atender, asesor y colaborar con el boliviano que lo solicite. Dar respuesta a sus inquietudes indicándole los trámites oportunos a realizar para la gestión que nos solicite. "Luchamos contra la discriminación y xenofobia tanto por parte española como del mismo boliviano. Promovemos el acercamiento asociativo coordinando actividades con otras asociaciones".	http://www.espiritudesantacruz.galeon.com			
11. Casal Argentino Badalona	C. Francesc Macià, 104 (Can Pepus) casal-argentino-badalona@hotmail.com 08912 - Badalona Tel. 630711130 / 687405073		http://casal-argentino-badalona.blogspot.com/ http://groups.msn.com/ForocoonMatedeBadalona/general.msnw http://www.casalargentino.entitatsbadalona.net	Site	Além do blog, mantém um fórum de debates: "Foro con mate Badalona"	
12. Asociación de uruguayos en Catalunya		Site da Associação <i>Uruguayos en Catalunya</i> com notícias, atividades promovidas, links para outras associações	http://www.uruguayosencatalunya.com/	Site		
13. Casa de Bolivia en			http://www.casadebolivia.es/#	Site		

Catalunya						
14. Asociación cultural Calli Mexica - Casa de México en Catalunya	Asociación Cultural Calli Mexica c/ Nou de Sant Francesc No. 15 (Casal Latinoamericano de Cataluña) 08002 Barcelona Teléfono: 936.392.153 E-mail: info@callimexica.org	Fundada em 1998, é uma associação cujo objetivo é promover a cultura mexicana em Catalunya. Promove a Semana do México em BCN.	http://www.callimexica.org/	Site		
15. Asociación Catalano-Ecuatoriana para la integración y el bien estar	c/. Josep Tarradellas 126 - 128, ent. 1ª -- 08029 Tel. 676 27 45 27 E-mail: a c e i b@hotmail.com	Associação criada por catalães com sentido assistencialista (doações, ajuda).	http://aceib.iespana.es/	Site		
16. FASAMCAT, Federación de Asociaciones Americanas en Catalunya	Dirección: C/ Josep Trueta 12, local – 08970 Sant Joan Despí, Barcelona Teléfonos: 93.511.25.63 - 93.238.55.27 Fax: 93.477.37.83 Correo Electrónico: info@fasamcat.org	Proposta de organizar as associações de coletivos migrantes latino-americanos em Catalunya.	http://www.fasamcat.com/	Site	Site sem links para as informações que divulga, mal estruturado.	
17. ASOCAVEN – Asociación Catalano-Venezolana		Criada em 1991 com objetivo de fortalecer os vínculos entre Catalunya e Venezuela. Promovem atividades culturais, esportivas, encontros.	http://www.venezolanosencatalunya.com/	Site com forum e Chat.	Mais organizado. Traz informações úteis a migrantes. Mostra preocupação em estimular a interação através do fórum e do chat.	Links para meios de comunicação de Venezuela e Catalunya.
18. Asociación de	Escuela de Ocus. Calle		http://mujeresbolivianas.org/			

Mujeres Bolivianas	Violante de Hungría Reina de Aragón , 37-40. Fone: 646-193 680 Okinawuao5@hotmail.com					
19. Casa de Bolivia en Catalunya			http://www.casadebolivia.es/			
20. Fedelatina		Federación de Entidades Latinoamericanas de Cataluña	www.fedelatina.org			
21. Casa América Catalunya			http://www.americat.org/ca/			
22. Asociación Cultural Barranquilla en Barcelona		Entidade com caráter cultural e festivo. Promove Carnaval de Barranquilla em Barcelona	http://barranquillaenbarcelona.es/	Site		Dispõe vídeos com depoimentos de participantes da associação
23. As. Ajuda Mútua immigrants a Catalunya		Entidade com objetivo de organizar apoio a migrantes de diferentes nacionalidades	www.associacioamic.com			
24. As. Panamá Cataluña		Associação formada em 2001 para promover a cultura panamenha na Catalunha	http://panamabarcelona.blogspot.com/	Blog		
25. Asociación de Profesionales Dominicanos en Cataluña			http://www.aprodocat.com/	Site		

Ambientes comunicacionais na Internet

Nome	Perfil	Endereço eletrônico	Modalidade	Descrição da proposta	Outras mídias
1. ECUARTE – revista cultural latinoamericana en Barcelona	Projeto interessante porque parte da necessidade de usar a internet para dar visibilidade a associações latinas. Se propõe a ser uma revista digital de cultura. Trabalham há cinco anos, a partir da iniciativa de oficinas de arte equatoriana. Oferece a criação de página web grátis para associações.	http://ecuar.te.iespana.es/	Site	Agenda de divulgação de eventos. Contatos com links internos e externos para muitas associações culturais latino-americanas.	Divulga programa de rádio equatoriano em BCN (Anoranzas 106.9 FM), blogs de imigrantes, além dos sites de associações. Links para rádios e jornais do Equador.
2. Despatriados	Voltado para comunidade argentina	http://www.despatriados.com/paises/espana.asp	Site	Reúne notícias sobre Argentina, link para jornais do país, personalidades e fotos históricas. Espaço para a “comunidad despatriada”, interação para argentinos que viven no exterior. Há blogs, fóruns e fotos.	
3. Brasilis	Iniciativa que divulga cultura, eventos, comportamento, política	http://brasilisweb.blogspot.com/	Blog	Dedicado a comentarios, cobertura de eventos y noticias sobre las artes y la cultura brasileña en España.	
4. Grupo MSN de mexicanos em Barcelona	Projeto que visa ser “punto de encuentro para todos los mexicanos y mexicanas que viven en Barcelona”	http://groups.msn.com/MexicanosenBarcelona	Grupo de discussão MSN		Links para periódicos, emisoras de rádio e televisão de Espanha e México.
5. Comunidad Yahoo de	Troca de mensagens	http://espanol.groups.yahoo.com/group/mexico_bcn/	Lista de discussão por e-mail		

Mexicanos en Barcelona					
6. Chilenos en BCN	Notícias, divulgação de eventos da comunidade chilena em BCN	http://www.chilenosenbarcelona.com/	Site com link para fórum de discussão	Site mal estruturado, com excesso de cores, informações desconexas. Sem dados sobre a associação.	
7. Peruanos en BCN	Punto de encuentro desde Julio del 2005 de la comunidad de peruanos residentes en Catalunya España.	http://www.peruanosenbarcelona.com/modules/xoopsheadline/	Site	Busca aproximar a comunidade peruana. Com notícias, relação de comércio peruanos e fóruns. Mais de 750 usuarios registrados na comunidade.	Links para meios de comunicação de
8. Latinos en Barcelona	Propósito segundo os idealizadores da página: "web hecha por latinos, por Luis, Emi, Miqui, Mario y Ricardo, y pensada como punto de encuentro de todos los latinos que vivimos en Barcelona. Queremos ayudarte a solucionar tus problemas, legales o de otro tipo; que estás al corriente de lo que pasa, ya sea ocio ya sean noticias de actualidad; y que conozcas otros latinos que viven aquí, y formemos una comunidad de latinos en Barcelona".	http://latinosenbarcelona.es	Site	Página feita por latinos para latinos. Desejo de criar uma comunidade de migrantes. Depoimentos, histórias, vivências de migrantes em sessão que os usuários enviam textos. Também há fórum (só para quem está registrado), notícias, sessão para tirar dúvidas com advogado.	
9. Ecuatorianos y latinoamericanos en Barcelona	Iniciativa pessoal, com produção de textos sobre cultura latino-americana, questões políticas, críticas	http://www.ecoturismoenecuador.blogspot.com/	Blog	Links para blogs de ecuatorianos	
10. Fórum Peruanos en BCN		http://www.peruanosenbarcelona.com/	Fórum		

Midías voltadas a migrantes latinos com versões online

Nome	Descrição	Endereço eletrônico	Modalidade	Outras mídias
9. Radio Barcelona Latina		http://bcnlatin.iespana.es/		
10. Revista Shock	Revista editada pela Asociación para la Integración Latina "Seres"	http://shockmagazine.blogspot.com/ http://www.revistacatalina.com/	Site	Revista impressa Site da revista impressa oferece versão online
2. Ocio Latino	Revista mensal gratuita editada em Barcelona e Madrid	www.ociolatino.com	Site	Versão online da revista impressa
3. Latino Barcelona	Jornal editado pela empresa NovaPress, que diz ter o objetivo de "dar una voz masiva al colectivo latino en España, promover su progreso social y económico y defender sus intereses". Contam com jornalistas latino-americanos.	http://www.latinobarcelona.com/	Site	Versão online do jornal impresso
4. Revista Toumai	Revista com reportagens sobre diferentes coletivos migrantes, não apenas latinos	http://www.toumai.es/index.php	Site	Versão online da revista impressa
5. Mundo Hispano	Jornal com matérias de análise e opinião sobre a América Latina e a migração para Europa	http://www.mundohispano.info/	Site	Versão online do jornal impresso
6. Latinoamérica Exterior	Jornal voltado para latino-americanos no exterior	http://www.latinoamericaexterior.com/	Site	Versão online do jornal impresso
7. Sí - El periódico de la integración	Jornal voltado para diferentes coletivos migrantes com presenta na Espanha	http://www.sisepuede.es/	Site	Versão online do jornal impresso
8. Canal Latina	Canal na televisão fechada voltada para a comunidade latino-americana	http://www.canallatino.tv/x2/	Site	Site com vídeos veiculados no canal

Sites não produzidos em Barcelona ou voltados exclusivamente para a comunidade local:

1. Carta de México – revista mexicana editada na Espanha: <http://www.cartademexico.com/>
2. Mexicanos em Espanha - <http://www.mexicanosenespana.com/index2.php>
3. Somos paraguayos - <http://www.somosparaguayos.com/> Blog com histórias de paraguaios que vivem no exterior
4. Ecuatornianos.com - <http://www.ecuatoriano.com/> Comunidade de equatorianos no mundo. Publicam revista.
5. Inmigración: una oportunidad - <http://inmigracionunaoportunidad.blogspot.com/> / Blog produzido nas Ilhas Canarias
6. Colombianos en España - <http://colombianos.fapatur.com/>
7. Federación Nacional de Asociaciones de Ecuatorianos en España - www.fenadee.com
8. Grupo MSN Colombia en España - <http://groups.msn.com/k0horta24qr8mi>
9. Despatriados – Argentinos en España - <http://www.despatriados.com> (na tabela)
10. Mexicanos en España - <http://mexicanosenespana.blogspot.com/> (Blog pessoal)
11. Extranjeros sin papeles - <http://www.extranjerossinpapeles.com/>
12. Crítica Digital - <http://www.criticadigital.com/argentinosen/>
13. Colombianos en España - <http://colombianos.fapatur.com/2006/01/alberto-chavarro-otro-candidato-y.html>
14. Direório de blogs equatorianos - <http://ecuablogs.com/>
15. Paraguayos viviendo en el exterior - <http://www.somosparaguayos.com/>

Programas de rádio em Barcelona

1. Nuevos Ciudadanos, Radio Gràcia 107.7 FM, los jueves de 19 a 20 hrs. Tel 654 691 682
2. Comunidad Latina, Radio Gladys Palmera 96.6 F.M., domingos de 21:00 a 22:00 hrs. Tel. 654 691 682,
3. Som Solidaris Radio Rubí 99.7 F.M, sábados de 11:00 a 12:00 hrs (de la entidad uruguayo-catalana “Los Botijas”. Tel. 935875140 y 630230772 o losbotijas@rubidigital.net)
4. El Tren, en Radio Ciudad de Badalona 94.4 FM, los sábados de 22:00 a 00:00 hrs. y por internet www.eltren.net. Sonia Pereyra tren@menta.net

APÊNDICE B – Modelo de questionário
Investigación “Redes sociales de inmigrantes latinoamericanos en Barcelona”
Investigadora Liliane Dutra Brignol (UAB/ Unisinos)

Local de la entrevista: _____

Fecha: _____

A. Datos de identificación

1. Nombre: _____ 4. Tiempo en Barcelona: _____
 2. Edad: _____ 5. Actividad profesional: _____
 3. País de origen: _____ 6. Barrio: _____

B. Usos de Internet

7. ¿Tiene ordenador en casa? () Si () No 8. ¿Tiene Internet en casa? () Si () No

9. ¿Dónde usa Internet? () Casa () Trabajo () Universidad/escuela () Locutorio
 () Centro comunitario () Otros: _____

10. ¿Por qué y cómo aprendió a usar Internet? _____

11. ¿Con quien se comunica por Internet? _____

12. ¿Cuáles son las páginas más visitadas? _____

13. ¿Visita páginas del país de origen? () Si () No ¿Cuáles? _____

14. ¿Visita páginas de España y BCN? () Si () No ¿Cuáles? _____

15. ¿Usa chat, MSN, Skype? () Si () No 16. ¿Usa e-mail? () Si () No

17. ¿Tiene página personal o blog? () Si () No ¿Cuál? _____

18. ¿Escribe/ envía comentarios a páginas? () Si () No ¿Cuál? _____

19. ¿Participa de comunidad virtual? () Si () No ¿Cuál? _____

20. ¿Conoce páginas dedicadas a inmigrantes o sobre el tema de las migraciones? () Si () No
 ¿Cuáles? _____

21. ¿Qué ha venido hacer aquí hoy? _____

C. Locutorio u otro espacio de realización de la entrevista

22. ¿Como conoció? _____

23. ¿Por qué lo frecuenta? _____

24. ¿Conoce / frecuenta espacios en BCN dedicados a latinos? () Si () No
 ¿Cuáles? _____

Observaciones:

E-mail: _____

Teléfono / móvil: _____

APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas
Investigación “Usos sociales de Internet por migrantes en Barcelona”
Investigadora Liliane Dutra Brignol (UAB/ Unisinos)

Local de la entrevista:

Fecha:

Datos de identificación:

Nombre:

Tiempo en BCN:

Edad:

País de nacimiento:

A. Historia de vida

1. Desde la niñez

2. Escolaridad y profesión

3. Migración

3.1 País de nacimiento

3.2 España

3.3 Barcelona

4. Familia

5. Cotidiano

5.1 Contar un día

5.2 Vida social (tiempo libre, personas importantes, espacios en la ciudad)

B. Historia con los medios de comunicación

6. Presencia de los medios de comunicación (informarse, entretenerse, comunicarse)

7. Historia y rutinas de Internet

7.1 Primeros usos (aprendizaje, primero ordenador)

7.2 Cambio desde los primeros usos

7.3 Usos en la época que decidió migrar

7.4 Usos hoy

7.5 Proyectos de futuro

7.6 Describir usos

8. Interacciones por Internet

8.1 Con quien se comunica

8.2 Comunidades

8.3 Convivencia con personas que conoció por Internet

9. Internet e identidades

9.1 Internet y migración

9.2 Internet y nacionalidad

9.3 Internet y América Latina

Investigación “Usos sociales de Internet por migrantes en Porto Alegre”
Investigadora Liliane Dutra Brignol (Unisinos)

Local de la entrevista:

Fecha:

Datos de identificación:

Nombre:

Tiempo en POA:

Edad:

País de nacimiento:

A. Historia de vida

1. Desde la niñez
2. Escolaridad y profesión
3. Migración
 - 3.1 País de nacimiento
 - 3.2 Brasil
 - 3.3 Porto Alegre
4. Familia
5. Cotidiano
 - 5.1 Contar un día
 - 5.2 Vida social (tiempo libre, personas importantes, espacios en la ciudad)

B. Historia con los medios de comunicación

6. Presencia de los medios de comunicación (informarse, entretenerse, comunicarse)
7. Historia y rutinas de Internet
 - 7.1 Primeros usos (aprendizaje, primero ordenador)
 - 7.2 Cambio desde los primeros usos
 - 7.3 Usos en la época que decidió migrar
 - 7.4 Usos hoy
 - 7.5 Proyectos de futuro
 - 7.6 Describir usos
8. Interacciones por Internet
 - 8.1 Con quien se comunica
 - 8.2 Comunidades
 - 8.3 Convivencia con personas que conoció por Internet
9. Internet e identidades
 - 9.1 Internet y migración
 - 9.2 Internet y nacionalidad
 - 9.3 Internet y América Latina

APÊNDICE D - Tabela de apresentação dos entrevistados de Porto Alegre

Nome	Idade	País de nasc.	Trabalho	Condição cidadania	Tempo em Porto Alegre	Usos do Computador	Páginas pessoais	Páginas país nasc.	Páginas migração	Vivência de Am. Latina	Data/ Local entrev.
1 – Hector	48	Chile	Técnico em contabilidade, músico e dono de loja de manutenção de instrumentos musicais	Residência permanente	Desde 1977	Na loja tem computador sem acesso à Internet. Acesso em casa e no cibercafé perto do trabalho. Cria sites (www.chilebus.com.br) e site do Sikuris	www.sikuris.cl/	Sim	Página do consulado, Polícia Federal, Igreja da Pompéia, Centro cultural chileno (www.chilers.org.br) www.chileatento.com	Grupo de música folclórica latino-americana e andina com outros migrantes da AL. Participa da Igreja da Pompéia	7 de março de 2009, Casa do Violão, Centro, POA
2 – Arturo	52	Bolívia	Gerente/administrador de restaurantes	Residente permanente. Veio como estudante da UFRGS. Ficou tempo como indocumentado. Mais tarde, foi anistiado. Casou com brasileira.	Desde 1974, voltou para Bolívia em 2006, mas não se adaptou	Em casa e em locutório (por causa da webcam, para falar com filha em SC)	Perfil no Orkut	Jornal Los Tiempos (www.lostiempos.com)	Sim	Participa da Igreja da Pompéia. Ajuda migrantes com abrigo e orientação. Participa de festas, conhece a comunidade latino-americana. Intenção de fundar ONG de latino-americanos.	14 de março de 2009, Casa de Cultura Mário Quinta, Centro, POA
3 – Roberto	36	Uruguai	Engenheiro eletricista. Mestrado (MG) e doutorado (Suécia) Professor substituto e pesquisador na UFRGS	Nacionalidade brasileira	1994 a 1998 (Itajubá, MG), 2001 a 2003 (Itajubá, MG) e desde 2007 (Porto Alegre)	Começou a usar internet em 1998 para se comunicar com a família. E-mail, chat, voipe. Computador com banda larga em casa e na universidade. Yahoo Grupos (comunidades	Perfil no Facebook	Rádio El Espectador e Observador (podcast)	Consulado do Uruguai em POA (através de email do consulado aceitou convite para entrevista)	Já morou no Brasil outras vezes para estudar.	14 de março de 2009, residência na Cidade Baixa, POA

						acadêmicas)					
4 – Freddy	71	Uruguai	Pintor	Residência permanente	Há 20 anos	Usa em cibercafés. Fala da importância do espaço público.	freddysorribas.blogspot.com/	Jornais (onde tb publica artigos)	Consulado do Uruguai em POA (através de email do consulado aceitou convite para entrevista)	Viajou por muitos países pelo trabalho. Mora entre Montevidéo e Porto Alegre.	25 de abril de 2009, Café Alfredo (entre Ramiro Barcelos e Cristóvão), POA
5 – Klaus	31	Paraguai	Técnico em rede de computadores e estudante de Ciências da Computação UFRGS	Nacionalidade brasileira (mãe brasileira)	Há 10 anos	Em casa e no trabalho.	Não	Não	Não		24 de abril de 2009, UFCSPA, seu local de trabalho, POA
6 – Maria	36	Peru	Secretária	Sem documentos (diz que esperava anistia)	Morou de 1990 a 1997 para fazer faculdade na UFRGS. Agora mora desde 2007.	No trabalho.	Não	Jornais	Sim	Participa de festas peruanas. No período que voltou pro Peru, mandava produtos para a associação.	25 de abril de 2009, Souza's Bar, ponto de encontro de peruanos no sábado de manhã, em POA
7 – Marcela	34	Argentina	Estudante. Formada em Arquitetura	Residência temporária, visto de estudante	Há sete meses	Computador com Internet em casa.	www.sobremusicabrasileira.blogspot.com/ literaturabrasileirano.ppe.blogspot.com/	Jornais	Não	Convive com migrantes de várias nacionalidades, incluindo latino-americanos, que estudam na UFRGS	15 de maio de 2009, Campus do Vale, UFRGS
8 – Pablo	20	Equador	Estudante	Residência temporária,	Desde fevereiro de	Laptop em casa com	Orkut, facebook	Jornais, rádios,	Consulado, trâmites		16 de julho de

				visto de estudiante	2009	banda larga		música			2009, Casa de Cultura Mário Quintana
--	--	--	--	------------------------	------	-------------	--	--------	--	--	--

APÊNDICE E - Tabela de apresentação dos entrevistados de Barcelona

Nome	Idade	País de nasc.	Trabalho	Condição cidadania	Tempo em Barcelona	Usos do Computador	Páginas pessoais	Páginas país nasc.	Páginas migração	Vivência de Am. Latina	Local questionário / Local entrev.
9 - Luci	37	Peru	Atendente em locutório	Nacionalidade espanhola	7 anos	Trabalho (locutório)	Não	Sim	Sim	Viveu na Argentina antes de Barcelona	Locutório Sardenya
10 - Cleunir	33	Brasil	Vendedor	Nacionalidade espanhola	12 anos	Casa e trabalho	Sim	Sim	Sim	Escreve para revistas latinas em Barcelona. Produz programas de televisão no Canal Latino	Loja de roupas brasileiras em que trabalha
11 - Veneranda	53	República Dominicana	Profissional de limpeza	Nacionalidade espanhola	22 anos	Casa	Não	Sim	Sim	Trabalho em Associação de Dominicanos em Catalunha e Grupo Lazos y Voces, de mulheres imigradas que sofrem maus tratos	Festa do Dia do Imigrante / MacDonalds perto da sua casa (ponto de encontro, saída do Metrô CallBlanc) e sua casa
12 - Monica	28	Equador	Profissional de limpeza e babá	Permissão de residência e trabalho	4 anos	Casa	Não (Só Hi5)	Sim	Sim	Participa de grupo de dança folclórica equatoriana	Festa do Dia do Imigrante / Casal Poble Sec na Plaza del Surtidor (ensaio do grupo de dança)
13 - Sara	33	Peru	Coordenadora técnica de ONG	Permissão de residência e trabalho	3 anos	Casa e trabalho	Sim (Hijas de la Tierra)	Sim	Sim	Escreve em blog com outras mulheres de AL em BCN (temas de gênero, imigração). Trabalha em ONG para	Festa da Mercè / Escritório de seu trabalho

										desenvolvimen to de AL	
14 - Ana	24	Brasil	Atendente em cafeteria	Sem documentos	7 meses	Trabalho (locutório) e computador de amigos	Não (Só Orkut)	Não	Não	Não se identifica como latino-americana	Locutório Telegiros / Casa
15 - Fernando	52	Uruguai	Atendente em locutório, funcionário do aeroporto e call center de serviço de saúde	Permissão de residência e trabalho	5 anos	Casa e trabalho	Não	Sim	Sim	Migrou pela primeira vez nos anos 70 por causa da ditadura	Locutório Sardenya / Em sua casa no bairro Sagrada Família
16 - Juan	42	Colômbia	Músico	Permissão de residência e trabalho	4 anos	Locutório	Sim (http://columbiaemigracion.blogspot.com)	Sim	Sim	Atuação política na Colômbia. Blog discute questões de política e da imigração, desde a perspectiva da AL	Loja Latina